Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho

“Memórias e Sonhos de Encarcerados”

- estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa -

Parte I – Apresentação e Aspectos Teóricos e Metódicos

Candidato: Douglas Balila

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Damergian

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia.**

Área de concentração:

PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

São Paulo

2000

DOUGLAS BALILA

“Memórias e Sonhos de Encarcerados”

- estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa -

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
São Paulo
2000**

DOUGLAS BALILA

“Memórias e Sonhos de Encarcerados”

- estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa -

**Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre
em Psicologia Social, à Comissão
Julgadora do Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, sob a
orientação da Profa. Dra. Sueli Damergian**

I.P.U.S.P. - 2000

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

“Memórias e Sonhos de Encarcerados”
- estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa -

DOUGLAS BALILA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Titular Marilena de Souza Chaui

Profa Dra. Eda Terezinha de Oliveira Tassara

Profa Dra Sueli Damergian (orientadora)

Dissertação defendida e aprovada em: ____ / ____ / ____

Balila, Douglas

Memórias e Sonhos de Encarcerados: estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa. / Douglas Balila. São Paulo, s.n., 2000. 307 p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Damergian.

**1. Memória – aspectos sociais 2. Psicologia Social 3. Spinoza, Baruch de, 1632-1677.
I Título**

Agradecimentos e dedicatórias:

À minha companheira *Edilene* que, mais uma vez, foi compreensiva e carinhosa, a quem devo o suporte afetivo e material deste trabalho – “*A você meu amor, que nos momentos mais difíceis sempre esteve presente e confiante em meu esforço, a minha gratidão e paixão*”.

À minha orientadora *Profa. Dra. Sueli Damergian* pelo incentivo e pela confiança que depositou em mim, respeitando a minha opção de trajetória nesta pesquisa, e favorecendo assim a minha liberdade de pensamento, e por sua luta pela extensão do objeto da psicologia social.

Agradeço carinhosamente aos meus pais e irmã, *João, Lice e Denise*, pelo constante carinho, apoio, incentivo ao longo de minha vida.

À *Profa. Titular Marilena de Souza Chaui* um agradecimento especial, pela atenção, contribuição e sugestões para a realização deste estudo, e, principalmente, por introduzir-me com suavidade e segurança ao pensamento de *Baruch Spinoza*, modificando o sentido de minha vida.

Ao amigo *José Ângelo Gaiarsa* que tanto contribuiu em minha *de-formação* profissional humanizante e, principalmente, por ajudar-me a ver o mundo com mais ternura e sensibilidade - minha eterna gratidão.

À amiga e *Profa. Maria do Céu Formiga* por auxiliar a libertar meu coração encarcerado com a sua sabedoria poética, e assim, ter podido penetrar os cárceres da prisão com o peito mais aberto.

À *Profa. Dra. Eda Terezinha de Oliveira Tassara* pela atenção, compreensão e sugestões importantíssimas ao *des-envolvimento* deste estudo, e principalmente, pelo modelo exemplar de professora, por sua profundidade, seriedade e serenidade no trato dos trabalhos acadêmicos.

A *Antônio Vitor Rosa*, pelos debates e sugestões atentas e sinceras, e pelo apoio no uso do computador e formatação desse trabalho.

À *Eliane*, pelo auxílio na transcrição das fitas de entrevistas.

Agradeço finalmente à C.A.P.E.S, pela concessão da bolsa de estudos que permitiu o apoio financeiro deste trabalho, sem o qual, seria muito difícil a sua realização.

BALILA, Douglas - “Memórias e Sonhos de Encarcerados: estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa.” – Estudo das memórias e sonhos de pessoas encarceradas numa instituição prisional, à partir da idéia de servidão desenvolvida pelo filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677). Dissertação (Mestrado) apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, *p.**

RESUMO:

Este estudo focaliza a influência do ambiente carcerário sobre as narrativas auto-biográficas de oito homens com idade superior a 45 anos, encarcerados numa instituição prisional localizada na cidade de Santo André, região do grande ABC paulista, colhidas ao longo do ano de 1997.

Após a análise qualitativa dos dados, observam-se três características marcantes na evocação das narrativas auto-biográficas destes entrevistados: 1) estão envolvidas pela história social e por quadros de referências culturais e familiares que estruturaram suas experiências pessoais vividas no passado; 2) experiências básicas vividas no ambiente carcerário, tais como, o desenraizamento, a servidão e o confinamento, frequentemente estruturam a forma e o conteúdo das narrativas; 3) as experiências pessoais evocadas pelos entrevistados, frequentemente referem-se a episódios análogos às experiências atualmente vividas no ambiente carcerário.

Este estudo finalmente considera que o ambiente carcerário constrange o processo mnêmico atual dos entrevistados, tornando o exame livre de suas evocações auto-biográficas, fortemente determinado pela estrutura deste ambiente que as envolve e afeta. Tais considerações são afirmadas com base na análise das entrevistas à partir do levantamento das propriedades desse ambiente, e do quadro teórico-metódico do filósofo holandês Baruch Espinosa, mais especificamente, à partir de suas idéias sobre o funcionamento da memória e da imaginação, e o significado e as causas da servidão humana.

BALILA, Douglas - “*Closed People Memories and Dream: study made from the idea of servitude at Espinosa.*” – Study of the memories and dreams of closed people in a prison institution, from the idea of servitude developed by the Dutch philosopher Baruch Spinoza (1632-1677). Dissertation (Master`s Degree), Psychology Institute, São Paulo University, São Paulo, 2000, *p.**

ABSTRACT:

This study focus on the influence of the jail environment over the autobiographic narratives of eight men older than 45 years old, closed in a prison institution located at Santo André City, region of ABC – São Paulo, collected during the year of 1997.

After the qualitative analysis of the facts, it`s observed three outstanding characteristics on the evocation of the those interviewed autobiographic narratives: 1) they are involved by social history and by scenes of cultural and family references that structure their personal experiences lived in the past; 2) the basic experiences lived in the jail environment, such as the breaking off, the slavery and the limitation, often structure the shape and the contents of the narratives; 3) the personal experiences evoked by the interviewed, often refer to analogous episodes to the experiences currently lived in the jail environment.

This study finally considers that the jail environment embarrass the current mnemonic process of the interviewed, what makes the examination free from its autobiographic evocations, strongly determined by the structure of this environment that wrap and affect them. Such considerations are asserted based on the analysis of the interviews from the survey of the properties of this environment and the theoretical-methodic scene of the Dutch philosopher Baruch Spinoza, more specifically from his ideas about the working of the memory and the imagination, and the meaning and the causes of the human servitude.

Índice

	PÁGINA
AGRADECIMENTOS.....	005
RESUMO.....	006
ABSTRACT.....	007
ÍNDICE.....	008
APRESENTAÇÃO.....	010
1.INTRODUÇÃO.....	021
Abrindo o contexto.....	021
O campo de pertinência da pesquisa.....	033
A revisão da literatura.....	034
2. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	061
3. O MÉTODO DA PESQUISA.....	062
Método Espinosano de Interpretação de docs. Históricos.....	064
A) AMOSTRAGEM.....	072
B) APLICAÇÃO.....	076
C) TRATAMENTO DOS DADOS.....	083
4. INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE ESPINOSA.....	084
Sobre a Estrutura do Universo Espinosano.....	090
Sobre os Seres Finitos no Universo Espinosano.....	100
Sobre a Teoria Geral da Natureza dos Corpos.....	127
Sobre o Corpo Humano.....	157
Sobre a Mente Humana.....	161
Sobre a Teoria Espinosana do Conhecimento.....	171
Sobre o Conhecimento Imaginativo.....	174
Sobre a Memória.....	187
Sobre as Paixões Humanas.....	194
Sobre a Servidão Humana.....	199
5. UMA MEMÓRIA ENCARCERADA?	208
6. ESTUDO ETIMOLÓGICO – Cárcere, Prisão, Cadeia e Presídio	211
7. ANÁLISE DOS RESULTADOS	266
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	300
9. BIBLIOGRAFIA	302

Desvendando um mundo conhecido...

Contendo-me, evitei lance mais triste.

Dante Alighieri, A Divina Comédia.

Sozinho, numa cela escura e úmida, cabeça baixa, grilhões atados às mãos e aos pés, luz difusa dilacerada pelas grades que delimitam sombras no chão, paredes sólidas que impõem poder sem mais... É este o retrato mais vulgar do que chamamos cárcere, cadeia ou prisão.

Nesse lugar, nem a beleza da solta e leve pena pode diminuir a pesada pena de quem nele está, pelo contrário, a leve pena é um peso que se acrescenta à pesada pena de quem ainda continua lá.

Penetrar o interior desse mundo é percorrer as passagens e os caminhos que nos conduzem dos cárceres da prisão aos cárceres do coração, e vice-versa; não há aí direções ou sentidos privilegiados, no mundo da prisão o cárcere e seus grilhões estão em toda a parte.

Onipresente, para desvendá-lo basta apenas olhar-mo-nos uns para os outros, por dentro e por fora, e então descobriremos as cadeias que nos confinam mutuamente aos cárceres das prisões.

O retrato do encarcerado somos nós, contendo-nos reciprocamente para evitarmos lances mais tristes – que triste viver assim tão triste!

Apresentação:

Esta apresentação pretende apenas descrever algumas experiências e acontecimentos vividos por mim, e que me impressionaram e impulsionaram à tarefa de realização desta pesquisa, são estados de percepções internas e externas, às vezes confusas, outras vezes vagas ou mutiladas, que, por fim, me conduziram e permitiram uma compreensão e aproximação iniciais ao meu objeto de pesquisa.

Esta pesquisa estuda uma expressão particular da violência imanente ao ambiente carcerário aplicada contra os encarcerados, o seu constrangimento sobre a produção das narrativas auto-biográficas dessas pessoas, averiguando os mecanismos psicológicos e ambientais envolvidos nessa desfiguração.

O interesse por esse tema surgiu a partir de um longo processo de sucessivas considerações sobre experiências íntimas e circunstanciais, produzidas, em sua grande maioria, ao longo do período em que realizei um trabalho de apoio psicológico, a pessoas que estavam encarceradas na cadeia pública do município de São Bernardo do Campo, região do grande ABC paulista, entre os anos de 1994-95.

Nesse período, participei juntamente com outros estudantes e colegas, do programa de estágio em psicologia social do Instituto Metodista de Ensino Superior - S.B.C/S.P.. Em 1994 cumpri o programa de estágio e, em 1995, após a formação, participei como voluntário desse programa.

O programa foi desenvolvido pela Profa. Maria do Céu Formiga de Oliveira que, voluntariamente, já o executava fazia alguns anos, em substituição a um programa antes realizado por representantes da paróquia local, através da APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, cuja finalidade era: capacitar profissionalmente os detentos, manter o condenado próximo ao seu núcleo afetivo, favorecer a assistência

médica, jurídica, psicológica, escolar e social, promover cultura e orientação religiosa, acompanhar individualmente a estadia do detento, promover a ajuda mútua entre os condenados, e aproximar a comunidade contatando padrinhos e voluntários para apoiarem o programa.

Por motivos diversos a APAC havia abandonado suas atividades na cadeia pública de São Bernardo do Campo, deixando para trás raízes vivas, sob a forma de uma organização mínima entre os prisioneiros, oriunda da estrutura que haviam concebido para a realização de suas atividades, e, com essas raízes nossa professora concebeu o seu próprio projeto, do qual participamos alguns anos depois.

Acostumados ao trabalho coletivo, que já vinha desde a APAC, e com a participação de nossa professora, os detentos criaram o GVAR – Grupo Voluntário de Ajuda ao Reeducando. Nesse grupo, a principal característica era a coordenação de um programa de apoio ao encarcerado, controlado pelos próprios detentos, que determinaram um regimento interno de regulação e controle do ambiente comum e dos comportamentos entre eles. E, foi no interior dessa organização que desenvolvemos, orientados por nossa professora, um “Programa de auto-conhecimento e reestruturação psicossocial do delinquente no ambiente carcerário”.

Nesse programa desenvolvíamos o nosso trabalho em grupos subdivididos por celas, com aproximadamente 12 pessoas em cada uma. Primeiro, cadastrávamos as pessoas e levantávamos dados sobre aspectos de sua história pessoal em entrevistas individuais, a seguir, executávamos uma avaliação psicológica de cada entrevistado, e por fim, semanalmente os visitávamos e realizávamos entrevistas coletivas no interior das próprias celas.

Nessas visitas e entrevistas trabalhávamos com eles aspectos relevantes de problemáticas comuns em suas vidas atual e pregressa, tais como: conflitos familiares geradores de conduta delinquente, carência afetiva, medo, insegurança, desconfiança, discriminação, preconceito e estereotipia, regras do GVAR, relacionamento com a direção da prisão e com os companheiros de cela, problemas situacionais emergentes, etc..

Fazíamos tudo isso abordando-os à partir do recurso psicoterápico da Psicoterapia Breve, localizando os emergentes do processo grupal através da observação direta, e interpretando e refletindo com eles sobre os seus discursos e atitudes, principalmente quanto às implicações desses emergentes nas relações formadas no interior daquele ambiente.

Em 1995 nosso programa foi ampliado, estendendo o nosso trabalho de apoio psicológica aos familiares dos detentos, recebendo-os no interior das dependências de nossa faculdade e, às vezes, em finais de semana, na própria cadeia, onde abordávamos, reunidos, os detentos e suas famílias e/ou amigos(as).

Sem querer me estender muito nessa narrativa, quero apenas finalizá-la recuperando pequenas cenas que impressionaram-me demais durante o tempo em que participei desse programa. A cena chocante de ver um homem que estava com o rosto totalmente ensanguentado por ter sido preso sob a acusação de estupro, e então ter apanhado de outros prisioneiros; ver ser colocado um homem sobre a mesa de refeição, no centro do pátio da carceragem, ao relento, agonizando pelo padecimento terminal a uma infecção promovida por um estágio avançado de AIDS, e voltar, na semana seguinte a prisão, e descobrir que na madrugada do dia seguinte àquela noite, aquele homem havia morrido naquela situação; sentir a sensação de ser trancafiado no interior de uma cela, junto com outros prisioneiros, durante cerca de uma hora e meia, como forma de segurança durante o início de uma rebelião que acabou sendo controlada; e saber como, ao longo da madrugada, a rebelião se reiniciou e os homens que dela participaram foram capazes de quebrar, literalmente, “no peito”, cadeados enormes; ouvir o relato sincero de homens que diziam que voltariam ao crime se não encontrassem novamente condições dignas de trabalho; observar a mudança do regimento interno do GVAR, conforme a sua estrutura interna ia sendo abatida pelas investidas da direção da cadeia, que queria ver o seu fim; participar com os meus colegas de trabalho de um jantar maravilhoso, que dependeu dos recursos escassos dos detentos, oferecido a nós como forma de gratidão por nossos serviços prestados a

eles; sentir uma angústia muito intensa enquanto me dirigia à cadeia, num dia em que sabia que certos emergentes muito delicados viriam à tona, etc..

Concluindo, todas essas experiências me sensibilizaram demais para as questões da violência entre os homens, sobre como os homens eram capazes dessa violência e, particularmente, sobre o tema da violência no interior das prisões. Foi nesse contexto de trabalho que, pela primeira vez, tive contato com o mundo da prisão, e foi aí que percebi do que é capaz um homem encarcerado, mais ainda, do que é capaz um homem com o coração encarcerado.

Executando esse trabalho de apoio psicológico, pude experimentar, observar e aprofundar o meu conhecimento com respeito à realidade carcerária e seu impacto sobre a personalidade de seus habitantes e visitantes. Desde o diretor da cadeia, passando pelos policiais e carcereiros, os encarcerados e seus visitantes, e nós mesmos que ali realizávamos o nosso trabalho, podia-se observar que todos sofriam, por maneiras e intensidades diversas, o impacto dos mecanismos institucionais, técnicos e psicológicos, dentre outros que estruturavam a realidade brutal daquele ambiente claramente opressor.

Em meio a essas observações e experiências, indagávamos sobre possíveis soluções que pudessem contribuir para a superação dos problemas que ali se apresentavam, mais especificamente no tocante a nossa área de atuação que já nos ligava diretamente aos encarcerados, porém, nossas intenções e expectativas quase sempre padeciam diante da resistência dos mecanismos burocráticos da instituição, e de sua cultura constituída por hábitos inveterados e sistemas simbólicos caracterizados por preconceitos e estigmas contra a figura dos encarcerados, e pouquíssimos abertos à valorização de ações que contribuíssem para a melhoria efetiva da qualidade de vida dos encarcerados, e até mesmo dos carcereiros que com eles conviviam mais de perto.

Por fim, após dois anos de trabalho, enfrentando obstáculos cada vez maiores que obstruíam a continuidade de nossas atividades, vimos ruir o que até então havíamos construído, e presenciamos com muito pesar o término de nosso trabalho naquela instituição.

A força externa de desmantelamento da organização interna dos detentos que ajudávamos a conservar, foi vencida por ataques diretos, indiretos, sutis e astuciosos da direção da cadeia que queria o fim de um grupo organizado de resistência e emancipação, no interior da estrutura que ela comandava.

Desterrados de nossas atividades buscamos, cada qual, enxertarmo-nos a novos projetos que exprimissem nosso desejo de compreensão e de luta contra tais sistemas. Em meu caso, busquei filiar-me a este curso de pós-graduação, buscando encontrar um novo caminho de compreensão das razões pelas quais somos capazes de cometer tamanhos atos de violência uns contra os outros, e, assentado em minha experiência anterior, produzi um projeto de pesquisa que visasse estudar a expressão dessa violência do modo já especificado anteriormente.

Cabe agora responder o motivo que me levou a querer estudar a desfiguração da memória. Duas são as grandes razões para isso, a primeira delas remete ao aspecto de uma experiência marcante em minha vida, que foi a leitura do livro “Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos”, de Ecléa Bosi.

Era o ano de 1993, enquanto participava ativamente do movimento estudantil de minha faculdade e como militante ativo do Partido dos Trabalhadores de São Caetano do Sul, quando realizei um trabalho de graduação cujo tema era a velhice. Para a realização desse trabalho entrei em contato com quatro obras excepcionais, foram elas, “A Velhice” de Simone de Beauvoir, “As Etapas da Vida Humana” e “Cosmovisão” de Carl Gustav Jung, e “Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos” de Ecléa Bosi. Cada uma dessas obras marcou-me de uma maneira especial, porém, o trabalho de Ecléa marcou-me profundamente por seis motivos básicos que passo a expor:

O *primeiro* deles era o estilo envolvente de redação que proporcionava um grande prazer à sua leitura, e a sensibilidade fina para as questões da velhice que Ecléa demonstrava;

O *segundo* motivo era a atitude militante de Ecléa com a qual eu claramente me identificava;

O *terceiro* motivo era a forma de apresentação das narrativas de seus entrevistados e os conteúdos ali manifestados, que faziam ver a empolgante capacidade de comunicação de seus narradores, conjugando-se a isso a forma integrada de expressão, onde não se perdiam a percepção e a presença de espírito para as tensões vividas ao longo de suas vidas, descrevendo e explicando suas histórias de vidas enquanto ainda realizavam um diálogo de profunda reflexão com o passado;

O *quarto* motivo foi o destaque dado ao significado da perda dos referências materiais e sociais do passado para a pessoa que lembra, que originou em mim uma nova percepção da realidade para a qual até então não havia dado a atenção necessária;

O *quinto* motivo foram os referenciais teóricos sobre os quais Ecléa se debruçou e que mostravam o trabalho da memória para conservar o passado, a idéia de que a memória era uma atividade dinâmica como um trabalho de permanente elaboração e reelaboração do passado, e a idéia de que a memória individual se apoiava em “quadros sociais”, dependentes dos relacionamentos do indivíduo com as instituições sociais com as quais se relacionava, foram as idéias que mais me empolgaram, e muito me fizeram conhecer do modo pelo qual nos enraizamos ao nosso cotidiano;

O *sexto* motivo refere-se à magnífica apresentação do livro, realizada por Marilena Chaui, onde ela faz uma critica contundente à sociedade capitalista que faz uso de mecanismos que impedem o ato livre da lembrança, além de destruir os referências necessários dos quais ela se alimenta, e a autora ainda sintetiza tal sociedade com uma expressão de Espinosa que marcou-me profundamente, segundo Chaui, Espinosa teria dito de nossa sociedade que, ela não mereceria o nome de Cidade, mas sim, o de servidão, solidão e barbárie, e essa frase, fez-me arrepiar!

Ora, a minha experiência anterior com as pessoas encarceradas, sempre apontou para as dificuldades que eles tinham que enfrentar para narrarem aspectos ou estórias de suas vidas pessoais, num ambiente onde cada palavra tinha que ser devidamente medida e julgada antes de ser comunicada, evitando assim mal entendidos, ou, para evitar a idéia de que

poderiam expor aspectos pessoais de suas vidas que pudessem comprometer de algum modo a sua estadia na prisão, piorando-a ainda mais.

Essa dificuldade dos encarcerados, combinada com o que eu havia aprendido sobre a memória, e somado ainda à evidência de estarmos mergulhados numa instituição caracterizada pela “servidão, solidão e bárbarie”, fez-me crer que, tanto as dificuldades de expressão dos nossos entrevistados, quanto os padrões típicos de forma e conteúdo pelos quais quase sempre eram expressas suas narrativas, poderiam ser melhor entendidas pela compreensão dos mecanismos pelos quais a estrutura daquele ambiente, poderia estar determinando tal formatação de suas idéias e recordações. Faltava então apenas o pretexto e a sustentação de um curso de pós-graduação, para que iniciasse o projeto com o qual pretendia responder a essas indagações.

Iniciei a pós-graduação com a intenção de balizar meu estudo tendo como pressupostos teóricos, os referências que conhecia da obra de Ecléa e da psicologia simbólica de Jung, porém, ao longo do curso, descobri que Marilena Chaui ofereceria um curso sobre Espinosa na Faculdade de Filosofia – USP, cujo tema seria a “Servidão Humana”. Imediatamente lembrei-me de seu comentário na apresentação do livro de Ecléa e do meu desejo antigo de querer conhecer mais profundamente o que esse filósofo dizia, empolguei-me então com a idéia de participar desse curso, porém, as inscrições para ele já haviam se encerrado, e então, pedi à Profa. Marilena a permissão para assistir ao curso como ouvinte, o resultado dessa aceitação foi a profunda transformação em minha percepção e entendimento do mundo e das pessoas, e a desistência de prosseguir com alguns dos referências teóricos com os quais havia planejado construir o meu trabalho original.

Espinosa já me era familiar desde 1980, com a idade de quinze anos, quando li pela primeira vez um livro de Albert Einstein, cujo título era, “Como Vejo o Mundo”. Nesse livro, encontramos Einstein dizendo que seu Deus era o Deus de Espinosa, e vemo-lo descreve-lo como um Deus não antropomórfico, Deus que identificava-se com as leis da natureza, leis que

poderiam ser compreendidas, e que portanto, essa era a linguagem pela qual podíamos nos comunicar com o divino.

Essas idéias me afetaram profundamente, olhava para as estrelas e sentia uma comunidade com elas tão profunda que chegava a chorar de alegria, apenas pela idéia de que a minha natureza e a das estrelas eram a mesma, e pela idéia de que Deus, as leis da natureza que nos governavam e nos produziam, não eram exteriores a nós, mas que Deus se expressava através de nós e de todas as estrelas do universo, e que portanto, nós e elas éramos irmãos!

Tentei ler Espinosa diretamente durante anos a fio, periodicamente debruçava-me sobre a *Ética*, sabia que era uma obra produzida e exposta “à maneira dos geômetras”, e então, sempre decidia que deveria, antes de tudo, compreender a primeira definição, para que só então prosseguisse o estudo das demais definições encadeadas a ela. Porém, nunca fui capaz de ir além da primeira definição da *Ética*, a definição do princípio dinâmico da realidade, e então renunciava durante mais algum tempo à continuidade de sua leitura.

Foi assim que, de tempos em tempos, retomava a leitura da *Ética* e renunciava a ela em seguida, mas, sempre confiava em Einstein, e sabia que por trás daquelas exposições geométricas do livro de Espinosa escondia-se uma idéia da verdade da realidade da natureza, contudo, o livro continuou enigmático para mim até o início do curso mencionado, a partir do qual abriram-se as portas para a compreensão do pensamento desse filósofo.

Não, não se engane o leitor, essa pesquisa não é um tratado de pura filosofia, o que também não seria nada mal, pois, como Espinosa demonstra, o afeto mais importante e mais intenso que podemos experimentar é o amor intelectual por Deus, para o filósofo, não há qualquer distância entre afeto e conhecimento, para ele, afeto e conhecimento são aspectos de uma mesma e única realidade que podemos experimentar, pensar e fruir.

No entanto, para nós psicólogos, o mais importante é que Espinosa escreve sobre as paixões humanas de um modo absolutamente

original, e seu modo de pensá-las creio poder contribuir para as questões que a psicologia social enfrenta na constante construção de seu objeto, e por isso, essa pesquisa tem a humilde mas sincera pretensão de apresentá-lo aos colegas psicólogos de nosso instituto, esperando que Espinosa torne-se um bom companheiro de nossos trabalhos.

Porque estudar a desfiguração da memória no ambiente carcerário à partir da obra de Espinosa? A resposta a essa questão responde pela segunda razão pela qual resolvi estudar a desfiguração da memória, como pretexto para o estudo da violência imanente ao ambiente carcerário.

A memória, dentre todas as funções psíquicas, é a que mais de perto permite a uma pessoa compor figuras de sua auto-imagem, compondo-as com as imagens oriundas dos vestígios da história de sua vida passional passada, e com a determinação atual de afetos que os deformam ou se compõem com eles.

Desta maneira, as histórias e os projetos de uma vida inteira, contribuindo na organização dessa composição, e remontando esse percurso através de recordações e promessas do passado ou antigas aspirações sobre o futuro, contribuem com a matéria básica da composição dessa auto-imagem ao longo do tempo vivido. A outra parte a considerar sobre as operações de composição dessa auto-imagem, é a vida passional presente, vivida pelo indivíduo que lembra, em situações concretas, afetando e sendo afetado por coisas e pessoas concretas, e interpretando essas afetações como for capaz.

Recordar, por ordem, dar significados às recordações e refletir sobre elas, são operações intelectuais e afetivas que estão intimamente ligadas à força pela qual alguém pode perseverar em sua existência, força que é uma dentre infinitas outras forças que a afetam e que são afetadas por ela, e que portanto, são capazes de aumentá-la ou diminuí-la conforme se aliem ou sejam contrárias a ela.

Afetada pela ação de outras forças exteriores e sendo mais fraca do que elas, um indivíduo sucumbe e se ajusta muitas vezes a elas como forma de alcançar uma resultante mínima para perseverar na existência, mas o resultado é a alienação de parte de si a essa força

condicionante e constrangedora, que, no caso do ato de recordação, significa operar os processos memorativos constrangidos pelas determinações de forças estranhas ao desejo desse indivíduo, desfigurando então a ordem e os significados dessas recordações.

O cárcere é a expressão de uma das mais violentas forças contrárias à essência da natureza humana, e portanto, é um ambiente privilegiado para o estudo da desfiguração das narrativas auto-biográficas de uma pessoa. Ou seja, é um local privilegiado para perceber-se a luta travada pela pessoa que insiste em conservar a sua auto-imagem, num ambiente que tenta deformá-la ou destruí-la. Portanto, essa resistência à desfiguração não é apenas um ato de conservação dessa auto-imagem, procurando unir, por ordem, dar significados e manter a unidade entre passado e presente, essa resistência é também um ato político de contestação àquilo que lhe é contrário, daí, estudar a ação desfiguradora do cárcere ser também um ato político de denúncia de sua política de extermínio da singularidade humana.

Espinosa conheceu profundamente a natureza da ação ética, conheceu o que é o bem e o mal na relação de uma pessoa singular com outras pessoas singulares, conheceu as forças que estão presentes nessa relação, conheceu os limites e a finitude dessa relação, e portanto, Espinosa conheceu os modos pelos quais as relações entre os indivíduos podem conduzi-los à liberdade ou à servidão e ao confinamento mútuo.

Espinosa conheceu o significado da união do homem à Natureza inteira e o significado terrível da idéia dessa separação, e portanto, Espinosa conheceu os diversos significados correspondentes ao conhecimento que temos de nosso enraizamento à ordem inteira da Natureza, a uma sociedade, a uma família, a um grupo de amigos, aos estranhos, ao algoz.

Espinosa sabia que o enraizamento e a liberdade dependem da força interna de cada indivíduo, e da força de composição com uma pluralidade de outros indivíduos para assegurar a resistência contra as forças exteriores de desagregação, auxiliando então na manifestação do livre desejo de expressão de cada um em particular, e de comunidade com

os demais, e que portanto, o exercício da ética se dá em sociedade e no interior de suas instituições, e sem ela não há verdadeiro enraizamento, verdadeira liberdade e verdadeira felicidade. Enraizar-se e libertar-se são aspectos de uma mesma ação, a ação de fruir a alegria de sermos capazes de agir e de tomar parte na ordem inteira da Natureza.

É por Espinosa ter conhecido tão bem o significado da servidão e da liberdade, do enraizamento e do desenraizamento, e porque a prisão é agente da servidão e do desenraizamento, que, então, escolhemos sua obra como referência vital para a produção deste trabalho de pesquisa, além, é claro, de todo o nosso desejo íntimo de poder expressar o seu pensamento a todos os que se debruçarem sobre ele, pois, assim diríamos com o filósofo:

“O sumo bem, contudo, é chegar ao ponto de gozar com outros indivíduos, se possível, dessa natureza. Qual, porém, seja ela mostraremos em seu lugar, a saber, o conhecimento da união que a mente tem com toda a Natureza. [14] Este é, portanto, o fim ao qual tendo: adquirir uma natureza assim e esforçar-me por que muitos a adquiram comigo; isto é, pertence também à minha felicidade fazer com que muitos outros entendam o mesmo que eu, a fim de que o intelecto deles e seu apetite convenham totalmente com o meu intelecto e o meu apetite. E para que isso aconteça, é preciso entender tanto da Natureza quanto baste para adquirir semelhante natureza; a seguir, formar uma tal sociedade como é desejável para que o maior número chegue a isso do modo mais fácil e seguro”

(TIE – [13-14]).

1 – Introdução:

Abrindo o contexto...

05 de Fevereiro de 1989 - 42º Distrito Policial do Parque São Lucas, zona leste da cidade de São Paulo. Grande número de prisioneiros realizam uma tentativa de fuga em massa. A tentativa é frustrada pelos funcionários da delegacia e pelo Batalhão da Polícia Militar que chega em apoio aos funcionários para reprimir a tentativa de fuga. Com a situação controlada, carcereiros e policiais militares sob as ordens do investigador Celso José da Cruz e do carcereiro José Ribeiro, ordenam que os presos se dispam e passem por um “corredor polonês”, onde são espancados com chutes e golpes de armas até alcançarem a cela-forte da delegacia, cela-forte que media 1,45 x 3,75 metros e não tinha ventilação e estava com o seu respirador soldado, nela foram confinados cinquenta presos que tentaram a fuga. Com a falta de renovação de ar no interior da cela, os presos nela confinados e outros presos de outras celas que não haviam aderido à tentativa de fuga, em apoio aos primeiros, gritaram por socorro e começaram a bater nas portas das celas para chamar a atenção dos responsáveis sobre a gravidade da situação; os gritos foram desprezados pelos carcereiros e pelos policiais de plantão; os gritos cessaram, suor, urina e fezes escorriam da cela-forte; passa-se mais uma hora e meia e todos continuam confinados naquele lugar. O Delegado Titular, Carlos Eduardo de Vasconcelos, ausente da delegacia durante a tentativa de fuga, foi comunicado do ocorrido mas ordena a continuidade da situação, ele afirmou ao investigador que o comunicou sobre a ocorrência, *“para os que morressem, seria chamado o I.M.L., e os vivos, nós acabamos de matar”*. Quando chega à delegacia, o delegado titular ordena a abertura da cela, e encontra 18 presos mortos por asfixia - melhor diríamos, mortos pelo estrangulamento das autoridades. (Fonte: “Relato de uma Chacina. Morte de 18 detentos na 42ª DP, Parada de Lucas, São Paulo”, in, “Os Direitos Humanos no Brasil, 95” pág. 139-143 – Universidade de São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência e Comissão Teotônio Vilela. São Paulo: NEV: CTV, 1995).

02 de Outubro de 1992 - Casa de Detenção de São Paulo, zona norte da cidade de São Paulo. Dois presos iniciam uma briga por volta das 14:00hs; os funcionários do presídio os retiram do prédio e trancam o portão que dá acesso a outro pavimento; outros presidiários iniciam um tumulto e quebram a fechadura, pois, acharam anormal a atitude dos funcionários ao trancarem o acesso ao pavimento e levarem os dois presos que brigaram; os guardas abandonam o presídio às 14:50, *“aparentemente obrigados pelos presos”*; aumenta o distúrbio no interior do presídio; chegam várias unidades da polícia militar; 15:45hs, dois juizes, o diretor da casa de detenção e o coronel da PM, tentam uma aproximação com os rebelados para iniciar uma negociação, porém, o fogo da barricada que os separavam impediu o início imediato da negociação; 16:15hs, inicia-se a ocupação militar; 2:30hs depois da briga dos dois presos, tem-se 111 prisioneiros mortos e 35 feridos – nenhum policial foi morto. Após a chacina, os

sobreviventes ficaram agachados nus por várias horas no meio do pátio, alguns deles foram obrigados a carregar cadáveres e mais dois presos foram mortos após a primeira chacina; entre os mortos, muitos não ofereceram resistência, outros foram mortos já despidos, ou seja, obedeciam já às ordens dos policiais e pelo menos dois estavam com as mãos atadas atrás da cabeça, ou seja, foram mortos após o rendimento dos policiais. (Fonte: “Massacre na Casa de Detenção”, *in*, “Os Direitos Humanos no Brasil, 93” pág. 64-71 - Universidade de São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência e Comissão Teotônio Vilela. São Paulo: NEV: CTV, 1993).

Fatos como estes que acabamos de relatar, tornaram-se referências para a reflexão da sociedade sobre a violência praticada pelos aparelhos do Estado nas instituições carcerárias. Violência que regularmente também é notada quando observamos, por exemplo, a superlotação dos presídios, a falta de assistência jurídica aos presos, o descaso das autoridades, a morosidade das varas criminais, as denúncias de tortura nas delegacias, as instalações precárias, a ação de falanges internas, as “cirandas da morte”, a promiscuidade, as intimidações, as extorsões, as rebeliões, o tráfico de drogas, o pagamento de “laranjas” para a execução de presos. Tudo isto denunciando e mostrando o quanto a corrupção das políticas prisionais andam de mãos dadas com a violência carcerária.

No entanto, se por um lado esses episódios tornaram-se referências habituais a balizar nossas reflexões atuais sobre a prisão, é bom lembrarmos que nem sempre o foram no passado com tamanha frequência. Tomemos alguns exemplos ilustrativos disso:

Fernando Afonso SALLA (1997), enfocando as práticas de encarceramento e os discursos sobre a pena de prisão em São Paulo, ao longo do período compreendido entre a emancipação política do Brasil e o final da década de 30, faz-nos ver que, desde as cadeias da primeira metade do século XIX até o surgimento da Penitenciária do Estado na década de 20, as prisões brasileiras sempre apresentaram situações onde se acresciam às penas dos encarcerados, doses ainda maiores de opressão que aquelas já previstas em lei.

Até aí não vemos nenhuma novidade comparada à situação atual de nossas prisões, porém, SALLA acrescenta que, tanto quanto podiam, as prisões guardavam em seu interior a aplicação dessa violência,

evitando ao máximo que o olhar exterior pudesse fazer qualquer avaliação negativa de suas práticas.

SALLA justifica essa cobertura mostrando que isso era feito para que se minimizasse a contradição entre o discurso “humanista” da época, a justificar os métodos de regeneração e de ressocialização dos criminosos, e as verdadeiras práticas que ocorriam no interior das prisões, e que, dada essa contradição, eram minimizados ou impedidos os acessos às informações que comprometessem o discurso em vigor.

Como outro exemplo, temos o período marcado por duas décadas de Regime Militar, entre 1964 e metade dos anos 80, onde o aprisionamento também era caracterizado pelo acréscimo de violência contra os encarcerados, com a diferença de que, como um número bastante significativo de prisioneiros eram prisioneiros políticos que contestavam o Regime, surgiram então novos olhares focalizando as prisões brasileiras, os olhares de amigos, parentes, militantes políticos e outras testemunhas que denunciavam as práticas de tortura e as mortes que ocorriam no interior das prisões brasileiras, e que permitiam uma certa dose de conscientização da sociedade brasileira, quanto às políticas de repressão adotadas pelo Estado contra os adversários do Regime. Livros como “Brasil: Nunca Mais”, ou, “Tiradentes, um presídio da ditadura”, são apenas dois dos inúmeros livros que podem atestar a violência que realmente ocorria nas prisões brasileiras, e os discursos que procuravam inverter a percepção dessa realidade produzida pela violência do Regime Militar.

Porém, precisamos acrescentar que durante o Regime Militar o olhar sobre a prisão não se fixava notoriamente sobre o preso comum, mas sim, sobre o preso político que representava a resistência para alguns ou o objeto de intolerância para outros. Vejam-se por exemplo, os inúmeros livros escritos sobre biografias de prisioneiros políticos lançados pelas editoras desde então, e a escassez de livros que contenham a biografia de prisioneiros comuns.

Nesse contexto do Regime Militar, a percepção sobre a vida em prisão estava mais condicionada à posição política do observador e sua

reflexão sobre os rumos políticos do país, e não sobre a situação do próprio encarcerado comum.

Claro que não podemos deixar de citar aqui o trabalho realizado por RAMALHO em 1975, “Mundo do Crime: a ordem pelo avesso”, que tornou-se um importante trabalho de referência a todos aqueles que estudam as prisões no Brasil, e que foi produzido em pleno período do Regime Militar. Porém, não podemos dizer que o seu trabalho sirva como exemplo da expressão de um novo olhar habitual da sociedade sobre os problemas da prisão, talvez, possamos dizer apenas que aí já se dão os primeiros passos da construção desse olhar.

Exemplo disso são os próprios problemas enfrentados por RAMALHO para a coleta de dados de sua pesquisa, pois, tinha que realizar as suas entrevistas em locais adversos, com prisioneiros escolhidos pelo chefe de expediente, e enquanto executava as entrevistas esse chefe de expediente ficava “*colocado às costas do entrevistador, de onde podia observar de frente o entrevistado*” (RAMALHO, 1979, p.31). Ou seja, esse é um exemplo claro da mediação da observação da sociedade pelos agentes institucionais, o que certamente expressa a atitude intencional da instituição em deformar essa observação.

Nesse ponto em que estamos destacando a figura do prisioneiro político, seria bom introduzirmos uma outra questão importante. Embora sejam inúmeros os autores que descreveram as suas experiências de encarceramento, em nossa pesquisa bibliográfica encontramos apenas uma única auto-biografia escrita por um prisioneiro comum, o “De Profundis” de Oscar WILDE, as demais são auto-biografias de prisioneiros políticos.

Entre as auto-biografias de prisioneiros políticos na literatura universal, destacamos: “O Arquipélago Gulag” de Alexandre SOLJENÍTSIN; “Lembranças da Casa dos Mortos” de Fiódor M. DOSTOIÉVSKI e “Cartas do Cárcere” de Antonio GRAMSCI. Na literatura brasileira temos: “Memórias do Cárcere” de Graciliano RAMOS; “Das Catacumbas” e “Cartas da Prisão” de Frei BETO; “Horas de Prisão” de José Gonçalves MAIA e “Entre a Cella e o Céu” de Waldemar TEBALDI; além

do livro de autoria coletiva, com as narrativas de diversos presos políticos do Regime Militar, intitulado “Tiradentes, um presídio da ditadura”.

Chamamos a atenção dessa peculiaridade porque embora muitas das experiências vividas por ambas as classes de prisioneiros sejam muitíssimo semelhantes, a experiência de encarceramento vivida pelos prisioneiros políticos nos parece serem interpretadas, por maneiras um tanto quanto diferentes daquelas realizadas pelo prisioneiro comum.

O prisioneiro político tem uma interpretação pautada pelo discurso político, e este dá-lhe uma força extra para resistir às determinações do mundo da prisão, ele interpreta essas determinações não tanto como contingentes mas como necessárias ao próprio sistema opressor que o atingiu, e à partir dessa forma de interpretação, começa a pensar em estratégias de resistência e a justificar as ações do inimigo segundo uma ordem de pensamento mais bem estruturada.

Já, o preso comum, por faltar-lhe essa interpretação, sente as determinações externas como caracterizadas ou por forte heteronomia ou por extrema e intensa anômia, mas sem identificar muito claramente a fonte originante da opressão ou da experiência de desordem sentida por ele, e acaba por sentir-se vítima de situações muito contingentes e pouco necessárias e, quando as pensa mais necessárias percebe-as sob o prisma de extrema heteronomia.

Portanto, a leitura das biografias de prisioneiros políticos serviu-nos muito mais para aguçarmos a nossa sensibilidade para os movimentos moleculares vividos no interior da prisão, do que para fazermos um paralelo do sentido de interpretação das experiências vividas por eles em cada um desses casos.

Mais à frente, na década de 80, já começa a se tornar possível uma observação mais ampla sobre as questões envolvidas com a realidade das prisões brasileiras, na perspectiva do prisioneiro comum. Exemplo disso é a observação de ROCHA (1994), em sua tese de doutoramento, quando cita a sua experiência de pesquisa em 1982:

“... São Paulo contava, então, com um governo eleito pela oposição ao regime militar, que nomeara para a pasta da Justiça o advogado José Carlos Dias, um nome ligado aos movimentos de defesa dos Direitos Humanos. Ainda que boicotada e sabotada por funcionários de todos os níveis do sistema penitenciário, ainda que combatida pelos adeptos da truculência policial e ainda que vítimas de suas próprias indefinições, a política de Direitos Humanos implantada pelo novo secretário da Justiça promoveu, nos cárceres do estado, a abertura de espaços que eram de uma amplitude inusitada quando comparados com a arbitrariedade autocrática de inspiração militar que predominara até então.

Estas modificações sempre estiveram longe de significar uma alteração qualitativa estável, mas seguramente promoveram a restituição temporária aos prisioneiros de alguns direitos elementares, como os de comunicação, organização e circulação dentro dos presídios. Os espaços abertos possibilitaram, também, que pessoas de fora pudessem obter das administrações penitenciárias melhores condições de acesso e trabalho junto aos prisioneiros: para nós foi a oportunidade de desenvolver uma modalidade de entrevista e de elaboração de depoimentos que caracterizariam, desde então, todo nosso trabalho de pesquisa. Era possível apresentar-se aos prisioneiros nos próprios pátios cheios da prisão, conversar com grupos, manter diálogo e entrevistas diárias ao longo de meses e anos...” (ROCHA, 1994, p.20-21).

Assim, no início da década de 80, com os passos ainda embrionários da abertura política, pode-se perceber também uma abertura do olhar da sociedade sobre as questões da prisão.

Já, a década de 90, foi marcada particularmente pela observação pública da violência que ocorre nas prisões brasileiras contra os prisioneiros comuns, particularmente as populações das grandes cidades puderam, através dos meios de comunicação de massa, assistir de perto o que ocorreu em seu interior, presenciando o rápido crescimento de sua população e a superlotação das prisões, a péssima qualidade de vida experimentada em seu interior, um sem número de rebeliões, abusos das autoridades e violação dos direitos humanos, etc.

Essa modificação do olhar já começava a se fazer presente quando a Human Rights Watch lançou o seu primeiro relatório sobre as prisões brasileiras, em 1988, onde apontou o rápido crescimento da população carcerária, a superlotação das prisões, e os consequentes abusos

das autoridades e o aumento da violência interna nas prisões causadas pelos próprios prisioneiros entre si.

Embora o problema das prisões não seja novo, talvez possamos dizer com razão que, constituiu-se na década de 90 um novo olhar sobre os problemas que envolvem a sua realidade, uma vez que, por seu número de ocorrências, pela grandiosidade de seus efeitos e pela marca da crueldade que os caracterizou, pelas luzes lançadas pelos meios de comunicação de massa, pela facilitação do acesso à realidade das prisões proporcionadas pelas autoridades para descaracterizarem o comportamento repressivo do período militar, pode o olhar social nessa década ser afetado de um modo particular pelos acontecimentos ligados a essa realidade.

Podemos citar como exemplos disso a criação de inúmeros programas televisivos e espaços específicos em jornais para tratarem do tema; a ocorrência de inúmeras entrevistas, seminários e palestras com especialistas sobre o assunto, bem como a apropriação do assunto por demagogos de plantão que aproveitaram-se do tema para reforçarem imagens pessoais de autoridade, etc..

Enfim, entre fascinada, perplexa, assustada e curiosa, vimos a opinião pública fazer do “*fenômeno prisão*” um assunto mais comum a balizar o seu espaço cotidiano, e a fomentar suas indagações sobre a natureza humana, a vida em sociedade, os limites ao uso da força, o significado do respeito aos direitos humanos, o direito à vingança, a pena de morte, a privatização das prisões, etc..

O número significativo de pesquisas que também foram realizadas sobre as instituições prisionais brasileiras e sobre tudo aquilo que as envolveu, ao longo dos anos 90, talvez possa ser explicado como uma consequência da gravidade do problema e das luzes que sobre ele foram dirigidas no decorrer desse período.

Tomemos como exemplos duas grandes iniciativas produzidas nessa década: “*O Brasil atrás das grades*”, relatório elaborado pela **Human Rights Watch**, considerado o maior relatório já feito sobre as prisões em qualquer país, e que revela as condições prisionais no Brasil, produzido entre os anos de **1997** e **1998** & “*Cristo Liberta de Todas as Prisões*”,

texto-base da campanha da fraternidade realizada pela **CNBB** em **1997**, cujo tema de sua campanha anual foi promover a reflexão sobre as precárias condições de vida nas prisões, e a necessidade de se pensar o respeito à dignidade dos que ali se encontram confinados.

Acreditamos que essas duas grandes iniciativas apontadas acima exprimem de alguma forma um novo olhar da sociedade civil sobre os problemas da prisão. Além disso, temos no interior dos relatórios produzidos por essas duas grandes iniciativas, e outros que também surgiram nesse período, um exemplo do grande interesse sobre o tema.

Também são exemplos desse interesse, as conferências realizadas em 1990 no Estado do Rio de Janeiro, estruturadas sob o tema “Sistema Penal para o Terceiro Milênio”, organizadas pela Secretaria de Estado de Justiça do Rio de Janeiro e outras entidades, cujo intenção foi contribuir com o tema da reforma do Sistema Penal brasileiro, ou ainda, o “Simpósio Sobre o Sistema Penitenciário”, promovido pela Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo e com o auxílio de outras entidades, ocorrido em 1995, cuja intenção foi contribuir para a reforma do Sistema Penitenciário.

Enfim, com todas essas iniciativas ocorridas, consideramos que podemos afirmar que houve um interesse mais particular e interessado, por parte do governo e da sociedade civil, pelo tema das prisões nos anos 90. O que não significa que todas essas iniciativas tenham promovido reais melhoras da qualidade de vida daqueles que vivem a sua realidade.

No tocante às pesquisas, relatórios e outros tantos documentos produzidos nesse período, referidos ao sistema prisional e às suas diversas instituições, podemos notar que eles guardam entre si um bom grau de identificação e de consistência, no que se refere à relativa confluência, implícita ou explícita, de alguns pontos temáticos comuns analisados por eles, e com os quais concordamos, tais como:

1) a apreensão generalizada de mecanismos institucionais que agem sobre a personalidade dos encarcerados de modo desagregador, e a constatação de precárias condições de vida no interior do ambiente carcerário das prisões brasileiras. Estes são aspectos apreciados e aceitos

pela quase totalidade das pesquisas, relatórios e livros produzidos nesse período;

2) análises críticas demonstrativas da grande distância que existe entre as práticas e os discursos do poder público com respeito aos graves problemas existentes nas prisões;

3) a análise das causas mais próximas da determinação das condições atuais das prisões brasileiras, como resultado dos seguintes fatores predominantemente determinantes:

(3.1) o atual contexto geopolítico mundial com o seu processo de “globalização”, vem gerando profundos desastres sócio-econômicos em nosso país, agravando as já precárias condições de vida de nossa população, e produzindo conflitos internos que levam a um aumento da taxa de criminalidade e ao consequente aumento no número de condenações;

(3.2) some-se ainda ao item anterior o fato de que nossa sociedade é histórica e estruturalmente autoritária e violenta, como consequência, primeiro, das lutas de classes que ocorrem e sempre ocorreram em seu interior, e que são as grandes responsáveis pela desigualdade sócio-econômica de nossa população, causando conflitos internos pela apropriação de bens, e a consequente condenação de massas de pessoas que pertencem às classes com menor poder de defesa, segundo, pela herança de nosso antigo regime escravista que, ao longo da história articulou-se com todas as instituições brasileiras, impondo padrões de condutas sociais caracterizados pela hierarquia entre superiores e inferiores. Articulados entre si esses dois aspectos, temos como consequência um fator complexo e dinâmico que é produtor de desigualdade social e discriminações sociais, geradores de conflitos estruturais que são coibidos por formas infintas de dominação e opressão, dentre elas a violência policial e o aprisionamento;

(3.3) aumento da taxa de criminalidade ligados ao problema das drogas, desemprego e falta de opções de engajamento sócio-culturais para os jovens, que formam o grosso da massa de drogados e de prisioneiros que, desde a década de 80 cresceu vertiginosamente;

(3.4) o endurecimento da repressão à criminalidade sob a intensa e contínua pressão da opinião pública, que levaram a um aumento ainda maior das ações de aprisionamento;

(3.5) desarticulação entre os aparelhos prisionais, judiciários e policiais causados pela falta de uma política pública penal consistente e coerente com os seus objetivos;

(3.6) cultura de segregação e isolamento da políticas públicas penais, pouco abertas a outras iniciativas de aplicação das penas, que não promovam a exclusão ou isolamento social;

(3.7) aumento do período das penas oriundas da Lei de Crimes Hediondos (aplicada nos casos de sequestro e tráfico de drogas, e que são considerados desde então como crimes inafiançáveis) aprovada em 1990, e que contribuiu com o aumento significativo do número de detentos, e consequente superlotação de cadeias e presídios, pois, os detentos permanecem nelas aguardando o seu julgamento, na maioria das vezes, por longos períodos de tempo;

(3.8) as vantagens políticas conseguidas pelas autoridades que recrudesceram suas ações de combate ao crime, aprisionando muitas vezes, sem métodos claros, com a intenção de aumentarem a sua popularidade frente a opinião pública;

(3.9) a falta efetiva de uma política de direitos humanos para regular a aplicação e a transgressão das leis também contribui para que se formem poderes paralelos, e que estes ajam sem o controle da sociedade;

(3.10) a idéia disseminada pela sociedade de que os prisioneiros não merecem condições humanas, pois, teriam sido eles os autores de violência contra os cidadãos honestos, trazendo como consequência, a indiferença de grande parte da população brasileira quanto aos maus tratos que sofrem os condenados nas prisões;

(3.11) a morosidade das varas criminais e a falta de assistência judiciária aos prisioneiros mais pobres, que ficam nas prisões às vezes durante anos sem que a sua sentença seja dada;

(3.12) a falta de investimentos públicos nas áreas de segurança pública para evitar e coibir o crime, no judiciário para agilizar a tramitação

dos processos e investir em mecanismos novos que permitam a aplicação de penas alternativas, e a falta de investimentos na melhoria dos problemas penitenciários;

(3.13) a pressão da opinião pública impedindo que se façam maiores investimentos para a melhoria de qualidade de vida dos condenados, pois, em primeiro lugar, é tomada de um sentimento de vingança generalizado contra aqueles que são condenados como operadores dessa violência e, em segundo lugar, não entende a necessidade de maiores investimentos públicos na área dos problemas penitenciários, quando o seu salário mínimo é um salário de fome e o aumento do desemprego é uma ameaça constante;

(3.14) acrescentamos ainda por nossa conta, um aspecto de natureza estrutural, que é o mito da não-violência, explicado por Chaui (1995) como sendo o sustentáculo da auto-imagem do povo brasileiro como um povo pacífico e ordeiro, e que torna possível a interpretação da violência cotidiana de nossa sociedade como algo acidental, quando na realidade é a expressão necessária da estrutura da sociedade brasileira intrinsecamente violenta. Com o mito da não-violência o povo brasileiro pode negar a violência que cada um dos seus compatriotas exprimem cotidianamente nas mais pequenas atitudes, e dirigir a autoria da violência apenas à ação delinquente e criminosa dos “outros” que “contrariam” nossa essência pacífica e ordeira.

Com esse mito, acreditamos que a população brasileira considere que os prisioneiros tenham que ser punidos no interior de um sentimento de vingança e de uma ação de disciplinamento, que resguardecem e recuperem seu sentimento de serem perturbadas pelas ações acidentais dos “delinquentes”, e por isso, ela fica insensível aos problemas estruturais que fundam essa realidade, e não exprimem considerações mais afetuosas sobre o destino dado aos homens que estão nas prisões.

Com exceção desse último item (3.14), os demais fatores compõem alguns dos principais pontos significativos de confluência que pudemos apreender, em linhas gerais, no interior das diversas pesquisas, relatórios e outros documentos que analisam a atual situação de nossas

prisões, foram esses que acabamos de mencionar, e que são apontados como os principais fatores da:

- (1) falta de controle sobre o aumento da criminalidade;
- (2) piora da eficiência dos trabalhos realizados nos estabelecimentos judiciais e penais;
- (3) falta de construção de novos estabelecimentos ou reforma dos antigos para o cumprimento adequado das condenações;
- (4) do aumento da população carcerária e a consequente superlotação das instituições prisio-nais;
- (5) falta de condições materiais e humanas para a individualização da pena;
- (6) do enfraquecimento da autoridade do pessoal penitenciário.

Um último dado que gostaríamos que fosse notado, é a constatação da predominância da caracterização indiferenciada das populações de encarcerados, sendo tratados quase sempre como uma população de natureza homogênea no interior das instituições.

As poucas categorias básicas de diferenciação e de organização no interior das instituições, resumem-se a tomarem em consideração apenas os seguintes macro-fatores de diferenciação: sexo (separação dos estabelecimentos penais masculinos e femininos ou por divisão de alas no interior de uma mesma instituição), idade (separação por estabelecimentos ou no interior dos próprios estabelecimentos entre jovens, adultos e velhos – o que raramente ocorre), antecedentes penais e razões da detenção (separação entre presos preventivos ou condenados, e entre presos do foro civil e criminal), sanidade mental (separação dos condenados que merecem tratamento mental e que por isso são internados em manicômios judiciais ou instituições similares distintas das prisões comuns).

Acrescente-se a tudo isso o fato de que nas instituições prisionais praticamente não se averiguam condições que permitam as expressões individuais dos reclusos, e temos então formado um quadro de fusão das características pessoais de cada encarcerado, para quem contempla de fora a realidade prisional.

No tocante à história de vida desses homens, os únicos vestígios que permanecem de suas biografias são aqueles que interessam às praticas burocráticas das instituições policiais, prisionais ou judiciárias.

No primeiro e no segundo casos resumem-se a fichas com dados pessoais, relatórios relativos ao ato de infração, histórico de transferências dentro do sistema penitenciário, processos a que já foi submetido, classificação quanto ao regime de prisão, etc.

No segundo caso, resume-se ao processo movido contra o acusado, somando-se ao longo do processo e durante o tempo de reclusão, entrevistas para fins de laudos psicológicos que correspondem às exigências legais, e exames criminológicos que visam a análise de atenuantes ou agravantes que condicionam o acesso a certos benefícios durante o período de reclusão.

Assim, verifica-se um desinteresse estrutural por parte das instituições para com a história de vida das pessoas encarceradas, ou seja, suas memórias biográficas, por exemplo, são tomadas como coisas irrelevantes para os objetivos dessas instituições, ou sequer são tomadas em qualquer tipo de consideração.

Ora dada a importância dessas memórias para a preservação da auto-imagem das pessoas, consideramos importante estudar os processos de sua desfiguração no ambiente carcerário, para que a sociedade possa ser um pouco sensibilizada sobre as questões que envolvem essa realidade.

O campo de pertinência da pesquisa...

Nossa pesquisa pertence ao campo de estudos da Psicologia Social, pois, o seu objeto de estudo compreende a inter-dependência entre uma certa forma de expressão particular do espaço social, o ambiente carcerário compreendido no interior de uma instituição envolvida e produzida pelas determinações históricas e sócio-culturais de nossa sociedade, ou seja, compreendida no interior da realidade social, e uma

categoria psicológica dinâmica e inter-relacional, a memória individual, cuja estrutura de funcionamento e seus processos mnêmicos estão naturalmente abertos à influência do meio social exterior, e portanto, estão abertos às determinações do ambiente carcerário e aos seus procedimentos institucionais, ao mesmo tempo em que estabelecem a matéria básica de resistência a essas determinações que podem desfigurá-la.

A revisão da literatura...

São muitos os autores que já escreveram sobre o tema da prisão, sobre a sua história, sobre a pena privativa de liberdade e sobre o cotidiano vivido pelos encarcerados. Dentre eles, destacamos aqueles que, ao longo de toda a nossa experiência de contato com a prisão, estiveram mais próximos de nossas reflexões sobre a sua realidade. Entre os autores nacionais destacamos:

José Ricardo RAMALHO (1983): Estuda os vários comportamentos e o conjunto de normas que regem a “vida do crime” dentro e fora da prisão, e discute as suas implicações na relação entre o “criminoso” e as demais instituições sociais, passando pela identificação e caracterização da figura do “malandro”, da “lei e da massa do crime”, da oposição entre mundo do crime e mundo do trabalho, etc.

Geraldo Ribeiro de SÁ (1990, 1996): Em sua tese de doutoramento (1990) e em seu livro (1996), SÁ estuda as condições em que ocorrem os processos de qualificação e requalificação do delinquente e do cidadão, no curso de sua punição no interior das instituições prisionais, concluindo que: a prisão está submetida aos interesses da acumulação capitalista; que os discursos e as práticas dos processos de qualificação e requalificação de seus internos, constitui-se numa tentativa de introjeção de valores do “mundo livre”; que a tensão entre os valores do “mundo livre” e os do “mundo prisioneiro” compõem a dinâmica e garantem a sustentação da existência das prisões; e que a sociedade através de suas

instituições prisionais produz e reproduz a figura do prisioneiro, da prisão e de todo o sistema penitenciário.

Antônio Luiz PAIXÃO (1987): Realizando uma análise geral sobre a pena de prisão ao longo da história moderna e, em seguida abordando o sistema penitenciário de Minas Gerais e alguns episódios produzidos por grupos organizados de prisioneiros, vai costurando esses focos de atenção com a produção de questões dilemáticas e polêmicas, tais como: É necessária a recuperação ou a punição dos prisioneiros? A segurança e a disciplina características das prisões seriam convenientes aos objetivos de ressocialização?, etc. E por fim, procura mostrar que a aparente desordem do mundo prisional, manifestada pela existência de grupos organizados de prisioneiros que se rebelam e formam “falanges” no interior das prisões, exprimem a própria desordem e instabilidade em que se encontra o sistema penitenciário.

Maria Emília Guerra FERREIRA (1996): A autora desenvolveu um interessante trabalho de análise do sistema desintegrador da personalidade dos prisioneiros, caracterizados pela alimentação de relações humanas balizadas por profundas contradições e ambiguidades entre os prisioneiros e os agentes prisionais, e entre os próprios prisioneiros. A autora, interpretando a realidade da prisão à partir da teologia da libertação, da psicanálise kleiniana e das idéias de FOUCAULT e Hannah ARENDT, analisa o contexto da Casa de Detenção de São Paulo, pesquisando e refletindo sobre o dia-a-dia dos internos, as interações que estabelecem com outras pessoas e com a sociedade, sempre procurando perceber quais são os sinais do que ela chama de “esperança e vida”, que segundo ela pautam as experiências diárias dos prisioneiros.

Sérgio ADORNO (1991 a, b) & Paulo Sérgio PINHEIRO (1983, 1991) & Myriam Mesquita P. de CASTRO (1991): Num lançamento especial da revista USP esses autores examinaram vários aspectos da realidade prisional, tais como, os problemas e os desafios que caracterizam o sistema penitenciário brasileiro, a realidade interna do cotidiano das prisões caracterizada pela contínua violência, o medo nas prisões, a produção de poderes de controle paralelos, etc..

Drauzio VARELLA (1999): Num livro bastante interessante VARELLA relata a sua experiência como médico no interior da Casa de Detenção de São Paulo, ao longo de uma década de trabalhos voluntários que ali vem realizando. Seu livro permite ao leitor a apreensão de um retrato vivo das experiências cotidianas travadas na Casa de Detenção de São Paulo, e que são muitíssimo semelhantes àquelas que ocorrem nas demais instituições prisionais de nosso país, e particularmente naquelas em que consolidamos as nossas experiências de pesquisa.

José Henrique GOIFMAN (1994): Em sua dissertação de mestrado, investiga o tempo e o espaço em um instituição prisional à partir de uma experiência de uso do vídeo, com o qual procura captar, dentre outras coisas, as negociações sociais desenvolvidas pelos internos e entre eles e os agentes carcerários e, principalmente, procura examinar as representações do tempo produzidas pelos prisioneiros.

Fernando Afonso SALLA (1991, 1997): Em sua dissertação de mestrado (1991), SALLA examina a formação histórica da prisão e o papel do trabalho penal, bem como as funções que as prisões desempenham nas sociedades modernas, discutindo também as questões envolvidas com as idéias de privatização das prisões. Já em sua tese de doutoramento (1997), SALLA investiga os discursos e as práticas formulados à respeito das prisões e as distâncias existentes entre eles. Sua pesquisa desenvolveu-se principalmente tomando como espaço de análise as antigas Cadeia da Capital, Casa de Correção e a Penitenciária do Estado, localizadas em São Paulo, e delimitou o período de focalização de sua pesquisa ao tempo transcorrido entre a emancipação política do Brasil e o final da década de 30.

Quanto aos autores que refletiram de modo abrangente sobre o tema da prisão, sua história e suas propriedades, destacamos: Erving GOFFMAN (1974, 1980) e Michel FOUCAULT (1987, 1995, 1997), pois, são autores que muito frequentemente subsidiam a sustentação teórica dos pesquisadores das instituições prisionais. Portanto, antes de prosseguirmos, passaremos ao exame das principais idéias produzidas por esses dois autores com respeito a esse tema.

GOFFMAN, preocupado com o tema das modificações da identidade, pesquisou e estudou no interior das rotinas de algumas instituições disciplinares, quais os mecanismos materiais e simbólicos utilizados por elas, capazes de modificar, deteriorar ou até mesmo destruir a identidade de seus internos.

GOFFMAN destaca que todas as instituições tem uma tendência ao fechamento, pois, *“Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de “fechamento””* (1974, p. 16).

Convém notar que GOFFMAN não pretende dizer que uma instituição se isole completamente de outras instituições, mas sim, que cada instituição estabelece uma maior ou menor permeabilidade ao mundo exterior que a circunda, e com o qual se relaciona por maneiras diversas, ao mesmo tempo em que são mais ou menos possessivas em relação aos seus internos.

GOFFMAN assinala também a existência de instituições que tem uma tendência maior ao fechamento e à possessividade de seus internos, e entre elas ele destaca as prisões, os manicômios, os quartéis, os asilos, os conventos, etc.. Ressaltando que essa forte tendência de fechamento ao mundo exterior é identificado, *“... pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico - por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais...”*. (GOFFMAN, 1974, p.16).

GOFFMAN identifica essa tendência fortemente destacada de fechamento ao mundo exterior dessas instituições, a um caráter de busca incessante de auto-engendramento de suas atividades internas. A essas instituições GOFFMAN denomina instituições totais, e as define como:

“Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. As prisões

servem como exemplo claro disso, desde que consideremos que o aspecto característico de prisões pode ser encontrado em instituições cujos participantes não se comportam de forma ilegal". (GOFFMAN, 1974, p.11).

A instituição onde realizamos nossa pesquisa apresenta muitas características que a identificam com a idéia de instituição total de GOFFMAN. Vejamos:

Quanto à sua barreira à entrada de pessoas e à saída de seus internos, ela possui uma muralha bastante alta, talvez com uns seis ou sete metros de altura; há sentinelas em suas guaritas e outros que circundam o presídio deslocando-se pela muralha; do lado interno da muralha ela é reforçada por arames farpados e grades que estabelecem uma distância entre os transeuntes internos e sua face interna; a entrada principal tem apenas dois portões, um grande para veículos e um pequeno para pedestres, ambos são portões fortes e de aço pesado, com ventuinhas por onde nos comunicamos com os vigilantes internos que os guardam; em seu interior outras repartições também são guarnecidas com portas de aço e grades e com outros postos de vigilância, as "gaiolas" ou postos avançados de controle.

Nunca fomos revistados, porém, por diversas vezes vimos as revistas que se faziam nas visitas dos prisioneiros no interior do hall de entrada do presídio, os visitantes entravam descalços mesmo em dias em que o pátio estava molhado após as chuvas, e suas roupas e seus pertences eram todos revistados por carcereiros masculinos e femininos.

Vimos também a vigilância sobre as encomendas e as cartas que chegavam aos prisioneiros, e tivemos a oportunidade de ver os carcereiros de plantão abrirem essas cartas e verificavam o seu conteúdo e, em pelo menos duas ocasiões, os vimos rirem-se das fotos que alguns parentes haviam enviado para os prisioneiros, ou os vimos lerem as cartas e gozarem o seu conteúdo de uma maneira cômica e pejorativa.

O lixo é revistado em sua saída por um ou dois carcereiros que, com lanças de aço perfuram-no para verificarem se não há algum prisioneiro tentando fugir, nessas ocasiões batem o fundo da caçamba com

com a ponta da lança com bastante força, como a quiserem perfurar o possível fugitivo.

Algumas marmitas de comida que chegam diariamente ao presídio para alimentarem os prisioneiros, são escolhidas aleatoriamente para serem revistadas, de tal modo que seja verificado a existência ou não de objetos em seu interior.

No interior da prisão existem ainda os pavilhões e no interior destes as celas onde ficam confinados os prisioneiros. No caso de nossa instituição, os pavilhões permaneciam fechados mas as celas sempre permaneciam abertas, pois os prisioneiros impediam a colocação de novos cadeados nelas.

Quanto a estarem separados da sociedade, no interior de uma situação comum e em grande número, acabamos de demarcar algumas das barreiras que separam os internos do mundo exterior. Esses internos de nossa instituição somavam quinhentos prisioneiros, que guardam em comum o fato de estarem cumprindo penas ou estarem à espera da determinação de sua condenação.

Quanto à administração de suas vidas, isso se revela pela dependência que têm das autoridades da prisão e do judiciário, que podem a qualquer momento impor novos encaminhamentos aos seus destinos, ou ainda, pela organização burocrática da instituição que impõe a obediência a certas regras de disciplina e acesso a atividades de lazer e trabalho, além da vigilância direta que é exercida sobre eles através dos carcereiros que procuram observar e controlar as condutas dos prisioneiros, fazendo apontamentos diários da presença dos internos, dos transferidos, dos que vão ao fórum, ao hospital, ou dos que sofrem transferências; também são anotados os registros dos episódios ocorridos a cada dia, o seu desenrolar, o seu controle; também são registradas as passagens dos plantões nos livros adequados; e por fim, os próprios carcereiros também são controlados por suas chefias.

No que diz respeito ao tempo de e na estadia no interior da instituição, todos os internos seguem rotinas rígidas de horários para a realização de suas diversas atividades, eles tem hora de abrir e fechar as

celas, hora do café da manhã, almoço, jantar, ceia, hora de fechar a celas, hora de dormir, hora e dia de visita, e durante todo esse tempo de permanência na instituição ficam à mercê da tutela das autoridades responsáveis por suas vidas. Quanto a esse aspecto da vivência do tempo, gostaríamos de convidar o leitor a ler o interessantíssimo trabalho de José Henrique GOIFMAN, que estudou a experiência da passagem do tempo vivida no interior da prisão (GOIFMAN, 1994) à partir de uma experiência de produção audio-visual no interior de uma prisão.

Muito bem, toda essa maneira de serem tratados é causa de várias tensões entre os próprios prisioneiros, e entre os prisioneiros e os agentes institucionais. Aliás, já desde a entrada da pessoa na prisão é iniciado um processo que GOFFMAN chama de “mortificação do eu”, e com o qual concordamos plenamente. GOFFMAN descreve, por exemplo, a entrada de um indivíduo na instituição:

“... ao ser admitido numa instituição total, é muito provável que o indivíduo seja despido de sua aparência usual, bem como dos equipamentos e serviços com os quais a mantém, o que provoca desfiguração pessoal”. (GOFFMAN, 1974, p. 28).

GOFFMAN (1974, p.24) assinala que essa entrada do indivíduo na instituição assinala a primeira mutilação de seu “eu”. Em nosso caso, pudemos observar que o indivíduo que adentra a prisão, em primeiro lugar, fica numa solitária à espera da execução dos procedimentos administrativos de praxe, em seguida, fica despido e toma um banho no interior de uma cela, com um carcereiro jateando-lhe a água, depois, é encaminhado com parte de seus pertences ao interior do pavilhão onde ficará, e ali, tem que negociar com outros prisioneiros a sua permanência em alguma das celas, e, em geral, essa negociação implica na doação ou promessa de entrega de algo aos veteranos da cela que se dispuseram a aceitá-lo.

GOFFMAN vai além, e mostra alguns dos rituais, processos e experiências a que são submetidos os internos, mesmo depois de já terem estabelecido a sua estadia no interior da instituição, tais como: A ruptura

nítida e imediata com o passado; os rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do “eu”; a perda de propriedades; a mutilação do “eu” pelas mutilações corporais do tipo, marcas corporais causadas por pancadas, choques e cortes; a baixa da auto-estima; a idéia de que o tempo passado é um tempo perdido, etc.

Concordamos com GOFFMAN, todas essas experiências são constantes na vida dos prisioneiros e, como o leitor poderá notar ao ler a transcrição de nossas entrevistas, elas são muito comuns no interior da instituição por nós estudada.

Enfim, os trabalhos de GOFFMAN constituem uma importante fonte de consulta para o entendimento do ambiente das prisões e, assim como ele, FOUCAULT também nos permite compreender outros aspectos desse ambiente.

SÁ (1996) ressalta a importância da obra de FOUCAULT para os estudiosos das instituições prisionais, dizendo que:

“Quem estiver interessado em captar e compreender as articulações sociais entre prisão, escola, fábrica, quartel, família e outros espaços disciplinares, determinantes das relações travadas na sociedade capitalista, bem como algumas especificidades, inclusive contraditórias da disciplina constituída no espaço prisional, não poderá deixar intangíveis certos escritos de Michel Foucault” (SÁ, 1996, p. 61).

Com o projeto de entender a tecnologia disciplinar envolvida na e pelas relações de poder presentes no interior das escolas, dos hospitais, etc., FOUCAULT estudou a prisão como um modelo exemplar de aplicação dessa tecnologia e da manifestação do poder em “estado puro”.

FOUCAULT entendia o poder como um sistema de disposições e estratégias, capazes de produzirem regras e normas de vigilância e controle sobre os comportamentos humanos. Quando FOUCAULT escreveu *Vigiar e Punir* (1996), são exatamente essas disposições e estratégias e seus efeitos que ele estava interessado em conhecer, apreendendo sua história, suas modificações ocorridas ao longo do tempo, sua eficácia e a extensão

de sua aplicação, sua economia, e, sobretudo, como nos diz SÁ (1996, p.62), sua estrutura lógica e sua expressão no interior da sociedade capitalista.

Para FOUCAULT, o poder permeia todas as relações sociais e não se concentra apenas no interior dos aparelhos do Estado. É no interior das relações sociais que o poder se exprime e se constitui em toda a sua vitalidade, segundo uma certa “economia do poder”, identificada com processos suficientemente capazes de fazerem circular os efeitos do poder no interior de todo o corpo social, sob a forma de relações sociais determinadas e eficientes (SÁ, 1996, p. 63).

FOUCAULT destaca que o corpo humano é o principal elemento tocado por essas relações de força que permeiam a vida social sob a forma dessas relações sociais, e mais, destaca mesmo que ele é o elemento privilegiado a ser atingido por essas forças. Ele diz que o corpo humano está:

“... diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1987, p.28).

FOUCAULT explica ainda que essa submissão do corpo cumpre uma utilidade econômica específica, ela exprime e constitui uma proporção determinada da força de produção do corpo social. O corpo humano é assim sujeito às relações de poder e de domínio que o tornam uma força útil enquanto o tornam um corpo adestrado e, simultaneamente, essas relações de poder conservam a manutenção sistemática do controle sobre esse corpo agora “dócil” e “disciplinado”, conservando a sua utilidade no corpo social.

FOUCAULT destaca ainda que no interior desse sistema de relações o corpo humano se torna ao mesmo tempo um corpo produtivo e submisso, ou melhor, produtivo exatamente porque está submisso ao sistema de relações de forças que o controlam segundo um princípio de utilidade. A esse “saber” do corpo assim adestrado e que o torna um corpo

útil capaz de produção, e ao controle sempre presente que é exercido sobre a utilização de suas forças, FOUCAULT denomina a tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 1987, p.28).

Essa tecnologia política do corpo identifica-se com as estratégias de dominação que compreendem séries de manobras, táticas, disposições e técnicas com os quais se consegue a submissão do corpo humano. E, ao conjunto de métodos que orientam essas estratégias segundo objetivos específicos e bem definidos, FOUCAULT chamou as “disciplinas”, que são as responsáveis por permitirem o “*controle minucioso das operações do corpo*”, ou, como o próprio FOUCAULT diz:

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

SÁ (1996, p. 63) indica serem essas “disciplinas” as mediações centrais das articulações estabelecidas entre as questões relativas ao poder e a prisão. E explica que isso é devido ao fato de que as prisões foram originadas em espaços simultaneamente disciplinares e punitivos, as Workhouse ou “Casas de Trabalho”, construídas na Europa à partir do início do séculos XV, com a finalidade de disciplinarem populações marginais para serem utilizadas como força de trabalho, fazendo o uso de métodos punitivos.

Ora, havendo uma articulação intrinsecamente indissolúvel entre a disciplina e a técnica usada para se conseguir o comportamento disciplinado, FOUCAULT fundamentou a idéia dos princípios técnico-disciplinares a pautarem o adestramento do corpo, e que seriam, o princípio do isolamento, do trabalho alternado e da modulação da pena, assim descritos por FOUCAULT:

“1) Primeiro princípio, o isolamento. Isolamento do condenado em relação ao mundo exterior, a tudo que o motivou à infração, às cumplicidades que a facilitaram...”

2) O trabalho, que se alterna com as refeições, acompanha o detento até a oração da noite: então um novo sono lhe dá um repouso agradável, ao qual não vêm perturbar os fantasmas de uma imaginação desregrada...

3) Mas a prisão excede a simples privação de liberdade de uma maneira mais importante. Ela tende a tornar-se um instrumento de modulação da pena: um aparelho que, através da execução da sentença de que está encarregado, teria o direito de retomar pelo menos em parte seu princípio...” (FOUCAULT, 1987, p. 211- 217).

Cada um desses princípios combinava em seu interior uma série de estratégias e métodos visando o controle minucioso do corpo humano. Por exemplo, o *princípio do isolamento*, previa o afastamento entre os detentos como forma de impedir a contaminação entre aqueles que buscavam o bem e aqueles que buscavam o mal; diminuía a probabilidade de distúrbios coletivos, tais como, motins, protestos e rebeliões; estabelecia um contato direto entre o detento e o poder invisível que impregnava todo o ambiente que o circundava; o *princípio do trabalho* contribuía para a boa formação de uma personalidade mais sociável e respeitadora da lei, simultaneamente à formação de um corpo dócil-útil mais eficiente à sua utilização nos locais de trabalho; e o *princípio de modulação* buscava quantificar e graduar as penas segundo as circunstâncias, com a finalidade de ajustar progressivamente o indivíduo a um corpo dócil-útil no interior da prisão até o término de sua condenação, ou seja, visava a sua transformação contínua e gradual ao longo de sua permanência na prisão.

Em Vigiar e Punir FOUCAULT (1987, p.153) descreve ainda inúmeros recursos utilizados para que se conseguisse o eficiente adestramento do corpo, tais como, o olhar hierárquico, a sanção

normalizadora e o exame, com os quais o poder disciplinar obtinha o seu sucesso.

O *primeiro recurso* compreendia dispositivos e aparelhos que induziam a efeitos de poder sobre aqueles a quem se aplicavam os olhares disciplinadores, que permeavam todo o espaço e eram capazes de observar todos os seus interstícios, concomitantemente à internalização do olhar disciplinador naquele a quem ele era dirigido;

O *segundo recurso* compreendia as micropenalidades aplicadas exatamente sobre onde haviam transgressões percebidas pelo olhar disciplinador, evitando-se assim os micro desvios do comportamento;

O *terceiro recurso* combinava os dois anteriores punindo e sujeitando os indivíduos, através da superposição das relações de poder e saber, pelas quais os indivíduos eram classificados e diferenciados, para que recebessem cada qual a sua sanção devida, face à sua transgressão ou incapacidade de corresponder ao papel a ele imputado e delimitado.

Para finalizarmos o exame do poder disciplinador estudado por FOUCAULT, não poderíamos deixar de mencionar o PANOPTISMO. Trata-se de um projeto de construção elaborado pelo jurista Jeremy BENTHAN em fins do século XVIII, com a intenção de produzir uma peça arquitetônica cujo objetivo era poder estabelecer a possibilidade de uma constante vigilância sobre os internos de uma prisão. Em seu projeto original, BENTHAN concebeu uma construção em forma de anel, onde, ao centro do espaço assim circundado haveria uma torre repleta de janelas vazadas, e que permitiriam a total observação daquilo que acontecia em seu interior.

Embora o panóptico nunca tenha sido construído, o seu projeto tornou-se uma metáfora do espaço prisional e modelo de todas as instituições disciplinares, pois, como muito bem observa GOIFMAN:

“o espaço ideal da prisão se constitui em uma máquina de segurança e observação e, nesse limite, trafega sua arquitetura” (GOIFMAN, 1994, p.114).

O principal objetivo do panóptico era produzir no interno uma constante sensação de estar sendo observado pelos vigilantes, o que se traduzia numa constante “...sensação incorporada de estar sendo vigiado, sensação esta mais importante inclusive do que a observação de fato” (GOFFMAN, 1994, p.114).

Ora, no interior de uma “economia do poder”, o panóptico administraria de uma forma bastante eficiente o espaço e o tempo prisionais e o exercício do poder, pois, o olhar disciplinador do poder estaria em toda a parte, como um Deus onipresente que a tudo visse, dispensando assim o “*O peso das velhas ‘casas de segurança’, com sua arquitetura de fortaleza*” (FOUCAULT, 1987, p. 179).

Além disso, o panóptico também seria capaz de produzir efeitos espontâneos de poder, pois, o prisioneiro incorporaria a vigilância externa tornando-se vigilante de si mesmo, ou, como o próprio FOUCAULT (1987, p. 179) diz, “*Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo*”, de onde uma “economia do poder” ainda maior, pois, dispensaria o olhar dos vigilantes.

É interessante lembrarmos aqui, que na primeira rebelião acontecida na prisão que estudamos, poucos meses após a sua inauguração, a primeira coisa destruída pelos prisioneiros foi o sistema interno de tv, versão moderna do panóptico de BENTHAM, cuja função é também prescindir dos serviços de um contingente maior de vigilantes, provavelmente os prisioneiros rebelassem-se nesse ato contra o poder incorporado neles, e que os oprimia.

Enfim, com GOFFMAN e FOUCAULT aprendemos um pouco sobre as barreiras que dividem a prisão delimitando a existência de um mundo interno e um mundo externo a ela; as formas de aplicação do poder de controle e/ou de destruição que age de formas materiais e simbólicas sobre o corpo e a mente dos prisioneiros; as formas de controle de sua circulação e de sua distribuição em seu interior, etc. Ou seja, pudemos notar até aqui inúmeras formas de aplicação das determinações do ambiente carcerário por sobre os indivíduos encarcerados.

Porém, num estudo de caráter psico-social, não poderíamos deixar de revisar também algumas das contribuições que Kurt LEWIN poderia nos fornecer, ainda mais quando o seu sistema contém conceitos que permitem uma interpretação bastante consistente de nosso objeto de estudo.

Sua teoria de campo compreende que dada uma totalidade de fatos coexistentes e mutuamente interdependentes, o que LEWIN denomina campo, e dado o comportamento de um indivíduo envolvido por esse campo, esse comportamento do indivíduo pode ser compreendido como, uma interação entre ele e o campo que lhe é co-presente, e que o envolve no momento mesmo em que se comporta de uma determinada maneira em seu interior.

Mais especificamente LEWIN nos diz que, são as forças do campo social em mútua e recíproca interação com o campo psicológico do indivíduo que determinam a particularidade momentânea da expressão de seu comportamento. Sendo assim, o indivíduo é então considerado por LEWIN como um subsistema da composição total do campo que o envolve, e, como subsistema, diferencia-se particularmente no interior desse campo total, pela apresentação de barreiras entre ele e o campo total, e vice-versa, e sem as quais não poderia ser diferenciado no interior desse sistema.

Como um subsistema individual que afeta e é afetado pela totalidade do campo ou por outros subsistemas que o compõem, o indivíduo resiste a essas afetações recíprocas no sentido de estabelecer a manutenção de sua natureza própria, preservando o equilíbrio interno de interdependência de seus constituintes e de seu dinamismo interno total.

LEWIN identifica as barreiras com as fronteiras existentes entre cada subsistema particular, cuja função é delimitar seu “espaço de vida”. E mostra ainda que essas fronteiras têm permeabilidades variáveis face às diversas influências do ambiente externo. Ou seja, alguns subsistemas podem ser mais susceptíveis à influência de eventos externos que outros e, ao mesmo tempo, quaisquer deles podem sofrer variações a cada momento. Além disso, LEWIN mostra que o próprio indivíduo é uma

totalidade composta por outros tantos subsistemas, internamente diferenciados e também dotados de suas respectivas fronteiras permeáveis.

Como explica DAMERGIAN (1988), LEWIN mostra que a manutenção do equilíbrio interno do indivíduo é realizado pelo estabelecimento de um jogo dialético, onde, de um lado, dada a permeabilidade da fronteira do indivíduo às afetações do ambiente externo, o seu equilíbrio interno pode ficar comprometido com um certo estado de tensão interno, daí, a necessidade de que a fronteira seja sempre suficientemente forte para impedir que essa influência externa não ultrapasse um certo limiar, além do qual, a tensão interna do indivíduo pode desagregá-lo, e, por outro lado, LEWIN mostra também que essa força da fronteira depende da coesão interna do indivíduo representada por seu estado de equilíbrio frente às variações.

Ou seja, a fronteira externa exprime a unidade constituída pelos subsistemas internos que ela delimita, ao mesmo tempo em que estabelece os modos de interação com o ambiente externo, exercendo a função recíproca de defender a coesão interna do indivíduo contra as afetações exteriores.

DAMERGIAN (1988), interpretando e expondo o sistema teórico de LEWIN em sua tese de doutorado, nos esclarece que essa fronteira identifica-se com a “...*idéia psicológica de limites da personalidade*”(p.42), e que esses limites da personalidade dependem, simultaneamente, da firmeza das suas fronteiras e da relativa segregação funcional que estabelece em sua interação com o ambiente externo que o envolve, pois, sem isso, um indivíduo “...*torna-se presa fácil das influências externas, ainda que as forças atuando na situação não sejam irresistivelmente fortes*”(p.41), já que, nesse caso, fica claro que o indivíduo está muito susceptível à influência externa, e por isso, a necessidade de que o indivíduo esteja “...*segregado de seu ambiente por paredes suficientemente sólidas e firmes*”, evitando ficar totalmente aberto “...*aos sistemas vizinhos*” (DAMERGIAN, 1988, p.46).

Ora, o que LEWIN nos fornece aqui é um sistema de idéias que nos permitiria compreender a interação do encarcerado com o ambiente

carcerário como um jogo de forças em mútua interação, onde talvez pudéssemos entender, por exemplo, a mortificação do “eu” descrita por GOFFMAN, como uma incapacidade do indivíduo para conservar as suas fronteiras suficientemente fortes diante das determinações exteriores que as afligem, e que são aquelas determinações expressas tanto por GOFFMAN quanto por FOUCAULT, e que levariam o indivíduo a níveis constantes de tensão, capazes de deslocarem o seu estado espontâneo de equilíbrio.

Seria esse deslocamento de equilíbrio e o consequente remanejamento da ordem interna de organização dos subsistemas do indivíduo, que poderíamos nos reportar para a investigação da desfiguração da memória no interior do cárcere. Em nosso caso, a contribuição de LEWIN seria a de nos permitir uma interpretação do processo psíquico e corporal interno, que poderia explicar a desagregação do “eu” em sua interação com as forças determinantes de uma “instituição total”, (GOFFMAN) e/ou oriundas da aplicação das “tecnologias políticas de sujeição do corpo” de uma instituição disciplinar (FOUCAULT).

Passemos agora à revisão do estudo dos processos memorativos, segundo os principais autores que influenciaram a concepção desse trabalho.

Como fizemos notar anteriormente, verifica-se um completo desinteresse por parte das instituições prisionais pelos processos memorativos de seus internos, ou melhor, registram-se apenas os dados biográficos que interessam aos mecanismos burocráticos das instituições policiais, judiciárias e penitenciárias. Aliás, essa não é uma característica apenas dos presídios ou das cadeias públicas comuns, pois, lendo o trabalho de Cenise Monte Vicente (1988) realizado no manicômio judiciário, pudemos perceber que a condição de abandono dos seus habitantes é muito semelhante àquela em que se encontram os encarcerados das cadeias e presídios públicos, Cenise escreve à respeito:

“Nas instituições psiquiátricas, o desmemoriamiento não se dá apenas pelo abandono, mas é incrementado, a meu ver, por um papel ativo da instituição, no sentido de despojar seus habitantes de qualquer vestígio

histórico. Sem imagem, sem objetos, sem correspondência, sem visitas, sem amigos, com os dias absolutamente indiferenciados, com a monotonia dos sons e dos cheiros, com o desprezo por sua fala, com a vida sexual reprimida, com todos os movimentos vigiados, o prisioneiro tende a apagar suas lembranças. . .” (grifos nossos) (VICENTE, 1988, p.28).

Vemos a observação de Cenise procurando relacionar a dinâmica institucional com os processos mnêmicos dos indivíduos encarcerado no manicômio judiciário, e ela ainda acrescenta e esclarece o seguinte:

“a situação de confinamento obriga o doente a, com muita frequência, alterar dados de sua biografia” (grifos nossos) (VICENTE, 1988, p.28).

Talvez essas desconsiderações e obrigações sistemáticas realizadas por essas instituições, e tão bem percebidas por Cenise, não sejam apenas casos isolados contingentes ou circunstanciais, mas talvez estejam mesmo exprimindo o espírito de um tempo, no qual, a estrutura real de relações entre os homens, tornou inútil o valor da experiência memorativa e de seu compartilhar social.

Lembremos que Walter BENJAMIN (1987), meditando sobre os acontecimentos e as experiências desenvolvidas no mundo moderno, fez notar a quase ausência de trocas e de intercâmbio de experiências entre as pessoas que o habitam e, nesse contexto, BENJAMIN indaga sobre o valor do patrimônio cultural num mundo em que a experiência não contempla mais a sua ligação com as nossas vidas.

Abrindo uma frente de luta contra o esquecimento, BENJAMIN convidou os intelectuais de seu tempo a engajarem-se numa tarefa comum, que foi a de lutarem pela conservação da experiência memorativa, pois, ele entendia que sem a preservação da memória, a grande rede de encadeamentos e nexos de transmissão da cultura, veiculadas pela tradição através das reminiscências singulares que a compõem, correria o risco de

romper-se de uma forma irrecuperável, e aí, a articulação entre passado e presente também seria rompida, além de que, sendo as narrativas obras produzidas pela coletividade para a transmissão de experiências, sua ausência significaria um declínio dos vínculos coletivos e o fim da ação pedagógica presente em sua natureza de compartilhar e ensinar.

Feita a denúncia, BENJAMIN recuperou a figura do narrador para denunciar a ausência de intercâmbios de experiências, e para mostrar o declínio da existência das narrativas e o fim de seus narradores num mundo que tendia à homogeneidade e ao vazio.

Ora, o processo memorativo trabalha sobre a experiência vivida, e esta assenta-se na percepção e em algum tipo de elaboração real do tempo e do espaço. Porém, vivemos hoje num mundo onde os acontecimentos são apreendidos sem as referências ao tempo e ao espaço.

A “globalização” e os meios de comunicação de massa, pautam-se pela idéia da busca do imediato e pelos processos com velocidades infinitas, onde desaparecem as fronteiras via o desaparecimento da distância entre os lugares, visto que a velocidade infinita que os une num espaço de virtualidade na tela da tv ou na rede mundial de computadores, estingue a experiência da duração ou do tempo de deslocamento, e o próprio deslocamento real.

Frente ao turbilhão de informações veiculadas por esse processo veloz e massivo, a experiência de enraizamento ao real torna-se efêmero e fugaz, não existe o lugar para a experiência da duração e sobra apenas a apreensão seletiva dos eventos cotidianos, pautada pelo princípio da imediatez e da utilidade atual centrada no consumo imediato. O tempo vazio e homogêneo que preocupava BENJAMIN parece estar presente em nosso mundo contemporâneo.

Quando Ecléa BOSI escolhe Henri BERGSON como um dos autores fundamentais de seu “Memória e Sociedade” (1994), talvez Ecléa estivesse querendo, entre outras coisas, resgatar a atenção sobre a experiência de intercâmbio significativo produzido pelo encontro real, de pessoas que dão conta do significado e da importância da troca de suas experiências, vividas na sua relação real atual com o mundo e,

simultaneamente, compartilhando suas lembranças sobre as experiências já vividas, e imaginando e indagando à partir dessa matéria básica, as promessas que o futuro poderia reservar. Como ela mesma escreve:

“A estrutura do comportamento é uma relação entre a consciência e o mundo, jamais cortada por pontos finais. Sendo um traço de união entre o que foi e o que será, é antes de tudo memória” (BOSI, 1993, p. 280). E completa,

“O papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória contrai uma intuição única passado-presente em momentos de duração.

No processo de socialização tem lugar a memória-hábito, repetição do mesmo esforço, adestramento cultural.

No outro polo, a lembrança pura traz à tona da consciência um momento único, singular, irreversível, da vida

Dessa breve evocação bergsoniana fique-nos a idéia da Memória como atividade do espírito, não repositório de lembranças. Ela é, segundo o filósofo, “a conservação do espírito pelo espírito”” (BOSI, 1993, p. 280).

Como veremos mais adiante, nossos entrevistados sofrem grandes impedimentos para fruírem dessa experiência da *lembrança pura*, pois, impedidos de intercambiar suas experiências com os colegas de convívio, e impedidos por si mesmos desse exercício para não serem afetados por paixões tristes, eles se aprisionam ao circuito fechado de uma quase *memória-hábito*. Vejamos agora esses finos conceitos lapidados por BERGSON.

Em *Matéria e Memória* (1990), Henri BERGSON distingue dois tipos de memória: a *memória-hábito* e a memória propriamente dita ou *imagem-lembrança* ou *lembrança pura*.

A primeira, assentada numa memória orgânica ou puramente corporal, exprime-se como um fenômeno predominantemente fisiológico.

Ela se caracteriza por fixar e conservar por força de contínuas repetições, os gestos e as palavras mecanicamente repetidos. Esse automatismo da *memória-hábito* permite uma reprodução mecânica de gestos e palavras, no interior das situações cotidianas sem exigir o recurso da atenção sobre a sua manifestação, e por isso, exerce um papel econômico na ação do indivíduo.

Já a *imagem-lembrança* insere-se nos fatos da consciência e das representações anímicas. Ela se caracteriza por preservar fatos significativos e por evocá-los em situações ímpares, ordenada por conexões governadas pelo fluxo temporal interior, que vai articulando as experiências passadas já vividas às experiências presentes que estão sendo vividas.

A *imagem-lembrança* é o que permite, nas palavras de Ecléa (1993, p.279), “a socialização da memória”, pois, é ela quem estabelece a continuidade do fluxo temporal interior, articulando a experiência presente com a experiência passada já conservada.

Como esse tempo vivido é balizado pela sociedade e pela cultura, a rede complexa de articulações internas de lembranças que vão compondo a memória, exprimem o próprio modo pelo qual o indivíduo viveu singularmente a sua história de relacionamentos com a sociedade e com a cultura.

Buscando articular esse fluxo infinito da memória a quadros de referências sociais historicamente determinados (BOSI, 1993, p.280) que pudessem por formas organizadas a esse fluxo contínuo, Ecléa encontrou na idéia de “*memória coletiva*”, estudada por Maurice HALBWACHS no livro “A Memória Coletiva” (1990), o ponto de apoio para as suas reflexões sobre as relações entre a memória, a cultura e a sociedade.

Diferentemente de BERGSON, HALBWACHS dirige a sua atenção não à conservação passado, mas sim, às maneiras pelas quais há uma reconstrução do passado à partir do trabalho que o indivíduo efetua sobre o seu tempo vivido.

HALBWACHS entende que os processos mnêmicos podem ser apreendidos como processos de elaboração da matéria social. Para ele, o trabalho de reelaboração do passado é regido pela experiência social atual vivida pelo indivíduo, e essa reelaboração toma formas organizadas, determinadas pelas determinações reais dos “*quadros sociais reais*” que a envolvem.

HALBWACHS considera que cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva compartilhada pela coletividade a que pertence o indivíduo que lembra, ou seja, o seu grupo de pertencimento estabelece o suporte e a referência de sua memória individual e, ao deslocar-se, movimentando-se pelo interior de outros grupos de referência, com os quais estabelece novas comunidades de pensamentos e de identificações, novos pontos de vista se apresentarão expressando a sua memória individual, sempre atualizada por esses novos deslocamentos que confundem e reorganizam o seu passado.

Assim, HALBWACHS considera que a lembrança é a um só tempo reconhecimento e reconstrução, que utiliza os quadros sociais para dar formas organizadas à matéria de suas lembranças, e, como essas lembranças são anímicas, o que temos no interior de cada uma dessas reconstruções e reconhecimentos, é então a reconstrução e a preservação do próprio mapa afetivo do indivíduo que lembra (BOSI, 1993).

Ora, no caso desse indivíduo estar inserido numa instituição, esta terá um importante fator de determinação atual na organização de suas lembranças, isto é, a instituição influenciará a sua memória individual através de quadros organizados e específicos de determinações. Isso nos leva a pensarmos em como as determinações da instituição prisional pode influir na configuração das lembranças da pessoa encarcerada, e quais serão as formas de resistência utilizadas por essa pessoa contra a desfiguração de suas lembranças, quando essas determinações externas atingem regiões de seu mapa afetivo, carregadas de significações integradoras de sua unidade psíquica.

Aqui, encontraríamos um amplo campo de apoio em LEWIN, pensando os quadros da memória individual como subsistemas do campo

psicológico do indivíduo, em relação recíproca com os quadros institucionais moldados pela instituição, e que organizam ações determinadas que o afetam.

A justaposição ou possível articulação entre as idéias de Lewin e de HALBWACHS, poderiam sustentar uma interpretação dos esforços desenvolvidos pelo indivíduo para preservar a ordem interna de sua memória individual, frente às determinações oriundas da instituição, que, simultaneamente, deslocaram o seu ponto de vista (HALBWACHS) e o seu ponto de equilíbrio interno (LEWIN), produzindo uma tensão interna (LEWIN) manifestada por uma desfiguração da memória individual (HALBWACHS).

Porém, consideramos que esse ponto chave para o estudo de nosso objeto de pesquisa, o esforço realizado pelo indivíduo para preservar a sua memória da desfiguração infligida pelo ambiente carcerário, não carece dessa articulação interna entre as idéias de LEWIN e de HALBWACHS, pois, consideramos que o sistema espinosano têm em si mesmo essa articulação intrínseca.

Outra preocupação bastante presente nos escritos de Ecléa Bosi, e que também nos cativou e inspirou a realizar esse trabalho, exatamente porque Ecléa o soube expressar de uma forma muito sensível e bastante apaixonante, é a questão do enraizamento e do desenraizamento.

Desde o seu livro “Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias” (1986), onde se preocupa com o desenraizamento linguístico e expressivo das falas de operárias de uma fábrica, passando pelo “Memória e Sociedade: lembranças de velhos” (1994), onde se preocupa com o desenraizamento que vai se dando enquanto a cidade vai perdendo os referenciais materiais da memória, e em alguns artigos, tais como, “Problemas Ligados à Cultura das Classes Pobres” (1979), “Cultura e desenraizamento” (1992) e “A Pesquisa em Memória Social” (1993), onde se preocupa, entre outras coisas, com o desenraizamento provocado pela massificação da cultura, pelos deslocamentos migratórios e pelo trabalho alienado, e ainda em seu curso de pós-graduação no IPUSP, onde pudemos vê-la desenvolver o tema “Cultura e Memória Social”, sempre esteve

implícita ou explicitamente destacado a questão do enraizamento e do desenraizamento.

Particularmente em seu curso no IPUSP, Ecléa nos colocou em contato com um texto cativante de Simone WEIL, contido no livro “A condição operária e outros estudos sobre a opressão” (1979), que por sinal também é organizado por Ecléa, e que se chama “O enraizamento”. Esse texto coloca a questão do enraizamento já em seu parágrafo inicial, mostrando a importância fundamental que este tem para a alma humana, dizendo o seguinte:

“O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente”. (WEIL, 1979, p.317).

Analisando o desenraizamento de migrantes que vêm para a cidade grande à procura de trabalho, que por sua vez é caracterizado pela alienação, Ecléa (1992) constata a experiência desumanizante desses fatores, afirmando que:

“...o desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura. Se a migração e o trabalho operário são desenraizantes, o desemprego é um desenraizamento de segundo grau” (1992, p.18-19).

Fato comum descrito nos depoimentos de nossos entrevistados, a migração por procura de empregos, a volta ao local de origem, sempre que possível, para “matar as saudades” da terra natal, e o desemprego, dão a tônica da experiência vivida e rememorada por eles.

Se o desemprego é tomado por Ecléa como um desenraizamento de segundo grau, não achamos que seria exagero dizer que a experiência vivida no cárcere por homens que migraram à procura de empregos, que foram impedidos pelas condições materiais de existência de se fixarem aos seus locais de origem, e que perderam ou nunca encontraram o seu emprego na cidade grande, e jamais puderam satisfazer o sonho de conseguir uma “vida melhor”, e que agora se encontram impedidos de enxertarem-se até mesmo no ambiente em que estão, só pode ser identificada como uma experiência de desenraizamento de terceiro grau, ou até de quarto grau quando pensamos que alguns dos nossos entrevistados são homens velhos que não cumprem a sua função social de lembrar e ensinar, pois, sua palavra está aprisionada, ou seja, estão desenraizados de sua vocação ontológica.

Analizando os loteamentos populares que ocorrem na periferia das grandes cidades, Ecléa observa o trabalho dos tratores que raspam a camada fértil da terra para torná-la plana, e com isso a condenam à esterilidade (BOSI, 1992, p.18). Refletindo sobre isso, Ecléa nos lembra que:

“... a palavra homem deriva de humus, chão fértil, cultivável. Assim começam os bairros de periferia, despojando o homem da terra de sua própria humanidade” (BOSI, 1992, p.18).

Entre os nossos depoentes, encontram-se vários que vieram de regiões do interior brasileiro onde o solo é pouco fértil, no entanto, são inúmeras as vezes em que eles destacam a felicidade de estarem fixados ao seu lugar, e por manterem as suas vidas ali, às custas de seu trabalho sobre a terra ainda que pouco fértil, pois, ainda que diante de situações precárias, sentem-se fertilizados pela terra infértil que os faz mais homens na relação com o seu trabalho – produzem cultura e por isso se sentem mais homens.

Mas essa fertilidade da terra invocada por Ecléa é também a metáfora do que disse WEIL logo acima, quando identificou o enraizamento à *“... participação real, ativa e natural na existência de uma*

coletividade...”, e que vem, “... automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes...”.

O desenraizamento é o contrário disso, é a expulsão dessa participação pela ação das forças exteriores que condenam ao seu afastamento. Espinosa, o autor central e vital de nosso trabalho, experimentou na própria pele o significado da expulsão dessa participação, assim como os nossos depoentes que aprisionados vêm-se impedidos dela também.

Em 27 de julho de 1656, Espinosa é excomungado de sua comunidade judaica em Amsterdã, com a seguinte sentença de excomunhão (*herem*, em hebraico):

“Os Sres. do Mahamad fazem saber a V[ossas] M[erces] como há diaz q[ue] tendo noticias das más opinioins e obras de Baruch de Espinoza procuraraõ p[or] differentes caminhos e promesas retiral-o de seus maos caminhos e não podendo remedial-o, antes pelo contrario, tendo cada dia mayores noticias das horrendas heregias que practicava e ensinava e ynormes obras q[ue] obrava, tendo disto muintas testemunhas fidedignas que depugerão e testemunharaõ tudo em prezensa do dito Espinoza, do q[ue] ficou convensido; o qual tudo examinaraõ em prezensa dos SSrs. Hahamin, deliberaraõ com seu parecer que ditto Espinoza seja enhermado e apartado da naçam de Ysrael como actualmente o poin em herem seguinte: Com sentensa dos Anjos, com ditto dos Santos, nos emhermamos, apartamos e maldisoamos e praguejamos a Baruch de Espinoza, com o consentimento del Dio Beditto e consentimento de todo este K[ahal] K[ados], diante dos Santos Sepharin, estes com os seis centos e treze preceitos que estan escrittos nelles, com o herem que emheremou Jehosuah a Yericho, con a maldissaõ que maldisse Elisah aos Mossos e com as maldisoins que estão escrittas na Ley. Malditto seja de dia e malditto seja de noute, maldito seja seu levantar e malditto seja seu deytar, malditto elle em seu sayr e maldito elle en seu entrar. Não querera A[donai] perdoar a elle que entonces fumeará o furor de A[donai] e seu zello nesse homen e

yazerá nelle todas as maldisoins as escrittas no libro de esta Ley e arremetará Adonai a seu nome debaxo dos ceos e apartaloá Adonai para mal de todas as tribos de Ysrael com todas as maldissoins do firmamento as escrittas no libro da Ley esta. E vós os apegados com A[donai] voso D[eus], vivos todos vos oje. Advitando que ningham lhe pode fallar bocalmente, nem p[or] escrito, nen darlhe nehun favor, nen debaixo de tecto com elle, nen junto de quatro covados, nen leer papel feito ou escrito por elle”. Notta do Herem que Se Putra da Theba em 6 de Ab contra Baruch de Espinoza, LIBRO DOS ACCORDOS DA NAÇAN, anno 5398-5440”. (texto retirado do livro de CHAUI, (1995, p.6-7).

Espinosa foi expulso por tentar mostrar aos homens o sentido do mais profundo e verdadeiro enraizamento, o enraizamento à substância divina, a fonte originária de todo o nosso ser, existir e agir, e por denunciar todas as formas de opressão e de desenraizamento que impedem os homens de tomarem contato com esse núcleo central de suas vidas. (lembramos que os termos enraizamento e desenraizamento são anacrônicos com respeito ao léxico espinosano, porém, consideramos que eles expressam muito bem os termos que queremos explicar).

CHAUI (1995, p.9-10) aponta as inovações espinosanas no interior da filosofia que o levaram à essa expulsão. Espinosa demonstrou que: 1) Deus e a Natureza são uma só e mesma coisa; 2) Deus não tem características antropomórficas, não age em vista de fins nem de modo misterioso, não tem vontade onipotente nem entendimento onisciente; 3) O homem é livre por ser uma parte da Natureza Divina, capaz de agir e pensar por si mesmo, e não porque é capaz de escolher entre alternativas possíveis; 4) A verdadeira religião é uma relação espiritual natural entre a consciência humana e a divina; 5) o poder político nasce espontaneamente da decisão coletiva de uma massa reunida, e que esse poder é civil e insubmisso ao poderio teológico-político; 6) teologia, política e filosofia diferem entre si, e a teologia é a ausência de saber verdadeiro por forjar mistérios revelados. Enfim, com essas teses Espinosa abalou e contradisse

os poderes e saberes instituídos de seu tempo, e sua inflexibilidade tornou-o uma pessoa insuportável no interior de sua comunidade.

Com a idéia de que Deus e a Natureza são uma só e a mesma coisa, e a idéia de que o homem toma parte na Natureza divina e por isso é livre, Espinosa articula intrínseca e indissoluvelmente a liberdade e o enraizamento, e com isso, suas idéias tornam-se uma chave de abertura ao entendimento da dificuldade levantada por WEIL, de se definir a necessidade do enraizamento tão característico da alma humana.

De fato, para Espinosa o nosso enraizamento à substância divina e a todos os demais seres nela compreendidos, explica-se pela *necessidade*, e por isso pode ser a mais verdadeira certeza do entendimento das necessidades da alma humana quando a sua compreensão é definida adequadamente, como compreendida no interior da essência da substância divina.

O enraizamento espinosano define-se pela idéia de que estamos envolvidos pela substância divina e a exprimimos de uma maneira particular, certa e determinada. A compreensão do significado desse envolver e exprimir só pode acontecer com a leitura atenta de sua obra, que é o que pretendemos fazer, à partir do que aprendemos em cursos ministrados pela Profa. Marilena Chaui, e em seus livros interpretativos da obra espinosana.

O percurso que pretendemos seguir é apresentar as linhas gerais do sistema espinosano, para que se compreenda o profundo significado que o enraizamento substancial tem para o autor. Gostaríamos, mas nos sentimos incapazes, de apresentar a sua experiência histórica e cultural, e por isso trabalharemos aqui com essa lacuna repletos de insatisfação. Tomamos um percurso estritamente epistemológico, e não fomos capazes de reduzir mais a nossa apresentação sem considerarmos que haveria um prejuízo ao seu bom entendimento.

2 – Objetivos da Pesquisa:

A presente dissertação, realizada num presídio localizado no Município de Santo André - SP, teve por **objetivo fundamental** investigar, junto aos seus prisioneiros com idade superior a 45 anos, a influência do ambiente carcerário sobre a evocação auto-biográfica desses homens. Com respeito ao **objetivo específico** deste estudo, busca-se sensibilizar o leitor quanto às situações vividas pelos encarcerados no cotidiano da prisão à partir de seus próprios relatos.

O quadro teórico-metódico fundamental deste estudo, é a obra do filósofo holandês Baruch Espinosa (1632-1677), particularmente suas idéias à respeito das noções de liberdade e servidão humana e sua teoria das paixões humanas, balizadas pela crítica interpretativa da obra espinosana realizada pela filósofa brasileira Marilena de Souza Chauí.

3 - O Método da Pesquisa:

O método desta pesquisa se divide em dois aspectos básicos:

(1) estabelecer a estratégia de identificação do quadro de referência, que permite apreender a forma de organização dos processos mnêmicos e seus campos de significação, sob a influência das determinações do ambiente carcerário;

(2) caracterizar os modos de produção dos dados que sustentam a compreensão específica de nosso objeto de pesquisa, que será apreendido conforme o quadro de referência construído segundo o item anterior.

Quanto ao primeiro aspecto seguiremos o seguinte percurso:

a) Tomaremos como hipótese inicial a idéia de que a experiência vivida pelo encarcerado no interior do ambiente carcerário, identifica-se com a experiência da servidão humana, descrita e explicada por Espinosa no livro IV da Ética.

b) Mostraremos que o conceito de memória estudado por Espinosa, compreende a idéia de que ela pode ser configurada pelas determinações do meio ambiente externo, no momento mesmo em que os processos memorativos estão em atividade e envolvidos por ele.

c) Buscaremos verificar se no interior do ambiente carcerário, os processos memorativos organizam-se em quadros e encadeamentos de lembranças, caracterizadas pelas propriedades que identificam-se com a experiência da servidão humana, já que, a memória espinosana é considerada como uma memória aberta à influência do ambiente externo (item-b), e este último é tomado, por hipótese, como um ambiente caracterizado pela predominância das propriedades pertencentes ao campo da servidão humana (item-a).

Para o adequado cumprimento dessas tarefas realizaremos as seguintes etapas de trabalho:

1) Estudaremos o conceito de memória e servidão humana elaborados por Espinosa;

2) Trabalharemos esses conceitos tendo em vista a busca da afirmação certa de nossa hipótese inicial, e do item b;

3) Para compreendermos algumas das propriedades fundamentais do ambiente carcerário e para podermos verificar a sua identidade, associação ou justaposição com as propriedades inerentes à experiência da servidão humana, e para estabelecermos a estratégia de interpretação dos dados, fundamentalmente assentados no universo das paixões humanas, trabalharemos com o método interpretativo das escrituras, desenvolvido por Espinosa no capítulo 7 do Tratado teológico-político, e adotaremos os cuidados que se deve tomar no uso da linguagem, para isso reportando-nos ao Tratado Teológico Político parágrafos 81 a 90, livros II e IV da Ética e capítulo 16 da parte II do Breve Tratado, onde Espinosa descreve e explica quais são os cuidados que se deve ter ao interpretar as falas e/ou as palavras escritas, dado o fato de pertencerem ao campo da imaginação.

Desta forma esperamos manter a coerência interna entre a nossa escolha teórica e a nossa opção metodológica, além de que, o método interpretativo desenvolvido por Espinosa e os cuidados que ele ressalta com o tratamento de objetos pertencentes ao campo dos signos, volta-se

exatamente para a interpretação do tipo de dados que estaremos analisando, a memória e a imaginação.

Os itens 1 e 2 descritos acima e os cuidados com a linguagem, serão trabalhados no próprio corpo principal de nossa pesquisa enquanto estivermos apresentando o sistema espinosano, o item 3 será por nós explicado logo a seguir.

Método espinosano de interpretação de documentos históricos:

Marilena Chaui sintetiza o método de interpretação de documentos históricos – no caso, a Bíblia -, desenvolvido por Espinosa no Tratado teológico-político, da seguinte maneira:

“Espinosa enuncia as condições reguladoras do trabalho interpretativo: conhecimento perfeito da natureza e propriedades da língua em que o texto foi escrito; coleta e reunião de todos os enunciados referentes a um mesmo assunto, o que possibilita o esclarecimento de um escrito obscuro pela comparação com outros que versem sobre a mesma matéria, sem indagar sobre a verdade das coisas e dos fatos relatados mas apenas sobre o verdadeiro sentido do texto; conhecimento de todas as circunstâncias e particularidades da vida, dos costumes e do temperamento dos autores, das personagens e dos destinatários dos textos, épocas e objetivos da redação e da leitura, fortuna dos escritos (variantes, as mãos em que caíram, alterações que sofreram no curso do tempo, acréscimos, cortes e censuras) e a data da composição da forma atualmente conhecida. Gramática, filologia, etnologia e paleografia devem permitir que o texto seja conhecido por e nele mesmo, de tal maneira que as fontes externas para seu conhecimento sejam compreendidas como internas a ele: inicialmente conhecida enquanto exterior ao texto, aos poucos a história vai sendo apreendida como imanente a ele e melhor compreendida por seu intermédio; se ela oferece as razões do documento, este torna inteligível a

história que o suscitou, ambos instituindo um campo material e cultural internamente articulado” (CHAUI, 1999, p.19).

Nossa opção metodológica sofreu muitas limitações e recortes, para podermos conciliar as exigências do método interpretativo de Espinosa, com a pouca extensão de nosso conhecimento sobre tantas disciplinas, o que significa a impossibilidade de podermos utilizá-lo em toda a sua plenitude.

Vejamos as nossas limitações quanto ao primeiro e ao segundo ponto do método, e que se referem a: **1) a necessidade de possuírmos um conhecimento perfeito da natureza e propriedades da língua em que o texto foi escrito; 2) a necessidade de coletarmos e reunirmos todos os enunciados referentes a um mesmo assunto.**

Temos as seguintes limitações:

1) Quanto às nossas entrevistas, não temos o problema de imposição de grandes limites ao texto transcrito, pois, em primeiro lugar, reunimos todas as falas de nossos entrevistados num único corpo de transcrições, e esclarecemos sobre as circunstâncias que as envolviam no momento mesmo em que eram proferidas, o que já satisfaz parcialmente o critério de se conhecer as circunstâncias que envolveram a vida dos depoentes, pelo menos, na atualidade em que se expuseram a nós. No entanto, nem de longe podemos dizer que possuímos um domínio perfeito da língua portuguesa, o que já impõe limitações à nossa interpretação sobre as entrevistas, e até mesmo sobre o ato de transcrevê-las, o que nos leva a pensar que, o que seria adequado para o perfeito acabamento desse trabalho via o método espinosano, seria a ação conjunta de um grupo interdisciplinar de pesquisadores;

2) Quando Espinosa apresentou o seu método interpretativo, ele pretendia realizar uma interpretação crítica da Bíblia, e para isso escreveu uma gramática da língua hebraica, elaborou uma teoria da definição, e utilizou o método geométrico para garantir as relações entre as idéias e entre estas e as palavras (CHAUI, 1981, p.11). Quanto a esse último ponto, o método geométrico, vale lembrar que ele se justifica por Espinosa

identificar o método de interpretar a natureza com o método de interpretar as escrituras, pois, como ele mesmo diz:

“Muito resumidamente, o método de interpretar a Escritura não difere em nada do método de interpretar a natureza; concorda até inteiramente com ele. Na realidade, assim como o método para interpretar a natureza consiste essencialmente em descrever a história da mesma natureza e concluir daí, com base em dados certos, as definições das coisas naturais, também para interpretar a Escritura é necessário elaborar a sua história autêntica e, depois, com base em dados e princípios certos, deduzir daí como legítima consequência o pensamento dos seus autores. Deste modo, quer dizer, se na interpretação da Escritura e na discussão do seu conteúdo não se admitirem outros princípios nem outros dados além dos que se podem extrair dela mesma e da sua história, estaremos a proceder sem perigo de errar e poderemos discutir com tanta segurança as coisas que ultrapassam a nossa compreensão como aquelas que conhecemos pela luz natural” (ESPINOSA, Tratado Teológico-Político. Cap.7, Tradução de Pires Aurélio, p.207)

O método de interpretar a natureza ao qual Espinosa se refere é o método geométrico dos matemáticos com os seus axiomas, definições, etc., no qual, à partir de princípios certos e definições adequadas das coisas, o processo dedutivo de nosso pensamento pode conhecer as propriedades nelas contidas. Nesse mesmo sentido Espinosa pede-nos que interpretemos também os documentos históricos, o que para ele significa, em primeiro lugar, reportarmo-nos à *prima significatio* do objeto de estudo, isto é, buscarmos através de um estudo etimológico e filológico, os primeiros sentidos guardados no interior das palavras e escritos que representam o objeto, e em seguida, detalhar todas as transformações historicamente determinadas que ele sofreu. Ou seja, em termos atuais, Espinosa articula o método genético das ciências naturais com o método genealógica das ciências sociais.

A *prima significatio* equivale aos primeiros princípios genéticos do livro matemático, a gramática da língua equivale às leis internas que regulam o trabalho intelectual do matemático e equivalem também às leis naturais que explicam os fenômenos naturais, e, as variantes ou transformações ocorridas com as primeiras significações, equivalem às propriedades que se deduzem de certos princípios no interior do livro matemático.

O que é importante ressaltar é que, enquanto princípio genético de elucidação de seus variantes posteriores, a *prima significatio* não se desliga desses últimos, mas é preservada como *ratio* interna deles e eles são imanentes a ela, ela é a *ratio* de um sistema de significações particular. Portanto, conhecer a *prima significatio* do objeto equivale a conhecer o seu princípio formal interno e original de significação, produzido na experiência original dos homens que a fundaram e consolidaram no passado, é a *ratio* da memória social, histórica e cultural por sobre o objeto, e que assegura o núcleo do sentido atual das palavras que representam objetos semelhantes, e que de modo semelhante afetam os homens contemporâneos.

Ora, como na filosofia espinosana estão identificados o princípio formal e o princípio dinâmico, resta-nos indagar qual seja esse princípio dinâmico guardado no interior das palavras. São eles, os costumes, os hábitos inveterados, enfim a história e a cultura que conservam e reproduzem o sentido primeiro das palavras, através da reprodução dos mesmos hábitos e costumes que afetaram a memória e a imaginação de seus primeiros autores, e que foram transmitidas geração após geração através de suas instituições e da composição entre instituições, e que por fim permitiram expressar novas formas de representação do objeto sem grandes deformações da experiência sentida pelos homens em contato com objetos semelhantes.

Em nosso caso, escolhemos as palavras cárcere, prisão, cadeia e presídio como objetos de nosso estudo a representar as principais significações que identificam o ambiente carcerário, pois, consideramos que a experiência comum identifica essas palavras como representantes da

experiência de encarceramento. No entanto, a confusão ou composição entre elas não nos parece casual, mas, constitui-se mesmo numa expressão de reunião e composição delas ao longo da história, enquanto as ações e as percepções espontâneas originais cristalizavam-se em instituições concretas e estáveis.

Como o leitor poderá notar em nosso estudo e inventário etimológico, os sentidos originais dessas palavras ainda estão muito claramente guardados no interior das falas dos prisioneiros, e estão guardadas também na própria descrição do ambiente carcerário, parecem pois representantes de algumas das principais propriedades atuais de sua existência.

Porém, não pudemos pesquisar todas as variantes dessas palavras ao longo da história, até porque no período compreendido pela baixa idade média já não conseguimos fontes bibliográficas suficientes para expor as suas transformações, o que já tornaria impraticável o projeto ideal.

Por tudo isso, ao invés de empreendermos a tarefa de esclarecermos sobre o resumo das circunstâncias históricas e sócio-culturais que as envolviam a cada momento, limitamo-nos ao puro inventário etimológica delas, e limitando-nos ainda a não pesquisarmos a particularidade da vida de seus autores e os seus destinatários, outra tarefa que seria grandiosa demais para nós, e até porque perguntamo-nos sobre como poderíamos, por exemplo, conhecer características pessoais da vida de autores como Homero e Hesíodo? Que são mesmo os principais autores a expressarem a *prima significatio* dessas palavras.

Cremos aqui termos também esclarecido sobre as nossas limitações quanto ao conhecimento das circunstâncias que envolveram a produção dessas palavras e seus variantes. Além disso, o tempo foi assaz devorador de nosso projeto, consumimos cerca de cinco meses apenas para realizarmos o levantamento que está exposto nesse trabalho, e as dificuldades envolvidas com textos em grego e latim foram também muito grandes. O que nos lembra uma última limitação que é a nossa ignorância da gramática em que os textos foram escritos, o grego e o latim, e, para

suprirmos essa carência recorreremos sempre a vários exemplares de dicionários, fazendo a justaposição das diversas interpretações que deram ao sentido das mesmas palavras, e empreendemos a tarefa de recorrer a todas as fontes originais que pudemos encontrar para verificarmos a sua concordância real, buscando o sentido da palavra no contexto do texto em que se encontravam.

Realizada toda essa tarefa, verificamos um ponto de confluência entre a raiz da palavra cárcere (*carcer*) e a raiz da palavra refrear (*coercendis*), que é a palavra *arcere* (conter, reter, apertar, apartar, afastar, repelir, impedir, mandar vir, mandar tirar, e também, governante, chefe, pastor, princípio originante e sustentador de um poder, etc.). *Coercendis* é uma das palavras utilizadas por Espinosa na definição da servidão humana, designando o ato de refrear os afetos sob a influência de causas exteriores, ela tornou-se o nosso ponto de apoio para a identificação entre as propriedades do ambiente carcerário, e a experiência nele vivida como servidão humana, como sendo expressões particulares e imanentes de uma raiz comum - *arcere*.

Passemos agora ao segundo aspecto do método de nossa pesquisa, a caracterização dos modos de produção dos dados de investigação.

Fundamentalmente a matéria básica de análise desse estudo são depoimentos de pessoas encarceradas, pois, consideramos que para os objetivos desta pesquisa, os depoimentos constituem a mais compatível aproximação entre a idéia do objeto de nosso estudo, o processo memorativo no interior do ambiente carcerário, e a esfera circunscrita de experiências vividas por nossos entrevistados, a vida em cárcere com outros homens com os quais trocam experiências de vida.

Consideramos que os depoimentos permitem um livre curso de pensamentos e de lembranças, e por isso, são apropriados à expressão daquilo que experimentaram ao longo da vida, sem a interferência de um padrão exterior de entrevista que os emoldurem.

Para acolhermos esses depoimentos fizemos uso de um gravador para registrar a fala de nossos entrevistados, e para registrarmos

as entrevistas de apoio que pudessem esclarecer questões importantes sobre a vida em cárcere.

No primeiro rol de entrevistas, optamos por entrevistas onde iniciávamos com um pedido de depoimento sobre a história de vida do entrevistado, e depois não mais interferíamos em sua narrativa a não ser nos casos em que: **(01)** precisássemos entender melhor o contexto ou alguma condição particular em que a experiência narrada estava encerrada; **(02)** nos casos em que parecia ininteligível o que era dito, seja pelo constante ruído que nos envolvia por causa das reformas do prédio que nos abrigava, e que foi destruído por uma rebelião; seja porque o entrevistado estivesse falando num tom muito baixo, o que dificultaria a gravação; seja porque às vezes suas palavras se embaralhavam e pedíamos a ele que repetisse o que havia sido dito, para não tornar ininteligível a futura transcrição da fita, o que de qualquer modo não pudemos impedir que ocorresse.

No caso das entrevistas de apoio, com os encarcerados, estas tinham um padrão mais estruturado, onde buscávamos informações mais precisas sobre as dificuldades que o ambiente carcerário impunha ao livre depoimento de histórias de vida, sobre o que entendiam ser a identidade prisioneira e sobre a vida política do país percebida por eles. Essa última questão colocada tinha a intenção de perceber o significado da política para eles, pois, esperávamos ver aí revelado o que para eles significava a sua relação com a alteridade na vida em cidade, e o significa do poder público, o mesmo que hoje os constrange no cárcere.

Também realizamos entrevistas com três carcereiros para conhecermos um pouco de sua profissão, de sua vida pessoal, e como percebiam os encarcerados, para que pudéssemos ter uma idéia da relação entre eles, pois, dentre todos os agentes prisionais, os carcereiros são os que convivem mais próximos dos encarcerados, e portanto, tem uma percepção mais experiente da vida que levam, além disso, tínhamos o objetivo de conhecer o que eles entendiam ser a condição e a figura do encarcerado, para que pudéssemos compreender as similaridades ou

disparidades de seus depoimentos com os dos próprios encarcerados, e ver aí, possíveis zonas de encontro ou de conflito entre essas interpretações.

Por fim, entrevistamos a pessoa responsável pela coordenação dos cursos de formação de carcereiros, para que pudéssemos entender com que preparo e com que compreensão os carcereiros vêm a exercer o seu trabalho, e também para conhecermos um pouco do paradigma subjacente a esse preparo, pois, consideramos que tal paradigma pode justificar intelectualmente certas ações praticadas pelos carcereiros, e gostaríamos então de conhecer que sistemas de idéias subjazem a elas desde a sua origem oficial.

Essas entrevistas com os encarcerados, carcereiros e com o responsável pela coordenação dos cursos de formação de carcereiros, foram todas gravadas e em seguida transcritas para o papel, sendo que, a linguagem de comunicação foi mantida tal como expressa pelos entrevistados.

Posteriormente, as entrevistas dos encarcerados foram transpostas para um quase formato de monólogo, procurando expressar um *continuum* narrativo. Optamos por esse formato de apresentação por um desejo de estilo, e por considerarmos que o importante seria o conteúdo ali expresso. Consideramos também que as nossas intervenções não foram causadoras de desvios expressivos de sua narrativa, e por isso, o *continuum* narrado é tal como foi expresso, sem qualquer mudança de organização.

Realizamos também entrevistas com o delegado de polícia titular e com o diretor de disciplina da instituição, para que conhecêssemos melhor a sua estrutura, e a visão que tinham da mesma e dos encarcerados, e também para que firmássemos uma ponte de confiança com eles, explicando a natureza de nosso trabalho. E, na verdade, o nosso principal elo de ligação com os prisioneiros foi um outro sentenciado que prestava assistência jurídica aos demais encarcerados, e que os chamava sempre que vínhamos entrevistá-los.

Todas essas entrevistas serão ao longo da dissertação explicitadas quanto ao seu conteúdo, e quanto à situação em que se deram, por ora, esperamos apenas relatar parte do modo como foram realizadas.

Vejamos agora quem foram os nossos depoentes principais, descrevendo também o histórico e a estrutura da instituição em que se encontram.

A) AMOSTRAGEM:

Os Depoentes:

As pessoas que aceitaram produzir os depoimentos que apoiaram a realização deste estudo, são oito homens com a idade muito próxima ou acima de 45 anos, oriundos das mais diversas regiões do país, e que estão encarcerados numa instituição prisional localizada na cidade de Santo André, região do grande ABC paulista, cumprindo penas de detenção motivadas por causas diversas.

O critério de escolha dos Depoentes:

O principal critério de escolha dos entrevistados foi a idade, sempre superior a 45 anos ou muito próxima dela, idade considerada como a idade de um velho na cultura prisional, onde quase 95 % da população tem idade inferior a esta.

A escolha desse critério foi motivada pelas seguintes intenções: 1) esperávamos que com uma idade mais avançada, os depoentes pudessem tecer uma rede mais extensa de lembranças; 2) esperávamos que as narrativas pudessem estar mais libertas das muitas expectativas e projetos de futuro característicos da juventude, e libertas também das exigências e obrigações que a vida adulta atuante impõe, por exemplo, a preocupação em ganhar a vida, os problemas com as exigências sociais de trabalho e de *status*, os cuidados com a família, etc. Assim, desligadas desses fatores condicionantes dos ideais e das lidas diárias, esperávamos uma evocação auto-biográfica mais concentrada e atenta à matéria essencial

do passado, esperávamos uma evocação capaz de operar e dar sentido à síntese de uma vida inteira, seu significado, seus caminhos e descaminhos, sua aproximação ou distanciamento dos sonhos de outrora, etc.

Descobrimos no entanto que a vida na prisão desperta a esperança de realização de sonhos jamais alcançados ao longo da vida, e que batalhar pela vida, é uma ação sempre atual de quem nunca alcançou uma condição material de vida que possibilitasse o conforto para o devaneio.

O passado recordado fora da prisão é pode ser mais caracteriza pelo trabalho de auto-afirmação, de consideração sobre o sentido da vida, e de comparação entre as matérias da história e da cultura em tempos distintos, produzindo um contínuo; dentro da prisão é angústia, é sinal do declínio, é a idéia de que nada valeu a pena, o passado, como dizem sempre os nossos entrevistados, é melhor esquecer.

A Instituição:

A instituição prisional em questão é o DACAR-07, Departamento de Assuntos Carcerários, ligada ao Departamento de Polícia Judiciária da Capital (DECAP), que é o órgão de execução da polícia civil, responsável pela administração dos cadeões públicos da capital e grande São Paulo.

O DACAR-07 foi inaugurado em 1994, juntamente com outros doze estabelecimentos idênticos, que serviriam como modelo padrão no interior de um novo modelo do sistema carcerário. Tal estabelecimento seria totalmente automatizado e computadorizado, no que diz respeito à segurança, ao controle e fornecimento de energia elétrica, água, portas automáticas e circuito interno de tv, porém, em outubro de 1995, por conta de uma rebelião que objetivava a retirada do telhado para que se pudesse tomar banhos de sol com mais frequência, toda a estrutura de automação do prédio foi destruída.

Originalmente o DACAR-07 e seus similares foram criados para a custódia de réus primários ou daqueles que estivessem em fase de trânsito, enquanto não fossem determinadas as suas sentenças definitivas, porém, com a superlotação das cadeias públicas e dos presídios do Estado, muitos sentenciados e já condenados ou reincidentes foram transferidos para o DACAR-07, de tal modo que, hoje, já não há mais tal seleção de pessoal e o estabelecimento recebe detentos em qualquer situação de condenação.

Com tudo isso, o DACAR-07 ainda oferece uma estrutura de melhor qualidade quando comparado a outras unidades prisionais. Ele possui 500 vagas ocupadas num total de 600 vagas disponíveis, o que significa que o DACAR-07 não oferece o problema comum de superlotação tão característico dos demais estabelecimentos.

Além disso, sua estrutura básica também oferece melhor qualidade de vida aos detentos, ele possui 75 celas onde podem habitar até oito pessoas, são celas que possuem banheiro, torneira, instalação elétrica e camas com colchões, semanalmente os detentos podem receber assistência médica, odontológica e de enfermagem por parte de plantonistas periódicos.

Contam ainda com o auxílio de um setor jurídico criado por um sentenciado, ex-estudante de direito, que, junto à direção da instituição conseguiu criar um setor de assistência judiciária, que se resume à sua boa vontade e aos seus conhecimentos sobre a estrutura do sistema e do direito, uma mesa, uma cadeira e uma máquina de escrever ocupando um canto de um corredor. Com essa micro estrutura ele auxilia os colegas nos seus pedidos de benefícios junto à vara de execuções, ao conselho penitenciário ou à coordenadoria dos estabelecimentos penitenciários. Porém, segundo esclarecimentos desse jovem, em geral, os pedidos não são aceitos ou demoram muito a serem considerados, o que causa estados de ansiedade e tensão entre aqueles que aguardam respostas aos seus pedidos, e revolta daqueles que não tem seus pedidos aceitos ou considerados em prazos justos, o resultado disso, muitas vezes, é a revolta e a adesão ou estímulo ao desencadeamento de rebeliões.

O DACAR-07 é administrado internamente por uma estrutura que consta de um delegado de polícia titular, ao qual está subordinado um diretor de disciplina responsável pela convivência entre funcionários e sentenciados. Há ainda os funcionários burocráticos e quatro plantões de carcereiros subordinados ao diretor de disciplina, carcereiros que são os responsáveis pelo contato direto com os sentenciados, realizando a guarda, transporte e comunicação com os mesmos.

Motivos Para a Escolha da Instituição:

Foram essas características privilegiadas do DACAR-07 que nos fizeram adotá-lo como local de pesquisa, pois, se para o Estado este é um estabelecimento modelo, e se suas instalações e organização parecem não serem causas de maiores transtornos aos seus habitantes, então, gostaríamos de verificar o que a experiência do encarceramento, em estado “*puro*”, poderia produzir na singularidade de um indivíduo submetido a ele.

Caracterização e Modos de Produção dos Dados:

Caracterizamos os dados que apoiam esse estudo como: **(01)** depoimentos dos encarcerados; **(02)** entrevistas de apoio à compreensão do ambiente carcerário; **(03)** dados gerais de apoio à pesquisa.

No primeiro caso temos os depoimentos dos encarcerados que se referem aos seguintes aspectos: **(01)** Narrativas auto-biográficas; **(02)** Identificação das dificuldades de recordar e comunicar sua histórias biográficas no interior da prisão; **(03)** Impressões sobre a figura prisioneira; **(04)** A percepção da vida política do país ao longo da vida; **(05)** Depoimentos auto-biográficos numa situação de grupo.

No segundo caso temos as entrevistas de apoio à compreensão do ambiente carcerário, e que se referem aos seguintes aspectos: **(01)** Entrevistas de apresentação aos encarcerados; **(02)** Entrevistas para a

coleta de dados pessoais dos encarcerados; **(03)** Entrevistas com o delegado de polícia titular, o diretor de disciplina e o assistente judiciário; **(04)** Entrevistas com carcereiros; **(05)** Entrevista com o responsável pela coordenação dos cursos de formação da academia de polícia.

No terceiro caso temos os dados gerais de apoio à pesquisa que se referem a: **(01)** documentos anexos; **(02)** revisão de literatura pertinente à instituição prisional e a obras literárias que referem-se a biografias de encarcerados; **(03)** Bibliografia específica de nossos estudos etimológicos e historiográficos; **(04)** Obras de apoio ao estudo da memória.

B) APLICAÇÃO:

Aplicação das Entrevistas, Objetivos e Contexto:

Apresentação aos Encarcerados: O local do primeiro grupo de entrevistas de apresentação ocorreu numa sala onde funcionava o ambulatório, que, durante as entrevistas estava desocupado. Nossa primeira apresentação a todos os entrevistados seguiu sempre um padrão comum como o que segue:

O pesquisador apresentava-se declarando ser psicólogo e estudante de um curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo, dizia também que estava desenvolvendo uma dissertação de mestrado, e que esta envolvia uma pesquisa que carecia da necessidade de realização de algumas entrevistas com pessoas que estavam encarceradas, e que por isso, havia ido até aquela instituição buscando encontrar pessoas que se deixassem ser entrevistadas.

Em seguida dizia que as entrevistas seriam marcadas individualmente, que teriam duração média de uma a duas horas, e que nelas não precisariam revelar sua identidade se não quisessem, embora as

entrevistas tivessem que ser gravadas para que depois fosse possível transcrevê-las para estudá-las.

Depois, esclarecia que o objetivo específico da pesquisa era conhecer a influência do ambiente carcerário sobre a memória das pessoas encarceradas, e que queria conhecer o que as pessoas encarceradas lembravam da história de suas vidas naquela situação.

Por fim, dizia que a pesquisa em nada contribuiria ou comprometeria a estadia deles naquela instituição, alertava para o fato de que não pertencia a qualquer instituição ligada à justiça ou ao sistema prisional, nem estava ali para realizar qualquer espécie de avaliação psicológica para fins de laudos judiciais, e reforçava o teor meramente acadêmico do empreendimento.

Obs: Essa entrevista de apresentação precisou ser repetida, pois, na mesma semana em que ela foi realizada pela primeira vez, ocorreu uma rebelião no presídio que só tornou possível a nossa volta até ele depois de cinco semanas, em função da necessidade de recuperação do que havia sido destruído.

Coleta de Dados Pessoais dos Encarcerados: Voltando ao presídio após a rebelião, já não havia um local muito apropriado para a realização das entrevistas, em termos de conforto para o entrevistado e ausência de ruídos para uma gravação mais clara. Todo o local acessível à entrevista estava destruído e tivemos que fazer de tijolos de concreto, latas usadas, ou pedaços de madeira apoiados em pedaços de tijolos as nossas cadeiras. No ambiente de entrevista pisávamos em cascalhos que caíram do teto durante a rebelião, e até a última entrevista realizada, o ambiente sempre permaneceu nas mesmas condições.

Nessas entrevistas de coleta de dados pessoais realizamos o nosso terceiro contato com os encarcerados. Nela, coletamos dados pessoais ao mesmo tempo em que aquecíamos o nosso contato de confiança, para a realização da entrevista que realmente nos interessava. Compreendíamos que o aprofundamento gradual dos contatos e das

conversas fossem necessários, até porque, posteriormente as entrevistas seriam gravadas, o que certamente geraria alguma tensão nos entrevistados.

Pelo fato dessa entrevista de coleta de dados identificar os encarcerados, dizíamos que as questões que faríamos podiam não ser respondidas se assim desejassem, porém, nenhum entrevistado se negou a identificar-se, e portanto, todos responderam a um questionário cujo roteiro era o seguinte, mas cujas identificações reais foram trocadas na transcrição para zelar pelo sigilo do entrevistado:

Nome; Idade; Profissão; Estado Civil; Local de Nascimento; Data de Nascimento; Nome do Pai; Nome da Mãe; Nome da Companheira; Idade da Companheira; Profissão da Companheira; Nome/Idade/Sexo de Irmãos e Irmãs; Nome/Idade dos Avós Paternos e Maternos; Nome/Idade/Sexo de Filhos e Filhas; Grau de Escolaridade do Entrevistado/Pais/Avós Paternos e Maternos/Companheira/Filhos. Local de Nascimento dos Pais/Avós/Companheira; Em que Trabalhavam os Pais/Avós.

Narrativas Auto-Biográficas: Nessas entrevistas que duraram em média entre uma e duas horas cada, pedíamos aos nossos entrevistados para que contassem a história de suas vidas, procurando lembrar tudo aquilo que pudessem, desde a mais longínqua recordação. Explicávamos essa extensão de nosso interesse, tirávamos dúvidas sobre essa extensão, e reafirmávamos que gostaríamos que contassem toda a estória de vida deles, e por fim, o pesquisador, de modo claro e pausado, fazia o seguinte pedido:

“Conte-me a história de sua vida, desde o seu nascimento até hoje, conte-me tudo o que lembrar, da infância, da adolescência, da vida adulta, conte-me tudo o que vier à sua cabeça, tudo é importante, conte-me os seus sonhos antigos, o que pensava do futuro em outros tempos, conte-me tudo o que lembrar, tudo é muito importante, não despreze nada”.

A partir desse pedido apenas estimulávamos a continuidade da narrativa, sem fazer qualquer outra pergunta ou pedido, que não aquelas

que se relacionassem à compreensão de pequenas falas às vezes incompreensíveis no interior do que estava sendo narrado.

Durante os silêncios da entrevista sempre esperávamos o retorno da fala pela iniciativa espontânea do próprio entrevistado, e se nesse retorno ele dissesse que não havia mais nada a falar, dizíamos novamente que tudo era muito importante, qualquer detalhe era importante, e pedíamos para que ele se entregasse novamente às recordações, sem controlá-las, e que apenas as expressasse como lhes viessem à cabeça.

Esse mesmo modelo de entrevista foi repetido em outras duas entrevistas coletivas onde foram reunidos três pessoas em cada uma. Nelas, além de ser realizado o mesmo pedido anterior, mas desta vez ao grupo, pedia-se que, se a fala de um estimulasse uma recordação em outro, então, que esse outro manifesta-se o que lembrou, e assim indefinidamente. O resultado foi um diálogo bastante rico em ambas as entrevistas, todos sentiram-se bastante confortáveis em expor o que lembravam, e permaneciam sempre muito atentos ao que também ouviam dos companheiros.

No entanto, dada a extensão em que se tornou essa pesquisa, omitimos o resultado dessas entrevistas e sua análise, pois, não tivemos tempo de analisá-las adequadamente. Porém, de um modo geral pareceu-nos claro que em grupo a entrevista foi dotada de uma frequência maior de relatos ligados a paixões alegres, diferentemente das entrevistas individuais, mais frequentemente acompanhadas de relatos ligados a paixões tristes

Apoio à Compreensão do Ambiente Carcerário: Nessas entrevistas tínhamos uma postura mais diretiva, procurando fazer com que o entrevistado focalizasse a sua atenção em torno das seguintes questões: Quais eram as dificuldades que o ambiente carcerário trazia para aqueles que desejassem recordar e comunicar suas histórias de vida? Que impressões tinham da natureza do prisioneiro? O que recordavam da vida política do país e qual o sentido da política para eles?

Tais perguntas eram dirigidas e esclarecidas uma única vez, e depois, apenas estimulávamos a continuidade da narrativa e esclarecíamos falas pouco compreensíveis.

Entrevistas com a Direção: A intenção dessa entrevista era conhecer a estrutura do ambiente carcerário à partir da visão de seus administradores, e conhecermos também o que pensavam da identidade prisioneira, entrevistando o delegado de polícia titular e o diretor de disciplina.

Entrevistas com os Carcereiros: Com a mesma apresentação padrão realizada em nosso primeiro encontro com os encarcerados, em seguida, iniciávamos o nosso contato com os carcereiros esclarecendo que nosso interesse em entrevistá-los devia-se ao fato de serem as pessoas que mais permaneciam em contato com os encarcerados, e que por isso, tal vivência poderia nos ajudar a compreender como é constituído tal ambiente. Além disso, indagamos sobre a realidade de sua vida profissional e pessoal, para que conhecêssemos de uma maneira mais global a vida daquele trabalhador, e os dilemas diários que vive. Perguntávamos também sobre o que pensavam ser os prisioneiros para identificarmos as suas interpretações.

Essas entrevistas também foram gravadas e transcritas, e tiveram um sentido diretivo, onde, feita uma pergunta esperávamos o esgotamento da resposta, clareávamos pontos obscuros de entendimento, e passávamos a outras questões.

Entrevista com o responsável pelo curso de formação de Carcereiros: Esta entrevista foi realizada no interior da Academia de Polícia, com o objetivo de conhecermos como era a formação de um carcereiro, e como esse responsável pela formação dos carcereiros pensava ser um prisioneiro, pois, esperávamos com isso conhecer o paradigma interpretativo que é transmitido aos próprios carcereiros em formação. A

entrevista foi diretiva tal como a realizada com os carcereiros, e também foi gravada e transcrita.

Dados Gerais Sobre as Entrevistas:

Para este estudo foram realizadas 53 entrevistas, no interior de 21 visitas à instituição, e 01 visita à academia de polícia, efetuadas ao longo de 22 semanas, no período que vai de 16/06/97 a 03/11/97, e que foram assim distribuídas:

- 02 delegado de polícia titular.
- 02 diretor de disciplina.
- 02 responsável pela assistência judiciária.
- 08 encarcerados - primeira apresentação da pesquisa.
- 08 encarcerados - segunda apresentação da pesquisa.
- 08 encarcerados - coleta de dados pessoais.
- 08 encarcerados - entrevista tema.
- 08 encarcerados - entrevista auxiliar.
- 02 encarcerados - entrevista coletiva.
- 03 carcereiros.
- 01 responsável pelos cursos de formação da academia de polícia.

Distribuição das Entrevistas/Semanas:

Semana	E01	E02	E03	E04	E05	E06	E07	E08	E09	E10
01*	0x1	0x1	0x1							
02			1x1							
03				2x4						
04	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
05	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
06	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
07	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
08	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
09*	0x1	0x1	0x1							
10				2x4						
11					2x4					
12						2x2				
13						2x2				
14	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
15							2x2			
16							2x2			
17	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
18	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx
19								2x3**		
20									1x2	
21									1x1	
22										1

Legenda das Entrevistas:

(ixj) = (números de visitas x número de entrevistas)/semana.

E01 = Entrevista com o diretor da prisão.

E02 = Entrevista com o chefe de disciplina.

E03 = Entrevista com preso auxiliar.

E04 = Entrevista de apresentação.

- E05** = Entrevista para a coleta de dados pessoais.
- E06** = Entrevista tema.
- E07** = Entrevista auxiliar.
- E08** = Entrevista coletiva.
- E09** = Entrevista com carcereiros.
- E10** = Entrevista com ast. cursos de formação da acad. de polícia.
- xx** = Intervalo entre rebeliões/fugas/outros.
- *** = Semana em que houve uma só visita para todas as entrevistas.
- **** = Duas entrevistas realizadas simultaneamente com 3 pessoas.

As Entrevistas Resultaram em:

41 horas de entrevistas gravadas e inúmeros relatórios de descrição dos contextos em que foram realizadas. Com aproximadamente 1000 horas computadas entre entrevistas e transcrição de fitas.

C) Tratamento dos dados:

A forma de tratamento é a seguinte: **(01)** À partir da identificação das principais propriedades de expressão do ambiente carcerário, da identificação das características envolvidas na experiência da servidão humana, e da associação ou justaposição entre esses dois elementos, passamos a identificar no interior dos depoimentos de nossos entrevistados, lembranças ou falas, que identifiquem a expressão de processos memorativos ou quadros referenciais de lembranças que estejam subordinados à força de determinação do ambiente carcerário; **(02)** das entrevistas de apoio estendemos a compreensão daquilo que foi narrado pelos prisioneiros, verificamos os conteúdos que tornaram mais compreensível certos temas específicos narrados por eles, e tomamos a totalidade dessas entrevistas de apoio como matéria de reflexão e de descrição da própria realidade do ambiente carcerário.

4 - Introdução ao pensamento de Espinosa:

Baruch Espinosa é um autor polêmico, inovador e instigante. Muito discutido, comentado e interpretado no interior da filosofia, principalmente por suas teses à respeito da natureza de Deus, dos homens, da religião e do poder político, Espinosa é insuficientemente estudado no campo da psicologia, muito embora tenha produzido uma teoria original à respeito da natureza da mente humana e das relações que esta mantém com o corpo humano, uma teoria sobre a natureza das paixões e dos desejos humanos, e uma teoria sobre os gêneros de conhecimento, etc..

Para situar adequadamente a obra espinosana seria necessário compreendê-la, à partir da contextualização do momento histórico que Espinosa viveu em seu tempo, quais foram as suas preocupações, as suas influências e quais as interlocuções que manteve no decorrer de sua produção, etc..

Porém, como já fizemos notar anteriormente, a exposição dessa matéria foge à nossa capacidade de situá-lo adequadamente nesse trabalho, principalmente por faltar-nos o verdadeiro entendimento de toda a complexa rede de influências que o afetou em seu tempo, e por isso optamos apenas pela apresentação do aspecto epistemológico de sua obra, indispensável à compreensão dos processos envolvidos com o nosso objeto de estudo.

Assim o que pretendemos aqui é apenas fazer notar a força interna espontânea de suas idéias e a novidade do seu pensamento quanto às questões da imaginação, da memória, da liberdade, da servidão humana, e

sobre o enraizamento à substância divina como paradigma fundamental de todos os enraizamentos experimentados pelo homem.

Sendo assim, nossa apresentação expressa-se de uma maneira bastante parcial, pois, tudo o que Espinosa escreveu polemizava com o espírito de seu tempo, e portanto, nosso recorte puramente epistemológico faz perder a expressão de sua verdadeira causa eficiente e imanente – a história -, logo, a nossa apresentação é um tanto quanto mutilada. (Obs: Para que o leitor não se sinta frustrado com esse recorte, convidamo-lo à leitura do livro “*A Nervura do Real: Imanência e liberdade em Espinosa*”, 1999, onde a autora, Marilena CHAUI, poderá satisfazer ao leitor mais exigente)

Abriremos a nossa exposição considerando dois aspectos muito relevantes da obra espinosana. O primeiro deles é a tomada de sua obra como uma obra fundamentalmente política, o segundo, é a tomada de sua obra como uma filosofia caracterizada por seu racionalismo absoluto.

Ambos os aspectos podem ser apreendidos de um modo intrinsecamente articulado em sua obra magna, a *Ética*, onde também estão compreendidos todos os temas que serão considerados posteriormente por nós, no decorrer do desenvolvimento deste trabalho. Nesse momento, a intenção dessa abertura panorâmica é apenas a de envolver o leitor no espírito do pensamento de Espinosa, principalmente à partir dessa obra maior, a *Ética*.

A *Ética* é uma obra política absolutamente racional:

A matéria estudada na obra magna de Espinosa, a “*Ética demonstrada à maneira dos geômetras*”, não se dirige ao estudo dos fundamentos, sentidos e finalidades dos costumes, valores e padrões de condutas individuais e coletivos de uma sociedade, como à primeira vista poderia sugerir o título, nem tampouco se debruça sobre qualquer tipo de reflexão à respeito dos deveres morais. A preocupação fundamental da *Ética* é definir e demonstrar adequadamente, o que seja ser, existir, agir e conhecer-se em ato como homem singular, isto é, sua preocupação

fundamental é apresentar a gênese das causas produtoras da essência, da existência e das ações do homem singular, bem como a da própria idéia de homem singular em nós (CHAUI, 1997).

Tomando a Ética da perspectiva apontada acima, ela se apresenta então como uma antropologia definindo o que é o ser humano, uma epistemologia preocupando-se com a gênese desta definição, e como uma lógica explicitando a inteligibilidade desta gênese de causas produtoras do homem e das idéias que o definem (CHAUI, 1997).

No decorrer da Ética, para demonstrar esta complexidade genética das causas produtoras do homem singular e a total inteligibilidade de sua essência, de sua existência e de seu agir, Espinosa vai construindo um sistema complexo constituído também por uma metafísica, uma física, uma psicologia, uma fisiologia, uma anatomia, etc. Para Espinosa, a constituição do real é necessariamente diferenciada e complexa, e envolve a unidade de uma multiplicidade complexa de constituintes que se exprimem por modos particulares, como coisas singulares integradas à totalidade do real, de uma maneira absolutamente inteligível, e portanto, a Ética é um racionalismo absoluto (CHAUI, 1997).

Espinosa vai demonstrar que para o homem, a maior virtude a ser alcançada é apreender-se como um ser que toma parte ativa na Natureza, isto é, como um ser que é simultaneamente capaz de conhecer sua essência singular envolvida pela ordem inteira da Natureza, e que persevera no esforço de tornar-se cada vez mais apto a viver singularmente esse envolvimento com ela, exprimindo-a de um modo singular, certo e determinado, no interior de um sistema de forças produzidas por outras essências singulares que a afetam e são afetadas por ela – essa é a própria essência do homem livre.

A Ética é então uma obra fundamentalmente política, pois, tem como tema central a reflexão sobre a natureza do esforço humano para alcançar a liberdade na relação com outros homens, cujo sentido mais natural de expressão é o sentido do político.

A essa participação ativa na ordem inteira da Natureza, chamaremos aqui (de um modo anacrônico com respeito ao léxico espinosano) de

enraizamento à ordem inteira da Natureza. Logo, para os nossos termos, o sentido do político na Ética de Espinosa é alcançar a natureza e o sentido da liberdade humana como uma aptidão para conhecer, ser, existir e agir em ato como um homem singular enraizado à ordem inteira da Natureza e com os outros homens. E assim, a liberdade esta radicada ao real.

Como disse Einstein certa vez:

“O ser humano é uma parte do todo, chamado “Universo” uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele percebe a si próprio, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto, uma espécie de ilusão da consciência. Essa ilusão é para nós como uma espécie de prisão, que nos restringe aos nossos desejos e ao afeto por poucas pessoas próximas a nós. Nossa tarefa é nos libertar dessa prisão, ampliando nossa esfera de amor para envolver todos os seres vivos e a Natureza em toda a sua beleza”

Einstein apreende os sentimentos e pensamentos que separam os homens da totalidade do real e de si mesmos, a partir de uma certa “espécie de ilusão da consciência” que os aprisiona, isolando-os e separando-os uns dos outros e de todos os seres da Natureza, tornando-os seres individualistas, fechados a um mundo restrito que restringe seus desejos e afetos apenas a “poucas pessoas próximas”.

Einstein declara ainda que essa “ilusão da consciência” está associada ao nosso desenraizamento do real, e propõe a atitude emancipadora e enraizadora à fonte de todo nosso verdadeiro conhecer, ser, existir e agir, a ampliação de “nossa esfera de amor para envolver todos os seres vivos e a Natureza em toda a sua beleza”.

As ênfases dadas por Espinosa e Einstein à necessidade de conhecermos nossa própria natureza, e de compartilhar esse conhecimento com outros homens como condições para se alcançar o sumo bem, demonstram claramente o cunho social e político da atitude desses dois autores, a felicidade é alcançada com o outro, portanto, importa saber as condições desse encontro feliz.

Como afirma Espinosa, “*O bem que cada um dos que seguem a virtude deseja para si, desejá-lo-á também para os outros homens, e tanto mais quanto maior for o conhecimento que tem de Deus*”(EIV, P37), e, “*Enquanto os homens vivem sob a direção da Razão, só nessa medida eles convém sempre necessariamente em natureza*” (EIV, P35).

Espinosa deixa claro que para se alcançar a felicidade é necessário o conhecimento da natureza divina, e viver com o outro sob a mesma identidade de direção, a direção da Razão, afinal, assim, ambos podem descobrir que, “*Na medida em que a alma conhece as coisas como necessárias, tem maior poder sobre as afecções, por outras palavras, sofre menos por parte delas*”(EV, P6) e, “*Aquele que se compreende a si mesmo e às suas afecções distintamente, ama a Deus, e tanto mais quanto mais se compreende a si e às suas afecções*” (EV, P15), isto é, quanto maior for o conhecimento que se tem de Deus mais os homens convém uns aos outros, e menos sofrem no interior dos encontros com eles e com as outras coisas.

Ou seja, está no conhecimento que temos da natureza do Todo e de nossa essência singular nele enraizada, e no conhecimento das causas produtoras de nossas afecções que são as mudanças, alterações ou modificações que ocorrem em nós causadas pelo encontro com as coisas exteriores, o poder para sermos mais felizes.

O conhecimento é causa de alegria, de contentamento, de felicidade, e este conhecimento é o conhecimento de nossa singularidade humana envolvida pela ordem inteira da Natureza, o conhecimento das causas necessárias que produzem as afecções dadas pelas experiências em que afetamos e somos afetados por outros seres da Natureza, e o conhecimento das próprias causas dessas idéias em nós - somos felizes quando conhecemos segundo a Razão.

Tomados por afecções contrárias à nossa natureza, que são idéias que distorcem o conhecimento que temos de nós mesmos e das coisas que nos afetam, ficamos impedidos de sermos a causa total do que fazemos, sentimos ou pensamos, e estamos determinados a fazer, sentir e a pensar por causas externas mais fortes e mais poderosas que nós. Nessa situação somos então tomados por aquilo que Einstein chamou de uma certa “ilusão

da consciência”, e que Espinosa chama a “servidão humana”, cujas causas Espinosa tratou de investigar e compreender em profundidade, para que os homens pudessem entendê-las e, com isso, pudessem seguir o caminho para a liberdade, caminho difícil, mas que, como o próprio Espinosa declara ao final de sua Ética, “*Todas as coisas notáveis são tão difíceis como raras*” (EV, P42 S).

Sobre a Estrutura do Universo Espinosano

Fundamental à compreensão do pensamento de Espinosa, é a compreensão da estrutura do real que ele apresenta, e por isso, iniciaremos a nossa apresentação de seu sistema, tentando compreender em linhas gerais, a estrutura do universo espinosano, cujo estudo e considerações vêm a seguir.

O ser da substância...

Espinosa afirma e demonstra que a totalidade do real deve ser compreendido pela idéia de uma substância absolutamente infinita, ou seja, absoluta, infinita e constante de todas as infinitas qualidades infinitas de ser, existir e agir que estão compreendidas na definição de um ser que é Tudo.

Ser absoluto significa ser capaz de auto-determinar-se e autoproduzir-se **por si** mesmo; *ser infinito* significa ser a única causa de todas as propriedades e efeitos que são causados por ele, isto é, significa compreender ou incluir em si mesmo tudo quanto pertence à sua natureza, sem que nada lhe falte e tudo lhe pertença sem qualquer exceção, é ser auto-suficiente e completo em si mesmo, sem sofrer qualquer limitação externa ou negação interna à sua própria auto-afirmação auto-suficiente, é ser um ser que é **em si** mesmo; *constar de infinitas qualidades infinitas de expressão de sua realidade* significa que da definição da essência de um ser que é Tudo, e que produz a si mesmo e a todas as coisas, nenhuma qualidade produtiva e expressiva de sua natureza pode faltar, mas, todas devem ser afirmadas sem qualquer exceção, para que possa produzi-las sob as infinitas ordens de realidade concebíveis no interior da natureza de um ser que é a totalidade do real.

Ora, se a substância é, existe e age em si mesma e por si mesma, e se este ser, existir e agir se realiza e manifesta sob todas as

infinitas qualidades infinitas de auto-realização e auto-manifestação, então, essa substância é única, pois, não é causada por outra, não é limitada por outra, nem necessita de outra para autoproduzir-se ou auto-determinar-se ou para produzir e determinar a todas as coisas, no interior das infinitas ordens de realidade que devem constar da realidade de um ser absolutamente infinito, que é a causa necessária de tudo e de si mesmo, em si mesmo e por si mesmo.

O *fundamentum* da substância...

O *fundamentum* da substância espinosana, isto é, aquilo que responde pela causa ou gênese de todo o seu ser, existir e agir e por sua inteligibilidade, é o seu princípio dinâmico interno chamado *causa sui*. Esse princípio dinâmico estabelece uma identidade perfeita entre a natureza (sua causa eficiente, princípio causal ou atividade que é causa e princípio interno de determinação das ações e operações dos constituintes e propriedades que constituem e são o seu ser) e a essência da substância (sua causa formal, princípio de razão ou a razão estruturante das relações das ações e operações que sua natureza realiza necessariamente) e, dessa identidade perfeita entre a sua essência e a sua natureza resulta que a sua atividade causal interna age como uma unidade lógica-ontológica indissociável, realizando uma total articulação interna entre a inteligibilidade e a realidade de toda sua atividade de produção e de auto-produção.

Ou seja, as ações e as coisas produzidas pela substância são totalmente e intrinsecamente ordenadas, e esta ordenação é a própria inteligibilidade da realidade de seu ser, e por isso, no universo espinosano não há lugar para “*forças ou energias indomáveis*”, nele, tudo segue sempre e de um modo absolutamente atual uma ordem causal necessária de produção totalmente inteligível, e portanto, não há lugar também para os “*mistérios*”.

Unidade Substancial essência-existência ou potência absolutamete infinita de existir...

A definição do princípio dinâmico da substância, a definição da *causa sui*, diz ainda que a sua essência envolve a sua própria existência, isto é, que a sua essência contém/inclui sua própria existência e a implica geneticamente numa relação de dependência, ao mesmo tempo em que, ambas, contêm-se e implicam-se mutuamente numa relação igual à unidade.

Ora, com isso Espinosa mostra que a existência da substância está perfeitamente e intrinsecamente articulada ou unida à sua essência, numa relação de co-presença absolutamente atual e indissolúvel, como manifestação real atual da realidade infinita de sua essência. Ou seja, sua existência atual é a manifestação das ações ordenadas que estão intrinsecamente articuladas em sua unidade interior essência-natureza, e, de outra parte, sua essência é o poder de por a si mesma como existência necessária, e é a ação de existir de sua atividade causal cujo efeito é a sua existência necessária atual, como uma natureza existente em ato.

De outro modo, podemos dizer que a essência da substância é uma potência absolutamente infinita de agir e de existir que não se separa de sua ação ou daquilo que produz. Sendo assim, a atividade causal espontânea da substância relaciona-se com os seus efeitos (sua necessidade atual de existir e agir em ato), tomando a causa inseparável de seu efeito.

Ou seja, a essência (causa) *envolve* a sua própria existência (efeito), isto é, a contém/inclui e a implica geneticamente numa relação de dependência e igual à unidade, conservando-se nela idêntica a si mesma, no interior de uma ordem de determinação que as tornam uma unidade indissolúvel, onde persevera a potência causal da essência em seu efeito, a sua existência, como uma ação de auto-reflexividade estrutural intrínseca deste efeito à sua causa, e, reciprocamente e mutuamente, o efeito (existência) *exprime* a sua causa (essência), isto é, de maneira inversa, a existência contém/inclui e implica a essência que a produz em si mesma e por si mesma, também numa relação igual à unidade, isto é, a articulação

interna entre as duas é completa e totalmente reversível, sem que haja qualquer deformação da essência nesse ato que a torna uma realidade existente.

Por outras palavras, o efeito estabelece a auto-perseverança da potência de sua ação causal espontânea, exprimindo-a, e é ele também um potência causal, a mesma que o envolve, e que mantém com ele uma relação de co-presença simultânea como princípio originário da unidade dessa ação.

A ordem causal necessária de produção da substância...

Como consequência imediata da unidade lógica-ontológica interna do princípio dinâmico da substância, temos a perfeita identidade entre, de um lado, a razão entre a natureza ou realidade da substância e os efeitos reais necessários que resultam de sua atividade causal eficiente, e, de outro lado, a razão entre a sua essência e as propriedades que seguem dela como consequências lógicas necessárias de sua definição. Ou seja, suas propriedades respondem pela inteligibilidade dos efeitos reais que ela realiza, e portanto, o que podemos deduzir da definição de sua essência possui um estofo ontológico interno, é real.

Ora, sabendo-se que uma das propriedades da essência da substância é a de que de sua essência infinita deve seguir a essência e a existência de todas as coisas que nela estão compreendidas, e que esse seguir-se da essência é idêntico às determinações espontâneas da causalidade ou potência absolutamente infinita de agir de sua natureza, da qual tudo deve resultar como seu efeito necessário, então, compreendemos que a causalidade ou potência absolutamente infinita de agir da essência da substância, origina espontaneamente uma necessidade de auto-ordenamento da atividade de produção e de auto-produção de sua natureza, onde, todas as essências que seguem de sua essência infinita continuam compreendidas nela como efeitos reais de uma atividade causal que não se desliga de seus

efeitos, e, ao mesmo tempo, suas ações e as operações que realizam seguem a lei imediatamente necessária de sua essência, identificada com a espontaneidade das determinações ou necessidade ordenada de sua natureza.

Portanto, essa lei é a necessidade espontânea que segue imediatamente da essência do ser absolutamente infinito, é a sua inteligibilidade necessária propriamente dita, é a regra de imposição da relação necessária, constante e contínua de proporções entre as causas de suas ações e operações, unindo-as e dispondo-as segundo um encadeamento causal ininterrupto e necessário, por conexões causais reais e necessárias (CHAUI, 1999, p.565-6, 813), é a própria imanência da ação substancial como necessidade interna de ordenação espontânea em si mesma e por si mesma (CHAUI, 1999, p.900).

Por outras palavras, a essência infinita da substância é a *ratio essendi* de todas as essências que seguem dela, e portanto, é a *ratio* constante e invariável de determinação de todas elas, ela é a *ratio* que permite conhecer a lei imutável e eterna de determinação de todas as essências e da relação que se estabelece entre elas.

Enraizamento substancial...

Essa ordem espontânea de conexões causais necessárias de produção da totalidade do real é o desdobrar-se da causalidade eficiente e imanente interna da substância a todos os seus efeitos, e é, ao mesmo tempo, a garantia da unidade de sua totalidade como um *continuum* intrinsecamente ordenado, no qual pode ser estabelecida a comunidade ou comunicação universais entre todas as coisas no interior de séries infinitas de conexões causais necessárias, onde, por sua vez, se estabelecem dependências causais entre essências cada vez mais dependentes umas das outras, de tal forma que, “...o ponto de partida complexo é *ut absolute*, enquanto o ponto de chegada será cada vez menos complexo e mais

relativo, porque será uma essência particular que depende de múltiplas conexões causais que são, por seu turno, dependentes de muitas outras” (CHAUI, 1999, p.701).

Ou seja, estar enraizado é estar compreendido e implicado geneticamente na essência da substância.

A produtividade inteligível da substância...

Sendo que a ordem necessária de conexões que produzem as coisas segue as determinações espontâneas da causalidade imanente da substância, e esta é idêntica às leis de sua essência, o seu princípio de ordenamento, isso faz com que a ordem e as conexões estabelecidas entre as coisas, seja idêntica à ordem e as conexões estabelecidas entre as idéias que respondem pela essência dessas coisas assim conectadas e ordenadas, e portanto, podemos concluir que a substância age com a mesma necessidade interna que o seu princípio de inteligibilidade determina, daí, suas ações de produção de si mesma e de todas as coisas serem então inteiramente inteligíveis, e, a substância, ser então um ser infinito pensante.

A inteligibilidade ou atividade pensante da substância é intrínseca e totalmente indissociável de suas ações, ela age com a mesma necessidade pela qual pensa a si mesma, ou, a necessidade pela qual age é então a mesma necessidade pela qual pensa sua ação, e portanto, “*A ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas*” (EII P7).

Ou seja, a atividade de produção da substância e a atividade pensante que pensa essa produção, são atividades indissociáveis, unidas pela mesma realidade substancial, e pela mesma identidade de ordenação e de conexões causais internas e necessárias, que produzem a sua realidade ou inteligibilidade.

Algumas propriedades da substância...

Já vimos que as propriedades da essência da substância são indistinguíveis de sua realidade (seu princípio interno de ação), e por isso, elas são o que nos permite conhecer um certo modo de articulação intrínseca, real e necessária, estabelecida entre a sua essência e a sua existência, ou seja, são consequências lógicas necessárias de sua definição, idênticas a certas articulações reais necessárias entre ela e sua existência. Logo, dada a definição de um ser que é absolutamente infinito, as propriedades que se concluem de sua definição tem um estofo ontológico necessário. Exemplo, a substância é um ser que é:

(1) *livre*, pois, é um ser incondicionado que age, é e existe apenas pela necessidade interna de determinação de sua própria natureza, sem ser determinado por qualquer causalidade externa a ele mesmo, tem uma essência que é causa eficiente interna de seu existir, em si mesmo e por si mesmo, esta é a sua necessidade e é esta necessidade que realiza e manifesta sua essência de existir sem qualquer constrangimento exterior;

(2) *eterno*, pois, um ser cuja essência envolve uma existência necessária e cuja natureza não pode ser concebida senão existente, define um ser cuja existência segue necessariamente, e tão somente, da definição de sua própria essência, ele é um ser cuja ação é necessariamente existir sem qualquer constrangimento interno ou externo que o faça deixar de existir, portanto, é um ser eterno, pois, é necessário que exista, ou melhor, existe necessariamente, decorre de sua própria definição que assim o seja, em si mesmo e por si mesmo, uma natureza existente.

(3) *causa eficiente e imanente de todas as coisas*, pois, sendo a natureza da substância o princípio interno de ação de um ser absolutamente infinito, então, ela é uma natureza absolutamente infinita da qual deve resultar, como relação ontológica necessária entre a natureza de uma coisa e as ações que ela realiza (CHAUI, 1999, p.863), uma ação absolutamente infinita, ou seja, sua ação deve ser a causa eficiente de tudo, dela mesma e de todas as coisas.

No entanto, como todas as coisas são produzidas, nela e por ela mesma, como efeitos necessários que não se separam de sua atividade causal, mas que permanecem unidas à ela como essências que seguem e estão compreendidas, simultaneamente, na sua essência eterna e infinita, então, todas as coisas são efeitos imanentes dessa atividade causal. Ou seja, sua ação é uma causa que não se separa de seus efeitos particulares, assim como não se separa de seu próprio efeito de autoprodução como um ser absolutamente infinito, e portanto, é um ser que é causa eficiente e imanente de todas as coisas.

(4) *a razão da inteligibilidade de todas as coisas*, pois, sendo a causa necessária de todos os seus efeitos ou causa eficiente e imanente plena de todos eles, a substância é a atividade dinâmica que dá a razão necessária deles, logo, assim como a razão da idéia da essência da substância é a sua auto-causalidade eficiente interna, a razão das idéias das essências que seguem da essência da substância, são a causalidade eficiente interna, certa e determinada delas, pois, da mesma maneira que da essência da substância seguem as essências de todas as coisas que nela estão compreendidas, da idéia da essência da substância deduzem-se as idéias das essências de todas as coisas, e, sendo a causalidade eficiente interna das essências das coisas a causa ou razão de sua produtividade interna, sua atividade dinâmica interna, então, o conhecimento dessa causalidade eficiente interna da essência da coisa dá a razão da inteligibilidade da idéia da essência da coisa.

Garantida a universalidade da atividade causal do real como princípio dinâmico da essência de todas as coisas, garante-se a universalidade de sua inteligibilidade. A ação produtora que é a causa eficiente interna dos efeitos é uma operação lógica da qual se deduz o efeito, isto é, a causa eficiente interna é a razão formal do efeito; a causa eficiente interna explica o efeito; a causa eficiente interna implica logicamente o efeito; o efeito é produzido pela causa e deduzido da causa, logo, o efeito é tão inteligível quanto a causa. Enfim, ser, ser causa e existir não podem ser conhecidos senão como o mesmo, ser causa é a razão de ser e existir de todos os seres.

A Natureza Naturante - os atributos da substância...

Uma necessidade imediata da identificação da substância a um ser absolutamente infinito, é a exigência de que sua unidade interna identifique-se com a unidade de uma totalidade estruturalmente complexa e intrinsecamente diferenciada, pois, a natureza de um ser absolutamente infinito deve constar de um poder absolutamente infinito de auto-produzir-se e auto-manifestar-se, numa infinidade de potências infinitas ou ordens de realidade de naturezas realmente diversas e infinitas de ser, existir e agir, sem a perda da unidade e da coesão interna de sua estrutura intrinsecamente diversificada.

Essa unidade interna é produzida pela ação espontânea da substância, que tem o poder de constituir-se a si mesma reunindo e mantendo a união dos diversos constituintes que intrinsecamente devem lhe pertencer e que ela mesma produz, e que, por sua vez, devem consentir nessa união por um acordo espontâneo de agirem sob a identidade de um mesmo princípio espontâneo de ordenação, segundo o qual produzem e manifestam o poder absolutamente infinito de ser, existir e agir da substância.

Essa ação espontânea da substância, reunindo e unindo seus constituintes sob a identidade de um mesmo princípio de ordenação, e esse consentimento de seus constituintes a agirem dessa maneira unidos por uma mesma ação, marcam a perfeita auto-regulação interna entre a substância e seus constituintes, sob a qual, os constituintes exprimem a essência da substância e esta os envolve, ou seja, os constituintes a manifestam e tornam inteligível tudo aquilo que pertence à essência da substância, isto é, sua realidade, necessidade e propriedades, enquanto ela os implica, os contém/inclui, em si mesma e por si mesma, numa relação igual à unidade.

Esses constituintes intrinsecamente diversos uns dos outros, e que exprimem, cada qual em seu campo de expressividade próprio, a essência infinita da substância, são chamados por Espinosa de atributos da substância. Eles constituem a essência da substância e são seres infinitos

que agem em co-presença simultânea sob a identidade do mesmo princípio de ordenação espontâneo originado pela auto-causalidade da substância. Os atributos são a própria substância enquanto esta é percebida sob os diversos campos de expressividade de sua auto-produção e auto-manifestação absolutamente infinita.

Os atributos são portanto as infinitas ordens de realidade que constam da natureza de um ser absolutamente infinito, são potências infinitas de ser, existir e agir em si mesmo e por si mesmo, ou forças infinitas ou expressões dinâmicas infinitas de ser, existir e agir que constituem e exprimem a essência infinita da substância absolutamente infinita.

À substância e aos seus atributos Espinosa denomina Natureza Naturante, querendo com essa denominação referir-se a tudo o que é, existe e é concebido por si mesmo e em si mesmo, ou, como ele mesmo diz no escólio da proposição 29 da parte 1 da Ética, por Natureza Naturante ele entende “...*aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus enquanto é considerado causa livre*”.

Sobre os Seres Finitos no Universo Espinosano

A distinção dos seres segundo sua atividade causal produtora...

Como já pudemos notar, tudo o que há no universo deve ser conhecido por sua atividade causal produtora, pois, a causa é o princípio dinâmico ou a ação de uma essência, e é também a própria razão absolutamente atual desta ação, ou seja, a atividade causal é o princípio de razão daquilo que é, ela é o próprio ser e idêntica à sua essência, e, deste modo, a maneira de existir do ser é inseparável da atividade causal que o produz, logo, o conhecimento da causa que produz o ser dá a própria razão de sua essência, ou seja, dá a causa de sua realidade e a razão de sua inteligibilidade na totalidade do real, a causa é o ser, e por isso, é a própria razão de seu entendimento. Daí, para conhecermos as coisas devemos indagar sobre a distinção do modo de produção causal delas, e só então poderemos distingui-las entre si.

Para começar essa distinção temos o ser que é causa de si e que é também a causa de tudo o que é, a substância e seus atributos, portanto, temos a distinção dada entre o ser que é causa de si mesmo e que não é causado por nenhum outro, e os seres que são causados por ele enquanto são seus efeitos imanentes.

A Natureza Naturada - os modos da substância...

Esses efeitos que são causados pela substância e que são, existem e são concebidos por ela, são chamados modos da substância. O modo é e existe como modificação ou efeito real e necessário da substância porque há apenas uma única substância, e portanto, tudo o que é e que não seja a própria substância, só pode ser uma modificação dela como efeito necessário dela (CHAUI, 1999, p.888).

A substância é o ser que é a totalidade da realidade, e portanto, qualquer que seja a sua modificação essa modificação é também uma expressão particular desta totalidade do real. O modo é então uma realidade, um ente real produzido pela ação substancial, e por isso, o modo é uma realidade que não é causa de si mesma, a natureza do modo é ser um efeito imanente, real e necessário, de outro que é sua causa produtora e necessária, a substância, ou seja, sua necessidade é a ação causal substancial, e portanto, sua existência não segue necessariamente de sua essência, mas, depende da essência da substância que a compreende como seu efeito necessário, portanto, a necessidade da essência e da existência do modo dependem da causa que o produz como essência e existência necessária, a causalidade imanente da substância, ou, como diz a proposição (EI P24) “A essência das coisas produzidas por Deus não envolve a existência”.

Efeito imanente e necessário da causalidade eficiente e imanente da substância, o modo é um efeito imanente que depende da substância e está envolvido por ela, ela é a sua causa imanente e ele a exprime de uma maneira particular, certa e determinada, e portanto, o modo não pode ser, existir, agir ou ser concebido sem a substância, daí, seu conhecimento e o conhecimento de suas propriedades e consequências implicarem no conhecimento da substância que o envolve (CHAUI, 1999, p.883).

É por isso que a definição do modo diz que ele é em outro e que é concebido por outro, sua definição pretende mostrar a sua dependência e a sua imanência à substância (CHAUI, 1999, p.931-2), mostrando que o efeito depende da causa e é envolvido por ela (CHAUI, 1999, p.886), afinal, “Deus não é somente causa eficiente da existência das coisas, mas também da essência delas” (EI P25).

Aos modos da substância Espinosa denomina Natureza Naturada, querendo com essa denominação referir-se a todos os efeitos reais que resultam da causalidade eficiente e imanente da substância, ou, como ele mesmo diz no escólio da proposição 29 da parte 1 da Ética, por Natureza Naturada ele entende “...tudo aquilo que resulta da necessidade

da natureza de Deus, ou , por outras palavras, de qualquer dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto são considerados como coisas que existem em Deus e não podem existir nem ser concebidas sem Deus”.

A necessidade imanente à Natureza...

Com as definições da substância e dos seus modos entendemos que toda a maneira de ser e de existir do ser absolutamente infinito divide-se em substância e modos da substância, no primeiro caso, a necessidade de ser, existir e agir é a causalidade interna, a auto-causalidade da substância, no segundo caso, a necessidade de ser, existir e agir é a causalidade imanente da substância, ou seja, é uma causalidade externa que a determina sempre, pois, “uma coisa que é determinada por Deus a qualquer operação não pode tornar-se a si própria indeterminada” (EI P27). E, como a substância e os modos recobrem toda a realidade, então, conclui-se que a necessidade é intrínseca a toda a realidade, ou seja, tudo o que é, é necessário, e nada é contingente na Natureza – “Na Natureza nada existe de contingente; antes, tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e a agir de modo certo” – (EI P29).

Sendo assim, a Natureza constituída pela Natureza Naturante e pela Natureza Naturada identifica-se com a necessidade espontânea de sua essência livre, infinita e eterna, que age produzindo a sua própria existência, e por isso, a necessidade é imanente à livre expressão e auto-realização da substância, ou seja, a liberdade substancial é a propriedade necessária de um ser que age segundo a necessidade interna de sua própria essência.

As modalidades modais...

Espinosa distingue duas modalidades de modos, os modos infinitos e os modos finitos, e, por sua vez, os modos infinitos distinguem-se ainda entre modos infinitos imediatos e modos infinitos mediatos, e, tais distinções modais, como veremos a seguir, referem-se à maneira pela qual as coisas são produzidas e à sua ordem de produção.

Vejamos primeiramente a necessidade dos modos infinitos. Da natureza absoluta de qualquer atributo, que são as essências eternas e infinitas que exprimem as infinitas ordens de realidade da substância, seguem necessariamente efeitos infinitos e eternos, pois, primeiro, pelo axioma 4 da parte I da Ética, “o conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve-o”, logo, do conhecimento de uma causa eterna e infinita, a potência infinita de agir do atributo, deve seguir como consequência lógica necessária o conhecimento de um efeito que também seja eterno e infinito, segundo, pelo axioma 3 da parte I da Ética, “De uma dada causa determinada segue-se necessariamente um efeito...”, logo, sendo a natureza do atributo uma atividade causal espontânea existente em ato, cuja ação é necessariamente existir, então, é impossível que essa atividade causal não produza algum efeito, e este efeito já sabemos que é a sua própria existência infinita ou infinitude atual, em si mesmo e por si mesmo, logo, é necessário que da natureza absoluta de qualquer atributo siga necessariamente, primeiro, um efeito, e que, segundo, este efeito tenha as propriedades que articulem no interior de uma perfeita racionalidade a essência (causa) à sua existência (efeito), e que por isso, esse efeito tenha as mesmas propriedades que a causa que o produz, ou seja, em nosso caso, que ele seja eterno e infinito assim como o é a sua causa.

Como podemos observar, os modos infinitos exprimem a ordem causal necessária de produção da realidade de cada atributo. Ora, sendo o atributo uma ordem de realidade que produz como efeito necessário a sua própria existência, então, essa existência é uma ordem de existência que resulta da ação de sua natureza absoluta ou causalidade eficiente imanente

como um efeito necessário dessa ação. Por outras palavras, sua ordem de existência exprime a ordem causal necessária de produção da sua realidade, e esta envolve a sua ordem de existência, e portanto, entre elas há uma ligação indissociável.

Os modos infinitos são essa ordem de existência que exprime a ordem de realidade ou ordem causal necessária de produção da essência eterna e infinita de cada atributo, ou seja, a ordem de existência atual de cada atributo exprime a ordem causal necessária de produção de sua própria essência, manifestando-a em ações e operações ordenadas que estão intrinsecamente articuladas e ordenadas em sua unidade interior essência-natureza como uma ordem causal necessária de produção de sua realidade.

A maneira pela qual essa ordem de existência é produzida toma o seguinte percurso: Da natureza absoluta do atributo, já vimos, seguem efeitos infinitos e eternos. De um ponto de vista explicativo genético, mas não do ponto de vista da realidade simultâneo da produção desses efeitos infinitos e eternos, segue, imediatamente, da natureza absoluta do atributo, uma ação infinita de auto-diferenciação de seu *continuum* infinito, que é a manifestação real, em sua existência, da lei que segue imediatamente de sua essência eterna e infinita, estabelecendo a *ratio* entre ela e todas as essências particulares de todas as coisas que seguem dela e que estão compreendidas na sua definição.

Essa lei que segue imediatamente da essência do atributo é o seu efeito real infinito imediato, que é também um poder de agir capaz de determinar na sua natureza infinitas determinações particulares, que relacionam-se entre si e com o todo da realidade do atributo assim diferenciada, seguindo essa lei universal de relação das proporções das partes e destas com o todo de que tomam parte, pela *ratio* comum entre elas.

A esse efeito imediato do atributo, que é, simultaneamente uma lei e um poder de determinações particulares no *continuum* infinito da natureza do atributo, e que relaciona as partes entre si e estas com o todo de que tomam parte, é chamado por Espinosa de modo infinito imediato, e, à totalidade da existência do atributo assim diferenciada e integrada, ele chama de modo infinito mediato, e por fim, a cada uma dessas

particularidades do ser do atributo, ele chama de modos finitos.

Notemos ainda, para que fique mais claro o que acabamos de dizer, que, de um ponto de vista explicativo genético, o modo infinito mediato não segue imediatamente do atributo, livre de qualquer outro constrangimento externo, mas, segue dele condicionado por um outro modo infinito, o modo infinito imediato, portanto, esse novo modo infinito é um efeito do atributo que segue mediatamente da natureza do atributo modificado pelo modo infinito imediato, porém, do ponto de vista da produção da realidade dos modos infinitos, ambos são efeitos simultâneos e absolutamente atuais da causalidade imanente do atributo.

Os modos infinitos são assim efeitos que seguem imediatamente da natureza absoluta do atributo (modo infinito imediato) e de sua natureza modificada por uma modificação infinita (modo infinito mediato).

Como podemos observar, os modos infinitos são modos inseparáveis. Os modos infinitos imediatos são, simultaneamente, as leis universais que estruturam o *continuum* do atributo, determinando nele diferenciações particulares que são proporções particulares de seu ser ou essências particulares, e, leis universais de composição e de relações necessárias, estabelecendo no *continuum* infinito do atributo, a ordem dos encadeamentos e conexões causais necessárias entre as partes, e estabelecendo relações necessárias entre elas e o todo de que tomam parte.

Quanto aos modos infinitos mediatos, estes, consistem no conjunto infinito dessas diferenciações particulares ou essências particulares produzidas necessariamente pela causalidade imanente dos atributos, mediante a determinação de seus modos infinitos imediatos, e que estão ligadas entre si como uma rede de séries causais necessárias, determinadas a agir e a operar por maneiras certas, estabelecendo nexos e encadeamentos causais necessários com outras essências particulares, que são as determinações mútuas entre essas essências particulares dadas pelas leis universais dos modos infinitos imediatos, que estruturam a composição inteira dessas relações entre as partes e destas com o todo de que tomam parte.

Enfim, o modo infinito imediato é a causa da diferenciação de proporções no *continuum* do atributo, e é ao mesmo tempo a lei de relação entre essas proporções e a totalidade constituída pelo atributo; o modo infinito mediato é o próprio conjunto inteiro dessas proporções assim ordenadas que, entre si mesmas, determinam-se mutuamente a ser e a operar por maneiras certas e determinadas, ao mesmo tempo em que são também determinadas pelas leis universais dos modos infinitos imediatos.

Quanto aos modos finitos, estes seguem da natureza do atributo modificada por modificações finitas. Ou seja, os modos finitos são produtos de determinações mútuas estabelecidas por concentrações de nexos e encadeamentos causais indefinidos com outros modos finitos, cuja totalidade que os limita e os compreende em si, é a rede infinita de nexos e encadeamentos causais que compõem o modo infinito mediato.

Esses encadeamentos causais ocorrem porque os modos finitos são causas finitas, capazes de produzirem efeitos finitos de determinação de operações comuns, com outros tantos modos finitos, de onde poderem ocorrer a composição, modificação ou a destruição mútua entre eles, que mudam a figura ou face expressiva atual do atributo, mas que são modificações compreendidas necessariamente na ação de atualização expressiva da essência do atributo, ou seja, são modificações expressivas imanentes às leis da essência do atributo à qual exprimem por maneiras particulares.

É importante deixarmos claro que a essência e a existência dos modos finitos não são causados pelos modos infinitos, a causa da essência e da existência dos modos finitos é o atributo que os produz como seus efeitos imanentes, o papel dos modos infinitos é o de condicionar a determinação causal de suas operações determinadas, relativamente aos demais modos finitos e à infinitude atual do modo infinito mediato.

Ou seja, um modo finito é a particularização da natureza do atributo determinada pelas leis universais de diferenciação dos modos infinitos, que também os relacionam à totalidade de todos os demais modos finitos que integram o modo infinito mediato, os modos finitos são então proporções determinadas dos nexos causais infinitos em que se modifica o

atributo, quando este é determinado pelas leis de determinação de diferenciações do modo infinito imediato.

Enfim, os modos finitos sofrem quatro determinações, eles são determinados pelos atributos como efeitos imanentes de sua natureza, são determinados pelas leis dos modos infinitos imediatos, e pela ordem de existência dos modos infinitos mediatos que impõe a eles uma limitação externa, forçando-os a uma participação comum com uma infinidade de outros modos finitos e, por fim, nesse contato com outros modos finitos cada modo finito é determinado a ser e a operar por outros modos finitos, por séries de determinações causais indefinidas que produzem transitivamente outros tantos modos finitos.

Sobre a forma ou natureza dos modos finitos...

Vimos que o princípio dinâmico interno da substância ou dos seus atributos, realiza uma total identidade entre a sua causa formal e a sua causa eficiente, de onde, a sua causalidade eficiente ser a razão lógica de suas consequências e a causa real de seus efeitos. Portanto, os efeitos produzidos pelo atributo devem ser homogêneos à sua natureza e devem ser tomados como consequências lógicas das implicações de sua essência e efeitos reais causados por sua ação, ou seja, os efeitos exprimem a mesma identidade entre a causa formal e a causa eficiente do atributo que os produz. Portanto, a essência particular do modo finito é também a identidade de uma unidade entre a sua essência formal e a sua causalidade eficiente interna.

Sendo assim, o princípio dinâmico da essência singular de um modo finito exprime uma proporção certa e determinada da potência infinita de agir da essência de seu atributo, e, como essa potência do atributo é completamente afirmativa, então, a potência do modo finito também o é, pois, é um efeito homogêneo à sua causa.

Como necessidade imediata de todas essas identificações, percebemos então a unidade de identidade entre a essência e a existência do modo finito com respeito ao seu próprio ser ou natureza, e percebemos também que ela é completamente afirmativa como efeito da causalidade absolutamente afirmativa e necessária que o produz.

A liberdade e a duração dos modos finitos...

Como o modo finito é uma essência particular idêntica ao seu princípio dinâmico, então, o modo finito também age segundo a sua própria natureza, pois, age como uma essência particular existente que é o seu próprio ser, e portanto, um modo finito é livre enquanto é poder de agir segundo a natureza de sua própria essência singular existente em ato, que o afirma completamente, ainda que essa essência não envolva existência necessária, pois, sua essência, é em outro, e depende deste outro para ser o que é, depende do atributo que o envolve e que ele exprime.

Porém, um modo finito é por definição um ser finito, e portanto, é um ser finito dentre outros infinitos seres finitos que constam da infinitude do modo infinito mediato. Ora, limitado por outros tantos modos finitos, um modo finito sofre a limitação e a determinação da exterioridade e da alteridade desses outros modos finitos, como determinações e limitações exteriores que podem aumentar ou diminuir sua força para perseverar na existência, e portanto, embora os modos finitos sejam livres segundo sua essência ou causalidade eficiente interna, e, nesse caso, os concebamos como capazes de exprimirem as ações e operações que sua essência determina como necessárias, por outro lado, um modo finito pode sofrer a determinação e a limitação de outros modos finitos que podem condicionar a expressão de sua natureza, impondo limitações e determinações às suas maneiras de existir e de agir, além de poderem fazer aumentar ou diminuir a sua força para permanecer na existência agindo segundo as suas próprias determinações.

Portanto, um modo finito é livre pela essência mas é condicionado pela existência, e sendo assim, a expressão de sua essência livre na atualidade de sua existência depende da maneira pela qual ele estabelece relações causais com outros modos finitos, que podem permitir condições favoráveis ou não para a expressão livre de sua essência singular.

Possuindo o poder de existir segundo a sua própria causalidade eficiente interna, que é intrinsecamente afirmativa e indestrutível do ponto de vista de sua interioridade, a essência ou natureza do modo finito não permite em si mesma qualquer contradição interna. Um modo finito tem em seu próprio interior o poder de ser o que é, ainda que seja em outro e por outro, e portanto, o modo finito é eterno enquanto dura, é eterno enquanto alguma coisa externa a ele não o destruir, é eterno enquanto alguma coisa externa a ele não o fizer deixar de existir, pois, de si mesmo, enquanto efeito imanente da causalidade eficiente e imanente do seu atributo, é necessário que ele seja intrinsecamente afirmativo e indestrutível, pois, realiza e manifesta de maneira certa e determinada a essência eterna e infinita de seu atributo.

O modo, como já observamos anteriormente, é uma essência que não envolve existência necessária, pois, sua existência é dependente do atributo que o envolve, isto é, o modo é causado por outro, e por isso, a duração de sua existência não é determinada por ele mesmo, portanto o modo não é eterno, o modo é duradouro, ou seja, tem uma duração contínua e indefinida, porém finita, de seu existir.

No caso dos modos finitos, a duração destes é contínua e indefinida enquanto determinados apenas por aquilo que os coloca na existência e que determina as maneiras deles existirem e agirem, isto é, o modo finito dura contínua e indefinidamente, enquanto consideramos a determinação de sua causalidade eficiente interna que é uma proporção certa e determinada da causalidade eficiente e imanente de seu atributo, e enquanto consideramos as determinações dos modos infinitos que o particularizam e que determinam as suas operações, pois, nem o atributo nem seus modos infinitos que determinam a singularidade do modo finito,

suprimem a sua existência determinando um limite para a continuidade de seu existir, pois, o existir do modo finito é a própria expressão particular do atributo que, em si mesmo é eterno, e portanto, sua imanência absolutamente afirmativa impede que haja no interior do modo finito qualquer coisa que limite a continuidade de sua existência.

A liberdade e a duração dos modos finitos em relações mútuas...

Vimos que a causa da duração dos modos finitos, está na exterioridade e na alteridade do seu contato com outros tantos modos finitos que os limitam e os determinam. Um modo finito tem o limite de sua duração na existência determinado pelo contato com outras tantos modos finitos que podem causar o término de sua existência, pois, em si mesmo, a duração da existência de um modo finito depende apenas de sua força interna para permanecer continuamente na existência.

Assim, um modo finito só pode deixar de existir se forças externas a ele, mais fortes e poderosas que ele e contrárias a ele, diminuírem sua potência para ser, existir e agir em ato como uma essência singular existente em ato, e, ao contrário, se ligar-se a forças externas a ele, de um tal modo que se amplie a sua capacidade de ser, existir e agir em ato como essência singular existente em ato, então tanto maior será a sua permanência na existência.

Ou seja, a liberdade e a duração de um modo finito decorrem da sua potência para ser, existir e agir em ato, e do modo pelo qual se estabelecem suas ligações inter-modais. E portanto, a liberdade e a duração dos modos finitos devem ser tomadas como relativas à sua potência para perseverar na existência, de onde, a liberdade e a duração serem propriedades que decorrem da potência para ser, existir e agir do seu ser, e do modo pelo qual mantém relações de contato com outros seres que favoreçam ou não a sua perseveração e permanência na existência.

A variação da perfeição ou realidade dos modos finitos...

À variação da essência ou potência de agir e de existir dos modos finitos, Espinosa denominou de perfeição ou imperfeição da essência singular atual deles. Segundo o que já vimos, um ser finito é uma essência singular idêntica à sua potência de existir e de agir, que é idêntica à potência pela qual ele persevera na existência. Variando-se essa potência de agir, ela se torna mais ou menos capaz de agir, e por conseguinte, também variará a sua força singular para perseverar na existência.

Como essa potência de existir e de agir é idêntica à sua essência singular atual que é idêntica à sua realidade ou ser, é evidente que a coisa em questão está sempre exprimindo a sua realidade ou perfeição atual, que, tomada por sua necessidade imanente é sempre perfeita. Por outro lado, a variação da sua potência é o mesmo que a variação da sua essência que é a sua própria realidade ou ser.

Ora, sua essência responde por suas ações e operações internas, como uma causa eficiente interna que é capaz de produzir efeitos de relacionamento com outras essências de mesma natureza que ela, determinando-as e sendo determinada por elas, e portanto, uma essência é uma coisa que é um nó de articulações causais, entre, a sua causa produtora de efeitos e outras essências que também são causas produtoras de outros tantos efeitos coexistentes a ela e de mesma natureza que ela, e que a afetam aumentando ou diminuindo seu poder para existir e agir.

Espinosa chama de imperfeição à diminuição da potência para ser e agir de uma essência singular, e ao consequente enfraquecimento de sua força singular para perseverar na existência por si mesma, no interior das relações que estabelece com outras essências singulares, onde, pode perder ou ter modificada a singularidade atual de seu ser; a perfeição é o inverso disso, ou seja, é a continuidade indefinida de sua essência singular, livre de qualquer deformação causada por forças externas a ela e contrárias a ela. Assim, a realidade e a perfeição de uma coisa são idênticas e variam juntas, denotando a força singular da coisa para perseverar no seu ser,

existindo e agindo segundo as determinações de sua própria natureza.

Como exemplos de perfeição absoluta do ser, temos a substância e seus atributos que, por serem causa de si não sofrem determinações ou limitações exteriores, e portanto, mantém constante a sua potência infinita de existir e de agir livrando-se de qualquer deformação de seu ser. Já, os seres finitos padecem da ação de outros seres finitos, e por isso, sofrem deformações em seu ser, ou, como diz o único axioma da parte IV da Ética: *“Não existe, na Natureza, nenhuma coisa singular tal que não exista uma outra mais poderosa e mais forte que ela. Mas, dada uma coisa qualquer, é dada uma outra mais poderosa pela qual a primeira pode ser destruída”* (EIV Ax.). O que o axioma afirma é a impossibilidade de que um ser finito seja eterno e a impossibilidade de que sua força possa não sofrer a ação das causas exteriores a ele e não padecer dessa ação, ou, pelo contrário, a impossibilidade de que ele possa dominá-las ou controlá-las completamente, ou seja, demonstra a finitude do poder de um ser finito para controlar os poderes da alteridade e da exterioridade que o ultrapassam infinitamente.

O conatus ou o esforço de auto-perseveração na existência...

À potência de auto-perseveração na existência ou esforço para existir que todas as coisas possuem naturalmente, Espinosa denomina de conatus. O conceito espinosano de conatus é mencionado na Ética pelas proposições de números 6 à 9 da parte III, porém, por enquanto, vamos tratar apenas das proposições 6 a 8, e que são as seguintes:

“Toda coisa se esforça, tanto quanto está em si, por perseverar no seu ser”
(EIII P6)

Essa é a própria definição positiva do conatus, que o afirma como um dinamismo natural e necessário de todo ser porque é um princípio

irredutível de afirmação do ser, ou seja, ser, existir, agir, ser uma existência, ser uma natureza, qualquer que seja o modo de apreensão do ser, essa apreensão deverá considerar a sua positividade interna que é a verdade evidente, incontestável e irredutível da afirmação absolutamente positiva de toda a sua atividade e de toda a sua realidade, portanto, o conatus não refere-se apenas à auto-conservação do ser, mas, envolve também a afirmação absolutamente positiva de toda a sua atividade interna que, atualmente age afirmando a perfeição de sua realidade ou ser.

“O esforço pelo qual toda coisa tende a perseverar no seu ser não é senão a essência atual dessa coisa” (EIII P7)

Aqui temos a identificação da essência atual com o conatus, ou seja, a essência singular atual da coisa é percebida como inconcebível se destituída de conatus, portanto, aqui, o conatus sublinha o princípio da absoluta atualidade da essência como persistência de sua perseveração, como constante atualização presente da estrutura e da ação de sua essência singular atual. A proposição revela ainda o que já conhecíamos, a identidade entre a causa formal e a causa eficiente interna atualíssimas do ser.

“O esforço pelo qual cada coisa tende a perseverar no seu ser não envolve tempo finito, mas um tempo indefinido” (EIII P8)

Aqui afirma-se a inexistência de um limite temporal para a continuidade do esforço de auto-perseveração do ser, porém, se não há um limite temporal também não se diz que é eterno, diz que é indefinido, pois, como sabemos, coisas exteriores a ele podem destruí-lo marcando o fim de sua existência e o término de seu esforço de auto-perseveração na existência, que então cessará, ainda que, de si mesmo não pudesse ser destruído, caso em que conservaria sua existência eternamente.

Distinção dos seres finitos como modos finitos ou coisas finitas...

Pelo fato de um ser finito existir em outro (a substância e seus atributos), e em meio a infinitos outros seres finitos também existentes neste outro, como seus efeitos imanentes, os seres finitos são seres que se limitam mutuamente, pois, são causas eficientes capazes de produzirem efeitos capazes de aumentar, diminuir ou limitar a força de existir e de agir deles, conforme sejam ou não contrários uns aos outros e segundo a potência de agir própria de cada um.

Assim, a existência de um ser finito em meio a outros seres finitos equivale a uma existência onde se dá uma limitação recíproca, que é o efeito de ser uma essência que não envolve existência necessária, mas que existe apenas enquanto há o poder de existir como causa eficiente interna, suficientemente forte para perseverar na existência enquanto mantém relações que implicam no aumento ou na diminuição de seu poder de ser, existir e agir em ato.

Disso que acabamos de observar, resulta que, os seres finitos definem-se não apenas pela distinção entre o ser que é causa de si e os seres que são causados por outro, como efeitos imanentes do ser que é causa de si, mas também enquanto seres que são exteriormente limitados uns pelos outros. E mais, um ser finito unido a outros seres finitos podem existir e agir como um único ser finito que seja continente de outros seres finitos, tanto quanto pode também estar contido em algo mais vasto que ele enquanto conteúdo de outro continente, e assim, indefinidamente, conforme se realizem as uniões entre os seres finitos, e, em última análise, sabemos que todos os seres finitos participam e pertencem de um mesmo continente comum, que é a infinitude atual do modo infinito mediato em que existem.

Portanto, notamos claramente que a condição de um ser causado por outro é a sua finitude, já que, este ser sempre estará limitado por outro que é mais vasto que ele. E aqui cabe explicarmos a distinção que Espinosa estabelece para o tratamento dos seres finitos, distinguindo-os ou como modos finitos ou como coisas finitas. Vejamos o primeiro caso.

Quando um ser finito é tratado como um modo finito ele é tratado como uma modificação particular da substância ou de seu respectivo atributo; quando um ser finito é um modo finito que é tratado à partir da finitude de sua causalidade, o que faz dele uma causa finita encadeada no interior de uma série infinda de outras causas finitas, e na qual, estabelece nexos inter-modais com outros modos finitos, que são outras tantas causas finitas de ações e operações, limitadas no interior da rede infinita de nexos e encadeamentos causais do modo infinito mediato, então ele é chamado de coisa finita.

Assim, os seres finitos são tratados como modos finitos quando são tratados como afecções da substância, e são tratados como coisas finitas quando são tratados como coisas limitadas por outras de mesma natureza.

Modos finitos e coisas finitas são o mesmo, a diferença de nomenclatura estabelecida por Espinosa pretende fazer destacar o seguinte: No primeiro caso, a essência do que é finito segue da natureza ou da determinação da causalidade eficiente e imanente ou da potência absolutamente infinita da substância, e, com isso, Espinosa pretende mostrar que ser um ser finito é ser um ser unido à totalidade da realidade, realidade que se auto-diferencia, em si mesma e por si mesma, por infinitas particularidades expressivas de sua natureza, e que são os modos finitos cujas essências seguem necessariamente da essência eterna e infinita da substância, segundo a ordem necessária da Natureza.

Ou seja, o que Espinosa pretende destacar é que a essência singular do modo finito está unida à ordem inteira da Natureza, como uma essência singular que segue necessariamente da essência eterna e infinita de Deus, e com isso, Espinosa nos diz também que, um ser finito, tomado como um modo finito, é uma expressão particular, certa e determinada da natureza divina, que é una e indivisa, mas, que se auto-diferencia em si mesma produzindo todas as coisas da Natureza; No segundo caso, quando Espinosa chama aos seres finitos de coisas finitas, ele pretende fazer destacar que ser uma coisa finita é ser um ser finito que percebe-se ou é

percebida, como uma existência singular submetida aos encontros fortuitos com outras existências singulares.

Ou seja, no primeiro caso, Espinosa destaca a imanência do modo finito à essência da substância como uma essência singular afirmativa que a exprime de um modo particular, esse é o enraizamento substancial necessário do modo finito, e, no segundo caso, Espinosa destaca a transitividade do modo finito como uma existência singular no contato com a alteridade de outros tantos modos finitos, que também o determinam e o limitam e, determinam-se e limitam-se mutuamente, esse é o enraizamento contingente de um modo finito a outros modos finitos, enquanto estabelece alguma relação perene com eles. Uma coisa finita é então o que é limitada por outra de mesma natureza que ela, e assim, a idéia de coisa finita assinala a exterioridade do encontro de um ser finito com outro ser finito que o limita, e, ao mesmo tempo, sublinha também a transitividade do encontro, que faz com que um ser finito se perceba como uma existência limitada por outro ser finito de mesma natureza que ele.

No primeiro caso, Espinosa refere-se a um conhecimento de essência e, no segundo caso, a um conhecimento de existência. No primeiro caso, destaca-se a imanência à substância e a racionalidade das redes causais necessárias, determinadas pelos modos infinitos imediatos e mediatos que os determinam singularmente, como essências determinadas capazes de ações e operações determinadas; no segundo caso, destaca-se a causalidade transitiva dos encontros entre os modos finitos produzindo encontros e ligações na existência que não são eternos, pois, não seguem a ordem necessária da Natureza, mas, são duráveis enquanto perseveram na atualidade as composições e mútuas interações entre os modos finitos. Nesse último caso, Espinosa não diz ordem necessária da Natureza, mas sim, ordem comum da Natureza, querendo fazer destacar a causalidade transitiva dessa ordenação, no entanto, mostrando mais uma vez, a causalidade sempre presente a tudo o que ocorre na Natureza, e com isso, mostrando mais uma vez que nada na Natureza é contingente, ou, como diz Chaui (2,432), referindo-se à diferença entre modo finito e a coisa finita, destacando nessa diferença a peculiaridade da ordem em jogo, no primeiro

caso, “...As essências das coisas está formalmente compreendida nos atributos de Deus e depende das leis da Natureza”, já, quanto ao segundo caso, “A existência das coisas depende da força da causa necessária e da série e ordem das causas naturais... As coisas duram enquanto perseveram na atualidade”.

O conhecimento sobre os seres finitos...

O conhecimento que podemos ter de um ser finito, distingui-se pela maneira como é explicado ou como um modo finito ou como uma coisa finita.

Explicado como um modo finito ele deve ser conhecido como um ser enraizado à totalidade do real, pois, segue e está unido à necessidade da ordem inteira da Natureza, ou seja, deve ser tratado como um ser que exprime de uma maneira particular, certa e determinada, a natureza divina, e que é dotado de uma potência para ser, existir e agir finita e que é dependente de outro para ser, existir e agir. Esse conhecimento de seu enraizamento substancial exprime a sua liberdade de ser, existir e agir radicada ao real.

Explicado como uma coisa finita ele deve ser imaginado como um ser separado da ordem inteira da Natureza, ou, confinado aos limites da exterioridade e que padece e está submetido às forças contingentes dos encontros com a alteridade que o domina, e que fazem com que ele seja imaginado como um ser desenraizado da totalidade do real, exprimindo assim a sua servidão à Fortuna da ordem comum da natureza.

No entanto, todo ser finito está unido à ordem inteira da Natureza mas é também, de fato, determinado pela ação da alteridade e pelos limites da exterioridade, portanto, o conhecimento necessário dessa união, limitação e poder das coisas exteriores produz um conhecimento adequado de sua natureza, e seu desconhecimento, a imagem de sua separação, e de seu malogro face a essa limitação externa e ao poder das

coisas exteriores, acabando por crê-las desligadas de relações necessárias e produzindo então um conhecimento inadequado de sua natureza relacionada a elas.

A idéia perfeita de um ser finito é o conhecimento adequado da necessidade de sua natureza, e o conhecimento inadequado da necessidade de sua natureza é a idéia imaginada de sua imperfeição.

Conciliar e compreender a união, exterioridade e alteridade da natureza do ser finito relativamente aos demais seres finitos é o caminho para entender a necessidade de sua natureza, e portanto, é o caminho para que se compreenda a autonomia ou liberdade que ele exerce face a outros seres finitos. Não compreender essa necessidade e ser incapaz de realizar essa conciliação, leva ao caminho de imaginar a existência dos seres finitos como algo submetido à contingência ou fortuna dos acontecimentos.

Ser livre depende do conhecimento alcançado sobre o seu enraizamento nas participações ativas que desenvolve no interior da realidade, e vice-versa, ou seja, ser livre e estar enraizado são o mesmo.

A divisão dos seres no interior do sistema espinosano...

No interior do sistema espinosano os seres estão divididos segundo a interioridade ou a exterioridade de seu princípio dinâmico (sua produtividade causal), e segundo o serem ou não condicionados por outros seres.

Segundo a interioridade ou exterioridade do princípio dinâmico, temos os seres que são causa de si, a substância e seus atributos, cujos princípios dinâmicos de suas essências são internos; e temos os seres causados por outro, os modos infinitos e os modos finitos, cujo princípio dinâmico de suas essências é externo, e que é a causalidade eficiente e imanente da substância ou de seus atributos.

Segundo a divisão pela coexistência com outros seres, a distinção entre eles se estabelece segundo a diferença de serem ou não condicionados uns pelos outros, seja pela limitação imediata e recíproca do

contato com outros seres, seja por estarem sempre contidos em algo mais vasto que eles.

A substância e seus atributos são seres que por serem causa de si não são limitados por outros seres, e são o continente de todos os seres que não são causa de si; os modos são seres causados por outro, e por isso, são limitados por outros seres também causados por outro, os outros modos, e estão contidos em outro como conteúdos deste outro, que é a substância e seus atributos.

Sobre o atributo pensamento, o atributo extensão e os seres que os exprimem na natureza - Referências reais das ordens de existência dos atributos pensamento e extensão...

A diversidade real das maneiras pelas quais os seres finitos ou coisas particulares são produzidas na natureza, refere-se à diversidade real dos infinitos atributos infinitos que constam da realidade da substância, e que as produzem segundo a necessidade da causalidade eficiente imanente própria ao campo de expressividade de cada um.

Essas coisas particulares, como já vimos, devem ser homogêneas aos atributos dos quais são efeitos reais, e portanto, devem ser de mesma essência ou natureza que eles e devem exprimir a natureza de seus respectivos atributos de maneira certa e determinada, ou seja, a percepção dessas coisas particulares devem envolver o conceito dos atributos que as produzem.

Uma coisa particular ou ser finito é assim um modo finito que indica o campo de expressividade do atributo de onde segue, atributo que o compreende e o envolve enquanto elo o exprime de uma maneira certa e determinada, logo, podemos concluir a existência de um certo atributo, pela

percepção da existência de uma certa coisa particular que exprima o seu campo de expressividade.

Deste modo, se tomarmos numa ordem de existência qualquer as coisas particulares que lhe pertencem, elas podem ser apreendidas como distintas referências reais que seguem da atividade de produção da natureza de algum atributo, pois, serão feitos reais e necessários de sua natureza.

Por exemplo, quando tomamos como referência a ordem das coisas físicas, dizemos que há um atributo responsável pela produção do conjunto de todas as coisas físicas e pela ordem necessária que as une, chamado atributo extensão, e que este atributo extensão é o ser da substância na relação com as coisas físicas, e, quando tomamos como referência a ordem das idéias das essências formais das coisas, dizemos que há um atributo responsável pela produção do conjunto de todas as idéias de todas as coisas e pela ordem necessária que as une, chamado atributo pensamento, e que este atributo pensamento é o ser da substância na relação com as idéias das essências formais das coisas.

Por outras palavras, sabemos que existem os pensamentos e sabemos que existem os corpos singulares, portanto, sabemos que existem pelo menos dois atributos dentre os infinitos atributos que constituem a essência da substância, de cujos conceitos são concebidos todos esses pensamentos e todos esses corpos singulares que os exprimem singularmente, a esses dois atributos Espinosa chamou de atributo pensamento e atributo extensão respectivamente.

Pois bem, se os atributos pensamento e extensão são duas das infinitas expressões infinitas da realidade absolutamente infinita da substância, disso podemos concluir que a substância é uma coisa infinita pensante e é uma coisa infinita extensa, além de outras infinitas coisas infinitas que nosso intelecto não é capaz de perceber, pois, falta-nos a percepção das referências reais ou coisas particulares, que seriam os modos finitos que seguiriam da essência de um atributo qualquer, e que indicariam os respectivos atributos que responderiam pela existência e pela inteligibilidade dessas coisas particulares.

Portanto, dado que o nosso intelecto apenas pode conhecer o

que pertence ao atributo pensamento e ao atributo extensão, passemos então a estudar a natureza desses dois atributos, para que em seguida possamos conhecer também a natureza de nosso corpo e a natureza de nossa mente.

O atributo pensamento...

Quando a substância é percebida como um ser infinito pensante, dizemos que ela é percebida por um de seus infinitos atributos infinitos, o atributo pensamento, que é o responsável pela atividade de pensar a ordem e as conexões causais de toda a atividade produtiva de sua realidade absolutamente infinita. O atributo pensamento pensa o que a potência de agir da substância produz, isto é, ele pensa as idéias das coisas por ela produzidas e pensa as idéias que ele mesmo produz. Enfim, o atributo pensamento é o ser da substância percebido em sua atividade pensante infinita.

O atributo pensamento produz idéias que são realidades objetivas próprias da sua natureza ou atividade causal pensante, pois, produz idéias que mantêm uma identidade intrínseca com seus ideados respondendo pela formalidade da inteligibilidade deles, ou seja, as idéias das coisas produzidas pelo atributo pensamento são a própria essência objetiva dessas coisas, pois, a idéia e o ideado são uma só e mesma coisa, exprimindo o ser da substância ou sua ação substancial em atributos diversos.

Portanto, quando o atributo pensamento pensa a ordem causal necessária de produção de todas as coisas produzidas pela substância, o que ele faz é engendrar uma ordem causal necessária de idéias, que reproduzem numa relação de perfeita identidade, a mesma ordem causal necessária de produção de todas as coisas produzidas pela substância, pois, idéias e coisas são intrinsecamente indissociáveis e seguem a mesma e única ordem de conexões causais necessárias de produção do real.

O intelecto infinito ou a ciência de Deus...

Da natureza absoluta do atributo pensamento seguem como efeitos reais infinitos e necessários, os seus modos infinitos imediato e mediato. O modo infinito imediato é o intelecto infinito, e o modo infinito mediato é o conjunto intrinsecamente articulado e integrado de todas as idéias de todas as coisas produzidas pela substância, inclusive a idéia dela mesma.

O intelecto infinito é um ser real e objetivo que é um efeito real do atributo pensamento, isto é, ele é uma idéia ou mente infinita produzida pelo atributo pensamento. Ele é um ser infinito pensante necessariamente causado pelo atributo pensamento, e também é produtor de efeitos reais necessários que são a produção de efeitos de conhecimento.

O intelecto infinito produz as idéias ou conceitos que respondem formalmente pelas idéias objetivas das coisas, idéias objetivas que são as idéias produzidas pelo atributo pensamento, isto é, o intelecto infinito é uma coisa pensante que age produzindo atos de conhecimento.

Esses atos de conhecimento são ações que simultaneamente concebem, afirmam e percebem, de uma maneira absolutamente atual, a existência absolutamente atual das coisas produzidas pelos atributos da substância, e cujas essências são pensadas pelo atributo pensamento, enquanto pensa as essências de todas as coisas produzidas pela potência absolutamente infinita de agir da essência eterna e infinita da substância, produzindo a si mesma e a todas as coisas de infinitos modos.

Portanto, o conhecimento produzido pelo intelecto infinito é a potência de pensar do atributo pensamento exercida sobre a sua própria atividade pensante, produzindo a idéia de sua própria produção, e que é a idéia da essência formal da substância e de todas as coisas produzidas por ela. Deste modo, há uma total identidade entre a potência de agir, pensar e conhecer da substância, o que ela produz é pensado, e o que é pensado por ela é conhecido por ela porque são um só e mesmo ato as ações de produzir, pensar o que se produz e conhecer o que é produzido. O intelecto infinito

exprime o que é pensado pelo atributo pensamento e este o envolve.

Assim, quando tomamos o ser infinito pensante pensando a si mesmo e às suas ações, nós o apreendemos em sua intrínseca e necessária ação de auto-reflexividade estrutural de sua atividade pensante. Auto-reflexividade estrutural que é a ação que segue como consequência lógica-ontológica necessária e imediata de um ser que pensa tudo, inclusive sua própria atividade pensante.

Quando apreendemos o ser infinito pensante nesta ação auto-reflexiva onde ele pensa a si mesmo e pensa a idéia de todas as coisas produzidas por ele, dizemos que o objeto de seu pensamento é a sua própria ciência concebida e percebida em si mesmo e por si mesmo, ciência que é o conhecimento que ele tem de si mesmo, ciência que é o que ele compreende ou entende de toda a realização de sua própria atividade pensante, ciência que é tão necessária quanto a sua própria essência e potência, ciência que é a sua potência infinita para conceber e perceber, em si mesmo e por si mesmo, a idéia da essência e da potência necessárias do ser absolutamente infinito, e de tudo o que segue ou resulta necessariamente dessa essência e dessa potência absolutamente infinita.

A propriedade fundamental de um intelecto – conceber as idéias adequadas e verdadeiras de seus ideados...

Um intelecto qualquer, seja ele finito ou infinito, tem como propriedade fundamental formar idéias absolutamente (CHAUI, 1999 p.698), ou seja, ele deve formar idéias adequadas e verdadeiras de seus ideados. Idéias adequadas porque oferecem a causa ou razão total de seu ideado e de todas as suas propriedades, e idéias verdadeiras porque são independentes de outras idéias ou dependem exclusivamente da atividade da coisa pensante que as envolve (CHAUI, 1999, p.698).

A gênese de uma idéia verdadeira é a idéia que oferece a causa ou razão total e completa do ideado que está sendo pensado, ou seja, é a

idéia adequada que responde integralmente pela essência do ideado, e por todas as conexões e relações necessárias que ela realiza com outras essências e, internamente, responde também e integralmente por todas as ações, operações e efeitos que ela realiza necessariamente. A idéia adequada pensa as essências como constituintes de uma rede articulada de relações internas necessárias entre as totalidades formadas por cada essência (CHAUI, nota/aula, 1º sem/1999 – FFLCH-USP).

Essa gênese mencionada no parágrafo anterior é a identidade da idéia com a ação, causa ou razão daquilo de que é idéia e suas conexões, ou seja, é a idéia que diz em si mesma o que é aquilo de que ela é idéia, e é ela que garante que uma idéia seja verdadeira e conveniente ao seu ideado, ou seja, uma idéia verdadeira pressupõe que a sua gênese seja uma idéia adequada, ou melhor, é porque a gênese de uma idéia verdadeira é uma idéia adequada, que estabelece uma total identidade com a ação, causa ou razão daquilo de que é idéia e com suas conexões, que, então, a idéia verdadeira convém com seu ideado.

Portanto, uma idéia verdadeira manifesta a conveniência entre a idéia e o ideado mas não é a causa desta conveniência, a causa desta conveniência é esta identidade intrínseca de uma idéia que reproduz sem qualquer deformação, e sem a interferência de qualquer coisa exterior a ela, a cadeia de conexões necessárias de causas ou razões da ação daquilo de que é idéia.

A conveniência com o ideado é uma propriedade extrínseca, e a identidade com a atividade do ideado é uma característica intrínseca da própria idéia adequada, que se mostra a si mesma em sua verdade intrínseca e necessária, e que portanto diz o verdadeiro como norma de si mesma, isto é, como algo evidente em si mesmo e por suas próprias características, sem precisar de qualquer coisa exterior a ela para afirmar a sua verdade, e por isso, a idéia adequada é a gênese de uma idéia verdadeira.

A vontade infinita...

Espinosa explica que a vontade infinita é um efeito real infinito que resulta da necessidade da causalidade eficiente e imanente da substância, e portanto, não se pode dizer que o ser absolutamente infinito age pela liberdade de sua vontade própria, mas, que a sua vontade resulta necessariamente da atividade de sua natureza, e que portanto, esta vontade é determinada por esta natureza a agir por maneiras certas.

Além disso, Espinosa identifica ainda a vontade infinita ao intelecto infinito, ou seja, a vontade infinita é o ato mesmo pelo qual o intelecto infinito afirma o que conhece daquilo que o atributo pensamento pensa, mais especificamente, é o ato ou poder necessários de afirmar a idéia adequada e verdadeira concebidas pelo intelecto.

Ora, como são inseparáveis o ideado e a sua idéia adequada ou verdadeira, então, quando se diz que a vontade é o que afirma essa idéia, do mesmo modo estamos dizendo que a vontade é isso que afirma a coisa, que, como sabemos, no caso das coisas finitas, é o seu esforço interno de auto-perseveração na existência, é o seu *conatus*, ou, dito de outro modo, é a idéia da substância envolvida na idéia da coisa como sua *ratio*, ou ainda, como vontade infinita ela é o poder necessário de afirmar a idéia, concebida pelo intelecto infinito, de uma natureza absolutamente infinita existente em ato, que é a idéia da substância.

O atributo extensão...

Vimos anteriormente que o nosso intelecto é capaz de conceber o conceito de apenas dois atributos ou ordens de realidades, e que essas ordens de realidades são ordens necessárias de produção, imanentes às ordens de existência que ele percebe à partir de duas referências singulares reais de naturezas diversas, e que estão compreendidas, cada qual, em cada uma dessas ordens de existência, e que são, os pensamentos ou idéias e os

corpos singulares.

Essas coisas singulares são modos finitos que indicam os respectivos atributos a que pertencem e que respondem por sua inteligibilidade, pois, envolvem o seu conceito. E os atributos em questão são, o atributo pensamento, que é o responsável pela produção das idéias de todas as coisas, e que se exprime como intelecto infinito que conhece a sua atividade, e o atributo extensão, que é o responsável pela produção de todas as coisas físicas ou corpos e ações compreendidos na totalidade da ordem de existência do universo físico.

À seguir, veremos como o atributo extensão produz o conjunto de todas as coisas físicas e como ele estabelece a ordem causal necessária que as une, através da apresentação da teoria geral da natureza dos corpos.

Sobre a Teoria Geral da Natureza dos Corpos

A teoria geral da natureza dos corpos, exposta na proposição EII P13 da Ética, explica a gênese dos corpos, a gênese da diferença e da conveniência entre eles, e o modo como existem e operam no interior do universo físico.

I -) A gênese dos corpos:

Os corpos são produzidos na natureza como se segue. Da natureza absoluta do atributo extensão, a essência eterna e infinita do universo físico, segue, como seu efeito infinito imediato e necessário, o modo infinito imediato, que são as leis físicas eternas e imutáveis de movimento e repouso que governam as ações de auto-diferenciação da natureza do atributo extensão.

O modo infinito imediato é força e lei de movimento e repouso, isto é, sua ação é intrinsecamente ordenada por sua identificação às leis físicas universais de movimento e repouso, que são as leis responsáveis pela determinação de proporções, modificações ou diferenciações particulares na natureza absoluta da realidade ou ser do atributo extensão, e que são os modos finitos extensos, ou, as ações e os corpos finitos existentes no universo físico; além disso, essas leis são também as responsáveis pelo estabelecimento de regras de composição entre estas determinações particulares e a totalidade una e indivisa de que tomam parte como modificações particulares.

Ou seja, essas leis estruturam o continuum infinito do ser do atributo extensão, como uma rede ordenada infinita de nexos causais entre suas determinações particulares, o modo infinito mediato que exprime a essência do atributo extensão como esse conjunto infinitamente estruturado

de todas essas particularidades ou determinações diferenciadas de sua realidade - a existência atual do universo físico.

O que a gênese dos corpos nos permite conhecer é que estes são efeitos determinados da ação de auto-diferenciação do atributo extensão, que age segundo as leis de auto-diferenciação de seu modo infinito imediato, que, por sua vez, estabelece em seu contínuo infinito, proporções certas e determinadas de sua realidade como proporções discretas e constantes de movimento e repouso. Ou seja, os corpos finitos são modificações discretas do continuum do ser infinito do atributo extensão, ou, proporções certas e determinadas de movimento e repouso que são as alterações singulares finitas de sua realidade infinita, enquanto modifica (movimento) ou conserva (repouso) infinitamente a sua figura ou face atual, sem qualquer alteração de sua forma ou natureza, a sua essência eterna e infinita da qual seguem todas as essências e existências de todos os corpos finitos existentes.

Como nos explica Espinosa, não há vácuo na Natureza, pois, tudo está relacionado segundo uma ordem necessária comum que pode ser explicitada conhecendo-se as leis universais da Natureza, ou, como ele mesmo diz, *“...a matéria é em qualquer lugar a mesma, não se distinguindo nela partes senão enquanto a concebemos como afetada de diversas maneiras, pelo que as partes somente se distinguem modalmente e não realmente”* (EI, P15 S).

I.i -) O princípio dinâmico interno dos corpos:

Como proporções certas e determinadas da realidade ou ser do atributo extensão, que é uma potência infinita de agir, os corpos são potências causais finitas reais de agir de mesma natureza que ele, os corpos são uma causalidade eficiente interna finita de mesma natureza que o atributo extensão. E, como a diferenciação do continuum do ser do atributo extensão é produzida pela ação da força-lei universal de movimento e

repouso de seu modo infinito imediato, então, é da natureza dos corpos serem constituídos de proporções constantes de movimento e repouso determinadas por essa lei de diferenciações particulares. Enfim, os corpos e ações finitas do universo físico são potências causais reais finitas de agir ou forças finitas de movimento e repouso.

Como podemos notar, entre o movimento e o repouso não há qualquer diferença metafísica entre eles, ambos são forças que constituem a natureza dos corpos como modos finitos do atributo extensão, e, por isso, o movimento e o repouso são estados reais dos corpos, o que pode variar é a alteração de velocidade no movimento dos corpos mas não a constituição intrínseca de sua natureza, o movimento ou o repouso. Daí, o axioma 1 afirmar que: *“Todos os corpos estão ou em movimento ou em repouso”* (EI P13 Ax.1).

Esse axioma afirma o conatus dos corpos, pois, o estado de movimento ou repouso dos corpos exprime o seu esforço interno de auto-perseveração na existência como auto-conservação em seu estado, de movimento ou repouso. Assim, absolutamente falando, de sua natureza intrínseca interna, um corpo permanecerá em seu estado de movimento ou repouso indefinidamente, até que, apenas pela ação de causas exteriores seja obrigado a alterar esse estado. Movimento e repouso são a própria natureza intrínseca dos corpos, são a sua força interna para conservar-se e agir.

II -) A gênese da diferença real entre os corpos:

De um ponto de vista explicativo genético, a concreção ou particularização real primeira e mais simples da ordem do universo físico, é uma pura afecção de movimento ou repouso, isto é, a natureza dessa particularização real mais simples, é ser uma proporção constante e finita de força de movimento ou repouso, causada pela força-lei infinita de movimento e repouso do modo infinito imediato do atributo extensão. Essa

particularização real mais simples da ordem do universo físico é chamada por Espinosa de corpo simplicíssimo.

Pela essência, os corpos simplicíssimos são todos modos finitos do atributo extensão, e por isso, não se distinguem em razão da substância, e, pela existência, são as partes reais mais simples de um composto, a existência atual e infinita do universo físico ou outros corpos finitos compostos por eles. E, enquanto partes mais simples de um composto, os corpos simplicíssimos também são corpos, e portanto, eles tem natureza, isto é, eles tem necessariamente figura e grandeza (graus de velocidade), e porque eles são corpos reais que têm grandeza o axioma 2 pode afirmar o seguinte: *“Todo corpo se move, ora mais lentamente, ora mais rapidamente”* (EII P13 Ax.2).

Os corpos simplicíssimos são modos finitos do atributo extensão, que se distinguem realmente e intrinsecamente uns dos outros através do modo infinito imediato que, determina a constituição da natureza desses corpos segundo singulares proporções constantes, certas e determinadas, de movimento e repouso, e são chamados simplicíssimos porque a distinção real entre eles é simplicíssima, isto é: 1) porque eles só se distinguem realmente uns dos outros apenas por seus estados de movimento, repouso e velocidade (rapidez ou lentidão do seu movimento); 2) porque são partes de um composto, mas, em si mesmos, não são compostos. Assim, dado um corpo que não é composto, um corpo simplicíssimo, este seguirá apenas as leis de movimento e repouso do modo infinito imediato.

Daí, o lema 1 poder afirmar para o caso particular dos corpos simplicíssimos o seguinte: *“Os corpos distinguem-se entre si em razão do movimento e do repouso, da rapidez ou lentidão, e não em razão da substância”* (EII P13 L1).

III -) A gênese da conveniência entre os corpos:

Com efeito, ainda que todos os corpos simplicíssimos distingam-se realmente e intrinsecamente entre si, todos eles convém em certos aspectos, pois, envolvendo todos a mesma essência eterna e infinita do atributo extensão, então, todos têm também em comum as mesmas propriedades. Eles são convenientes entre si por três razões: 1) Pelo atributo são convenientes pela essência: Todos os corpos envolvem o conceito do mesmo atributo como modos determinados da extensão; 2) Pelo modo infinito imediato são convenientes pelas propriedades comuns que compartilham, e que são duas: 2.i) Os corpos se movem ou mais rapidamente ou mais lentamente; 2.ii) Em termos absolutos todos os corpos podem ou mover-se ou repousar. Daí, o lema 2 afirmar que: “*Todos os corpos convém em certos aspectos*” (EII P13 L2).

IV -) A existência e as operações atuais dos corpos:

Na sua finitude e simplicidade, todos os *corpos simplicíssimos* são potências causais reais finitas de agir ou proporções certas e determinadas de forças finitas de movimento e repouso, e portanto, são coisas finitas capazes de produzir efeitos reais finitos no interior do *continuum* infinito do universo físico de que tomam parte, afetando e sendo afetados por outros corpos, de movimento e repouso.

Assim, o fato fundamental da existência e das operações dos *corpos simplicíssimos* é serem determinados externamente por uma causalidade exclusivamente transitiva, pois, de seu princípio dinâmico interno apenas permanecerão em seu estado de movimento ou repouso, indefinidamente, até que sofram a determinação de outros corpos externos que os constringam a mudarem seu estado. Ou seja, para as afecções corporais produzidas entre os *corpos simplicíssimos*, quando elas conservam a proporção de movimento ou repouso de cada um dos corpos

afetantes e afetados, o que elas conservam é o próprio estado de movimento ou repouso desses corpos, e, de outra parte, podemos entender que tudo o que se passa com os *corpos simplicíssimos* depende de tudo o que vem do exterior, isto é, da relação transitiva e de exterioridade que estabelecem com outros corpos exteriores.

Pela proposição 28 da parte I da Ética, sabemos que a ordem inteira da natureza naturada é uma ordem necessária de determinações pela causa, ou seja, uma ordem na qual são constituídas séries infinitas de causas infinitas. A proposição afirma que:

“Qualquer coisa singular, ou seja, qualquer coisa que é finita e tem existência determinada, não pode ser nem ser determinada à operação se não é determinada a ser e a operar por outra causa, a qual é também finita e tem existência determinada; e, por sua vez, esta causa também não pode ser nem ser determinada à operação se não é determinada a ser e a operar por outra causa, a qual também é finita e tem existência determinada, e assim indefinidamente” (EI P28).

Portanto, a EI P28 afirma que não há qualquer coisa singular que possa agir e existir por si mesma, ou seja, toda coisa singular é e opera determinada por outra coisa singular, e essa por outra, etc., e assim indefinidamente.

Como vemos, essa causalidade eficiente transitiva externa estabelece uma ordem de encadeamentos necessários de determinações finitas em séries infinitas de determinações. E, como somente coisas singulares de mesma natureza podem determinar umas às outras, compreendemos então que somente um corpo pode determinar outro corpo ao movimento e ao repouso, de onde o lema 3 afirmar que:

“Um corpo, quer em movimento quer em repouso, deve ser determinado ou ao movimento ou ao repouso por um outro corpo, o qual, por sua vez, foi também determinado ao movimento ou ao repouso por um outro, e este, de novo, por um outro, e assim até ao infinito” (EII P13 L3).

Com o complemento do corolário ao lema acima fica-nos também esclarecido algo à respeito da conservação ou permanência do estado de um corpo, fazendo notar que, do repouso segue necessariamente o repouso e do movimento segue necessariamente o movimento, e que, a passagem de um estado ao outro exige uma causa externa contrária que o determine a essa mudança.

Ora, se de um lado sabemos que os corpos são sempre determinados por outros corpos, e que a mudança de estado destes corpos deve-se a uma ação contrária de outros corpos, resta-nos saber as maneiras pelas quais os corpos são afetados no interior desse sistema de múltiplas afetações e determinações necessárias e recíprocas. O axioma 1 que se segue ao lema 3 é o responsável por esse esclarecimento afirmando que:

“Todas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro corpo seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que afeta, de tal modo que um só e mesmo corpo é movido de diferentes maneiras, em razão da diversidade dos corpos que o movem e, reciprocamente, diferentes corpos são movidos de diferentes maneiras por um só e mesmo corpo” (EII P13 L3 Ax.1).

O que este axioma nos diz é o seguinte. Primeiro, ele nos diz que são duas as causas das maneiras pelas quais um corpo é movido, e são elas: 1) uma causa interna - a natureza dos corpos afetados; 2) uma causa externa - a natureza dos corpos afetantes. Segundo, um mesmo varia em razão de si e do diverso, e, diversos variam em razão do diverso e do mesmo. Terceiro, a identidade e a alteridade, entendidas como a natureza dos corpos afetados e a natureza dos corpos afetantes, tem a mesma causa, isto é, o movimento, o repouso e a velocidade.

Concluindo a exposição de Espinosa com respeito à natureza dos *corpos simplicíssimos*, analisaremos agora o axioma 2 que se segue ao corolário do lema 3 da proposição 13, no qual encontraremos a lei do choque ou lei da transmissão do movimento que se aplica aos *corpos simplicíssimos*, o axioma diz o seguinte:

“Quando um corpo em movimento se choca com outro em repouso que não pode deslocar, volta para trás, de maneira a continuar a mover-se, e o ângulo que faz, com a superfície do corpo em repouso encontrado, a linha do movimento de reflexão será igual ao ângulo que a linha do movimento de incidência forma com essa mesma superfície...” (EII P13 L3 Ax.2).

O que este axioma afirma é a linearidade da ação e da reação entre os *corpos simplicíssimos*, pois, dada a igualdade dos ângulos de incidência e de reflexão, formados pelas linhas de movimento do corpo incidente, antes e após o choque com a superfície do corpo em repouso que não pode deslocar, nota-se que a ação e reação no caso dos *corpos simplicíssimos* é linear.

V -) A gênese dos indivíduos ou corpos compostos:

Vimos até agora que a existência e as operações dos corpos simplicíssimos sofrem várias determinações. Primeira, como as essências dos corpos estão compreendidas na essência eterna e infinita do atributo extensão e seguem dela como seus efeitos imanentes necessários, então, elas são imanentemente determinadas pela causalidade eficiente e imanente do atributo extensão. Segunda, eles também dependem das determinações das leis universais do modo infinito imediato, que impõe a eles uma composição necessária com outros corpos exteriores e com o todo de que tomam parte. Terceira, estabelecida a estrutura do continuum da natureza do atributo como a infinitude atual do modo infinito mediato, este, constrange-os ao estabelecimento de relações de alteridade e de continente-conteúdo que também os condicionam, impondo-lhes a necessidade de modificações, agregações, desagregações e destruições recíprocas. Quarta, os corpos sofrem as determinações de outros corpos que com eles compartilham séries infindas de encadeamentos causais com outros tantos

corpos. Enfim, os corpos são indefinidamente determinados, de tal modo que, a realidade do universo físico se exprime desde o ser auto-determinado que é a substância percebida por seu atributo extensão, até os seres infinitamente determinados que são os corpos existentes na natureza.

Ora, dada essa existência e operações indefinidamente determinadas, cada corpo afeta e é afetado por outros corpos de inumeráveis maneiras, compondo-se, modificando-se ou sendo destruído por eles, produzindo assim modificações finitas na existência do universo físico e mudando a face de sua existência infinita atual. Porém, precisamos entender que essas modificações finitas já estão compreendidas na ação sempre atual de auto-expressividade do atributo extensão, que é auto-regulada pelas leis imanentes à sua essência eterna e infinita que as determina de modo certo. Portanto, a razão dessas mudanças é imanente a essas leis eternas e imutáveis que, ao mesmo tempo, são leis de totalidade que governam e regulam a relação de todas essas modificações particulares com a totalidade do universo de que tomam parte. O que precisamos compreender agora é a gênese das relações entre essas modificações particulares ou partes do universo físico, e entre elas e a infinitude atual ou totalidade infinitamente estruturada do universo. Para esse esclarecimento contamos com a carta 32 de Espinosa dirigida a Oldenburg, e a definição de indivíduo que passaremos a estudar em sequência à análise desta carta.

Na carta 32, dirigida a Oldenburg, Espinosa esclarece o amigo sobre como cada uma das partes da Natureza concorda (*convenient*) com seu todo e como cada uma delas se vincula (*cohaeret*) às restantes. Em primeiro lugar, Espinosa esclarece que um conhecimento absoluto à respeito disso seria impossível, pois, seria necessário conhecer a natureza inteira e todas as suas partes, o que seria impossível para seres finitos como nós. Em seguida, Espinosa esforça-se por mostrar a razão pela qual afirma o vínculo e o acordo entre as partes da Natureza e, neste ponto, é bom que vejamos o texto integral, não apenas para compreendermos de maneira adequada o teor desse importantíssimo assunto, como também para que dele possamos compreender com maior profundidade alguns conceitos úteis ao desenvolvimento de nosso estudo.

“Por vínculo (cohaerentia) entre as partes entendo apenas aquilo que faz com que as leis ou a natureza de cada uma das partes se ajustem (accommodant) às leis ou à natureza de cada uma das outras, de tal modo que não haja entre elas a menor contradição (contrariantur). Acerca do todo e das partes, considero as coisas como partes de um certo todo enquanto a natureza de cada uma delas se ajusta, na medida do possível, à das outras, de maneira a se conformarem (consentiant) umas às outras. Mas enquanto essas coisas são discrepantes entre si, cada uma delas forma idéia distinta em nossa mente, e devem, então, ser consideradas cada uma como um todo e não como uma parte. Por exemplo, enquanto o movimento das partículas de linfa, de quilo, etc., se ajusta reciprocamente em razão de sua grandeza e figura, de sorte que se conformam entre si de maneira completa e constituem um só líquido, a linfa, o quilo, etc., serão considerados como parte de um mesmo todo, o sangue. Mas, enquanto concebemos as partículas linfáticas diferindo das de quilo em razão da figura e do movimento, consideramo-las como um todo e não como uma parte.

Inventemos, se quiserdes, um vermezinho vivendo no sangue. Suponhamos que seja capaz de distinguir pela vista as partículas do sangue, da linfa, etc., e de observar como cada parte vem encontrar uma outra ou é repelida por uma outra, ou lhe comunica seu movimento, etc. Esse vermezinho, vivendo no sangue como nós vivemos numa parte do universo, consideraria cada parte do sangue como um todo e não como uma parte e, assim, não poderia saber como todas as partes são governadas pela natureza global (universalis) do sangue, e como são obrigadas por ela a se ajustarem reciprocamente para que se estabeleça uma certa relação (certa ratione) entre elas. Se supusermos que não há qualquer causa exterior ao sangue que comunique novos movimentos às partes, e que não há qualquer espaço exterior ao sangue, nem outros corpos aos quais as partes pudessem transferir seu movimento, é certo, então, que o sangue permaneceria sempre em seu estado e que suas partículas não sofreriam qualquer variação, fora aquelas que podem ser concebidas a partir da natureza do sangue, isto é, de um movimento que o sangue pode comunicar

à linfa, ao quilo, etc. E, assim, o sangue deveria ser sempre considerado como um todo e não como uma parte. Mas, como há muitas causas que governam de uma certa maneira a natureza do sangue, e que por sua vez dependem da natureza dele, têm origem nesse líquido outros movimentos e outras variações que não dependem apenas das relações (*ex ratione*) do movimento recíproco das partes, mas das relações (*ex hac ratione*) recíprocas do movimento sanguíneo e das causas exteriores. Sob essa relação (*ex hac ratione*), o sangue é uma parte e não um todo. Aí está o que eu tinha a dizer sobre o todo e a parte.

Podemos e devemos conceber todos os corpos da Natureza do mesmo modo que fizemos com o sangue: com efeito, todos os corpos estão circundados por outros e se determinam reciprocamente para existir e operar em relações determinadas, mantendo sempre constante em todos os corpos (isto é, no universo inteiro) a mesma relação de movimento e de repouso. Decorre daí que todo corpo, enquanto existe modificado de uma certa maneira, deve ser considerado como uma parte do universo que concorda com seu todo e se vincula com o resto. E como a natureza do universo não é limitada como a natureza do sangue, mas é absolutamente infinita, suas partes são dirigidas de infinitas maneiras e estão submetidas, por esta potência infinita, a infinitas variações. Quanto à substância, concebo a união de cada uma de suas partes com seu todo de uma maneira ainda mais íntima, pois decorre da natureza infinita da substância que cada uma das partes pertence à natureza da substância corporal e sem ela não pode ser nem ser concebida” (carta 32 a Oldemburg – 20/11/1665).

O primeiro ponto que essa carta nos ajuda a compreender é que, um corpo é tomado como parte relativamente a outros corpos quando ele é tomado segundo as relações de alteridade e de continente-conteúdo que estabelece com eles. Vemos isso explicitado quando Espinosa declara em sua carta que, “Podemos e devemos conceber todos os corpos da Natureza... circundados por outros e se determinam reciprocamente para existir e operar em relações determinadas...” (grifos nossos). Estar circundado é estar numa relação de continente-conteúdo, determinarem-se

exteriormente e reciprocamente é manterem relações de alteridade. Portanto, na concepção de parte está implícita a definição de coisa finita, tomar parte num todo é tomar parte nele como uma coisa finita segundo uma relação de alteridade com outras coisas finitas, e segundo uma relação de continente-conteúdo com outras de mesma natureza.

Tomar parte num todo é então ser um corpo finito circundado por outros corpos finitos que se determinam reciprocamente para existir e para operar. Esta é a condição da finitude de um corpo, é estar circundado, limitado, confinado por outros corpos, e é estar à mercê de determinações oriundas dos corpos exteriores que o afetam de inumeráveis maneiras. Ou seja, em termos metafísicos, um corpo finito é uma coisa finita confinada, comprimida, contida, limitada, constrangida aos limites estreitos de expressão de sua ação espontânea de movimento ou repouso face a ação dos outros corpos exteriores que, de fora, o pressionam, o comprimem e o detém no interior desses limites.

O segundo ponto que a carta esclarece é sobre o vínculo entre as partes e o vínculo destas com o todo de que tomam parte. O vínculo entre as partes e destas com o todo se estabelece quando as leis ou a natureza de cada uma delas se ajustam às leis ou à natureza de cada uma das outras, de tal modo que a relação que estabelecem entre si e com o todo que assim compõem, dependa de como cada uma delas se ajusta às outras e do modo como se conformam entre si como um único todo, e, reciprocamente, do modo como o todo as governa, obrigando-as a se ajustarem reciprocamente estabelecendo uma certa relação constante entre elas. Por outras palavras, quando as determinações recíprocas entre as partes, se ajustam umas às outras, conformando-se umas às outras, dizemos que entre elas estabeleceram-se vínculos caracterizados por relações partes-intra-partes, e, reciprocamente, o todo assim composto as governa como partes vinculadas por uma relação de continente-conteúdo, relação partes-todo, na qual as partes mantêm em comum uma certa relação constante de movimento e repouso entre elas e com o todo de que tomam parte.

O que é importante notar nesse segundo esclarecimento da carta 32 é a interação recíproca partes-intra-partes e partes-todo. Espinosa

diz explicitamente que o vínculo (*cohaerentia*) entre as partes, ocorre, primeiro, como um ajuste (*accommodant*) recíproco entre as leis ou a natureza de cada uma delas, de tal modo que não haja entre elas a menor contradição. Ora, um corpo qualquer é antes de mais nada uma ação, uma causa eficiente interna finita real de agir, uma estrutura interna de ação constituída de proporções finitas de forças de movimento e repouso, e esta estrutura é sua própria natureza cujas ações são governadas por leis certas que seguem imediatamente como propriedades da essência da estrutura física real desse corpo, e que determinam também as operações que ele realiza externamente na relação com outros corpos. Ou seja, um corpo é um sistema organizado de ações capaz de agir, operar e existir por maneiras diferentes, em diferentes situações, e com diferentes corpos, seguindo sempre as leis certas que seguem de sua essência.

Quando um corpo necessita ajustar-se (*accommodant*) de modo recíproco a outros corpos, este ajuste é uma acomodação de seu sistema organizado de ações a outros sistemas organizados de ações que são os outros corpos. Por outras palavras, enquanto um corpo existe sem que haja qualquer deformação da integridade de sua estrutura interna de ação, essa estrutura interna de ação de um corpo é capaz de agir sobre outros corpos por maneiras certas e determinadas, seguindo as leis que determinam seus modos de agir, existir e operar nas interações recíprocas que ele estabelece com outros corpos; mas, quando estas interações necessitam produzir uma acomodação das leis ou natureza desses corpos em interações recíprocas, esta acomodação não poderá pressupor qualquer acerto comum ou relação recíproca que impeça ou contrarie a natureza ou leis próprias a cada um deles. Ou seja, uma acomodação ou ajuste recíproco entre eles, quando ocorre, na verdade não faz outra coisa que estabelecer uma certa expressividade atual de sua essência numa nova expressividade existente imanente às leis dessa própria essência. O que o ajuste recíproco entre os corpos impõe é então uma delimitação do universo de ações e operações pertinentes à lei ou natureza de cada um deles, segundo uma certa faixa de intersecção comum, em que a natureza ou leis de cada um deles podem determinar as suas ações e operações comuns e recíprocas, sem produzirem

qualquer contradição com a natureza ou forma de cada um dos corpos envolvidos nessas interações.

Portanto, o ajuste recíproco é uma acomodação recíproca das ações e operações dos corpos que interagem entre si, segundo uma faixa de expressividade comum das leis ou natureza de cada um deles, de tal modo que, terminado o vínculo entre eles, todos os corpos envolvidos nessa interação possam retornar à sua expressividade singular sem perda da realidade de seu ser, pois, não sofreram qualquer modificação em sua estrutura interna de ação, sua forma ou natureza, mas, apenas a condicionaram a uma nova estruturação pela composição comum com outros corpos, produzindo então uma figura de expressividade comum nessa nova composição estabelecida, enquanto se acomodavam reciprocamente compondo um único corpo. Por outras palavras, um corpo composto tem sua própria forma ou natureza e tem também a sua figura particular que exprime atualmente as suas modificações internas, porém, os corpos que o compõem, tem também, cada qual, sua forma ou natureza e sua figura particular conservadas, ou seja, a composição não implica numa mudança na natureza das partes que a compõem, mas sim, um ajuste entre elas compondo a natureza de uma nova composição, que, por sua vez, as ajusta entre si, e assim indefinidamente, por ajustes recíprocos partes-intrapartes e partes-todo.

Enfim, antes de vincular-se a outros corpos, cada um dos corpos tem suas próprias propriedades pelas quais opera suas relações com outros corpos e realiza a articulação interna entre sua essência e sua existência; com o vínculo entre os corpos, cada um dos corpos vinculados entre si passam a serem regidos por propriedades gerais comuns que, regulam e governam o estabelecimento de relações comuns entre eles, ajustando um acordo comum das leis imanentes à essência de cada um deles, de tal modo que a articulação entre a essência e a existência de cada um deles permita que, a existência de cada um deles não sejam contrárias umas às outras, mas sim, convenientes umas às outras e, terminado o vínculo entre os corpos, cada um deles pode voltar a ser governado por

suas próprias propriedades, como antes do vínculo recíproco com outros corpos.

Quando o início do trecho da carta diz que o vínculo (*cohaerentia*) entre as partes é aquilo que faz com que as leis ou natureza de cada uma delas se ajustem (*accommodant*) reciprocamente, sem que haja qualquer contradição entre elas (*contrariantur*), isto que permite tal acordo é então uma certa capacidade de acomodação da estrutura interna de ação dos corpos que interagem reciprocamente, e que é o mesmo que a adoção de uma certa faixa de expressividade comum das ações e operações realizadas pelas leis internas que os regulam na relação com outros corpos, sem que isso perturbe a estrutura interna de ação de cada um deles para além de um ponto que os leve a uma destruição recíproca ou modificação de sua forma ou natureza, ou seja, para que a acomodação ocorra é imprescindível que o ajuste do campo de variabilidade da estrutura interna de ação de cada corpo seja imanente à essência desta própria estrutura, de tal modo que esta se conserve e o corpo permaneça em seu ser, sem qualquer modificação de sua forma ou natureza interna.

Essa capacidade de acomodação da estrutura interna de ação dos corpos, citada acima, está de certo modo exposta e suposta por Espinosa, quando ele diz, sobre a relação partes-todo que, as partes devem ajustar reciprocamente a sua natureza, “na medida do possível”, ou seja, Espinosa parece admitir aí uma medida de deslocamento, intrínseca à própria estrutura interna do corpo, e que lhe permite o ajuste recíproco com outros corpos, portanto, o *possível*, refere-se então à modificação (o ajuste) que preserva a conservação dessa estrutura, ou seja, refere-se à mudança imanente a ela.

Portanto, a medida para a medida do possível, a razão de sua inteligibilidade, é a conservação da natureza do corpo, a conservação de sua essência ou conatus. Para o caso dos *corpos simplicíssimos*, o ajuste é a variação da velocidade e/ou a mudança do estado de movimento ou repouso e, para o caso dos compostos, a natureza particular da composição de um corpo composto que, determinará as operações particulares de ajuste com a natureza particular de outros corpos compostos.

O terceiro ponto que desejamos estudar diz respeito à relação entre as partes e o todo. Nesse caso, o ajuste requerido é o ajuste entre as partes e o todo. A natureza de cada uma das partes de um todo deve ajustar-se umas às outras, de tal modo que todas elas se conformem (*consentiant*) umas às outras de um modo comum, ou seja, essa conformidade comum ocorre pela adoção de uma certa relação comum entre todas as partes do todo e o próprio todo de que tomam parte.

O que é essa certa relação comum entre as partes do todo? Em primeiro lugar, é a conformidade das partes e do todo com as leis universais do universo físico, ou seja, significa serem todas as partes e o todo regidas e subordinadas pelas mesmas leis necessárias da Natureza; em segundo lugar, é a relação que se estabelece quando todas as partes de um todo particular são governadas pela natureza global desse todo, de tal modo que, no interior desse todo ocorrerão variações dependentes não apenas daquelas relações de alteridade entre as partes, onde estas determinam-se reciprocamente a existir e a operar segundo as relações determinadas que já estudamos, mas onde também ocorrerão variações dependentes das leis que governam o todo na relação com suas partes, e, nesse caso, as partes serão determinadas a existir e a operar segundo relações constantes de movimento e repouso determinadas pelo todo de que tomam parte.

Assim, um corpo enquanto parte de um corpo que o compreende, vincula-se aos outros corpos que também são partes desse mesmo corpo e, concordam todos com esse todo em que estão compreendidos segundo acomodações recíprocas de suas estruturas internas de ação ao todo de que tomam parte; e assim, indefinidamente, segundo novas relações de alteridade e de continente-conteúdo que estabeleçam com outros corpos, até o infinito (o modo infinito mediato), que, não sendo limitado por mais nada, é a causa da conformidade de todos os corpos que ele compreende, as leis universais de movimento e repouso do modo infinito imediato do atributo extensão.

Para cada relação continente-conteúdo há então um ajuste das partes ao todo assim como para cada relação de alteridade entre elas. Por outro lado, a natureza do todo depende também da natureza das partes, e

portanto, o ajuste entre eles é recíproco, simultâneo e absolutamente atual, e por isso, é possível o acordo entre todas as partes e entre elas e o todo de que tomam parte, e este ajuste recíproco significa que todas as variações comuns das partes são idênticas às variações imanentes às leis que seguem da essência do todo. Por outras palavras, o todo determina que as partes articulem-se entre si e com ele segundo propriedades gerais comuns, que são relações constantes de movimento e repouso, e, por outro lado, as determinações recíprocas entre as partes, ou, a ação de causas exteriores, perturbam a constância dessa relação, no entanto, quando é possível conservá-la constante ou no interior de uma faixa aceitável de variação sem perturbação da estrutura global estabelecida, então dizemos que o todo governa as suas partes segundo propriedades gerais comuns todo-partes, e aí a natureza ou forma do todo se conserva ainda que suas partes sofram variações particulares.

A totalidade ou infinitude do universo físico não sofre perturbações exteriores, e portanto, as variações, deslocamentos ou perturbações decorrentes dos movimentos internos de suas partes são imanentes às próprias leis de composição todo-partes, ou seja, as leis gerais do todo pressupõem as infinitas variações de suas partes sem qualquer ameaça de sua ordem global, e por isso, suas leis são eternas e imutáveis, pois são comuns e convenientes ao todo e as partes que esforçam-se por perseverar em seu ser.

O quarto ponto que pretendemos estudar nessa carta, refere-se às duas definições de totalidade que ela explica, e que estão pressupostas nas considerações que fizemos no ponto anterior. No exemplo do vermezinho no sangue, num primeiro caso, o vermezinho aparece como parte no interior do sangue, e imagina-se como parte de uma totalidade completa quando na realidade trata-se de uma totalidade parcial, pois, causas exteriores ao sangue podem determiná-lo, e portanto, há uma totalidade exterior que o determina, logo, essa totalidade parcial é parte de uma totalidade mais completa que ela, e que a contém; num segundo caso, o sangue é de fato tratado como uma totalidade independente da ação de

causas exteriores a ele, sofrendo apenas variações internas próprias à sua natureza, e neste caso, temos uma totalidade plena, completa.

Assim, a idéia de totalidade conduz-nos à idéia de plenitude ou não do princípio dinâmico da mesma, ser ou não a causa completa ou parcial de tudo aquilo que realiza. Todo corpo finito composto de corpos mais simples é parte concordante de um todo que o contém, e continente destas partes que o compõem e que concordam entre si e com o todo de que tomam parte, este mesmo corpo composto; enquanto tomado apenas como uma parte concordante de um todo que a envolve, uma parte é uma totalidade parcial que é causa parcial de tudo aquilo que realiza; enquanto tomado apenas como uma totalidade que envolve as partes que a compõem, uma totalidade é plena e é causa total de tudo aquilo que realiza.

Muito bem, vejamos agora como exemplo, o que tudo isso significa para o caso da composição de um corpo composto formado pela composição de vários *corpos simplicíssimos*. Ora, da perspectiva da relação partes-intra-partes de um mesmo corpo, os *corpos simplicíssimos* ajustam, reciprocamente e espontaneamente, os seus estados de movimento ou repouso e a velocidade de seus movimentos, através dos contatos que estabelecem entre si, seguindo as leis universais de movimento e repouso, de tal modo que, todos se conformem entre si de maneira completa constituindo um só corpo pelo vínculo estabelecido pela ação constrangedora de uns sobre os outros, e, reciprocamente, compondo um único corpo que governe o estabelecimento da comunicação de proporções constantes de movimento e repouso que os constranja ao estabelecimento de uma conformidade comum. Daí, concatenando-se deste modo uns aos outros segundo as operações causais determinadas pelas leis universais de movimento e repouso do modo infinito imediato, e pelas determinações entre os vários *corpos simplicíssimos* e entre eles e o todo de que tomam parte, os *corpos simplicíssimos* constituem então a natureza de corpos mais complexos, os *corpos compostos*, *corpos de segundo gênero* ou indivíduos.

Vejamos agora a definição de indivíduo oferecida por Espinosa.

“Quando alguns corpos de mesma ou de diversas grandezas são coagidos pela ação de outros corpos a aplicar-se uns aos outros; ou, se eles se movem com o mesmo grau ou com graus diferentes de rapidez, de tal maneira que comunicam os seus movimentos entre si segundo uma certa relação constante, diremos que esses corpos estão unidos entre si e que todos em conjunto, compõem um corpo, ou seja, um indivíduo que se distingue dos outros por essa união de corpos” (EII P13 L3 Def.).

Como veremos agora, essa definição explica o que dissemos até aqui sobre o comentário da carta 32 com respeito à união entre os corpos, afirmando que:

Em primeiro lugar, um indivíduo não é um corpo simples, um indivíduo é um corpo composto, isto é, um corpo cuja propriedade fundamental é ser a unidade indivisível de um conjunto de corpos mais simples que, em conjunto, agem simultaneamente produzindo uma única composição de corpos ou corpo composto, que é a união de todos estes corpos mais simples como um único indivíduo.

Em segundo lugar, a definição diz que a gênese de um indivíduo, ou, a causa da gênese da união dos corpos que formam um corpo composto, submete-se a duas condições necessárias e suficientes, capazes de operar simultaneamente a geração dos indivíduos, e que são as seguintes:

Primeira condição suficiente e necessária: Quanto à grandeza e a forma de aplicação recíproca entre eles, corpos de mesma grandeza ou de grandezas diferentes são coagidos pela ação de outros corpos a se aplicar uns aos outros. Como podemos notar, a primeira condição estabelece a causalidade transitiva e a exterioridade como causas de um constrangimento exterior que, pressiona os corpos mais simples, coagidos por outros corpos, à aplicarem-se reciprocamente uns aos outros, seguindo as leis do movimento e do repouso, e limitando-os a uma zona de confinamento onde interagem reciprocamente (é o estar circundado por outros corpos comentado na carta 32). Por sua vez, essa zona estabelece uma fronteira que separa os corpos interiores dos corpos exteriores;

fronteira que é determinada, de um lado, pela ação dos corpos exteriores a essa zona, pressionando de fora os corpos interiores e mantendo-os dentro de certos limites, circundados por estes mesmos corpos exteriores; e, de outro lado, há a reação dos corpos interiores que pressionam os corpos exteriores para fora dessa superfície de contato, sua fronteira, enquanto conservam seu estado de movimento ou repouso, seja pela reflexão dos corpos exteriores em movimento ao chocarem-se com os corpos interiores, que os faz voltarem para trás, seja pelo choque dos corpos interiores em movimento, que pressionam os corpos interiores que estão na zona de fronteira a chocarem-se contra os corpos exteriores que também estão na zona de fronteira movimentando-se em sentido contrário, ou em repouso e alterando a velocidade ou o estado dos corpos interiores que com ele se chocam, enfim, fazendo com que estes corpos interiores também sofram uma reflexão para trás, afastando-os então desta zona de fronteira ou superfície de contato.

Os corpos interiores assim circundados acabam por estabelecer entre si interações recíprocas, aplicando-se uns aos outros através de choques contínuos, o que faz com que pouco à pouco ajustem-se reciprocamente, variando suas diversas grandezas, suas velocidades e proporções de movimento e repouso, até estabelecerem um sistema dinâmico de ações razoavelmente estável, capaz de repetir continuamente ciclos de interações que podem ser apreendidos como estados desse sistema ou todo estruturado, e onde, quaisquer movimentos internos são então percebidos como imanentes às leis desse próprio sistema dinâmico.

Ou seja, numa primeira aproximação à idéia de indivíduo, este, é um corpo composto de corpos mais simples identificados como suas partes, é um corpo onde os choques e os deslocamentos transitórios aleatórios de suas partes são conformados a uma resultante comum, onde estes movimentos aleatórios desaparecem e passam a ajustar-se aos constrangimentos do todo, de tal modo que passem a ser movimentos ordenados que exprimem propriedades gerais comuns ao todo e as partes desse sistema dinâmico. E, a causa dessa passagem de um movimento aleatória a um movimento ordenado por leis de composição é o sistema de

forças resultante da ação de forças centrífugas e centrípetas que contrapõem-se, ou seja, determinando-o como um sistema de forças que age e reage contra as forças que lhe perturbam ou coagem. Nessa primeira condição, um indivíduo é então determinado como um sistema de forças que se conserva mantendo um equilíbrio dinâmico com outros sistemas de forças exteriores que o perturbam e coagem;

Segunda condição suficiente e necessária: Quanto à forma de comunicação recíproca de seus movimentos, corpos com mesmo grau de rapidez ou com graus variados de rapidez, comunicam os seus movimentos entre si segundo uma certa proporção determinada ou relação constante. Nesta segunda condição o que importa é a permanência de uma mesma proporção de movimento e repouso entre as partes que compõem a totalidade desse corpo composto, ou seja, a inalterabilidade dessa proporção é a condição que garante a conservação dessa unidade indivisa de corpos como um indivíduo.

Mas o que é essa proporção constante de movimento e repouso que se comunica entre as partes do corpo composto? Essa proporção é a expressão da lei que segue imediatamente da essência desse corpo como um princípio regulador e de controle de sua auto-conservação e de sua dinâmica interna, é a lei que expressa e coordena a força de coesão do todo estruturado que é o indivíduo, é a lei que exprime o que permanece estável, invariável ou inalterado no indivíduo mesmo diante das modificações internas que nele se realizam, ou seja, é a lei de totalidade cuja norma ou razão regula, controla e constrange as propriedades do sistema que pressupõem sua variabilidade interna dinâmica, impedindo que estas propriedades de variabilidade produzam ou permitam o descontrole dos deslocamentos ou modificações internas das partes que o compõem, e que, como consequência disso, seja levado à destruição. Portanto, essa lei interna de auto-conservação do indivíduo é a expressão inteligível de sua força de auto-perseveração na existência como expressão da potência de conservação de sua forma ou natureza, é a expressão de seu *conatus*, e sem ela não há o indivíduo, ela é a lei da essência desse indivíduo como lei que afirma a sua existência certa e determinada.

Portanto, como podemos notar, a primeira condição estabelece a determinação do indivíduo na sua relação com a alteridade, a segunda condição estabelece a determinação do indivíduo na relação consigo mesmo, estabelece a sua identidade própria como uma unidade subordinada às leis de composição de suas partes como um todo integrado e indivisível. A primeira condição diz o que produz a variabilidade de suas formas, e que é a diversidade de aplicações recíprocas entre os corpos que compõem as partes de um mesmo indivíduo, estrangidos a essas aplicações por outros corpos; a segunda condição diz o que conserva cada uma dessas formas, a comunicação de proporções constantes de movimento e repouso entre as partes que constituem o indivíduo.

Enfim, o que é um indivíduo e qual a causa ou a gênese de seu ser? A causa ou a gênese de seu ser é a interação entre corpos que agem e operam simultaneamente entre si, seja pela ação de corpos exteriores que coagem os corpos constituintes do indivíduo a se aplicarem uns aos outros, seja pela comunicação de movimentos desses corpos constituintes entre si segundo uma certa proporção determinada ou relação constante, e, em ambos os casos, agindo todos em conjunto, espontaneamente e simultaneamente, compondo um mesmo indivíduo. Portanto, a identidade do indivíduo é uma ação, ele é a unidade de uma estrutura complexa interna que é unificada pela ação comum dos seus corpos constituintes, de cuja conservação depende a conservação de sua identidade ou ser. Essa unidade de ação é estabelecida simultaneamente e espontaneamente por uma ação centrípeta comum adotada por todos os seus constituintes e por uma ação centrífuga destes mesmos constituintes como uma reação à ação externa dos corpos exteriores que o envolve. Agindo deste modo, um indivíduo é então uma estrutura de conveniência e de ajuste interno entre as suas partes e delas com o todo deste mesmo indivíduo de que tomam parte, e é também uma estrutura relacional ou um sistema de relações internas e externas capaz de agir e de reagir, afetar e ser afetada, ser determinado por causas exteriores e de produzir efeitos exteriores, modificando o ambiente que o circunda e a constrange.

Causa da variabilidade ou conservação das formas corporais...

Como observamos no item anterior, a comunicação de uma certa relação constante de movimento e repouso entre os corpos, é o que garante e explica a conservação de sua forma ou natureza como um corpo composto ou indivíduo, e, a aplicação dos corpos uns aos outros, é o que garante e explica a variabilidade da forma ou natureza dos corpos compostos. Assim, essas duas condições necessárias e suficientes da definição de um indivíduo, são as condições que garantem a sua conservação e sua variabilidade de formas.

Porém, veremos agora que, o axioma 3 que se segue à definição que acabamos de estudar, enfatiza ainda mais essa aplicação dos corpos uns sobre os outros e, os lemas que se seguem a este axioma enfatizam, por sua vez, ainda mais a importância dessa comunicação da proporção de movimento constante entre os corpos. No primeiro caso, com o axioma 3, poderemos compreender a gênese da variabilidade da natureza ou forma dos corpos e, no segundo caso, com os lemas que se seguem ao axioma 3, poderemos compreender a causa da conservação dessas formas que eles possuem.

O axioma 3 diz o seguinte: *“Conforme as partes que compõem um indivíduo, ou corpo composto, se aplicam umas sobre as outras segundo superfícies maiores ou menores, é mais fácil ou mais difícil constrangê-las a mudar de lugar; é, por consequência, mais fácil ou mais difícil que o próprio indivíduo assuma outra figura. Darei o nome de duros aos corpos cujas partes se aplicam umas às outras segundo grandes superfícies; chamar-lhes-ei moles, ao contrário, se essas superfícies são pequenas; fluidos, enfim, àqueles cujas partes se movem, mas entre as outras”* (EII P13 L3 Ax.3).

Este axioma diz como se dá a variação da forma ou natureza dos corpos compostos e a causa dessa variação. Em primeiro lugar, o axioma enfatiza a aplicação dos corpos uns sobre os outros como condição da explicação dessa variabilidade, ele diz que, a variação da natureza dos

corpos compostos decorre da aplicação recíproca entre suas partes, segundo a maneira como estas se aplicam umas às outras, em conjunto e simultaneamente, em função da grandeza de suas respectivas superfícies. Em segundo lugar, o axioma determina três modalidades fundamentais de corpos compostos, os duros, os moles e os fluidos, cuja gênese de cada um é a seguinte: Quando suas partes se aplicam entre si segundo grandes ou pequenas superfícies temos os corpos duros ou moles respectivamente; quando suas partes se movem e se moldam aos interstícios uns dos outros, dizemos que a composição formada por estas partes é a de um corpo fluido.

Podemos perceber que a grandeza das superfícies de aplicação é o que determina a facilidade ou a dificuldade para fazer com que as partes mudem de lugar, e é também o que determina a facilidade ou a dificuldade para que um indivíduo mude de figura, seguindo as leis imanescentes à sua forma ou natureza.

Um corpo duro é um corpo no qual as partes tem maiores dificuldades para mudarem de lugar, e portanto, mantém entre si e em relação ao todo de que tomam parte posições razoavelmente constantes, resistindo à mudança dessas posições que ocupam atualmente no interior do corpo, e portanto, conservam mais firmemente a estrutura física resultante da relação entre eles, de cujo princípio de inteligibilidade, sua essência, seguem imediatamente as leis de composição entre elas, e que permitem apenas ajustes dentro de limites estreitos de variabilidade dessas posições.

Essa resistência deve-se à aplicação recíproca das superfícies de suas partes que estabelecem uma resultante de forças internas nesse jogo de interações, sob a forma de pressões recíprocas contínuas, resultantes dessas aplicações recíprocas entre suas superfícies, e que são, suficientemente intensas para impedirem que perturbações originadas pela ação de causas exteriores ou movimentos internos desloquem-nas de suas posições atuais. Já, para o caso dos corpos moles, basta observarmos o inverso do que acabamos de considerar.

De qualquer maneira, tanto para o caso dos corpos duros quanto para o caso dos corpos moles, o que importa é notarmos a força de resistência à mudança oferecida por cada um deles, os duros são mais

imperturbáveis e indeformáveis que os moles, pois, as superfícies de aplicação entre suas partes são maiores, quanto aos moles, estes são regidos pela disposição inversa, ou seja, são mais susceptíveis às perturbações e deformações causadas por agentes exteriores ou pelos deslocamentos de outros corpos interiores.

Ora, as superfícies das partes do corpo são as fronteiras ou zonas de aplicação que envolvem cada uma delas e, ao mesmo tempo, agem também como barreiras aos deslocamentos de outras partes que, encontram nelas, obstáculos à sua trajetória de deslocamento; quanto maior a superfície, maior a barreira que age como um obstáculo ao deslocamento de outras partes que seguem em sua direção, impedindo assim que estas possam acessar outras regiões, portanto, superfícies maiores ou menores das partes do corpos, identificam-se também com as barreiras que estabelecem as regiões mais ou menos penetráveis formadas por esses mesmos corpos.

A grandeza da superfície de aplicação diz respeito portanto à resistência aos deslocamentos das partes de uma região à outra do corpo, e portanto, elas são responsáveis por uma parcela da resistência à mudança da figura desse corpo, ao mesmo tempo em que a configura de um modo particular. A outra parcela, mais importante, dessa resistência à mudança, é a conservação das proporções constantes de movimento e repouso entre essas partes, originadas pelas leis de totalidade do corpo.

Para completar nossas considerações sobre as modalidades corporais, vejamos por fim os corpos fluidos. Estes, são corpos muito mais flexíveis ou maleáveis e susceptíveis às mudanças e aos deslocamentos, respondendo rapidamente à qualquer influência externa ou interna agindo sobre ele. Além disso, os corpos fluidos movem-se entre as outras partes e penetram facilmente outras regiões, pois, movem-se nos interstícios das outras partes ou corpos, e com isso, penetram as barreiras formadas por eles, ao contrário dos corpos duros ou moles, que são mais rígidos e pouco susceptíveis às ações de deslocamento, e portanto, mais resistentes à mudança de sua forma ou de sua posição diante das mesmas influências externas ou internas que atingem os corpos fluidos.

Enfim, o que é então um corpo segundo as suas modalidades corporais? Ele é o resultado de um conjunto de forças dinâmicas internas que atualmente interagem entre si, configurando e estabelecendo seu grau de rigidez, flexibilidade, mobilidade ou fluidez, e que resultam em muita, média ou pouca resistência à mudança de sua figura sob a ação de influências internas ou externas.

Muito bem, estudado o axioma 3 que enfatizou a aplicação dos corpos uns sobre os outros como causa de sua variabilidade, passemos agora aos lemas que lhe seguem, e que enfatizam a comunicação de uma proporção constante de movimento e repouso entre as partes dos corpos como sendo a causa da conservação das formas que eles tem. Vejamos os lemas:

Lema IV: *“Se de um corpo, isto é, de um indivíduo composto de vários corpos, segregam-se certos corpos e, ao mesmo tempo, outros num mesmo tanto e de mesma natureza ocupam o seu lugar, o indivíduo conservará a sua natureza como precedentemente, sem qualquer mutação na sua forma”.*

Lema V: *“Se as partes que compõem um indivíduo se tornam maiores ou menores, mas numa proporção tal que conservem todas, entre si, como antes, as mesmas relações de movimento e de repouso, o indivíduo conservará igualmente a sua natureza como antes, sem qualquer mudança na sua forma”.*

Lema VI: *“Se alguns dos corpos que compõem um indivíduo estão animados de um movimento numa dada direção e são constrangidos a desviá-la para outra, mas de tal maneira que possam continuar os seus movimentos próprios e a comunicá-los entre si na mesma relação que antes, o indivíduo conservará ainda a sua natureza, sem qualquer mudança na sua forma”.*

Lema VII: *“Um indivíduo assim composto conserva igualmente a sua natureza, quer se mova na sua totalidade ou esteja em repouso, quer se*

move nesta ou naquela direção, desde que cada parte conserve o seu movimento e o comunique às outras, da mesma maneira que antes”.

Como podemos notar, Espinosa identifica no interior desses lemas, aquilo que já acostumamos o leitor a identificar, ele identifica a forma e a natureza do corpo, ou seja, a natureza do corpo que é o seu princípio interno de ação e operação, é identificado à sua forma ou lei de sua essência ou lei de totalidade que compreende todas as regras que regem as suas modificações internas e externas, ou seja, que rege todas as ações e operações de sua natureza.

Dessa identidade resulta que: primeiro, a figura do corpo pode mudar sob a identidade de sua forma subordinando-se aos limites de modificação imanentes às propriedades dessa forma; segundo, o corpo é sua própria forma, ou, a forma é o corpo em ato; terceiro, a mudança dessa forma não é possível sem a destruição do corpo de que ela é forma, pois, significaria mudar justamente a lei de composição de seus constituintes que identifica-se exatamente com a afirmação atual de seu próprio ser em ato; quarto, a identidade de corpo existente em ato é a unidade de identidade entre sua forma, sua natureza e sua existência atualíssimas, ou seja, a identidade do corpo é uma ação.

Os lemas explicam ainda como o indivíduo garante a permanência de sua identidade, descrevendo aspectos de sua dinâmica, ao mesmo tempo em que indaga sobre como sua identidade pode se conservar sob a influência de diversas situações. Vejamos o que eles explicam: **1)** O lema 4 descreve o **metabolismo** e diz que, se houver a segregação ou a retirada de certas partes que se separam do corpo, sua conservação ocorrerá se houver a substituição disso que se separou por um mesmo tanto de partes de mesma natureza; **2)** O lema 5 descreve o **crescimento** e diz que, se houver mudança na grandeza das partes, sua conservação ocorrerá se for mantida a mesma proporção de movimento e repouso entre as partes apesar da variação dessa grandeza; **3)** O lema 6 descreve o **movimento interno dos órgãos e dos membros** e diz que, se houver mudança na direção do movimento das partes, sua conservação ocorrerá se a mesma proporção e

comunicação de movimento entre as partes for mantida apesar da mudança de direção; 4) O lema 7 descreve a **locomoção** e diz que, se houver mudança no movimento do todo, sua conservação ocorrerá se cada parte conservar o seu movimento e o comunicar na mesma proporção que antes. Resumindo, a vida do corpo e sua identidade são conservadas se houver, primeiro, a substituição adequada das partes que o compõem, segundo, se simultaneamente sempre for conservada a constância da proporção de movimento e repouso comunicada entre as partes e entre elas e o todo de que tomam parte.

Os gêneros de indivíduos e sua natureza...

Por fim, o escólio final da proposição II P13 (que não reproduziremos aqui integralmente) conclui o percurso que analisa a natureza dos indivíduos, e denomina quais são os gêneros de indivíduos que existem, afirmando que:

- 1) Um indivíduo composto qualquer pode afetar e ser afetado de variadas maneiras por outros corpos e indivíduos, modificando a sua figura ou face expressiva atual, e ainda assim conservar a identidade de sua forma ou natureza;
- 2) Quanto aos gêneros de indivíduos, eles se distinguem entre si quanto à natureza das partes que os compõem, e são eles os indivíduos de: (1) *primeiro gênero*, quando são compostos por corpos que não se distinguem entre si a não ser pelo estado de movimento ou repouso ou pela rapidez ou lentidão, portanto, são os indivíduos compostos de *corpos simplicíssimos*; (2) *segundo gênero*, quando são compostos de outros indivíduos de naturezas diversas, ou seja, os indivíduos compostos por corpos duros, moles e fluidos, com metabolismo, crescimento, movimento interno e locomoção; (3) *terceiro gênero*, quando são compostos de indivíduos do segundo gênero. E, ao final desse escólio Espinosa o completa afirmando que: “...E, se continuarmos assim até ao infinito, conceberemos facilmente

que a Natureza inteira é um só indivíduo cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo na sua totalidade...”.

3) A complexidade dos indivíduos aumenta pelo grau de complexidade da sua composição, isto é, o indivíduo é tanto mais complexo quanto mais indivíduos de naturezas diversas o compuserem. Essa pluralidade de composição não retira mas põe a identidade desse indivíduo, de tal modo que o indivíduo varia sem perder a sua forma ou natureza, pois, de seu interior conservará a sua forma eternamente e, qualquer mudança dessa forma, determinada então e tão somente pela ação de causas exteriores, acarretará a destruição desse indivíduo. Concluindo esse percurso deduzimos que, se elevarmos a complexidade ao infinito, entenderemos que a natureza ou a totalidade do real é um só indivíduo, isto é, ela é um indivíduo composto pela infinidade de todos os indivíduos existentes.

Enfim, o que esses lemas e esse escólio final da proposição EII P13 nos ensinam? Eles nos ensinam que:

Primeiro, os indivíduos são organismos, isto é, indivíduos animados em graus diversos;

Segundo, um indivíduo é um composto dotado de uma identidade que se conserva na mudança, e essa identidade é uma relação interna ao próprio indivíduo corporal;

Terceiro, essa relação interna ao indivíduo corporal é aquilo que não pode mudar num indivíduo ou organismo para que este conserve a sua identidade individual, é a conservação de sua *ratio*, é a conservação da comunicação de sua proporção constante de movimento e repouso que explica porque o corpo pode passar de um figura à outra conservando a mesma natureza. E Espinosa explica isso identificando sua natureza à sua forma, de onde segue imediatamente a lei do indivíduo capaz de prever, regular e controlar seu metabolismo, crescimento, movimento interno e locomoção, sem a perda de sua identidade individual, é isso que explica, por exemplo, porque é possível passar-se da infância à idade adulta conservando-se a mesma forma ou natureza e mudando de figura;

Quarto, os indivíduos são organismos animados por graus diversos de complexidade, isto é, são estruturas complexas de ações internas;

Quinto, os indivíduos se diferenciam segundo o grau de complexidade maior ou menor de cada um, o que determina também a maior perfeição ou realidade desse indivíduo na sua relação de proporção com o indivíduo total que é a natureza em sua totalidade.

Sobre o Corpo Humano:

Os postulados que seguem o escólio final da proposição II P13, introduzem o corpo humano descrevendo-o como um caso particular dos indivíduos altamente complexos, e, com esses postulados, finaliza-se também a teoria geral da natureza dos corpos. Os postulados são os seguintes:

Postulado 1: O corpo humano é composto de uma pluralidade de indivíduos (de naturezas diversas), cada um dos quais é também muito composto.

Postulado 2: Dos indivíduos de que o corpo humano é composto, alguns são fluidos, outros moles e outros, enfim, duros.

Postulado 3: Os indivíduos componentes do corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano, são afetados de uma pluralidade de maneiras pelos corpos exteriores.

Postulado 4: O corpo humano tem necessidade, para a sua conservação, de muitos outros corpos, pelos quais é continuamente como que regenerado.

Postulado 5: Quando uma parte fluida do corpo humano é determinada por um corpo exterior de maneira a chocar muitas vezes com uma parte mole, muda a superfície desta e imprime-lhe como que certos vestígios do corpo exterior que a impele.

Postulado 6: O corpo humano pode mover os corpos exteriores de variadíssimas maneiras e dispô-los de variadíssimas maneiras.

Com esses postulados Espinosa nos mostra que o corpo humano é: (1) uma estrutura extremamente complexa (*Post.1*), plural (*Post.2*) e

relacional ou aberta à alteridade (*Post.4*), pois, é uma estrutura composta por outros indivíduos também complexos (*Post.1*) de naturezas diversas (*Post.2*), e que necessita manter relações com outros corpos para se regenerar continuamente e conservar a sua identidade corporal (*Post.4*); **(2)** Essa abertura do corpo humano à alteridade e sua regeneração só são possíveis porque tanto a sua totalidade quanto os indivíduos que o compõem podem ser afetados por outros corpos exteriores de variadíssimas maneiras (*Post.3*), e por que ele é capaz de movê-los e de dispô-los e de ser movido e disposto por eles de variadíssimas maneiras; **(3)** É um corpo que pode conservar em si mesmo os vestígios deixados pela ação de corpos exteriores sobre ele (*Post.5*).

Ou seja, o que esses postulados indicam é que:

(1) a relação de interioridade do corpo humano consigo mesmo é inseparável da relação de exterioridade do corpo humano com os outros corpos exteriores, ou seja, sua estrutura interna é espontânea e originariamente relacional, isto é, ele é receptivo à operação com outros corpos. E a causa do corpo humano ser essa estrutura relacional é que ele é, antes de tudo, um conatus, ou seja, uma causa eficiente imanente interna ou potência de agir e de interagir, e é também uma potência capaz de operar, isto é, uma potência capaz de agir e de reagir em condições determinadas quando determinado por causas exteriores, primeiro, porque está inserido nas série das causas eficientes transitivas dos modos finitos, segundo, porque o sistema de afecções corporais é um sistema de causas eficientes transitivas externas;

(2) O corpo humano é um corpo animado, pois, como os seus movimentos e a comunicação de seus movimentos são tratados como movimentos que coordenam a sua regulação no contato com outros corpos e coordenam também a sua própria auto-regulação interna, então, esses movimentos, tratados como regulação e auto-regulação do corpo humano, identificam-se com o princípio das ações e das operações que ele mesmo produz conservando a sua própria auto-regeneração, e, nesse sentido, o movimento do corpo humano é a sua própria vida.

A natureza das afecções corporais...

As afecções corporais e sua variabilidade decorrem das mútuas afetações entre os corpos e das maneiras como se dão essas afetações, e mais, essas afetações entre os corpos dependem ainda da natureza dos corpos afetados e da natureza dos corpos afetantes em relação. Portanto, há uma variabilidade bastante grande de maneiras e de modalidades de afetações na interação entre os corpos.

No caso do corpo humano, por exemplo, ele é um corpo que é uma totalidade constituída de indivíduos, e portanto, como totalidade, um corpo humano pode afetar outros corpos, assim como outros corpos também podem afetá-lo como totalidade. Porém, sendo o corpo humano constituído de indivíduos, então, uma parte dele pode ser afetada de diferentes maneiras por um mesmo corpo exterior se diferentes partes desse corpo exterior afetarem a mesma parte dele. Entretanto, diferentes corpos exteriores podem afetar da mesma maneira o corpo humano se eles o afetarem em partes diferentes. Ou ainda, uma parte do corpo humano pode afetar de uma determinada maneira uma parte de um corpo exterior, e afetar da mesma maneira diferentes partes dos corpos exteriores, e, diferentes partes do corpo humano podem afetar da mesma maneira diferentes partes dos corpos exteriores ou afetar de maneiras diferentes as mesmas partes dos corpos exteriores, etc.

O que é o corpo humano?...

Como nos diz Marilena Chaui em (1, p.54), o corpo humano é:

“Um modo finito do atributo Extensão, isto é, um indivíduo extremamente complexo constituído por uma diversidade e pluralidade de corpúsculos duros, moles e fluidos relacionados entre si pela harmonia e equilíbrio de suas proporções de movimento e repouso. É uma unidade

estruturada: não é um agregado de partes, mas unidade de conjunto e equilíbrio de ações internas interligadas de órgãos, portanto é um indivíduo. Sobretudo, é um indivíduo dinâmico, pois o equilíbrio interno é obtido por mudanças internas contínuas e por relações externas contínuas, formando um sistema de ações e reações centrípeto e centrífugo, de sorte que, por essência, o corpo é relacional: é constituído por relações internas entre seus órgãos, por relações externas com outros corpos e por afecções, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando. O corpo, sistema complexo de movimentos internos e externos pressupõe e põe a intercorporeidade como originária”.

Sobre a Mente Humana:

A natureza e a origem da mente humana...

Vimos anteriormente que o nosso intelecto ou mente não é capaz de perceber a existência de outras ordens de existência além das produzidas pelos atributos pensamento e extensão, pois, não somos capazes de perceber outras referências reais de coisas que não sejam os corpos e as idéias singulares que exprimem apenas a realidade desses dois atributos, e que, por sua vez, são modos que envolvem necessariamente os conceitos desses dois atributos.

Se as coisas se passam dessa maneira é porque nós mesmos não somos produzidos em e por outras ordens de realidades que não sejam o atributo pensamento e o atributo extensão, pois, em verdade, só podemos perceber aquilo pelo qual podemos ser afetados e afetar, e isto que podemos afetar e que pode nos afetar deve ser de mesma natureza que nós, pois, uma causa só produz um efeito de mesma natureza que ela e em algo de mesma natureza que ela. Portanto, se apenas produzimos efeitos sobre os corpos e sobre as idéias, e se só somos afetados por corpos e idéias, então, os conceitos dos atributos que envolvem a nossa natureza são os mesmos que envolvem também os conceitos dos atributos que envolvem a natureza dos outros corpos e idéias, e que são, como já vimos, os atributos extensão e pensamento respectivamente.

Sendo assim, nossa essência singular humana é a unidade de dois modos finitos de naturezas diversas, cada qual, envolvendo a realidade de seu respectivo atributo, e onde, ao modo finito de nossa essência singular que exprime o atributo extensão dá-se o nome de corpo humano, e, ao modo finito de nossa essência singular que exprime o atributo pensamento dá-se o nome de mente humana, ou seja, somos a unidade de um corpo humano e de uma mente humana.

Espinosa nos explica que a natureza da mente humana é ser um modo finito que exprime de uma maneira certa e determinada o atributo pensamento, e que, sua origem, deve-se a uma certa relação de união entre os atributos pensamento e extensão, e entre ela e o corpo humano.

Sabemos que a ordem e as conexões causais necessárias das idéias concebidas pelo intelecto infinito quando conhece o que o atributo pensamento pensa, é a mesma ordem de conexões causais necessárias das coisas produzidas pela potência absolutamente infinita de agir da substância. Logo, o que o intelecto infinito conhece é aquilo que a ação substancial produz, ela mesma e todas as coisas, ou seja, Deus tem ciência de si.

Ora, assim como o intelecto infinito de Deus conhece a totalidade do real, a mente humana que está compreendida no intelecto infinito conhece o corpo humano de que é idéia, pois, a atividade do intelecto infinito de Deus é inteligir a existência atual de todas as coisas, e portanto, quando ele pensa uma coisa real e singular existente em ato, como por exemplo, o sistema singularmente ordenado de conexões causais necessárias entre os corpos que compõem a existência atual do corpo humano, no interior das infinitas séries causais infinitas de conexões causais entre os corpos produzidos pelos modos infinitos do atributo extensão, o que ele pensa é o sistema ordenado de conexões causais necessárias das idéias desses corpos assim estruturados como a unidade de um único corpo existente em ato. Ou seja, ao sistema corporal chamado corpo humano corresponde um sistema de idéias chamado mente humana que responde pelo conhecimento atual desse corpo.

Assim, a mente humana é uma idéia produzida por Deus como idéia de uma coisa singular e real existente em ato, o corpo humano, e portanto, a mente humana é inseparável deste corpo humano, ela e o corpo humano são uma só e mesma coisa que se exprime em dois atributos diversos, e ela só conhece o que se passa nesse corpo de que é idéia, ou seja, a mente humana é a atividade de inteligir o corpo humano que constitui o seu objeto atual, ela existe se o corpo humano existe, e vice-versa.

A perfeita união ou identidade entre a mente humana e o corpo humano, ou, entre as idéias e os seus ideados - a idéia é uma realidade e não uma representação...

Deus, enquanto é tomado como um ser infinito pensante, é a causa eficiente e imanente do ser de todas as idéias, portanto, nossa mente e todas as idéias existentes são realidades e não representações. Explicando...

Uma idéia é uma realidade ou ser cuja causa interna é o atributo pensamento que a produz em si mesmo e por si mesmo, isto é, uma idéia é um ser ou realidade pois sua causa interna é um ser real, a substância, enquanto é tomada como um ser infinito pensante sob o atributo pensamento, que é um ser real que é causa eficiente de efeitos reais.

Ora, a substância tomada como um ser infinito pensante é a pura atividade de pensar ou causar eficientemente e imanentemente as idéias de toda a sua atividade produtiva, logo, o ser das idéias produzidas também são ações ou a atividade de pensar as coisas em ato, pois, são efeitos de mesma natureza que a causa que os produz. Portanto, a idéia não é uma representação separada da coisa e que corresponde aproximadamente à realidade formal dessa coisa, a idéia é o próprio ser ou realidade inteligível interna da coisa, é o seu ato de intelecção interno, a idéia está unida internamente ao seu ideado de um modo intrinsecamente articulado e indissolúvel, a idéia e o seu ideado são uma só e mesma coisa, e por isso, sem a idéia a coisa não existe, e vice-versa.

Disso resulta também que a mente humana não existe sem o seu objeto, o corpo humano, pois ambos são expressões diversas de uma mesma e única realidade ou ser, ora tomado sob o atributo pensamento, ora tomado sob o atributo extensão.

A força nativa da mente humana...

A mente humana, assim como o intelecto infinito, enquanto concebe as idéias que respondem integralmente pela essência de seu ideado, as afirmam como idéias que, primeiro, respondem externamente por todas as conexões e relações necessárias que ela realiza com outras essências, segundo, respondem internamente por todas as ações, operações e efeitos que ela realiza necessariamente.

Portanto, essas idéias formadas pela mente humana concebem essas essências como constituintes de uma rede articulada de relações e de conexões necessárias, ou seja, como um sistema articulado de idéias que articulam-se entre si estabelecendo relações de proporções entre cada uma de suas partes e o todo estruturado que compõem.

Ora, sendo o mesmo, o princípio de ordenamento e de conexões causais necessárias das coisas e das idéias, então, esta ordem e conexão causais de idéias reproduzem objetivamente e de modo completo e independente a formalidade da Natureza, “...no todo e em cada uma de suas partes” (2, 576), sem carecerem de outras determinações externas para assegurarem a inteligibilidade dessa formalidade, pois, as propriedades que garantem essa inteligibilidade são imanentes a cada uma dessas essências particulares e ao todo intrinsecamente articulado formado por elas, e portanto, essa ordem estabelecida “...é o indicador seguro das “forças intelectuais” como potência imanente para o verdadeiro e do verdadeiro...a ordem é a essência íntima da coisa que determina sua causa ou razão necessária” (2,577-8).

A auto-reflexividade estrutural da mente humana...

A idéia verdadeira da essência de Deus envolve a idéia verdadeira de nossa essência, ou seja, a idéia verdadeira de Deus está presente em nossa mente como *ratio* de todo o nosso entendimento, e

portanto, conhecemos a Natureza Divina da mesma maneira que Deus conhece a si mesmo, pois, conhecemo-la sob a identidade do mesmo e único princípio inaugural da ordenação causal espontânea e necessária de produção de todas as idéias, a idéia verdadeira de Deus.

Sendo assim, afirmando-se espontaneamente e necessariamente como princípio inaugural de todo o nosso entendimento, quando o objeto de nosso entendimento é o nosso próprio ser, então, aí também a idéia de Deus afirmar-se-á espontaneamente e necessariamente na idéia que formarmos sobre nós mesmos. Isso decorre do fato de que essa idéia da idéia ou potência reflexiva de nossa mente, nada mais ser do que uma expressão particular da potência reflexiva do intelecto de infinito de Deus enquanto realiza a sua auto-reflexividade estrutural necessária, conhecendo toda a sua atividade produtiva ao formar a idéia de si. A mente humana realiza o mesmo, ou seja, ela estabelece uma conexão interna da idéia da idéia como uma auto-reflexividade estrutural interna da idéia de seu objeto, o corpo humano. Ou seja, aqui não se trata da atividade de um sujeito que realiza uma reflexão da consciência de si, pois, a auto-reflexividade é interna e não precisa de consciência. E, essa auto-reflexividade estrutural acontece necessariamente porque a mente humana é parte do intelecto infinito e, de uma maneira finita, exprime a necessidade de sua auto-reflexividade estrutural de um modo particular, certo e determinado.

A auto-reflexividade estrutural da mente humana dispensa a idéia de um sujeito dotado de uma subjetividade constituinte...

Nada podemos afirmar à respeito da essência ou natureza de nossa própria existência, pois, é Deus que se afirma em nós enquanto afirma-se a si mesmo em nós. Portanto, a consciência que temos de nós mesmos é a mesma consciência que Deus tem de si mesmo enquanto se exprime em nós, ou seja, nossa auto-reflexão exprime a auto-reflexividade divina de uma maneira particular, certa e determinada.

Por outras palavras, nossa auto-reflexividade não é uma propriedade pensante de uma substancia pensante separada do real, somos modos finitos de uma mesma e única substância, e nela e apenas por ela temos a razão interna de toda a atividade de nosso entendimento, e por isso, nossa mente exprime o entendimento infinito e está envolvido por ele, ou seja, nossa consciência é um modo do atributo pensamento de Deus, e é uma consciência como efeito necessário da atividade auto-reflexiva estrutural do entendimento infinito de Deus enquanto ele forma a idéia de si mesmo, ou seja, nossa consciência é a idéia de nossa idéia formada necessariamente em Deus, e conhecida por nós enquanto ele conhece necessariamente a si mesmo.

A perfeição ou imperfeição da mente e do corpo humanos...

Como vimos anteriormente no comentário de Chaui sobre a natureza do corpo humano, ele é um corpo capaz de afetar e de ser afetado por uma pluralidade de outros corpos exteriores, e é um corpo que necessita de outros corpos para a sua conservação e regeneração, ou seja, o equilíbrio interno do corpo humano depende das contínuas mudanças internas de seus órgãos que estão relacionados entre si segundo ações e reações centrípetas, e depende também das relações externas com os outros corpos exteriores com os quais pode obter aquilo que precisa para regenerar-se e conservar-se, segundo as ações e reações centrífugas que o tornam capaz de afetar e de ser afetado por eles sem ser destruído por eles. Deste modo, o corpo humano é um organismo dinâmico intra e inter-relacional, ou seja, uma estrutura complexa e determinada de movimentos internos e externos que segue a necessidade de interagir com outras estruturas corporais exteriores a ela.

Dessa necessidade de interagir com outras estruturas corporais, resulta a necessidade de o corpo humano ter de manter contato com os outros corpos por meio de ações capazes de afetar e de dispor estes corpos

por maneiras diversas, tanto quanto poder ser também afetado ou disposto por eles por outras tantas maneiras diversas, e, sendo a mente, a idéia e a consciência do corpo, então, *“...quanto mais um corpo, comparativamente a outros, é apto para simultaneamente agir ou padecer pluralmente, tanto mais a sua mente é apta, comparativamente às outras, para perceber simultaneamente a pluralidade; e, quanto mais as ações de um corpo dependem só dele, quanto menos outros corpos concorrem com ele na ação, tanto mais a mente desse corpo é apta para entender distintamente...”* (IIPXIII, esc). Ou seja, quanto mais complexo e capaz de variações for o corpo, mais variadas serão as percepções da mente, e portanto, seu poder de comparação e de compreensão das inúmeras relações entre as coisas será aumentado.

A essa maior ou menor aptidões do corpo e da mente para afetar ou ser afetado pelas coisas exteriores, sem o declínio ou a perda da integridade de sua singularidade, Espinosa chama a maior ou menor perfeição desse corpo ou mente, ou seja, uma mente ou corpo são tanto mais perfeitos quanto mais aptos a afetar e serem afetados por outros corpos e mentes conservando a integridade de sua singularidade.

A mente humana percebe o corpo humano pelas idéias de suas afecções...

A mente humana é idéia do corpo humano enquanto idéia de suas afecções corporais, ou seja, a mente humana é idéia da existência atual deste corpo como um composto de inúmeras idéias que correspondem às suas afecções mutáveis.

Isso ocorre pois, sendo o corpo humano um composto de outros corpos, cada um dos quais com sua idéia correspondente, então, a mente humana é um complexo de idéias dos corpos que constituem a natureza do corpo humano. Porém, sendo que estes corpos que o constituem sofrem constantes modificações causadas por movimentos internos, e por constantes modificações causadas por outros corpos exteriores que o

afetam, e porque esses corpos, além de tudo, necessitam ser continuamente regenerados, e como a ordem e a conexão estabelecida entre esses corpos é a mesma ordem de conexões estabelecida por suas idéias, então a mente humana é idéia destas constantes modificações internas e externas que afetam o corpo humano, e, deste modo, a mente humana é a “*consciência da vida de seu corpo*” (*Chauí*, 1 p.60).

O conatus corpo-mente humano...

A mente humana não se reduz ao conjunto de idéias correspondentes às afecções do corpo, pois, assim como o corpo humano é a unidade de uma organização complexa constituída de inúmeros corpos, a mente humana é a unidade de uma organização psíquica complexa formada por um sistema complexo de conexões de idéias que correspondem às unidades corporais de seu corpo, e assim como a unidade plural, diversa e complexa do corpo humano é capaz de agir e de reagir sobre sua própria organização, a mente humana é também capaz de agir e de reagir sobre as suas idéias, e, assim como o corpo humano é capaz de agir e de reagir aos corpos exteriores, a mente humana também é capaz de agir e de reagir às idéias de outros corpos exteriores que ela percebe.

Com esse poder ativo de ação e de reação do corpo e da mente humana que mantém entre si uma relação de correspondência, percebe-se que eles são organizações complexas constrangidas por uma mesma lei interna que governa essa atividade, e que é a lei interna da essência singular do indivíduo que compreende essas duas organizações.

É bom lembrarmos novamente que a filosofia espinosana realiza uma total identidade interna entre a causalidade eficiente e a causalidade formal de uma coisa qualquer, e portanto, entre a essência e a potência de agir de uma coisa. Segundo Espinosa, essência, a coisa, sua potência de agir, sua existência, são o mesmo, pois, a existência de uma coisa é sempre atual e segue sempre uma necessidade atual de existir, segundo uma forma e uma potência determinadas atualmente.

Essa potência que todo ser possui decorre da atividade do atributo do qual segue como um efeito certo e determinado, e que possui uma potência certa e determinada da potência infinita de seu atributo. Essa potência é totalmente afirmativa e serve à conservação do ser como uma força interna para perseverar na existência conservando seu estado atual, a essa força interna ou esforço de perseveração na existência, Espinosa denomina *conatus*.

O *conatus* é o poder para perseverar na existência expandindo-se e realizando-se plenamente segundo as determinações de sua essência singular, e resistindo e impondo-se aos obstáculos que se lhe impõem de fora impedindo a expressão plena de sua essência como existência atual atuante.

É a partir desse esforço de perseveração em seu próprio ser que precisamos compreender a atividade da mente humana, pois, esta atividade precisa ser considerada não apenas como uma expressão fundamental da afirmação cognitiva da existência do corpo de que é idéia, mas também, como uma expressão cognitiva do esforço pelo qual a totalidade do indivíduo se esforça por perseverar em seu próprio ser como uma idéia de seu próprio ser, ou seja, a idéia possui uma dimensão ontológica, a idéia é uma coisa que se esforça em perseverar em seu próprio ser, isso decorre do fato de que a mente humana como idéia de um corpo humano e o próprio corpo humano são um só e mesmo indivíduo que se exprime segundo dois atributos diferentes, ou, como diz Espinosa, “...*a alma e o corpo são uma só e mesma coisa que é concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão...*” (EIII P2).

Os atributos são seres que são potências de agir e de existir da substância, e portanto, os modos finitos são seres que são modificações finitas dos seres infinitos que são os seus respectivos atributos. Enfim, uma idéia assim como um corpo é uma força interna de perseveração na existência, é uma potência de agir e de existir produzindo efeitos em outras idéias e reciprocamente é também afetada pela ação de outras idéias.

O *conatus* é assim a essência atual de um corpo e de uma mente humana, melhor dizendo, como na filosofia espinosana a essência de uma

coisa é a própria coisa e vice-versa, e como a essência atual de uma coisa é seu conatus, então, o ser humano é conatus.

Sendo o conatus uma força interna intrinsecamente afirmativa e indestrutível, então, a essência humana não envolve qualquer contradição ou negação interna, ou seja, a essência humana é essencialmente um princípio de vida e não há nela qualquer princípio de morte, e por isso, sua duração é indefinida sendo o seu término determinado pela ação de forças exteriores contrárias e mais poderosas que ela, e que podem destruí-la, ou seja, a morte é oriunda das forças exteriores e não do interior do próprio homem, de sua própria essência o homem é um ser eterno, e portanto, é no interior da existência humana em relação com as coisas exteriores que devemos buscar as causas do fim de uma existência humana singular.

Os seres humanos tem consciência de que são conatus e por isso esforçam-se por alcançar e buscar tudo quanto contribua para a perseveração de sua própria existência, seu interesse vital, ou seja, os seres humanos procurarão aproximar-se de tudo quanto aumente o seu conatus e procurarão afastar-se de tudo quanto o diminua.

Sobre a Teoria Espinosana do Conhecimento:

Com a apresentação da teoria geral da natureza dos corpos, onde explica a natureza do corpos e a sua origem, e com a apresentação das teses à respeito da união do corpo e da mente, Espinosa estabeleceu as bases para a exposição de sua teoria do conhecimento, que culminará com a dedução e a descrição de três gêneros distintos de conhecimento, o conhecimento imaginativo, o conhecimento racional e o conhecimento intuitivo. Dentre eles, o que nos interessa mais de perto neste trabalho é o conhecimento imaginativo, e por isso, faremos inicialmente uma breve exposição de todos os gêneros de conhecimento, e a seguir passaremos a uma exposição mais detalhada do conhecimento imaginativo.

Apresentação dos gêneros de conhecimento...

A essência singular humana é conhecimento, ou seja, buscamos estabelecer relações entre as coisas, ao mesmo tempo em que vamos construindo teorias interpretativas sobre os nossos comportamentos e sobre o mundo em que vivemos.

Segundo Espinosa nossa vida afetiva é causa do modo pelo qual conhecemos as coisas, ou seja, para o filósofo, o nosso estado de passividade ou atividade delimitam e caracterizam o conhecimento e a interpretação que temos das coisas.

Na passividade produzimos idéias imaginativas das coisas que nos fazem conhecer os objetos exteriores segundo a maneira pela qual afetam o nosso corpo, nesse caso, desconhecemos a essência dos mesmos e passamos a conceber a realidade à partir das impressões deixadas por eles em nós, ou seja, formamos um conhecimento da realidade e formulamos interpretações sobre a mesma à partir dos efeitos provocados pelas coisas exteriores em nosso corpo, desconhecendo então tanto a essência dessas

coisas quanto a essência de nosso próprio corpo, enfim, na passividade produzimos um conhecimento inadequado das coisas, isto é, um conhecimento que conhece apenas parcialmente a causa de um determinado efeito, um conhecimento que é denominado por Espinosa de conhecimento do primeiro gênero.

Porém, como a natureza do estado de passividade é a necessidade do encontro com outras coisas exteriores a nós, nestes encontros temos a oportunidade de aproximarmo-nos de coisas que aumentem o nosso conatus, e com esse aumento de nosso conatus acabamos passando de um estado de passividade a um estado de atividade pelo aumento da capacidade de pensar de nossa mente, nesse caso, somos capazes de estabelecer relações de comunidade entre as coisas, que resultam da idéia de conveniência entre nós e elas, como nos diz Pires Aurélio na introdução de sua tradução do TTP:

“...a imaginação envolve sempre a causa dos efeitos que se representa, ainda que seja inadequadamente, ou seja, sem perceber a necessidade do nexu causal; além disso, o acaso em que decorre o jogo de influências entre os corpos origina, por vezes, o encontro entre dois ou mais que convêm entre si, dando lugar na imaginação à representação dessa conveniência. Por último, quando na imaginação se representa o efeito de um corpo sobre outro e há uma relação de conveniência entre eles, a representação, ainda que não seja uma idéia adequada porque não traduz a natureza intrínseca e necessária dessa relação, propicia, no entanto, a formação da respectiva noção comum...” (AURÉLIO, p.39).

A noção comum ou conhecimento do segundo gênero, é o conhecimento das relações necessárias entre as partes de um todo e entre elas e o próprio todo em que estão compreendidas, o conhecimento dessas relações é o conhecimento do que há de comum entre essas partes e o todo, ou seja, é o conhecimento da estrutura da qual participam, assim, o conhecimento dessas relações permite um conhecimento diferente daquele conseguido via idéias imaginativas das coisas, pois, essas idéias imaginativas conhecem as coisas como que separadas do todo em que se encontram, já, o conhecimento via a noção comum é um conhecimento que

permite conhecer o que há de comum entre as partes de um todo e o próprio todo, conhecendo-se as conexões causais entre elas e ele via o conhecimento das leis que estruturam as relações entre elas e ele, ou seja, a noção comum permite o conhecimento das leis universais entre os seres singulares da Natureza.

Espinosa apresenta ainda um terceiro gênero de conhecimento que é aquele onde se apreende a essência íntima dessa relação entre as partes e o todo, conhecimento que ele chama de ciência intuitiva. Como diz Espinosa na proposição EII P38, “*O que é comum a todas as coisas e existe igualmente no todo e nas partes não constitui a essência de nenhuma coisa singular*”.

Ora, Espinosa preocupa-se ao longo de toda a Ética em conhecer a essência singular humana, sem a qual é impossível a compreensão da liberdade humana, portanto, esta ciência intuitiva ao responder pela essência íntima ou singular de uma coisa, responde também pelo conhecimento da essência singular humana em sua natureza plena, sem os condicionamentos das coisas exteriores. Espinosa diz que, “...*Este gênero de conhecimento procede da idéia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas*” (EII P40,S2), ou seja, é conhecer a nossa essência singular humana como um nexos de concatenações com inúmeras outras essências singulares, isto é, é o conhecimento singular de nossa participação na totalidade da realidade, conhecendo a nossa potência de agir no interior dessa rede complexa de forças em mútua interação.

De um modo simplificado, o que Espinosa quer dizer é que neste gênero de conhecimento, conhecemos as coisas como afecções dos atributos da substância absolutamente infinita, Deus, por outras palavras, neste gênero conhecemo-nos como modos finitos que exprimem de uma maneira particular, certa e determinada a substância segundo a natureza de dois de seus atributos, o atributo extensão e o atributo pensamento, ou seja, neste gênero de conhecimento conhecemos a nossa imanência a Deus! Portanto, conhecemos a nossa realidade como envolvida pela ordem inteira da natureza e conhecemos aí a nossa eternidade e liberdade.

Sobre o Conhecimento Imaginativo:

A exposição da teoria da imaginação apoia-se diretamente sobre a teoria da natureza do corpo humano e no modo pelo qual a mente humana percebe as afecções de seu corpo. Portanto, retomemos e explicitemos o que importa quanto a esses dois pontos.

Quanto à natureza do corpo humano basta recordarmos o comentário de Marilena Chaui, que dizia ser o corpo humano um corpo capaz de afetar e de ser afetado por uma pluralidade de outros corpos exteriores, e que ele é um corpo que necessita de outros corpos para a sua conservação e regeneração, ou seja, o equilíbrio interno do corpo humano depende das contínuas mudanças internas de seus órgãos que estão relacionados entre si segundo ações e reações centrípetas, e depende também das relações externas que ele estabelece com os outros corpos exteriores e com os quais pode obter aquilo que precisa para regenerar-se e conservar-se, e essas relações são estabelecidas pelas ações e reações centrífugas e centrípetas que o tornam capaz de afetar e de ser afetado por eles sem ser destruído por eles. Deste modo, o corpo humano é um organismo dinâmico intra e inter-relacional, ou seja, uma estrutura complexa e determinada de movimentos internos e externos que segue a necessidade de interagir com outras estruturas corporais exteriores a ela.

Quanto ao modo pelo qual a mente humana percebe as afecções do corpo humano, devemos levar em conta que essa percepção é referida à natureza de um corpo humano tal como a exposta no parágrafo anterior, e em seguida, devemos nos reportar às proposições que se seguem à proposição 13 da parte II da Ética, para que possamos compreender a natureza dessa percepção.

Espinosa, depois de ter afirmado e demonstrado na proposição 13, que o objeto da idéia que constitui a mente humana é o corpo humano existente em ato, passa a expor, a seguir, na proposição 14, o seguinte, “*A mente humana é apta a perceber um grande número de coisas, e é tanto mais apta quanto o seu corpo pode ser disposto de um grande número de*

maneiras”. A demonstração dessa proposição segue o seguinte percurso. Depois de ter demonstrado pelos postulados 3 e 6 da proposição EII P13, que o corpo humano e seus componentes podem ser afetados de uma pluralidade de maneiras pelos corpos exteriores, e que ele pode dispô-los e movê-los e ser disposto e movido por eles também de inúmeras maneiras, e tendo também demonstrado na proposição 12 que tudo o que acontece ao corpo humano é imediatamente percebido pela mente humana, então, quanto mais o corpo humano for apto a afetar e ser afetado por outros corpos de inúmeras e variadas maneiras, tanto mais a mente humana será apta a perceber um grande número de coisas pela variedade de afecções causadas em seu corpo, pois, nada acontece ao corpo humano que não seja percebido pela mente humana, e portanto, o que essa proposição pretende esclarecer é que, quanto mais o corpo é capaz de variações, mais variadas serão as percepções da mente, ou ainda, dada uma certa aptidão do corpo para afetar e ser afetado por outros corpos, a mente será apta, na mesma proporção que o seu corpo, a perceber essas afecções, e portanto, a um corpo mais apto à pluralidade, corresponde uma mente mais apta a poder perceber, comparar e compreender as inúmeras relações entre as coisas envolvidas nessa pluralidade simultânea.

A proposição 15 diz que, “*O ser formal da mente humana não é simples, mas composto de um grande número de idéias*”. Sua demonstração afirma o seguinte: Assim como o objeto que constitui a mente, é a idéia de um corpo composto de um grande número de indivíduos também muito compostos, então, a idéia do corpo humano também será composta de tantas idéias quantas forem as idéias dos corpos que compõem o corpo humano. Ou seja, essa proposição esclarece que a complexidade da mente acompanha a complexidade do corpo, isto é, a mente humana é tão complexa quanto o corpo humano de que é idéia.

Com as proposições 14 e 15 fica mais fácil entendermos o que Espinosa entende por uma perfeição maior ou menor da mente e do corpo humanos, por isso, faremos aqui um breve desvio de percurso para expormos esse conceito precioso, e em seguida, retornaremos à exposição da teoria da imaginação.

A perfeição do corpo e mente humanos...

À complexidade do corpo e da mente que os tornam mais ou menos aptos a afetarem ou serem afetados pelas coisas exteriores de variadas maneiras, conservando ainda a integridade de sua singularidade, Espinosa chama a maior ou menor perfeição desse corpo ou mente. No final do primeiro escólio da proposição 13 da parte II da Ética, Espinosa já nos dizia isso, explicando que:

“...quanto mais um corpo, comparativamente a outros, é apto para simultaneamente agir ou padecer pluralmente, tanto mais a sua mente é apta, comparativamente às outras, para perceber simultaneamente a pluralidade; e, quanto mais as ações de um corpo dependem só dele, quanto menos outros corpos concorrem com ele na ação, tanto mais a mente desse corpo é apta para entender distintamente...” (EII P13 S).

O que Espinosa pretende nos mostrar com o comentário desse escólio e com as proposições 14 e 15, é que: Primeiro, quanto maior for o grau de complexidade da estrutura que constitui o indivíduo, maior será a complexidade de sua idéia, pois, existindo o indivíduo a sua idéia é dada em ato, e portanto, variando-se a complexidade do indivíduo também varia-se a complexidade de sua idéia; Segundo, tomando-se como *ratio* dessa idéia o ser absolutamente infinito, que é a complexidade absolutamente infinita que comporta-se com uma complexidade e pluralidade infinitas atuais e simultâneas, e sabendo-se que cada indivíduo é uma proporção da realidade desse ser, então, quanto mais identificados forem os indivíduos com a sua natureza mais complexos e plurais serão esses indivíduos, resultando disso que, *primeiro*, terão um corpo e uma mente mais aptos à pluralidade simultânea de idéias e ações, apreendendo assim, por modos mais diversos, a pluralidade existente, *segundo*, maior será o grau de autonomia desse indivíduo na relação com os outros indivíduos, pois, sendo mais capaz de comportar-se com uma complexidade maior e mais plural, e

possuindo uma mente mais apta a inteligir por modos mais complexos as diversas coisas que ela percebe simultaneamente, então, esse indivíduo será mais capaz de ser causa de suas próprias ações diante da pluralidade simultânea de coisas que sempre o afetam. Muito bem, voltemos agora ao nosso percurso anterior...

Continuação da exposição da teoria da imaginação...

A proposição 16 afirma que, *“A idéia de qualquer modo, pelo qual o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores, deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior”*. A demonstração dessa proposição é a seguinte: Dado que, pelo axioma 1 que segue ao corolário do lema 3 da proposição 3, *“Todas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro corpo seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que afeta...”*, e, dado que, pelo axioma 4 da parte I, *“O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve-o”*, então, a idéia de qualquer desses modos pelos quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores, envolverá necessariamente e simultaneamente o conhecimento da natureza do corpo humano e a natureza do corpo exterior que o afeta.

Essa proposição mostra-nos ainda, e de modo bastante claro, que, como as idéias da mente relacionadas às coisas exteriores pressupõem a natureza do seu corpo e a natureza dos corpos exteriores, e dado que, a relação da mente com o exterior é uma relação necessária que segue a necessidade espontânea da natureza de seu corpo que, originariamente carece dessa relação, e sendo que a mente é a idéia das afecções de seu corpo, então, é originária e espontânea a relação da mente com o mundo exterior, pois, ela está originariamente aberta ao mundo e à alteridade, na verdade ela é originariamente e espontaneamente essa relação, que é em verdade a própria origem espontânea de toda a sociabilidade humana.

Muito bem, concluindo essa proposição, temos os dois corolários que lhe seguem, e que são importantíssimos para o entendimento da teoria da imaginação, pois, deduzem a imaginação. Vejamos esses corolários:

Corolário I: “...a mente humana percebe a natureza de um grande número de corpos ao mesmo tempo que a do seu próprio corpo”.

Corolário II: “...as idéias que nós temos dos corpos exteriores indicam mais a constituição do nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores...”.

Ora, se a proposição 16 dizia que a idéia de quaisquer afecções corporais envolviam a natureza do corpo afetado e a natureza do corpo afetante, os corolários explicitam o que a mente humana percebe e como ela interpreta essas afecções, pelo corolário um vemos que ela percebe os corpos exteriores simultaneamente à percepção de seu próprio corpo como uma pluralidade de afecções de seu próprio corpo, já, pelo corolário dois vemos que ela interpreta essas afecções corporais formando idéias dessas afecções que indicam mais a constituição do corpo afetado do que a natureza dos corpos exteriores afetantes.

Isso é pois imaginar, é ter um conhecimento parcial da natureza do corpo afetante e da natureza do corpo afetado, pois, o conhecimento do objeto afetante pressupõe o conhecimento do objeto afetado e vice-versa. Por outras palavras, dado que a mente percebe a vida de seu corpo através das afecções produzidas nele pelas variadas maneiras pelas quais as diversas naturezas dos corpos exteriores o afetam e vice-versa, então, a variação dos afetos é o que a mente interpreta da variabilidades dessas afecções corporais. Ora, essa interpretação da mente só pode concluir um conhecimento inadequado sobre a vida de seu corpo, pois, é um conhecimento parcial, isto é, é um conhecimento que depende tanto da natureza dos corpos exteriores, quanto da natureza do corpo humano afetado, quanto da maneira como eles se afetam reciprocamente.

Da proposição 17 até a proposição 19, Espinosa mostra o que é imaginar, explicando o que significa ser idéia do corpo. Vejamos então a exposição dessas proposições.

A proposição 17 nos expõe a natureza da percepção das coisas exteriores pelo corpo-mente humanos, afirmando que: “*Se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de um corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como sendo-lhe presente, até que o corpo seja afetado por uma afecção que exclua a existência ou a presença desse corpo*”. A demonstração dessa proposição segue o seguinte percurso: Na medida em que: Primeiro, pela proposição EII P12 demonstra-se que tudo o que acontece ao corpo humano é dado percebido pela mente humana, e que, como vimos pela proposição 16 e seus corolários, uma afecção corporal envolve tanto a natureza do corpo afetado quanto a natureza do corpo afetante, então, necessariamente a mente humana perceberá a existência presente e em ato desse corpo exterior, sempre que este corpo exterior afetar o seu próprio corpo; Segundo, a proposição diz ainda que, “*...a mente considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como sendo-lhe presente, até que o corpo seja afetado por uma afecção que exclua a existência ou a presença desse corpo*”. Ou seja, uma vez percebida a afecção, essa percepção se manifestará à mente como uma afirmação da existência e presença desse corpo exterior em ato, continuando pois a afirmá-lo indefinidamente, até que alguma outra afecção exclua a idéia de sua presença ou existência em ato. Por outras palavras, como veremos mais adiante, Espinosa aqui já pressupõe o conatus relativo a uma afecção corporal, isto é, uma afecção corporal qualquer ou a idéia dessa afecção pela mente, permanecem capazes de afetar o corpo e a mente humanos indefinidamente até que sejam excluídos por uma outra afecção qualquer.

Enfim, o fundamental a observar nessa proposição é que, primeiro, Espinosa identifica a sensação do corpo à percepção da mente, ou seja, o que a mente percebe da coisa exterior é o que o seu corpo sente quando é afetado por essa coisa exterior, e que é a afecção que envolve a natureza desse corpo exterior; segundo, essa sensação permanecerá enquanto não for excluída por uma outra afecção e, simultaneamente, a mente a interpretará como uma idéia da existência ou presença desse corpo exterior em ato, e isso continuará a ser interpretado dessa maneira enquanto

a afecção de seu corpo continuar a envolver a natureza desse corpo exterior.

Passemos agora ao corolário dessa proposição, responsável pela exposição da natureza da percepção interna do corpo-mente humanos sobre às suas próprias afecções internas. O corolário diz que: *“Se o corpo humano foi, uma vez, afetado por corpos exteriores, a mente humana poderá considerar esses corpos como presentes, embora eles já não existam nem estejam presentes”*. A demonstração desse corolário revela a natureza dessa percepção, referindo-se ao modo específico pelo qual no interior do próprio corpo humano, ocorrem afecções corporais originadas da maneira pela qual uma parte do corpo humano afeta outras partes desse mesmo corpo. A demonstração diz que: *“Quando corpos exteriores determinam as partes fluidas do corpo humano a vir chocar-se, muitas vezes, contra as partes mais moles, as superfícies destas últimas são modificadas (pelo postulado 5). Daí segue (ver o axioma 2, depois do corolário do lema 3) que as partes fluidas são fletidas de maneira diferente do que faziam antes, e, mais tarde, vindo pelo seu movimento espontâneo a encontrar as superfícies novas, são fletidas da mesma maneira que quando foram impelidas pelos corpos exteriores contra essas superfícies; e, conseqüentemente, enquanto assim fletidas, continuam a mover-se, afetarão o corpo humano da mesma maneira que precedentemente, e dessa afecção a mente (pela proposição 12 desta parte) formará de novo o pensamento; isto é (pela proposição 17 desta parte), a mente considerará de novo o corpo exterior como presente; e isso tantas vezes quantas as partes fluidas do corpo humano, no seu movimento espontâneo, vierem a encontrar as mesmas superfícies. É isso que, embora os corpos pelos quais o corpo humano foi afetado uma vez já não existam, a mente os considerará como presentes tantas vezes quantas esta ação do corpo se repetir”*.

Espinosa apresenta nessa demonstração do corolário um evento inteiramente corpóreo e singular, no qual, a repetição contínua e espontânea de um determinado tipo de movimento que ocorre no interior do corpo, ou seja, que ocorre sem a presença de qualquer causa externa

presente que possa coagi-lo, porém sendo idêntico ao movimento que fora realizado pela primeira vez no passado com a presença do corpo externo que o afetou, permite, à mente humana, considerar que aquele corpo exterior ainda está presente mesmo estando ausente. Por outras palavras, a reinteração dessa afecção corporal presente no interior do corpo, ou, a fixação ou conservação de um certo estado de movimento no interior do corpo mesmo na ausência do corpo exterior que o determinou pela primeira vez no passado, é interpretada pela mente, enquanto tem a idéia dessa afecção, como uma idéia da presença ou da relação atual com esse corpo exterior ausente, ou seja, aquilo que, na primeira vez, foi realizado em presença de um corpo externo, é, desta vez, realizado na ausência daquele corpo externo, isto é, a mente considerará aquele corpo exterior como presente em ato mesmo diante da sua ausência presente ou até mesmo diante de sua inexistência atual.

A demonstração do corolário diz ainda qual a causa desse evento, a causa é que, as partes fluidas do corpo humano continuam a repetir o mesmo movimento que era realizado quando o corpo exterior estava presente coagindo essas mesmas partes fluidas a se aplicarem sobre as partes moles - deformando-as, e, quando novamente aplicadas espontaneamente sobre aquelas deformações, desta vez com o corpo sozinho consigo mesmo, a mente humana interpreta os movimentos de suas partes fluidas condicionadas pelos choques contra as deformações da superfície das partes moles de seu corpo, como uma presença do corpo externo que causou essas deformações pela primeira vez. Enfim, essa interpretação da mente exprime a história das afetações corporais de seu corpo, ou seja, exprimem a história da vida de seu corpo.

Muito bem, na proposição e em seu corolário Espinosa explicou a operação imaginativa, primeiro, como a percepção direta de um corpo exterior, segundo, como a percepção direta de um estado interior do seu corpo. Por outro lado, o corolário 2 da proposição 16 nos garante que não há qualquer diferença de natureza com respeito à percepção em quaisquer dessas duas situações, pois, quer o corpo exterior esteja presente ou ausente, a percepção da mente sempre indicará a constituição do corpo

afetado e não a natureza do corpo exterior afetante. Ou seja, a mente operará sempre da mesma maneira em quaisquer dessas duas situações, isto é, sempre afirmando a presença desse corpo afetante. Disso, decorrerá que, como veremos mais tarde, não existe nenhuma diferença de natureza entre perceber, lembrar, alucinar e sonhar, pois, em todas essas situações a mente sempre formará uma idéia da constituição do seu próprio corpo e jamais sobre a natureza do corpo exterior.

Enfim, o que a mente percebe quando ela imagina? A mente percebe um acontecimento corporal que ocorre no interior de seu próprio corpo. E essa percepção é um estado de consciência da mente voltada sobre esse estado corporal atual de seu corpo, ou seja, esse estado de consciência indica como a mente interpreta o modo pelo qual o seu corpo experimenta um certo estado de sua existência atual.

Mais ou menos ao meio do escólio da proposição 17, que segue ao corolário anterior, Espinosa mostra quando a mente imagina e o que são as imagens, ele diz: “...*chamaremos imagens das coisas as afecções do corpo humano cujas idéias nos representam os corpos exteriores como presentes, embora elas não reproduzam a figura exata das coisas. E quando a mente contempla os corpos por esse processo, diremos que ela imagina...*”.

Nesse trecho do escólio Espinosa diz-nos que, em primeiro lugar, as imagens são as idéias das afecções corporais produzidas pelo corpo consigo mesmo, imagens de coisas externas dadas como presentes, portanto, a imagem é uma representação aproximada da figura da coisa exterior; em segundo lugar, compreendemos que a mente imagina quando ela contempla a experiência de relação com as coisas exteriores à partir do modo pelo qual elas afetam ou afetaram o seu corpo de uma determinada maneira, sem considerar a presença ou a ausência dessa coisa que o afetou, pois, o essencial nessa experiência imaginativa é a idéia formada do estado atual da existência atual de seu corpo.

Como nos explicou Chaui (nota de aula), “... *o que Espinosa entende por imaginar é tudo o que pertence ao que tradicionalmente se chama o campo da sensibilidade, ou seja, imaginar é a linguagem, o perceber, o lembrar, o sonhar. Enfim, todo o campo dos signos é o campo*

das imagens. Elas não reproduzem a configuração das coisas, elas oferecem um sinal das coisas, elas são signos das coisas porque elas são as coisas afetando o meu corpo”.

Pouco antes da apresentação da definição de imagem e da explicação do que é imaginar, ele expôs, no mesmo escólio, um exemplo que nos permite compreender ainda melhor os processos imaginativos já descritos, vejamos:

“... Além disso (pelo corolário precedente e pelo corolário 2 da proposição 16 desta parte), conhecemos claramente a diferença que existe, por exemplo, entre a idéia de Pedro, que constitui a essência da mente de Pedro, e a idéia do mesmo Pedro que existe num outro homem, por exemplo, em Paulo. A primeira, com efeito, exprime diretamente a essência do corpo de Pedro, e não envolve existência, senão enquanto Pedro existe; a segunda indica antes a constituição do corpo de Paulo que a natureza de Pedro, e, por consequência, enquanto durar a constituição do corpo de Paulo, a mente de Paulo considera Pedro como se ele estivesse presente, mesmo que Pedro já não exista...”.

Esse trecho do escólio diz inicialmente que a idéia que constitui a mente de Pedro é a idéia do corpo de Pedro e, a idéia que constitui a mente de Paulo é a idéia do corpo de Paulo; em seguida, completa dizendo que, a idéia que Paulo tem de seu próprio corpo pode incluir a idéia que Paulo tem de Pedro, desde que, primeiro, Pedro tenha afetado o seu corpo alguma vez deixando nele algum vestígio seu, ou, segundo, se atualmente o corpo de Pedro está afetando o corpo de Paulo com a sua presença. No segundo caso não há qualquer problema em que a mente de Paulo interprete a presença de Pedro afetando-o e vice-versa, pois, estão presentes um ao outro realmente. Já, no primeiro caso, se Pedro afetou o corpo de Paulo alguma vez, então Pedro é um corpo externo que afetou o corpo de Paulo deixando nele os seus vestígios, e por isso, Paulo tem a idéia de Pedro como uma idéia que afeta a sua mente atualmente

mesmo quando o corpo de Pedro não esteja afetando o seu corpo presentemente.

O que é importante ressaltar nesse exemplo é que enquanto os vestígios de Pedro forem conservados no corpo de Paulo, a idéia de Pedro na mente de Paulo também será conservada, ou seja, Pedro pode sofrer inúmeras mudanças na ausência de Paulo, e este, ainda assim, conservará a idéia anterior que tinha sobre Pedro. Portanto, a idéia do corpo de Pedro que constitui a essência de sua mente pode sofrer variações, e ainda assim, a idéia de Pedro incluída na mente de Paulo e formada à partir dos vestígios do corpo de Pedro em seu corpo será conservada, pois, conservados estão os seus vestígios em seu corpo, e que a sua mente interpreta como idéia da presença de Pedro. Se Paulo acompanhasse as mudanças de Pedro deixando-se afetar continuamente pela presença do corpo de Pedro, então, os vestígios iniciais sofreriam deformações que corresponderiam mais proximamente da idéia atual de Pedro, e então Paulo teria a idéia sempre atualizada de Pedro.

Uma consequência importante desse exemplo é que esses vestígios podem fazer com que Paulo interprete o corpo de uma pessoa estranha que afeta o seu corpo de modo semelhante ao modo como Pedro lhe afetou, como se fosse o próprio Pedro lhe afetando, pois, este modo semelhante de afetar o seu corpo sem deformar os vestígios anteriores produzidos pelo corpo de Pedro, fazem com que Paulo interprete a atividade desses vestígios como a presença atual do próprio corpo de Pedro, e com isso, Paulo pode estabelecer uma relação anímica de identidade com esse estranho apenas porque apresenta traços característicos daqueles que já o afetaram anteriormente.

O que esse exemplo nos mostra? Primeiro, podemos estabelecer relações anímicas com as coisas ausentes, desde que essas coisas tenham afetado o nosso corpo alguma vez deixando nele os seus vestígios; segundo, pela reunião e composição de certos vestígios dos corpos exteriores que afetaram o nosso corpo, podemos ter a idéia de algo que nunca esteve presente a nós, ou de algo que está ausente a nós, ou de algo que nem sequer existe mais; terceiro, quando o corpo de Pedro está na mente de

Paulo, o que está presente é o corpo do próprio Paulo para ele mesmo, pois, enquanto a idéia de Paulo para Paulo exprime a sua própria essência, a idéia de Pedro para Paulo também exprime a essência do próprio Paulo, e vice-versa, portanto, no plano da imaginação, a atividade da mente é totalmente interior a si mesma, tudo o que ela conhece é o estado atual de seu próprio corpo existente.

Na imaginação a mente percebe-se como separada da totalidade do real, e por isso, a atividade intelectual da mente humana possui um conhecimento confuso e inadequado de si mesma e de seu corpo, pois, desta maneira o conhecimento que a mente humana possui de seu objeto, o corpo humano, é apenas um conhecimento imediato somente das afecções de seu próprio corpo, afecções que resultam da capacidade que o corpo humano possui de afetar e de dispor outros corpos exteriores, e de ser afetado e disposto pela ação de outros corpos exteriores de inúmeras maneiras.

Percebendo as afecções de seu próprio corpo originadas no modo pelo qual o corpo é afetado por outros corpos, a mente humana forma idéias de seu próprio corpo e dos corpos que o afetam como idéias que exprimem mais a disposição de seu próprio corpo na relação de intercorporeidade, do que propriamente a natureza de seu próprio corpo e a natureza dos corpos exteriores, daí, a mente formar idéias confusas porque idéias que correspondem aos efeitos complexos percebidos pela mente humana, através das impressões deixadas em seu corpo pela ação dos corpos exteriores. São efeitos complexos de experiências imediatas de intercorporeidade que fazem com que a mente humana possua uma idéia inadequada à respeito da natureza desses corpos exteriores e de si mesma, pois, conhece apenas as imagens formadas por seu corpo à partir das imagens que os corpos exteriores impressionaram nele, desconhecendo assim a causa real da produção dessas idéias e a natureza dos corpos que determinaram essa produção.

Com esse conhecimento inadequado que corresponde aos efeitos deixados em seu corpo nas relações de intercorporeidade, e que desconhece as causas reais desses efeitos ou impressões deixadas em seu corpo, a mente humana produz causas imaginárias para explicar o que se

passa em seu corpo, nos outros corpos e nela mesma, produzindo um sistema de explicações onde estabelece relações entre imagens via associações, diferenciações e generalizações entre elas, e que correspondem àquelas impressões fragmentárias formadas e deixadas em seu corpo nas relações de intercorporeidade.

O poder imaginante da mente humana é o seu poder de conhecer o modo pelo qual o seu corpo afeta e dispõe outros corpos, tanto quanto é afetado e disposto por outros corpos de maneiras diversas, traduzindo essas afecções oriundas das relações de intercorporeidade como sistemas de imagens, palavras e símbolos. Portanto, como um certo modo de conhecer, o poder imaginante da mente humana é uma atividade positiva da mente humana que exprime a força de seu corpo para estabelecer relações com outros corpos, e de si mesma para inventar as mais diversas associações e combinações entre as imagens das coisas.

Se a mente humana sempre soubesse quando imagina então sua atividade imaginante traduziria sua força mental, no entanto, o mais comum é que a mente humana considere suas idéias imaginárias como idéias adequadas das coisas, o que resulta numa ilusão da mente humana que traduz a fraqueza de sua força cognoscente, o que é de se esperar pois sendo o poder imaginante o poder de produzir idéias que traduzem as iniciativas e disposições do corpo cuja natureza não é pensar, então, o poder imaginante sendo um poder dependente do poder do corpo, é um poder que não se traduz numa atividade pensante, porém, quando a mente humana assume seu poder de pensar e toma a iniciativa de produzir conhecimento, então a mente humana pode conduzir ao verdadeiro conhecimento daquilo que é a essência singular humana, na relação com outras essências singulares existentes.

Sobre a Memória:

Passemos agora ao estudo da proposição 18 que nos explicará a natureza da memória. A proposição 18 diz que:

“Se o corpo humano foi uma vez afetado simultaneamente por dois ou vários corpos, sempre que, mais tarde, a mente imaginar qualquer deles, recordar-se-á imediatamente dos outros”.

A proposição diz que num corpo afetado pela ação simultânea de dois ou mais corpos afetantes, produz-se nele uma afecção corporal que envolve a natureza composta dessa afetação, e que, fixada essa afetação no corpo afetado como um vestígio desses corpos afetantes, a seguir, sempre que a mente imaginar uma das partes afetantes dessa composição, imediatamente lembrará das demais partes que se compõem com ela.

Vimos que a mente imagina quando ela percebe as afecções causadas atualmente pelas afetações das coisas exteriores presentes, ou, enquanto percebe espontaneamente as suas próprias afecções internas. No segundo caso, a mente imagina à partir dos vestígios deixados no corpo pelas afetações das coisas exteriores, interpretando esses vestígios como sendo a presença do corpo exterior que no passado afetou o seu corpo, assim sendo, se no passado essa afetação exterior era composta, no presente, se o vestígio de uma das partes dessa composição for percebida pela mente, as demais partes imediatamente também o serão.

Enfim, o que essa proposição diz é que, em primeiro lugar, o corpo humano é memorioso, pois, conserva os vestígios das impressões deixadas pelos corpos exteriores que o afetaram no passado, em segundo lugar, o corpo humano pode tomar como presentes as imagens dos corpos ausentes que o afetaram, em terceiro lugar, o corpo humano pode associar as imagens dos corpos exteriores que o afetaram, porque é capaz de compor as afecções corporais produzidas simultaneamente por esses corpos afetantes.

A demonstração dessa proposição diz que:

“A mente humana (pelo corolário precedente) imagina um corpo qualquer pelo motivo de que o corpo humano é afetado e disposto, pelos vestígios de um corpo exterior, da mesma maneira que foi afetado quando algumas das suas partes foram impelidas pelo próprio corpo exterior. Mas (por hipótese) o corpo foi nesse momento disposto de tal maneira que a mente teve que imaginar dois corpos ao mesmo tempo. Portanto, a seguir, imaginará igualmente dois e, sempre que imaginar um dos dois, lembrar-se-á imediatamente do outro”.

O que nos interessa nessa demonstração é a sua primeira parte. Ela diz que, a maneira pela qual, no passado, as partes internas do corpo afetado foram impelidas por um corpo afetante, é isomorfa da organização dos vestígios atuais conservados no corpo afetado, e pelos quais, no presente, a mente interpreta como sendo a maneira pelo qual o corpo afetado foi afetado, no passado, pelo corpo afetante.

O que significa dizer que os vestígios não apenas reavivam a imagem da coisa exterior que os produziu, como também reavivam a maneira pela qual foram produzidos. Essa maneira refere-se à disposição dessa afecção corporal no interior da composição junto às demais afecções corporais do corpo humano. De onde, Espinosa no escólio dessa proposição, explicar o que é a memória, dizendo que:

Escólio: *“Por isto, entendemos claramente o que é a memória. Não é, com efeito, senão uma certa concatenação de idéias que envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, a qual se produz na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano. Digo, em primeiro lugar, que é uma concatenação daquelas idéias apenas que envolvem a natureza de coisas exteriores ao corpo humano; e não de idéias que explicam a natureza dessas mesmas coisas; pois, na realidade (pela proposição 16 desta parte), idéias das afecções do corpo humano, as quais envolvem tanto a sua natureza própria como a dos corpos exteriores.*

Digo, em segundo lugar, que esta concatenação se realiza segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano, para a distinguir da concatenação das idéias que se produz segundo a ordem da inteligência, concatenação em virtude da qual a mente percebe as coisas pelas suas causas primeiras, e que é a mesma em todos os homens. Por isso, entendemos claramente por que é que a mente, do pensamento de uma coisa, passa imediatamente ao pensamento de outra que não tem qualquer semelhança com a primeira. Assim, por exemplo, do pensamento da palavra pomum, um romano passará imediatamente ao pensamento de um fruto que não tem qualquer semelhança com esse som articulado, nem nada de comum com ele, a não ser que o corpo desse homem foi muitas vezes afetado por essas duas coisas ao mesmo tempo; isto é, que esse mesmo homem ouviu muitas vezes a palavra pomum ao mesmo tempo que via o fruto. E, assim, cada um passará de um pensamento a outro, conforme, no corpo de cada um, o hábito tiver ordenado as imagens das coisas. Efetivamente, se um soldado, por exemplo, vê no pó os vestígios de um cavalo, imediatamente do pensamento do cavalo passa ao do cavaleiro, e daí ao pensamento da guerra, etc. Um camponês, ao contrário, do pensamento do cavalo passará ao da charrua, do campo, etc. E, assim, cada um, conforme esteja habituado a associar e a encadear as imagens de tal ou tal maneira, passará de um mesmo pensamento a este ou àquele outro”.

A memória é uma “...concatenação de idéias que envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, a qual se produz na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano”. Ou seja, nela, a ordem e as concatenações das imagens conservadas no corpo humano, é a mesma ordem de concatenação atual que existe entre as suas afecções corporais; afecções corporais que envolvem, simultaneamente, a natureza do corpo afetado e a natureza dos corpos afetantes que o afetaram no passado, deixando presentes os seus vestígios conservados no corpo afetado, e que são interpretados pela mente como lembranças dos corpos afetantes.

Do escólio podemos entender ainda que, se o corpo foi afetado repetidas vezes por duas ou mais coisas simultaneamente, o homem ordenará as imagens dessas coisas associando-as umas às outras e, a conservação desse quadro ordenado e composto por elas, fixar-se-á tanto mais, quanto mais vezes o seu corpo for afetado por elas na mesma ordem de associação, ou seja, quanto mais o hábito as repetir da mesma maneira.

Sendo assim, afetado repetidas vezes por esse quadro ordenado e composto de coisas exteriores, estes, produzirão vestígios em seu corpo, tais que, quando rememorados, evocarão o mesmo quadro de ordenação e composição pelo qual o corpo foi afetado no passado, e que foi fixado pelo hábito, ou seja, o hábito fixa quadros de referência que configuram a ordem e a concatenação entre as lembranças, segundo quadros fixos de referência em séries ordenadas fixas entre esses quadros de referências. O caso do soldado e do camponês são exemplos de quadros de referências sociais fixados na memória deles. Vejamos o caso do soldado.

O soldado, o cavaleiro e o pensamento da guerra do exemplo de Espinosa, são quadros de referência organizados no interior de um amplo sistema de significações que compõem um quadro total de referência para o soldado – o regime militar vivido por esse indivíduo no papel social de soldado, cada detalhe desse quadro amplo, tem também um conjunto de significações que dão a ele significados específicos coordenados entre si pela composição geral da idéia do regime militar, o soldado é caracterizado por seu uniforme, sua botina, sua arma, etc., o cavaleiro é caracterizado por ter um cavalo protegido por armaduras e enfeitado com baluartes, etc., o pensamento da guerra é caracterizada pela imagem da batalha, dos batalhões e das trincheiras, etc.. Enfim, cada cena descrita por Espinosa está envolvida por signos (não explicitados por ele mais inferidos por nós) que permitem a associação entre todas as imagens, seguindo uma ratio comum, a idéia do regime militar de vida, que forma um amplo quadro social a organizar as lembranças do soldado.

A proposição 26 da parte II da *Ética* diz que, “*A mente humana não percebe nenhum corpo exterior como existente em ato, a não ser pelas idéias das afecções do seu próprio corpo*”. Ou seja, a mente humana

percebe as coisas exteriores presentes segundo as idéias que forma sobre as afecções de seu corpo presente, porém, quando a mente percebe essas afecções à partir dos quadros de referência fixados pelo hábito, então, a mente percebe as coisas exteriores segundo quadros de referências específicos. A mente tem então uma percepção estruturada das coisas exteriores, organizada pelos quadros de referências fixados na memória.

Tendo uma percepção estruturada das coisas exteriores que afetam o seu corpo, a mente humana associa os quadros de referências internos aos quadros reais de ordenação e concatenação das coisas exteriores que ela percebe no presente, procurando sempre conservar o seu quadro interno, pois, o conatus formado pelas idéias da mente, ordenadas e concatenadas umas às outras, esforçam-se por isso, e portanto, essa percepção estruturada só será modificada se a força exterior que afeta o corpo for mais forte que ela e mudá-la, ou seja, entre a percepção estruturada e a ordem real que afeta o corpo há um contínuo ajuste recíproco entre eles.

Quanto menor o ajuste necessário dessa percepção estruturada, significa que menor é a perturbação do corpo-mente, conservando assim o seu conatus, e vice-versa, quanto maior o ajuste necessário maior será a perturbação e a variação do conatus. Sendo o conatus completamente afirmativo, este se esforçará por conservar-se, mudando a ordem externa ou modificando alguma parte de seu corpo-mente (algum quadro de referência interno), de tal modo que o conatus total seja conservado.

Daí, a explicação da prisão como uma instituição socializadora do crime, pois, sendo a ordem do mundo do crime no interior da prisão, infinitamente mais forte que a dos seus internos individualmente, estes, acabam por sucumbir a ela para conservarem o seu conatus, ajustando a sua percepção segundo um quadro de referência próximo ou idêntico ao da cultura prisional em vigor, de tal modo que as interpretações de sua mente ao perceber o ambiente que o envolve, o perceba segundo uma mesma identidade de ordenação e de concatenação das significações que o representam coletivamente, e assim poderá ajustar-se a esse convívio.

Daí também os processos memorativos dos encarcerados poderem ser predominantemente organizados pelas determinações do ambiente carcerário, pois, se ele é mais forte e regular, primeiro, durante o tempo de cumprimento da pena ele forçará a organização da percepção do prisioneiro, de tal modo que, a mente ajuste o seu quadro de referência interno à ordem real externa do ambiente, formando um novo quadro de referência específico para a apreensão dos seus movimentos específicos, segundo, após isso, sendo sempre constante a ordem das principais afetações do ambiente, sempre que a mente for afetada por elas procurará percebê-las estruturada pelos quadros de referências internos, que mais se assemelhem à ordem dessas afetações, principalmente os cultivados por esse próprio ambiente que a envolve – com os seus quadros de referências específicos, de tal modo que a mente não as perceba como perturbações de seu conatus e não sinta a carência de novos ajustes de sua percepção.

E assim, sempre forçada a perceber a realidade do ambiente carcerário segundo um mesmo quadro de referência, formará pensamentos sobre as coisas constantes dessa realidade à partir desse quadro de referência interno próximo do quadro real externo, e desses pensamentos assim organizados e dotados de significados específicos, passará a outros pensamentos semelhantes que não perturbem a organização da percepção atual levando a um desajuste do indivíduo na sua relação com o meio.

E assim, do pensamento sobre a maneira como é afetado no presente, poderá passar muitas vezes aos pensamentos das maneiras semelhantes pelas quais foi afetado no passado, operando a associação de episódios semelhantes entre os percebidos no presente e os percebidos no passado, ainda que as imagens aí organizadas sejam diferentes, pois, o que importa é a idéia semelhante associada a cada imagem conectada às demais formando um roteiro ordenado de imagens.

Enfim, evocamos as coisas quando: 1) Elas nos afetaram simultaneamente no passado, e depois, sempre que uma for lembrada a outra também o será (associação por contiguidade); 2) A coisa percebida no presente tem qualquer traço de semelhança com algo percebido no passado (associação por semelhança); 3) Entre duas coisas que, embora não nos

tenham afetado simultaneamente no passado, nem guardem entre si traços semelhantes, foram, tanto no passado quanto no presente, unidas a uma mesma idéia que, simultaneamente, tanto afetou a mente enquanto ela percebia uma coisa no passado, quanto enquanto ela percebia uma outra coisa no presente, sempre que uma delas for lembrada, a idéia a ela associada fará recordar a outra coisa associada à mesma idéia; 4) Se a mente estiver pensando sobre o futuro e simultaneamente for afetada por essa mesma idéia descrita anteriormente, a mente recordará daquelas coisas que a ela já se associaram alguma vez.

Como exemplo do item três temos: Se a mente de uma pessoa encarcerada perceber a vida atual de seu corpo, pela idéia da vida de um corpo encarcerado, ela imediatamente passará a lembrar de todas as vezes em que essa idéia já a afetou no passado, e recordar-se-á de todas as vezes em que sua mente sentiu o seu corpo como um corpo encarcerado. Porém, estando essa idéia e essas lembranças dominadas por paixões tristes, a mente imediatamente procurará fazer com que essa idéia e essas lembranças sejam afastadas para que não seja diminuído o seu conatus. Veremos na próxima parte, como a partir desse desencadeamento podemos formular a hipótese da existência de uma memória encarcerada na alma humana.

Sobre as Paixões Humanas:

Espinosa chama o conatus referido ao corpo de apetite e referido à mente de desejo. Ora, sendo o conatus a própria essência humana, e agora tendo sido denominado de desejo, então, a essência humana é desejo. Como a mente humana é consciência do que se passa em seu corpo, então, o desejo é a consciência dos apetites do corpo, suas afecções, ou seja, as afecções do corpo, seus apetites, são os afetos da mente, são os seus desejos. Portanto, como diz Chaui (CHAUI, 1995, p.64), *“a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva”*.

Os apetites ou desejos humanos, as afecções do corpo ou os sentimentos da mente, exprimem o conatus individual de cada ser humano em particular, ou seja, apetites e desejos humanos são as expressões do que é mais fundamental e caro a cada ser humano, são expressões de seu esforço para perseverar na existência, exprimindo-se e realizando-se como uma essência singular humana repleta de apetites e desejos. Além disso, como nos diz Espinosa, “...não nos esforçamos por fazer uma coisa que não queremos, não apetecemos nem desejamos qualquer coisa porque a consideramos boa; mas, ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque tendemos para ela, porque a queremos, a apetecemos e desejamos” (IIP9,esc.). Ou seja, o desejo não é apenas consciência do conatus mas é também consciência daquilo que, acredita-se, pode aumentá-lo, e, uma coisa é boa não porque ela é boa em si mesma, mas sim, porque a desejamos por acreditar que ela é benéfica a nós e que por isso pode aumentar o nosso conatus.

Ser ativo ou passivo...

Espinosa afirma que a necessidade interna de nossos apetites ou desejos pode se dar de duas formas, segundo a causalidade eficiente que os produz. Podemos ser causa eficiente total ou parcial de nossos desejos e apetites, no primeiro caso, Espinosa diz que atuamos ativamente e então somos causa adequada de nossos desejos e apetites, pois, estes são causados em nós segundo a nossa própria potência interna, no segundo caso, Espinosa diz que atuamos passivamente e então somos causa inadequada de nossos desejos e apetites pois estes são causados em nós pela potência de causas externas, como diz Chaui (CHAUI, 1995, p.64), *“Ser causa inadequada é ser passivo e passional. Ser causa adequada é ser ativo e livre”*, ou, como nos diz o próprio Espinosa quando nos define a atividade e a passividade em termos de causa adequada ou inadequada, *“Digo que somos ativos (agimos) quando se produz em nós, ou fora de nós, alguma coisa que somos a causa adequada, isto é, quando se segue de nossa natureza, em nós ou fora de nós, alguma coisa que pode ser conhecida clara e distintamente apenas pela nossa natureza. Mas, ao contrário, digo que somos passivos (sofremos) quando em nós se produz alguma coisa ou alguma coisa se segue da nossa natureza, de que não somos senão a causa parcial”* (E III D 2).

Quando atuamos passivamente diz-se que atuamos na paixão e quando atuamos ativamente diz-se que atuamos na ação. Na paixão nossa potência para ser, existir e agir está diminuída, na ação o contrário. No primeiro caso a mente tem idéias inadequadas e no segundo caso tem idéias adequadas, enfim, ser causa adequada ou inadequada, formar idéias adequadas ou inadequadas, ser ativo ou passivo, ser passional ou livre, são idéias diretamente ligadas ao aumento ou diminuição do conatus individual que, no corpo, se exprime pela maior ou menor força para afetar e ser afetado por outros corpos e, na mente, se exprime pela maior ou menor força para pensar, a vantagem ou desvantagem desse aumento ou

diminuição do conatus está na maior ou menor capacidade de conservar-se a si mesmo ou de deixar-se destruir pela ação das forças exteriores.

A alegria, a tristeza e o desejo...

A natureza de um objeto desejado e a satisfação ou insatisfação conseguidas ao alcançá-lo, aumentam ou diminuem o conatus. O conatus aumentado porque o desejo foi realizado define o sentimento de alegria que exprime o aumento de nossa potência para existir e agir, e o aumento de nossa realidade ou perfeição; a diminuição do conatus porque o desejo não foi realizado define o sentimento de tristeza que exprime a diminuição de nossa potência para existir e agir, indicando a diminuição de nossa perfeição ou realidade. Se consideramos o objeto do desejo como uma causa externa responsável pelo aumento do nosso conatus, dizemos que o amamos, em caso contrário, dizemos que o odiamos.

Como podemos notar as paixões tristes ou alegres (são paixões porque são afetos que dependem de causas externas), aumentam ou diminuem o nosso conatus segundo a conveniência ou não conveniência do encontro com as coisas, o encontro com um ser amado ou com um aliado ou a obtenção de um alimento são causas de paixões alegres, pois, aumentam o nosso poder de existir e de agir, ao contrário, o encontro com um inimigo, a perda de um ser amado, a carência de alimento, são causas de paixões tristes, pois, diminuem o nosso poder de existir e de agir, e mais, a simples imagem ou recordação de coisas que julgamos boas ou não, também podem ser causa de paixões alegres ou tristes, a recordação de um bom momento vivido é causa de um aumento de nosso conatus, a recordação de um momento mal vivido é causa de uma diminuição de nosso conatus.

Como diz Espinosa, “*A alma esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar as coisas que aumentam ou facilitam a potência de agir do corpo*” (EIII P12), e, “*Quando a alma imagina coisas que diminuem ou reduzem a potência de agir do corpo, esforça-se, tanto quanto pode, por se*

recordar de coisas que excluem a existência delas” (EIIIP 13). Porém, como nos diz a proposição (EIII P17), “Se imaginamos que uma coisa, que habitualmente nos faz experimentar um afeto de tristeza, tem qualquer traço de semelhança com outra que habitualmente nos faz experimentar um afeto de alegria igualmente grande, odiá-la-emos e amá-la-emos ao mesmo tempo”.

A esse estado que nasce de dois afetos contrários Espinosa chama flutuação da alma, cuja causa é sermos guiados pela necessidade da natureza das nossas paixões, que nos levam à busca da satisfação de nossos desejos via o encontro com coisas exteriores que podem possuir tais características, e que se apresentam a nós como conflitantes ou contrárias, o resultado da continuidade nesse estado é a diminuição do conatus face a incapacidade de tomar decisões no interior dos dilemas que se lhe impõem, a solução nesse caso é guiarmo-nos a outros objetos que não provoquem tais inquietações e que aumentem o nosso conatus.

Segundo Espinosa, todos os apetites e desejos humanos são variantes da combinação de três afetos originários: o desejo, a alegria e a tristeza. A tristeza resulta de nossa incapacidade para vencer os obstáculos que se interpõem à nossa existência, expressão e realização plenas, a alegria o contrário. Quando na tristeza se têm consciência daqueles obstáculos ela não é pura negatividade, pois, nos permite considerar a nossa capacidade para vencê-los, ao mesmo tempo em que permite uma condição para que escolhamos e busquemos coisas que nos afetem de alegria. A alegria, uma paixão positiva, conduz o homem à superação de sua passividade por sua tendência ao conhecimento claro e distinto daquilo que aumenta o seu conatus. Alegria e tristeza estão posicionadas nos domínios extremos da vida passional, como formas de manifestação da intensidade da atividade de nosso conatus quando o nosso desejo está direcionado a coisas externas.

Toda idéia, adequada ou não, possui um conatus próprio, e portanto, toda idéia se esforça por perseverar na existência, ou seja, tende a se conservar tal como é, disso, podemos concluir que as imagens que formamos ou as recordações que possuímos possuem força de determinação

sobre nós, aliás, elas são nós mesmos quando imaginamos ou recordamos em ato, são expressões atuantes de nosso conatus atual, mas, o que é mais importante à reflexão sobre o nosso trabalho é pensarmos que nossas idéias também sofrem as determinações oriundas de causas externas a nós, tais como as veiculadas pela imprensa, na escola, em nossos costumes, etc., e portanto, a idéia de cárcere é fundamental para conhecermos como ela estabelece conexões e produz determinações sobre as recordações dos encarcerados.

Sobre a Servidão Humana:

Nota inicial...

Espinosa aborda o tema da servidão humana no livro quatro da *Ética*, cujo título é “*Da Servidão Humana ou da Força dos Afetos*”. Faremos uma exposição sobre esse tema baseados em três fontes, a primeira é o próprio livro IV da *Ética*, a segunda são as anotações de aula oriundas de um curso realizado no segundo semestre de 1996, sob a orientação da Profa. Marilena de Souza Chaui, na FFLCH-USP, e cujo título era, “*Servidão e Liberdade – Espinosa Ethica IV e V*”, por fim, a terceira é um artigo publicado na revista “*Discurso*”, do departamento de filosofia da USP (n.22–1993, p. 63-122), também escrito pela Profa Marilena Chaui, e cujo título é “*Ser Parte e Ter Parte: Servidão e Liberdade na Ética IV*”.

A servidão...

A servidão humana é apresentada logo no início do prefácio introdutório do livro IV da *Ética*, ali vemos a servidão ser definida como:

“Chamo servidão (*servitutem voco*) a impotência humana (*humanam impotentiam*) para moderar e refrear os afetos (*in moderandis et coercendis*). Com efeito, o homem submetido (*obnoxius*) aos afetos não é senhor de si (*sui juris*), mas está sob o poderio da fortuna (*fortunae potestae*), de tal maneira que, frequentemente, embora veja o que é melhor para si, vê-se coagido (*coactus sit*) a seguir o pior. Nesta parte, propus-me demonstrar a causa disto e o que há de bom e mau nos afetos”.

A definição da servidão a toma como a impotência humana (*humana impotentiam*) resultante da diminuição da força interna para agir de seu conatus corpo-mente, quando este está sob o poderio da fortuna, a ação das forças exteriores cuja necessidade é desconhecida. Nesse caso, impotente e sob o governo da fortuna, o homem torna-se incapaz de impor medida (*moderandis*) e freio (*coercendis*) aos afetos que então o submetem, sentindo-se muitas vezes coagido (*coactus*) a buscar o pior para si, mesmo quando reconhece aquilo que poderia ser-lhe útil.

A fortuna é o modo como percebemos as determinações da exterioridade como determinações desagregadoras, contingentes, acidentais e arbitrárias, quando somos impotentes para pensar e conhecer a necessidade dessas determinações, sentido-nos dominados pela exterioridade. Do ponto de vista metafísico a fortuna é impossível, pois, todo o real segue as determinações das leis universais, imutáveis e necessárias da natureza, porém, do ponto de vista ético, onde os homens concretizam a experiência da inter-subjetividade e da relação com a exterioridade, contatando outros homens e sendo afetados por inúmeras coisas, resulta como consequência necessária a variação do conatus corpo-mente no interior desses contatos, que podem torná-lo mais ou menos capaz de conhecer a necessidade dessas determinações e agir sobre elas de um modo ativo, ou, pode chegar a tratá-las apenas como contingentes e sentir-se passivo e impotente diante delas, por desconhecer a necessidade atual delas.

Mantendo relações convenientes com a exterioridade, diminui-se o poderio da fortuna e aumenta-se o conatus, tornando-se possível o agir livre, mas, impossibilitado de manter tais relações, aumenta-se o poderio da fortuna e diminui-se o conatus, tornando-se então necessária a experiência da servidão.

Sob o poderio da fortuna, o poder de afetar e de dispor do corpo humano aos outros corpos, não é forte o suficiente para impor barreiras a eles, quando eles agem afetando-o e dispondo-o também. Quando isso acontece o corpo humano torna-se incapaz de dominar as suas afecções interiores, e torna-se um corpo fraco diante das afecções que

resultam tanto de sua própria atividade interna, quanto das relações que estabelece com as coisas exteriores a ele. Essa incapacidade de agir e de reagir de seu corpo diminui, correlativamente, o seu poder de conhecer e de dominar a complexidade de seu corpo, resultando daí um menor domínio de suas afecções, ocorrendo então um aumento de sua dependência externa e um aumento das deformações que lhe são impostas desde o exterior.

O conatus corpo-mente tendo diminuída a sua potência de agir e de pensar em ato, torna-se incapaz de governar os seus afetos, ou seja, torna-se incapaz de impor-lhes o freio e a medida. Impotente, a mente afirma a existência atual de seu corpo e de si mesma imaginariamente, ou seja, de maneira mutilada e confusa, pois ela não está *sui juris*, isto é, ela não tem e não mantém o controle sobre as afecções de seu próprio corpo de que é idéia, ela está submetida ao poderio dos afetos e os percebe como contingentes, acidentais e arbitrários. Assim, a servidão descreve “...a situação de quem perdeu poder e controle sobre si e sobre seu mundo” (CHAUI, 1993, p.71).

“A imaginação, operando ao nível dos encontros casuais entre as coisas finitas, não pode alcançar a ordem necessária que as governa. A distância entre a Física e as imagens é o intervalo que permite à imaginação engendrar a noção de contingência” (CHAUI, 1970, p.149).

Como na imaginação a mente percebe a ordem do mundo exterior via as associações que estabelece entre os sinais que faz delas e não via a ordem necessária da Natureza, quando essas coisas exteriores variam sem que o indivíduo possa ter um controle sobre essas variações, sem que os sinais das coisas conservados em sua mente num sistema de associações corresponda à ordem dos eventos exteriores conectados entre si por relações necessárias que agora variam, e que ela percebe atualmente como contingentes, então, esse conhecimento imaginativo que tem delas começa a flutuar colocando o homem na dependência dessa exterioridade, precisando ajustar o seu sistema em função dessas determinações exteriores, tornando-se causa inadequada de suas ações pois essas vem

parcialmente determinadas pela exterioridade que ele percebe e que o governa, e, como diz Espinosa ao final do escólio do corolário 1 da proposição 44 do livro II da Ética:

“...Esta flutuação da imaginação será a mesma se as coisas imaginadas são coisas que consideramos com uma relação com o tempo passado ou com o presente; e , conseqüentemente, imaginaremos como contingentes as coisas referidas tanto ao presente como ao passado ou ao futuro”. (EII P44, C1 S).

Como diz o axioma da parte 4 da Ética:

“Não existe, na Natureza, nenhuma coisa singular tal que não exista uma outra mais poderosa e mais forte que ela. Mas, dada uma coisa qualquer, é dada uma outra mais poderosa pela qual a primeira pode ser destruída”.

O axioma acima estabelece a impossibilidade da condição da existência humana não sofrer a influência das coisas exteriores, e portanto, a impossibilidade de que o poder da mente humana para pensar não possa vir a ser continuamente dominado pelo poder de afetação dessas coisas exteriores. Daí que o homem *“...está sempre necessariamente sujeito às paixões, que ele segue a ordem comum da Natureza e lhe obedece e que a ela se adapta tanto quanto o exige a natureza das coisas”* (EIV P4 C). De onde, *“A força e o crescimento de qualquer paixão e a sua perseverança na existência não são definidas pela potência pela qual nós nos esforçamos por perseverar na existência, mas pela potência de uma causa externa em comparação com a nossa”*(EIV P5). Enfim, na servidão o homem está dominado pelas paixões, isto é, está dominado pela exterioridade que ele percebe como contingente.

Como ressalta CHAUI (1993, p.69), a definição espinosana da servidão é *“rigorosa e primorosamente jurídica, operando com as expressões sui juris, obnoxius, moderandis, coercendis e coactus sit, cuja*

medida decorre do embate entre *impotentia humana* e *fortuna potestas*". E explica que o sentido dessas expressões para o século XVII é (CHAUI, 1993, p.70-71):

Ser *sui juris* é ser sujeito de direito, isto é, é ser um “*sujeito inteligente dotado de vontade livre, capaz de agir em conformidade com a razão*” (CHAUI, 1993, p.83), e por isso capaz de exercer o seu direito sobre o seu corpo, seus bens e sua liberdade. Mas, como a liberdade pode ser retirada do sujeito pois esta é tratada como uma faculdade de um sujeito de direito, e como o corpo e os bens também podem ser retirados desse sujeito de direito, pois os bens são propriedades e o corpo pode ser posto numa condição de servidão voluntária, forçada ou através do uso da violência, então, o homem pode passar da condição de *sui juris* à condição de *alienus juris*, e assim, o sujeito estará na condição de quem perdeu o controle sobre si mesmo e sobre o seu mundo.

Obnoxius, significa alguém estar sujeito ou submetido a uma pena, castigo ou domínio violento, pois é culpado de ter sido a causa de uma violência anterior, e agora é penalizado por um poder externo arbitrário.

Moderandis, é o poder para conhecer e impor a medida a uma dada perturbação, reconduzindo-a à norma adequada. Esse poder de impor a medida é aplicado pelo magistrado, a *auctoritas* que pronuncia qual deve ser a norma a ser seguida, o *auctor* que responde pela imposição da medida apropriada à recondução da ordem que foi perturbada. E, como diz CHAUI (1993, p.73):

“*Auctor*, porém, não está articulado apenas a *moderandum*, mas também a *sui juris*... somente é *sui juris* aquele que possui o conhecimento do que faz e, portanto, somente o autor pode ser ou estar *sui juris*. Aquele que, numa situação desordenada, medita e delibera impondo-lhe uma medida (*auctoritas*) e aquele que sabe o que faz (*auctor*) estão *sui juris*, contrariamente ao que está submetido ao desordenado e não sabe o que faz, pois vê o melhor e faz o pior para si”.

Difícil não ver na figura do *auctoritas* a causa eficiente com o poder de impor a medida, e na figura do *auctor* a causa formal que sabe qual a medida a ser imposta, ou seja, quem está *sui juris* é causa formal e eficiente total da sua própria ação, é causa adequada de si.

Sui juris, obnoxius e moderandis, explicam o poder absoluto de uma autoridade capaz de conhecer, meditar, deliberar e aplicar uma medida violenta a quem está sob o seu poderio, e que por isso mesmo perdeu o controle sobre si mesmo. *Alienus juris* é quem não sabe o que faz, não decide ou escolhe sobre o que quer ou sobre o que faz, não responde pelo que faz, e não tem a autonomia para agir como quer.

Coercendis, (ver nosso estudo etimológico) deriva de *coerceo* que é a ação de quem é *arceo* ou *arcere*. Quem é *arceo* ou *arcere* é quem tem o poder para realizar as seguintes ações (latim): 1) Conter, reter, apertar; 2) Apartar, afastar, afugentar, repelir, impedir, evitar, embaraçar, proibir, obstar, tolher, interditar, reprimir, estorvar, refrear; 3) mandar vir, mandar tirar; 4) rodear, cercar, fechar, incluir, encerrar; 5) manter junto; 6) confinar, limitar, restringir, encerrar, prender, aprisionar, fechar em, por limites; 7) defender, guardar, proteger; 8) controlar, dominar, mandar; 9) impedir a aproximação; 10) separar, apartar, afastar, desunir, dividir, manter à parte, guardar de; 11) privar, tirar, despojar, destituir, excluir.

As raízes gregas para *arceo* ou *arcere* têm os seguintes significados: 1) impedir a entrada ou saída; 2) encerrar, fechar, prender, cercar, embaraçar, dificultar, engaiolar, murar; 3) construção firme; 4) ser posto em segurança; 5) manter longe de; 6) ser excluído da participação em; 7) reduzir, limitar, fazer carecer de ou carecer de; 8) ação ou aquilo que toma, refreia, reté, protege, guarda, separa, isola, inclui, exclui, aproxima, afasta, evita, impede; 9) ação ou aquilo que começa, comanda e sustenta; 10) o que foi moderado, refreado, conservado ou envolvido por algo; 11) o propulsor; 12) o pastor de rebanhos; 13) o governador, o magistrado, o chefe, o conselho, primeiro autor; 14) dentro do lugar ou da situação ou da posição – ser capaz de dominar, governar, comandar, determinar, ou ainda, ser o que estabelece as regras, critérios ou norma

para; 15) regra, critério, norma; 16) controle, hábito, governo; 17) registro público, arquivos, registrador municipal.

Veja-se então como *coercendis* designa a ação de algo ou alguém que é o princípio absoluto e originário de um poder capaz de total controle sobre algo ou alguém exterior a ele. Pode afastar ou aproximar, incluir ou excluir, impedir a entrada ou a saída, manter longe ou perto, comanda, determina, governa, dita a regra, o critério, a norma, tem a força do hábito, identifica-se com a figura do pastor, do magistrado, do chefe, do governador, do princípio originário, registra a norma, o critério, isto é, conserva o direito de agir, etc.. Enfim, *arceo* tem o mesmo poder e atribuições de quem é *sui juris* em seu *dominium*, há uma total identidade entre o poder de agir de um *arceo* e de um *auctor-auctoritas*, e portanto, *coercendis*, a ação realizada por um *arceo*, é a mesma ação que pode ser realizada por quem é *auctor-auctoritas* e está *sui juris*. Vejamos o quadro abaixo que ilustra o que acabamos de dizer:

Quem está *sui juris* pode refrear os seus afetos, tem o poder de dirigi-los e controlá-los como quiser, ou seja, quem é *sui juris* é autônomo, é causa adequada do que pensa, sente ou faz, auto-regula-se e auto-controla-se porque auto-governa-se. Quem não tem esse poder de refrear os afetos é *alienus* ou *alterius juris*, isto é, seus afetos são governados por causas exteriores a ele, e portanto, não é causa do que pensa, sente e faz, age controlado e governado pela exterioridade.

Coerceo significa: 1) comprimir, estreitar, conter, reprimir, fazer parar, deter, suspender; 2) corrigir, emendar, retocar, polir; 3) castigar, punir; 4) constranger, obrigar. E, da composição entre *arceo* e *coerceo* temos as raízes latinas para o substantivo *carcer* (veja nosso estudo etimológico), ou seja, *carcer* é o local dominado por um poder que está *sui juris*, e que age como *coerceo* sobre alguém, isto é, reprimindo-o, comprimindo-o, detendo-o, punindo-o, castigando-o, constrangendo-o e obrigando-o, de tal modo que possa ser emendado ou corrigido. Exemplo, a administração da prisão por sobre os seus prisioneiros.

Portanto, *carcer* é a substantivação do poder derivado da composição entre *arceo* e *coerceo*. Ou seja, está no *carcer* quem está *alienus juris*, e portanto, quem está no *carcer* experimenta a servidão humana, logo, a experiência do encarceramento é a experiência da servidão humana. O encarcerado é alguém que se sente, comprimido, contido, reprimido, castigado, punido, constrangido, obrigado, e também, se sente, excluído, afastado, impedido, rodeado, separado, isolado, controlado, etc.

Do fato de termos identificado cárcere, cadeia, prisão e presídio, por motivos que já justificamos em nosso método, a experiência de encarceramento deve ser então caracterizada também pelo conjunto de todos os sentidos contidos naquelas palavras, mas por enquanto fiquemos ainda com o desenvolvimento da idéia de servidão humana.

Marilena CHAUI (1993, p.72) expõe o quadro da experiência sentida por quem está no estado da servidão humana:

“Aquele que, por impotência, deixa de estar *sui juris* para ficar sob o poderio de uma outra força, experimenta quatro situações simultâneas: a da alienação (está *alienus juris*, ou, como prefere Espinosa, *alterius juris*); a da contrariedade (vendo o melhor, sente-se coagido a fazer o pior para si); a da violência (estando sob a força dos afetos, é arrastado ao pior pela incerta e caprichosa Fortuna); e a da fraqueza (perda de direitos e poderes, sujeição). A servidão é um embate de forças no qual a potência das coisas exteriores é superior à do conatus corpo-mente”.

Com o conatus corpo-mente diminuído, a fraqueza da mente expressa-se em sua incapacidade para organizar a ordem necessária dos dados imediatos de sua percepção, está sob o domínio da imaginação e portanto opera através da associação, semelhança e contiguidade, formando idéias imaginativas universais abstratas, que estão separadas de suas causas, daí, a produção de modelos imperativos com os quais passa a apreender a realidade. Com esses modelos imperativos, derivados do próprio esforço dramático que o conatus corpo-mente realiza para perserverar na existência diante das forças desagregadoras exteriores, a mente passa a emitir juízos categóricos sobre as coisas como forma última de estabelecer alguma ordem sobre a contingência que a afeta, ela desconhece a realidade da coisa à qual sobrepõe o juízo, desconhece a potência agente da coisa, e passa a usar modelos que substantivam e adjetivam a coisa com qualidades geradas por suas operações imaginativas. Nessa situação, a mente pensa ter um poder e um conhecimento sobre a coisa exterior, quando na realidade tem uma ausência de conhecimento e de poder sobre ela e, *“Esse aumento imaginário da força para existir e sua diminuição real é a servidão humana”* (CHAUI, 1995, p.67).

Temos um exemplo muito claro dessa situação no cárcere, quando se formula a lei da malandragem que é, *“polícia é polícia, ladrão é ladrão”*, que regula a relação entre os prisioneiros e os policiais ou carcereiros. Como podemos notar ela se caracteriza pela ausência completa de um conhecimento genético da realidade do ser do policial ou do ser do ladrão, e a definição nominal sequer exprime as qualidades de um ou de outro, muito pelo contrário, identifica o sujeito e o predicado no interior de uma operação tautológica.

Enfim, do ponto de vista lógico, ontológico e etimológico, nossa pesquisa parece apontar a identidade entre a experiência da servidão humana descrita e explicada por Espinosa, e a experiência vivida pelos encarcerados no interior do ambiente carcerário, a averiguação disso é examinada através da análise das entrevistas que realizamos.

5 - UMA MEMÓRIA ENCARCERADA?

Chamaremos de lembranças tristes as imagens das afecções corporais que diminuem o conatus corpo-mente, ou, as lembranças alegres ou imagens das afecções corporais que aumentam o conatus corpo-mente mas que estão unidas a idéias de que a sua fruição duradoura pode ser causa da diminuição do conatus, e por isso, são tomadas como lembranças tristes.

Muitas vezes tendo de afastar uma lembrança triste fazendo uso das mesmas idéias, imagens ou lembranças que a controlaram pela primeira vez, essa repetição torna mais forte o laço de associação entre elas, ou seja, mais forte será a coesão formada pela composição entre a lembrança triste original e essas idéias, imagens ou lembranças que a controlaram pela primeira vez, compondo então um quadro memorioso constituído pela lembrança triste e pelas demais idéias, imagens e lembranças que da primeira vez a controlaram, e que depois de várias repetições também se fixaram na memória como lembranças úteis a controlar aquela lembrança triste. Depois disso, sempre que a primeira lembrança triste for lembrada, imediatamente as demais lembranças controladoras também serão lembradas para controlá-la novamente.

Porém, em outras circunstâncias, essas lembranças controladoras podem não ser suficientes para controlarem as lembranças tristes, e aí, a mente interpretará essa incapacidade como sendo a sua fraqueza, e procurará imaginar ou lembrar novamente de outras coisas que possam tanto guardar aquele quadro composto de lembranças, quanto

guardá-la da idéia de que se isso não conseguir controlá-las ficará impotente, e portanto, afetada de uma tristeza ainda maior.

Ora, se, novamente, por repetidas vezes essas novas imagens puderem servir como novas guardiãs, então, estas também se tornarão lembranças guardiãs a guardar a mente tanto das primeiras lembranças tristes, quanto da recordação de que ela sentiu-se e por isso pode vir novamente a sentir-se fraca para controlá-las.

Pois bem, tudo isso pode ocorrer indefinidamente, evocando, repetindo, associando, imaginando e conservando, e produzindo uma concatenação cada vez maior de imagens memoriosas que envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e imagens memoriosas idênticas às imagens de outras coisas exteriores ao corpo humano, e que puderam controlar as anteriores segundo uma certa associação calculada, formada pela mente visando conservar o seu conatus.

Temos aí então uma concatenação de idéias ou imagens memoriosas que envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e que foram dispostas no interior da totalidade da memória como um conjunto de imagens memoriosas, guardadas por outras tantas imagens memoriosas que as vigiam para que a mente mantenha o seu controle sobre elas, a esse primeiro conjunto de imagens memoriosas guardadas chamaremos de memória encarcerada, ao segundo conjunto de imagens memoriosas vigilantes chamaremos de memória encarcerante ou vigilante.

Por exemplo, o prisioneiro Pedro recorda-se de certos episódios de sua vida e deseja compartilhar essas lembranças com o prisioneiro Paulo. Durante a conversa Paulo anima-se com a conversa de Pedro e acaba por lembrar-se de episódios de sua própria vida, conversa vai conversa vem, ele pode recordar-se de um episódio que lhe causa tristeza, e por isso pode querer cortar a conversa, ou, pode lembrar-se de um bom momento e aí continuara a conversa com o companheiro.

Na continuidade da conversa ocorre que em algum momento Paulo pode não detalhar muito bem alguma situação que ele está lembrando e contando para Pedro, daí, Pedro pede um melhor detalhamento mas Paulo tem a idéia de que esse pedido de Pedro pode causar-lhe algum dano, pois

acha que Pedro quer conhecer detalhes de sua vida para entregá-lo à polícia, e por isso, imediatamente deixa de contar suas histórias a Pedro.

Repetidas vezes acontecendo essa situação ou transmitida a idéia desse cuidado pela cultura prisional, sempre que Paulo recordar de coisas pessoais deixará de compartilhá-la com os demais por medo de expor-se e, ao mesmo tempo, sempre que alguém vier falar-lhe sobre assuntos pessoais, o rechaçará para impedir que possa ser tomado subitamente por suas próprias evocações.

Daí, o ambiente carcerário cultivar a cultura de não comunicação de histórias pessoais, daí também a determinação do ambiente carcerário na formação de idéias que aprisionam as lembranças, e que serão guardadas como outras tantas lembranças a mediar seus pensamentos, e que serão transmitidas por outros prisioneiros em seu processo de socialização para a vida do crime.

Estudo Etimológico

das palavras

Cárcere, Prisão, Cadeia e Presídio.

(Inventário de Sentidos Através dos Séculos)

Articulações entre cárcere, prisão, cadeia e presídio...

Nota...

Faremos agora um breve resumo do que o leitor encontrará nesse inventário etimológico, para que se possa dar uma idéia da totalidade de seu conteúdo, de tal modo que a percepção sobre tantos dados fique um pouco melhor estruturada. Não vamos analisar ponto a ponto os dados aqui contidos, apenas os apresentamos aqui para que o leitor se convença e veja por si só, a possibilidade de podermos afirmar a conveniência da experiência comum que identifica as palavras cárcere, prisão, cadeia e presídio à experiência do encarceramento.

No princípio...

No princípio, os homens, diante do medo de alguma coisa exterior, ou, por temerem perder algo de valor, aprenderam a guardar-se das primeiras e a guardar as segundas, afastando com o próprio corpo aquilo que os afligia e segurando com o próprio corpo aquilo que queriam conservar.

Em seguida, aprenderam a guardar-se do ataque de animais, de outros homens e de outras coisas, e a guardar os seus campos, rebanhos e outras coisas, construindo cercas, muros ou barreiras que impediam o ataque exterior e defendiam o que estava em seu interior, sem a necessidade de estarem sempre presentes fisicamente para obterem o mesmo resultado.

Observando que essas barreiras eram úteis começaram a construí-las sempre que situações semelhantes se repetiam, e ensinaram a outros transmitindo assim esse conhecimento geração após geração.

Os gregos já desde o período homérico deram a essas barreiras o nome de cárceres, e pouco à pouco estenderam o seu sentido a todas as barreiras materiais e simbólicas.

No princípio o cárcere compreendia as cercas, as barreiras, as redes; a barreira formada pelos dentes para não sair a alma ou palavras indesejáveis ou para não ingerir coisas indesejáveis; na guerra foi sinônimo dos escudos para a defesa contra as lanças inimigas; significaram também as paredes que cercavam os pátios internos de uma casa, ou ainda, as barreiras naturais formadas por cordilheiras de montanhas ou correntes marítimas que impediam o deslocamento das embarcações. Foram também utilizadas para designar os currais, as estrebarias, as pocilgas ou os apriscos onde se confinavam os animais.

Em locais onde foram confinados os animais confinaram-se também os homens, depois, os homens começaram a imaginar que o corpo encarcerava a alma. Mais tarde surgiu a idéia de que algumas idéias eram encarceradas por outras idéias, por serem julgadas como idéias embaraçosas que não podiam manifestar-se.

Tornou-se sinônima também da qualidade de quem se sentia confinado a um ciclo de gestos ou de pensamentos dos quais não podia escapar, e ganhou outros sentidos metafóricos.

Foi sinônima de escravidão; de estar excluído da participação em por estar aprisionado em; de escondouros subterrâneos de esgoto, que por sua vez, mais tarde, foram usados como calabouços de prisioneiros à espera de julgamento.

Os prisioneiros foram colocados em latrinas subterrâneas ou cárceres subterrâneos onde prisioneiros que estavam no nível superior defecavam sobre eles (Vê-se que desde tempos muito antigos o prisioneiro é tratado como um animal ou como um excremento - jogado no subterrâneo).

Da ação de agarrar para apoderar-se de algo ou alguém nasce a idéia de prisão e sua palavra. Que mais tarde referiu-se às tiras ou correias com as quais se prendia os animais, depois, pela semelhança, designou também o chicote, as correias das carroças que prendiam os cavalos, assim

como o chicote que açoitava os cavalos, e também as tiras que os prendiam aos currais. E assim a palavra prisão começou a designar aquilo que refreava, governava, flagelava, castigava e prendia.

Em seu uso aplicado nas relações entre os homens, a palavra prisão foi usada para designar o chicote que se aplicava aos homens para castigá-los, às cordas que os prendiam aos lugares designados como cárceres, e mais tarde foram usadas como sinônimas de um complexo, formado por um lugar usado para guardar aqueles que seriam castigados pelo açoite e presos por cordas enquanto aguardavam esse momento.

Enquanto sinônimo de corda usada para prender, a palavra prisão identifica-se com a palavra cadeia. Em seu sentido mais antigo, a palavra cadeia designava a ação de encerrar, impedir a saída, confinar, fechar, e referia-se também à qualidade de quem ou daquilo que foi atado, amarrado, ligado, preso, ou seja, designa uma ação que é auxiliada pelo uso de um instrumento que a torna mais eficaz.

O ato de prender, agarrar, tomar pegar, mais característico da palavra prisão, ganhou maior força quando associou-se ao uso de um ligame e, como a palavra prisão também era sinônimo de correia usada para controlar e flagelar, ambas puderam associar-se, e com isso, em várias situações podiam ser usadas como sinônimas - um ligame para controlar.

A palavra cadeia foi sinônima de quaisquer ataduras, correias, tiras usadas para amarrar, apertar, prender; colares femininos, coleiras dos animais e a argola usada no pescoço dos escravos para prendê-los em determinados lugares, ou para arrastá-los de um lugar ao outro.

É importante lembrar que os escravos da Grécia antiga eram prisioneiros de guerra, e que dada a associação muito próxima entre as palavras cárcere, prisão e cadeia ao ato de prender um escravo, e guardá-lo amarrado em algum lugar, e açoitado quando desobedecia, puderam montar um clima de associação entre todas essas palavras onde:

Cárcere tornou-se sinônimo do lugar onde se retém alguém pelas cadeias d`uma prisão, isto é, o cárcere é o local, a cadeia são os instrumentos com que se prende, e prisão é o poder de governo sobre quem está preso num cárcere através de suas cadeias, poder violento capaz de

castigar. O cárcere e as cadeias concretizam um saber prender, a prisão é o próprio poder de prender.

No período Homérico, a postura ereta de quem ficava atento olhando ao longe e, com prudência decidia o que fazer, originou a palavra presídio que, mais tarde identificou-se com as fortalezas que ficavam nas fronteiras do território para observarem o inimigos, e para protegerem o território próprio.

Os presídios modernos compõem-se com o cárcere já identificado com a cadeia e a prisão, pois, defendem como os cárceres e acrescentam-lhe o estado de prudência e atenção oriundos de suas torres e de seus diretores - o panóptico de Bentham é o praesidium romano voltado para dentro de si mesmo.

Desse sistema complexo de significações oriundos da composição entre os significados das palavras cárcere, prisão, cadeia e presídio + a palavra arceo que é raiz da palavra cárcere, esperamos compreender um pouco melhor a experiência do encarceramento.

Acreditamos que esse sistema funcione como uma ratio significante das significações dadas à experiência de encarceramento, idêntica à experiência da servidão humana.

Fontes Etimológicas Gregas

Séculos (VIII aC – IX dC)

O Cárcere:

Diagrama das raízes gregas do verbete “*carcer*” :

ερκοξ

De um modo geral, *ερκοξ*, ligado ou não a outros complementos, marca o sentido de uma barreira de contenção e defesa de coisas internas a algo, e de expulsão e contenção da ação de coisas externas que afligem este algo que protege o que está em seu interior, portanto, tem o sentido daquilo que auxilia a conservação de algo.

(VIII aC – IX dC)

Cerca de arbustos, ramos, estacas, espinheiros, estanho, com o qual se cercavam jardins, pomares ou terrenos.

“Fora do pátio se encontra um jardim, logo ao lado da porta, de quatro jeiras, cingido de todos os lados por sebes”. (Od. 7.113)

[* séc.VIIIaC: (Il.5.90; 18.564) & séc. VaC: (Sophocles-Trachiniae 607) & séc. II dC: (Aelius Dionysius-frag.179) & séc. VdC: (Hesychius) & séc. IX dC: (Plotius)]

(VIII aC – II/III dC)

Barreira formada pelos dentes quando estes se cerram impedindo que através de qualquer murmúrio ou “pensamento alto” saiam palavras indesejáveis ou a própria alma, e evita-se também a ingestão de coisas indesejáveis como drogas.

“Muito me admira que tenham bebido e do encanto escapado, pois, até hoje, ninguém resistiu ao poder desta droga, inda que os lábios, acaso, só tenha de leve chegado”. (Od. 10.328)

[* séc. VIIIaC: (Il. 4.350; 9.409) & séc. VIaC: (Solon-27,1) & séc. VaC: (Pindarus-Nemean 10.36; Dithyrambi Oxy 1.16; Pythian 2.80; Sophocles-Trachiniae 615) & séc. II/III dC: (Oppianus Anazarbensis – Halieutica 1.506)]

(VIII aC – II dC)

Rede ou malha para enlaçar aves e animais ou pescar.

“Do mesmo modo que tordos de longos remígios, ou pombas que o pouso buscam ansiosas, às vezes em rede se enlaçam, posta entre os ramos...”. (Od. 22.469)

[* séc. V aC: (Sophocles – frag.431; Pherecrates – 209; Pindarus – Nemean 3.51) & séc. V-IV aC: (Aristophanes – Aves 528; Plato – Sophista 220c) & séc. IV aC: (Aristoteles – Historia Animalium 617b24) & séc. II dC: (Pollux – 7.139)]

(VIII aC – I/II dC)

Cavidade, buraco, cova, caverna (Hesíodo – Op.533, séc. VIII aC); recinto fechado. Ex: Porão do navio onde se prendiam pessoas aos remos, atadas em seus bancos.

“Mas apesar de suas lágrimas, trouxe-os à força, de novo, para as naus côncavas, onde os atei sob o banco dos remos”. (Od. 9.99)

“...ela mesma adotou para si o abrigo, asilo, guarida fechada”. (Plutarchus – 2.980b, I/II dC)

(VIII aC – III aC)

Escudos ou anteparos de defesa contra lanças e outros projéteis lançados pelos inimigos.

[* séc. VIII aC: (Il. 15.646; 5.316; 15.567) & séc. VI-V aC: (Aeschilus) & séc. III aC: (Theocritus – 25.279)]

(VIII aC – VaC)

(01) Pátio interno de um palácio ou casa, cercado por suas edificações; paredes das salas de uma casa; recinto interno.

“Pórticos, salas e pátios de gente infinita se encheram”. (Od. 8.57)

“Se alguma delas ouvir, porventura, gemidos e gritos dentro da sala em que os homens se encontram, não venha até à porta, para saber o que passa; prossiga tranquila na faina”. (Od. 21.238)

[* séc. VIII aC: (Il. 16.231) & séc. VIaC: (Solon – 4.29) & séc. VI-V aC: (Aeschylus – Persae 17) & séc. VaC: (Herodotus – 6.134; Sophocles – Ajax 1274; Euripedes – Heraclidae 441)]

(02) Vala, poço, fosso, parede, muro e muralhas fortes usadas como barreira de defesa de pessoas e soldados numa batalha.

[* séc. VIII aC: (Il. 1.284; 15.567; Od. 7.191) & séc. V aC: (Herodotus – 7.19; 9.99)]

(03) Barreira formada pelos corpos de uma multidão de pessoas e soldados como forma de defesa ou de ataque numa batalha. Ex: A infantaria referida como barreira ou ponto de apoio mais importante para o avanço de uma tropa.

[* séc. VIII aC: (Il. 3.229; 4.229; 4.299; 1.284) & séc. VI-V aC: (Aeschilus – Agamemnon) & séc. V aC: (Pindarus – Paeanes 6.85; Pythian 5.113)]

(VIII aC – VI-V aC)

Sentidos metafóricos de proteção, defesa, amparo, abrigo, apoio, resistência.

Helena referindo-se a Ajace (guerreiro Acaio), em sentido metafórico, como uma torre ou barreira de defesa e proteção dos guerreiros acaios, por sua postura que expressava solidez, principalmente quando excedia os ombros e a cabeça acima dos demais, pois, parecia, com seu porte altivo, um deus corajoso, determinado e protetor (Il. 3.229).

“Ninguém será capaz de resistir a esta imensa torrente de homens, pondo um sólido dique à onda invencível deste mar. Irresistível é o exército dos Persas e o seu povo de coração valoroso”. (Aeschilus – Persae 89, VI-V aC)

(VI aC – IV dC)

Aprisco, curral, redil, baia, estrebaria, capoeira (para galinhas).

[* séc. IV dC: (Themistius – Orationes 23.292^a)]

(VI-V aC)

Barreira natural.

“Eles deixaram Susa e Ecbátana e as velhas muralhas da Císsia, partindo, uns a cavalo, outros em barcos e, em marcha regular, a infantaria, que formava o grosso do exército” – A Císsia, região montanhosa entre Susa e Ecbátana, é aqui tratada por ésquilo como se se tratasse de uma cidade muralhada, portanto, a cadeia montanhosa faz o cerco como uma muralha (Aeschylus – Persae 17).

(V aC)

Barreira enquanto sinônimo de embaraço da razão ou capaz de turva-la, ou por causa das paixões ou por causa das malhas da justiça.

“Por que tamanha insensatez e hostilidade contra decisões razoáveis, infeliz?”. (Euripedes – Medea 986)

“Olha! Como as aves nas moitas, até já creio contemplá-las, às blandícias do amor cativas...”. (Euripedes – Bacchae 958)

[* séc. V aC: (Herodotus – 7.85 & Sophocles – Ajax 60)].

καρκαρον

Do grego siciliano, **καρκαρον**, ou, “*karkaron*” em latim, é sinônimo de prisão como local onde se confinavam pessoas à espera de uma decisão sobre o seu futuro.

(V aC – V dC)

Prisão.

[* séc. VaC: (Sophron – 1.47) & séc. I aC: (Diodorus Siculus – 31.9) & séc. II dC: (Vettius Valens – 68.26) & séc. V dC: (Hesychius)]

γοργυρα

De origem dórica, **γοργυρα**, quando entendido no sentido de prisão, a palavra denota e conota, um lugar caracterizado pela perversidade no trato da pessoa e o menosprezo por ela que nele está.

(VII aC – V dC)

Denota um escoadouro subterrâneo ou encanamento de esgoto.

[* ver (05) & séc. VII aC: (Aleman – 132) & séc. V dC: (Hesychius – AB233)]

(VI-V aC – V dC)

As prisões romanas estavam divididas em três estágios, cada qual, com uma destinação especial. O primeiro, o *cárcere inferior*, localizava-se numa cela subterrânea onde penetrava-se através de uma pequena abertura superior que a ligava ao estágio imediatamente superior. O cárcere inferior não servia como lugar de detenção, mas sim, de execução de seus ocupantes ou daquele que com certeza seriam executados, nele, estavam confinados os prisioneiros considerados merecedores de penas mais graves. O estágio mediano, *cárcere interior*, situava-se acima do cárcere inferior, e tinha como ele uma abertura superior por onde entravam os raios do sol, ali ,eram confinados os prisioneiros de penas menos graves, servindo portanto como espaço de detenção destes até que o destino deles fosse deliberado pelas autoridades, este período de detenção era chamado de *custodia arcta*, ali, os condenados eram trancafiados e condenados aos ferros até que expirasse a pena ou fosse julgada a sentença, se ocorria uma sentença de tortura ou morte, os condenados eram imediatamente torturados ou executados na *carnificina*, prisões públicas de Roma construídas ao tempo de Servius Tullius (VI-V aC), local para onde eram deslocados os condenados para sofrerem as penas de tortura ou execução sumária (ver. Liv. II,23 (59aC-17dC) & Suet. Tib.62 (48-19 aC) & Virg. Aen. VII,742 (70-19aC) & Serv. Ad l (IV-VdC) & Sil. III,277 (26-101dC) & Isidor. Orig. XVIII 7,7 (602-36dC)). O estágio superior era ocupado por prisioneiros responsáveis pelos delitos menos graves, estava localizado no plano do sol, ou seja, ao ar livre onde os prisioneiros podiam exercitar-se, e seus ocupantes permaneciam nele durante uma duração ordinária chamada, *custodia communis*, uma espécie de prisão generosa (Tácitus – Historia. I,88 (55dC)– “*neque arcta custodia neque obscura*” – “*nem guarda confinada nem obscura*”). Estas três divisões ainda são visíveis na prisão de Herculaneum, quanto às duas divisões inferiores, elas foram construídas ao tempo de Ancus (VI-VaC) e Servius, próximo do Fórum romano. Em nosso caso em questão, estamos nos referindo ao cárcere inferior quando descrevemos o significado de **γοργυρα**.

(VI-V aC – II/III dC)

Conota algo ou um local feio, horroroso, medonho, cruel, bárbaro, perverso, feroz, bárbaro, cruel, violento, desumano, furioso, impetuoso; terrível, medonho, pavoroso, horrível.

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Septem contra Thebas) & séc. V aC: (Euripedes – Phoenissae 146, Supplices 322) & séc. V-IV aC: (Xenophon – Institutio Cyri 4.4.3, Symposium 1.10, de Equitum magistro 10.17) & séc. II dC: (Pollux – 1.192) & séc. II/III dC: (Aelianus – Varia Historia 2.44)]

(V aC – I/II dC)

Denota um escondouro subterrâneo usado como calabouço ou prisão.

[* ver (05) & séc. V aC: (Herodotus – 3.145) & séc. I/II dC: (Harpocratio)]

(ειρκτη, ειρκ-, ερκτη) -> (ειργω; εργω)

(Século VIII aC)

(01) Aprisco, curral, redil, estábulo, pocilga.

“*Os secadouros de queijo se achavam repletos; cabritos e anhos no estábulo apertavam-se, todos mui bem segregados...*”. (Od. 9.221)

“*Dentro dessa área cercada fêz doze pocilgas, bem perto umas das outras, as camas dos porcos. Em cada uma delas porcas cinquenta fechadas se achavam, que rojam no solo*”. (Od. 14.15)

(02) Pocilga usada para o confinamento de homens.

“*Na casa de Circe, se encontram teus sócios, sob a figura de porcos, trancados em boas pocilgas*”. (Od. 10.283)

(V aC – V dC)

Cercado, valado, recinto, sebe, grade, barreira, muro, obstáculo, cerca viva parte interna da casa.

[* séc. V-IVaC: (Xenophon – Memorabilia 2.1.5) & séc. II aC: (Pteb – 5.260) & séc. V dC: (Hesychius)]

(V aC – III dC)

Carcereiro, guarda, guardião.

[* séc. VaC: (Cratinus – 189) & séc. III-II aC: (Philo – 1.289; 1.290; 2.53) & séc. I aC: (BGU 1138.12) & séc. I dC: (Josephus – Antiquitates Judaicae 17.7.1 & Act. Ap. 16.23) & séc. IIIdC: (Lucianus – Toxaris 30 & Artemidorus Daldianus – 2.60) & séc. IIIIdC: (PFlor. 253)]

(VaC – IdC)

Corpo como prisão da alma.

“*No recôndito dos cárceres, teu corpo custodiado será.*”(Euripedes – Bacchae 497)

[* séc. V-IVaC: (Xenophon – Instituto Cyri 3.1.19) & séc. IdC: (Josephus – Bellum Judaicum 2.8.11)]

(VaC – II aC)

Prisão.

[* sec. VaC: (Herodotus – 4.146; 4.148 & Thucydides – 1.131) & séc. II aC: (Pteb-5.260)]

(VaC)

Um impedimento necessário.

[* séc. VaC: (Sophocles – Ajax 1250)]

(II dC)

Guardando ou cercando para que não saia do interior de.

[* séc. IIdC: (Galenus – 19.122)].

ειργμοζ -> (ειργω; εργω)

(VIII aC – V aC)

(01) Impedir a entrada de alguma coisa em algo onde se encontram fechadas, guardadas ou encerradas outras tantas coisas – fechar, guardar.

“Portas com lâminas de ouro o palácio fechavam por dentro, com seus batentes de prata apoiados em bronze soleira”. (Od. 7.88)

Ex: fechar-se dentro de si e impedir a entrada dos espectros (Il. 23.72).

[* séc. VaC: (Thucydides – 4.9 & Euripedes – Helena 288)]

(02) Impedir a entrada em e manter longe de.

Impedir a entrada do navio em águas perigosas mantendo-o longe de– *“Enquanto a ti, meu piloto, transmito-te esta ordem; no espírito guarda-a, por teres o mando do leme da côncava nave. Vai dirigindo o navio por fora daquela onda grande e do vapor, para o lado do escolho; que não aocnteça, a teu mau grado, ser êle levado, com risco de todos”.*(Od. 12.219).

Impedir, afastar ou guardar contra a entrada das flechas e lanças, opondo o corpo como barreira para não acertar uma criança. Ex: Menelau sendo flechado pelo caçador Pândaro depois de Atena Ter desviado a flecha que o atingiria fatalmente, fazendo-a atingir o cinto de Menelau e apenas lhe ferindo a perna (Il. 4.131).

A pele como barreira contra a mosca e simultaneamente o ato de enxotá-la para longe, impedindo-a de picar a pele (Il. 17.571).

[* séc. VIII aC: (Hesiodus – Opera et Dies 335) & séc. VI-V aC (Parmenides – 1.33) & séc. V aC: (Herodotus – 3.486)]

(VIII aC – VI aC)

Encarcerar, fechar.

Ex: conduziu-os aos barcos e fechou-os lá. (Thucydides-1.106, VaC)

[* séc. VIII aC: (Il. 21.282) & séc. VI aC: (Theognis-710)]

(VIII aC)

(01) Estar impedido de sair de um lugar por estar cercado por barreiras naturais.

Ex: As fortes correntezas do Helesponto que rodeavam as terras (Il. 2.845); Estar fechado no bojo da turbulência de um grande rio e estar impedido de sair dele (Il. 2.845).

(02) Impedir a saída e manter no interior de.

Ex: impedir a saída do interior do barco encerrando nele – Conduziu-os ao barco e fechou-os lá (Il. 16.395).

(03) Ficar protegido ou seguro por, com ou no interior de.

Ex: Conjunto de soldados que, com seus escudos, formam uma barreira de proteção que impede que as flechas ou lanças os atinjam (Il. 17.354).

(04) Impedir de, fechar em ou na, privar de, afastar o.

Em (Il. 13.706) os dois Ajaces vêm-se impedidos de desvincularam suas identidades com as dos bois pois o trabalho próximo e articulado entre eles e o bois, arando a terra, os faziam imaginar-se semelhantes aos bois. Em (Od. 14.411) o ato de fechar os porcos na pocilga - “*Mas nesse tempo já tinham de volta os porqueiros e os porcos, que nas pocilgas fecharam, porque do repouso gozassem*”. Em (Od. 11.503) tem o sentido de privação - “*Fosse possível voltar um instante a meu pai, dêsse modo, certo haveria fazer respeitadas as mãos invencíveis a todos quantos lhe fazem violência e das honras o privam...*”. Finalmente, em (Hesíodo – Op. 335) é a ação de afastar o ânimo insensato – “*Mas tu, disto afasta inteiramente teu ânimo insensato...*”.

(05) Sólida barreira de proteção.

Ex: muro sólido e forte de proteção que refrea ou impede o avanço de torrentes d'água (Il. 5.89).

(06) Sinônimo de escravidão pelos atributos que este estado encerra.

Ex: Como uma escrava, porque padece com sofrimentos, tais como, convulsões, gritos e com golpes de lanças dos inimigos em seus ombros – “*Vê que se agita em finais convulsões e que o termo está próximo; grita, estridente, e se atira sobre ele; mas já os inimigos vêm por detrás e a golpeiam com lanças nos ombros e espaldas, e como escrava a carregam, porque sofrimentos padeça*”. (Od. 8.529).

(07) Encerrar, encurralar, engaiolar animais.

“*...cabritos e anhos no estábulo apertavam-se, todos mui bem segregados...*”. (Od. 9.221)

“*Mas nesse tempo já vinham de volta os porqueiros e os porcos, que nas pocilgas fecharam, porque do repouso gozassem*”. (Od. 14.411)

(08) Encerrar, confinar, trancar homens em locais onde se confinavam os animais.

“*Na casa de Circe se encontram teus sócios, sob a figura de porcos, trancados em boas pocilgas*”. (Od. 10.283)

(VI aC – IV aC)

Carecer de, reduzir a, tornar inadequado.

[* séc. VI aC: (Aeschylus – Supplices 63 - constranger) & séc. V-IV aC: (Xenophon – Anabasis 6.6.16) & séc. IV aC: (Aeschines – 1.183)]

(VI aC)

(01) Impedir, deter, retardar, estorvar, embaraçar, atrapalhar, por obstáculos, obstruir; impedir, evitar, embaraçar a ação ou o gesto.

[* séc. VI aC: (Theognis – 686)]

(02) Afastar e manter afastado sob guarda.

[* séc. VI aC: (Aeschylus – Septem contra Tebas 416 – afastar e manter sobre guarda)]

(03) Reter, restringir.

[* séc. VI aC: (Aeschylus – Agamemnon 1027)]

(VaC – IV dC)

Prisão, detenção, encarceramento.

“...o aprisionamento de Aristides”.(Plutarchus – 2.84f – séc.

I/IIIdC)

[* séc. VaC: (Herodotus – 3.136) & séc. IV aC: (Demosthenes 59.66 & Lycurgus – 112 & Philippus – ap.D.12.2) & séc. IdC: (Josephus – Antiquitates Judaicae 18.1.3) séc. IV dC: (Mitteis – Chr.71.10)]

(V aC – V-IV aC)

(01) Junto, unido, ligado.

[* séc. V aC: (Herodotus – 8.98 & Euripedes – Heraclidae 963; Phoenissae 1175 & Sophocles – Oedipus Tyrannus 129; Philoctetes 1407; Trachiniae 1257 & séc. V-IV aC: (Xenophon – Anabasis 7.2.13)]

(02) Ser excluído da participação em, por estar aprisionado em.

[* séc. V aC: (Antipho – 6.36 & Lysias – 6.24 – por estar aprisionado em) & séc. V-IV aC: (Isocrates – 4.157)]

(03) Manter-se a si mesmo, viver no canto, manter-se longe de; poupar-se, abster-se, privar-se, conter-se, refrear-se; arrastado, arrancado, persuadido, mantido por causa de, escasso, cedido a.

[* séc. V aC: (Herodotus – 4.164 & Sophocles – Oedipus Tyrannus 890 & (Herodotus – 7.197) & séc. V-IV aC: (Plato – Leges 732c)]

(04) Prisão, no sentido de estar contido pelo freio de um argumento, de uma idéia ou de um sistema de pensamento, aprisionado pelo pensamento.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Respublica 495d)]

(05) Corpo como prisão da alma, alma prisioneira do corpo.

[* séc. V-IV aC: (Plato-Phaedrus 82e)]

(06) Carcereiro.

[* séc. V-IV aC: (Xenophon – Historia Graeca 5.4.8)]

(07) De um modo geral, gaiola, jaula, prisão.

(08) Impedir, deter, retardar, estorvar, embaraçar, atrapalhar, por obstáculos, obstruir; impedir, evitar, embaraçar a ação ou o gesto.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Leges 784c; Sophista 242a & Aristophanes – Vespae 334)]

(09) Ter incluído em.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Politicus 285b)]

(10) Cercar, murar, fechar, tapar, incluir, encerrar, conter.

[* séc. V-IV aC: (Aristophanes – Acharnenses 330)]

(V aC)

(01) Estar retido.

[* séc. VaC: (Hippocrates – Mul.1.4,8)]

(02) Pare! Cesse! Barrado.

[* séc. V aC: (Sophocles – Oedipus Coloneus 836; Trachiniae 344)]

(II dC)

Aprisionar de modo mal intencionado.

[* séc. II dC: (Pollux – 6.154)]

(II/III dC)

Aprisionamento de uma cobra.

[* séc. II/III dC: (Aelianus – De Natura Animalium 17.37)]

(VII dC)

Ser ou estar capturado, preso (ciclicamente).

[* séc. VII dC: (Paulus Aegineta – 6.13)]

A Prisão:

Diagrama das raízes gregas do verbete “*prehendo*” ou “*prehenso*”:

γενω

De um modo geral, este verbo é tomado como: tomar, agarrar, pegar.

γεντο

(VIII aC – V dC)

(s.) punho; mão, garra, tomada; presa; punhado; compreensão.
(v.) empunhar; agarrar; apoderar-se de; tomar; entender, compreender, apanhar o sentido de; agarrar-se fortemente a – quem ou o que foi agarrado, apanhado, preso.

“...pegou no chicote, igualmente dourado e muito bem feito.”

(Homerus – Il. 8.43)

[* séc. V dC: (Hesychius)]

χανδανω

(VIII aC – V dC)

(01) Entender, cercar, abranger, observar, absorver).

[* séc. VIII aC: (Il. 24.192 & Od. 4.96) & séc. V aC: (Hippocrates – Mul. 1.78; Genit. 9)]

(02) Tomar, ser tomado, possuir, estar possuído.

[* séc. VIII aC: (Il. 4.24 & Il. 14.34)]

(03) (v. pret.) Segurar, reter, manter, possuir, refrear, conter).

“Chama Telêmaco a Eumeu para perto e lhe diz, entregando-lhe um pão inteiro, depois de o tirar da belíssima cesta e tanto assado quanto êle nas mãos segurar conseguira”. (Od. 17.344)

[*séc. VIII aC: (Il. 11.462 & Il. 23.268, 742)]

(04) Conter, encerrar, incluir, compreender, refrear)

“Ambos cabemos aqui na soleira, não debes inveja ter dos que aos outros pertence...” (Od. 18.17)

(05) Sentido figurado de ser capaz, apto, competente.

[* séc. VIII aC: (Il. 11.462) & séc. V-IV aC: (Aristophanes - Ranae 260)]

[* De (1.1) a (1.4), temos como exemplos: séc. IV-III aC: (Aratus – 697) & séc. III aC: (Theocritus – 13.57 & Lycophron – 317) & séc. II aC: (Nicander – Alexipharmaca 145; Theriaca 956) & séc. IV dC: (Quintus Smyrnaeus – 12.328) & séc. V dC: (Hesychius); para o item (1.5) temos como exemplos: séc. IaC – IdC: (Bianor – AP 7.644) & séc. III dC: (Oppianus Apamensis – Cynegetica 4.210)]

(II aC)

Em prescrições, tomar, pegar, segurar, agarrar, arrebentar, apoderar-se de, tirar, furtar, subtrair, prender, capturar, aprisionar, apanhar.

[* séc. II aC: (Nicander – Theriaca 956, Alexipharmaca 58.145)]

Obs: *χανδανω* também aparece como sinônimo de fosso; fatia, posta, fração; destruir, demolir, suprimir; (fig.) anular; estragar, arruinar; (fig.) afundar, mergulhar (nos pensamentos), exterminar, aniquilar, massacrar.

ιμασκω

(VIII aC – XII dC)

Tiras ou correias de couro, qualquer correia.

Ex: Correias de couro cruzadas e retesadas no interior do capacete para proteger de golpes externos (Il. 10.262); correia de couro do capacete para se prender o queixo (Il. 3.375 & Il. 3.371); correias com as quais Heitor foi atado entre o calcanhar e o joelho a um carro (Il. 22.397); tiras com as quais o corpo da carroça era suspensa; cinturão de couro com o qual Diomedes apertou as ilhargas de Ares (Il. 5.727); correia que segurava a sacola em que se guardavam as flexas; correia de couro de boi (Il. 23.324); correias que prendiam os cavalos aos carros (Il. 10.475 & Il. 8.544); correias para prender cavalos uns aos outros (Il. 10.499); “...*Esta, tomando da túnica, dobra-a com todo o cuidado e a dependura no gancho do lado do leito crivado. Vem para fora e, a seguir, puxa a porta por meio da argola toda de prata, esticando por fim a correia da tranca*” (Od. 1.442); “...*Pela correia do fecho na camara entrar pôde logo...*” (Od. 4.802); “*Da fechadura a correia Penélope, então, soltou prestes e introduziu logo a chave, fazendo correr o ferrólho com jeito e força adequados*” (Od. 21.46); cinto mágico de Afrodite (Il. 14.214 & Il. 14.219) [* séc. VaC: luva de boxe consistindo de diversas tiras colocadas em torno da mão (Pindarus – Nemean 6.35 & Eupolis – 22D); corda de cerca (Aristagoras – 5) & séc. V-IV aC: cordões ou correias de uma sandália (Xenophon – Anabasis 4.5.14); luva de boxe consistindo de diversas tiras colocadas em torno da mão (Plato – Protagoras 342c); correia de cão (Xenophon – Cynegeticus 7.6 & Aristophanes – Vespae 231) & séc. IV aC: cordões ou correias de uma sandália (Ephippus – I.4.9) & séc. IV-III aC: cordões ou correias de uma sandália (Menander – 109.2 – IV/III a.C) & séc. I dC: cordões ou correias de uma sandália (Evangelho de Marcos I.7) & séc. II dC: corda, cordão, fio; atar com corda; encordoar (Galenus – 10.1001, I.616); faixa, correia, tira, alça, banda, gamarra, presilha (Pollux

– 7.81,83) & séc. III dC: qualquer correia (Oppianus Apamensis – Cynegetica 4.217) & séc. V dC: venda, atadura ou fita de couro (Hesychius) & XII dC: lutando com correias (Joannes Tzetzes – 7.422)]

(VIII aC – IV dC)

Chicote, açoite, látego. (Il. 11.531 & Il. 23.582 & Eranos 13.88, VIII dC)

[* séc. V aC & séc. I dC & séc. IV dC]

(VIII aC – II dC)

Amarrar, atar, ligar, prender ou segurar com alguma correia, tira.

Ex: Amarrar a túnica no gancho e dependurá-lo (Od. 1.440).

[* séc. II dC: bem amarrado (Pollux – 10.31)]

(VIII aC – IaC)

Aplicado aos homens: ferir, golpear, bater, castigar, afligir, excitar, destruir.

Ex: Punir com golpes de chicote (Il. 15.17); Pancada (do trovão) de Zeus na terra Tifoeia porque ele está irado com os homens e então os castiga (Il. 2.782); Zeus dominando o rei açoitando-o com golpes de trovão, relâmpagos e raios flamantes (Hesiodus – Theogonia 857).

[* séc. IV aC: (Demosthenes – 42.491) & séc. I aC - (Archias – AP696)].

(VIII aC - V aC)

Rédeas, freios, guiar o cavalo com as rédeas.

[* séc. V aC: Rédeas do cavalo (Sophocles – Electra 747 & Euripides – Hippolytus 1222)]

(VIII aC)

(01) Açoitar, fustigar ou chicotear os cavalos. (Il. 5.589)

“...do mesmo modo que quatro veementes cavalos num jugo partem velozes, no campo, excitados por golpes de látego...”. (Od. 13.82).

(02) Estalo de uma chicotada.

Ex: Estalo da correia de um chicote sobre o couro do cavalo (Il. 23.363)

(03) Açoitar, fustigar, surrar, com correias ou tiras aos animais.

(04) Traço, vestígio, sinal, trilha, pegada, rasto, pista.

(IV aC – IdC)

Flagelar, açoitar, castigar, disciplinar; (s.) flagelo, castigo.

[* séc. IV aC – I dC: (Antiphanes – 74.8) & séc. IV-III aC: (Menander – Sam. 106) & séc. IdC: (Atos dos Apóstolos 22.25) & séc. IV dC: (Poxy – II.86.2 & Libanius – Epistulae 911.2)]

(II aC)

Corte, atalho, incisão; golpe, cutilada, cortado, fendido, talhado, castrado. [* séc. II aC: (Pollux – 7.81,83)]

(IV dC)

Leme ou timão do barco; dirigir ou governar o barco.

[* séc. VIII: (Julianus Imperator – AP 6.28)]

(V dC)

Ser agarrado, tomado, preso, apanhado.

[* sec. V dC: (Hesychius)]

Obs: οικημα: (01) a dwelling-place (morada, residência), **a dwelling-house** (?), **a chamber in a house** (quarto de uma casa), **the story of a house** (a estória de uma casa); **(02) a cage or pen for animals** (uma gaiola, jaula ou curral para animais); **(03) a temple** (um templo), **fane** (?); **(04) a prison** (uma prisão).

A Cadeia:

Diagrama das raízes gregas do verbete “catena” ou “catenatus”:

καθημα, καθεμα = colar (de mulher)

De um modo geral é sinônimo de um colar feminino, mas pode tomar também outros sentidos, tais como, coleira de animais, argola usada no pescoço dos escravos para prendê-los.

“Os pendentes, e as manilhas, e os vestidos resplandescentes”. (Isaias 3.19)

δεσμ-ατιον:

Fazer cair em armadilhas, laços, grilhões.

“E o levaram à prisão, até que se lhes fizesse declaração pela boca do Senhor”. (Levítico 24.12)

“E o puseram em guarda; porquanto ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer”. (Números 15.34)

(VIII aC – II dC)

Relativamente a animais ou pessoas: Encerrar em, impedir a saída do interior de; confinado, limitado, restrito, preso, aprisionado, fechado.

“Tendo-lhes dado a mistura, e depois que eles todos beberam, com uma vara os tocou e, sem mais, os meteu na pocilga” (Circe prendendo alguns convidados depois de dar-lhes drogas). *“Tinham de porcos, realmente, a cabeça, o grunhido, a figura e as cerdas grossas; mais ainda a consciência anterior conservavam. Dessa maneira os prendeu (a palavra usada aqui refere-se também a engaiolar, encerrar na pocilga, curral, chiqueiro), apesar dos lamentos, lançando-lhes Circe bolotas, azinhas e frutos que dá o pilriteiro, para comerem, quais porcos, que soem no chão rebolcar-se...”*. (Od. 10.238)

“Achando um touro na estrebaria onde me aprisionaram, quis algemar-lhe os joelhos e os cascos com grilhetas, resfolegando de furor, com o suor a cair-lhe em gotas do corpo, mordendo os lábios com os dentes; eu permanecia perto e, sentado, observava...”. (Eurípides – Bacchae 618, V aC)

[*séc. VI aC: (Ananius - 3) & séc. V aC: (Cratinus - 72 & Lysias - Fragmenta 75.4) & V-IV aC: (Aristophanes - Vespae 70 & Plato - Theaetetus 197e, 200c & Xenophon - Historia Graeca 3.2.3 & Aristophanes

– Nubes 751) & séc. IV aC: (Demosthenes – 18.97) & séc. II dC: (Lucianus – Amores 39)]

(VI aC)

Seguro, agarrado, preso pelas mãos de outro.

[* séc. VI aC: (Corinna – Supp. 1.28)]

(V aC –II dC)

Encerrar, conter com o cativo ou escravidão.

[* séc. V aC: (Herodotus – 2.86, 7.76, 7.181 & Hippocrates – Nat.Mul. 32, Art. 5) & IV aC: (IG 2.204.32) & séc. II dC: (Galenus – de Usu Partium 4.9 & Maximus Tyrus – 36.2)]

(V aC – I-II dC)

Posse, tomada, prisão, retenção, limitação, conservação.

[* séc. V aC: (Thucydides – 3.47) & séc. I-II dC: (Plutarchus – 2.968c)]

(V-IV aC)

Confinado, preso dentro de limites restritos.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Gorgias 461d)]

(IV aC – I-II dC)

Ser o apoio, sustento ou responsável pela defesa; resistência, obstáculo, embaraço.

[* séc. IV aC: (Demosthenes – 21.2) & séc. I-II dC: (Plutarchus – Fabius Maximus 10, Pompeius 66)]

(IV aC)

(01) Colar de pescoço, de garganta; colar (de mulher), coleira de animais, argola usada no pescoço pelos escravos.

[* séc. IV aC: (Antiphanes – 319)]

(02) Possuindo, influenciando, dominando, detendo no interior de, reprimindo, restringindo, limitando, retendo, refreando, impedindo, coibindo, detendo, comprimindo, proibindo.

[* séc. IV aC: (Aristoteles – de Somno et Vigilia 456^a16, Ethica Eudemia 1223b20)]

(03) Capaz de dominar ou reter.

[* séc. IV aC: (Aristoteles – Topica 125b18, Problemata 963^a21)]

(I-II dC – II-III dC)

Detenção, prisão, aprisionamento; encerrar em, impedir a saída de dentro de; confinando, limitando, restringindo, encerrando, prendendo, aprisionando, fechando em.

[* séc. I-II dC: (Plutarchus – 2.366d & Aristides – Orationes 48(24).58) & séc. II-III dC: (Aelianus – De Natura Animalium 15.27)]

(I-II dC)

(01) Quem tem o dever de manter guardado.

[* séc. I-II dC: (Plutarchus – Cato Minor 63)]

(02) Ter o poder de não ser retido nas mãos de muitos.

[* séc. I-II dC: (Plutarchus – Brutus 47)]

(II dC – V-VI dC)

Capaz de dominar ou reter.

[* séc. II dC: (Galenus – 1.654 & Artemidorus Daldianus – 2.14) & séc. III dC: (Alexander Aphrodisiensis – Problemata 2.60) & séc. V-VI dC: (Marinus – Vita Procli 5)]

(II-III dC)

(01) Conter, encerrar, incluir, refrear – a si mesmo.

[* séc. II-III dC: (Philostratus – Philostrati majoris imagines 2.6)]

(02) Estar reprimido, retido, impedido, detido, comprimido, limitado.

[* séc. II-III dC: (Philostratus – Heroicus 10.5)]

(II dC)

Poder retentivo – da bexiga.

[* séc. II dC: (Aretaeus – CA 1.4)]

(III dC)

Possessão, estar possuído ou dominado por um espírito.

[* séc. III dC: (Plotinus – 6.1.23)]

δεσμωτηζ

(VI-V aC – V aC)

(01) Laço, ligação, vínculo, união, cativo, prisão, grilhões, ligar, unir, amarrar; acorrentar, encadear, prender com grilhões, agrilhoar, enterrar, cadeia, corrente, ferros, grilhões.

Dario: “*Hoje uma fonte de males foi descoberta por todos os que me são caros e isto graças ao meu filho que, sem medir as consequências, tudo fez com a sua audácia juvenil. Com grilhões de escravo, ele tentou deter o curso do Helesponto sagrado, o Bósforo que é a corrente dum deus: ele quis transformar um estreito, lançando-lhe cadeias forjadas a martelo, para abrir um imenso caminho ao seu exército*”. (Aeschylus – Persae 745, VI-V aC)

[* séc.V aC: (Sophocles – Fragmenta 29 – formigas atadas pela gordura ou melaço da casca de uma fruta)]

(02) Encadeado, preso por cadeias, escravizado, acorrentado; acorrentado, encadeado, preso com grilhões, agrilhado, entravado.

“*Vede-me: prisioneiro inditoso Deus*”. (Aeschylus –

Prometheus Vinctus 119, VI-V aC)

[* séc. V aC: (Sophocles – Ajax 234)]

(V aC – III dC)

Prisioneiro; cativo.

[* séc. V aC: (Herodotus – 3.143 & Thucydides – 5.35) & séc. III dC: (Heliodorus – 8.8)]

(V aC – I/II dC)

Prisão.

“...toda a Itália esteve cônica de uma mortandade de homens livres, e foi completamente ocupada com uma multidão de escravos estrangeiros...”. (Plutarchus – Tiberius Gracchus 8, séc. I-II dC)

[* séc. V aC: (Thucydides – 6.60 – aprisionado, confinamento, prisioneiro & Herodotus – 3.23 – prisão onde homens foram confinados com cadeias de ouro & séc. V-IV aC: (Plato – Gorgias 486^a - prisão) & séc. IV aC: (Demosthenes – 9.60)]

(V aC)

Carcereiro.

[* séc. V aC: (Cratinus – 189)]

δεσμοι**(VIII aC – III dC)**

(01) Em sentido concreto: Quem foi atado, amarrado, ligado, obrigado a, preso, seguro.

[* séc. VIII aC: (Homerus – Sch. Opp. H. 3. 373)]

(02) Unir juntamente com, (como juntar as sementes, tomando um punhado nas mãos), articulação, ligação, encaixe.

[* séc. VIII aC: (Hesiodus – Opera et Dies 481) & séc. II dC: (Galenus – 15-410; Plond – 1.131r426) & séc. III dC: (Pflor – 322.31)]

(VIII aC – II dC)

(01) Em sentido concreto, denota qualquer tipo de coisa que tenha a função de ligar, unir, atar, amarrar, apertar, prender, tais como, cordas, vendas, ataduras, fitas, faixas, trelas, correias, atilhos, etc.

“servem de amparo êles dois contra as ondas, que os ventos levantam do lado externo; e assim, dentro, sem o uso de amarras, as naves de boas toldas ancoram, depois de concluído o percurso” (cabo de amarração dos barcos). (Od. 13.100)

“A ti Filécio divino, a incumbência confio de a porta ires no pátio fechar com ferrêlho, amarrando-o bem firme”. (Od. 21.241)

[*séc. VIII aC: corda ou cabresto com o qual se prendia o cavalo à manjedoura (Il. 6. 507); fita para amarrar os cabelos ou para adornar a cabeça das mulheres (Il. 22. 468) & séc. V aC: (Hippocrates – Mul. I.78 & Euripedes – Bacchae 792) & séc. IV aC: (Aeneas Tacticus – 31.32) & séc. IV-III aC: (Theophrastus – Historia Plantarum-9.16.2) & séc. I aC: (I aC: PTeb – 120.70) & séc. II dC: (Antyllus (apud Oribasium) – 44.23.74)]

(02) Laço, ligação, vínculo, união, cativo, prisão, grilhões; (v.) ligar, unir, amarrar; acorrentar, encadear, prender com grilhões,

agrilhoar, enterrar; (s.) cadeia, corrente, ferros, grilhões; (cadeia (de ferro), corrente, grilheta, série, fios de tecido; (v.) prender com cadeia, escravizar. Prisão, no sentido de estar preso a algo, com cadeias, correntes, etc.

“Por muito tempo não há de ficar afastado da pátria, mesmo que em volta dos membros tivesse cadeias de ferro. Pensa na fuga, no modo exequível, por ser ardiloso...”. (Od. 1.204)

“Mal concluiu a armadilha, lembrando colérico de Ares, foi para o quarto, onde armado se achava o seu leito querido; põe as cadeiras em círculo, a apanhar a armação por completo, outras, também, penduradas no teto e a cair para o solo, tal como teia de aranha, que nunca ninguém percebesse, nem mesmo os deuses beatos, com tanto artifício as urdirar. Logo que a rede invisível à volta do leito distende, finge que vai pra Lemsso”. (Od. 8.278)

“Eu boa esperança tenho de que tu das prisões liberto terás não menos força que Zeus”. (Aeschylus – Prometheus Vinctus 509, VI-V aC)

“Não além de mim liberto das prisões”. (Aeschylus – Prometheus Vinctus 770, VI-V aC)

“...antes que as ferozes prisões relaxe e se deixe punir para expiar estas afrontas”. (Aeschylus – Prometheus Vinctus 177, VI-V aC)

“...Iníquo para nós, a ele vais acorrentar...”. (Euripides – Bacchae 518, V aC)

“Aí o iludi, porque, crendo acorrentar-me, nem me tocou nem atou, embora acalentasse a esperança”. (Euripides – Bacchae 616, V aC)

“...E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos”. (Evangelho: Lucas 8.29)

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Persae 745; Prometheus Vinctus 119) & séc. V aC: (Sophocles – 278, Fragmenta 63 – lugar onde se prende um fugitivo, cativo, 29, Ajax 234 – conduzir o rebanho cativo; Antigone 958 – prisão de rocha, caverna feita de prisão ou penhasco como prisão; Thucydides – 7.82 – aprisionamento; Herodotus – 3,145; 5.77 – aprisionado com cadeias; Lysias – 6.21 – prisão, aprisionamento (pelas mãos atadas)) & séc. V-IV aC: (Plato – Leges 847d) & séc. I dC: (Evangelho Lucas 8.29) & séc. II dC: (Lucianus – Toxaris 29; Diogenes Oenoandensis – 39; Lucianus – Jupiter Tragoedus 20)]

(VI-V aC – I dC)

Em sentido figurado: Atado, amarrado, ligado, vinculado, unido, cativo, preso, seguro, dominado, sujeito, subjugado.

Ex: Preso como que por encantamento.

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Eumenedes 306 – amarrado, preso pelo encanto de uma canção; Eumenedes 332 – preso pelo hino cantado pelo espírito) & séc. V aC: (Sophocles – Antigone 278 – preso pela angústia ou ansiedade & Herodotus – ligado e aprisionado a algo ou alguém & Lysias – 6.21) & séc. II aC (Polybius – 3.93.4) & séc. I dC: (Apollodorus – 2.1.3)]

(V aC – IV dC)

Em sentido concreto ou figurado: Cativo, prisioneiro, cativado, fascinado, encantado, seduzido, atraído; limitado, confinado, restringido. Preso por correias, cadeias, etc.

“De algumas me assenhoreei, agrilhoadas as mãos(de mulheres); a essas, meus servos nos cárceres vigiam...”.(Euripedes – Bacchae 226, V aC)

“Não pregues mais! Das cadeias não escapaste?”.(Euripedes – Bacchae 792)

“Aí o iludi, porque crendo acorrentar-me, nem me tocou nem atou, embora acalentasse a esperança”. (Euripedes – Bacchae 616, V aC)

[* séc. V aC: (Sophocles – Ajax 299 – estar atado, diminuído junto às bestas; Hippocrates – Mul. I.78 & séc. IV aC: (Aristoteles – Historia Animalium 495 I3) & séc. III-II aC: (Philo – 608) & séc. II dC: (Poxy – 580) & séc. IV dC: (Iamblichus – de Mysteriis 3.27)]

(V-IV aC – III dC)

(01) Agentes carcerários, comandante da prisão, carcereiro, guardião, guarda, zelador.

“E, havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na prisão,mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança.

O qual, tendo recebido tal ordem, os lançou no cárcere interior, e lhes seguiu os pés no tronco”. (Act. Ap. 16,23-24)

[* séc. V-IV aC: (Plato – Leges 847d – carcereiros que asseguram os limites das leis do Estado; Leges 808e; Leges 864e – guardião da lei da prisão pública, espécie de diretor da prisão) & séc. I aC: (BGU 1138.12) & séc. II dC: (Lucianus – Toxaris 30 & Artemidorus Daldianus – 2.60) & séc. III dC: (Pflor. 253)]

(02) Em sentido abstrato, jurídico ou moral ou por costumes: Qualquer laço de união ou conexão entre duas ou mais pessoas em sentido abstrato ou jurídico.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Timaeus 31c; Sophista 253a – promessa, juramento com a função de ligação entre pessoas; Leges 793b – regulações das ações humanas por meio de leis não escritas, costumes ancestrais que atuam como ligas de diversas constituições, formando a ligação entre as leis dessas constituições; Plato – Leges 793b; Plato – Leges 864e) & séc. III dC: (Porphyrius Tyrius – de Abistentia-1.38; Heliodorus – 8.9; Alexander Aphrodisiensis – Problemata 1.75,106)]

(03) Prisão, detenção, cárcere, como local de aprisionamento e ação de aprisionar.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Leges 808e – crianças foram trancafiadas e/ou levaram correias por serem criaturas insolentes; Plato – Leges 864e) & séc. II dC: (Lucianus – Toxaris 29) & séc. III dC: (Pflor. 2.100)]

(04) Faixa, correia ou tira que oprime, domina, subjuga, une, contem.

[* séc. V-IV aC: (Xenophon – Anabasis 3.5.10)]

(I dC – V dC)

Merecedor de estar preso aos grilhões.

[* séc. I dC: (Dioscorides – Eup. 2.65) & séc. IV dC: (Poxys – 1288.9) & séc. V dC: (Hesychius & Poxys – 1130.29)]

(I dC – III dC)

Fazer cair em armadilhas, laços, grilhões, por exemplo, pela astúcia do demônio.

“Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos”. (Evangelho: Lucas 8.29)

[* séc. II dC: (Diogenes Oenoandensis – 39; Atticus; Moeris – 122; Lucianus – Jupiter Tragoedus 20) & III dC: (Heliodorus – 8.9; Alexander Aphrodisiensis – Problemata 1.75,106)]

(III dC)

Regras de organização das prisões.

[* séc. III dC: (Pfay 53.6)]

αλυσιζ**(V aC – V dC)**

Inutilidade ou não aproveitamento de uma pessoa; inútil, não proveitoso.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Cratylus 417d & Xenophon – Oeconomicus 14.5; Xenophon – Memorabilia 1.7.2) & séc. IV aC: (Aeschines – 1.105) & séc. III aC: (Polystratus – p.18W; Bato – 2.9) & séc. V dC: Hierocles Platonicus – Carmen Aureum 12p.447M)]

(V aC – II dC)

(01) Em (05 e 09) significa uma corrente de ferro formada por uma série de anéis entrelaçados, usada para prender pessoas, servia também para mantê-las em cativeiro, escravidão.

[* séc. V aC: (Herodotus – 9.74 & Thucydides – 2.76 & Euripides – Orestes 982) & II aC: (Polybius – 21.3.3) & séc. I-II dC: (Dio Chrysostomus – 30.17) & II dC: (Herodianus – Herodiani Technici reliquiae 1.539)]

(02) Em (02) significa uma corrente ornamental usada pelas mulheres, colocando-a dos ombros, passando pelo decote e voltando pelas costas.

[* séc. V-IV aC: (Aristophanes – Fragmenta 320.12)]

(03) Angústia, aflição, ânsia, dor, inquietação, mal-estar, tristeza, pesar, agonia, apuro, desolação, aperto, desgraça.

[* séc. V aC: (Hippocrates – Prog. 3) & séc. II dC: (Galenus – 19.75)]

(V aC)

Penoso, trabalhoso, desassossegado, inquieto, incomodo, enfadonho, difícil de contentar, constrangido; perturbado, importunado, aborrecido, afligido, mortificado, transtornado, ferido, embaraçado, confuso, aflito, agitado, desordenado, calamidade, desgraça.

[* séc. V aC: (Hippocrates – Coac. 296)]

(II aC)

Dano, estrago, prejuízo, perda.

[* séc. II aC: (Polybius – 4.47.1)]

(II dC)

Elos, aros, argolas com correntes, com as quais se encadeava, libava ou unia as blindagens ou armaduras de ferro com as quais se protegiam os animais nas batalhas.

[* séc. II dC: (Arrianus – Tactica 3.5 – II d.C.)]

αλυσιδετοζ**(VIII aC – VI dC)**

Laço, ligação, vínculo, união, cativoiro, prisão, grilhões.

“*E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador*”.(Hesiodus – Theogonia 521)

[* séc. III aC: (Apollonius Rhodius – 2.1249) & séc. IV dC: (Manetho – 4.486) & séc. IV-V dC: (Nonnus – Dionysiaca 21.56) & séc. V dC: Aproxima de “*catenatus*”, significando uma corrente formada por uma série de anéis, com uma argola que se prendia ao pescoço dos escravos, animais e criminosos para dominá-los (Hesychius) & séc. VI dC: (Paulus Silentiarius - AP5.229; Agathias – AP9.641)]

(V aC – V dC)

(01) Estar triste, com dor, angustiado, pesaroso, aflito, agoniado, em apuros, apertado, desgraçado, em perigo; angústia, aflição, ânsia, dor.

[* séc. V aC: (Hippocrates – Mul. 1.5; Herodotus – 9.70) & séc. V dC: (Hesychius – EM71.39) & séc. X dC: (Suidas)]

(02) Errar, vagar ou devanear distraidamente; perturbado ou agitado.

[* séc. V aC: (Bacchiylides – 10.93)]

O Presídio:

Diagrama das raízes gregas do verbete “*praesidium*”:

[φρονῶ (07)]

[*praesidium*]

φρονῶ

(VIII aC – V dC)

Prudência, prática da prudência, juízo, discernimento, discrição, consideração, ponderação.

“*Ora desejo saber outra coisa e também informar-me, junto a Nestor, que, em justiça e prudência, aos demais sobreexcede, pois, dizem todos, que em três gerações já estendeu o seu mando*”. (Od. 3.244)

“*Você considera a prudente extensão de um dedo algo agradável? O que? É prudente torturar convenientemente?*”. (Plutarchus – 2.1070b)

[* séc. V aC: (Gorgias – Frag. 6; Euripedes – Fragmenta 5.2.9; Sophocles – Oedipus Tyrannus 692) & séc. V-IV aC: (Plato – Respublica 586d, Phaedrus 235e & Xenophon – Symposium 8.14; Isocrates – 8.114; Plato – Sophista 247 a & Isocrates – 2.14) & séc. IV aC: (Aristoteles – Ethica Nicomachea II07a1 – alcançar um meio termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, entre as paixões e a virtude, a virtude como termo médio, as paixões como extremos) & séc. III aC: (Bato – 2.3) & séc. II dC: (Phrynichus – 364 – II d.C.; Lucianus – Bis Accusatus 22 – falar com prudência ou silenciar diante de questões de difícil compreensão) & séc. II/III dC & séc. V dC: (Stobaeus, Joannes – 2.7.11)]

(VIII aC – II/III dC)

Conhecer os costumes, hábitos e o juízo de outros homens para fazer, com prudência, um juízo adequado deles.

“*Muitos troianos, depois, tendo morto com o bronze afiado, foi-se de volta aos Argivos, levando notícias sem conta*”. (Od. 4.258)

[* séc. III aC: (Lycophron – 1456) & séc. II/III dC: (Oppianus Anazarbensis – Halieutica 1.653)]

(VI aC – IIIIdC)

Com respeito a um objeto: Tecer considerações sobre, ponderar, refletir sobre, imaginar, planejar, idear sobre. Pensamento, idéia, reflexão, consideração, opinião, juízo, cuidado, inquietação; reflexão, meditação, estudo, cogitação.

Rainha: “*O que me dizes deve ser motivo de grande preocupação para os pais e mães dos que partiram*”. (Aeschylus – Persae 245, VI-V aC)

“E tu, observa e medita, nem a implacabilidade ser melhor que boa deliberação julgues jamais”. (Aeschylus – Prometheus Vinctus 1034, VI-V aC)

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Supplices 418 – pegar, aceitar, tomar um conselho) & séc. VI aC: (Theognis – 912, 1247) & séc. V aC: (Herodotus – 2.104; 1.46; 7.16; 5.67; 7.8; 8.100; 5.24; Euripedes – Hippolytus 376; Sophocles – Oedipus Tyrannus 67) & séc. V-IV aC: (Plato – Symposium 220c; Aristophanes – Ecclesiazusae 263, Nubes 75; Xenophon – Memorabilia 3.7.6, Institutio Cyri 3.3.32; 6.2.12; Isocrates – 9.41) & séc. IV aC: (Demosthenes – 39.2) & séc. II-III dC: (Philostratus – Vitae Sophistarum 1.11 & Aelianus – De Natura Animalium 7.9) & séc. III dC: (Plotinus – 4.3.4)]

(VI-V aC – IV dC)

Cuidado, espreita, vigilância, precaução, atenção, guarda, vigia, sentinela; como uma obrigação de inequívoca vigilância.

“...vede com que prisões pregado no vígil alcantil deste precipício guarda não por zelo mantereí.”. (Aeschylus – Prometheus Vinctus 143, VI-V aC)

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Eumenides 1024 – manter vigilância; Eumenedes 706 – vigiar, guardar, guardião, vigilante para a defesa; Septem contra Tebas 449 – guarda para a proteção de Artemis) & séc. V aC: (Euripedes – Ion 22, Ion 511, Rhesus 506, Orestes 1252, Andromache 1099, Electra 798; Herodotus – 2.30, 3.90, 4.133, 7.217 & séc. V aC: Sophocles – Oedipus Tyrannus 1479) & séc. V-IV aC: (IG 12.11.9, 4 2(1).40.16) & séc. IV dC: (Manetho – 4.47)]

(VI-V aC – II-III dC)

Guarnição militar de um lugar.

“*Tal guarda ter com elas eu te digo*”. (Aeschylus – Prometheus Vinctus 801, VI-V aC)

“*Para Socrates foram trazidos os guardiães do Estado uma espécie de guarnição..*”. (Aristoteles – Politica 1264a 26, IV aC)

[* séc. V aC: (Herodotus – 6.26, 7.59 & Thucydides – 3.51, 2.6 - guarnição; 4.25 - guarnição; 8.108; Euripedes) & séc. V-IV aC: (Plato – Respublica 560b – guardiães; Xenophon – Institutio Cyri (Cyropaedia) 8.6.I,3; IG 1.11.9; 4.40.16; 2.123.10) & séc. II-III dC: (Dio Cassius – 56.42)]

(VI-V aC – I-II dC)

Cuidado, precaução, atenção, preocupação.

Rainha: “...*Também a mim os cuidados dilaceram o coração*”. (Aeschylus – Persae 161, VI-V aC)

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Agamemnon 912 - cuidado) & séc. V-IV aC: (Xenophon – 8; Aristophanes – Equites 612; Plato – Respublica 330d;

Isocrates – Epistulae 2.11) & séc. I aC: (Diodorus Siculus – 15.78, 16,32) & séc. I-II dC: (BGU300.16)]

(VI-V aC – IV-III aC)

Ansiedade, angústia, inquietação, aflição, apreensão, dor, mágoa, desgosto.

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus - Agamemnon 102 – tristeza, dor, aflição, mágoa, desgosto, 166 – aflição, apreensão; Eumenides 453 – purificar pela purgação) & séc. V aC: (Euripedes – Alcestis 773, Hippolytus 709; Phrynichus – 21; Herodotus – 8.36; 6.129; Eupolis – 352; Cratinus – 302; Hermippus – 17; Antipho - 2.2.2) & séc. V-IV aC: (Xenophon – Memorabilia 1.1.12 & Plato – Euthyphro 4d & Plato – Gorgias 501e) & séc. IV aC: (Demosthenes – 1.2) & séc. IV-III aC: (Menander – 330)]

(VI-V aC – V-IV aC)

Forte, fortaleza, fortificação, cidadela, ponto alto, forte da colina ou monte, cidade fortificada. (Adj.) forte, vigoroso, resistente, estável, corajoso.

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus) & séc. V aC: (Thucydides – 7.28; 2.18, 3.18,51; Lysias – 12.40) & séc. IV-III aC: (Menander – 74) & séc. V-IV aC: (Xenophon – Instituto Cyri 1.4.16)]

(VI-V aC)

Cuidado, espreita, vigilância, precaução, atenção, guarda, vigia, em sentido figurado.

“...pelas quais sem prazer vigiarás esta pedra, de pé, insone e sem curvar os joelhos”. (Aeschylus – Prometheus Vincit 31, VI-V aC)

[* séc. VI-V aC: (Aeschylus – Eumenides 218 – a Justiça como guardiã; Eumenides 919 – ornamentos como guardiães do altar)]

(V aC – VI dC)

Comportamentos que visam a habilidade de vigilância, atenção ou guarda de algo ou alguém, em sentido concreto ou figurado, realizado de modo espontâneo ou no cumprimento de uma função obrigatória.

[* séc. V aC: (Sophocles – Trachiniae 226 - meus olhos atentos, vigilantes, precavidos, Trachiniae 915 - manter um agudo cuidado; Herodotus – 1.c, 9.106 - manter vigiado ou guardado; Thucydides – 2.80, 83 - manter a vigilância sobre os barcos, Thucydides – 3.17 - guardando-os; Euripedes – Cyclops 690 - pondo sob vigilância; Herodotus – 7. 203; Sophocles – Oedipus Coloneus 1013; Euripedes – Hecuba 995 - esteve vigiado ou guardado; Euripedes – Alcestis 27; Sophocles – Philoctetes 151, Elegiae 74 - vigiando a, observando; Sophocles – Ajax 54 - aquilo ou aquele que foi vigiado ou guardado; Euripedes – Ion 98, Epistulae Phil. 4.7 - manter silencioso; Lysias – 16.18 - vigilância e proteção dos postos de fronteira; Herodotus - montar a guarda, guardar, defender) & V-IV aC: (Aristophanes – Nubes 721 & Plato – Crito 117d. - cantando enquanto vigia, mantendo a mim mesmo acordado ou atento, Plato – Republica 579b – guardado e protegido na mente por verdadeiros argumentos, idéias, discursos, etc, Republica 558 a- prestar atenção a um homem condenado; Xenophon –

Historia Graeca 6.5.24 - vigilância e proteção dos postos de fronteira; Euripedes – Alceste 35 - manter a vigilância sobre...; Xenophon – Instituto Cyri 6.1.17 - guardando-os) & IV aC: (Antiphanes – 9.245 - guardando a casa; Demosthenes – 54.3, 18.96, 58.38 - ordenados nos postos de fronteira; PCair.Preis. – 15.10 - função de um guarda) & III aC: (IG12.99.21, OGI 38.1 - manter vigiado ou guardado) & II aC: (Milet. – SIG633.51; Lato – Inscr. Cret. I XVI 17.15 - guarda obrigatória; Polybus – 18.4.6 – encurralar bois num curral natural) & séc. I dC: (Quintilianus – AP6.230 - vigiado, guardado) & séc. IV dC: ((Iamblichus – de Mysteriis 3.10)) & séc. V dC: (Proclus – Instituto Theologica 145,154) & séc. V-VI dC: (Damascius – de Principiis 96. 252) & séc. VI dC: (Joannes Laurentius Lydus – de Mensibus 4.67)]

(V aC – V-VI dC)

Lugar para meditação, reflexão, estudo, cogitação; oficina, estabelecimento para o pensar, meditar, refletir.

[séc. V aC: (Escola de Sócrates) & séc. V-IV aC: (Aristophanes – Nubes 94) & séc. II dC: (Lucianus – Nero 1 & Pollux – 4.41 - de modo generalizado – escola, estudo) & séc. II-III dC: (Philostratus – Vita Apollonii 3.50, 6.6 - comunidade monástica – de sábios ou filósofos indianos; Dio Cassius – Fragmenta 5.8 - Lat. “Curia” = (01) uma das divisões do povo romano; (02) Templo onde cada curia se reunia para sacrificar; (03) lugar onde o senado se reunia (as if from “cura” = (01) cuidado, diligência; (02) administração, governo; (03) tratamento, cura; (04) obra literária; (05) guarda, vigia, vigiador, guardador, administrador; (06) cuidado, aflição, desassossego, inquietação, angústia) & séc. V-VI dC: (Procopius Gazaeus – Epistulae 114 - sala de leitura, auditório)]

(V aC – IV-III aC)

Pensamento, idéia, reflexão, consideração, opinião, juízo, cuidado, inquietação, atenção, preocupação por coisas ou pessoas.

“*um olhar cheio de ternura...*”. (Euripedes – Medea 1301, V aC)

[* séc. IV-III aC: (Epicurus – Epistulae 1 p.28U; Menander – 452)]

(V aC – V-IV aC)

(01) Possuindo perspicácia, sensibilidade ou discernimento sobre algo.

Ex: Como a que pode ser notada nos presságios dos pássaros. (Sophocles – Electra 1058. V aC)

[* séc. V-IV aC: (Plato – Sophista 247 a, Plato – Gorgias 490b – perito, hábil, douto; Alcibiades I.125; Isocrates – 2.14, 12.161 – capaz de um argumento pertinente com o qual pode-se avançar uma discussão; Xenophon – Institutio Cyri I.6.15,21, 5.2.17 – sensibilidade para tal coisa)]

(02) No interior de uma mente correta; em si mesmo; mostrando a presença do poder da mente para auto-possuir-se – auto-controle.

[* séc. V aC: (Sophocles – Ajax 259) & séc. V-IV aC: (Xenophon – Anabasis 2.6.7; Historia Graeca 2.3.56)]

(V-IV aC – IV dC)

Chefe da guarda ou comandante de uma guarnição militar.

[* séc. V-IV aC: (Xenophon – Anabasis 1.1.6, Instituto Cyri 5.3.17; Plato – Leges 760d; Aeneas Tacticus – 22.20) & séc. IV-III aC: (Menander Kol. 60) & séc. III aC: (Insc. Prien. 19.6; Insc. Prien. 37.66) & II aC: (Polubius 21.42.1; Pteb.6.13 & OG111.16 (Egypt)) & séc. I-II dC: (Plutarchus – Dio 11) & séc. IV dC: (Themistus – Orationes 10.136b)]

(V-IV aC – I-II dC)

Guarnição, posto.

[* séc. V-IV aC: (Xenophon – Memorabilia 4.4.17) & séc. III aC: (Milet.3 No.37d) & séc. I-II dC: (Plutarchus – Phocion 31)]

(V-IV aC – IV aC)

Sagacidade dos animais.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Politicus 263d) & séc. IV aC: (Aristoteles – Historia Animalium 488b15, de Partibus Animalium 648^a8, de Generatione Animalium 753^a 11)]

(V-IV aC)

(01) Prisão; defesa, proteção, guarda, vigia, forte, fortaleza, presídio.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Phaedo 62b, Gorgias 525^a)]

(02) Prisão, do corpo.

[* séc. V-IV aC: (Plato – Axiochus 366 a)]

(IV-III aC – VI dC)

Em sentido concreto ou figurado: Guardiães, vigilantes.

[* séc. V aC: (Sophocles – Fragmenta 37; Euripedes – Ranae 5 - um vigia da noite; Thucydides – 4.13 - vigia do navio) & séc. V-IV aC: (Plato – Leges 843d, 763d, 758b - os guardiões; Xenophon – Historia Graeca 1.3.17 - vigia do navio; Xenophon – Historia Graeca 3.2.23, 6.4.17, 4.7.1, 5.1.29, 2.4.29 - em Sparta, um corpo de homens destinados a auxiliar a guarda) & séc. IV-III aC: (Menandee – Epit. 554 – (fig.) os guardiães) & séc. II aC: (Wilcken Crh. 162.111) & séc. I aC: (Philodemus – Oec.p.51J) & séc. I dC: (Quintilianus – AP9.812 - guardião) & séc. II dC: (Herodianus – 3.11.6 - vigia da noite; (BGU1662.4)) & séc. III dC: (Plond.3.1164^a6 - guardião) & séc. VI dC: (Pmasp.26.5 – vigia do barco)]

(IV dC)

(19.1) Autoridade, poder, domínio, superioridade, ordem.

[* séc. IV dC: (Plond 1.242.8)]

(19.2) Corte, tribunal.

[* séc. IV dC: (Plips 38.14)]

Fontes Etimológicas Latinas

Séculos (III aC – VII dC)

O Cárcere:

Carcer

De um modo geral: Qualquer lugar onde algo ou alguém é mantido fechado, enclausurado.

(III aC – II dC)

(1.1) As barreiras na partida do caminho de uma corrida; (1.2) ponto de partida de um caminho; (1.3) armadilha, laço, alçapão; prender no laço, pegar na armadilha, armar ciladas.

[* séc. III aC: (Enn. - *Ann.* 85; *Rhet. Her.* 4-4) & séc. I aC: (Cic. - *Brut.* 173; *Lucr.* - 2.264; *Verg. G.* - 1.512; *Hor. S.* - 1.1.114; *Tib.* - 1.4.32; Cic. - *Sen.* 83; *Var. R.* - 2.7.1) & séc. I aC/I dC: (*Liv.* - 8.20.2; *Ov.* - *Am.* 3.2.9; *Ars* 3.595; *Sen.* - *Apoc.* 4.1) & séc. I dC: (*Luc.* - 1.294; *Suet.* - *Cl.* 21.3)]

(2.1) trancos, ferrolhos de fechar uma porta, claustro, clausura, muro, cercado, recinto fechado; impedimento, obstáculo; (2.2) tudo que serve para fechar, barreira, estacada, cerca, limite, divisão, defesa; chave, o que dá saída ou entrada; (2.3) qualquer lugar fechado, recinto, praça fortificada, fortificação, espaço.

[* séc. III aC: (*Lycr.* - 2,264;) & séc. III/II aC: (Enn. - ann.85, 484) & séc. II aC: (*Act. Arv.* - ^a58.1) & séc. I Ac: (*Verg.* - *Aen.* 5, 145; *geor.* 1. 512; *Rhet. Her.* - 4,3,4; Cic. - *Brut.* 173; *Hor.* - sat. 1,1,114; *Tib.* - 1,4,32;) & séc. I aC / I dC: (*Ov.* - epist. 17, 166; am. 3,2,9; 3,2,66; 5, 12, 26; 2, 9, 10; 3,2,77; *ars* 3, 595; *trist.* 5,9,29; *Liv.* - 8, 20,1; 41, 27,6; *Sen.* - *benef.* 2,25,3) & séc. I dC: (*Sil.* - 16, 315; *Plin.* - nat. 8,279; *Stat. Claud.* - 21) & séc. II dC: (*Avson.* - 252,3)]

(III/II aC – IV dC)

Prisão.

[* séc. III/II aC: (Plautus - *Amph.* I.I,3) & séc. II aC (Titus Livius - I.33) & séc. I aC: (Cicero, M. Tullius - Verrius Flaccus 5.9, 28, 29, 30, 45) & séc. IV dC: (Sallustius - Catullus 55, 58)]

(III/II aC – I aC)

Retórico: Pessoas confinadas nas prisões.

[* séc. III/II aC: (Terentius - *Phorm.* II.3,26 - 195-159 a.C) & séc. I aC: (Cic. - *Pis.* 7)]

(III/II aC)

Termo injurioso: malvado, perverso, desavergonhado, criminoso, digno de ser preso.

[* séc. III/II aC: (Plautus)]

(II aC - II dC)

(01) Lugar de onde se parte nos circus.

[* séc. II aC: (Titus Livius - VIII.20) & séc. I aC: (P. Virgilius Maro - *Georg.* III.104, I.512 ; *Aeneida* V.145; Cicero, M. Tullius - *Brutus* 47; *Senect.* 23; Quintus Horatius Flaccus - *Sat.* I.I,114) & séc. I aC/I dC: (P.

Ovidius Naso – Her. XVIII.166; Met. X.652; Tist. 5.12,26) & séc. II dC: (M. Terentius Varro – R.R. I.3, II.7)]

(02) Prisão; os ocupantes da prisão; gaiola de pássaro.

[* séc. II aC: (Ter. - *Ph.*373; Lucil. – 1128) & séc. I aC: (Cic. - *Sest.*95; *Pis.*16; *Ver.*5.72; *Catil.* 2.22; *Sest.*78) & séc. I aC/I dC: (Sal. - *Cat.* 55.2; Liv. - 24.19.11, - 6.36.12; Ov. - *Pont.* 1.6.37; Sen. - *Com.* 9.1.1;) & séc. I dC: (Lucr. - 3. 1016; Tac. - *Ann.*3.50; Plin. - *Nat.*35.120) & séc. I/II dC: (Juv. - I.73) & séc. II dC: (Pl. - *Am.*155; *As*297; *Cur.*692)]

(03) Cativo; escravidão dos vencidos; escravidão dos animais.

“*Captivitates urbium*” (Tac. – I dC).

“*Captivitas Africae*” (Flor. – II dC) – A conquista da Africa (tomada de cidades).

[* séc. II aC: (Ter. *Phorm.*373; Lucil.1128) & séc. I aC: (Cic. *Sest.*95; Sen. *Phaedr.*836; Manil.2,954) & séc. I dC: (Curt.4,14,22; Stat. *Ach.*1,625)]

(II aC - IdC)

Homens: vivendo em cárcere, conduzidos aos cárceres.

[* séc. II aC: (Plaut. *Rud.* 498; Asin.297) & séc. I aC: (Cic. *Verr* 1, 143; *Verr.* 6,118; Sull.70; Sen. *Contr. Exc.* 1,6; Manil. 5,621; Sall. *Catil.* 55,3; *Vitr.*5,2,1; *Vatin.*28) & séc. I aC / I dC: (Liv. 3, 57,4; 1,33,8) & séc. I dC: (Plin.*nat.*7,212)]

(II/I aC – III dC)

Lugar de custódia.

[* séc. II/I aC: (Varro *Men.* – 288; *rust.* 1,3; *metas.* 2,7,1) & séc. I aC: (Cic. – Cato 83; Lael. 101) & séc. III dC: (Bell. *Alex.* – 24,5)]

(I aC – II dC)

(01) de variis rebus et locis (?) (Lugares masculinos)?

[* séc. I aC: (Sen. *Herc.*57; Manil.2, 93) & séc. I aC / I dC: (Ov. *Met.*4,453) & séc. I dC: (Lucan 6.797; Petr.2,4; Plin. *Nat.* 10,141) & séc. II dC: (Tert. *Anim.*55)]

(02) O mundo subterrâneo – com o sentido de um lugar de punição.

“*Carcer Ditis*” (Prisão dos Infernos) (Lucianus – II d.C.).

[* séc. I aC / I dC: (Ov. - *Met.* 4.453; Sen. - *Ep.*82.16)]

(I aC – I/II dC)

(01) Caverna ou prisão na qual “*Aeolus*” guardou os ventos.

[* séc. I aC: (Verg. - *A* .1.54) & séc. I aC / I dC: (Ov. - *Met.* 4.663) & séc. I dC: (Luc. - 5.609) & séc. I/II dC: (Juv. - 5.101)]

(02) Gaiola ou jaula para pássaros ou bestas e/ou a armadilha para apanhá-los.

[* séc. I aC: (Man. - 2.93; 4.287) & séc. I dC: (Luc. - 4.237; 10.446; Stat. - *Silv.* 2.4.15) & séc. I/II dC: (Juv. - 12.123)]

(03) Qualquer coisa ou lugar que tenha as características de uma prisão.

[* séc. I aC: (Man. - 2. 954) & séc. I aC / IdC: (Sen. - *Ep.* 57.2) & séc. I dC: (Stat. - *Ach.* 1.625) & séc. I/II dC: (Juv. - 10.239)]

(I aC – I dC)

(01) Qualquer lugar de confinamento; casa de prisão.

[* séc. I aC: (P. Virgilius Maro – *Aeneida* I.54, 58, VI.734) & séc. I dC: (Lucanus – VI.720, 797)]

(02) O corpo considerado como aprisionador do espírito.

“*E corporum viclis tanquam e carcere evolare*” (Soltar-se dos laços dos corpos, como d`uma prisão) (Cicero, M. Tullius – I a .C.).

[* séc. I aC: (Cic. - *Tusc.* 1.74) & séc. I aC / I dC: (Sen. - *Bem.* 3.20.1) & séc. I dC: (Luc. - 6. 722)]

(03) Cárcere desumano.

[* séc. I aC: (Manil. 1,924; Verg. *Aen.*1,52; Sen. *Nat.*6,18,4; Val. *Fl.* 1, 602; Cic. *Scaur.*4) & séc. I aC / I dC: (Ov. *Met.*4,663) & séc. I dC: (Stat. *Theb.*3,432; Lucan. 5,609; Plin. *Nat.*35,120)]

(I aC – I aC/I dC)

Em sentido figurado: Clausura, impedimento.

[* séc. I aC: (Manil. – 4,470) & séc. I aC/I dC: (Sen. – *apocol.* 4,29)]

(I aC)

(01) Cárcere, prisão, cadeia, masmorra, calabouço.

“*Conjicere ou condere aliquem in carcerem*”. (Lançar, encerrar alguém n`uma prisão) (Cicero, M. Tullius – I a .C.)

(02) Recinto ou lugar donde partem os carros numa corrida; lugar de onde saíam os cavalos, nos circos da antiga Roma; recinto fechado.

“*Nec enim in quadrigis eum secum dum numeraverim aut tertium, qui vix e carceribus exierit, cum palmam iam primus acceperit, nec in cursoribus, qui tantum absit a primo, vix ut in eodem curriculo esse videatur*”. (Cicero, M. Tullius - *Brutus* 173 – I a . C.)

(03) O que encerra a prisão: presos, prisioneiros, criminosos, ladrões, bandidos, delinquentes que estão na cadeia.

[* séc. I aC: (Cicero, M. Tullius – *Pis.* 16)]

(04) Do princípio ao fim - “*A carceribus ad calcem*” ; Do fim para o princípio - “*A calce ad carceres*” (Cicero, M. Tullius – I a . C.)

A Prisão

A palavra prisão, vem do substantivo latino - “**prehensionem**”, que deriva de “**prehendo**” e “**prehenso**”.

Prehendo

(III/II aC – II dC)

(01) Sentido concreto ou figurado: apanhar, segurar, reter, capturar, agarrar, pegar, prender, deitar a mão sobre, tomar - coisas, animais ou pessoas.

[*séc. III/II aC: (Cato Agr.160) & séc. II aC: (Plaut. Asin.iii.3,78; Epid. I.I,I – ii. 3,65; Rud. V.2,4; Most.i.3,62; Asin.iii.2,17; Bacch. Iv.4,45; Ter. Phorm.Iv. 3,15; And.ii. 2,16; Heaut. iii.I,89; Gell. Xi.18; Xiii.12,13; Pl. Am.716; Poen.375; Ps.1260; Cur.339; Mer.213; Ps.725) & séc. II/I aC: (Pompon. Com.170) & séc. I aC: (Cic. Or.i.56; Divin.i.28; Acad.i.II; Fl.33; Arat.116; Ep. Ad Div. Viii.II; Att.xii.13; Lucret. Iv.1137; Cic. Leg. I.23; Virg. Aen. Vi.61; Caes. Gal.I.20.5; Civ.3.69.4; Cic. Clu.41; Arat.358(116); Brut.2.1.2; Orat.100; Brut.93; C.1.41; Flac.; Ver. II.719; A2.592; A3.450; A9.558) & séc. I aC / I dC: (Ov. Med.93; Liv. Xxix.20; Ov. Ep.10.10; Med.93; Sen. Bem.6.42.1.b; Ep.22.3) & séc I dC: (Plin. H.N.x.33 e 51; Lucan. Iv.20; Fro. Aur.I.p44; Stat. Theb.6.481) & séc. I/II dC: (Apul. Met.6.22; Cels. 7.12.1.c; 6.18.3.a; 4.29.1) & séc. II dC: (Gaius Inst.4.21)]

(02) apanhar, capturar, agarrar, pegar, prender uma pessoa em uma situação de culpa, crime ou delito; pegar desprevenido, em flagrante, surpreender.

[* séc. III/II aC: (Cato Orat.219) & séc. II aC: (Pl. As.563; Per.294) & séc. I aC: (Hor. Carm.2.16.2) & séc. I aC/I dC: (Sen. Ep.95.21; Ov. Ars 2.559) & séc. II dC: (Gel. 7(6).10.2)]

(03) Tomar a posse de (pessoas, etc.) para o propósito de conduzi-las a; tomado sob custódia); capturar, aprisionar; tomar - os animais; pegar ou tomar (touro, cavalos) nas mãos (tornando-os mansos, dóceis, domesticados, submissos, abatidos, acostumados, moderados, conquistados).

[* séc. III/II aC: (Cato Agr.90) & séc. II aC: (Pl. Poen.1232; Asc.Mil.32; Capt.118; Ter.Eu.961) & séc. I aC: () & séc. I aC/I dC: () & séc. I aC: (Caes. Civ.3.110.4; Quinct.27; Deiot.31; Verg.G.1.285) & séc. I aC/I dC: (Liv.3.47.6; Arg.2.Pl.Ps.8; 9.34.36; 33.46.5; Ov. Met.1.705, Am.1.2.14; Rem.235; Grach. Orat.45; Phaed. 1.22.1) & séc. I dC: (Stat. Silv.2.2.106; Plin.Nat.10.103; Tac. Ann.4.45)]

(04) Alcançar ou conseguir (a praia, a costa, a terra firme; o porto-abrigo, refúgio, etc.); alcançar ou pegar com segurança; surpreender, apanhar em flagrante; alcançar.

[* séc. III/II aC: (Cato. Orat. 120) & séc. I aC: (Verg. A 12.775; A 6.61) & séc. I aC/I dC: (Ov. Am.2.9.31; Sen. Tro.1046) & séc. I dC: (Luc.5.576; Sil. 16.416)]

(II aC – I aC)

Tomar a (posse, o domínio, o poder) de; dispor, regular ou controlar a conversa; ocupar (uma posição); dirigir-se a, ou ir ao encontro de alguém, interpelar, saudar; casa de botão; abotoar.

[* séc. II aC: (Ter. Na.353; Ph.620) & séc. I aC: (Catul.55.7; Cic. Att.12.13.2; Caes. Civ.3.112.5; Ver. A.2.322)]

(I aC – II dC)

Apreender visualmente ou mentalmente; compreender, entender, perceber, apreender; abranger, observar, absorver; tomar uma perspectiva ou um ponto de vista de.

[* séc. I aC: (Lucr.4.1143; Cic. Leg.1.61; Man.3.388) & séc. I aC/I dC: (Sen. Nat.1.14.3; 2.2.3) & séc. I dC: (Luc.4.20; Stat. Silv.4.2.30) & séc. II dC: (Hyg. Gr. agrim.p.155)]

Prehenso

(I aC – II dC)

Tomar constantemente ou tentar tomar; empunhar, agarrar com força a, segurar, apertar; esforçar-se para apanhar.

“Apertar os joelhos (suplicando)”, “*His et pluribus in eundem modum perpulerant ut ne legati quidem ac duces partium restinguere posse iracundiam exercitus arbitrarentur, cum haud ignari discriminis sui Viennenses, velamenta et infulas praeferentes, ubi agmen incesserat, arma, genua, vestigia **prensando** flexere militum animos; addidit Valens dignitasque singulis militibus sestertios*”.(TÁC.HIST.1,66 – 55 dC)

“*Protecti obiciunt, **prensant** fastigia dextris*”.(Verg.En. 2,444 – 70-19 aC)

[* séc. I aC: (Ver. G.4.501; A 2.444; 6.360; Man.5.371; Hor. S.1.9.64) & séc. I aC/I dC: (Ov. Met. 13.424; Fast. 5.476) & séc. I dC: (Stat. Theb. 6.284; Sil. 6.462; Tac. Hist. 4.46; 1.36; Ann.6.35; Luc. 3.664) & séc. II dC: (Flor. Epit. 2.13(4-2.82))]

(I aC – I dC)

(01) Sentido concreto ou figurado: Ordenar, mandar ou tomar posse de, tomar uma resolução; agarrar, apanhar, prender, capturar, tomar, embargar, impedir, amarrar, ferrar, perceber, compreender, apoderar-se de.

[* séc. I aC: (Hor. Sat.i.9,64; Virg. Aen. Ii.444) & séc. I aC/ I dC: (Liv. Iv.60; iv.58; Ov. Fast.V.476) & séc. I dC: (Tacit. Hist. Iii.28)]

(02) Dirigir-se a alguém, interpelar, saudar; abotoar, segurar pela lapela; puxar alguém pelo braço; parar (pessoas) pedindo e suplicando por ajuda; abraçar os joelhos ou tocar o peito de alguém (suplicando); candidatura para um posto de comando – solicitar o apoio de; Solicitação de votos, escrutínio; cabalar, solicitar; escrutinar; averiguar; discutir.

[* séc. I aC: (Cic. Orat. 1.112) & séc. I aC/I dC: (Liv. 2.61.5; 4-48.II; 4.6.9) & I dC: (Sil.13.98; Plin. Ep.2.9.5)]

(I aC/I dC – I dC)

(01) Pegar ou prender uma pessoa, mandar falar com ou suplicar a ele.

[* séc. IaC/I dC: (Liv. – 59) & séc. I dC: (Tacit. Hist. I,66)]

(02) Implorar, pedir, rogar, solicitar, suplicar; solicitar a um comandante ou consulado, solicitar (cargo); chamar alguém de parte.

[* séc. I aC: (Cic. Att. 1.1.1; Or. I.14) & séc. I aC/I dC: (Liv. Ii,61; iii.12; iv.48; Iii.35; i.47; Xxxix.41) & séc. I dC: (Plin. Ep. Ii.9)]

Obs: Todas estas passagens romanas são expressões dos costumes pelos quais o público solicitava ou era solicitado por um comandante ou uma autoridade a tomar certos comportamento, ex: tomava-se as pessoas pelas mãos forçando-as a um costume ou modo de comportamento urbano ou de civilidade.

Cadeia:

A palavra cadeia, vem dos substantivos latinos - “catena” ou “catenatus” que significam:

Catena

De um modo geral pode adquirir os seguintes sentidos: (a) cadeia de elos de metal; (b) estar encadeado, agrilhado, preso com cadeia; (c) agrilhoar alguém, prendê-lo com cadeias; (d) meter alguém em ferros; carregar alguém de ferros; levar, mandar alguém debaixo de ferros; conservar alguém em ferros; (e) habituado a prisão; (f) atadura, atilho, liame, ligadura, cintura; (g) cordilheira, serra, montes ligados uns aos outros; (h) série, encadeamento; (i) controvérsia cheia de embaraços; (j) gradação; (k) Cadeia (Cés. B. Gal. 1,47,6 – 100-44 ac); (l) Laço, embaraço, sujeição (Cíc. Sest.16 – 106-43 aC); (m) Preso por uma corrente, acorrentado (Hor. Epo. 7,8 – 65-8 aC); (n) Preso por uma cadeia, ligado, acorrentado (Marc. 1, 15, 7 – 51 aC); “*Montani Votienti sententiam huic aiebat esse similen et deridebat hanc: insomne et experrectum est animal canis, utique catenarius paratus*” (Sên. Contr. 7,5,12 – 5 aC – 65 dC).

(III/II aC – I dC)

Vários aparatos, recursos, instrumentos, móveis que ligam, vinculam, prendem; meios de ação que servem para ligar, prender, vincular. Plin. Nat.33,40 – 23-79 dC & Stat. Theb.9,697 – 45-96 dC & Cato. Agr.18,9 – 234-149 aC & Lucan.7,498 – 39-65 dC &

(III/II aC – I aC)

Laço, ligação, vínculo, união, obrigação (legal ou moral), afeição, apego; cativo; prisão; grilhões; nó; atilho; atadura; liame; parentesco.

[* séc. III/II aC: (Cato agr.18.9) & séc. I aC: (Vitr. 7.3.1)]

(II aC – VII dC)

(01) Em sentido figurado: Laço, ligação, vínculo, união.

Cic. Arat.14 – 106,43 aC & Plin. Nat. 34,147 – 23-79 dC & Avg. Civ. 21,4 – 63 aC/14 dC & Sall. Hist. Frg.1,144 – 86-34 aC & Apul. Mund.16 – 123 dC & Hor. Epist.1,2,63 – 65-8 aC & Tib.2,4,3 – 48-19 aC & Prop.2,15,25 – I aC & Ov. Am.3,11,3 – 43 aC/17 dc & Sen. Dial.7,16,3 – 5 aC/65 dC & Stat. Silv.5,1,44 – 45-96 dC & Gell.7,2,1 – II aC & Quint. Inst.5,14,32 – II dC & Isid. Orig.2,21,4 – 602-636 dC & Laus. Pis.60 – I dC & Rut. Lup.1,13 – I aC.

(02) Equivalente ou oposto de: [(liame, ligame, laço, atilho, tudo o que serve para atar; (fig.) laço, prisão, ligame, liame, o que prende, o que retém, refreia); (açoute, azorrague, vara, vardasca, correia (de funda), corda (da balisca), pancadas, embate, encontro, choque, rajadas, lufadas, refegas de vento; as inflexões da voz humana; (fig.) agressão, ataque, vexame, mau tratamento, sofrer afrontas; os golpes da fortuna;

castigo; punição); (músculos; cordas (de tripa) de instrumento musical), custódia ((01) ação de guardar, vigiar, guarda, conservação; (02) Guarda, sentinelas, piquete; (03) posto militar; (04) prisão, cadeia; (05) preso, posto em custódia)].

Plaut. Asin.550 – 184 aC & Flor. Epit. 3,19,8 – II dC & Isid. Orig.5,27 – 602-636 dC.

(II aC – II/III dC)

Prender, vincular, ligar: aplicado aos homens.

Men.79 – II/III dC & Cic. Verr.6,108 – 106-43 aC & Val Max.6,2,8 – I dC & Caes. Gall.1,53,5 – 100-44 aC & Ov. Met.15,601 – 43 aC/17 dC & Vell.2,82,3 – 19 aC & Sem. Herc.f.53 – 5 aC/65 dC & Sil.6,465 – 26-101 dC & Tac. Ann.4,28 – 55 dC & Catul. 64,296 – 84-54 aC & Liv. 29,21,2 – 59 aC/17 dC & Bell. Afr.26,5 – 40 aC & Curt.7,5,36 – I dC & Sall. Jug.64,5 – 86-34 aC & Ver. Aen. 6,558 – 70-19 aC & Hor. Carm.1,29 – 65-8 aC & Prop.2,1,33 – I aC & Stat. Ach.944 – 45-96 dC & Suet. Rhet.27 – 70-140 dC & Mart. 5,7,7 – 40-101 dC & Manil.4,41 – I aC & Flor. Epit.1,24,3 – II dC & Ascon. Mil.p.47 – 9 aC/76 dC & Lucan 7.304 – 39-65 dC & Petron.1 – I dC & Quint. Decl.257 – II dC & Plin. Epist. 7, 27,5 & Plaut. Men.84 – 184 aC.

(II aC – II dC)

Corrente, corda ou laço com o propósito de ligar, fixar ou segurar alguma coisa.

[* séc. II aC: (Plaut. Capt.i.2,3; ii.1,9; Men.i.I,8; Asin. Ii.2,23) & séc. I aC: (Cic. Mur.20; Verr.V.41; Sext.7; Caes. B.G.i.47; Hor. Od.i.37,20; Od.iii.II,45; Sallust. Jug.64(68)) & séc. I aC/I dC: (Liv. Xxix,21) & séc. I dC: (Tacit. Hist. Iii.31) & séc. I/II dC: (Suet. Rhet.3) & séc. II dC: (Flor. Iii.5)]

(II aC – I/II dC)

Cadeia (de ferro ou de fios de tecido), corrente, grilheta; prender com cadeia, escravizar; acorrentar, encadear, prender com grilhões, agrilhoar; enterrar; prisão, detenção, encarceramento, cativo; fascinação, encantamento; obsessão.

[* séc. II aC: (Pl. Capt.112; Men.79; Rhet.Her.4.51) & séc. I aC: (Cic. Ver.5.106; Ver.5.130; Caes. Gal.1.47.6; Sal. Jug.64.5; Hor. Carm.1.37.20; Prop.2.1.33; Hor. S.1.5.65; Carm 1.29.5; Tib. 3.7.117) & séc. I aC/I dC: (Liv. 22.59.15; Sen. Phaed.125) & séc. I dC: (Stat. Theb.8.25; Tac. Hist.1.48; Ann.6.14; Curt.4.3.21) & séc. I/II dC: (Juv. 3. 309; Suet. Rhet.27)]

(II/I aC – I/II dC)

Coisa ligada, amarrada, presa, atada, contida, refreada, cativa, cercada, ou capaz de.

Caes. Gall.3,13,5 – 100-44 aC & Ver. Aen.8,225 – 70-19 aC & Liv. 24,34,10 – 59 aC/17 dC & Lucan.3.565 – 39-65 dC & Sil.14,330 – 26-101 dC & Curt.4,3,22 – I dC & Plin. Nat.34,150 – 23-79 dC & Sil.14,523 – 26-

101 dC & Frontin. Strat.1,5,6 – 30-104 dC & Pompon. Dig.50,16,245 – II/I aC & Apul. Met.5,9 – 123 dC.

(I aC – IV dC)

Cognome da pessoa ou coisa notável da matéria à qual pertence.

Manil.1,923 – I aC & Ov. Met.7,412 – 43 aC/17 dC & Prop. 2,20,11 – I aC & Curt.4,3,22 – I dC & Sen. Dial. 9.10,3 – 5 aC/65 dC & Suet. Aug.94 – 70-140 dC & Treb. Trig.tyr.30,26 – I aC & Macr. Somn. 1,14,15 – IV dC & Sil.17,630 – 26-101 dC – Caes. Gall.3.13,5 – 100-44 aC & Val Max.1,7 ext.6 – I dC & Plin. Nat. 34,150 – 23-79 dC & Verg. Aen. 6,558 – 70-19 aC & Frontin. Strat. 1,5,21 – 30-104 dC.

(I aC – II dC)

(01) Limitado, confinado, restrito por uma corrente; acorrentado.

[* séc. I aC: (Hor. Epod. Vii.8) & séc. I dC: (Colum. Praef.10; Martial. Vii.60,5) & séc. I/II dC: (Plin. H.N.ix.15) & séc. II dC: (Flor.iii.19)]

(02) Uma série causal ou sequência.

[* séc. I aC: (Man. 4.394) & séc. II dC: (Gel.7(6).2.1)]

(I aC – I/II dC)

Qualquer faixa, atadura ou laço.

[* séc. I aC: (Vitr.vii.3) & séc. I dC: (Plin. H.N. xxxiii)]

(I aC – I dC)

(01) Cadeia (de ferro ou de fios de tecido), corrente, grilheta; prender com cadeia, escravizar.

[* séc. I aC: (Caes. Gal. 3.13.3; Ver. A 8.225; Vitr. 5.12.1; Prop.4.11.26; Cic. Arat. 248(14); Lucr.6.910) & séc. I aC/I dC: (Liv.24.34.10; Phaedr.3.7.116) & séc. I dC: (Fron. Str. 1.5.21; Pers.5.169; Plin. Nat.33.40; Luc.7.498; Stat. Theb.12.775; Plin. Nat.34.147; Mart.12.43.9)]

(02) Em sentido figurado: dos laços do amor e outras ligações afetivas, morais; que ou aquilo usado para refrear, reter, reprimir, por freio, restringir, sujeitar; restrição, constrangimento, repressão, coerção, proibição, limitação, sujeição, coibição; controle, domínio, mando, governo, comando, autoridade, guia, direção.

[* séc. I aC: (Tib.3.11.15; Cic. Sest.16; Hor.S.2.3.70) & séc. I aC/I dC: (Sen. Dial.7.16.3; Liv. 35.38.103) & séc. I dC: (Stat. Silv.5.1.44; Quint. Inst. 5.14.32)]

(03) Prender as feras, os animais, os animais ferozes, ou aquilo capaz de.

Rhet. Her.4,39,51 – I aC & Hor. Serm.2,7,71 – 65-8 aC & Prop. 4,11,26 – I aC & Ov. Met.7,412 – 43 aC/17 dC & Sen. Ag.860 – 5 aC/65 dC & Phaedr.3,7,16 – 15 aC/50 dC & Colum.7,12,12 – I dC & Pers. 5,160 – 34-62 dC & Petron.29 – I dC & Plin. Nat.8,27 – 23-79 dC.

(I dC)

(01) Para ligar ou prender com corrente ou outras faixas ou ataduras.

[* séc. I dC: (Venant. Fort. Ii.14)]

(02) Limitado, confinado, restrito por faixas ou ataduras.

[* séc. I dC: (Stat. Theb.vii.63; Sylv.ii.I,110)]

(03) Onde os lutadores, competidores ou atletas atiravam suas armas em torno de cada um.

[* séc. I dC: (Quint.i.1(2))]

(04) Conectado.

[* séc. I dC: (Martial.i.16,7)]

(05) Seguro por laços.

[* séc. I dC: (Col.6.19.2)]

Catenatus (part. de catena).

(I aC – II dC)

(01) Seres animados presos por correntes, cordas ou laços; aquilo que os prende.

Hor. Epod.7,8 – 65-8 aC & Sen. Contr.1,6,3 – 5 aC/65 dC & Val Max. 6,2,3 – I dC & Calp. Ecl. 1,60 – I dC & Colum. Praef. 10^a – I dC & Stat. Silv.4,6,66 – 45-96 dC & Flor. Epit.3,19,3 – II dC & Suet. Aug.13 – 70-140 dC & Tib.64 – 48-19 aC & Sulp. Sev.dual.3,4,1 – I/II dC & Marcell. Chron. Iip.95 – II dC.

(02) Cadeias, laços, correntes, cintos que servem como ornamento.

Quint. Inst.8,3,69 – II dC & Gallican. Avid.4,4 – I aC.

(I aC – I/II dC)

Fios de tecido ou correntes desgastadas; acorrentado.

[* séc. I aC: (Hor. Epod.7.8;) & séc. I aC/I dC: (Sen. Com.1.6.3) & séc. I dC: (Stat. Theb.7.63; Quint. Inst.8.3.69; Decl.342) & séc. I/II dC: (Suet. Aug.13.2)]

(I aC/I dC - VII dC)

Em sentido metafórico: Laço, ligação, união.

Stat. Silv. 2,1,110 – 45-96 dC & Mart. 1,15,7 – 40-101 dC & Quint. Inst. 1,1,37 – II dC & Apul. Ascl.39 – 123 dC & Avg. Civ.8,21 – 63 aC/14 dC & Isid. Orig. 20,13,5 – 602-636 dC

(I dC – I/II dC)

(01) Fixado, seguro, acorrentado, preso ou ligado por uma corrente, cadeia (de ferro ou de fios de tecido).

Ex: cavalos seguros pelos freios; leito rodeado d`uma rede de ferro.

[* séc. I dC: (Mart.7.61.5; Stat. Theb.4.732) & séc. I dC: (Plin. Nat.9.44) & séc. I/II dC: (Juv.3.304)]

(02) Organizar para formar uma cadeia ou série; abraçando, entrelaçando, apertando, fixando.

Ex: Lutas em que os atletas se entrelaçam; provas ou experiências encadeadas umas às outras.

[* séc. I dC: (Mart.1.15.7; Quint. Inst.1.1.37; Stat. Silv. 2.1.110) & séc. I/II dC: (Apul. Mat.8.30)]

(I dC)

Cadeias, correntes, laços, cordas, jaulas para bestas.

Stat. Theb.4,731 – 45-96 dC & Mart. 7,61,5 – 40-101 dC

(I/II dC)

Conectado, atado, ligado, preso por meio de cadeias, ataduras, laços.

Apul. Apol.40 – 123 dC

Obs: *Catenatus* parece manter proximidade com: **captus** ((part. p. de *capió*) tomado, apanhado, cativado, aprisionado, preso, privado de, alienado, lugar apto para um sacrifício; enleidado, embaraçado, surpreendido em um argumento capcioso; (subs.) ação de tomar, tomada – *capió*: parece ter relação com o grego *χαπτω*, comer com avidez; e com o hebreu *Kaf*, palma da mão (01) tomar, agarrar, pegar, apanhar, apossar-se de, apoderar-se de; (passivo) estar doente, sofrer, padecer de, perder o uso d`uma faculdade; ser impedido, embaraçado de; (02) ganhar, cativar, chamar a si, seduzir, iludir, enganar, lograr; (03) escolher, eger, tomar de preferência; (04) conter, encerrar; admitir, comportar; (05) conceber, entender, compreender, entrar no conhecimento de; (06) ganhar, alcançar (um lugar); chegar a, obter; (07) perceber, receber, tirar, recolher, colher; (08) adquirir, possuir, ter (por herança, legado, doação; adquirir por direito de preciação; ser apto, idôneo para suceder (em herança); adquirir; (09) resentir-se de, experimentar, sofrer, padecer dano); (10) surpreender, apanhar em flagrante, convencer de, provar uma falta), **captivus** (cativo, prisioneiro de guerra, prisioneiro, escravo), **compeditus** (preso com ferros aos pés, agrilhado de pés, peiado, travado), **conexus** (?), **ligatus** (ligado, preso, atado; teso, não flexível), **vinctus** (ligado, atado; encadeado, acorrentado; um preso; gelado, congelado; seguro; sustentado (por uma construção); (fig.) preso, impedido, embaraçado, tolhido, obrigado (por amor, por juramento).

O Presídio:

A palavra presídio, vem do substantivo latino “**praesidium**” e do verbo “**praesideo**”, que significam:

Praesidium

De uma maneira geral pode assumir os seguintes sentidos: (a) força armada encarregada de guardar ou defender, guarda, guarnição, presídio; (b) posto, acampamento, presídio, reduto; (c) guarda, defesa, ajuda, assistência, socorro; (d) apoio, arrimo, sustentáculo, defensor, protetor; (e) apoio, arrimo (d`um arbusto); (f) asilo, guarida, lugar de segurança; (g) via, meio; (h) socorro, auxílio, remédio.

Obs: Ação de sentar, assentar, de estabelecer diante de, na frente de; proteção, defesa, ajuda, segurança; posto de soldados que guardam um lugar, que protegem um comboio, etc., guarnição, escolta.

(III/II aC – I/II dC)

Um meio de segurança física ou qualquer outra coisa diferente que sirva a esse fim; defesa, proteção a uma pessoa, ou, proteção e defesa oferecidas por uma pessoa ou coisa.

[* séc. III/II aC: (Enn. Scen.86) & séc. II aC: (Pl. Pers.125; Cas.536; Ter. Hec.119) & séc. I aC: (Cic. Q.fr.2.15.2; Fam.II.14.2; Phil.10.4; Tusc.1.62; Fam.12.5.3; Brut.1.10.5; Ver.2.8; Mil.94; Caes. Gal. 1.44.5; Vit. 10.10.1; erg. A 11.58; Hor. Carm 1.1.2; Lucr. 5.874) & séc. I aC/I dC: (Liv.4.49.3; 5.6.10; Ov. Hal.8; Sen. Tro.793) & séc. I dC: (Tac. Ann.1.58; Petr. 116.4) & séc. I/II dC: (Apul. Met.8.17)]

(II aC – I/II dC)

Um corpo de homens estacionados em um lugar com o propósito de defesa e controle militar, etc.; guarnição militar; corpo da guarda, escolta; força de proteção dos barcos de guerra, comboio.

[* séc. II aC: (Pl. Per.754) & séc. I aC: (Cic. Mil.71; Caes. Gal.3.26.2; Sal. Jug. 43.3; Vell.2.110.4; Nep. Att.10.5) & séc. I aC/I dC: (Asc. Mil.36; Liv.29.32.2) & séc. I dC: (Tac. Hist.3.6; Curt. 3.3.24; Fron. Str. 1.4.14) & séc. I/II dC: (Juv. 8.239; Fro. Aur. 2)]

(II aC – I dC)

(01) Defesa, proteção, abrigo, resguardo; apoio; resistência; auxílio, assistência, socorro, ajuda.

[* séc. II aC: (Ter. Heaut. iv.I,33; Plaut. Pers.v.2,56) & séc. I aC: (Cic. Quint.i; Mur.10; Brut.Ep.18; Sull.18; Caes. B.G. i.44) & séc. I aC/I dC: (Liv. Iv.49) & séc. I dC: (Colum.Xii.50)]

(02) O ato ou a função de formar uma guarnição militar; servir num serviço de guarnição, sustentar a guarda.

[* séc. II aC: (Pl. Rud.1051) & séc. I aC: (Cic. Sen. 73; Sal. Jug.85.33) & séc. I aC/I dC: (Liv.27.15.17) & séc. I dC: (Tac. Ann.3.9)]

(I aC – I aC/I dC)

(01) Aquilo que defende, assiste ou protege.

[* séc. I aC: (Cic. Verr.iii.8; Rosc.Am.5; Hor. Od.ii.I,13; Od.i.I,2) & séc. IaC/I dC: (Ov. Pont.i.6,14)]

(02) Especialidade dos soldados ou outras pessoas que, por sua presença, defendem um posto, assim como uma pessoa, uma ponte, colina, campo, cidade, ou qualquer outro lugar: Aquele que usualmente chamamos de guarda, comboio, escolta, guarnição militar.

[* séc. I aC: (Caes. B.G.vii.55 e 7; Cic. Att.ix.3; Cat.ii.9; Div.i.7; Nep. Epam.4; Milt.4; Sallust.Jug.23(25)) & séc. I aC/I dC: (Liv.i.14; ix.7; i.38)]

(03) Qualquer posto, guarnição ou qualquer lugar possuído com tropas, com a finalidade de defender seja uma colina ou um plano, um campo ou qualquer outra coisa assim, grande ou pequeno, com uns poucos soldados ou pessoas ou com muitos milhares: Isso pode comumente ser representado por postos ou estações: antigamente pelos fortes ou acampamentos no interior dos postos romanos, e também, nos acampamentos, ou com o exército; fortalecer ou fortificar seu posto ou acampamento.

[* séc. I aC: (Caes. B.C.iii,45; Cic. Lig.9; Nep. Eum.2) & séc. I aC/I dC: (Liv. Xxv.24;xxxviii; iv.29)]

(I aC – I/II dC)

Meios que contribuem para a realização de um propósito de socorro ou ajuda; a assistência que provém de uma coisa; remédio, antídoto.

[* séc. I aC: (Cic. Tusc.5.19) & séc. IaC/I dC: (Liv.1.41.1; Ov. Ars. 3.207) & séc. I dC: (Col.1.1.18; Petr.79.1; Tac. Ann. 3.43; Plin. Nat.22.90) & séc. I/II dC: (Juv.12.56; Apul. Met.5.17; Cels. 2.14.11)]

(I aC – I dC)

(01) Qualquer significado de assistência.

[* séc. I aC: (Cic. Manil.24; Tusc.ii.II; Or.i.9) & séc. I dC: (Colum.xii.50(52))]

(02) Uma posição capaz de defender, tomar com força, forte, fortaleza, fortificação.

[* séc. I aC: (Caes. Civ.3.45.2; Cic. Ver.1.67; Nep. Timol.1.4) & séc. I aC/I dC: (Liv.8.24.14) & séc. I dC: (Plin. Nat.22.9; Tac. Ann.3.21)]

Praesideo

De um modo geral pode assumir os seguintes sentidos: (a) estar assentado diante, adiante; (b) ter o primeiro lugar, ter a presidência, presidir; (c) estar a testa de, superintender, comandar, governar, dirigir, administrar, reinar; (d) exercer as funções do seu cargo (um magistrado); (e) ter a guarda de, olhar pela segurança de, estar de guarda a; (f) guardar, governar.

(II aC – I/II dC)

Guardar com cuidado; sustentar a guarda (acima de); vigiar ou cuidar de cima ou acima de; guarda dos deuses tutelares).

[* séc. II aC: (Pl. Mos. 1096) & séc. I aC: (Cic. Mil.101; Sen. Bem.3.32.5; Sal. Hist. 3.07; Var. L.5-90; Verg. A 6.10) & séc. I aC/I dC: (Liv. 22.11.9; Ov. Ep. 2.41) & séc. I dC: (Plin. Pan.79.3; Tac. Ann.4.5; Quint. Inst.10.1.48) & séc. I/II dC: (Apul.)]

(II aC – I dC)

Guarda, defesa, proteção, ser uma proteção.

[* séc. II aC: (Plaut. Most. V.I,47) & séc. I aC: (Cic. Phil.v.13; Dom.57; Mil.37; Sull.31; Sallust. Cat. 57(59)) & séc. I aC/I dC: (Liv. Xxii.II) & séc. I dC: (Tacit. Ann. Iv.5)]

(I aC – II dC)

Exercer o controle ou a superintendência; estar acima, como um comandante ou governador; governar, controlar.

[* séc. I aC: (Caes. Civ. 1.85.3; Vell.2.48.1) & séc. I aC/I dC: (Liv. 24.40.2) & séc. I dC: (Tac. Ann. 1.58; Plin. Pan. 56.6) & séc. II dC: (Flor. Verg.)]

(I aC – I/II dC)

Abrigo; guarda, proteção, custódia; cuidado, sustento, manutenção; vigilância, sentinela; guarda; defesa, precaução; pode também significar, ordem, comando; poder, autoridade; encargo.

[* séc. I aC: (Caes. B.C.i.85) & séc. IaC/I dC: (Ov. Fast.iii.85) & séc. I dC: (Plin. H.N. xxii.25) & séc. I/II dC: (Suet. Tib.6; Claud.17)]

(I dC – I/II dC)

Exercício ou função de superintendência; presidir funções oficiais, cerimônias, etc.

[* séc. I dC: (Tac. Hist. 2.3; Plin. Ep. 5.9(210).5; Quint. Inst.6.4.11) & séc. I/II dC: (Suet. Cl.7.1)]

(I/II dC)

Estar assentado ou governando à frente.

[* séc. I/II dC: (Suet. Aug.26)]

Praesidiarius

De um modo geral significa: (a) colocado nos postos avançados; (b) frota de observação; (c) posto de reserva, que é de reserva.

(I aC/I dC)

(01) Aquilo que serve para defender ou proteger.

[* séc. I aC/I dC: (Liv. Xxviii.8)]

(02) Formando uma guarda ou guarnição militar.

[* séc. I aC/I dC: (Liv. 29.8.7)]

(I aC)

Soldados aquartelados em uma guarnição.

[* séc. I aC: (Cic. Verr.i.34)]

(I dC)

(01) Soldados que servem como uma proteção, em uma guarnição, numa ponte, ou em qualquer outro lugar, por exemplo, a guarda de uma reserva de vinho.

[* séc. I dC: (Colum.iv.15)]

(02) Formando uma reserva ou substituição ou reposição.

[* séc. I dC: (Col.4.15.1; 4.21.3; Fron. Aq.14)]

Diagrama das raízes gregas e latinas de “Arcere” ou “Arceo”.

(Arcere ou Arceo) → (Coerceo e Coercendis):

Sentidos das raízes através dos séculos:

Como podemos notar no diagrama acima, o verbo latino “*arcere*” ou “*arceo*”, é derivado do grego com os seguintes sentidos, notados a partir de (05):

Referências gregas:

(I) [εργω ou αρχεω citado em (01)]:

a-) εργω: I. shut in, shut up: encerrar, impedir a saída; encarcerar, fechar, prender, cercar, obstar, estorvar, embaraçar, barrar, parar, dificultar, cessar, parar (Il.21.282); *pen*: curral, aprisco, capoeira (para galinhas ou outros animais); encerrar, encurrular, engaiolar (Od. 10.283; 9.221;

14.411); *encloses*: rodear, cercar, murar, fechar, incluir, encerrar, conter (Il.2.845); *drove them to the ships and shut them up there*: conduzidos, impelidos, empurrados para dentro do barco e impedidos de saírem de lá (Il.16.395; 12.219; Th.1.106); *shut up*: encarcerar, fechar (Thgn.710); *in prison*: na prisão, aprisionado (Hdt.3.136; Phiplipp.ap.D.12,2; Lycurg.112; D.59.66); Somente aplicado a coisas: *as having included*: estando incluído em (Pl. plt.285b); *were fenced in, secured*: foi retido, guardado em, posto em segurança em (Il.17.354); *well-secured, strong-built, compact*: bem seguro, construção forte (firme, resistente, sólida), compacto: (Il 5.89). **II. shut out** : impedir a entrada (Il.23.72; 13.706; Th.4.9; E. Hel.288); *keep away from*: manter longe de (Il.4.131; Od.12.219; Hes.Op.335; Parm.1.33; Hdt.3.48; Il.17.571); *to be excluded from participation in*: ser excluído da participação em (Isoc.4.157; Antipho 6.36; Lys.6.24); *short of*: reduzir, limitar, tornar escasso, insuficiente, fazer carecer de ou carecer de (Aeschin.1.183; Il.4.130; Od.11.503; ^a supp.63; X. ana.6.6.16).

b-) αρχεω: vem da partícula αρχε-, é também prefixo de αρχω = αρχι, com a qual é frequentemente intercambiada; à letra tem o sentido de “começo” ou “origem” quando é prefixo de αρχη, significando a “substância originadora”. αρχω, tem os seguintes sentidos:(I): (01) começar, iniciar, originar, dar início, fazer começar, determinar o começo, enfatiza uma ação pessoal: “ser o agressor”, “começar uma operação”, “abrir uma conversa”, “começar a falar” (Homerus; Th.53; X HG.6.3.6,na.1.6.6, 3.2.7); (02) começo de, ou, começar com: “começar um banquete com os deuses” (Il.15,95; Od.6.101; Th.2.53; X. HG.2.2.23; S. Tr.871); (03) “mostrar o caminho”, “comandar o caminho” (Od. 8.107; Il.9.69; 5.592); (04) com referência à ação, dá a ela continuidade e condição (Il.2.378; Hdt.4.119; X. cyr.8.7.26; Pl. Mx.237^a); (05) de um modo geral: começar, com o poder de começar (Il.9.69; Th.4.118; Dam.Pr.234; X. eq.9.3; Isoc.2.54; Hes. Op.368; Ar. Eq.1246); (II): (01) dentro do lugar ou da situação ou da posição – ser capaz de dominar, governar, comandar, determinar, ou ainda, ser o que estabelece as regras, critérios ou normas para; regra, critério, controle, governo, hábito, ex: “ser líder de”, “manter, segurar, o comando sobre”, “comandar a magistratura”, “ser archon” (Il.2,494; Hdt.5.1; E.andr.666; Od.14.230; Il.2.805; Pl. Phdr.238^a; ^a Pr.927; Pi. °8.45; Lys.28.7; S. El.264; Sol.ap.D.L.1.60; Arist. Pol.1277b14; X.na.26.19).

Como exemplos de aplicação da partícula prefixa αρχε-, temos: αρχεβακχοξ = líder de Βακχοι - título de Dionísio. αρχεγονοξ = original, primário, primeiro autor ou origem. αρχεδεατροξ = chefe da corte Ptolomaica. αρχεδικαξ = primeiro, legítimo possuidor. αρχεινη = título de sacerdotisa. αρχειον = (01) cidade, sala, residência ou escritório do chefe dos magistrados; (02) registro público, arquivos; (03) agremiação, conselho de magistrados, conselhos especiais; (04) (em Roma) princípio, quartel general, escritório central. αρχειωτηξ = archeota, registrador municipal. αρχελληνοδικηξ = chefe. αρχενω = comando, ser chefe do magistrado. αρχων (particípio de αρχω) = (01) governador, soberano, comandante, chefe, rei; (02) título oficial do chefe do magistrado (Atenas)

ou título de autoridade (Esparta); (03) governador de uma província, (Roma): governador, prefeito, oficial, magistrado, chefe da sinagoga.

(II) [ειργω ou derivações de αρχεω citado em (02)]:

a-) ειργω: (ver item I-a).

b-) αρχεω: (ver item I-b), aqui é especificado como “*propulsor*”.

(III) [αρκεω citado em (03)]:

a-) αρκεω: (ver item I-b)

(IV) [αρχοξ αρχειν citado em (04)]:

a-) αρχοξ αρχειν: “*pastor de rebanho*”.

(cer itens (I-a), (I-b) e (II-a), que, resumidamente significam:

(I-a) εργω: ação ou aquilo que toma, refreia, retém, protege, guarda, separa, isola, inclui, exclui, aproxima, afasta, evita, impede.

(I-b) αρχε-: ação ou aquilo que começa, comanda e sustenta.

(II-a) ειργω: diz respeito ao que foi moderado, refreado, conservado ou envolvido por algo.

Referências latinas:

(V) [“*arcere*” ou “*arceo*” citado em (01)]:

a-) Conter, reter, apertar;

“*Orbis ceteros omnes arcens*” (Cíc.) = Círculo que encerra todos os mais. “*Hos vinclis arceamus*” (Cíc.) = Conservemo-los em grilhões, i. é, nos infernos.

b-) Apartar, afastar, afugentar, repelir, impedir;

“*Arcere hostem*” (Cíc.) = Rechazar o inimigo. “*Arcere aliquem progressu*” (Cíc.) = Impedir que alguém progrida ou ande para diante. “*Arcere rapinis*” (Cíc.) = Obstar aos roubos.

c-) Mandar vir, mandar tirar.

“*Judex ipse arcebitur*” (?) = Mandar-se-há vir o próprio juiz. “*Verbenae arcebantur a loco sancto*” = Eram as verbenas arrancadas d`um lugar sagrado.

(VI) [“*arcere*” ou “*arceo*” citado em (02)]:

a-) (I aC) **To inclose** (rodear, cercar, murar, circunvalar, fechar, tapar, incluir, encerrar, conter); **keep together** (manter junto); **confine** (confinar, limitar, restringir, encerrar, prender, aprisionar, fechar em, por limites a)(Cic. Nat. D.ii.54 – 106-43 aC & Virg. Aen.ii.406 70-19 aC);

b-) (I aC/I dC – I dC) **To ward** (tutelado, custódia, defesa, proteção, guarda, vigia, distrito, sala, divisão, forte, fortaleza, presídio, proteger,

resguardar, defender, guardar) **or keep off** (manter-se afastado), **prevent** (impedir, evitar, embaraçar)(Ov. Fast.vi.482 – 43 aC – 17 dC & Stat. Sylv.ii.I,34 – 45-96 dC);

c-) (I aC – II/III dC) To prohibit (proibir, impedir, vedar, privar, tolher, obstar, interditar), **forbid** (proibir, impedir, estorvar, vedar, reprimir, interdizer, interditar, amaldiçoar)(Liv. Xxxix.2 59 aC - 17 dC & Cic. Verr.i.5 – 106-43 aC & Ulp. In Pand. Xxi.I,14 – 228 dC & Plin.H.N. xxxvii – 23-79 dC & Lucret.v.1146 – 94-55 aC & Caes.B.G. vii.18 – 100-44 aC & Hor. Od.i.38,7 – 65-8 aC & Suet. Ner.46 – 70-140 dC & Tacit. Hist. Iii.69 – 55 dC & Ov. Pont. Iii.2,25 – 43 aC-17 dC & Curt. iii.2 – I dC).

(VII) [*“arcere”* ou *“arceo”* citado em (03)]:

a-) (III/II aC – I aC) To keep close (manter fechado), **contain** (conter, encerrar, incluir, compreender, refrear), **hold in** (manter dentro); (01) (transf.) **to control** (controlar, dominar, mandar, guiar, comandar, dirigir, conter, inspecionar, examinar, registrar), **govern** (governar, mandar, dirigir, reger, administrar, dominar); (02) **to impede** (impedir, entrar, embaraçar, estorvar), **confine** (ver VI-a) (Cic. N.D.2.136 – 106-43 aC & Enn. Ann.543 – 239-169 aC & Verg. Aen.2.406 – 70-19 aC);

b-) (III/II aC – II/III dC) To prevent from approaching (impedir a aproximação), **keep away** (manter afastado), **repulse** (repulsa)(Cic. Phil.13.14 – 106-43 aC & Ov. Met.2.505 – 43 aC/17 dC & Tac. Hist.3.38 – 55 dC & Pac. Trag.305 – 220-130 aC & Sen. 5 aC/65 dC & Plin. Nat.7.105 – 23-79 dC & Verg. aen.I.435 – 70-19 aC & Liv. 26.5.10 – 59 aC/17 dC & Luc.7.81 – 39-65 dC & Stat.Theb.8.692 – 45-96 dC & Ulp. Dig.50.I.27.3 – 228 dC & Sil.14.431 – 26-101 dC & Hor. Carm.3.1.1 – 65-8 aC & Apul. Met.7,27 – 123 dC);

c-) (I aC/I dC – I dC) To keep apart (manter à parte), **separate** (separar, apartar, afastar, desunir, desprender, desapegar, dividir); **to keep (from)** (guardar de), **deprive (of)** (privar, tirar, despojar, destituir, excluir, revogar)(Liv.44.20.3 – 59 aC/17 dC & Tac.hist.5.14 – 55 dC & Plin.nat.4.112 – 23-79 dC & Stat.theb.2.630 – 45-96 dC & Sil.1.84 – 26-101 dC);

d-) (I aC – I dC) To deliver (dar, entregar, ceder, livrar), **defend** (defender, proteger, amparar, preservar, manter, sustentar, vingar), **rescue** (socorrer, salvar, livrar de um perigo, libertar, redimir, recuperar, recobrar, resgatar), **protect (from)** (protegido de)(Verg. aen.8.73 – 70-19 aC & Hor. Ep.1.8.10 – 65-8 aC & Sen.Tro.489 – 5 aC/65 dC & Tac.Ag.4.3 – 55 dC);

e-) (I aC – II/III dC) To prevent (ver VI-b) **or keep (from na action)** (manter a); **to prevent (from)** (impedir que); **to forbid (to)** (impedir a); also, **to avoid** (evitar, prevenir, impedir, iludir, escapar, desalojar, anular)(Cic. Tusc.1.89 – 106-43 aC & Lucr.1.183 – 94-55 aC & Liv.25.9.6 – 59 aC/17 dC & Curt.4.9.7 – I dC & Sen. Med.188 – 5 aC/65 dC & Plin.nat.8.27 – 23-79 dC & Stat. Silv.2.3.24 – 45-96 dC & Suet.Nero.46.1 – 70-140 dC & Ov. Met.12.427 – 43 aC/17 dC & Sil.13.342 – 26-101 dC & Tac.ann.3.72 – 55 dC & Ulp.dig.43.8.2.9 – 228 dC);

f-) (II aC – I dC) To render difficult or impossible (retribuir a dificuldade ou impossibilidade), **prevent** (ver VI-b), **hinder** (impedir, deter, retardar, estorvar, embaraçar, atrapalhar, por obstáculos, obstruir), **stop** (parada, pausa, suspensão, interrupção, obstrução, impedimento, embaraço, oposição, repressão; parar, suspender, interromper, obstruir, deter, demorar); **to ward off** (desviar), **dispel (thirst, sleep, etc.)** (dispersar a ânsia ou o sono); **to take away** (levar para fora), **obstruct (a view)** (obstruir ou atrapalhar uma observação ou uma visão)(Sen. Suas.2.1 – 5 aC/65 dC & Plin.nat.11.6 – 23-79 dC & Fron.str.3.7.2 – 30-104 dC & Tac.hist.4.64 – 55 dC & Plin.nat.20.212 – 23-79 dC & Gel.9.11.7 – II aC & Stat.Theb.5.285 – 45-96 dC).

(VIII) [“arcere” ou “arceo” citado em (04) as citações a seguir foram traduzidas a partir de (01)]:

Pode ser aplicado a coisas, pessoas ou outros seres animados indicando:

a-) (III/II aC – VIII dC) coerceo [(1) comprimir, estreitar, conter, reprimir, fazer parar, deter, suspender; (2) desbastar, desramar, decotar, esgalhar, espontar, corrigir, emendar, retocar, limar, polir; (3) castigar, punir; (4) constranger, obrigar]; **contineo** [(1) sustentar, conter, abranger, rodear; estar junto, contíguo, ser confinante; (2) conservar, guardar, conter, ter, (fig.) manter, sustentar, dissimular, encobrir, calar; (3) deter, reter, susten, parar, ficar, (fig.) reprimir, conter, refrear, ter mão em, dirigir, exercitar, ensinar, abster-se, conter-se, privar-se de, estar em si, senhor de si; (4) encerrar, abraçar, abarcar, consistir em, depender de](Paul.Fest.15,9 – VIII dC & Enn.frg.dub.2 – 239-169 aC & Cic.rep.6,7 – 106-43 aC & Quint. Inst.9,3,33 & II dC & Labeo.Paul.dig.39,3,2,9 – 22 dC & Verg. aen.2,406 – 70-19 aC & Fest.334,7 – II dC & Sen. Benef.4,18,3 – 5 aC/65 dC & Plin.nat.18,17 – 23-79 dC).

b-) (I aC - VIII dC) prohibeo (afastar, apartar, desviar, repelir, privar)(Paul. Fest.15,13 – VIII dC & Cic. Muren.22 – 106-43 aC & Liv.37,11,7 – 59 aC/17 dC & Tac.ann.12,40 – 55 dC & Hor.carm.3,1,1 – 65-8 aC & Stat.Theb.6,203 – 45-96 dC & Tert.anim.56 – II dC & Ov.met.9,318 – 43 aC/17 dC & Val Max.5,8,5 – I dC & Colum.1,6,16 – I dC & Plin.nat.17,188 – 23-79 dC & Varro ling.5,115 – 82-3 aC & Sil.5,39 – 26-101 dC & Sen.remed.fort.frg.15,1 – 5 aC/65 dC).

7 - ANÁLISE DOS RESULTADOS:

“É um pouco complicado lembrar de minha vida. A minha vida foi um tanto agitada. Sei que eu não convivi com os meus pais, principalmente com minha mãe – não convivi! Fiquei com eles até a idade de mais ou menos quatro anos e daí houve a separação deles, de meu pai e de minha mãe. Quer dizer que aí eu os via viver assim separados. Então eu ficava uma parte com meu pai e outra parte com o amigo dele, ou então ficava internado em colégio interno e assim por diante. Quer dizer, foi assim até os quatorze anos, foi aonde me tirei por completo da convivência com meu pai, e aí fiquei mais independente. Daí prá frente fui convivendo sempre sozinho (). Até a atualidade – sempre sozinho...!”. (Sr. Andrade)*

A fala inicial do senhor Andrade é exemplar das dificuldades que enfrentaremos para estudarmos os depoimentos. Repare-se na riqueza de motivos que existem nela e a dinâmica complexa que a organiza. Exatamente por isso procuraremos não determo-nos em profundidade em cada um dos depoimentos de cada um dos entrevistados, detendo-nos apenas na identificação de algumas das suas especificidades mais significativas, e que forem capazes de fornecer subsídios à compreensão de nosso objeto de pesquisa, por isso, procuraremos deslocarmo-nos ora para um detalhamento sobre um ponto específico de algum depoimento, ora para a apreensão de propriedades gerais que os caracterizem como um todo.

Histórias dominadas pelo presente...

O senhor Andrade diz ser um pouco complicado lembrar de sua vida pois ela foi sempre muito agitada. Diz também que os pais se separaram e que os via assim separados. Num outro momento de seu depoimento parece articular o sentido dessa agitação ao sentido da separação, dizendo:

“A minha infância eu vivi assim, como é, vivi assim separado. Minha infância foi agitada. Minha infância foi separada porque eu não convivia com o meu pai, não estive convivendo com os meus pais, com meu pai principalmente, e com minha mãe da qual me separei a partir dos quatro anos, quando meus pais se separaram e fui viver com meu pai”.

Vida agitada porque separada. Parece ser este o sentido que o senhor Andrade procura dar à sua experiência. Em seguida esclarece sobre a causa de sua infância ter sido caracterizada pela idéia de separação, ele não conviveu com os pais, principalmente com o pai com o qual foi viver após a separação de sua mãe aos quatro anos de idade.

O senhor Andrade parece querer dizer que a sua vida não teria sido tão agitada se tivesse podido desfrutar de uma melhor e maior convivência com o seu pai. A convivência parece representar o laço de união que teria acalmado a agitação de sua vida.

Já o senhor Vilmar considera que enquanto estiver preso o Estado deve tomar o papel de seu pai e de sua mãe:

“...a partir da hora que a gente veio preso nós tamos na assistência do Estado, meu pai é o Estado, minha mãe é o Estado, tem que me dá tudo, é um perigo aí tá preso”.

O entrevistado identifica a figura tutelar do Estado à do pai, num contexto em que ele demonstra a violência do Estado e seus inúmeros

vícios. Em outro trecho de seu depoimento lembra-se de que o pai era cachaceiro e que ele batia em sua mãe, parecendo querer mostrar o vício do pai e a violência que ele praticava contra a sua mãe, para quem ele imagina ser o filho mais querido por ela. Justapondo essas duas falas percebemos como o entrevistado percebe o Estado tal como percebia o seu pai – pai e Estado são percebidos como entes viciados e violentos.

O senhor Andrade por sua vez diz que o pai o internou na FEBEM porque era malzinho – *“Ele me mandou prá cá devido (*) que ele era malzinho”*, diz ainda que não dava para conviver com o pai por causa de seu temperamento – *“O temperamento do meu pai, o temperamento dele não dava, não dava prá convivência, prá conviver junto (*)”*. O destemperamento e a maldade caracterizam a percepção do entrevistado sobre o pai.

Vício e violência, destemperamento e maldade, conflitos familiares, separações, dificuldades de relacionamento, são marcas características da infância desses dois homens.

O senhor Andrade declara a sua dificuldade para lembrar detalhes de sua infância, principalmente da época em que esteve internado na FEBEM, dizendo que o motivo disso é o de que:

“Na cadeia é sempre () assim... A idéia agora vai esquecida, subordinada à ordem, como é no caso aqui também, você fica subordinado à administração dos funcionários”*.

Diz ainda que na FEBEM também era da mesmo forma:

“Lá também é da mesma forma, tem seu horário, o horário de levantar, de recreação, de estudo, parte de trabalho, depois recolher ()”*.

E agora, na prisão, declara que o preso é a pessoa que está:

“dependendo de ordem, ordem da direção ()”//“sempre abaixo de ordem”*.

Não será essa ordem que subordina as idéias e a vida do senhor Andrade a causa do claro isomorfismo entre a experiência recordada na FEBEM e a experiência atualmente vivida na prisão? E não será essa a ordem que estrutura as semelhantes formas e conteúdos que são expressos, tanto nas referências sobre a infância quanto nas referências sobre a prisão?

Vejamos, as lembranças são caracterizadas por motivos de separação, falta de convívio, violência, desentendimentos, conflitos familiares; já, a experiência atual vivida na prisão, também é repleta de motivos semelhantes, tais como, a separação do interno do convívio social, a constante violência do ambiente, o conflitos ininterruptos, a falta de convivência mais íntima entre os prisioneiros.

Vício e violência lembrados pelo Sr. Vilmar, destemperamento e maldade lembrados pelo Sr. Andrade, são expressões comuns com as quais se caracteriza o ambiente carcerário.

Por exemplo, o senhor Vilmar e o senhor Deodoro que mais caracterizaram o ambiente carcerário durante as entrevistas, o descrevem como um ambiente povoado por paixões tristes e imagens de violência caracterizadas por: agitação; sorte; sacanagem; maldade; onde se corre risco de vida; onde deve-se ficar sempre alerta e esperto até na hora em que se está dormindo pois não se pode confiar em ninguém; é um lugar onde não há amigos, não existe nada de bom e é cheio de vícios. É o lugar do diabo, do cão, feito para criminosos, ladrões e viciados. Onde as pessoas são tratadas como coisas ou animais. Dominadas por uma ditadura e pelos mais bravos ou valentes. A prisão é o crime, a mãe do crime, e os presos são filhos do crime.

O ambiente carcerário parece se identificar com o poderio de uma exterioridade contingente que põe o indivíduo no estado de servidão. Ele parece ser percebido como um poder externo contingente, acidental, arbitrário, impetuoso, impiedoso, violento, constrangedor, e que exige a atenção contínua do indivíduo para não sucumbir de vez a ele. O ambiente carcerário parece ser percebido como Fortuna, o poder contingente e desagregador que domina a experiência da servidão humana.

No interior desse ambiente os entrevistados interpretam a imagem ou auto-imagem do prisioneiro como alguém que é ou está:

Privado da sociedade e da liberdade de locomoção e com os movimentos controlados pela rotina da prisão. Considera que o seu limite de liberdade vai apenas até o ponto de poder falar o que quer. Compara a liberdade de locomoção à saúde, e o seu impedimento à enfermidade que prende alguém ao leito de um hospital (Sr. Andrade);

Impedido de viver em sociedade, seja porque não merece ou porque está impedido disso. Considera que nem todos os prisioneiros são pessoas inúteis (Sr. Rogério);

Um desvalido (Sr. Lino);

Um perturbador da vida social que merece ficar preso por ter cometido um dano à sociedade, ou, quem sofre a continuidade da prisão após o término do prazo de seu cumprimento (Sr. Tinoco);

Um impotente para refrear suas ações danosas (Sr. Vilmar);

Cumprindo a punição da lei da Terra (Sr. Clodoaldo);

Perigoso, que necessita estar preso para ser regenerado e poder voltar comportado ao convívio social, isso, depois de ter sido modificado pelo sofrimento passado na prisão durante o seu tempo de reclusão, e ter se tornado uma pessoa bem comandada. É alguém que depois de algum tempo de prisão sente que seu mundo acabou, torna-se uma pessoa sem prestígio, sem valor, como um objeto descartável, discriminado mesmo quando está recuperado (Sr. Deodoro).

O inventário das impressões sobre a figura prisioneira nesse ambiente dominado pela violência e pelas paixões tristes, parece nos permitir afirmar que: **1)** É a imagem de alguém dominado por um poder externo (alienação, violência); **2)** É a imagem de alguém que se sente diminuído, impotente e impedido de fazer o que quer (fraqueza), e é obrigado a fazer o que não quer (contrariedade). Ou seja, é a imagem de quem experimenta as situações que caracterizam a servidão humana.

Enfim, a auto-imagem do prisioneiro parece ser a de quem está no estado de servidão, e sua percepção sobre o ambiente carcerário parece

identificar-se com a expressão do poder contingente, desagregador e exterior da Fortuna.

Essa correspondência manifestada pelos encarcerados, sobre o modo como percebem as afetações do ambiente carcerário, e sobre o modo como se sentem afetados por ele, parece poder nos dar condições para afirmar que, a ordem de determinação a influenciar os processos memorativos de nossos entrevistados, provavelmente será mais frequentemente caracterizada pela organização do fluxo da memória, em quadros expressivos de referência que denotem e conotem a existência do poder da Fortuna e da experiência da servidão humana.

Faremos agora um levantamento do inventário desses quadros representativos, resumindo o tema compreendido em cada um deles, e pedindo a gentileza de que o leitor acompanhe o texto completo no volume dois desse trabalho:

Sr. Andrade:

O senhor Andrade recorda-se dos tempos em que viveu interno em colégio interno (p.6) e na FEBEM (p.6); dos desenraizamentos na família com a separação dos pais (p.6,7), do pai (p.8), da cidade e da escola para fugir do pai (p.6, 7); solidão por viver sozinho (p.6); infância agitada (p.7); violência do pai (p.7); estar subordinado à ordem da FEBEM (p.8); estar subordinado ao tempo na vida como pescador (p.9); compara a agitação da cidade à estabilidade do mar (p.9); a falta de convivência na cidade e sua agitação; o destemperamento do pai (p.8); a exploração da costa brasileira por barcos estrangeiros (p.10); incapacidade de lembrar de experiências de convivência (p.10).

Nota-se: Internamentos; desenraizamentos; solidão; agitação; violência; subordinação; exploração; destemperamento; incapacidade para lembrar experiências de convívio pessoal.

Sr. Rogério:

Caracterização da imagens evocadas por diminutivos e caracterizando-as por sua simplicidade e carência, tais como, a simplicidade da terra natal (p.17), do sítio em que morava (p.18), o pequeno tamanho da cidade natal (p.17), sítio sem nome (p.18), sua auto-imagem de criança como pequenininho (p.17), a falta de recursos da cidade natal (p.17), a pobreza do lugar em que morava (p.18), falta do que contar d`uma vida de interior (p.16), idas e vindas São Paulo-Minas sem ser capaz de fixar-se em São Paulo e desejando fixar-se em Minas (p.17, 21), as cercas e as barreiras de montanhas rochosas que cercavam o sítio onde morava (p.18), impotência para lembrar (p.16), compara a vida da cidade e a do interior e diz que a da cidade é ruim porque não tem convivência, e é agitada com muita gente que não se conhece (p.19); solidão (p.20); tomado pela bebida que o fez cometer o seu crime (p.21).

Nota-se: Fraqueza material, do corpo e da alma; desenraizamentos; encarceramento; contrariedade; agitação e solidão.

Sr. Lino:

As imagens evocadas são: Falta do que contar d`uma vida de interior (p.30); a pobreza da cidade natal (p.30); a impossibilidade de fixar-se numa cidade tão pobre (p.30); a migração para São Paulo (p.30); a impotência para progredir (p.30); a falta de terra (p.30); a pobreza (p.30); a esperança de se aposentar (p.31); a dificuldade de se adaptar ao ritmo agitado de São Paulo (p.31); no interior não gostava de sair de sua rotina: roça-casa-roça-passeio ao rio (p.32, 39); não ia viajar longe porque era fraco de dinheiro (p.31); a barreira da montanha, dos rios, campos e das grandes distâncias que separavam o sítio da cidade (p.33-34-35); a moradia num lugar difícil para chegar e para sair (p.34); diz que em sua terra natal só tem gente pobre e sem terreno (p.34); dependência dos favores e mandos dos fazendeiros (p.34); a falta de recursos materiais e simbólicos que o confinam ao local sob o domínio dos fazendeiros (p.34); o trabalho

alienado aos fazendeiros (p.34, 35); a carência material que leva as crianças ao trabalho desde muito cedo (p.35); barreiras dos rios, da distância e das montanhosas que cercam o sítio (p.35); a falta de recursos da cidade (p.36); a fixação à mesma rotina (p.36); compara a convivência real no sítio com as ilusões da cidade (p.36); a migração para São Paulo (p.37); a moradia no *alojamentozinho* – dependência do empregador (p.37); a empresa em São Paulo que o levava de um lugar a outro para trabalhar – alienação e subserviência no trabalho (p.37); o trabalho na roça sob o mando dos fazendeiros (p.38); a necessidade de ir sempre conservando um pouquinho de dinheiro (p.38, 40); o sofrimento contínuo - a gente sofreu e sofre (p.38); distância da roça (p.39); trabalho pesado, sem registro – alugado pros outros (p.39); sempre na esperança de Deus ajudar (p.39); pensa em como voltar para o interior (p.39); pensa na felicidade anterior e na contradição atual (p.39); desconhece o que farão com ele (p.40); pobre nasceu assentado no chão - jogado (p.40); a criança pobre aceita o que tem (p.41); sente falta da união e da felicidade que existia entre as pessoas de sua terra (p.41); considera que a vida é um dilema, um drama medonho face as dificuldades para se viver (p.45); sempre teve que lutar muito para ter o básico (p.45); a subserviência aos mandos do patrão (p.45); vivendo sempre na esperança de Deus ajudar (p.45); a vida pesada do interior (p.45); o trabalho sem registro e alienado aos outros (p.45)

Nota-se: a fraqueza material, simbólica, do corpo e da alma e do local onde morava (fraqueza); a impotência para fixar-se onde deseja e fazer o que deseja, os dilemas (contrariedade); o desenraizamento; alimenta a esperança divina; a dificuldade de adaptação na cidade grande; o encarceramento dado pelas rotinas, longas distâncias e barreiras materiais e naturais que o encarceravam ao local onde morava; a dependência, subserviência, falta de direitos e alienação nas relações de trabalho (alienação); o sofrimento, medo (violência).

Sr. Tinoco:

Não teve regalias, brinquedos ou presentes (p.56); O pai era pobre (p.56); A confusão começou quando se separou da mulher (P.57); o pequeno tamanho da cidade (p.57); Pai morreu e não voltou mais (p.58); Não quer voltar à cidade natal e encontrar a esposa com outro (p.58); Discriminação contra o lutador de Box (p.58); Turma do faqueiro (p.59); Dificuldade para lembrar de um passado mais remoto (p.59); Pediu transferência para vir trabalhar em SP por + dinheiro (p.61); Caiu do prédio (p.67); Hospital mesma coisa que tivesse preso (p.68); A broca (p.68); Oficina (p.68); Lembra da prisão em SCS (p.78)

Nota-se: Carência material, confusão, temor de rever a terra onde morreu o pai e onde pode encontrar a mulher com outro homem, discriminação, violência, impotência para lembrar, associação entre a idéia de ficar imobilizado no leito do hospital e estar preso, a broca do hospital ou a serra da oficina parecem indicar um trato mecânico do corpo – um objeto em reparos, comparações entre a sua prisão anterior na cadeia pública e a atual.

Sr. Vilmar:

Diz que desde a infância sempre sofreu (p.83, 85, 86); sua vida começou a ser destruída com o pai que batia na família (p.83); a briga com a irmã e o irmão (p.83, 89); arrependimento por ter nascido (p.83); a saudade dos filhos que não vê a um ano (p.84); a sua pobreza (p.84); a lembrança de ter apanhado e de ter sido amarrado e acorrentado pelo pai (p.85, 86); o internamento no juizado de menores (p.85); as perversidades que o pai fazia com ele (p.85); os tiros que quase o mataram (p.86); o passado que o condena (p.86); a mulher o abandonou enquanto ele estava preso (p.86)

Nota-se: sofrimento, violência, desenraizamento, separações, fraqueza material, encarceramento, abandono, traição, arrependimento.

Sr. Deodoro:

(poucos dados pois perdemos parte da entrevista na gravação)

Lembra-se da mãe com a qual teve mais contato depois que o pai morreu (p.202)

Sr. Nestor:

Lembra da expulsão da mãe (p.183); da escola como uma prisão (p.184); de sempre ter respeitado a autoridade (p.184)

Nota-se: desenraizamento materno, sujeição a autoridade, da escola como um poder violento

Fora esse temas específicos que caracterizaram as principais vivências pessoais dos entrevistados, as entrevistas apresentaram também vários temas comuns, que não detalharemos aqui por não considerarmos de grande importância para a apreensão de nosso objeto de estudo, são eles:

01) Idéia de ir embora da prisão e os seus variantes:

- a) Está para sair;
- b) Está para sair mas está demorando;
- c) Deveria ter saído a muito tempo mas continua preso;
- d) Não sabe quando vai sair;

02) Planos futuros para quando sair da prisão;**03) As perdas que tiveram com a prisão;****04) As dificuldades de se recuperar o que foi perdido;****05) O preconceito que recairá sobre eles após a saída da prisão;****06) A preocupação com os familiares;****07) Esclarecem que não são culpados pelo delito;****08) Dizem que não são como os demais prisioneiros;****09) Dizem que já estão aptos ao convívio social;****10) Insistem em falarem sobre o caso que os condenou;****11) Ineficácia da justiça para dar andamento sobre o seu caso;**

- 12) A falta de informações sobre o seu processo;
- 13) Dificuldades para se viver no interior da prisão;

Há também temas ligados a paixões e sentimentos específicos, vividos pelos depoentes no presente ou no passado, tais como:

01) O abandono:

“Me encontro abandonado (chora)(S)()” (p.32)*

02) A desesperança:

“Que é como eu disse, eu já fui lá e já tô voltando, que a pessoa com cinquenta e oito anos, então ele, ele já não têm mais esperança de ir à frente. Então eu fico assim chateado. Acabou!” (p.52)

“Não acredito em mais nada! Tem muito preso que o cara tava muito dinheiro, paga um advogado e saí e não sei o que, mais eu não devo, eu não devo mais nada... [...]... eu já não acredito em mais nada” (p.156)

03) O medo:

“Toda rebelião eu fico prá dentro, não tem muita confiança de ficar nela, no meio dos outros” (p.27)

“A gente aqui sente pavor. Sente pavor porque eles não quer que... Às vezes... Que é a mesma coisa de, de, de chegar, como diz, numa caixa de, de abelha e cutucar...” (p.53)

“Aqui, aqui cê só vive com medo! Você sempre que... Medo. Até hoje (S). Muito! O medo a te acompanha do começo ao fim aqui dentro” (p.197)

“Comecei a rezar pra não morre que sabia que...” (p.142)

“Às vezes a gente passa horas de muita afrição qui dentro quando tem uma rebelião. Mas não posso fazê nada, quieto no meu cantinho entrego só a Deus () (S)” (p.31)*

“E assim vai indo na vida (suspira) (S) (). Tem um dilema medonho... (*) (S)” (p.45)*

“Graças a Deus eu tenho medo! Escondendo no meu cantinho e fico lá. Graças a Deus. Deus me ajudando eles não me aborrece. Rogo a Jesus também e pronto né?” (p.47)

“Então eu não vou mais lá porque aqui eu sou único né? Lá dentro são um punhado né meu? Aí vai contra mim” (p.77)

“Agora, aqui não! Vou pensá no quê? Não dá! Não entra! Sei lá, o próprio medo de carregar acho que não deixa” (p.99)

04) A esperança:

“A luta da pessoa daqui é a de sempre, de tá na esperança de ir embora, ela só quer ir embora” (p.12)

“Eu gostaria de rever... (S). De rever a minha vida simples. A minha vida que eu levava na rua. Gostaria de rever essa vida de novo. Sair logo daqui e viver a minha vida que eu vivia” (p.21)

“Mas é isso mesmo. Só fica na esperança. Como diz, a esperança é, como diz, é a última que morre né? Esperando vai melhorar, vai melhorar, mas alcançar aquela esperança mesmo... Ah, quem dá esperança é Deus... (S)” (p.45)

“E se Deus quiser eu... levo o resto da vida assim, trabalhando!” (p.56)

“E ficar aqui até o dia de ir embora e pedir a Deus prá não voltar mais... (S). E viver bem na rua. Isso!(S)” (p.81)

“Tem esperança de reverter o quadro né? Que esperança é a última que morre. A gente ainda tem esperança”(p.94)

“Vou trabalhar em São Paulo! Vo, voou pegar e vou ficar novo de novo! Ahm, tu é... Vai tudo de novo. Nem que eu passá fome em São Paulo aí sabe?” (p.147)

“Um dia vão mandar eu... Isso aqui não é pra toda vida, ninguém nasceu aqui né?” (p.152)

“Uma coisa alguém vai resolver eu sei que vai isso. Alguém vai resolver o meu caso sabe?” (p.177)

“Eu, com a minha idade, com mais cinco..., pretendo trabalhá mais uns trinta...” (p.183)

“Porque não é fácil, mas eu consigo, minha mãe conseguiu (), eu vou tê que construir um negócio na baixada” (p.186)*

05) Tristeza:

“É o meu pensamento dia e noite né? Di isso, olho pro mundo todo e não vejo nada (), e cada vez que a gente alembra vê só tristeza, unindo e unindo mais prá perto da gente” (p.33)*

“E a minha tristeza é essa. A minha tristeza é essa que peleja até prá dormir. Cadê? Nada! Volta aqui e nada... É de tá nisso... (). E pergunto prá mim mesmo, por que? Aí eu não me encontro...” (p.46)*

“Então isto que eu digo, a solidão, a tristeza... Tristeza que é, como diz, o sujeito como é que se diz, viu a morte com os olhos né? É um sujeito aí...” (p.53)

“É triste! Depois de um ano que eu não vejo meus filhos (). Um ano que eu não vejo meus filhos... (*)” (p.84)*

“Aqui agora () eu nunca esperava que... É uma coisa que machuca a gente... Às vezes a gente tá sozinho mais... (*) Queria, queria uma chance primeiro...” (p.183)*

“Me machuca lembrar” (p.189)

06) A raiva:

“O cara fica atacado como uma pessoa que te faz uma raiva, cara de mau humor, bate na sua cara e ele quer descontá porque cria aquela raiva que joga ela assim mesmo já... (S). Ainda tem dia que é diferente porque se revolta sozinho. O monte de gente é revoltado... (). Se um cara te batê fica aí é revoltado por causa do ambiente aonde você se encontra ali. Que aquele ambiente já deixa você agitado, você fica nervoso, já tá com vontade de começá no meio dos outros, já fica nervoso só vendo né? Só de você tá aqui cê parece outro... (*) O sangue já ferve, você fica isso... (*) (S)” (p.214)*

07) A desconfiança:

“A estória da minha vida não dá prá conta muito aí dentro, só prá algumas pessoa que tá no X que a gente pode confiar neles” (p.28)

“Eu não confio praticamente em político” (p.72)

Desconfiança com relação à honestidade do poder público
(p.191)

“Hoje, hoje que acho que ele tá com a ficha suja, não tem, não sei, nunca..., ele não consegue cagá... (ri). Aumentou dobro com dívida né?” (p.195)

“Cê tem um corpo que você na cadeia tá..., tá sempre esperto. Que às vezes tá no crime (). Cê entendeu? Aí cê..., Cê não pode confiar em ninguém entendeu?” (p.205)*

“Só que é naquele negócio, é que eu fico esperto, ninguém sabe o que vai dizer da gente. Tem cara que também tá, coisa, falando com você, mas ele tá na maior máfia” (p.209)

08) Insegurança:

“Aqui dentro, prá gente, prá mim é um sofrimento, na rebelião mais ainda porque a gente fica preocupado se vai sair com vida ou não” (p.27)

“E o pavor que o sujeito sente aquela hora? Aquelas pessoas endiabradas né?” (p.53)

“Também a gente só leva curriado. Se um pega te empurrar aí vem o outro () batê, e aí é o fim, no outro dia você tá arreventado, tudo quebrado sabe? Então cê não pode falar quem foi. É, e se morrer também não têm... Tem perigoso que com muita gente não pode mais prender né?” (p.77)*

“Pôxa cê corre mais risco aqui dentro do que na rua. O risco aqui é pior do que na rua” (p.95)

09) Arrependimento:

“()(S) Estudar é bom! Hoje, hoje a pessoa precisa estudar muito (S). Profissão muita tem que estudar muito. E eu me arrependi. Hoje*

era pra tá ganhando uma fera, eu parei fazê curso, me arrependi de sair () (S)” (p.188)*

“Fiz maior erro sabe? Também eu fiz um erro né? Aí que ela falou pra mim...” (p.146)

“Sei lá, eu acho que nunca é tarde pra se arrepender né? E tô arrependido de um montão de coisa, eu tô arrependido até de ter nascido” (p.83)

“Se eu soubesse que acontece isso eu não tinha nem feito isso aí, nem bebido ()” (p.26)*

10) Baixa auto-estima:

“...no meu pensamento, preso ele é um desvalido” (p.50)

“Sabe, eu era caipira do mato, eu era caipira! Lugar de maleiro, ladrão, não sabia nada disso, não sabe o que era da..., do coitado do mato né?” (p.134)

“Ah! Eu sempre fui criado...() (suspira). Mas pra mim não sei o que dizer nada. Já desde criança eu não fazia nada, eu era pequeno..” (p.204)*

Sobre o preso: *“Pra mim ele é uma pessoa sem valor pra nada” (p.218)*

11) Fraqueza material, simbólica e do corpo-mente:

“Não sei dizer assim o que foi aproveitado”(p.6)

“...a gente não entende nada disso aí não” (p.22)

“...que como eu contei, sou um pobre, pobre. Sinto até emoção (S)()” (p.30)*

“Deus me ajudasse com aquele direitozinho que a gente tem” (p.31)

“Viver é muito peso prá gente...(S)” (p.70)

“Eu tô com a cabeça ruim também, assim...” (p.197)

“Eu também não tenho estudo, não tenho nada, só fiz o primário de, na, na escola o quarto ano” (p.73)

12) Culpa:

“...quem tá aqui é porque fez alguma coisa que prejudicou a sociedade. Eu tô aqui pagando”(p.26)

“...eu tenho que... pagar por aquilo que eu fiz” (p.74)

13) Desespero:

“Minha idade, tá ruim porque sou pobre, perdi tudo isso aí, não foi brincadeira, seis anos que eu sou preso..., perdi tudo, mas não faz mal (chora e suspira)..” (p.160)

“Aqui, cada semana eu vejo, eu fico aqui, parece que tá passando um ano. Parece que nunca chega. Aquele desespero um dia prá ir embora...” (p.78)

Nos parece possível observar como os quadros memoriosos evocados pelos entrevistados, e as paixões e sentimentos que mais frequentemente são vividos por eles no cotidiano do ambiente carcerário, correspondem àqueles que pertencem ao universo da experiência da servidão humana. São quadros de referência caracterizados pela alienação, violência, contrariedade, fraqueza, desenraizamento e encarceramento,

acompanhados por paixões tristes que também acompanham suas experiências atuais.

O ponto de partida dos depoimentos...

Além dessas caracterizações do fluxo narrativo de nossos depoentes apreendidos sob a forma de quadros de referências, pudemos apreender também algumas formas de estruturação do fluxo do discurso que nos pareceram ser sinais de controle da ansiedade do entrevistado, frente ao trabalho narrativo que despertava-lhe emoções mais intensas.

Nessa estruturação chamou-nos a atenção principalmente o formato do momento inicial de cada entrevista. Por exemplo, costumam dizer que não lembram de suas histórias de vida, ou que não há o que dizer, ou que é difícil de se lembrarem. Exemplos:

O Sr. Andrade diz que é complicado lembrar de sua vida porque ela foi um tanto agitada já que não conviveu com os pais, principalmente com a sua **mãe** (lembranças tristes que ele prefere esquecer); o Sr. Rogério e o Sr. Lino, ambos da região do Vale do Jequetinhonha - MG, consideram que como eles viveram a “*vida de interior*” (sinônimo de estabilidade para eles), então eles não tem o que contar porque sempre seguiram a mesma rotina; O Sr. Tinoco espanta-se com a idéia de voltar às recordações de sua infância; O Sr. Vilmar diz não lembrar-se da infância (prefere não recordar os maus tratos do pai), e logo após lembra-se dos maus tratos que seu pai aplicava em sua **mãe**; o Sr. Nestor lembra-se da expulsão de sua **mãe**; O Sr. Deodoro recorda-se imediatamente da **mãe** com a qual voltou a ter contato a poucos anos atrás, depois dela ter-se mudado para São Paulo após a morte de seu pai, e diz que foi então que teve contato com a **mãe**; O Sr. Clodoaldo embaralha-se com a pergunta, e desencadeia uma série de perguntas a si mesmo sobre a

sua origem, onde e como nasceu, onde morou e quando se lembra da casa onde morou.

Repare-se na quantidade de vezes em que os entrevistados recordam-se da mãe. Perguntar sobre a história de vida parece remetê-los imediatamente à origem materna.

Para alguns, como Rogério, Lino ou Tinoco, não há qualquer problema em evocar as suas mães, mas não o fazem, talvez porque elas só lhes tragam recordações alegres, e tenham permeado de tal modo as suas vidas que elas não apareçam em suas recordações como focos de tensão para a atenção súbita da consciência, estão integradas à alma deles – eles dizem não terem o que dizer talvez porque não considerem épicos os momentos vividos no passado.

Por outro lado, esses entrevistados ao longo dos depoimentos acabaram por trazer à tona um pouco do passado, e revelaram muitas saudades do tempo de criança. Talvez a dificuldade inicial de recordar seja o momento presente que vivem – lembrar de momentos alegres em meio a um ambiente triste talvez lhes traga dor, e por isso talvez também digam que não há muito o que contar. Teríamos aqui um caso de lembranças alegres impedidas pela idéia de que a sua recordação pode trazer a tristeza?

Já, no caso de Andrade, Vilmar, Nestor e Deodoro, todos eles evocam as suas mães em contextos onde algo as afligiu, e têm então imagens tristes envolvidas com essas recordações, é gerado um foco de atenção em sua mente sobre a cena que violenta o ente querido, resultado: ansiedade, angústia e fuga do foco de atenção - dizem não recordar o passado ou imediatamente remetem o discurso para longe do passado. Não teríamos aqui um caso de interdição a uma lembrança triste?

As idéias que interditam as lembranças nos dois casos serão calculadas pela mente apenas no presente? Ou será que a mente já conservou o resultado do cálculo e simplesmente o reaplicou à medida do mesmo objeto? Nesse segundo caso não estaríamos diante de uma memória encarcerada?

Os dados que analisaremos à frente fazem-nos pensar de que esse é o caso, consideramos que a rotina do ambiente carcerário os põe de

tal modo em alerta sobre aquilo que pensam, imaginam ou lembram que, então, a idéia reguladora associada a essas lembranças, para impedir a perturbação do conatus, acaba por se associar enquanto lembrança numa composição com elas, pois, diuturnamente ela deve ser aplicada a casos semelhantes.

É proibido conviver...

O senhor Andrade diz não ter muito o que dizer sobre experiências de convívio com outras pessoas ao longo de sua vida – “... *de convivência não tem o que dizer*”, afinal, como ele já havia nos dito, após a sua separação do pai por volta dos quatorze anos, e com o qual também já não conseguia conviver, disse que, “*Daí prá frente fui convivendo sempre sozinho (*)*. Até a atualidade – sempre sozinho...!”.

A atualidade do senhor Andrade é a prisão, onde já se encontra a dois anos e três meses, e onde, “*Só não dá prá ficar perguntando sobre a vida um do outro. Não dá porque daí é o lance que dá (*)*. Não cai nesse detalhe aqui. Só às vezes. O que interessa prá pessoa aqui é coisa rápida. Não se prolonga conversa muito aberta”, ou seja, ele continua a ter que *conviver sozinho*, ou melhor, o senhor Andrade nos propõe um oxímoro, o conviver que deveria ser um viver com o outro, é traduzido como um viver consigo mesmo, a alteridade é a sua própria identidade, o seu viver é vivido consigo mesmo – *sempre sozinho*.

Isola-se sobre si mesmo impedindo qualquer nexo de relações com o mundo exterior – imagina-se como uma coisa finita separada do real, portanto uma coisa que pode ser limitada por outras de mesma natureza.

Daí, talvez, tenhamos um gancho para compreendermos a organização tautológica da lei da malandragem “*polícia é polícia, ladrão é ladrão*”, onde sujeito e predicado se identificam.

Para alguém que não tem a experiência viva da alteridade, que não pode *con-viver*, que só pode voltar-se sobre si mesmo, não é possível

perceber as qualidades singulares de outras pessoas, ou, se as descobrir deve calar sobre elas para não gerar desconfianças, o que resulta numa falta de intercâmbio e de interpretação e percepção das qualidades singulares das pessoas com as quais convive, de onde, tomada a generalidade dessa atitude por todos os encarcerados, resulta a generalização da idéia que torna plano o ser de cada um deles – *ladrão é ladrão*.

O castelo...

Essa experiência de auto-isolamento talvez também nos faça compreender um pouco da experiência do *castelo*, que os encarcerados costumam relatar com tanta frequência.

A experiência do castelo diz respeito aos momentos em que o encarcerado se refugia num canto da cela, e se recolhe ao interior de si mesmo à fim de distanciar-se um tanto da realidade do ambiente carcerário, de tal maneira que possa desfrutar de pensamentos, sonhos ou lembranças daquilo que já realizou ou que gostaria de vir a realizar, e que são idéias ora marcadas por paixões mais alegres ligadas aos entes queridos, ou aos projetos futuros de vida, ou a boas recordações, etc., ora marcadas por paixões tristes ligadas às dificuldades que a família pode estar enfrentando, a meditação sobre a perda de sua vida enquanto está preso, etc..

Num livro escrito em 1923, “Horas de Prisão” (p.17), vemos o jornalista José Gonçalves Maia, prisioneiro político em Pernambuco por opor-se ao governo de Floriano Peixoto, descrever essa experiência do castelo da seguinte maneira:

“Há uma hora, nas prisões, em que, como a bordo, o pensamento divaga dentro da alma de cada um, transformada num verdadeiro jardim secreto, segundo a expressão de um grande romancista francês. E, como jardineiro, assim vai o pensamento, de canteiro em canteiro, colhendo uma flôr aqui, outra acolá, viva como o presente, ou

murcha como o passado, aspirando-lhes o perfume, livre, despreocupadamente, esquecida de si próprio.

É a hora da saudade, que o sol tinge com as côres agonizantes do crepúsculo. É a hora da Ave Maria, as seis horas da tarde, a hora que Tourgueneff chamou “a hora psicológica” e que êle, prisioneiro, chamava a “hora branca”, plástica, pronta a tôdas as receptividades”.

A hora branca é a hora do puro devaneio, hora de fruir a menor modificação da alma, momento de extrema sensibilidade a si mesmo, de apreensão da mais fugaz imagem de intimidade, é um fruir a si mesmo internamente, é um momento de escassa mas vital liberdade em meio ao ambiente que pode machucar essa vivência, é a alma deleitando-se consigo mesma e à sua intimidade vivida ou sonhada.

Não é a mesma experiência vivida pelo senhor Andrade que *convive sozinho consigo mesmo* porque não pode trocar idéias com outros prisioneiros, a experiência do castelo é a experiência de um mergulho temporário à tranquilidade de sua própria alma, protegido das tensões que o cercam através de um distanciamento físico e mental do mesmo.

Waldemar Tebaldi no livro “Entre a Cela e o Céu” (p.73), prisioneiro político do Regime Militar da década de 70, na cidade de Americana-SP, descreve assim uma experiência de *castelo*, logo após uma invasão súbita de idéias das contingências exteriores:

“Sentia-me ali deitado naquele beliche, como aquele velho desprezado, ferido no corpo e na alma, com a diferença de que eu ainda não havia perdido a memória, infelizmente. Aflito como aquele caçador perdido na mata sem arma e sem cachorro, onde todos os caminhos são iguais, sem nenhuma perspectiva de uma saída para um novo encontro com a vida; estava muito mais perdido porque ali não havia nem o sol e nem as estrelas que servem de referência ao caçador. Ali havia sombra e feras, feras muito perigosas...”.

Waldemar não consegue livrar-se das recordações que o afligem, que o faz comparar a situação atual real com o tempo vivido anteriormente fora da prisão - a memória flagela a sua alma. O poder da exterioridade contingente também o domina, e ele torna-se incapaz de organizar a sua percepção num lugar dominado pela obscuridade das sombras e pelo enigmático e impulsivo comportamento das feras.

Waldemar revela a violência do ambiente e a sua passividade em seu interior, mas a memória recorda-lhe que nem sempre esteve sob sujeição, e que antes podia ordenar o seu mundo, recorda-lhe que não estava perdido e desprezado como agora, e por isso ele sofre, e preferia não recordar.

Dostoiévski, preso por quatro anos na Sibéria, *“no meio da estepe, de montanhas e de bosques impenetráveis”*, tomou nota das experiências que teve durante esse período de confinamento, e publicou-as em seu livro *“Lembranças da Casa do Mortos”*, publicado em 1860. Vejamos como Dostoiévski sentiu a experiência do *castelo*:

“O ambiente era pesado e fedorento. Há algum que não pode dormir, endireita-se e fica sentado hora e meia na cama, inclinando a cabeça com o gorro de dormir, como se meditasse. Uma pessoa fica olhando para ele uma hora, esforçando-se por adivinhar em que estará ele pensando, com o fim de matar também o tempo de qualquer maneira. E então põe-se a sonhar, a recordar o passado, e surgem quadros amplos e brilhantes, evocados pela fantasia; e recordam-se pormenores que, noutro tempo, não teríamos recordado nem nos teriam causado tanta impressão como agora. E depois começa-se a pensar no futuro: “Como se sairá do presídio? Para onde ir, depois? Quando será isso? Ao sair, encontrar-se-á alguém de família?” Uma pessoa pensa e repensa e a esperança nasce na sua alma. Mas outras vezes põe-se simplesmente a contar: “Um, dois, três, etc., com a única intenção de ver se assim adormece. Eu, às vezes, contava até três mil e não adormecia. Mas eis que alguém se volta para o outro lado e a cama range. Ustiântsev tosse, com a sua tosse cheia de expectoração, de tísico; depois, solta um débil gemendo e diz sempre:

“Senhor, pequei!” E é terrível ouvir essa voz doente, enfraquecida e surda, no meio do silêncio absoluto”.(p. 481).

O senhor Andrade descreve uma dessas experiências de *castelo*:

“Quando uma pessoa tem aquele momento de distração, aí vai totalmente daqui prá fora. É como se vai lembrar de algumas coisas que foi deixado. Assim... quase como a mesma coisa que foi quase visitá-las. Você vê a pessoa. Às vez a pessoa se isola um pouco, se isola um pouco, então faz aquele tipo de meditação. Às vezes a pessoa quando tá assim, vai lá um outro quando vai procurar ele, então a gente fala até que ela já tá dormindo que é prá pessoa não perturbar o outro. A pessoa tá com o pensamento lá fora (), a pessoa faz o castelo, fica invisível (*)”.*

Veja-se a semelhança de experiências vividas pelo senhor Andrade e por Dostoiévski, um século depois, separados por milhares de quilômetros, distanciados pela cultura e pela história, e ainda assim descrevem as suas experiência como se ambos estivessem juntos, presentes um ao outro, fixando o olhar sobre a mesma cena. O que será que garante a universalidade dessa experiência? A experiência da servidão humana?

Veja-se também o momento de solidariedade quando os companheiros de cela compreendem que o companheiro está se enxertando a algo vital – eles guardam, vigiam, velam pelo companheiro que viaja para fora dali, é como se reconhecessem nessa experiência um momento de contato com o sagrado. O senhor Andrade diz também que:

“No castelo a gente sente assim como se estivesse afim de morrer naquele momento, naquele lugar, ou, participando de alguma coisa, de algum lazer ou de alguma coisa, naquele momento que a pessoa..., que a gente tá concentrado naquilo”.

O senhor Andrade sente o castelo como um momento em que ele pode estagnar (morrer), ou seja, ficar livre das tensões e repousar num estado de profundo equilíbrio, longe das afetações do mundo externo – sente-se invisível, ou seja, não observável pelo olhar exterior do poder: O castelo é a defesa contra o panóptico e a Fortuna.

O Sr. Andrade sente também que pode participar de alguma coisa, ou seja, o castelo que necessita do mais absoluto isolamento e separação do ambiente, dá-lhe a sensação de estar unido, ligado a algo, ou seja, sente-se relacionado, enraizado a alguma coisa, talvez o castelo una os seus fragmentos temporariamente e dê-lhe a sensação de uma ordem psíquica dotada da idéia de uma maior autonomia.

O castelo parece funcionar como um poderoso sistema defensivo e de segurança contra as tensões vividas no ambiente carcerário, é a fortaleza mesma da alma que ele representa, nele, a imagem compensa a real fraqueza de quem está sujeito a poderosas forças desagregadoras, oferecendo um alívio temporário e imediato.

Mas o senhor Andrade adverte que não é bom ficar muito tempo no castelo, ele diz, “*o melhorzinho é um pouco*”, e explica, “*assim não força muito*”. Não forçar o que? “*a esperança de ir embora*” contra a constatação da impossibilidade real de sair, a idéia de que um recurso poderá diminuir o tempo da pena contra a idéia de que o sistema judiciário não funciona, o desejo de estar com amigos e parentes contra a idéia que não poderá fazê-lo, etc., enfim, não forçar idéias queridas ou desejadas contra barreiras muito poderosas, sólidas, barreiras materiais, simbólicas, institucionais, de cujas idéias se formam novas barreiras ao seu espontâneo lembrar, sonhar e pensar. Como diz também o senhor Vilmar:

“... *eu saio um pouco do ar, se eu saio um pouquinho daqui de dentro, pelo menos na cabeça, e há momentos que você sai né? Cê sai! Há momentos que cê sai daqui. Eu já sai umas par de vez daqui. Vou, paro em casa, vou pará lá na casa da minha mulher, eu vou pará na casa da minha mãe, mas na mente. Mas de repente, quando você tá querendo sai daqui na mente, prá cê chegá até sua casa, pra fazê um pensamento, já vem um e*

corta sabe? Já vem, “oh...”, ‘E não sei o quê’. Já vem novamente o crime, em torno do crime ()”.*

As únicas vezes em que o senhor Vilmar saiu de seu pavilhão foram as vezes em que veio nos encontrar para a entrevista. Impressionante constatar a força coercitiva não apenas daquelas barreiras impostas pela própria realidade da instituição, como também as barreiras impostas pela própria ordem de convívio entre os prisioneiros, ordem que aflige, afeta e se impõe ao desejo individual. Não é possível o refúgio, as celas estão abertas, não há como evitar a perturbação repentina. O senhor Vilmar completa dizendo que:

“Então até o lugar... Até pro cê fazê um castelo né? Como se diz, fazê um castelo... É, tipo um castelo de areia, um castelo que cê começa fazê ele assim, vai, vai, vai..., quando cê tá quase atingindo, desmorona! Cai tudo! E não dá pra você limpá. Fazê uma (), uma viagem vital assim é difícil. É difícil por que perde (*) (S)”.*

Frágeis são as barreiras psicológicas e físicas que o senhor Vilmar pode impor às afetações do meio que o circunda, seu castelo que deveria ser sinônimo da força de seu conatus, fortificação de um poder soberano sobre si mesmo, é derrubado como um castelo de areia.

O alívio que fora conseguido às custas do isolamento e da concentração sobre si mesmo, é perturbado pelas determinações exteriores do ambiente carcerário que mitigam ainda mais a sua vital necessidade de poder lembrar, sonhar, devanear.

O ambiente abala, fragmenta as suas estruturas internas, desmorona-as, e por fim, sequer pode desvencilhar-se dos escombros que restam, tem que conviver com eles, assim como nós não podíamos desvencilhar-nos dos escombros das paredes e teto desmoronados, onde pisávamos e sentávamos em cima de tijolos enquanto conversávamos.

Como o senhor Vilmar costuma dizer, “o ambiente é carregado”, e diante dos seus ataques ele diz que, “às vezes precisa ser até

ruim, até rígido pra não sofrer certas coisas sabe?”. É preciso tornar mais firmes as suas fronteiras psíquicas e físicas para não sofrer ainda mais.

Como é isso no caso da experiência de derrubada de seu castelo ou das recordações mais cotidianas que lhe vêm à cabeça? Diante dessa experiência de impotência e de fragmentação, o senhor Vilmar revela que é melhor “*cair na real*”, pois:

“Você tá aqui na real, a melhor coisa que tem é você estar na real, a melhor coisa que tem... Você se salva uma vez só sabe? A real minha pra que é estar na cadeia. Se eu ficá pensando na minha mãe, na minha mulher, no meus filhos, eu tô me martirizando, tô tirando duas, tirando duas..., o sofrimento psicológico e o sofrimento normal que se tá acontecendo aí né? Seu dia-a-dia que está passando. Então, por isso que eu acho que às vez muitos presos não pensa. Talvez fazê um, uma reflexão assim da, da (), do passado, do passado. Olhando pra frente, eu não sei se eu espero... O passado da gente não é tudo (*)! O passado é tudo negativo.”*.

Três motivos para não recordar o passado descritos pelo senhor Vilmar, o abalo sofrido pelas circunstâncias exteriores que afligem o memorioso, os martírios devidos às lembranças alegres que não encontram continente no presente, e as recordações tristes que se somam à tristeza atual.

Há duas qualidades afetivas nessas memórias, as relativas às paixões tristes e as relativas às paixões alegres. As tristes são formadas pelas imagens das afecções corporais que diminuem o conatus, ou, pelas imagens das afecções corporais que aumentam o conatus mas que estão ligadas a idéias de que o seu deleite duradouro pode ser causa de alguma afecção triste ainda maior, o que leva a mente a querer excluí-la, afastá-la, isolá-la, negá-la, enfim, controlá-la para que não aflija ainda mais o seu estado atual e diminua o seu conatus.

Como isso é feito? A mente imagina ou lembra de outras coisas que possam exercer esse controle sobre a lembrança triste, de tal maneira

que, controlada, fique impedida de diminuir o conatus corpo-mente. O senhor Vilmar tem a lembrança de que muitas vezes ficou triste ao desfrutar o castelo, e daí lembra-se de que:

“Então, às vez sai da, da... Fico me olhando, meu corpo fica aqui mais minha mente vai pará lá na em casa, vejo os meus moleques, vejo as minhas crianças, vejo a minha casa como é que é, tudo na mente, vejo tudo ali. Ao mesmo tempo penso no que fiz comigo, como é que eu sou burro. Eu tô no martírio já! Isso aí é martírio! É tá se martirizando, tá saindo da, da real aqui pra ir na mentalidade de você ir lá na sua casa. É uma coisa boa que cê sente até..., às vez até prazer daqui, a mais depois se vocês for pensá, “Pô, como eu mesmo tô numa desgraça”, “Cê tá dentro da real”, “Cê está preso!”. Então a real é a pior sorte, cê tá preso!”.

A memória encarcerada...

O senhor Vilmar apresenta um exemplo disso que estamos chamando de memória encarcerada e memória encarcerante:

“Até no pensamento! É um negócio de passado, o senhor começa a pensá aqui, senhor tá preso o senhor começa a pensá, daí um minutinho, dois minutinho que o senhor se concentra, a gente tá pensando, daí, de repente, dá um branco aqui, você pensa nessa situação, ‘Pôxa rapaz, tava agora mesmo pensando na minha família, tava lá em casa, tava tomando uma cervejinha, tava tomando uma guaraná ou tava almoçando com a família, que vem esses lances?’. Isso aí vem na mente da gente, a gente pensa, mas de repente você..., isso dá um branco no cê. Eu penso quanto que eu sô burro”.

A memória encarcerada, repleta de lembranças alegres, é imediatamente tomada pela recordação da idéia de que a situação vivida

atualmente não comporta esse tipo de lembranças. Vilmar por duas vezes diz que a idéia repressora chega de repente e impede imediatamente a continuidade da recordação, e em seguida, sua mente interpreta a sua impotência por não ter impedido esse acontecimento com maior antecedência, com um julgamento negativo sobre si mesmo “*eu sô burro*”.

Chapar...

É muito comum os prisioneiros falarem de um certo estado de perturbação mental, caracterizado pela incapacidade de continuarem a se relacionar com os demais prisioneiros após uma intensa e/ou excessiva meditação sobre a condição atual que vivem, a perda de esperança quanto ao futuro ou a idéia de que toda a sua vida não valeu a pena, a impossibilidade de retorno aos entes queridos, a excessiva preocupação com eles ou com outras coisas importantes para ele.

Nesses casos o prisioneiro costuma isolar-se dos demais, fica deitado sem se comunicar com outras pessoas, não dá mais atenção para a higiene pessoal ou para a sua alimentação, acaba sendo transferido para o seguro onde outros prisioneiros acabam dando algum auxílio a ele, e muitas vezes, nessas situações, acaba sendo transferido para o manicômio judiciário e, em casos extremos suicida-se ali mesmo. O senhor Deodoro nos esclarece um pouco sobre essa situação:

“Chapá é o cara perder o a... A gente entra aí fica doido... Não é... Chapado é o cara pegar ele fica doido. Aqui fala chapá!”

“No chapá o estado de nervo que o cara fica é::...(). Não tem mais estrutura nenhum, o cara fica só... Põe aquilo na cabeça que não vai mais na rua entendeu? Ele nunca mais vai poder ver a família entendeu? Se tem uns que tem visita, outros não tem, não tem parentes, não tem ninguém, advogado. Sem fazê um manual, fazê uma coisa de dia, ele vai...”*

A prevenção que Deodoro conhece para esses casos é a existência de visitas de amigos e parentes, uma assistência jurídica, e uma “*cabeça mais no lugar*”, ou, como ele mesmo diz:

“O cara tem que ter boa memória. Ser um cara, um cara inteligente, um cara que tem o cérebro no lugar. Aquele cara que tá com a memória boa ele tá consciente daquilo que ele tá fazendo, o que ele vai fazê, ou o que ele deixou de fazê. Se ele não tiver mexendo com cara esperto ele... Se ele se largar, ele vai chapá, fica doido”

O senhor Andrade também tem o que dizer sobre o *chapar*:

“A pessoa aqui geralmente fica e pensa mais na família. A família e a condição que a família tá passando ou conforme ele a deixou e a situação que ele tá sujeito. Fica lembrando como eles entraram no início da prisão e depois d`um tempo que for determinado qualquer. Aí, às vez tem uns que tem paciência prá ficar com alguns outros. Se a pessoa não for de mente boa ele endoida, fica chapado, é quando a pessoa endoida e já começa a ficar fraco mentalmente.

Acho que isso acontece devido a preocupação que ele passa a ter. Fica pensando na família, na situação dele. Mais na família mesmo é onde passa a maior preocupação. Conforme o temperamento dele, e já de uma hora prá outra, sem ao menos esperar, você tá vendo a pessoa diferente, ela passa a esquecer das coisas, já não dá atenção e coisa assim, fala baixo, aí já se fala, “Ohhh esse aí já, já vai facilitar”. Uns fica assim poucos dias, outros já se recai por completo. Tem gente assim aqui dentro, e outros que chegam de fora. Chega assim, a gente já sente que chega com esse tipo de problema()”*

A lembrança de como a pessoa entrou na prisão e de como ela está atualmente marcam bem a preocupação com a desfiguração da auto-imagem. Constatada a desfiguração e incapaz de encontrar meios de recuperá-la, a pessoa toma consciência de sua impotência mental. A causa

dessa figuração da auto-imagem vai sendo apontada pelos desenraizamentos a que o prisioneiro é submetido, e pela submissão de sua vontade solitária ao poder das determinações exteriores.

A entrada na prisão já foi uma transição brusca a romper a sua passagem de um modo de vida a outro, a seguir, a ordem interna da instituição vai condicionar as relações que conseguir conservar, terá dias e horários de visita, não poderá telefonar, etc., com os demais prisioneiros já vimos como é difícil estabelecer contatos de maior intimidade, com os poucos contatos que conserva no mundo exterior estará sempre com medo de perder os seus vínculos - dia da visita, a espera, o visitante não vem, a angústia, a sensação de abandono.

Quando menos espera sofre uma recaída, sente o isolamento e a violência de todo o aparelho a recair sobre a sua pessoa, perde os seus contornos, não há referências para eles, o rolo compressor da lei da malandragem faz os últimos acabamentos, pronto, está chapado, não houve como resistir, todos os laços que prendiam e compunham as partes de sua auto-imagem são apagadas ou desfiguradas, que fazer para ser mais forte? Como manter relações humanas onde haja trocas de qualidades significativas entre elas, capazes de alimentarem a alma num ambiente marcado pela desconfiança, o medo e a insegurança?

A pressão prisioneira...

Vilmar nos contou o caso de um homem que foi preso, acusado por uma mulher de ter abusado sexualmente de sua filha (uma menina), quando esta foi ao seu armazém, e o fato de que isso foi uma mentira (depois descoberta) usada pela mãe (confirmada depois pela filha), que obrigou a filha a contar para as autoridades policiais que ele abusava sexualmente dela, pois, a mãe queri punir esse dono de armazém que não queria mais deixá-la fazer compras a fiado.

Acusado de estupro, o dono do armazém foi preso e começou a sofrer as ameaças dos demais presos que não gostam desse tipo de crime, o resultado é que cerca de quatro ou cinco dias após a sua prisão, esse dono do armazém suicidou-se sob a pressão dos prisioneiros que o ameaçavam, enforcando-se com um cobertor. Veja-se nesse exemplo o poder destruidor do ambiente carcerário sobre a personalidade dos encarcerados.

O ódio aos estupradores é uma constante nas prisões, o motivo alegado para isso é a associação da imagem do estuprador à proximidade com as visitas femininas dos demais prisioneiros, estes temem a possibilidade de que o estuprador se aproxime de suas namoradas, esposas, mães, filhas, como se essa aproximação representasse uma ameaça de estupro a elas ou uma contaminação de seu olhar sobre elas.

A visita da esposa, namorada, mãe, filha é imprescindível para o prisioneiro, pois, para ele representam os mais importantes vínculos e contatos com o mundo exterior, é delas que recebem a grande parte do afeto que ainda lhes resta, e é com elas que conseguem tudo aquilo que precisam para viverem mais dignamente na prisão, e por isso, um único sinal de ameaça à integridade desses entes queridos é suficiente para desencadear brigas violentas e mortes entre os prisioneiros.

A imagem do estuprador é uma lembrança de que esses entes podem ser ameaçados por ele – estamos no puro universo da imaginação, onde fragmentos de imagens formam sistemas de interpretação para as atitudes tomadas e a serem tomadas.

A pressão dos prisioneiros uns sobre os outros se expressa das mais diversas formas, pressiona-se para provocar a aderência aos motins e rebeliões, pressiona-se para que presos não conversem demais com carcereiros e policiais, pressiona-se para que todos falem a mesma linguagem, pressiona-se para manter todos sob os mesmos códigos da conduta prisioneira, pressiona-se enfim para que todos sigam a mesma ordem prisioneira para que não seja rompida a lei, “ladrão é ladrão, polícia é polícia”, quem não age como ladrão é polícia, e por isso tem que ser punido, emendado ou destruído. Quem estabelece a ordem prisioneira? O

mais forte! A ordem é estabelecida pelos grupos que melhor se organizam e dão as regras do convívio.

Para não sofrer demais à pressão do ambiente carcerário, o encarcerado procura viver ajustando-se continuamente às contingências exteriores, e controlando a si mesmo para não tomar atitudes impensadas que podem comprometê-lo no ambiente em que vive.

Ele busca rotinas estáveis e imperturbáveis, evitando afetar e ser afetado pelas coisas exteriores, porém, um corpo e uma mente pouco afetados e afetantes identificam-se a um corpo e a uma mente incapazes de viverem a multiplicidade simultânea de idéias e afetos, o que significa uma identificação com um estado de mortificação e não de vitalidade, ele pensa e está sempre muito alerta contra a morte para que ela não se aproxime, mas como diz Espinosa, o homem livre em nada pensa menos que na morte, e sua meditação é uma meditação sobre a vida, logo, o prisioneiro deixa de ser um homem livre não apenas porque esteja trancafiado numa cela, mas principalmente porque tem de encarcerar a si mesmo, encarcerar o seu coração e suas pulsações no interior dos cárceres da prisão.

A mente é idéia da vida do corpo, portanto a mente forma a idéia desse cárcere do corpo, forma a idéia de um estado corporal de auto-compressão para evitar a pressão exterior ficando menos permeável a ela. Como diz o Sr. Vilmar, “*o ambiente é carregado*” e “*a gente tá exprimido*”.

O Sr. Rogério diz que “*o lugar que a gente nasceu você nunca esquece*”, ele sempre voltava prá lá “*por causa de saudades*”, mas “*foi obrigado a voltar*” prá cidade grande, mas ele gostaria de “*rever a minha vida simples*”, pois, “*achava a vida bem melhor do que eu vejo assim outras cidade grande*”, “*lá eu sentia mais prazer que eu lembro até hoje*”, lá tinha “*a água azulinha, branquinha, igual água filtrada*”, “*a nascida na rocha de Deus*”, e lá tinha “*a convivência*”.

Esse lugar descrito pelo Sr. Rogério é cercado por “morrados”, montanhas de pedra que isolam o local mas que também o protegem, assim como a fortaleza do corpo-mente dos encarcerados procura proteger a sua fonte cristalina interior que mata a sede da sua con-vivência.

Todos os encarcerados buscam a fonte cristalina de Deus, buscam uma maneira de con-viver, buscam enraizar-se à substância divina – nexos infinitos de relações de onde brota a fonte de todo o nosso ser, existir, pensar e agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O percurso realizado nesse estudo, ainda que não tenha conseguido completar toda a extensão de sua proposta inicial, permite considerar que sua intenção de apreender a influência do ambiente carcerário sobre os processos memorativos dos entrevistados foi alcançada.

Constatou-se que:

Primeiro, a hipótese de que o ambiente carcerário identifica-se com a idéia de um poder exterior violento e contingente, tomado por Espinosa em sua definição da servidão humana, como Fortuna, pode ser mantida como idéia a pautar as reflexões sobre as determinações próprias do ambiente carcerário;

Segundo, mantida essa identidade anterior, constatou-se que as experiências vividas pelos encarcerados identificam-se com as situações vividas por quem está colocado sob estado de servidão, tal como o descrito e explicado por Espinosa, isto é, caracterizado pela alienação, violência, contrariedade e fraqueza;

Terceiro, constatou-se também que os quadros memorativos evocados pelos entrevistados frequentemente são análogos aos quadros reais

vividos por eles no interior do ambiente carcerário, isto é, evocam lembranças caracterizadas por situações de quem viveu no todo ou em parte a experiência da servidão;

Quarto, esse estudo aponta para um conceito de memória encarcerada, cuja certificação de sua existência mereceria maiores estudos e investigações.

Lamentamos não termos conseguido estudar temas como as histórias da vida política vividas por nossos entrevistados, conforme o nosso projeto inicial, e também lamentamos não termos realizado a análise comparativa entre as entrevistas com os carcereiros e a dos prisioneiros procurando averiguar novos pontos de interface da cultura institucional.

Por fim, sugerimos que a conscientização desses processos de desfiguração da memória dos encarcerados, sejam considerados pelo poder público como pontos básicos de reflexão sobre a sua responsabilidade na aplicação dos mesmos, e como idéias a pautar uma postura Ética diante dos internos.

9 - BIBLIOGRAFIA GERAL

- ADORNO, S. *A prisão sob a ótica de seus protagonistas – itinerário de uma pesquisa*. São Paulo, Revista Tempo Social - Depto. Sociologia USP, vol 3, n.1-2, p. 7-40, 1991 (a).
- ADORNO, S. *Sistema penitenciário no Brasil – problemas e desafios*. São Paulo, Revista USP, n.9, p.65-78, 1991 (b).
- ARNS, P. E., (prefácio). *Brasil: Nunca Mais*. Petrópolis; RJ, Ed. Vozes, 1985.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas*. Vol.I. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1990.
- BOSI, E. *Problemas Ligados à Cultura das Classes Pobres*. In: VALLE, E., QUEIRÓZ, J. J. (organizadores). *A Cultura do Povo*. São Paulo, EDUC, 1979, p. 25-39.
- BOSI, E. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1986.
- BOSI, E. *Cultura e desenraizamento*. In: BOSI, A. (organizador). *Cultura Brasileira*. São Paulo, Ed. Ática, 1992, p.16-41
- BOSI, E. *A Pesquisa em Memória Social*. São Paulo. Rev. Psicologia USP, vol.4 n.1/2, 1993.
- CASTRO, M. M. P. *Ciranda do medo – controle e dominação no cotidiano da prisão*. São Paulo, Revista USP, n.9, p. 57-64, 1991.
- CHAUI, M. S. *Os Pensadores vol.17 – Espinosa*. São Paulo, Abril S/A, 1973.
- CHAUI, M. S. *Ser Parte e Ter Parte: Servidão e Liberdade na Ética IV*. Revista Discurso – F.F.L.C.H.da USP, n.22,p.64-121, 197-205, 1993
- CHAUI, M. S. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Ed. Moderna, 1995.(a).
- CHAUI, M. S. *Cultura política e política cultural*. São Paulo, Revista USP, n.23, p.71-84, 1995.(b).
- CHAUI, M. S. *A Nervura do Real*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- DAMERGIAN, S. *O Papel do Inconsciente na Interação Humana – Um Estudo Sobre o Objeto da Psicologia Social*. São Paulo, 1988. 336 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, M. E. G. *A produção da esperança em uma situação de opressão: Casa de Detenção de São Paulo, Carandiru*. São Paulo, EDUC, 1996.

- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1995.
- FOUCAULT, M. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro, Ed. ZAHAR Editores, 1997.
- FREIRE, A.; ALMADA, I.; PONCE, J. A. G., orgs. *Tiradentes, um presídio da ditadura*. São Paulo, S.P., Ed. Scipione, 1997.
- GOFFMAN, E. *Estigma*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro, Ed. ZAHAR Editores, 1980.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo, Ed. Perspectiva S.A., 1974.
- GOIFMAN, J. H. *Valetes Em Slow Motion – o espaço e a morte do tempo na prisão a partir da experiências com o vídeo*. Campinas, SP, 1994. 213p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- PAIXÃO, A. L. *Recuperar ou Punir?*. São Paulo, Cortez Editora, 1987.
- PINHEIRO, P. S. (org) *Crime, Violência e Poder*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1983.
- PINHEIRO, P. S. *Violência Fatal*. São Paulo, Revista USP, n.9, p.95-112, 1991.
- RAMALHO, J. R. *Mundo do crime: a ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1983.
- SÁ, G. R. *O Prisioneiro: Um Processo de Qualificação e Requalificação*. São Paulo, 1990. 438p. Tese (Doutorado), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica.
- SÁ, G. R. *A Prisão dos Excluídos: Origens e Reflexões sobre a Pena Privativa de Liberdade*. Rio de Janeiro, Diadorim Editora Ltda, 1996.
- SALLA, F. A. *O encarceramento em São Paulo: das enxovias à Penitenciária do Estado*. São Paulo, 1997. 263p. Tese (Doutorado) - Depto. Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SALLA, F. A. *O trabalho penal: uma revisão histórica e as perspectivas frente à privatização das prisões*. São Paulo, 1991. 160p. Dissertação (Mestrado) – Depto. Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- VARELLA, D. *Estação Carandiru*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1999.
- VICENTE, C. M. *Reflexões Sobre os Procedimentos Institucionais com a Memória Individual e com a Memória Institucional em Duas Instituições Totais: Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo e Hospital de Juqueri*. São Paulo, 1988. 143p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

WEIL, S. *O enraizamento*. In: WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1979. P.317.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA: Estudo Etimológico

BABBITT, F.C., *Plutarch's Moralia*. Vol.1. Cambridge, Harvard University Press, 1986.

BAPBATH, K., *Néon léksikon hellênogállikon*, EN ΚΩΝΣΤΑΝΤΙΝΟΥΠΟΛΙ, 1886.

BONET, J.P., *Aristóteles - Ética nicomáquea - Ética Eudémia*.???? Editorial Gredos, s.d.

BROWNSON, C.L., *Xenophon vol.1 books I-IV*. Cambridge, Harvard University Press, 1985.

BURY, R.G., *Plato vol. 7*. Cambridge, Harvard University Press, 1952.

BURY, R.G.; LITT, D. *Plato vol.2 Books VII-XII*. Cambridge, Harvard University Press, 1984.

CALVO, A.G., *Homero - Ilíada*. ????? Lucina, s.d.

CHANTRAINE, P., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots*, Éditions Klincksieck, Paris, França, 1957.

DIOS, J. M. L., *Sófocles - Fragmentos*.?????, Editorial Gredos, s.d.

EVELYN-WHITE, H.G., *Hesiod*. Cambridge, Harvard University Press, 1959

FOWLER, H. N., *Plato vol.2*. Cambridge, Harvard University Press, 1952.

FOWLER, H.N., *Plato vol.1*. Cambridge, Harvard University Press, 1960

FREUND, G., *Grand Dictionnaire de La Langue Latine*, Editora: Librairie de Firmin-Didot et Cie, Paris, França, 1883.

GLARE, P.G.W.(editor). *Oxford Latin Dictionary*, Editora The Clarendon Press, Oxford University Press, New York, U.S.A., 8ª edição, 1982.

GODLEY, .D., *Herodotus vol.1 books I and II*. Cambridge. Harvard University Press, 1966.

GODLEY, .D., *Herodotus vol.2 books III and IV*. Cambridge, Harvard University Press, 1957.

GODLEY, .D., *Herodotus vol.3 books V and VII*. Cambridge, Harvard University press, 1957.

- GODLEY, .D., *Herodotus vol.4 books VIII and IX*. Cambridge, Harvard University Press, 1946.
- GONZÁLEZ, A.M.; FÉREZ, J.A.L., *Eurípedes - Tragédias I*. ?????, Editorial Gredos, s.d.
- GUAL, A.G.; PRADO, L.A.C., *Eurípedes - Tragédias III*. ????, Editorial Gredos, s.d.
- HARMON, A.M., *Lucian vol.3*. Cambridge, Harvard University Press, 1947.
- HERMIDA, J. M. G., *Isocrates - Discursos I*. ????, Editorial Gredos, s.d.
- HICKS, R.D., *Diogenes Laertius vol.2*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- HOOK, L.V., *Isocrates vol.3*. Cambridge, Harvard University Press, 1954.
- JONES, H.L., *Sophocles Ajax - Electra - Oedipus Tyrannus*. Cambridge, Harvard University Press, 1994.
- JONES, H.L., *Sophocles*. Cambridge, Harvard University Press, 1994.
- LAMB, W.R.M., *Lysias*. Cambridge, Harvard University Press, 1960.
- LAMB, W.R.M., *Plato vol.2*. Cambridge, Harvard University Press, 1977.
- LAMB, W.R.M., *Plato vol.7*. Cambridge, Harvard University Press, 1955.
- LAMB, W.R.M., *Plato*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- LIDDELL, H.G. & Scott, R.A., *Greek-English Lexicon*, vol. I, Editora Oxford at The Clarendon Press, 2^a edição, 1939.
- LIPSIAE IN AEDIBVS B. G. TEVBNERI.(editores). *THESAURVS LINGVAE LATINAE*, vol`s. II e III, Editvs Avctoritate et Consilio Academiae Qvinque Germanicarvm Berolinensis Gottingensis Lipsiensis Monacenceis Vindobonensis,(livro com páginas de referência arrancadas).
- MILLER, W., *Xenophon Cyropaedia vol.1*. Cambridge, Harvard University Press,1960.
- MILLER, W., *Xenophon Cyropaedia vol2*. Cambridge, Harvard University Press,1953.
- MURRAY, A.T., *Homer books XIII and XXIV*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- MURRAY, A.T., *Homer The Iliad*. Cambridge, Harvard University Press, 1988.
- MURRAY, A.T., *Homer vol.1*. Cambridge, Harvard University Press, 1976.
- MURRAY, A.T., *Homer vol.2*. Cambridge, Harvard University Press, 1975.

- MURRAY, T.A., *Demosthenes vol.4*. Cambridge, Harvard University Press, 1984.
- NORLIN, G., *Isocrates vol.1*. Cambridge, Harvard University Press, 1961.
- NORLIN, G., *Isocrates vol.2*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- PATON, W.R., *Polybius vol.2*. Cambridge, Harvard University Press, 1960.
- PERRIN, B., *Plutarch's Lives vol.10*. Cambridge, Harvard University Press, 1959.
- QUICHERART, L. & Saraiva, F.R. dos Santos. *Novissimo Dicionario Latino – Portuguese*, Editora Livraria Garnier, 9ª edição, R.J., R.J., 1927.
- RACKHAM, H., *Aristotle Politics*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- RICH, A., *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, Editora: Librairie de Firmin-Didot et Cie., Paris, França, 1883.
- ROGERS, B.B., *Aristophanes*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- SCHELLER, I.J.G. *A Dictionary of The Latin Language, Lexicon Totius Latinitatis*, Editora Riddle, J.E., M. A., (páginas de referência arrancadas)
- SHOREY, P., *Plato - A Republic books VI-X*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- SMITH, C.F., *Thucydides books I and II*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- SMITH, C.F., *Thucydides books V and VI*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- SMITH, C.F., *Thucydides books VII and VIII*. Cambridge, Harvard University Press, s.d.
- SMITH, C.F., *Thucydides vol.2 books III and IV*. Cambridge, Harvard University Press, 1988.
- SMYTH, H.W., *Aeschylus vol.1*. Cambridge, Harvard University Press, 1956.
- WARMINGTON, E.H.; POST, L.A.; ROUSE, W.H.D.; CAPPS, E. *The Odes Of Pindar*. Editor: Page, T.E., *The Loeb Classical Library*, s.d.
- WAY, A.S., *Euripides vol.1*. Cambridge, Harvard University Press, 1959.
- WAY, A.S., *Euripides vol.4*. Cambridge, Harvard University Press, 1958.

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

**Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e do
Trabalho**

**“Memórias e Sonhos de
Encarcerados”**

**- estudo realizado à partir da idéia de servidão em
Espinosa -**

Parte II - Entrevistas

Candidato: Douglas Balila

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Damergian

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia – área de concentração:
PSICOLOGIA SOCIAL E DO
TRABALHO.**

**São Paulo
2000**

Balila, Douglas

Memórias e Sonhos de Encarcerados: estudo realizado à partir da idéia de servidão em Espinosa. Parte II - Entrevistas / Douglas Balila. São Paulo, s.n., 2000. * p.**

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientador: Profa. Dra. Sueli Damergian.

**1. Memórias – aspectos sociais 2. Psicologia Social 3. Spinoza, Baruch de, 1632-1677.
I Título**

ÍNDICE

Parte – I: Entrevistas Com Pessoas Encarceradas:

Sr. Andrade	Dados Básicos do Entrevistado.....	005
	Os Cárceres do Coração.....	006
	Os Cárceres da Prisão.....	011
Sr. Rogério	Dados Básicos do Entrevistado.....	015
	Os Cárceres do Coração.....	016
	Os Cárceres da Prisão.....	026
Sr. Lino	Dados Básicos do Entrevistado.....	029
	Os Cárceres do Coração.....	030
	Os Cárceres da Prisão.....	047
Sr. Tinoco	Dados Básicos do Entrevistado.....	055
	Os Cárceres do Coração.....	056
	Os Cárceres da Prisão.....	065
Sr. Vilmar	Dados Básicos do Entrevistado.....	082
	Os Cárceres do Coração.....	085
	Os Cárceres da Prisão.....	091
Sr. Clodoaldo	Dados Básicos do Entrevistado.....	127
	Os Cárceres do Coração.....	132
	Os Cárceres da Prisão.....	151
Sr. Nestor	Dados Básicos do Entrevistado.....	180
	Os Cárceres do Coração.....	183
	Os Cárceres da Prisão.....	197
Sr. Deodoro	Dados Básicos do Entrevistado.....	201
	Os Cárceres do Coração.....	202
	Os Cárceres da Prisão.....	205

Parte – II: Entrevistas Com Carcereiros:

Sr. Luíz	A entrevista.....	222
Sr. Rodrigo	A entrevista.....	228
Sr. Arnaldo	A entrevista.....	233

Parte – III: Entrevista c/ Assist. Curso-Formação/Carcereiro:

Sr. Paulo	A entrevista.....	245
------------------	-------------------	------------

Legenda:

Ao longo da leitura das entrevistas, o leitor irá deparar-se com vários sinais em seu interior. Esses sinais representam regras para a leitura do texto, cuja função é aproximar o leitor da riqueza da oralidade envolvida no texto transcrito, ainda que isso só seja possível com muitíssimas limitações. Vejamos pois quais serão os sinais que o leitor irá encontrar, e qual o significado de cada um deles.

- (*) **Ruído** *Explicação:* Conforme já dissemos no capítulo dedicado ao método da pesquisa, as entrevistas foram realizadas em ambientes dotados de grande volume de ruídos. Esses ruídos são devidos às obras de reforma do prédio que foi destruído após duas rebeliões sucessivas, e era o local onde fazíamos as gravações de nossas entrevistas.
- (S) **Silêncio** *Explicação:* Com esse sinal pretendemos expressar os momentos de pausa prolongada de nossos entrevistados. São momentos em que geralmente o entrevistado interrompia ou finalizava um determinado assunto, e ficava absorto em seus próprios pensamentos, ou procurava marcar o fim de uma idéia em andamento.
- (...) **Pausa** *Explicação:* Qualquer interrupção temporal de curta duração.
- (::) **Alongamento** *Explicação:* Esse sinal é usado para representar o alongamento de uma vogal ou consoante. Ex: ooo = o::
- (**) **Bloco** *Explicação:* Esse sinal marca a passagem entre o fim de um segmento da narrativa e o começo de um novo segmento, estabelecidos pelo próprio entrevistado, **ou**, é usado para marcar as interrupções das entrevistas provocadas pelo surgimento de outras pessoas, pela necessidade de trocarmos a fita cassete ou virá-la, etc. E, muitas vezes, após essas interrupções, o entrevistado retomava o seu discurso num novo registro discursivo.
- [...] **Ininteligível** *Explicação:* Esse sinal marca os momentos em que tornou-se impossível ou muito confusa a transcrição de um determinado trecho da entrevista, seja porque haviam muitos ruídos paralelos, seja porque o entrevistado falou algo com a voz muito baixa, seja porque essas duas coisas ocorreram simultaneamente.

Parte - I

Entrevistas Com Pessoas Encarceradas

Sr. *Andrade*

Dados Básicos do Entrevistado:

Andrade nasceu na cidade de Santos, Estado de São Paulo, aos 17 de Agosto de 1937 (na época da entrevista contava com 60 anos). Filho de Felipe e Teodora, desconhece a idade dos pais mas diz que sabiam ler e escrever. Andrade tem como profissão a pesca profissional, é solteiro, e cursou a escola até o 4º ano do primário. Teve sua última companheira a cerca de 10 anos, seu nome era Maria, era alfabetizada, e na época contava já teve uma irmã que faleceu. Os nomes dos irmãos são: Felipe, com 58 anos, Arnaldo, com 51 anos e Selma que teria 53 anos se ainda estivesse viva. Dos avós paternos Andrade lembra-se apenas do nome do avô, João, porém desconhece a idade que ele tinha. Dos avós maternos Andrade lembra-se apenas do nome da avó, Elcina, e também desconhece sua idade. Andrade relata que sua dificuldade para lembrar de coisas relativas à vida de seus avós se deve ao fato de não ter convivido com eles. Andrade está preso a dois anos e três meses.

Os Cárceres do Coração:

(*)É um pouco complicado lembrar de minha vida. A minha vida foi um tanto agitada. Sei que eu não convivi com os meus pais, principalmente com minha mãe - não convivi! Fiquei com eles até a idade de mais ou menos quatro anos e daí houve a separação deles, de meu pai e de minha mãe. Quer dizer que aí eu os via viver assim separados. Então eu ficava uma parte com meu pai e outra parte com o amigo dele, ou então ficava internado em colégio interno e assim por diante. Quer dizer, foi assim até os quatorze anos, foi aonde me tirei por completo da convivência com meu pai, e aí fiquei mais independente. Daí prá frente fui convivendo sempre sozinho (*). Até a atualidade - sempre sozinho...!

Da minha infância eu não me lembro. Não dá, não dá muito prá lembrar. Eu não me lembro dessa parte aí da infância, da adolescência. Dessa parte eu não sei assim como explicar muito bem como foi. Não sei explicar! Só sei explicar assim que... Não dá prá falar não! É que eu não tenho muito de lembrança não! Não tem lembrança. Vai me trazer aquilo assim... Não sei lembrar por detalhes.

Nasci em Santos. Ah, eu vivi lá até os quatro anos, depois eu retornei já com uns dezesseis anos, dezessete anos. Dos quatro anos até aos dezesseis, dezessete anos, vivi em São Sebastião, Ilha Bela, Caraguatatuba, mais naquela região ali, e outra parte vivi internado aqui em São Paulo. Depois, voltei prá lá outra vez, Caraguatatuba, Ilha Bela. Foi sempre ali que eu vivi, naquele pedaço. Depois então foi que já dentro da profissão de pescador, que aí então eu conheci diversos lugares, outros Estados (*), do Rio Grande do Sul até Belém, que esta é a vida de pescador, viver em alto mar assim conhecendo diversos lugares, tanto faz se de dentro da região como de outros Estados (*). E foi assim, foi assim por muito tempo!

Morei também uns tempos no Rio Grande do Sul, depois eu retornei prá Santos novamente. Sempre no mesmo trabalho. A vida de pescador é um tipo assim de aventureiro. Uma vida de aventureiro. Hoje tá aqui, amanhã tá ali no outro canto, no outro dia tá noutro Estado. E muita coisa acontece (*), é que não dá prá lembrar. É isso só, eu não sei contar com detalhes.

Não sei mais nada prá contar! Só sei dizer mais é assim a respeito de trabalho. É que minha vida foi mais dedicada ao trabalho. Assim, eu pensei sempre no trabalho, por isso não tenho um tipo assim de viagem (*), viagem prá algum canto, quer dizer, as partes de uma viagem que eu tenha feito. Foi só pela profissão, dentro da função do trabalho e daquilo que o trabalho exigia. O trabalho exigia isso: essa parte de eu o estar acompanhando (*).

Minha vida foi assim até eu entrar nessa (*), nisso que eu estou vivendo agora. Fui preso! Agora já tem dois anos e pouco e é só isso aí que eu tenho prá dizer. É só a respeito de trabalho. Não sei dizer assim o que foi aproveitado.

A minha infância eu vivi assim, como é, vivi assim separado. Minha infância foi agitada. Minha infância foi separada porque eu não convivia com o meu pai, não estive convivendo com os meus pais, com meu pai principalmente, e com minha mãe da qual me separei a partir dos quatro anos, quando meus pais se separaram e fui viver com meu pai.

Meu pai me colocava na casa de um amigo e depois eu retornava com ele novamente até ser internado - até ser internado! Fui internado aqui em São Paulo aonde é a Febem. Aí, eu já tinha quase oito anos, oito ou dez anos.

Entre os quatro e os oito anos vivi naquela região de Ilha Bela, Caraguatatuba, São Sebastião. Desse tempo me lembro de brincar! Lembro das brincadeiras e dos amigos que eu quase não tinha. Bem, de moleque não fui muito de muita companhia, quer dizer, tinha assim amigo da parte da escola mas era só naquele horário de estudo (S).

Estudava em Ilha Bela quando morei em Ilha Bela, estudava em São Sebastião quando morei em São Sebastião, estudava em Caraguatatuba quando morei em Caraguatatuba, e assim por diante. Não me lembro mais do nome da escola, só lembro que onde era a escolinha em Ilha Bela, se não me engano parece que tinha um pequeno comércio ao lado. Não me lembro bem. É que hoje em dia já faz mais ou menos uns trinta anos desde quando foi feito um ginásio lá. A escola foi desativada mas ela continua no mesmo lugar, e acho que o pequeno comércio também continua lá.

A escola ficava de frente da praia, o nome da rua eu não me lembro, mas ela pertencia ao centro, na região da praia, em frente da praia (*), perto da praia mesmo. Hoje está a uma quadra da praia (S)(*).

A escola ficava e ainda fica em frente à Casa Esperança, não sei ainda se continua com o mesmo nome. É uma casa de comércio chamada Casa Esperança, é antiga também, tipo estilo antigo, colonial, e a pintura na época era verde. Olhando da rua, de um lado você avista o comércio e de outro a escola. Dessa época da escola eu não lembro nada, não lembro, não lembro, não lembro mesmo! (*). Não lembro da gente com quem eu convivia, da escola eu não me lembro mesmo(*).

Comecei no trabalho dos quatro aos oito anos. Ajudava na parte da lavoura, trabalhava na lavoura. Já trabalhava na lavoura já com essa idade. Nessa época eu morava afastado (*). Não lembro o nome agora do lugar, era uma chacarazinha que hoje já estaria próxima... Hoje já estaria bem sediada assim ao centro devido ao crescimento, devido o crescimento da cidade. Não dá prá lembrar o que é agora o lugar aonde eu morava (*). A lavoura era pequena coisa, horta, hortazinha de casa, onde plantava um feijão, um milho, uma mandioca, e assim por diante (*). Era pro gasto, não era prá venda não, era pro gasto (*).

A minha casa... era assim uma construção antiga de barro e tijolo. Tijolo e barro e era grande, era tipo assim uma chácara mesmo, ficava próxima da rodovia de chegada da cidade (*). Ela ficava como quem vem de Caraguatatuba (*). E é o máximo que dá prá lembrar, num dá prá lembrar muito não onde ela ficava.

Depois, lá pelos oito, nove anos (*), meu pai eu acho que na época ele mandou eu e meu irmão prá São Paulo. Não! Foi eu só, depois meu irmão (*). Ele me mandou prá cá devido (*) que ele era malzinho (fala

baixo) (*). Ele tinha o tipo de trabalho dele, que era vendedor ambulante (*). Ele vendia assim, roupas feitas, uns panos e (*) tudo referente assim a uma pequena loja do lugar. Quer dizer, eu acho que devido o sistema de vida dele, então internou a gente aqui em São Paulo. Foram várias vezes, eu e meu irmão que ficou mais um pouquinho, acho que foi uns dois ou três anos, uma coisa assim.

Fiquei aqui uns dois ou três anos, aqui onde é a Febem em São Paulo, na Celso Garcia, no Quadrilátero. A vida lá é:: deixa ver se eu me lembro. É como a vida da pessoa que tá interna, só que completamente diferente do que é aqui, mas é quase que o mesmo sistema. Na cadeia é sempre (*) assim... A idéia agora vai esquecida, subordinada à ordem, como é no caso aqui também, você fica subordinado à administração dos funcionários. Lá também é da mesma forma, tem seu horário, o horário de levantar, de recreação, de estudo, parte de trabalho, depois recolher (*). Era assim, mas só que o dia-a-dia lá era este, tinha hora: a hora de estudo, quem estudava de manhã, quem estudava a tarde, parte assim. Tinha a parte de escola, parte de trabalho de manhã ou à tarde, e no fim de semana parece que era, não me lembro bem, mas acho que era cinema. Tinha também recreação, recreação esportiva, futebol, natação, tudo quanto é tipo de esporte prá moleque. Tinha a hora de recolher, e tinha também as entrevistas com a Assistente Social. Tudo referente a menor. Ela queria saber a parte da família: convivência, como que era a família. Fazia essa parte até ser liberado. Se ela cismasse, pedia aos pais prá vir buscar, e enquanto isso o moleque ficava ali.

Independente de qualquer negócio, os moleque saía também fora prá trabalhar. O moleque ia prá rua, de office boy, esse trabalhozinho de garoto. Era assim os tempos de garoto. Nessa época eu tinha dez anos mais ou menos, não saia prá trabalhar fora. Lá eu fazia o serviço de limpeza, lá dentro mesmo. E era isso aí!

Fiquei ali até os quatorze anos. Foi quando meu pai foi me buscar, e aí voltei prá Caraguatatuba (*). Em Caraguatatuba fiquei uns quatro anos, mas num dava prá ficar. O temperamento do meu pai, o temperamento dele não dava, não dava prá convivência, prá conviver juntos (*). Aí, ele pôs por bem de eu sair de casa (*), a sair de casa e ir prá cidade, e então passei a conviver sozinho. Aí eu fui morar em São Sebastião, Ilha Bela, e depois com uns dezesseis prá dezessete anos, fui prá Santos sozinho.

Nessa época, até os quatorze anos, eu morava naquela região de São Sebastião e Ilha Bela, só em Caraguatatuba que não, porque meu pai morava lá. Eu morava na casa de um amigo de meu pai, embora às vezes ele ficava sabendo, e então quando ele ia me buscar eu saía fora, e aí eu ia pro outro canto e daí eu não convivi mais com ele. Só fui saber dele depois, quando ele faleceu, já aí nos sessenta e poucos anos, mas ele ficou sozinho mesmo. Aí, fiquei em Santos e comecei a trabalhar na pesca profissional, foi lá que eu comecei a trabalhar com pesca.

Bom, eu já trabalhava na Ilha Bela com pequeno apetrecho, com pesca amadora, pesca de praia, essa rede de praia, de pequena embarcação. Pescava pro gasto, não vendia não, era só pro gasto mesmo, pro gasto. Agora, na profissão mesmo eu comecei (*) a exercer em Santos,

com dezessete anos, mas já tinha conhecimento do trabalho e assim foi mais fácil (*) (S).

Meu primeiro emprego foi assim como forma de aprender como profissional, prá exercer a profissão como profissional. Eu aprendi. Foi mais isso aí. Eu tinha parte da pesca... (S).

* * * * *

Me lembro do movimento do mar que é o mesmo que o daqui em terra. Fico aqui em terra que é como lá, só que com movimentos daqui, de terra, mas o movimento do mar é uma coisa e o daqui de terra já é outro, o sistema é diferente, a orientação é diferente.

Aqui de terra eu não sei explicar essa parte aí não (ri). É difícil explicar, mas é assim como se fosse o mar agitado (*), você vai na condução e vai pro trabalho, aquele movimento agitado de todo o dia (*). Já na pesca não, você não sai dali. Você sai prá uma viagem e está sempre ali. E só retorna, só volta quando terminou o tempo de trabalho. Quer dizer, tá no mar e o mar não é agitado. Por exemplo, você está no mar e sai, vamos supor, vai sair daqui e vai trabalhar na região de São Sebastião. Então você vai ficar ali até enquanto tiver a produção, ou numa região próxima prá descarregar, ou então noutra região se não tiver produção. Se o lugar for muito longe e não tiver lugar de descarga, aí vai ter que voltar prá cá prá entregar o produto aqui (*). Então descarrega, abastece, vai com ela novamente. Quer dizer, passa assim mais é como é que se diz, boiando... (ri). Agora, nós que já vai ter que sair de casa, depende de pegar condução prá chegar no trabalho cedo, tem horário, requer horário, cumprimento de horário. A pesca já não tem isso. Ou trabalho durante o dia ou trabalho durante a noite. O horário é conforme o tempo. O tempo é quem manda (*).

Na terra, a parte daqui... Vamos supor, você trabalha aqui em terra e é só aquela rotina ali, do trabalho prá casa de casa pro trabalho, e o lazer se a pessoa curti um lazer determinado. Já na pesca não! A coisa é diferente. A diferença que tem é o conhecimento da região mesmo, de lugar. Assim, vou aí num Estado, vou noutro Estado, tenho mais essa facilidade (*). Viaja prá todo lugar. Num tempo tá trabalhando num Estado, depois, volta prá outra região e assim por diante (*). É uma vida mais viajada. A pesca é uma vida mais viajada. Aqui já é mais movimentada, a parte de terra. É só isso aí!

* * * * *

Sempre trabalhei com pesca, sempre baseado no primeiro trabalho. Baseado no primeiro (*). Onde os ritmos (*), o sistema é o mesmo. Sempre a mesma coisa (*).

A experiência do mar é diferente da experiência na terra. A diferença que tem a dizer é o seguinte. Quando se é da pesca, quando você chega de um lugar pro outro. Quer dizer, quando se vai a primeira vez e a pessoa vai ali naquele tipo de descarga de produto (*), o produto da produção. Quer dizer, a partir dali, se aquele local tiver produzindo então ele vai trabalhar naquele local, dentro daquele local, até vamos supor o

tanto que durar. Se a produção dura uns quinze dias, se é por um mês, ou se é prá dois mês, conforme o que tiver produzindo e assim por diante. Depois vai modificando em qual das outra região se vai ou volta, se volta pro local de origem, a praça de pesca, Santos, ou não (S).

Já tá bom prá contar (S)(*).

Eu só posso dizer que por parte de experiência foi tudo aí na parte de trabalho. Mas agora (*) de convivência não tem o que dizer. Foi tudo assim por parte de conhecimento de local. O resto não dá prá dizer porque eu não tenho o que dizer.

* * * * *

De local eu sei dizer que gostei de conhecer o Rio Grande do Sul (*). A cidade de Rio Grande mesmo. Rio Grande e São José do Norte que fica ali defronte da cidade de Rio Grande, tá separada só por rio. Gostei também lá de Belém. Lá em Belém também é bonzinho o lugarzinho. Lugarzinho bonito, com sistema antigo, principalmente naquela região principal onde é a região da praia, na parte de praia de turismo, residencial, mais na praia ali onde dá muita moradia antiga.

Em Belém só sei onde é a região do comércio e de descarga de pescado, só onde descarrega o pescado, onde tinha as embarcações. Ali havia um mercado pequeno, um negócio um pouco maior que esse aqui que tem lá no porto de Santos. E ali era explorado por barcos pesqueiros, principalmente daqui de São Paulo, pro Estado de São Paulo, do Rio, e os estrangeiro como o Americano. Era assim, agora eu não sei, muitos tempos prá cá eu não sei. Era assim por causa da pesca do camarão e da lagosta que dava no mar ali. Por isso dava os americanos, dava os russos (*), os japoneses. Em Santos também nessa época tinha não os americanos e russos mas os japoneses. Agora não! É de lá mesmo. Eles não vem explorar mais. Os daqui trabalha pros de fora. De fora que não seja do Rio, de São Paulo, por partes de outra região. Porque de lá, o mar de lá mesmo é dengoso (S)(*). E tem também que ir muito devagar.

Tem também um lugarzinho no sul da Bahia, Caravelas e Nova Viçosa, que é a região pesqueira. E tem as filial de firma, as de Santos, prá descarga. Lugarzinho pequeno também, são pobres. Lá é peixe, pesca e a agricultura, e assim por diante (ri)(*).

A respeito da minha vida foi isso aí oh!(S).

Os Cárceres da Prisão:

Dentro da prisão às vezes converso sobre minha vida. Às vez acontece. Acontece mais quando chega uma pessoa recente, ou então, quando alguém levanta uma passagem. Em tal passagem às vez acontece de a pessoa conhecer determinado lugar e aí outra pessoa chega e diz, *“Também conheço aquele lugar! É assim, assim, assim”*, aí eu também digo (*) e aí começa. Mas isso aí é quando não tem (*) outro tipo de coisa prá distração, que seja assim uma TV.

Uma TV ainda distrai muito. Se uma TV eu não tenho então às vez é o rádio. E o mais é a respeito de idéia, a troca de idéia. Uns já conta a respeito da vida também, como foi naquele lugar. E outros como era a vida depois de grande. Ou a passagem acontece a mesma coisa (*), quase que a pessoa vai dizendo também uma parte da vida dela. Vamos dizer que chega uma pessoa com uma conversa de chegar (*), aí toca num assunto, *“Ah! Sou de tal lugar”* (*), *“Eu conheço tal lugar”*, e já chega outro também que conhece esse lugar, aí começa como é uma estrada, ou como é que é o lugar, ou (*) os lugar da imediação. Começa então as coisinhas... Daí o outro já lembra as lembrança dele, e diz, *“É mesmo!”*, *“É assim mesmo”*. Até se chegar.

* * * * *

Só não dá prá ficar perguntando sobre a vida um do outro. Não dá porque daí é o lance que dá (*). Não cai nesse detalhe aqui. Só às vezes. O que interessa prá pessoa aqui é coisa rápida. Não se prolonga conversa muito aberta.

Coisa rápida é assim um papo, uma idéia rápida, rápida no modo de dizer (*), que seja aí por meia hora ou pouco menos ou um pouco mais. O pessoal não gosta muito de prolongar muito. É mais porque eles confia mais no papo a respeito da convivência, mas não referente a alguns sistema de vida da pena que ele passou, como foi feito o delito. Alguns até me lembro também, isso lembra, isso vem na cabeça quando tá fria, e aí lembra. Com a cabeça fria lembra as ações fácil, relembra as coisas fácil, fácil mesmo (*), a pessoa traz a lembrança das coisas com facilidade. Com a cabeça quente (*), já não lembra, já não lembra aonde tá (*).

Aqui não dá muito prá ficar conversando muito. Eu não sei explicar muito sobre essa parte (*), mas acho que é porque à vez a pessoa não gosta de ser roubado (*) muito tempo (*) e faz assim. Porque piorou outros dias dele, ele sabe que vai ter os outros dias prá às vez voltar o assunto. Então às vez a pessoa tá meio com problema. Ninguém gosta de..., por exemplo, começar a conversar alguma coisa agora e depois quando for mais tarde tocar no assunto novamente. Depois, quando for amanhã, ela já toca referente ao assunto sem problema (*). E se a pessoa insistir em querer puxar conversa aí é problema, aí já tá procurando assunto, sai capeta, tá procurando assunto, quer dizer, é um meio assim de início de um

desentendimento. Desentendimento porque a pessoa pensa, “*Você quer saber o quê?*”, “*Cê quer saber muita coisa*”, “*Que não sei o quê*”, este tipo de coisa. Quer dizer, depende também do temperamento de cada um, de quem tá ouvindo e do outro que tá dizendo. Depende do temperamento (*). Uns tem (*) paciência (*), outros já não. Pergunta assim, “*Prá que quer saber?*”, “*Tá querendo saber muito rapaz*”, “*Ohhh...dá um tempo que não sei o quê*”, e assim por diante (*).

* * * * *

A vida aí dentro da prisão é o seguinte. É o que eu acabei de dizer agora. Tem pessoa que fica assim um pouco agitado, outro já fica prá calmo. Calmo assim, quer dizer, tem momento de a pessoa não tá afim de muita conversa, outros momento a pessoa tá disposta a ouvir os que for lá, ou seja, lá o que for também.

A pessoa aqui geralmente fica e pensa mais na família. A família e a condição que a família tá passando ou conforme ele a deixou e a situação que ele tá sujeito. Fica lembrando como eles entraram no início da prisão e depois d`um tempo que for determinado qualquer. Aí, às vez tem uns que tem paciência, que aguenta assim até o fim, que é determinado. O outro já não tem paciência prá ficar com alguns outros. Se a pessoa não for de mente boa ele endoida, fica chapado, é quando a pessoa endoida e já começa a ficar fraco mentalmente.

Acho que isso acontece devido a preocupação que ele passa a ter. Fica pensando na família, na situação dele. Mais na família mesmo é onde passa a maior preocupação. Conforme o temperamento dele, e já de uma hora prá outra, sem ao menos esperar, você tá vendo a pessoa diferente, ela passa a esquecer das coisas, já não dá atenção e coisa assim, fala baixo, aí já se fala, “*Ohhh esse aí já, já vai facilitar*”. Uns fica assim poucos dias, outros já se recai por completo. Tem gente assim aqui dentro, e outros que chegam de fora. Chega assim, a gente já sente que chega com esse tipo de problema (*).

* * * * *

A luta da pessoa daqui é a de sempre, de tá na esperança de ir embora, ela só quer ir embora. Às vezes, tá com a situação definida ou não, o pensamento dele é ir embora. É essa a preocupação da pessoa aqui (*). É como diz lá fora, prá entrar é fácil mas prá sair é pobrema mesmo, aí é pobrema.

Às vez os pensamento sai daqui (*) (S).

Quando uma pessoa tem aquele momento de distração, aí vai totalmente daqui prá fora. É como se vai lembrar de algumas coisas que foi deixado. Assim... quase como a mesma coisa que foi quase visitá-las. Você vê a pessoa. Às vez a pessoa se isola um pouco, se isola um pouco, então faz aquele tipo de meditação. Às vezes a pessoa quando tá assim, vai lá um outro quando vai procurar ela, então a gente fala até que ela já tá dormindo que é prá pessoa não perturbar o outro. A pessoa tá com o pensamento lá fora (*), a pessoa faz o castelo, fica invisível (*). Pede prá dizer que se

vier procurar, “*Diz que eu estou dormindo*”, “*Ah...deixa assim vai*”, e vai embora. Ou então sai daqui com uma leitura certo? Uma leitura (*) que tem uma passagem assim de te fazer lembrar de alguma coisa lá de fora. Através da leitura é assim...(*)

No castelo a gente sente assim como se tivesse afim de morrer naquele momento, naquele lugar, ou, participando de alguma coisa, de algum lazer ou de alguma coisa, naquele momento que a pessoa..., que a gente tá concentrado naquilo. E foi isso, passado isso volta ao normal (*), já liga com um, fala com outro, e assim por diante (*). Ou faz alguma coisa, um artesanato, ou vai jogar bola, ou vai jogar um dominó (*). Às vezes, conforme o temperamento, como é que se diz (*), conforme a mente que a pessoa também tem, se a pessoa se aprofunda muito e vai prá lá constantemente, aquilo chama, faz mal, a pessoa fica muito concentrado naquilo, eu acho que força a mente (*).

O melhor (*), o melhorzinho é um pouco. Um pouco (*) de tempo que a pessoa vai, meia hora, uma hora, quase duas horas naquele tempo, e assim não força muito. É a mesma coisa que no estudo (*), o trabalho no estudo. Um estudante, a pessoa que lê muito, às vezes não acontece que a pessoa de muito ler, de forçar assim a mente no estudo, dentro do estudo, também não força? Eu acho que deve ser a mesma coisa (*). É isso aí, o dia a dia daqui, é isso aí.

Acho até que a pessoa, em qualquer idade, às vezes até nem procura essa dor. Tanto que ele vai tirar... Tem que tirar a prisão de outro modo. A esperança dele é ir embora. O dia? Não sabe como nem quando. A esperança dele é ir embora. Mas isso lá se dá um jeito de ver através do tempo também, através de benefícios, benefícios que ajuda (*). Então, a gente faz o benefício (*), o recurso prá lutar assim pela diminuição (*) dos tempo (*) até ele ir conseguindo (*). Assim tira a prisão de outro modo, sem ser castelo (S).

Eu por exemplo, quase num... (S). Eu bem dizer assim quase não tenho tempo de ficar pensando muito, mas tô até lembrando dumas vez que fiz castelo, fui pruma cidade, prá cidade de Rio Grande, Rio Grande e São José do Norte, uma parte também ao Rio (*), e também o sul baiano (*), o sul da Bahia, ainda lembro como é belo. Mas às vez tem alguma coisa que chama a atenção (*) e a gente perde a concentração, sai do castelo.

Nessas viagem às vez chama a atenção a convivência. A convivência, o sistema das pessoas (*), o modo de tratamento das pessoas, o modo de cativar, de cativar uma amizade (*). Parece que em lugarzinho pequeno é mais fácil que num lugar grande. Na cidade grande você já vai dividindo(*). Mas é isso aí!.

* * * * *

(S) Bom, preso é assim, pro nosso código o preso é um ser humano (*). Só que deve ser (*) privado de..., no caso aqui, é da liberdade, de fazer o que quer. Você não tem a liberdade de fazer o que quer. Não tem a liberdade de sair (*) prá fora da cela prá jogar uma bola. Pode falar o que quer. Mas só. A mais esse é o limite.

O preso é uma pessoa privada de alguma coisa, pessoa presa. O nosso caso seria privado da sociedade e de liberdade.

Tem o preso... (*). Tem também assim o preso às vezes por parte de saúde. Se uma pessoa tá no hospital, tá ali um ano, quase dois ano numa cama, tá privado de se locomover (*), tá privado de saúde (*). E tem o preso nosso aqui que é o privado de liberdade. Nenhum pode ir lá prá fora, tem que ficar aqui dentro (*). Tem a noite, a noite tem o horário que se desce então tem que respeitar aquele horário (*). É isso aí. O preso não é mole entender... (S).

Antes de estar preso a gente tá livre, poder ir e vir a qualquer lugar, a qualquer hora (*), pode se locomover prá qualquer canto. Antes de eu estar preso eu imaginava que preso era mais ou menos isso aí, a pessoa que tá sempre dependendo de ordem, ordem da direção (*), e que aqui não podia fazer o que quisesse, tinha que ficar sempre abaixo de ordem.

Aqui tem que andar certo prá poder ser liberado rápido (*). No mais é isso aí. Não pensar muito... (*) (S).

Apesar dos movimentos que tem às vez, aqueles que a gente vê no local dentro da TV, que então deve ser devido muito a às vezes a muita agitação. Por exemplo, à vez a pessoa nunca sabe como é bom que a pessoa esteja tranquilo aqui, que só tem aquele pobrema dele mesmo. Daí, acabou o movimento acabou. Tá, pode dura até dois, três, quatro dia que ela não tá nem aí, não tem pobrema nenhum prá resolver, digo, problema pessoal, de arrependimento. Ao passo que a outro, se já tem problema pessoal lá de fora (*), aí chega aqui dentro já se encontra com o outro, aí já começa tudo de novo. Na hora dum movimento a coisa esquenta, aí a gente já vai procurar a forra se tiver por parte de se encontrar (*) (S). É o que acontece em movimento às vez.

* * * * *

Movimento aqui é assim... Nesses dia a pessoa que tá tranquilo, que não tem problema nenhum pessoal, esse pode passar aí um dia, uma semana, dez dia, num tá nem aí. Tem nada não. Não tem nada com nada (*) (S).

O problema, o movimento aparece geralmente prá procurar o governo prá solucionar a situação, quer dizer, solucionar um tipo de problema que arrume eles (*), ou a massa como o pessoal diz. O movimento faz parte da luta da pessoa prá ir embora. Às vez é (*) a dificuldade deles de se comunicar com os caras, com os homens de fora (*), dificuldade de comunicar o que quer em São Paulo mesmo. Nessa dificuldade aí acontece o movimento (*). O pessoal fica irritado. Depois chega ao normal, a conversa normalizada. Depois, passa um tempo e começa outra vez. Já vê que não é nada daquilo que tava querendo, que eles sempre já fazem novamente, e assim por diante... (S) (*).

Sr. Rogério

Dados Básicos do Entrevistado:

Rogério, nasceu na cidade de Turmalina, Estado de Minas Gerais, aos 10 de Junho de 1952 (na época da entrevista contava com 46 anos). Filho de Manoel e Maria, desconhece a idade dos pais e diz que eram analfabetos. Rogério tem como profissão um trabalho parecido com o de cozinheiro de restaurante, que ele chama de “*Galho Mangê*”. É casado e cursou a escola até o 4º ano do primário. Sua esposa chama-se Fátima, tem 44 anos de idade, é alfabetizada e trabalha como caixa de supermercado. Rogério e Fátima não tem filhos. Rogério teve 12 irmãos/irmãs, sendo que ele é o mais novo. Dos irmãos/irmãs, Rogério tem dificuldades para lembrar o nome e a idade de todos, mas tenta começando pelo mais velho: João, que morreu com cinquenta e sete anos; Elza, que era a irmã mais velha e que faleceu quando tinha quarenta e quatro anos a cerca de 12 anos; Isidoro com cinquenta e cinco anos; José com cinquenta e quatro; Pedro com cinquenta e três; Arnaldo com cinquenta e dois; Luma com cinquenta; Fernanda com cerca de quarenta e nove; Laura com cerca de quarenta e oito; Paulo com quarenta e sete; Lia, que morreu com quarenta e quatro anos, e um outro irmão cujo nome e idade não se lembra. Dos avós paternos ou maternos Rogério não tem lembranças deles. Desconhece o nome ou idade deles e diz que isso é devido ao fato de que eles já haviam morrido muito antes dele nascer. E que isso já faz muito tempo. No entanto, diz que seus pais contavam histórias sobre eles, por exemplo, que eles eram do interior e que trabalhavam na lavoura, na roça. Assim como seus pais que moravam num sítio na mesma cidade que a de seus avós, Turmalina, no Estado de Minas Gerais. Sabe ainda que os avós por parte de pai tinham sua origem na cidade de Caculé, no interior do Estado da Bahia, e que por parte de mãe, da cidade de Turmalina mesmo. Da parte de sua esposa o que Regino sabe é que seus avós nasceram na cidade de Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas, que é a mesma cidade onde ela nasceu. E a cidade de origem do pai de sua esposa é do interior do Estado de Pernambuco. Rogério está preso a três anos e dois meses.

Os Cárceres do Coração:

(*) A história da minha vida é que eu nasci no interior. Minha vida é de interior. Então é uma vida comum de interior. Vida de interior. Não tem como explicar direito.

Minha vida foi a comum de interior. Vivia no sítio, só ia na cidade nos fim de semana quando tinha uma festinha, como é a vida do interior.

Desde pequeno já trabalhava um pouco, e depois peguei idade prá ir prá escola. Não! Antes de ir prá escola eu trabalhava, depois fui prá escola. Ia prá escola de manhãzinha e trabalhava também, fazia algum servicinho. Aí eu às vezes até faltava um pouco na escola por causa do serviço, ajudava meu pai. Mas era só uma vida comum.

Meus pais era calmo, não brigava com os filho. Com os filho eles não gostava de brigar não! E a minha vida é assim mas brincava de interior.

Lembrança que tive é lembrança do tempo de pequeno. Tive bastante lembrança. Não, quer dizer, lembrança eu tive mas é que no interior não tem muito o que contar. É:: o que tem prá contar assim é:: As lembrança que eu tenho é disso aí mesmo. Brincava. É só isso. Ia prá escola, trabalhava. É isso que é a lembrança (S).

É o jeito da vida que a gente leva no interior é assim memo. Acho que não tô lembrado de mais coisa...

* * * * *

Lembro de tomar banho nos rio. É gostoso prá caramba! É bom. Tomava banho no rio Itamarandiba. Era um pouquinho longe. A gente ia lá prá tomar banho. Não era muito pertinho de casa não, dava meia hora de pé. A gente ia pescar, pescar era gostoso. Lembro que jogava uma bola. Nós memo fazia um campinho lá e jogava bola no sítio mesmo, juntava com umas criança que era vizinho e então jogava bola (S).

Acho que é só...

* * * * *

De criança é só! Depois eu cresci e com dezoito anos eu vim prá São Paulo. Eu vim prá cá prá arrumar um emprego melhor, que lá o que ganhamo lá é pouco. Aí vim prá São Paulo prá trabaiá. Aí fui chegando aqui e arrumando emprego. Eu vim com os meu primo. Aí eu trabalhei durante esse tempo todo que eu vim aqui em São Paulo. Sempre trabalhei. Depois morei aqui dezesseis anos.

Eu morei em São Paulo e aqui em Santo André. Trabalhei no Jumbo-Eletro que foi... A última firma foi, foi no Jumbo-Eletro. Trabalhei dez ano e sete meses. Aí sai de lá e fui embora prá Minas de novo com a minha mulher.

Voltei prá Turmalina. É, e aí morei lá seis ano e meio. Mas eu puis um comércinho lá que não foi prá frente, e o emprego lá também é difícil, aí voltei de novo prá São Paulo. Aí, quando foi em noventa e dois voltei de novo prá São Paulo (S). Aí, de noventa e dois prá cá eu trabaiei numas firma aí. Duas firma. Trabaiei no hospital Amico mas lá no restaurante do hospital. Depois sai de lá. Ficou ruim de arrumar emprego. Tava em outra firma. Já não era nem na minha profissão, era outra profissão. Então eu fiquei sete ano sem assinar carteira na minha profissão, e aí quando eu fui arrumar outro emprego ficou mais difícil.

Quando eu sai do Jumbo-Eletro fui prá Minas. Quando eu voltei eu consegui arrumar emprego na Amico como primeiro oficial de cozinheiro. Depois, sai de lá e fiquei um ano e dez meses sem emprego. Aí tava difícil de arrumar emprego por causa que a carteira tava com um tempo que não trabaia registrado naquele ramo. Na Amico o salário tava meio baixo. Faltou quadro de funcionário e eu pedi prá moça me mandar embora. E não peguei outro melhor. Não arrumei. Aí entrei ni outro serviço. Entrei de ajudante. Mas já tava melhorando aí foi na época em que eu vim preso (S).

É só isso memo...

* * * * *

Eu não sou muito bom prá contá a estória de minha vida, assim, prá explicá certinho. Na juventude foi igual ao que eu falei já, nunca fui muito em salão, nem enquanto solteiro. Eu não ia não, eu nunca fui, eu não sou de ir. Minha juventude foi sempre mais em casa. Nunca fui de sair. Quando eu tava no interior às vez eu arrumava namorada mas namorava em casa. Aí, vim prá São Paulo a mesma coisa. Nunca fui de sair. Sempre saí do serviço prá casa. Não sou muito de sair. A minha juventude foi assim... Eu, se arrumava namorada ia mais no cinema, e do cinema ia prá casa, prá casa dela. Não era muito de sair.

* * * * *

Morei em Turmalina até dezoito anos, sempre na mesma cidade com meus pais (S).

De Turmalina o que eu lembro de lá é que eu lembro é como ela é quase até hoje, uma cidade simples, um lugar de pouca gente, uma cidade pequena. Eu vou explicá direito. Eu nasci no município de Turmalina, que é uma cidade bem pequena, tem um comerciozinho lá, mas eu morava no arraial. Eu nasci... Vamos supor que é uma vila onde eu moro, mas a cidade é pequena, Turmalina memo não é muito grande, e eu nasci em Veredinha, que é um distrito de Turmalina. É um distrito de Turmalina. Então a lembrança que eu tenho de lá é isso mesmo, uma cidade simples.

Quando eu era pequeninho, tinha até uns dez anos, não tinha nem luz. Eu tive numa festa lá, tava escuro mesmo, sem luz, mas depois ligaram a luz. Depois melhorou mas continua pequena até hoje. Turmalina

mesmo não é muito grande, é mais ou menos. E Veredinha fica pertinho de Turmalina, a quinze quilômetros. Mas eu ficava mais é em Veredinha.

* * * * *

Veredinha é lugar simples, lugar que tem pouca gente. Lá tem uns quatrocentos, agora deve ter uns quatrocentos, quinhentos habitantes que mora lá em Veredinha, não é muito, e já tem muitos anos que eu saí de lá. Vou lá mais prá passear. Então, nesse tempo todo depois que eu saí, depois dos dezoito anos (*), morei lá seis anos e meio e vim prá São Paulo de novo (S).

Então, do meu tempo de criança é isso aí memo, ia pouco prá cidade. Eu morava em Veredinha. E eu morava a um quilometro e meio de Veredinha lá no sítio de meu pai.

O sítio não tinha nome, se quisesse achá-lo tinha que chegar ali na Veredinha e procurar por sítio do Manoel Bahiano, meu pai. Hoje já venderam um bocado do sítio. Um pouquinho porque o meu pai morreu. Meu pai e minha mãe. E meus irmão já venderam. Mas memo assim é só falar o sítio do Manoel Bahiano, todo mundo sabe onde é que é. É pertinho do riacho que faz divisa com Veredinha. Você já sai de Veredinha e já entra no sítio memo, é perto.

O sítio é assim... Vamo sipor, aqui tá a lavoura, as casa, duas casa, mais prá baixo tá tudo fechado de arame e morrada de pedra. Tem lugar que é baixo, outro lugar morrado. Morrado quer dizer caindo. Tem lugar que é bom prá pasto, tem outros que não é bom não, só tem capim seco. Lá, o lugar é:: Mais aqueles lados, aqueles lados ali de Minas que é os lado mais pobre de Minas, chama o vale do Jequetinhonha. Então é o lugar mais pobre de Minas. Tá ao norte de Minas. Então não é um lugar bom. É poucas parte que é boa prá lavoura e essas coisa. Até prá pasto é ruim. E lá, o sítio do meu pai é caído, um pouquinho caído, morrado, com barranco. Então não tem muito valor prá vender e essas coisa assim...

O sítio lá até que é grande. É um pouquinho grande e a casa era também. A casa de meu pai lá era de seis comido. Deixa eu explicar meio. O alicerce era de pedra, e o resto feito de madeira e de tijolo que nós faiz ali mesmo de terra. Aí levanta a casa do tamanho que qué. O tijolo é feito no sítio e aí levanta a casa.

Eu lembro dessa casa como ela é. Do memo jeito! Uma casa grande... Seis comodo. Chegando assim ela é de frente. Só tem uma porta de entrada. Porta da frente só e duas janelas. Porta grande e já entra na sala. Desse lado é o quarto, no entrar, do lado esquerdo são os quarto, e no meio a sala, aí, mais prá dentro, desse lado direito, o quarto de meu pai e o quarto que eu dormia, meu pai dormia do lado direito, você tá assim de frente, e o meu quarto era assim do lado esquerdo, despois era a cozinha e desse lado aqui o quarto de meus irmão, mais no fundão assim, todos os irmão, o primeiro quarto era de visita...

É só isso... (S).

Nos fundo da casa tinha aonde minha mãe trabaiava, onde ela mexia. Trabaiava fazendo é... Ela tinha um negócio, era um tiau. Com o tiau ela fazia tecido, fazia coberta, artesanato, fazia tudo, e ela fazia essas coisa. E antes da casa tinha, tinha a casa da fábrica de farinha, na frente da

casa, de lado. Lá fazia farinha prá consumo, e quando sobrava vendia. Fazia farinha de mandioca, tinha também tacho de fazer rapadura, tinha tudo isso aí na casa. Só que não era nada em muita quantidade, era pouco, mais pro gasto, se sobrava alguma coisa vendia prá comprar outras coisa.

No sítio tinha animal. Meu pai tinha que... Quando ele chegava do serviço, tinha que descer com o animal aí prá carregar e fazer o serviço da fabrica de farinha e do engenho, que era a casa que eu fazia a rapadura era o engenho. Gado a gente não tinha muito, tinha mais é só ave. Tinha pouco gado por causa de pasto, pro gado não era muito bom o pasto, o terreno era bem grande mas não era bom prá pasto, então conseguia pouco, poucos animais, porque não dava conta de... Não tinha jeito de possuir muito, o terreno não ajudava (S).

O problema também era a água, tinha que ir buscar um pouco longe, um pouquinho prá baixo da casa, onde na época era o córgo. Na época a água ficava é... Passava uns dias sem chover aí a gente tinha uma mina lá e cavava um pouquinho, saia a água azulinha, branquinha, igual água filtrada meu Deus! Era um local que tinha lá. E isso aí eu lembro até hoje. Tinha pessoas de longe que ia lá e não esquecia daquela água. Água limpa, a que nascia na rocha de Deus... Então a gente usava mais daquela água. Agora, tinha época que chovia muito e a gente pegava até na onde a gente chama córgo, que passava lá então...

É tão simples a minha vida. A forma de convivência lá que eu tive, até não tenho muito que explicar, tinha uma vida simples só que era boa. Lá eu sentia mais prazer que eu lembro até hoje. Quando tava todos irmão em casa, eu não esqueço, nós brincava muito. Brincava! Sempre a convivência de casa era assim... De isso aí eu lembro muitcho. Até hoje eu lembro quando juntava os colega também. Eu achava a vida bem melhor do que eu vejo assim em outras cidade grande.

Era uma vida simples mas era saudável, gostoso. Então eu lembro de juntar com os outro moleque, a gente, já falei isso aí, juntava com as criança prá brincar, jogar bola, pescar, isso aí não esquece.

Aí nessa fábrica de farinha ou quando fazia rapadura nesse engenho, aí tinha os bagaçal, a gente brincava ali. A gente pegava um cabo de cana, moia lá no moedor, punha um bucado de farinha, e enquanto tava azedo a gente bebia. De qualquer jeito nós fazia então... Moia a cana, já deixava ali prá bebe no outro dia azedo, por gosto da gente, não era bom não, estragava, mas é que a gente tinha aquele gosto de tomar ele azedo, de deixar pro outro dia.

Então é isso aí. Então a vida comum nós achava melhor que muitas cidade da capital grande. Na capital grande tem muita gente. A capital grande eu não sei explicar porque é ruim, tem muito jeito de vida aqui em São Paulo, então não sei explicar não. Na cidade aqui é igual eu falei, tem muitchas pessoas, cada um leva a sua vida, do seu jeito, então é muitas coisa boa, muitas coisa bastante boa, mas...

* * * * *

Quando eu vim prá cá, a diferença é que eu estranhei bastante quando cheguei aqui, porque eu tava acostumado lá em comum com a

minha família, achei que se fosse achar os parente, fosse só os meu primo, só que eles gostava muito de mim, igual a irmão, até hoje. Aí, o ruim é que eu fui chegando no começo e não arrumo emprego, tava o salário meio baixo. Mais eu continuei e depois começou a melhorar o salário. Nunca fui de ganhar muito bem, ganhei sempre pouco sabe?

Meu primeiro emprego aqui eu trabaiei pouco tempo, só uns dois mese numa metalúrgica, depois, entrei nesse supermercado. Ah, eu trabaiei uns tempo também fazendo bico, não foi cadastrado naquela época, fazia bico de guarda. Fiz uma entrevista, trabaiei bastante tempo lá, eu ia lá, eu ficava lá trabaiano de guarda, aí, quando terminava, eu ia procurar outro serviço. Entrei numa firma aí e trabaiei uns cinco ou quatro mese, saí, entrei ni outra também, trabaiei uns sei meses, aí foi esse o tempo que eu trabaiei de bico. Depois eu arrumei no supermercado. Aí foi na época que eu fiquei dez ano e dez meses. Antes eu arrumava assim, não tinha um serviço, fiquei muito tempo na firma, aí, quando eu sai de lá, eu fui embora prá Minas.

Voltei prá lá por causa de saudades. A minha mulher gostava bastante de lá. Aí eu fui prá lá. Só que logo... Como eu já expliquei o começo não deu certo, eu não tinha emprego prá ficá no sítio, o sítio num dava, não tinha condições de trabaiaí porque a terra não é boa. Aí eu voltei de novo prá São Paulo.

Lá em Turmalina lá não tem emprego, lá só tem uma firma de carvoeira, só que às vez eles pega mais as pessoa mais novo, e às vez até pessoa novo que espera uma vaga é difícil aparecer. Trabalhei ni ela um ano e cinco meses, mexia com o forno, enchia o forno de lenha e carvão. Você põe a tora de lenha lá dentro e cozinha, fecha o forno e põe fogo.

Nesse tempo fiquei em Turmalina seis ano e seis mese. Lá eu tinha um comércinho. Tinha escritório e tudo. Um emporiozinho. Só que não deu, não foi prá frente, ele deu prejuízo mas ele durou seis ano e meio. Às vezes eu arrumava um outro serviço fora mas a minha mulher ficava no comércio. E aí eu arrumava algum bico fora. Aí, depois saí dessa firma e vim embora prá São Paulo. Eu fiz tijolo. Trabaiei também lá nas terras de meu pai. Lá então eu fiz também uma casinha e vendi com o tijolo que eu fiz (S).

O lugar que a gente nasceu você nunca esquece. Tinha saudade dos amigo. Tinha muita vontade de voltar prá lá. E minha mulher gostava de lá também. Meu pai gostava muito dela, meu pai e minha mãe. Aí nós foi prá lá. Só que aí depois não deu. Aí nós foi obrigado a voltar.

* * * * *

A primeira vez que eu morei aqui em São Paulo, eu morava mais é sozinho, morava em pensão até eu casar. Foi quando eu conheci minha esposa aqui em São Paulo. Ela veio prá São Paulo, ela e o pai dela. A família dela tudo eu conheci aqui.

Quando nós ia passear lá em Turmalina ela gostava de lá. Aí, depois nós mudou prá lá, e ela gostava de lá. Ela gostava muito de meus pais e meus pais gostava dela. Aí, depois desses seis anos e meio lá, aí a

gente veio embora de novo prá São Paulo. Ela já arrumou um emprego e eu arrumei outro.

Nessa volta prá São Paulo eu morei ali no bairro da freqüesia, só que pertence a Terezinha, a Brasilândia. Depois disso nós mudamo prá Santo André. E nós ficou um ano e quatro mese aqui na vila Suiça. Aí, nesse ano e quatro mese eu vim preso. Aí ela ficou só mais dois mese e aí voltou prá lá, que a irmã dela mora lá. Aí voltou prá lá e ficou morando na casa da irmã dela nesse mesmo local, lá em Terezinha, Vila Brasilândia, e ainda mora lá ainda (*) (S).

É só...

* * * * *

Eu gostaria de rever... (S). De rever a minha vida simples. A minha vida que eu levava na rua. Gostaria de rever essa vida de novo. Sair logo daqui e viver a minha vida que eu vivia. E viver com a minha mulher e ela não trabalhar mais porque ela é doente, ela tem problema no coração, queria dar um pouquinho de repouso prá ela, ela tá trabaiaando muito, só ela trabaia. Agora ela tá com uma banca, uma banca com produto. Tem mais é produto do Paraguai. Compra nas galeria. Ela tá desempregada. Aí ela montou uma banca lá no bairro memo, Brasilândia. Ela põe ali na Av. Itaberaba, em frente dum supermercado. Ela trabaiô nesse supermercado uns dois anos, depois saiu não conseguiu arrumar emprego, e agora tá em frente ao supermercado. E ali ela pois a banca, tem de se manter (S).

Então o que eu mais pretendo é isso, sair logo daqui prá mim viver e ajudar ela.

* * * * *

Vim preso porque eu tô no artigo 214, sou acusado de estupro. É que eu tava num local lá, era um botequinho aqui em Santo André, um botequinho. No fundo era um botequinho de tábua assim. Aí eu tava meio de fogo lá e aí aconteceu essa coisa aí. Aí eu fico até nervoso de explicar, tenho vergonha de explicar. Eu tava lá no boteco tomando uma bebida, esse dia eu tava meio zuado, eu tava meio alterado, aí aconteceu, mexi com a menina, só, mas não aconteceu..., o estupro mesmo não aconteceu. Aí eu culpo mais devido a bebida, porque eu não tinha isso, eu não pensava que podia fazer aquilo lá que eu fiz. Aí aconteceu de eu vim preso.

Na época eu vim preso, mas de sobre outras coisa eu fazer, eu tenho a minha consciência limpa que eu fiz sempre certo. E no memo caso que eu tô, também tenho a consciência limpa também que eu nunca pensava em fazer isso. E tô até nervoso de explicar porque é feio, é uma coisa que então... Eu tenho o apoio da mulher porque ela também me conhece, ela sabe que eu não sou de fazer essas coisa aí, às vez ela nem acredita!

Então foi o caso que aconteceu. Eu memo não tinha pensado em que aquilo podia acontecer comigo e aconteceu. Eu tava com uns primo, tudo morava lá. O botequinho encostado da casa dos primo. Sempre eu ia lá. Aí esse dia aconteceu isso aí (S).

É coisa que nem eu... Sempre procurei andar certo. Igual eu já expliquei que a minha vida foi toda, foi uma vida simples, não fui de salão, de frequentar muito bar essas coisa não. Às vez eu bebia, mas não todo dia, não era exagerado, bebia de fim de semana. Aí eu bebia às veze passava do limite. Mas nunca tinha acontecido nada igual aconteceu (S).

Então é isso, é isso aí. Só isso!

* * * * *

Lembro muito pouco de política, não conheço muito de política. Às vezes que eu já votei eu dei sorte, meus candidatos ganharam muitas vezes, eu dei sorte às veiz que eu votei, dei sorte. Agora, teve uns tempo que eu não votei, votei pelo correio. Mas às veiz que eu votei sempre tive um pouco de sorte (S). Sobre a vida política eu conheço pouco, não posso falar nada (S).

Naquela época de eu tá aqui só ouço comentários. A gente ficou atento com as coisa que aconteceu. Tancredo ia entrar na política, morreu. Só isso que lembro, de muitos comentário, muito comentário. Só isso (S). Comentário do povo. Conheço pouco de política (S).

É um pouco difícil de explicá, de falar qual a autoridade que fez alguma coisa qual a que não fez. É ruim de explicar porque a gente não acompanha política. Mas o que eu acho é que um político, pelo que o povo fala, uns fala bem outros fala mal, outros fala que ele fez qualquer coisa, outros fala que ele não fez nada, política é sempre o que a gente escuta na rua. Uns fala que aquele candidato trabaiô bem, outros fala num trabaiô, sempre é tudo assim (S). Sempre falar alguma coisa do que ele faz. Ficar sem fazer nada ele não fica, não fica, sempre faz alguma coisa, ele não fica lá sem fazer nada. O único comentário é este que a gente escuta na rua (S). Aí é um pouco difícil de explicar, porque se a gente acompanhasse e estivesse um pouco por dentro de política aí podia explicar.

Acho é que todo mundo, todos é..., todos faiz igual, sempre alguma coisa eles faiz, não fica sem fazer nada, então...(S).

Sabe que o país é difícil de mandar, mas sempre quem sabe é eles lá (*), a gente não pode falar nada (*), eles que tá seguindo a política é que entende, a gente não entende nada disso aí não, sabe nada, por isso que eu falo que não dá prá explicar, não dá...

A vida política depende do candidato que você vota. Igual eu tô te falando, te explicando, cê tem fé naquele candidato, aí você vota nele. Todos os meus candidatos corresponderam às minhas expectativas, todos corresponderam. Que dirigir o país é difícil então corresponderam bem. Prá mim o país tá bem dirigido por enquanto, não precisa mudar nada, prá mim tá bem (S). Eu não sei explicar o que é que ele fez, o que é que não fez, eu falo, tenho pouca coisa prá explicar (S), às vezes a gente não sabe explicar.

Que nem a gente vê aí o Paulo Maluf, a gente vê outros, a gente ouve falar dos vereadores também, e que já fez bastante coisa. Igual na época há muitos ano atrás, o Maluf, ele limpou o rio Tamandateí. Faz bastante tempo que era água suja e ele limpou. Não sei como é que está agora que faz tempo. Sempre ele ali assim de construção de viaduto e essas

coisas, ele já fez essas coisas (*). Agora, tem bastante coisa que ele já fez, mas eu não posso, não tô na idade de explicar não (*). No maior tempo que eu tô aqui, por causa que eu tô aqui que eu esqueci a causa... (*).

Eu não acompanho política porque não gosto de política. Eu não gosto mesmo porque não acompanhava mesmo. Às vezes eu ficava, via no jornal, vê jornal todo o dia, aí você pode acompanhar muitas coisas. Aí eu vi noutro dia, às vez dá prá dá uma acompanhada. O problema é esse, se a gente tá lendo o jornal outro dia e tá por dentro de todas as coisas, política e tudo, se vê jornal então podia explicar melhor e aí sabia explicar.

Não tenho mais coisa prá contar não! É que eu tenho pouca coisa. Que a questão é de interior... (S).

* * * * *

Cê me perguntou do nome do sítio depois que eu fui prá cidade, ele tem nome sim, é que tem muitos anos que eu não vou lá, então, não é que eu esqueci, é que na hora é do meu jeito de falar, ele chama Engenho Veio. Às vezes a gente costumava dá o nome é do meu pai mas o nome do sítio era Engenho Velho. Falta eu falar bonito!

Lembro os passeios que fazia no sítio na hora que tivesse que fazer alguma viagem por aí de cavalo, ou que catava outro cavalo, outro animal. Preferia ir de cavalo a viagem por aí que eu fosse longe. Tinha que ir de cavalo... (*). E nisso daí tratava do que tava faltando.

Sobre o sítio, tudo eu já falei (S).

O que eu já falei não precisa repetir, então já falei tudo. Foi uma vida simples, a vida no interior de todos é assim uma vida é comum...

* * * * *

A vida no interior é como eu já expliquei, às vezes vai na roça trabalhando na lavoura. Igual nós, nós trabalhava na lavoura e tem um engenho de que eu falei, engenho de rapadura e a fábrica de farinha, só vivi assim. No sábado e domingo sempre dormindo, folgar, descansar. E domingo é igual ao que falei, é o divertimento, é descansar, às vezes cavalgar de cavalo em algum lugar, ir no vizinho, ou esperar algum vizinho em casa, ou a gente ir na casa do vizinho, é assim, a gente não fica sem passear. A cidade a gente ia também um pouco, muito pouco, achava mais gostoso passear na casa do vizinho do que na cidade. A cidade não é perto não, a cidade é longe, agora, o município é do outro lado, tem um arraial, um comerciozinho.

* * * * *

Como falei, quando eu vim prá São Paulo comecei a trabalhar. No dia da minha folga ia no cinema, e era cinema e parque, só isto... Ia no parque, em qualquer parque de diversão eu ía (*), no jogo de futebol eu também ia um pouco, não ia muito não, ia de vez em quando que eu na época torcia pro Palmeiras, de vez em quando eu ia no jogo do Palmeiras, no Morumbi eu ia ali só ver (S). Mais então que isso, como eu disse, era

salão e essas coisas. Nunca fui em salão, não gostei, meu passeio é esse mesmo, é quase igual do interior.

A minha vida aqui em São Paulo eu ia na casa de um amigo. Aqui tinha uma tia, tinha uns primos. De domingo eu ia na casa deles, mesmo depois que casei a mesma coisa. Aí era a vida caseira em casa de meus parentes e na casa dos parentes dela. Quando a gente quer passear, até hoje é o cinema, a mesma coisa, ela tem a mesma natureza minha. É no cinema, no parquinho, qualquer parque a gente ía (*). Tem dezenove anos desde quando conheço ela, e desde o tempo que era solteiro é a mesma coisa. E eu também não sou...(*) (S).

Nosso passeio é isso mesmo, vamo no cinema ou parque de diversão. Então a vida é assim (*) (S).

Só isso mesmo (*) (S). Só isso assim. Que eu tô lembrando é isso...

* * * * *

Que mais que eu lembro? Lembro de um namoro. É, namorei, tinha namoradinha, não ficava sem namorar. Ah, tinha uns é:: No interior tinha uns quinze anos, quinze, dezesseis anos, lembro dela, a namoradinha do interior era bonita. Eu namorei com uma morena, morena alta, tinha a mesma vida comum que eu vivi. Que eu vivia no interior mas só que eu era um namorado que namorava assim, deixe eu explicar, a gente não tinha nem intimidades, guardava um namorito que é::, que lá no interior lá cê não podia.... Os pais não aceitavam que... Ela usava o véu assim, guardava prá.... Mas não que eu ia pros outros lugares assim... Também não podia abraçar não! A gente namorava assim, de vez em quando abraçava. Mas ela encontrava na cidade, lá na cidade não tinha problemas não. E agora em casa podia até abraçar ela, não podia tá beijando assim, os pais, eles não aceitavam. Era o normal de lá, o normal de lá era assim, os pais não aceitavam. Eu namorei normal. Só! A gente era a mesma coisa, eu sentia a mesma coisa né? A gente tinha, gostava a mesma coisa.

* * * * *

Aí, quando eu vim prá São Paulo eu não namorei com ela mais não. Ela ficou lá mas veio embora prá São Paulo também. Só que aqui eu não procurei ela. Ela procurou mas eu já namorei com outra (*). E foi isso mesmo de namorado.

* * * * *

Namorei no interior, tive namoro, as festinha de interior. A festinha que eu não expliquei não. Tinha a festinha que dançava e brincava, porque tinha namorada e dançava com ela, mas é dança que eu gostava de ver.

A festinha de interior é festa de Santo Reis e de Espírito Santo. Nas festa de interior é as festas de cantor caipira e canta música de Folia de Reis (*). Aí vai na casa de um, na casa de outro. Festa do Divino, festa do interior, as festas que tinha no interior era essas. Na festa de Folia de Reis eles cantava lá em casa. Cantavam aí tinha a brincadeira, depois ia cantar na casa de outro. A brincadeira era o cantor de Folia de Reis mesmo, e cantava as músicas de reis, Folia de Reis, e isso era em todas as casas (S) (*).

Acho que não tem mais não! Só isso só...

Na cidade tinha o festeio, música de o padre da cidade que não saía dali (S). Aí, na época de festa a gente ía pro centro da cidade, ficava um dia, dois dia, treis, depois voltava pro interior. Nós tinha casa na cidade. Lá, quase todas as pessoas que moram no sítio tem casa na cidade. Às vezes tem alguém, uma pessoa que tá precisando, que mora na cidade e precisa de moradia, meu pai cedia a casa prá morar, nem cobrava nada, mas ele cedia a casa prá pessoa que era sozinha, uma pessoa... Porque homem ou mulher que vivia sozinho pedia a casa, o que não atrapalhava a gente de fim de semana, uma pessoa só não apertava. E é só...

Os Cárceres da Prisão:

Eu acho que o preso é o que vem da sociedade, o que não pode viver na sociedade. Eu ouvia falar num tipo de um assalto, eu achava e acho que é uma coisa horrível, todos os crimes eu acho que é horrível. Quem tá aqui é porque num... É um lugar que não é prá ninguém, mas quem tá aqui é porque fez alguma coisa que prejudicou a sociedade. Eu tô aqui pagando um crime que...

Mas eu não acho que as pessoa que vive aqui nenhuma serve. Eu tô pagando pelo crime que eu fiz não é? Mas eu não sou, não gosto disso, tem que pagar ele e sair dessa vida, que essa vida não é prá ninguém não. Quem praticou o crime, prá ele voltar prá essa vida de novo é porque é muito errado, porque aqui é uma lição prá eles. Se ele errou ele corrige prá não praticar, não procurar, não plantar outra de novo. Porque aqui não é lugar prá ninguém viver. É isso mesmo...

Se eu soubesse bem o que era uma cadeia eu talvez...

Igual que eu já falei aqui, comentei, que eu fiz esse crime (*). Tava meio alterado. Se eu soubesse que acontece isso eu não tinha nem feito isso aí, nem bebido (*). Então o que eu penso é isso, os outros eu não sei. Não interessa o que foi (*), uma pessoa passar por uma passagem dessas é viver para não viver nunca mais de passar por isso de novo. Só isso que eu penso (*).

* * * * *

Eu não gosto nem de conversar sobre os crimes, essas coisas nem gosto de tá escutando (*). Eu não comento sobre crime porque eu não gosto, eu não gosto das conversas que leva ao crime, eu não acho nada certo. Porque quem vive no crime eu não acho que ele está com a vida certa.

Aqui se pensa sobre o que você pode conversar, sobre os assuntos. Porque tem pessoas que a mentalidade não é igual a da gente que é simples. Igual eu sou simples, então tem pessoas igual a mim também que dá certo de conversar. Agora, aqueles que conversa só do crime não tenho muita conversa, que a mentalidade dele eu acho diferente da minha. A conversa que é do crime é diferente e tem muita gíria e eu não sei, nunca aprendi, nem sei falar, eu converso normal que eu sou, toda a vida aí eu conversei normal. Mas tem bastante gente que passa aqui e conversa...(*). Tem aquele que conversa normal, conversa sobre a família, sobre o trabalho, que vai sair daqui e ir pro trabalho de novo. Assim que é a conversa da gente, tem um monte que é a mesma coisa, que essa é um novo começo, que se aconteceu um erro, não dá, não dá mais prá se fazer aquilo de novo. Então é isso que eu comento. Então é só isso mesmo (S)(*). De se comentar é só isso mesmo... (*) (S).

* * * * *

Aconteceu de novo uma rebelião no final de semana, esse acontecimento é... A gente tá aí dentro mais não... É contra isso aí mas não pode fazer nada. De novo uma rebelião. Isso daí é muito ruim (*). Eu acho que não pode nem comentar, depois na cela eles pegam a gente... (S).

No dia de rebelião eu não saio nem pro... Teve aquelas outras rebelião aí, tô aqui fora e destruiu tudo isso aí (*). Toda a rebelião eu fico prá dentro, não tem muita confiança de ficar nela, no meio dos outros. A gente fica preocupado, pode acontecer uma coisa, não sei (*) (S).

A gente gostaria que não acontecesse isso aí, isso é que eu queria, mas não é todos que pensa assim.

O que dá mais medo é a rebelião. Essas coisas é o que dá mais medo. Eu sinto medo (*) de cara... É:: ficar no meio deles, das pessoas (*). A gente tem medo porque cada um tem uma natureza, igual falei, cada um tem uma mentalidade, quer entrar no meio aí no... A gente não confia, a gente cuida da vida da gente na rebelião. Quê que se faz? Igual a mim tem muitos que fica preocupado (*) (S).

Aqui dentro, prá gente, prá mim é um sofrimento, na rebelião mais ainda porque a gente fica preocupado se vai sair com vida ou não. Mas graças a Deus até hoje tô conseguindo tirar ela do meio. É só isso mesmo... (*) (S).

* * * * *

No meu pensamento cada um tem uma cabeça, mas também a gente procura andar sempre com todos prá gente pode conviver com os outros. Andar com os outros é estar sempre juntos, tratar bem, conversar bem, conversar certo, não brigar com outro, com ninguém, conversar com os outros. Até hoje não aconteceu nada comigo, nunca aconteceu nada, mas é porque eu evito, procuro de tratar todo mundo bem (*). Aí dentro, se for procurar aí tem... Que nem, se você procura cê pode arrumar uma briga ou uma coisa assim, não chega a torturar não...

Procurar é você vê que o que tá acontecendo até agora não dá. Pensa muito aí. E aí cê vai falar uma coisa e já é um suspeito (*), já é uma coisa positiva prá pessoa aí, prá eles arrumar com você. Aí, o que a pessoa fala (*) você tem que responder. Eu sempre fiz assim e então eu consegui. E até hoje não aconteceu nada comigo porque eu sigo aquilo, procuro não responder prá ninguém, nem se eu tiver nervoso, faz de conta que não é comigo, deixa quieto. Mas na ala que eu tô não tem muitos disso, não tem muita discussão (S).

É só isso mesmo... (S).

* * * * *

A gente aqui conta pouco da vida da gente. Às vez conta, lembra da estória da gente, como é que era lá fora, a gente conversa essas coisa aqui. Conversa como é que era lá fora e tal. Sente saudade da vida de fora, da rua, pensa muito na rua, no tempo de, “*Se eu tivesse lá*”, “*Se tivesse na rua, tava trabaiaando, fazendo o serviço que eu fazia*”, “*Que não*

ficava parado, sempre trabaiaando”, e a gente comenta muito isso aí de tá aqui.

Às vez a família tá precisando da gente prá trabaiaá e a gente tá preso aqui, e aí então... Quer dizer que a gente... As visita, a família da gente sofre mais do que a gente, porque a família da gente pensa muito na gente, se preocupa muito. Eu falo sobre a minha vida. No meu caso, minha família e minha mulher se preocupa muito comigo. Ela tem até o problema de coração, então isso aí a gente, deixa a gente... A gente comenta muito isso, fica lembrando muito.

A estória da minha vida não dá prá conta muito não aí dentro, só prá algumas pessoa que tá no X que a gente pode confiar neles. Não é a todo mundo que te dá confiança aqui de conversar com eles por sobre qualquer tema. Tem as pessoa que a gente pode conversar, aí explico como é que é, mas não é assim...

* * * * *

A confiança depende de a gente saber sobre o procedimento da pessoa igual a gente. O procedimento da pessoa é você vê que a pessoa é calma, pessoa que não é de arrumar encrenca com a gente. Então essas pessoa que conversa... Tem gente que é mais agressivo e outros menos. Porque as minha conversa é conversa simples, eu sou uma pessoa simples, não sô...(S).

* * * * *

Tô aqui dentro eu procuro tirá a cadeia é:: mais quieto, mais dentro do X e fazendo o manual. Não sô muito de tá saindo não e de ir prá outros X. Então fico dentro do X fazendo o manual. Às vez o corpo até sente falta de algum exercício que eu não faço porque eu fico mais quieto. Eu mesmo é que não faço o exercício, tem os outros que joga bola e eu não jogo nada, nada. Eles joga bola no pátio e eu não jogo, fico mais é dentro do X fazendo manual. Faço barcos, faço uns barquinho, uns sofazinho, quadros. Não é todos os manual que eu sei fazer. É isso, eu sempre tô com uns manualzinho, bercinho prá criança, aqueles bercinho pequeno, é isso o que eu faço (S).

Só isso memo... (S).

Sr. Lino

Dados Básicos do Entrevistado:

Lino, nasceu na cidade de Diamantina, Estado de Minas Gerais, aos 02 de Abril de 1939 (na época da entrevista contava com 58 anos). Filho de Joaquim e Ana, desconhece a idade dos pais, e diz que a mãe não era alfabetizada e que o pai sabia ler e escrever um “*pouquinho*”, pois lembra-se de que o pai era eleitor. Lino tem como profissão o trabalho de vigia, é casado, cursou a escola até o 1º ano do primário, sabe ler e escrever “*um pouco*”, e diz nada conhecer de matemática. Sobre a escolaridade Lino fez questão de afirmar que: “*Olha, eu, eu estudei no interior, e no, no primeiro ano né? O primeiro ano assim... Era a época que a escola, de interior, aquelas escolinha né? Banco de tábua e piso de terra. Então eu estudei muito pouco que nossa família já muito pobre. Então como diz né? As crianças estuda é pouco. Na cidade nunca estudei, nem no... Não tirei assim grau no... Não cheguei a fazer nada assim. Que na nossa época era muito difícil. Ah, estudo no nosso lugar que é muito longe né? Que quem o caso do nosso, que nosso morar no comi, no Comarca Diamantina, mais longe, não perto da cidade, longe né?*” . O nome de sua esposa é Sandra, é alfabetizada, tem a idade de 40 anos e trabalha como faxineira numa empresa. Lino tem um irmão vivo, Manoel, com 96 anos de idade. Dos avós paternos e maternos Lino lembra-se apenas de seus nomes mas desconhece a idade deles, pela linha paterna são eles: Tiago e Laurinda, e pela linha materna são eles: Marcos e Nurici. Lino relata que sua dificuldade para lembrar de coisas relativas à vida de seus avós se deve ao fato de não tê-los conhecido, sendo que, tudo quanto sabe à respeito deles são histórias contadas por seus pais. Lino tem um filho e duas filhas, são eles: Amir, 19 anos, cursando a 5ª série; Silvia, 10 anos, cursando a 4ª série; Celma, 9 anos, cursando a 2ª série. Lino está preso a sete meses.

Os Cárceres do Coração:

É, da vida da gente, normal de interior, do interior. E que cidade nós quase que não têm nada porque lá pobre né? Então trabalhamos com a ferramenta né? Prá um, prá outro né? Nós não temo propriedade né? Então vive daquilo, trabalhando na enxada, na foice, no machado né? Já trabalhou um pouco tempo no garimpo né? Naquelas beira de rio tirando, lavando, peneirando. Meu pai com a vida da gente de lá do interior era essa né?

Na cidade nunca tive a oportunidade mesmo. De a minha leitura é muito pouca e nunca pude arrumá um trabalho né? Porque a leitura pouca e a cidade também é cidade pequena né? É cidade antiga mas muito pequena também. Cidade pobre, pobre né? E o mais, foi quando eu resolvi vim qui prá São Paulo prá vê se arrumava um meio, um jeitinho melhor de vida né? (S)

Até quando eu vim prá qui vivi no mesmo local que nós nascemos. Então foi até a idade que viemos, que eu vim prá São Paulo, foi em setenta e três que eu vim para aqui, hoje eu to com cinquenta e oito, agora, foi em setenta e três que eu vim prá qui, eu tava com trinta e quatro anos, deve ser uma coisa assim, já tava bem madurão mesmo.

Na época de infância da gente lá eu logo sentia tudo bem né? Porque não tem grandes coisas assim. Se vou dá um passeio em casa de, como se diz, de vizinho, em vizinho da gente, é casamento, é uma festinha, é uma reza, é uma coisa assim, um terço, uma coisa assim né? Mas nunca fui de... Porque assim, *“Não! Vou prá cidade porque tem uma festa na cidade”*. Não! Porque é muito distante né? E outra que o recurso da gente muito pouco, muito pouco, e porque é um lugar muito sossegado né? Como a gente nasceu a gente vive como criou. É aquela mesma cultura, sem briga, sem esses pensamentos que às vezes a gente tem numa cidade grande né? De roubo, assalto, essas coisa assim. Então a gente era feliz né? Via todo mundo feliz nas mesmas épocas dos nossos pais vivos. Depois que eles faleceram também continuou a mesma, na mesma rotina né? Sem jeito da gente progredir, porque, como diz, terreno nós não temos, nunca pudemos comprar né? E fomos vivendo, convivendo naquele local. Inclusive meu irmão ainda mora lá ainda, mas naquele mesmo jeito. Não pudemos, como se diz, seguir prá frente né? Rodiado de fazendeiro da roça. Nada mais, é a vida pobre, vida sofrida né?

Então fiquei feliz quando eu vim prá qui prá São Paulo em setenta e três. Que me ajudou esse serviço como vigia. E nesse serviço eu tô certo. Arrumei esse serviço numa agência. Fui trabalhando, trabalhando, trabalhando aqui mesmo pertinho. Foi aonde que eles me prenderam e me trouxeram prá Qui. Que é outra tristeza que eu tenho longa é isso. Que graças a Deus, que como eu contei, sou um pobre, pobre (S). Sinto até emoção (S)(*). Mas nunca precisei roubar nada de ninguém (chora)(S). E nunca ter sido preso (chorando)(*). E tô qui pagando uma coisa que eu não fiz (chorando).

Uma mulher que dera tanto amargura, que ela era mãe solteira, três crianças, e cada criança... (chora). Companheiro dela deixou uma criança com ela, e ela vivia jogada, e eu dei valor prá ela, e cheguei até o casamento com ela, e não sei porque que essa mulher me pôs aqui.

Me pegaram no meu serviço aqui perto trabalhando. Graças a Deus tenho vinte e três anos de serviço numa firma só. Graças a Deus meus patrão me ajuda muito. E tá com sete meses que eu tô aqui. Não sei nem porque que eu tô aqui que no fórum ainda não me levou. Não sei! E tô pagando por uma coisa que eu não devia (S). É a minha tristeza é só essa! (voz embargada)(S).

Nunca bati, nunca apanhei, nunca fui preso graças a Deus. A única cadeia que entrei nela foi essa. Que lá no interior tem cadeia mas graças a Deus nunca foi ninguém da gente preso, nem visitar! Nunca fui, nunca fui! E tô aqui. Me prenderam aqui tudo. Tô esperando até o dia que Deus me dá. Não sei se saio daqui com vida ou com morte.

E essa mulher me vem aqui me visitá. Que já foi, que já tirou o meu processo e tudo, mas nunca me levaram lá. E tô aqui sete meses, depois de amanhã vai fazer sete meses que eu tô aqui preso, sofrendo (*) no meio dos outros.

Vim do meu trabalho, tava trabalhando, comecei a trabalhar às dezoito horas, quando foi às vinte duas e quinze que eles chegaram lá me trouxeram prá aqui. E tô aqui... (chora)(*).

Porque justiça a gente tem que ser né? Tem que acompanhar a justiça. Tô esperando por eles. Até quando eu não sei. Às vezes hoje memo Deus me ajude que eles me solta né? Eu não sei se... Eu não tenho nada, nada prá argumentar, falando assim, “*Não, isso vai me ajudá ou que fô*”, não sei nem o quê que ela falou lá, num sou capaz de falar não, “*Ela falou isso, isso, isso*”, não sei (S)(chora)(*). A gente tem que esperar até o dia que Deus ajudá a gente (S)(chora).

Trabalhava, ganhava o meu pãozinho de cada dia, não faltava nada em casa. Que graças a Deus sou pobre, não tenho luxo nenhum, mas tratava com minhas crianças, tinha prazer de ficar com elas junto comigo (S)(chora). Agora tô isolado (chora)(S). Eu tô... (chora)(S).

Às vezes a gente passa horas de muita afrição qui dentro quando tem uma rebelião, tem uma coisa assim. Tem medo, tem medo de muita gente revoltado. Mas não posso fazê nada, quieto no meu cantinho entrego a só a Deus (*) (S).

Até chegá aquela hora prá eles me sortá pode acontecer qualquer coisa comigo (chora)(S)(*). O mais também eles que sabe. Não sei, só esperança divina (chora). Ou que um dia Deus me ajude que eles me chama aqui prá fazer de mim o que eles quisé, que nada mais eu posso fazê, que sô pobre, não tenho dinheiro.

Tinha meu trabalhozinho, era a esperança que eu tinha que na hora que eu me aposentasse, é que não sou aposentado, eu saísse, Deus me ajudasse com aquele direitinho que a gente tem, porque eu vou tá com o dinheiro, vou comprá um lugarzinho... Então mas onde é que eu estou? Mas agora eu tô Qui. Quando eu saí daqui nem sei se eles vão me dá esse direito. E pronto...(chora)(S). É a vida da gente (S)(chora)(*).

Agora, mais eu não sei, não sei nada (chora)(S). Me encontro abandonado (voz totalmente embargada)(chora)(S)(*). Muito difícil, muito difícil (chora). Também é só o que eu posso falar... (S).

É, se eu tivesse assim um conforto, uma confortozinho, com gosto eu já tinha explicado minha vida. Se eu tivesse um poder, se eu tivesse dinheiro, uma propriedade, um local da gente, ruim ou bom, como fosse, a gente tinha o que trazer o que é o meu pensamento, o que eu tinha, e tinha coragem e chegava e falava. Eu sei é que eu não saía prá procura outro trabalho não. Minha leitura é muito pouca, às vezes eu saio daqui eu não consigo mais outro lugar. Deixa eu aqui, aqui tô comendo, tô bebendo, nunca fui mandado embora, nunca precisou de eu pedir demissão (*), meus patrão gosta muito de meu trabalho, do meu sistema de trabalho (*). Inclusive eu trabalho só a noite, só a noite graças a Deus(*).

Eu fui preso dentro do meu trabalho(*) e tô aqui (suspira)(*). Não sei mais se ainda volto trabalhá ou qual é o fim da minha vida (*)(suspira)(respiração mais forte). É muito difícil isso prá mim... (suspira)(*)(S).

Tem que só a Deus esperá. Tudo que Deus fazê por mim tá bom (suspira). Pela idade, já tô no fim de minha vida, não tenho mais esperança (suspira)(S). E também é só (suspira) até onde é que pude explicar. Bem, só isso... (S).

Que aqui em São Paulo eu nunca, eu não sou de andar muito né? Não era costumado também de andar muito né? Então aqui em São Paulo é difícil. Tinha minha casa (suspira) e minha rotina da minha casa pro meu trabalho, do meu trabalho prá minha casa. Graças à Deus eu vivia muito feliz, muito feliz. Sabendo do meu, do meu ganha pão todo mês - Infelizmente eu perdi (suspira)!

Se Deus me ajudar, quando eu sair daqui, se eu sair com vida e meus patrões me dé ao menos meu direitinho, tudo bem, senão (suspira), eu tenho qui (suspira), nem tenho como voltá (*)(S)(suspira). Muito difícil (suspira)!

E também é assim que eu posso explicá (*). E também é só...(S).

* * * * *

Nunca tive vida de preso. Tem muitas pessoa que vai passeiá numa cidade, num lugar diferente e volta (*) né? Nunca fui de sair, prá falá, “*Não, eu vou passeá numa outra cidade (*) mais distante, nem que seja na...*”, “*Vou passeá*”, nunca! Que conforme nós foi criado então vou levando aquela mesma rotina. Minha rotina até enquanto meus pais era vivos. Quando meus pais morreu por aí é a mesma coisa, indo da roça prá dentro de casa, da casa prá roça, passeá pros lado do rio dona Ibitima, tudo aquela rotina pequena. Tinha satisfação, vivia feliz, tudo com amizade, todo mundo com amor né? Bonito, todo mundo da vida unido, como ainda é. É como imaginá a gente, aqueles velhos, aquele pessoal, aqueles novos também que moram lá, todo mundo unido. Mas não dá que falá que a gente vai prum lugar longe, passeá, conhecer, vou não que tudo mundo é fraco (suspira)(*), fraco no dinheiro né? É assim fraco no dinheiro. Que se fô prá

sair, prá ir numa cidade, “*Não, a gente nunca...*”. Na capital mineira? Nunca! Nem pensar! Que é muito longe né? Então não precisa nem pensar que ninguém tem...(*). E prá gente, depois da idade de mocinho, já pensa, porque a gente num tem uma cultura, como é que vai numa cidade grande heim? Nem às vezes com ajuda de outro não dá, dá não (suspira)(S). Isso é muito difícil (voz bem baixa).

Deus que me ajudou até nessa, graças a Deus aquela mesma rotina (*). Agora é me pegar com Deus, prá Deus me ajudar. Que daqui prá frente só Deus e a justiça né? Deus e a justiça que me prendeu. Quando sair daqui não sei nem prá onde vou, se vou pro cemitério ou qualquer coisa assim (*). Do mais, não posso fazer nada que não tenho dinheiro, não tenho conforto, não tenho nada (*), e aqui não tem ninguém prá mim. Eu tinha essa mulher (*), mas fazer o que ela fez comigo sem eu merecer? Ela vai me ajudá? Ela não vai me ajudá né? Que não briguei, não bati, muito amor por ela e minhas crianças. E não sei que fez na cabeça dela, não sei o que fez a cabeça dela quando ela foi e fez isso lá sobre mim, não sei...(chora)(S)(*).

E o mais é só o que eu posso falar... (suspira)(S)(*).

* * * * *

É assim que a gente pensa né? É o meu pensamento dia e noite né? Di isso, olho pro mundo todo e não vejo nada (*), e cada vez que a gente alembra vê só tristeza, unindo e unindo mais prá perto da gente.

Não lembro nada porque eu não vi nada que me causasse eu tá no lugar que eu tô. Que não discuti, não briguei, não fiz e não aconteci né? Então não lembro nada! Que no dia que eles me levava perguntou, “*Cê brigou?*”, “*Não senhor*”. Eu não sei, eu não briguei, não bati né? Não sei que é que fez a cabeça dela me trazendo num lugar desse.

A justiça chegou, me prendeu no meu trabalho, me prendeu aqui. E tô esse tempo todo. Não sei o que eles vão fazer comigo. Não sei, não sei mesmo que que eles vão fazer. E eu vou ficando. Num me pergunte porque o que sei é isso. Que pelo qui o povo fala, eu tenho que ter um motivo que fosse prá me prender, mas não tenho nada, não sei o que que ela falou lá, e tô aí (suspira) acabando os dias, acabando os dias, é, acabando os dias... Deus quer assim, a justiça quer assim né? Que acredite nim Deus né? Se a justiça quer assim eu tô pagando. Que é como fala, pagá um coisa que não deve. Vai pagando até...(*).

Igualmente, se eu deve, se como fala, se eu dei prá ela, se eu dei um tapa nela de brincadeira ou o que for, mas graças a Deus que eu não fiz isso...(S)(*)(suspira)(respiração forte). E eu tô aí (S).

No mais, o que eu posso falar é só isso...(S).

* * * * *

Morava no local nosso que é Serra de Santana. Serra de Santana é o nome de uma serra que tem aquele nome. Então fica aquele local que é uma montanha alta que tem lá, uma coisa assim (expressa com

os braços a montanha alta), e mais aquelas veredas, e beira de rio, e campo, mato e tudo. É longe, muito longe da cidade, muito longe mesmo.

Lá, morava na chácara de Santana. Prá ir lá tem que ir chegando lá. Tem que perguntar prá encontrá porque não tem como explicá. É difícil ir nesse lugar. Às vezes vai carro naquelas fazendas, mas vai assim, vai numa fazenda, vai notra, o que fô assim, é difícil, muito difícil, estrada de chão, terra. Nessa época de chuva é muito difícil que não tem ponte, não tem nada. Nos riachos não tem passagem rodando dentro daquelas águas. Muito difícil! Lá é como diz, a gente que anda lá é como diz, é no lombo de um animal né? Que o burro, o cavalo, o que for, por informação até é difícil. Não tem luz elétrica, não tem nada, não tem não, é difícil. É aquele povo que, como diz, nasceu naquele local, viveu naquele local né? Não tem, não tem nada porque muito difícil. Porque é gente pobre que não tem o terreno. É de sujeito que não tem o terreno. Encosta em uma fazendinha daquelas, vai trabalhando prá aqueles fazendeiros, e vai trabalhando, e vê que o fazendeiro também não manda aquela pessoa, então a pessoa vai vivendo naquele local, vai vivendo. Então... Mais a gente até quando às vezes surgisse uma reforma agrária ou coisa assim, então podia às vezes até arranjar prá gente um pedacinho de terra, mas lá naquele local é difícil, muito difícil...

Lá em Diamantina vivi sempre no mesmo local. Nós não tinha propriedade, vivia na fazenda é de uns fazendeiros né? Então de um fazendeiro às vezes passa prá outro, de outro passa prá outro (*). E fazenda longe do lugarzinho que nós mora, que eles tem terrenão grande né? Então a gente vive naquele mesmo local ali. Ali fica perto do ribeirão, é esse nome mesmo “ribeirão”. Ribeirão, uns falam ribeirão de areia porque é rio que tem muita areia, então ribeirão de areia. Mais lá era muito longe da cidade né? Então um fazendeiro aceita troca, vende um pro outro, do outro serve pro outro e termina naquela rotina, continua com aquele mesmo pessoal. Que vem pessoal assim, e assim...

Meu irmão mora lá ainda no mesmo local, com noventa e seis anos. Ele num anda mais, não guenta andar que já tá muito velho. Então ele mora ele com a esposa e dois filhos dele também. Que mora lá no mesmo local certo. Já estão de idade também e a família não dá prá sair prá longe (suspira). Não tem como também sair né? Que a gente, se for sair daquele local, nem arrumar outro local vai. Fazendeiro nenhum vai querer também a pessoa daquela idade, porque prestar serviço não dá mais, não guenta mais trabalhá, então fica naquele localzinho mesmo...

Na época que eu vivia lá, vivia de trabalhar na ferramenta, na enxada, na foice, no machado, e muitas vezes nós vinha nas beiras do rios prá lavar penerada né? Prá vê se achava um baguinho de ouro ou diamante o que fô né? Então a gente ia ali e lavava e tirava, mas tava trabalhando na ferramenta pros fazendeiros, nas plantação dos fazendeiro.

Os fazendeiros tinha é plantação mesmo é de milho, feijão, arroz, cana e mandioca, não tem outra coisa prá ali. E os fazendeiros lá vive com leite né? Que faz queijo ou então vende os leites prá cooperativas prá eles lá (*). Mas o mais o pobre fica trabalhando prá ele, ali naquela ferramenta (suspira)(*). E o fazendeiro cria gado pro abate, que vai pro açougue, como for, e no fim vive daquilo.

Às vezes a gente cuidava do gado também. Às vezes, muitas vezes nós ia. Ele chamava prá gente ir lá às vezes um dia que às vezes um vaqueiro saísse com outro. A gente ia lá tirar o leite ou uma coisa assim, mas não definitivo, nada definitivo. Às vezes de uma coisa de ajudar o vaqueiro a tirá o leite ou ele rodar no pasto, ou cortá na enxada também.

O que o fazendeiro apresentou prá fazer aquela pessoa faz. Não é que nem que aqui que eu sou vigia, sou só vigia, vou trabalhar como vigilante e é só aquilo que é o sentido do meu trabalho né? Não, lá o que apresentou na roça a gente faz. O fazendeiro chegava lá e falava, “*Cê vai carpir roça, cê vai roçar capim*”. Então, é pegar a ferramenta e ir lá prá roçar, capinar. Se era prá plantar cana, ou limpar cana, ou o que for, ou prá plantar arroz, colher arroz, ou que for, “*Tá! Vamos fazer!*”, seja um só ou seja quantos tiver, “*Vamos fazer!*”. Já que é grupo unido é fazer e saber que trabalhou o dia e ganhou seu dinheirinho né? Já tá sabendo pro fim da semana que tu pode comprar uma coisinha prá por dentro de casa prá ter. E sempre os fazendeiros lá tem suas vendinhas. Tem suas vendinha prá vender o arroz, o feijão, o milho, o fubá, o que for ali, a querosena prá gente acende a lamparina. Então é isso...

* * * * *

Meus pais também são de lá. Que aqueles pessoal daquela região eles nasceram lá mesmo né? Nasceram lá mesmo! Que casinha velha, aquelas casinhas de adubo, outros eram de madeiras né? Ainda consegue ficá naquele mesmo ritmo, naquele mesmo jeitinho do local.

De onde nasci, a criança da roça tá ali com quatro anos, ela já ajuda com uma coisa, varre um terrero, qualquer uma coisa. Cê vê os pais lá na roça, às vezes pega aquela enxadinha miudinha, o filho tá ali junto com o pai ali raspando bobagem a toa, bobagem a toa né? Não têm... Que nem eu mesmo, que eu mesmo lembro muito. Não tem que nem essa juventude de hoje tem aqui, é:: menino jogando bola, é menino sortando pipa, lá não tem esse negócio não! Quem vai falar nisso num lugar daquele? Nem pensar! Menino tá ali, quando é de tardinha menino tá frouxo prá deitar e dormir. Deitar e dormir e pronto, no outro dia na mesma rotina. Aqueles que tem criação, menino vai lá buscá bezerro, prendê bezerro o que for. Outros que não tem, que nem nós mesmo não tinha, então é acompanhando os pais rumo ali. E aí vai crescendo e o pai vai ficando alegre que o filho vai começando a ter força e ajudar, e todo mundo fica satisfeito (suspira)(*).

* * * * *

A região lá é montanhosa, muito montanhosa mesmo né? Tem aquele, tem aqueles lugar distante né? Lugar que dava matas né? Naquelas margens de rio, naquele lugar que a gente faz o plantio né? Então têm... Tem mas não de falá que seja um lugar plano com muitos quilometro de distância não. Tem uma montanha de um lado, a montanha do outro, às vezes tem aqueles lugar mais baixinhos prá aqueles meio afora e assim. Não é que seja aquele local que a gente chega assim... Às vezes de um local

muito distante sabe? Não! É lugar montanhoso que inclusive não tem estrada de carro, não tem esse trajeto. Não tem luz elétrica, não tem nada. Vai com os carros assim que nem sei.

O fazendeiro tem esse caminhãozinho pequeno, então seja uma pick-up ou um carro assim, ou um jipe ou uma coisa assim. Esses carros melindrosos que tem aqui na cidade não precisa nem pensar em ir num lugar daquele. Prá lá é melindroso! Quem tem o Alfa ou tem aí um Tempra, qualquer um carro daquele, enfiar num lugar daquele é perigoso de ir e não voltá. Que tem é de pedra e buraco e tudo prá aqueles mundo afora. Tem que passá dentro de água, dentro de rio. Ali a pessoa já sabe, não dá prá passá, e se enfia ali fica lá e tem de juntá aquele tanto de gente prá empurrar, prá ajudar a sair. Se é um caminhãozinho às vezes ainda tem que buscar até no fazendeiro, pegar boi de carro e ir lá e puxar aquilo lá prá sair. É difícil, é difícil, não é fácil não, não é fácil não...

* * * * *

Nas horas de folga, de descanso, é aquela mesma rotina. Vamos na casa do colega, vamos bater papo, vamos na casa de outro colega, vamos bater papo, outros vinham na casa da gente, e por aí ficava, batendo papo até tantas da noite como fosse, ai então ia embora e pronto, aquela mesma rotina...

Quando então tinha uma festa, “*Vamos né? Tem um lugarzinho? Tem terço prá nós?*”. Era uma beleza! O povo ficava na casa de fulano de tal, puxava reza sabe? Vamo lá! Todo mundo trabalhava, e saía cansado, tomava aquele banho naquela cachoeira lá, “*Ah, vou no terço sabe?*”. Cansado, chegava lá, rezava e ficava conversando. Um conta uma história, outro conta outra. E depois cada um ia prá sua casa, cada qual prá sua casa e pronto. E achava tudo bonito. Achava não! Ainda é muito bonito que ainda tem a mesma coisa. Ainda tem a mesma coisa que o povo daquele lugar não tem aquela ilusão da cidade. Quanto essa ilusão da cidade... Ali tem uma paisagem bonita, uma coisa linda.

Hoje o povo é tudo, é muito televisão. Chega num lugar daquele, que nem lá que tem muitos velhos que nunca vê uma televisão, é capaz de eles até assustar, é perigoso de ele até assustá! Lá, é um radiozinho velho de pilha e pronto. Que a novidade do lugar é o radinho velho. Uma radio de pia e pronto. Mais nada... (suspira).

* * * * *

A ilusão da cidade, prum lugar daquele que a gente nasceu, é vim pruma cidade dessa e vê tanta coisa diferente né? Uma loja bonita, uma coisa bonita como tem muito lugar aqui. Um parque de diversão já é uma novidade num lugar daquele. Uma novidade daquela. Que nem pro meu irmão com noventa e seis anos, se ele guentasse vir pro lugar desse aqui é capaz de ele ficar até meio bobo aqui dentro de São Paulo. Mas existe isto? (*) É difícil! E assim tem muitos no lugar, tem muita gente velho lá que não sabe(*).

Às vezes nós ia até a cidade, “*Vamo lá prá comprar uma roupazinha?*”, “*Vamos lá né?*”. Mas era longe, levava de animal umas nove horas. É muito longe. Ia de burro ou cavalo. Outros já iam às vezes levando uma carga de lenha. Punha aqui prá levar, prá vender na cidade, prá ganhar um dinheirinho também naquela cidadinha, porque tem muita gente lá que quer pois tem fogão de lenha, fogão de lenha mesmo. Então é aquela rotina. Então o sujeito vai lá, “*Não, eu vou lá, vou comprá uma calça*”, “*Vou comprar uma camisa*”, e o que for né? É quando vem o caso de se precisá, daí vai.

Eu nunca fui lá numa festa não. Eu nem sei se tem prá falar verdade. Nem sei se tem festa num lugar desse que nunca fui prá falá que tem uma festa, que é bonito e nem nada. É que nem um tipo de um sujeito da roça. É como diz aí, costumô né?

Que nem meu caso, vim aqui prá São Paulo em setenta e três e acostumei. Deus me ajudou. Eu arrumei um serviço e fiquei trabalhando. Quando fui lá visitá meu irmão... Graças à Deus chego lá, graças à Deus levo um dinheirinho prá ele né? Toda a vez que tô de férias eu vou lá. Vou lá ver meus irmãos. Conto tudo prá eles como passa a rotina da cidade né?

* * * * *

Eu vim prá cá que sempre vinha aquele pessoal, às vezes naquele município, procurando gente prá trabalhar em construção né? Então um pessoal que veio prá São Paulo, já faz muito tempo, tava por lá arranjando pessoal prá trabalhá em construção. E aí, eu e uns rapazes donde que nós tava lá, viemo, “*Ah, vamos?*”. Tava mesmo da gente ficá lá sem trabalhá, então falei, “*Vamos*”. Foi então que vim mais eles né?

Vim mais eles. Cheguei aí eu e eles. Comecei a trabalhar no alojamento como cozinheiro, depois eles me puseram como vigia, eu fiquei trabalhando como vigia ali naquele alojamentozinho, em São Rafael, é aqui em São Paulo, em São Rafael, fica perto do São Mateus, uma coisa assim. Então eu ficava trabalhando ali.

No que eu tava ali trabalhando dentro da construção aí eles me convidaram prá mim trabalhá lá como vigia, aí eu já fui trabalhar lá na firma. Fui trabalhar lá na firma. A gente tinha outros vigia. Que era uma agência com nome Septem. Aí eu ingressei nessa Septem.

Deixa eu falá bem. Eu trabalhava de vigia, não era vigia era uma ronda ali naquele alojamento onde é que nós tava. Aí eu não sei se eles que conversaram lá, não sei o que, ficavam rodando aquela coisa ali assim. Aí eles me chamaram, falou, “*Escuta, olha, oohh? Tá te chamando... Cê quer ingressar naquela agência e ser vigia da própria agência da Septem?*”. Sempre ia lá no alojamento também, tinha dois que até que morava lá nesse alojamento, “*Não, vamos lá que arranja na firma*”, ele disse isso, “*É bem melhor um pouquinho e ganha mais um pouquinho*”. E aí eu conversei com o rapaz que vinha ser o meu patrão, que era o encarregado do pessoal que tinha me buscado, “*Não, tá tudo muito bem! Na hora que você quiser!*”. Aí eu ingressei nessa Septem.

Aí, na Septem ficava aquela rotina, então me puseram num lugar, leva pro outro, leva prá outro, leva pro outro né? Até que me

puseram aqui pertinho na concessionária Fiat aqui perto daqui. Vim é prá aí. Me puseram prá mim trabalhar aí. E no trabalhar o patrão daí convidou três de nós, “*Olha, vai vencer o contrato da agência*”. Porque nunca que fiz mal o trabalho do pessoal, muitos vinham, muitos vinham e faltava muito. Inclusive, era muito ruim era assim o trabalho, e outra que eu trabalhava à noite, se de manhã o sujeito não chegava para render nós, nós tinha (*) que dobrar o dia ali com aquele sono que só, e tirá o dia assim, o sono vinha e quando via o carro buzina a gente. E então foi indo, foi indo, venceu o contrato, chamou três de nós, os outros sumiu, nem sei. E foi até no dia que eles me buscaram. Eu tava lá no meu serviço trabalhando. Nunca precisei pedir a conta e nem eles nunca me mandaram. Tô lá né? (respira fundo) É duro né?... (S).

* * * * *

Então, quando dava aquela época de minhas férias eu ia e vou lá ver meus irmãos. Chego lá todo mundo fica alegre, satisfeito com a volta outra vez. E fica naquela, vou e volto, volto e vou né? Mas lá continua naquele mesmo ritmo de lá.

A última vez que eu vim de lá... Eu vim de lá em janeiro. Entrei, iniciei no serviço aqui no dia vinte e três de janeiro desse ano. Tava com um mês e pouco que eu tinha iniciado o trabalho, quando eu saí de férias que eles me pegaram(*). Aí me prenderam (*).

* * * * *

Quando eu vim prá São Paulo eu achei bem melhor por causa de (*) que a gente tem um trabalho só. E um trabalho bem mais maneiro do que lá no lugar que a gente tava. Que lá é pegar de ferramenta e trabalhar no duro, e aqui não, aqui é que nem meu caso, vou trabalhar como vigia sem o regulamento que eles mandam, é pegar meu relógio e marcar, fazer ronda, perambular marcando de hora em hora, de quinze em quinze cada uma chave que nós tinha lá, aquela mesma rotina. Se chega um cliente a gente vai lá e atende. Que na agência(*), às vezes chega carro guinchado e a gente tem que receber. Chega carro da concessionária, caminhão da concessionária, a gente tem que receber e ir fazendo aquela rotina de trabalho deles ali. Então a gente sente satisfeito porque já é bem mais diferente do que lá né? Porque aqui a gente pode comprar uma roupinha melhor, ganha melhor prá comprar roupa melhor, pode alimentar melhor, é bem melhor do que era, aqui é né?

A gente aqui quando já via já voltava bem melhor. Mas é nunca que o trabalho da gente seja assim de muito futuro. Não né? Que a gente sabe que a gente tem que pagar o aluguel, a gente tem que pagar a luz, tem que pagar a água prá não ficar um trito em cima da gente, “*O senhor tá me devendo aluguel*”, “*Cê tá me devendo água*”, seja o que for, e fica naquele muda prá qui, daqui prá li, dali prá Qui. Então né? Mas a gente vai conservando, cada mês fica um pouquinho, deixa um mais outro pouquinho. Deixa que não adianta. A gente que já sofreu e sofre. Que a gente vê lá, se a gente pegar, como diz, cem reais, a gente já não vai querer achar que a

coisa num instante é barato, uma televisão, vou, compro uma, “*Vai me vender barato eu vou comprar isto*”. Não! Não vou acabar meu dinheirinho não! Que na época de minhas férias eu vou lá, já me vou, não vou não? Então já acolhe num cantinho, já deixa uns cinquenta reais o uns dez reais ou vinte reais como fô, já põe prá ficar de reservazinha aqui prá hora da minha precisão certo?

* * * * * *

Bom, a distância do nosso viver lá no interior, tem mesmo aquela rotina daquele dia a dia né? E aquele dia a dia e a nossa vivência é aquela mesma né? De dia, roça, trabalho né? Que um o outro seja perto ou seja longe o mais um pouquinho, a gente ainda fica satisfeito quando acha aquele local prá trabalhar né? De... Vou trabalhar e volta tarde prá casa da gente né? Com as ferramenta nas costa e tá sabendo que ganhou aquele dinheirinho né? Mais é aquela rotina mesmo. É aquilo mesmo. Aquilo... É aquela vivência de cada dia a dia, do dia a dia. É que é roça, é interior, é trabalhar na enxada, na foice, machado né? É aquela mesma rotina...

Alguma vezes eles chamava nós, a gente prá ir lá lidar com criação de gado né? Mais assim um pouquinho tempo, ou uma semana, ou duas, ou como fosse, os dias que precisasse. Mas a rotina da gente é aquilo, é trabalhar na ferramenta né? E pros outros né? Mais sem registro, sem nada, que isso não tem mesmo no nosso lugar né? E o mais, é aqueles vezes que vivia lavando peneirada, lavando prateada, esperando de achar uma pedrinha de diamante ou um carocinho de ouro. A gente sempre acha alguma, talvez chove e alguma vem com a areia prum lado, areia pro outro, a gente já viu, lava, mais é fininho né? Mais também tirou hoje e já corre lá prá aqueles vendedor prá vender, prá arrumá um dinheirinho né? Prá já tá sabendo que hoje eu posso comprar uma camisa, ou posso comprar uma calça, ou um sapato né? E já fica alegre né? Num mais é aquela mesma rotina. É tá sabendo que trabalhar dia a dia, alugado lá pros outros. Que já não é empregado. Um empregado precisa saber né? Que nem eu era aqui né? Empregado, tava sabendo, tenho meu registro na carteira né? É aquela rotina na hora de sair de casa, na hora de entrar no trabalho. Se o trabalho... Não sei se Deus me ajuda quando eu sair daqui de eu ter essa felicidade, porque de muita leitura, como eu já falei, muito pouca, às vez eu não posso...

Hoje a falta de trabalho tá muita, às vezes eu não tenho aquela felicidade de chegar e pedir o serviço e eles arranjar prá mim né? Porque tem tanta gente que tem tanto estudo e não..., “*Você tem pouco estudo, não dá né?*”. Não sei se quando eu sair daqui Deus me ajuda que eu volte no mesmo local e ele aceite eu trabalhar, ou senão, se ele ainda me der ao menos o meu direitinho, aquele dos meus vinte e três anos de trabalho eu tô feliz né? E se não der? E se não der? Já fico pensando até como é que eu vou arrumar o dinheiro da passagem prá mim voltar prá casa lá onde a gente mora, é porque é longe então a gente tem que pensar em tudo né?

É difícil quem vem em felicidade e cai em nessa contradição que é tá aqui. Eu não sei né? Estou esperando um dia que me chamar prá vê

o que vão resolver comigo né? Continuar preso ou que for. Por enquanto tô indeciso, sem saber de nada o que mesmo que vai acontecer comigo né?

Que se apronte essa mulher mesmo. Ontem mesmo ela veio aí, *“Mas senhor, escuta, que dia que você vai sair?”*, eu falei, *“Eu não sei, o cê que é capaz de saber melhor do que eu o que, que dia eu vou sair daqui. Você que sabe o que, que você falou lá. O porque que eu tô aqui”*, ela respondeu, *“É cabeça quente”*, e eu disse, *“Então, na hora que sua cabeça esfriar você tira eu daqui, que eu tô aqui dentro com pé e mão amarrada. Não posso fazer nada. Você que fez, que foi lá. Não sei mesmo o que você falou pro sujeito. Falou lá o que? O que que você tava pensando? Tô aqui. O bonito é que você tá sabendo que se eu não trabalho um minuto eu não ganho. Você vem aqui, o que que eu vou fazer que tá sem dinheiro? Eu sei que você ganha pouco também, que você trabalha de faxineira, ganha pouco né? (*) Mas você que me pôs aqui (*), então não sei” (*)*.

* * * * *

A vida antes era a vida comum. Primeiro a gente começa a trabalhar cedo né? Começa trabalhar cedo e a gente vê um bom pensamento, e aguardando um pouquinho né? No, no pessoal velho do, do interior, fala, *“É, quando a gente é rapazinho novo, é que se pedi prá fazer o pé de meia, porque no fim, no fim da vida é que é duro..., nunca que acaba”*. Lembro meu pai e minha mãe, falava comigo, *“Meu filho, não caba não, num, num caba com seu dinheiro todo não, compra e deixa um pouquinho de dinheiro, deixa uns trocadinhos, precisa um, não pode acabar com o dinheiro todo, tem que fazer o pézinho de meia, porque numa hora de uma necessidade cadê? Às vezes não tem nada no bolso né?”*. Então a pessoa começa a trabalhar pensando, vai deixando um pouquinho, nunca se... Se ganha, se, se pega ali cem reais, dá prá gente deixar de um menos uns vinte né? Deixado no cantinho. Que de uma hora prá outra apresenta precisar do, da necessidade aí dele. Então o sujeito vai trabalhá prá comprá, ver se tem o seu terreno o que for, ou prá comprar uma criação por ali o que for né? Quem não tem guarda né? Porque às vezes tem mais gente prá comprar um terreno. Aí tem a ilusão de muita gente que vem do interior, *“Não, eu vou juntar esse dinheirinho prá mim comprar um terreninho, ter minha casinha né?”*, ou às vezes muito já não pensa né? Muitas vezes ele gasta com farra, com viagem, vai, vai gastar dinheiro prá custar um time jogar né? Nunca fo, fui num lugar desse, e mais vejo o Santos às vezes, um colega da gente diz, *“Não, eu vou escutar o time jogar em tal lugar assim, assim né?”*. Prá quê né? Eu acho que olhar num, numa televisão, escutar no rádio ou ficar em casa, ter uma televisãozinha lá, escutar, seria a mesma coisa né? Sem ir lá e pronto.

Se ele é filho de uma pessoa de bem, ele acha, ele nasceu com os dias, como o povo fala, ele nasceu no berço de ouro né? Ele ahm... Tudo prá ele é dele conforme a idade. Então começa a vida toda do bom e do melhor ali. E estudo, e vai indo, vai indo, chegou? É toda a vida feita. E o pobre? O pobre não ué. O pobre, ele nasceu ali assentado no chão, jogado, e por que? Quantas mães que deixa os filhos no chão prá ir trabalhar no quintal, que quintal sempre é que é serviço de mulher trabalhar ali, o coisa

ali assim e pronto, e a criança fica por ali, rodando por ali assim. Quando pega caminhar um foi ali com aquela mãe, e numa sobra como for, fica aí, e é aquilo mesmo, então, pode dizer que ele já começa a vida, o como diz a gente, *vita né? Vita! E o pobre? Pobre não! Nasceu aqui mesmo, o que a mãe achou dá e tudo mundo cria naquilo. Quando a gente pega uma certa idade e a gente se encontra, falo, “Não, meu pai num, não foi por nós não, ele não comeu carne, porque, coitado, meu pai trabalhou, é que ele não teve dinheiro mesmo prá comprar né?”*. É, roupa como fala, é qualquer roupa velha, mas meu pai, eu disse, *“Meu pai não deu prá comprar. Então é todo mundo satisfeito”*.

* * * * *

Vai, vou, vamos numa festinha, um aniversário na casa de, do nosso vizinho, vamos prá lá. Junta aquele tanto de gente. Vai, vou, vamos fazer um bailezinho à noite, dança lá até lá aquela noite, ah, tipo fogueira ou lampião ou, ou luz de querosene. Todo mundo feliz! Toca a viola, toca sanfona, todo mundo canta ali assim. Toda alegria, poeira e tudo ali assim. Quando é noutro dia a festa deu boa. Ah, tudo bem, e fica até o sol alto ali assim, fazendo festazinha pro pessoal daquela casa ali, e todo mundo feliz. Aquilo era uma riqueza! Prá todo mundo ali unido né? Todo mundo, como diz, na roda daquele fogão de lenha ali assim, comendo e bebendo o que tá ali, é café, é tudo né? E todo mundo com aquela felicidade. Eu lembro disso tudo. Lembro tudo! Que enquanto tô falando aqui eu lembro agora. Quem me dera que eu tivesse lá, lá em minha, na minha casa, junto de, daquele que, que pessoal, do que tá aqui num lugar desse aqui..., sem prova, tá qui mesmo, por quê que eu tô aqui?

Se eu tivesse aprontado qualquer uma coisa, feito um dedo de tolinho assim que eu merecia de tá aqui eu sabia em me corrigir, tô pagando pelo que fiz, eu podia ter esfriado a minha cabeça ou o que fosse, ou deixado isso prá lá por não ter feito, ou então não, eu fiz porque mereceu fazer, eu fiz mas graças à Deus é prá felicidade. Mas ainda não achei em minhas mãos porque ainda não sei porque que me tocaram aqui (*).

Minha mulher me tocou aqui, me... E a justiça tá comigo direitinho, (respiração forte)(S). É difícil...

Se existe dificuldade no mundo, eu credito que sim (*), é uma cadeia. Nunca achei dificuldade no mundo! Nunca! Que de tudo faz um jeito. Numa doença, tá muito ruim? Meu Deus, vai ali na casa de um vizinho, ou dois, ou três, arruma ali assim emprestado, já oferecendo o serviço. Vai lá, compra aquele remédio, dá àquele pessoal, àquela criança ou que for. Se tá passando uma coisa bonita em casa, vai lá né? (*). Seja como for, com fome ninguém morre, reza, Deus ajuda, dá um jeito onde é assim e pronto. E a cadeia ? (*). Entrou e pronto! Entrou aí dentro e pronto. Tem que esperar até dá a hora. Morrendo aos poucos. Morrendo aos poucos ali até dá aquela hora né? Sente (voz baixa)(*) frio... (S).

* * * * *

É:: é esse caso de política, prá pessoa que, que, quase se dizia assim, não estudou como eu né? Não sei definir. Não sei definir porque o conhecimento da gente que é do, do interior é muito pouco né? Então, na época da política eles tem... Que tem vários, fazem aqueles comício deles, falam não sei o que. E mais no meu, no meu caso é isso, é gente ir naquele dia certo lá votar. Eles chegam, pedem voto, outro chega e não sei o que, faz promessa, faz promessa que...

Que nem nós fala no lugar, não fazem nada prá gente, nada né? Fazer ajudar, ajudar a gente, nada, nada mesmo. Que, que nós fala, deu na época da eleição, todos eles é aonde é que eles alembra do pobre. O pobre é:: só é lembrado quando vai na cidade no dia que é de eleição né? Então deu aquela hora, votou? Pronto! Cada qual prá seu estradazinha. Vai prá, pro seu interior e pronto. E pronto mesmo. E, e com, com a raça pobre, que nem a raça da gente que até conhece pouco né? Que primeiro, que pouco conhecimento e, e não tem nunca que eles vai ajuda com nós certo? Eles falam que vai dá um milhão e meio de, de..., *“Ah, vou fazer, fazer acontecer”*, e nada! Nunca! Então eu, é:: como diz, nu, num sei definir. Eles falam, *“Ah, um, um, um quer ser outro, outro, outra coisa, outro quer ser um, um governador, o outro”*, e fica naquilo mesmo. Só o que puder mais vence e pronto. É a mesma coisa de um time de futebol, aquele que é o bom é aquele que venceu, pronto! Pronto mesmo! Que fica uns lá, *“Ah, vai levar ohh, é o Palmeiras, é Corinthians, é o São Paulo”*, não sei o quê. O que que adianta? Adianta sim prá quem tá lá jogando ou que tá lá no meio deles lá. Quem conhece né? Agora nós? A gente, que nem falei, de raça pobre lá, o que que diz? Nada! Avisou, você tá certo, aquele foi, foi o vitorioso porque trabalhou mais, teve mais força e pronto né? Por que na hora de prometeram eles prometem né? Vai, faz os comícios deles. Aí o povo como diz, todo povo todo apreparado até naquele dia. Deu naquele dia, votou, tchau mesmo. Ainda lembra, como diz, do pobre, enquanto, enquanto tá a luz do dia, terminou, ali parece coisa que, que o pobre já tá entulhando a cidade né? Já tá é, como diz, entulhando a cidade, muito gente ali, o pobre na cidade né? Que quem tem dinheiro vai prá, vai prá fazer, prá compras ou não sei o quê, uma diversão, chopps, e o pobre? É ups... Se cê tá cansado às vezes de andar, que nem no interior que o sujeito caminha aí é, seis, oito, dez léguas prá ir votar de a pé, ir e voltar, então é como que diz, ainda acha bom né? E nada mais...(suspira).

É muito difícil prá gente lembrar de coisa de política porque o que tem é muito comentário, mas que eu presenciasse é nada, nada, nada né? Agora, o povo zoa muito, ali ele fala, *“Ah, um é melhor que o outro e o outro é melhor do que o outro”*. Às vezes, prá ele lá que estudou e conhece, às vezes tem alguma vantagem, mas que nem meu caso não, prá mim, tanto se que seja um como o outro aqui, como seja, como diz lá, o um ricão lá fora, não sei, prá mim significa alguma coisa só. Porque se fosse uma pessoa que fosse me ajudar, dá o menos um, um apoiozinho prá gente o fosse né? Conhecêsse a classe da gente lá que precisa, que necessita, desse ao menos uma forçazinha né?

Como o dia que ele projeta a reforma agrária, vai vim e não sei o que, vai tá, vai lá doar terreno, um quadrinho de terra prá cada um num sei o quê. Mas isso nunca! A quanto tempo mexe com isso e nunca veio?

Não tem esperança de vim! Então, ah, é como eu disse, o sujeito, como diz o ditado, “*Nadô, nadô, e morreu na praia*”.

Sujeito vai tá junto com esse ali. O sujeito é aquele que é o bom, é aquele que é o dono, e no fim se torna tudo uma coisa só. Aquele que saiu não fez nada, aquele que entrou também não vai fazer nada. Que não adianta, não adianta comprometer né? Não adianta prometer mais ao povo. Não é que é muita gente, mas é que muita gente devia apresentar um sinalzinho ao menos, um lugar, “*Eu tá dando uma, um...*”, “*Começou a ver um local*”, “*Tá fazendo uma coisa assim...*”, isso vai se espalhando. Mas nada, nada, nada, prá, prá, pro interior, nada né? Prá interior nada. E, e não tem mais jeito...(S).

Por isso eu não lembro de político com, com conhecimento assim né? Conhecimento. Que do lugar da gente nunca né? De só vê mais gente da cidade, e gente grande. Então a gente não tem nem conhecimento, porque como diz o pobre, num..., nã..., como diz, não faz nem volta em volta da, dessa de, desse pessoal grande...

O pobre não vai tá unido lá com aquelas gente grande né? Tem uma reunião, eles não vai ficar lá com aquela classe carente ali né? Que é como diz, eu, o pobre, não vai chegar numa mesa lá junto com, com ele, ou vai, o vai subir, vai falar, vai chamar lá uma pessoa que... Não! Então é cada qual no seu canto e pronto, é fulano com fulano, é grande com grande mesmo e pronto! E os outros nada, que é papo.

Foi votar? Pronto! Solução? Nenhuma! É que não vou esperar prá ver o que que melhora. Vou esperar? A esperança é aquela, “*Às vezes vai melhorar, vai melhorar. Às vezes vai melhorar*”. Mas aquela melhora não apresenta. Cada qual naquele mesmo sentido desse né?

Quem tem seu torrãozinho de terra tem, quem não tem vai trabalhar assim de agregado dessas fazendas dos outros. E trabalhando e pronto né? Se é mais novo né? Às vezes ainda tem o espírito de liberdade, já pode sair, tentar, e comprar um lugar mais longe né? Às vezes, se põe a cabeça no lugar e ganha o seu dinheiro, segura prá comprar né? E aí tem a turma é:: aquela classe que não adianta sair, porque, como diz, às vezes tem... No interior tem gente que não sabe nem andar numa cidade pequena como é no nosso lugar, que falar numa cidade que nem São Paulo? Prá uma gente assim, é chegar e morrer, não tem jeito, então, é como diz, não tem por onde ir, prá essa gente não dá prá dizer, “*Ah, não meu Deus, eu encontrei uma vantagem que eu acho agora vou dá um passo mais, mais prá frente*”. Não! É inútil! Nasceu, é aquela vidinha mesmo e todo mundo feliz!

Todo mundo feliz porque é feliz. Como e bebe aquilo mesmo que tiver, tem seu trabalhozinho. É que nem eu disse, levanto mais cedo, tá a viagem ali, umas seis, oito, dez léguas, caminhando prá ir, com o escuro mesmo, que tem que iniciar trabalho é, como diz, é, quase à saída do sol né? E quando vê o sol que sumiu na serra, joga a ferramenta na costa e vem embora prá casa, andar aquilo à noite prá chegar em casa, cansado prá dormir, e feliz ainda! Que tá sabendo, trabalhou tanta a semana, já tá sabendo o seu dinheirozinho no bolso prá fazer qualquer coisa, comprar sua alimentação ou farmácia, qualquer uma coisa né? E muitos que, se às vezes se bate e não acha é pior ainda (*). Outros, que tem seu torrãozinho de

terra, se não achou trabalho, diz, *“Só vou, vou mesmo plantar prá mim, já que tô dentro de casa vou fazer prá mim”*. E quem não tem? Mora em terreno dos outros então né? Porque se eu, se eu tem seu quintalzinho, se eu plantar uma roça ou pedir pro patrão, *“Pode aumentar um pouquinho?”*, *“Tudo bem?”*. E se ele falar, *“Não, tá grande, diminui por causa da criação, tem que diminuir”*, não tem essa né? Tem uma horta, uma muda de manga tá? Uma muda, muda de banana, e aí? Aí eu posso plantar? Deixar lá pode? Pode não! Não pode!, o patrão diz, *“Com tanto tempo eu vou abri prá pasto, fazer pasto prá criar, só pasto, não adianta plantar”*, tem que obedecer...

Seja uma certa planta que é aquela planta, como seja, uma muda de banana, nasce aquela torceira, aquilo dá em muitos, e muitos, e muitos anos. Então fazendeiro nenhum aceita não. Aquilo pode quem pode né? Ou laranja, ou café, ou uma coisa assim. Não! Ali não é quintal. Aquilo é as árvore, cê pode plantar só no quintal, quintalzinho miudinho, só no quintal porque lá naquele, naquele terreno lá é lugar de pasto, não pode. Então só pode é aquela planta do dia a dia, como diz, o milho, feijão, arroz, cana ou mandioca né? Porque tirou aquilo, o terreno tá limpo né? (*). E coisas dos outros a gente tem que obedecer, senão fulano diz, *“Não, eu não mandei, não dei ordem, então agora, é só este ano e já tá, já tá findando, vamos, vamos o... Não dá prá ficar mais e pronto...”*, e o mais...(*)(S).

* * * * *

Mas, essas história nunca aconteceu comigo. Tem muitos, porque se sujeita, a gente escuta dizer né? Às vezes escuta dizer porque que nem, que nem nós mora no nosso lugarzinho, é daquele local mesmo, não aconteceu com nós né? Mais a gente tem que obedecer aquelas ordens. Que a gente planta roça, vamos plantar milho, vamos plantar mandioca, vamos plantar feijão né? É, o:: fora daquele quintal, que quintal sempre pequeninho né? Então o porque aquela planta que a gente planta no quintal, quer dizer, que daquele caseiro ali ele pode criar seu frango, ele pode fazer um chiqueiro assim prá criar um porco né? O que for ali que é a criação deles, ele começa aquele milho ali, aquele feijão, com a cana, o que for ali é dele né? Aquele quintal miudinho. Mas a roça lá fora não! Porque plantei é a meia né? Então tem que ser com ordem do patrão. O patrão mesmo fornece aquilo, aquilo lá né? É ruim prá ele fazer aquela cerca ali, dá o arame. Mas alguns vai lá, olha aqui assim, diz, *“Fazê essa roça aqui”*, se ele mesmo falar, *“Aumenta mais um pouquinho o outro lado”*, como for, aumenta! E se ele falar não, vou diminuir, diminuir (*) né? Se ele mandar abrir hoje, enquanto, quanto terminar essa safra aí de colheita, nós vamos abrir aí, às vezes, vamos plantar noutro lugar ou então vai falar, *“Não, não tá dando certo, não tô podendo, pode procurar outro lugar, tem que sair...”*. Tem que obedecer né? Não tem que... Que adianta outrem de falá, *“Não, não vou”*. Ele não quer saber não! Dá um tempinho prá arrumar de novo a fazenda, prá arrumar né? Manda buscar outro local e quando é o tempo de arrumar, sair e pronto (*).

Agora nós não! Que graças à Deus nunca fizemos nada que desamolasse, chamasse a atenção não! Quando precisa de um serviço, eles, eles chama gente. A gente já fala mesmo, fala com ele, “*Olha, quando for bater um pasto, arranja prá nós..., prá nós emprego né?*”. E eles for limpar o plantio deles, arranjar prá gente né? Prá fazer uma cerca de arame, fui dá uma força. A gente é:: o negócio é ir atrás, ter aquele servicinho prá gente né? Então já livra deles arranjar outros camarada de fora né? Então é assim que vai indo na vida. E assim vai indo na vida (suspira)(S)(*). Tem um dilema medonho...(S)(*).

É como diz, como fala assim, um tipo de falar, um dilema, um drama né? Tem aquela rotina. Vai, vai trabalhá, faz, faz aquilo todo o dia, aquela mesma rotina. Você vai trabalhar, tenta fazer, o seu ordenado é tanto, é aquilo mesmo. Pela aquela necessidade que você tá dentro de casa você já sabe o que espera comprar né? Que dá prá comprar uma coisinha, já dá prá se retirar ao menos uma camisa, ou dá prá comprar uma calça ou uma coisa assim, ou um sapato, ou um chinelo, qualquer uma coisa que for né? É aquilo no, no, não tem por onde vir aquela esperança que vem, “*Não, hoje eu vou tirar um, um, uns cobres melhor*”. Não tem jeito né?

Se que nem seja, se tá trabalhando numa firma né? De ano em ano. E dá aquele aumentozinho que a gente vê falar pelo o rádio. E é muito o direito da pessoa né? Já tem aquela, aquele reajustozinho né? Como for. Mas no interior nada! Não precisa nem pensar nisto não. É::, o negócio lá é que é... O que o patrão falar lá e pronto (suspira)(S).

Mas é isso mesmo. Só fica na esperança. Como diz, a esperança é, como diz, é a última que morre né? Esperando vai melhorar, vai melhorar, mas alcançar aquela esperança mesmo... Ah, quem dá esperança é Deus...(S).

* * * * *

Vir prá cidade ajudou bastante né? Porque que nem eu conto, vida no interior era muito pesada, é que nem eu falava de tá, e vim a seis, oito léguas com a enxada nas costas, ou machado, ou a foice, prá, prá ir trabalhar, ter de passar dentro de rio ou como for né? Vai prá trabalhar porque senão cadê? Não tem um prá, prá poder comprar. E vir prá cidade, a vida na cidade é muito mais maneiro né? Como diz, é, é muito melhor né? A gente ganha, ganha mais, tá sabendo, tá, tá registrado né? E, e aí é que vai então da gente, da gente ficar alegre né? Se trabalho, quando dava de vim a gente receber, vinha o hollerith, o pagamento, a gente já fica alegre né? Eu lembro ué, a gente diz, “*Meu Deus do céu ! Há tanta pessoa dentro do meu povo, tanta gente no interior meu pai, acabou a vida, dondê que eles podia em pensar tanto no, tanto dum dinheiro desse*”. Eu lembro gente! Eu já trabalhei tanta ferramenta, a mão tudo calejada que ainda tem calo, do, da mão até hoje, e, e daonde é que eu ia pensar, eu ainda ia por um tanto de dinheiro desse no bolso?

O que é um tanto desse de dinheiro no bolso que eu não pus mais que seja setecentos reais no bolso? Mas quando pode, que às vezes dá uns feriados naquele meio né? Que dá uma melhora. Que nem eu trabalho à noite, tem de um adicional noturnozinho ali, já ajuda né? Que nem o caso,

eu preciso, eles me dão uma hora prá tá, o, o prá mim trabalhar, fazer umas horas extras, ajuda um pouquinho. Ah! fica satisfeito. Ah, eu posso comprar um pedacinho de carne a mais, eu posso fazer uma coisinha a mais né? (*). Posso tá, tá fazendo minha casinha melhor um pouquinho né? E lá ? Lá num, num, não precisa nem pensar né? Precisa nem pensar, é como diz, é sair com a ferramenta, queimado de sol, chuva, como for, e alegre e satisfeito.

E alegre e satisfeito! Que, com, com meu prazer, que graças à Jesus a gente tinha aqui. Que eu fala, tinha, porque hoje eu posso falar que eu não tenho mais, que prá mim eu perdi minha vida né? Prá mim, eu num, mim, num me resta mais nada, eu tá aqui dentro daqui...(S).

E a minha tristeza é essa. A minha tristeza é essa que peleja até prá dormir. Cadê? Nada! Volta aqui e nada... É de tá nisso...(*). E pergunto prá mim mesmo, por que? Aí eu não me encontro... Uh... Não sei né? (suspira). Uh...

Não me encontro! Porque se eu tivesse feito qualquer outra, se eu tivesse, como disse, como diz meu Deus do céu? Eu tivesse pegado, como diz, um prego dos outros ou um pão né? Ou tivesse ao menos assim... Precisou tomar, discutindo, o fosse assim criando caso por meio... Como né? Como tem muitos. Vão, "*Não! Deixa disso! Deixa disso!*". Às vezes cai, às vezes cai até no meio de uma briga o que for. Mas graças á Deus eu nunca me meti nisso sabe? E se deixa prá lá, o sujeito dá um conselho ou procura fazer deixar disso, "*Calma, calma, cabeça quente*". Não atendeu? Então fica prá lá. Pronto! Resolve prá lá! Graças à Deus, nunca entrei, não entro, prá que? Bobagem né? Nunca! Então, não sei, não sei...

Não sei porque é difícil definir o que que é mesmo a justiça. Porque se um sujeito vai lá, apronta, mata, faz e acontece, prende! Se às vezes ou outra... A mesma que acontece comigo. Que nem, pode ser eu sozinho no mundo que tô aqui sem, sem, sem fazer uma coisa, e eles tão comigo aqui, uh. Se perguntá... Sei não, às vezes eu falo, escuta, que nem eu outro perguntou, "*Mas vem cá! Você não vai no fórum?*". Como vai assim me chamar? Na hora que chamar? Oh, hoje esqueceu de mim entendeu? Acho que esqueceu! E não sei... O mais, é pegar com Deus e aguardar até uma hora se Deus me ajudar, tanto faz com vida ou com morte (*). Sair com vida, cassar um jeitinho e vê o que faz aí, se for morto, ele mesmo sabe o que faz, se quer mais ou quer jogado prá qualquer lugar aí né? Morreu, morreu mesmo (*)! Uhm...(suspira). Não tenho esperança...(S).

Os Cárceres da Prisão:

Dentro da prisão dá prá contar minha estória não. Não dá não porque eu tenho muito medo. Às vezes eu não sei se eu vou sair daqui com vida ou morte, por causa da rotina que eu encontrei dentro de uma cadeia, que ninguém argumenta, só vê falá abismo, só vê falar um abismo...

Abismo é isso, é a pessoa ficar só comentando aquilo, é morte e não sei o que, “*Eu saio e mato*”, “*Eu saio eu não sei o que*”. Tem hora que eu até trélo né? “*Como é que pessoa tem coragem?*”. Que sujeito sai, às vezes, e como fala, fica cinco ou seis ou um mês lá fora. Que nem com um rapaz dali, foi prá fora e já tá aí dentro outra vez! Não dá prá acreditar! Então eles não adianta.

Deixa eu fazer uma comparação. Não dá prá querer argumentar uma conversa assim com eles não. A rotina da cadeia é muito diferente. Eles só quer é... Não sei, aquele tipo de... Nós tem aquele modo de falar assim de contar vantagem né? Aqui nunca fala, “*Não, eu apanhei, eu fiz, eu aconteci*”. Não! É tudo assim, “*Eu bati, eu vou bater, eu vou matar, eu vou fazer*”. Isso é o que eles quer né? Juntar aquela rotina e pronto.

Graças a Deus eu tenho medo! Escondendo no meu cantinho e fico lá. Graças a Deus! Deus me ajudando eles não me aborrece. Rogo a Jesus também e pronto né?

Mas é um lugar que dá não. É muito diferente. Tudo aqui é muito diferente. Às vezes uma pessoa idoso né? Que nem mim mesmo, que nem tem outros que é mais velhos que eu lá dentro. Mas às vezes conta aquilo, “*Não, eu uhm...*”. É de horrorizar todo entende? Conta essas coisa... Às vezes é alguém mais velho que já tem uma vida de preso né? Que conta que foge, que mata, que rouba, que faz e acontece, e a gente diz assim, “*Mas poxa vida, mas que coisa né?*”. Às vezes estão ainda naquela rotina, meu coração tava longe, mas meu Deus, mas que coragem é essa? (*).

Então não sei. O pensamento deles é diferente. O pensamento deles é diferente né? “*É rebelião e não sei o que*”, “*Não sei o quê*” (*), “*Uhm, mas meu Deus né?*”. É duro!

Que aqui que já começou a rebeliãozinha aí eu quase que morro de medo né? Só de gente falar frui a Deus. Só me contendo né? É de horrorizar! Tô quieto lá, fico encolhidinho (*) com medo. É medo que a gente não sabe argumentar com eles...

Olha, eu tem medo de tudo porque uma hora duma, dum, dum..., que eles pode fica apavorados né? Cê vê unir aqueles montão de gente que tem aí, às vezes até pisoteava né? E não tem hora, entrou lá não tem um momento de sossego, é medo, é medo, é gente... Poxa, quem não tem medo né? Oh meu Deus!

* * * * *

Que nem se hoje eu morrer eu sei que eu vou morrer inocente sem saber porque eu mesmo que eu tô morrendo. A minha tristeza é esta...(*).

Que graças a Deus não bati, nunca roubei graças à Deus! Nunca entrei em delegacia nenhuma. Nunca participei graças a Deus de nada. Sou pobre, nasci pobre, tenho fé em Deus que quero morrer pobre (*).

Mas é só isso. Nessa idade que tô, se Deus quiser, se eu tiver de ir no céu, eu vou no céu com meu coração limpo. Que se eu tiver de... Posso passar fome que for, prá mim comer um pedacinho de pão, se eu não pedir, se não me der nas mãos, e falar, “*Pode pegar*”, eu não pego (*), não pego. É...(S).

* * * * *

Tanta tristeza... Meu pai era pobre e meus, meu...(começa a chorar)(*)(S). É difícil demais (voz baixa). É tudo, tudo que me tem passado na vida né? Mais fazê o que? Não tem jeito! (voz baixa)(suspira).

Eu tenho fé em Deus que sujar meu nome nunca! Se na minha juventude eu não sujei, no fim de minha vida não! (*). E achei quem suja minha vida que é essa mulher, e a justiça abraçou isto. E tristeza que eu tenho é isso, fazer o que?... (*).

Sou pobre, não sei nem conversar sobre isso né? Que diz que a gente ainda tem que passar pelo juiz juntos. Penso muito nisso que não sei nem o que, como eu vou conversar. Não sei nem conversar. Não sei se vou falar certo ou se vou falar errado. Que não sei...

Falar certo é aquilo que a gente ouve que... Às vezes mesmo... Às vezes um juiz de direito viu uma pessoa que já tem, vamos dizer, que sabe conversar né? Às vezes falar, pode falar um palavra torta né? E é... Que nem eu tô conversando aqui é o mesmo que eu conversando com meu pessoal lá né? Às vezes a gente num forma... Mas numa coisa assim precisa... A gente tem que saber conversar né? Se eu só sei falar é, “*Sim senhor*”, que nossos pais nos ensinou nós isso, “*Não senhor, sim senhor*”, o que for. Mas com o juiz lá, ou como seja, com o promotor ou uma coisa assim, deve ter mais uma coisa mais diferente prá gente conversar né? Que é que... Não sei, não sei nem explicar. E às vezes eles pode até ficar com raiva normal comigo, “*Não, mas não é assim que se conversa com, com...*”. Né?

Porque tem muita distância né? Com um juiz de direito a coisa né? É que se tem uma assim... Que nem nosso pobre pessoal do interior, nosso mãe falava, “*Oh, hoje vamos na missa, vamos né?*”, “*Cê vai confessar com o padre, precisa saber conversar com o padre. Você não pode falar, o cê*”. É, eu então lembro muito bem nossa mãe ensinando nós como é que falava né? Cê chega lá e... E inda mais com o padrezinho né? Cê quer uma justiça de um soldado? Vai lá... Ali que então precisa saber tratar aquele homem, como diz, com carinho, porque aquele homem muito às vezes é superior a gente.

Então é isso tudo. A gente vai guardando aquilo que eles faz, vai ensinando a gente né? (respira fundo). Então eu penso nisso. Nisso de um dia que me chamar, o muito que eu puder falar eu falo (*) (suspira).

O juiz é um homem muito superior. Muito! Oh meu pai! Nossa mãe! E é muito porque eu... Ói, olha a distância. A pessoa da altura que seja, o juiz é o mesmo que ser um presidente né? (*). É uma pessoa curto. Agora, uma pessoa miúdo, ou uma pessoa pobre. Eu que vem... Que não tem é... Que às vezes é aquela pessoa do interior. Não deve ter ilusão que, *“Eu vou chegar, e eu vou ficar lá pertinho, pertinho”*. Não vou!

Que nem lá nós fala, a gente vai passar é vergonha né? Que às vez dá de dar uma hora da gente no que for ter de agradar, às vezes a gente nem sabe. É o que a gente mede, é o que eu meço também. Que às vezes, muita gente se julga (*) que quer ser, sem ser superior né? E naquela hora da gente ter (*), como diz, aquela leitura de, estudou? Sabe mais ou menos um... Olha a cadeia como deixa a gente, fica gago! Perde a fala, *“Pronuncia o que eu tenho que falar”*, *“Não sei!”*. Então, nossa! Quantas e quantas vezes! Porque é difícil. É difícil! Que é que eu digo que a leitura faz pro mundo né? Quem ensina sabe, me corrija por isso mesmo. Minhas crianças mesmo lá, tem hora que fala, *“Meu pai, mas o senhor conversa tão torto meu pai”*, e, *“É assim, assim”*, exprica, exprica tudo direitinho. Eu mesmo que... Eu mesmo que não entendo a distância que tem. Que graças a Deus eu hoje to dando a minhas filhas o que meu pai não me deu, mas não me deu porque não tinha conforto coitado (*), que se pudesse ele tinha dado...(S).

* * * * *

Por enquanto, a única coisa que já, que me trás paixão é eu tá no lugar desses que eu tô né? E credito sem merecer. Porque acho que não fiz nada prá mim tá aqui não. Perder meu trabalho, perder por perder como diz. Eu disse, perder minha vida lá fora né? Vivia alegre, satisfeito de todas as partes, minha casa, por todo o lado, no meu trabalho. E hoje eu tô aqui encarcerado né? Tem certeza que vou perder meu trabalho mesmo porque já vai prá oito meses e eu aqui (*). E fazer o que né? A justiça quer eu tenho que aceitar né? Tem que aceitar...

* * * * *

Quando eu tava fora daqui, então olha, eu falo, eu num tinha, não tinha o mínimo pensamento do que era o preso. Eu pensava às vezes assim que às vezes falavam, *“O sujeito preso né?”*. Ou mesmo às vezes quando eu passava... Às vezes como que a minha estrada é aqui do lado de fora no muro, aqui oh do lado de fora, vou de manhã prá casa, volto prá de tarde, *“Eu tô...”*. Não pensava que eu ficava... Gente, se eu pensasse?

* * * * *

Gente roubando é coisa triste né? A pessoa tem que pensar e ainda lembrar... De antes de meu pai falecer dava muito conselho, *“Meu*

filho, precisa de trabalhar, precisa de saber respeitar o outros, e num pegar as coisas dos outros, porque na prisão a pessoa fica manchada, a pessoa que fica, vai preso, fica manchado". Ele falava mais como mancha né? Que nós era pequeno precisava saber disso não é não? Não é? Sobre isso de o nome da pessoa ficá com aquela mancha que a pessoa fica. Se uma pessoa for matar uma pessoa ele fica com aquela mancha, "*Ah! Fulano é um assassino!*". Às vezes ele é até um rapaz bom mas fica aquela mancha, "*Ah, ele é muito bom e tudo, mas ele é um assassino*". Ainda lembro, meu pai falava, "*O melhor amigo da gente, o quanto tá junto com a gente conversando naquela rotina tá tudo muito bem. O pessoal deu as costas. Ah, ele nem fala o cê é bom. É bom, mas você já matou, você é um assassino né?*", então eu pensando, "*Não, não tinha a mínima do pensamento que achava que era uma coisa mais leve dentro de uma cadeia*".

O que falo é a verdade. Olha, tem o que a gente escuta no rádio ou às vezes lê um jornal, vê, "*Ah, o fulano morreu porque reagiu, morreu!*". Posso falar assim a verdade, se eu sei o que é isto, eu tinha, reagia sim. Já vai prá oito meses que eu estou aqui, que já daquele dia que nós conversou já passou dos sete meses, se eu sabia o que era isso aqui eu dizia, "*Eu reagia, antes quero tá dentro do cemitério do que eu tá dentro de uma cadeia, que tô dentro do cemitério, eu sei, eu morri, me enterrou e acabou, acabou*".

E eu tô aqui tô sofrendo. Tô sofrendo que eles põe dormir meu pensamento. O sono vem né? Tem paixão de eu tá preso sem eu merecer, e tem paixão da justiça também não corrigir isto.

Se um policial chega lá e prende. Me prenderam no trabalho. Chega lá, encosta, "*Cadê o carro no portão?*". Fui como quando eu recebo qualquer um cliente, que é minha ordem, meu trabalho. Fui lá, recebi eles e tal. Então no, não me espancaram, nem me algemaram nem nada né? Mas me trouxeram preso. Mas se eu sei o que é isto eu reagia naquela hora. Porque eles me matavam e pronto, acabava! Ninguém nem falava de mim hoje mais, mas livrava de eu tá sofrendo. Que a gente sabe corrigir. A gente... Se eu merecesse... Não tô pagando porque eu fiz, pouco ou muito ou como fosse, de qualquer maneira. Mas graças a Deus, peço só de tá aí fora, que eu tô pagando uma coisa que eu não devo (respiração forte).

* * * * *

O preso, eu fala, preso, no meu pensamento, às vezes os outros pensam do outro jeito, no meu pensamento, preso ele é um desvalido. Como eu falei, se o sujeito fazer, aprontar um débito lá, matar ou roubar ou fazer qualquer alguma coisa, então ele cruza os braços como for, "*Não, eu tô aqui, eu tô pagando, eu fiz*", "*Eu tô pagando pode ser o que for*", "*Eu fiz mas eu tô pagando o que eu fiz*".

Agora, a minha paixão, é de eu tá preso, sofrendo, posso até morrer de... Às vezes hoje mesmo eu morro e morro inocente, que não devo, graças à Deus não devo, não fiz nada graças a Deus. Que graças a Deus inté essa idade toda, cinquenta e oito anos, nunca briguei graças a Deus com ninguém, nunca bati, nunca apanhei, tem meus amigos graças a

Deus no meu trabalho, aonde eu moro, graças a Deus, homens, idosos, mulheres, graças a Deus, nada, nada, graças a Deus nunca me desapontou com nada em ponto nenhum né? Meus amigos vem aqui me visitar, fala assim, *“Poxa rapaz, eu tô... Como que pode?”*, e eu digo, *“Não sou capaz de falar com você porque que me trouxe aqui, porque que essa injustiça acatou, foi me trazer aqui, e não sei até quando né?”*, *“Até quando que vou ficar ou o que que vai acontecer comigo”*. Porque não encontro isso. Infelizmente... Graças à Deus não tem... Porque a gente vê fala que o sujeito briga, mata, rouba, ou de qualquer maneira, do jeito que for, mas eu, graças a Deus nunca precisei de lançar a mão. Nada, nada. Graças a Deus sou pobre, nossa família é pobre como eu já falei, mas essa mancha graças a Deus nós não tem. Tem paixão né? Tem muita paixão que no fim de minha vida eu pagar por uma coisa que não devo (suspira).

* * * * *

Paixão de eu tá preso... Paixão prá mim é tá à toa é tá no fim. É que prá mim é mesma coisa que quando eu perdi meu pai (chora)(S). Que eu caminhei estrada à fora comendo, bebendo do meu trabalho (suspira). Feliz de...(suspira). E hoje eu aqui preso (suspira). Sem eu dever (suspira) né? Sem eu dever...(S).

Já o ela é uma pessoa que eu dei tanto valor a ela, e não sei o que que entrou na cabeça dela. Não sei! (suspira). Dela me trazer aqui (suspira) e a justiça acatar isto (suspira) né? A justiça acatar isto. Que se eu morre aqui dentro hoje é ela vitoriosa, ela é boa prá isto, é o que for...

E a minha paixão é esta. É de eu tá num lugar que eu nunca pensava nunca na vida deu entrar. Nunca! E entrei e tô aqui dentro, não sei se saio com vida. Sem eu merecer. Que graças a Deus, felizmente, me todo o lugar que anda a gente respeita tanta a autoridade né? Seja em qualquer parte que for. Graças a Deus nunca fui intimado, nunca um policial nem nada chegava em mim às vezes na rua aí. Nada! Graças à Deus né? Nunca discuti e infelizmente tô aqui. Não sei (S).

Como eu tô aqui, às vezes muitos e muitos também pode tá. Às vezes muitos pode ter uma vez lá crime né? E a gente escuta num rádio ou num jornal de:: ou que for assim..., de um absurdo, uma pessoa, criatura humana ter coragem de fazer um com outro assim como for (*) né?

Mais não sei se é por causa de uma fraqueza que tem nele ou se mereceu também fazer ou que for. Mas prá fazer a certa prontidão que uma vez o sujeito vem falar, o sujeito tem que calmar, que aqui não é possível. Nu, num dá prá entender o sujeito no pensamento de fazer uma coisa dessa (*).

* * * * *

E eu tô aqui sem saber o quê mesmo e porque... (suspira). E até quando eu não sei né? Até quando eu não sei... Que se fosse o caso de, de eles me, me levassem lá, falasse o que ela disse lá, confrontasse eu e ela o que fosse. *“Então me veio aqui e pergunte a ela”, “Oh, dona Maria, o que que foi em sua cabeça? Que conversa é essa? Onde? Como é que surgiu*

isso? Porque? O que que foi?”. Mas não! Tô aqui, nunca me levou lá e tô aqui na espera, um dia, dois, um mês e tanto, e vai, vai, vai levar prá oito meses.

E tô aqui naquela solidão. Que tudo prá mim é solidão. Porque a gente nasceu, criou naqueles interior, trabalhou graças à Deus, e comeu e bebeu do que achou né? Ali no prato feliz! Terminou mocidade da gente... Que é como eu disse, eu já fui lá e já tô voltando, que a pessoa com cinquenta e oito anos, então ele, ele já não tem mais esperança de ir à frente. Então eu fico assim chateado. Acabou! Então, como diz assim, naquele dia a dia e pronto. E no fim da vida da gente né? Acontece essa...(suspira).

Agora, o que que vai justificar isto que eu fiz? Aí é que tá que eu queria ver se é, sei lá, que queria ver eles, eles mostrar e justificar isto que eu fiz prá eu saber o que eu fiz tão melindroso assim prá eles me trazer e tá comigo aqui engaiolado né? E graças à Deus eu não sô, não tô... Sou um homem trabalhador. De eles me, me pegaram no meu trabalho às, às 22:15 hs. Então me trouxeram prá aqui. Então não sei, não sei mesmo o que que eu fiz prá uma autoridade me incriminar dessa maneira...(S).

* * * * *

A solidão é isso. Pois eu que num... De que a gente tá lá fora... Que, que do mesmo jeito que a gen... O rico lá fora, com bom carro não sei o quê, com aquela vida dele com dinheiro em banco e tudo, tudo o mais né? Ele tá alegre. Mas a gente também tem seu trabaizinho, também tá alegre lá fora. Tá alegre lá fora comendo e bebendo, bebendo da água da gente. A gente caminhava na, no senhor, no senhor Fito, beber sua água né? E andar dentro de sua casinha como for, aqui, ali, vai lá fora, volta, vai pro trabalho, volta, encontra com colega, bate o papo ali, tomar seu ar lá fora. A gente nem pensar do, do, do, do uma prisão. Nem pensar! Que é coisa que eu fala que, que eu nem, nunca, nunca pensava o caso de uma prisão. E hoje eu tô aqui em... dentro, dentro do, do, do, numa jaula. Pior do que, do, do, do que... O que, que eu acho que é muito errado a gente... Que nem, de muita gente às vezes até prende passarinho, é uma coisa horrível uma pessoa ter coragem de fazê, fazer isto, que é como diz, que o passarinho acha que canta não é? Não é por de paixão de ele tá ali preso, que eu me encontro assim também, e então, prá mim, é uma solidão de eu tá assim. Então tô só parado né?

Que nem eu recordo que com..., conversando com senhor né? Faz tempo que nós tamos conversando com o senhor mas eu tô desamparado aqui né? Porque eu podia pensar assim, *“Não, o senhor vai me dar uma... O, o senhor vai me dar uma mão, o senhor vai me dar uma força. Então ajudar prá mim sair daqui né?”*, *“Com o senhor pode assim...”*, *“Se Deus quiser, se eu tiver a oportunidade, o senhor pode soltá, pode até me dar uma ajuda prá mim sair daqui...”*. Enquanto isso eu tô aqui né? Não sei até quando. Até não sei quando... (suspira).

E o sujeito dentro de uma cadeia, como eu falei outro dia, é muito perigoso né? Porque o que num às vezes num pode acontecer dentro de um ano, de dum mês ou dum ano, às vezes pode é quando acontecer num

minuto né? Né? Notou a porta? Não tá tudo quebrado aí oh? Então, depois daquele dia que o senhor veio aqui né? Então, estava hoje reformando tudo aí, coisa que eu não tenho nada haver com isso né? Fico quieto no meu cantinho. Lá a gente não tem nada à ver, mas aqui que é horrível né? O homem que tá dentro de um lugar desse tem coragem de fazer uma coisa dessa, destruir, como diz, destruir o que é dele. Porque a gente tinha, vinha aqui, fazia uma consulta, tomava um remédio, tomava injeção, a coisa assim né? E agora? Cadê? Não tem mais né? Por esses que zelavam com isso, são bons, senão não! Tem que tá e pronto, às vez um atrapalha com vida de um milhão. E o pavor que o sujeito sente aquela hora? Aquelas pessoas endiabrados né? Eles deixou eles sair daqui pior que, como diz, um cachorro louco. Deixou de, de saber quem tá na frente né? O quem tá quieto no lugar...

A gente aqui sente pavor. Sente pavor porque eles não quer que... Às vezes... Que é a mesma coisa de, de, de chegar, como diz, numa caixa de, de abelha e cutucar, ou, ou formigueiro e mexer, ferve tudo, tudo tem de fever né? E eles, se vê um sujeito na toca, num canto lá, eles não vão querer que o sujeito fique ali não, todo mundo tem (*) que ir, tem que escorregar, tem que se movimentar. Então tem que tá junto com eles mesmos. Ah...(S). Horrível, é horrível...(S)!

Então isto que eu digo, a solidão, a tristeza... Tristeza que é, como diz, o sujeito como é que se diz, viu a morte com os olhos né? É um sujeito aí... Só ouve ou não sei o que, e às vezes, às vezes não sabe (*) nada o sujeito... Cê vê se perder, na, na, na, na, num maldade né? E às vezes agir, eu penso assim às vezes, às vezes né?

Não sei, às vezes tem gente aí, tem gente que num tem o que perder (*). Porque às vezes esses crimes absurdo deixou de saber e pronto né? E aí é que tá. E a minha tristeza é esta (*) que eu digo, a solidão né? Que prá mim, tô aqui conversando e o meu pensamento tá rodando né? Meu Deus, que dia que eu saio lá fora? Que dia que eu vou, que vou prá minha casa? Que eu ter minha liberdade em minha casa, comer e beber do meu suor ali assim né? Bom ou ruim, do jeito que fosse, sujeito é eu mesmo que comprei, eu mesmo que fiz, com toda, com, com toda alegria...(respiração forte)...(S).

Quando lembro lá de fora fico ainda mais triste ainda. Ainda mais triste ainda que, quem sabe se num, nunca tivesse vindo, tem muitas.... Que graças à Deus, eu vim prá qui, como eu contei, que lá é muito bom onde nós sempre criou, mas muito pobre, um lugar muito pobre. Vim prá qui, tinha um cursozinho né? De trabalhar, de registrar uma carteira, que é coisa que eu nunca registrei no nosso lugar né? Registrei trabalhando né? No, no meu trabalho aí, in, in, inclusive, graças à Deus tem vinte e três anos num lugar só, numa firma só trabalhando né? E mais se eu tivesse no interior fazendo um serviço mais pesado, qualquer que fosse preciso, suando ali assim, dava de tarde a gente vai chegar na casa da gente, tomava o banho, tava tudo descansado, deitado, dormir, mas tô com a liberdade. E eu hoje? E hoje? (*).

Então uhm... É, é terrível, terrível, terrível. A coisa pior do mundo, do mundo que eu acho, que não pode ter uma pior do que seja ser preso. É um... Credito que não! Credito que não porque se havia uma coisa pior que, do que prisão, é impossível, é impossível...(S). É triste...(S).

Mais e sei lá que que deu, que que deu... Agora é esperar até chegar naquela hora que resolver comigo alguma coisa né (suspira)? Ou morto ou vivo o ou que for, uma hora né (*)? Um dia ou dois ou quanto tempo que for, mais não sei, não sei (suspira)(S)... Muito difícil, é muito difícil (*) (S) (suspira)(S). E todo o modo que a gente pensar não sai do pensamento da gente... (S).

E a minha tristeza, como disse, é isto, é que eu não acho o porque que eles me puseram aqui...(*) (S). Difícil heim? (suspira).

Agora é esperar com fé em Deus um, uma hora que chamar a gente. Como é que chama né? Nós vai prá fórum, vai e volta, outros sabe e eles pega prá liberdade né? (suspira). Deus me ajuda que chegue esse dia com a decisão dele, ou uma coisa ou outra...(*). É como diz né? É esperar o que vier. Sair mesmo (*) (suspira) (S).

Sr. Tinoco

Dados Básicos do Entrevistado:

Tinoco, nasceu na cidade de Ourinhos, Estado de São Paulo, aos 09 de Março de 1938 (na época da entrevista contava com 59 anos de idade). Filho de João e Alice, desconhece a idade dos pais e diz que eram escolarizados, muito embora desconheça o grau de escolaridade deles. Segundo Tinoco, o pai era empreiteiro de obras, e por isso, “*Sabia ver plantas. Era um camarada muito inteligente*”, e sua mãe era costureira, e “*Sabia ler e sabia fazer muita coisa*”. A profissão de Tinoco é a de pintor predial, é casado, e cursou a escola até o 4º ano primário. Tinoco é casado com Luiza, com quem viveu os dois primeiros anos de casamento, porém, hoje, já contam 30 anos que moram separados, muito embora continuem casados. Com Luiza, Tinoco teve dois filhos, uma filha de trinta anos de idade que mora em Ourinhos e o filho Rubens, adolescente que mora com a esposa. Luiza continua a morar em Ourinhos e hoje conta com 50 anos de idade. Tinoco e Luiza se conheceram quando trabalharam juntos na mesma empresa, a Sambra, fábrica de óleo localizada na cidade de Ourinhos, onde Tinoco trabalhava como pintor, e neste ponto Tinoco completa dizendo que, em seu segundo emprego, na Mafersa, uma fábrica de trens também localizada na cidade de Ourinhos, ele fazia reforma dos trens, pintando-os, e finaliza, dizendo com um certo orgulho, “*Toda a vida fui pintor!*”. Depois do casamento, Luiza tornou-se empregada doméstica. Hoje, Tinoco vive com outra companheira, também chamada Luiza, ajudante de cozinheira de um restaurante, morando com ela na cidade de Mauá, região do grande ABC paulista. Esta segunda companheira Tinoco conheceu a dez anos atrás e vive com ela a cinco anos, com ela tem um filho de 15 anos que hoje mora na casa de seu irmão. Tinoco tem três irmãs e um irmão, são eles: José, com 44 anos; Roseane, com 52 anos; Izumira, com 46 anos e Luciana, com 38 anos. Tinoco diz nada conhecer ou lembrar com respeito aos avós paternos ou maternos, e justifica dizendo que isso se deve ao fato de que os seus pais nunca terem feito qualquer comentário à respeito dos mesmos.

Os Cárceres do Coração:

A história da minha vida... Oh mais, de desde, desde criança? Nossa! Desde criança? (S).

Bom, eu, quanto a criança, que me lembro né? (S).

Mais é caso de criança eu tenho que falar. Oh! Quanto a criança, que eu me lembre é deu... Eu ia na escola né? Eu ia na escola, saía e ia nadar. Faltava nas aulas prá ir ahm nadar sabe? Ou nadar, ou jogar bola, ou invadir pomar prá buscar laranja ou alguma coisa assim sabe? Então eu sempre procurei levando essa vida. Ou então eu ia... Quando ia levar, levar almoço pro meu pai, e lá eu ficava estudando, ele... Foi aonde eu pude conseguir até aprender trabalhar de em obras. Aí foi quando eu fui crescendo a mentalidade depois né? Ficando melhor. Então eu já começava até trabalhar com ele. E foi quando aprendi essa profissão que tenho até hoje. E no mais, ficar na..., em campo de futebol, é, campo de futebol!

Joguei bola muito tempo, conheço um punhado de, de lugares jogando futebol. E teve até assim... Já fui até mais ou menos. Mais ou menos né? Naquele tempo não se ganhava dinheiro mas sempre tinha um cartaz. E assim foi minha vida até... Até eu entrar na Sambra. Depois que eu fui servir. Servi em Itú. Voltei já com outro, outra vontade de outra coisa. Comecei trabalhar na Sambra, arrumei a namorada e me casei. Morei por... Não por muito tempo mas achei que nu, num dava certo prá mim. Inclusive meu pai bagunçou no meio. Foi quando a gente se separou. Então já fazia muitos anos. Ééé, assim foi a vida até hoje.

* * * * *

Nunca briguei! Nem dentro do campo de futebol, nem lugar nenhum, nunca arrumei confusão. Sempre eu fui bastante querido por todos os lugares que eu passei, em bar exclusivamente né? Fazendo uma batucada, contando piada, sempre fui rudiado de amigos, nunca fiz confusão com ninguém graças à Deus até hoje. Tô aqui porque um caso que me aconteceu e espero que nunca mais aconteça. É eu sair daqui vou trabalhar e vou limpar tudo. Vou trabalhar e cuidar do meu filho que só tem... Ele mora com o meu irmão né? E eu tenho que dá uma força. E se Deus quiser eu... levo o resto da vida assim, trabalhando!

* * * * *

E foi infância minha que... Ahm, nu, nu, num estou bem assim, bem lembrado do que seja. Mas minha infância não foi dessas de muitos garotos que brinca, tem presentes, aquele negócio todo. Naquele tempo não existia. Meu pai era pobre e num tinha o que tem hoje há muitos anos atrás né? Inclusive bicicleta, carrinho, aquele negócio que a gente mesmo fazia, brincava, o cavalinho de pau, e era aquele, aquele negócio sabe? Não tinha, não tive muita regalia na infância não (*) (S). É sem mais... Acho que é só

né? Não tive muita, muita regalia na infância não (*) (S). Acho que nu, nu, num tem mais história sabe?

* * * * *

Ah! Contá criança é contá bom! Então o que eu tô te dizendo... Então minha vida foi sempre trabalhando e... (*). É::, pois é... Porque então... Conversando né? É:: da minha vida, que eu tive bastantes alegria (*), fui bom camarada! Vez saía da escola, saía do campo, saía da casa da noiva, naquele tempo era namorado depois fiquei noivo, ou então ía no jardim ou ía no cinema, quando terminava, eu sozinho né? Porque eu deixava ela em casa né? Depois que eu ía no cinema. Aí, como no interior tem... Cê deve conhecê, aquilo chamado zona né? E então eu descia lá prá zona, lá perto, de bicicleta. Então aquele tempo tinha muito charrete (*), então eles pegavam uma charrete, descia prá... Não só, eu ía mais uns amigos por aí. Então a gente ficava na zona. Inclusive morei um tempo na zona. Pouco na minha casa e pouco na zona né? Oh rapaz! Então prá mim era uma vida que... Parecia que tava até... Tava bom! Mais depois que eu me casei eu parei um pouco. É que o tempo em Ourinhos... Depois que eu vim prá São Paulo trabalhando, jogando bola também, sempre...

É, e pois é, pois é assim, assim foi minha vida. Cheio de, de alegria, um pouquinho de tristezas (*). É o que eu me lembro até agora né? (*).

Ah, ahm... É só isso que eu tenho a falar porque eu não tenho mais outras coisas. De alegria só festas (*)! Só nunca fui cantor nem músico. Eu nunca fui de tocar instrumento nenhum mas sempre admirei. Eu sempre tive boas amizades e sempre tive alegria na minha vida. Com eu mesmo aqui estando preso, nunca tive confusão, sempre dou risada, conto piada, faço o cara dá risada também, é e sempre foi assim, nunca, nunca (*) tive aqui um..., de alguém me chocasse com alguma coisa, não, não, não. Foi até que eu separei da mulher esses negócio, mas sempre, sempre com amizade e bom senso em brincadeira, nunca passou por um estado de nervo não! Sou até um camarada calmo, e sempre tive alegria, nunca fui nervoso nem revoltado (S).

Eu acho que não tem mais né? (S).

* * * * *

Ah! A cidade de Ourinhos na época era cidade grande não né? Ah! Morei na, na firma, morei lá vinte, foi vinte oito, vinte seis, vinte cinco, vinte seis anos por aí. Desde o nascimento sempre morei lá. E depois eu que vim prá cá né? Agora está fazendo (*) trinta...

Lá em Ourinhos morava na, na cidade mesmo, inclusive atrás do cemitério sabe? Lá é (*) Vila...(*) (S). Oh! Esqueci o nome daquela vila. Oh! Inclusive até o nome da, da, da... Oh! Esqueci o nome... Que negócio é esse? Ah! Vila Marcante... É, Vila Marcante! Vila Marcante! É cemitério na Vila, na Vila Marcante, quase um terminal, uma estrada que vai prá, prá Santa do..., prá Santa Cruz, que vai pra Assis né? É logo, logo no final né? Mais vila muito grande, vila muito grande, muito bonita hoje, cidade boa,

boa prá trabalhar, bastante agricultura né? Muita roça, aqueles negócio. Mas bem mais distante. Mas eu...

Muita gente trabalhava...(*). Que morava na cidade, ía trabalhar em, em agricultura também sabe? Sempre um lugar bonito. Muitas firmas perto lá da onde morava.

Depois que eu vim prá cá eu fui lá duas vezes só. Tenho família que mora lá e primas, meus tios, uns parentes que mora lá. Aí, depois, depois que eu separei da mulher né? *“Lá cê nu, num vai voltar não”*. Porque meu pai morreu e... *“Eu não vou voltar mais aqui!”* E não voltei mais sabe? Meu irmão vai lá. Meu irmão, minha irmã vão né? Mas eu não voltar mais. Eu não vou ali. Mas era cidade bonita!

Ah! Eu lembro na, no tempo né? (*). Ah, no tempo que... Ah, no tempo que eu trabalhava. Ía em festa né? Como falei né? A zona (rindo). É, ficava lá. E noutro dia né? Ia trabalhar. Depois ía prá escola depois corria trabalhar. Depois foi mais a idade, aí fui servir né? Fui servir em Itú.

Mas eu... A cidade, cidade boa (*). Eu gostava de lá, gostava muitos amigos (*). É, inclusive eu tô... É, quer voltar né? É porque assim... É... Prá não voltar mais não porque a mulher já mora com outro, chego lá, vou arrumar às vezes confusão, eu não gosto disso, então eu resolvi não voltar, se não voltar eu não existo. Mas é legal lá (*). Muito bom (*) (S)!

Acho que não tem mais né? Que num tô, num tô lembrado (*). Só se for de uma outra parte, talvez eu me lembraria...(*).

* * * * *

Olha, lá no interior, uma cidade, uma é perto da outra. Tem Ourinhos, tem Santa Rosa do Rio Pardo, Xavante, tem Pau Sul, Salto Grande. É uma cidade... uma quase perto uma da outra (*). Tem umas diferentes da outra. É os times de futebol então os campos né? E o campo do Ourinheiros que é um... Hoje é um... Hoje não, não sei como é trabalhar com estádio. Inclusive até se... Tem maracanã da alto sorocabana que era o estádio do Ourinheiros. Tinha o campo do Operário também. Eu já joguei bola nos dois times. É só o campo de futebol que tinha a diferença dos outros campo e os clubes. Que o time do Ourinheiro já era um, um time já mais, mais rigoroso, mais melhor do que os outros (S). É, o time do Ourinhense, assim de preto, assim que ele jogava, jogou duas vezes. Sabe esses clube que, que gente preta não entra? Quando tem branco não entra preto, é, é...

Tinha o time do Ourinheiro, preto não... E nem, nem no clube podia entrar. Gente preta não entra não! Inclusive tem um, um lutador de boxe daqui, foi lá fazer uma apresentação lá em ourense, e lá teve um faqueiro sabe? Descarrega um vagão de cimento, café, naquele tempo tinha bastante. O lutador que ía fazer a apresentação, esqueci o nome dele agora, ele trouxe convite, lá tem o... Todo mundo gente bacana né? Mar de gente... Eu vi ele lá no meio. Aquele negócio todo de coisa da sobre boxe né? Também... Aí tinha festa lá no clube do Ourinheiro. Ele pensou que a gente podia entrar né? Mais um negrão daquele num... Então ele num... Ele ía ser barrado né?

Isso aí foi em, acho que em cinquenta dois por aí, eu já, eu já jogo no time do Ourinhos, é por aí. Aí a turma do faqueiro é que é tudo negão. Então falaram, “*Bom, se ele entrar então eu vou arrebeitar com tudo, porque que ele né? Porque tem nome pode entrar e nós da cidade não?*”. Aí foi quando não deixaram ele entrar que eu me lembro. Não deixaram ele entrar. Aí, quando ele veio prá cá né? Esse lutador (*) veio prá cá. Aí saíu no jornal. Saiu, e saiu um punhadão de coisa (*). Aí, depois foi indo, pois mudaram o clube, daí começou a entrar a gente né? Entrou gente preta. Que té hoje, hoje deve entrar. É por causa dele saiu (*). Se não fosse rico não saía. É um racismo mesmo sabe? Tudo racismo (*)!

Que eu me lembro é isso aí...(*).

* * * * *

No campo é tudo mundo tá vivo né meu? Mais lá no clube não. Eu me lembro isso aí. E cinquenta mil réis porque ainda guardo comigo né? É mais quanto a minha vida rapaz, sempre foi assim, trabalhando (*) e me divertindo (S).

E sempre, sempre, sempre com alegria. Nunca, nunca com maldade com ninguém. Nunca, nunca fui de mal humor. Então me lembro muita coisa (*).

Das muitas coisas... Muita aconteceu... Quando eu tô cansado, mesmo ali eu tando deitado né? Então me lembro (*). Eu tô sentado, tô com aqueles amigos meu que a gente até brincava de cavalinho de pau, ía nadar, travessava prá roubar melância né? É, quando era menino era gostoso roubar melância lá do outro lado do rio, vê quem mergulhava mais, ficava mais tempo debaixo da água. Era então... era assim uma brincadeira. É jogar futebol, futebol de que a gente joga na areia, é, a gente fazia bola de capotão. É muito difícil... E pai com pai. Aquele tempo não era ruim. Caçar com estilingue...(S).

É, não tô mais, mais... Só se eu ficar muito tempo deitado. Depois de uma tarde refletindo né?

* * * * *

(Ri) Depois de muito tempo passado né? A gente vai, vai lembrando mais outras coisas. Que até hoje a gente vai se lembrando em poucos tempos né? Dentro dessa passagem vai esquecendo. Só mesmo tiver como voar assim longe...(*) por bom tempo prá ficar bem com a gente.

Os tempo de agora é mais fácil lembrar né? De agora de mais agora não é? A gente lembra! Lembro o tempo quando eu vim prá, prá cá (*) (S). Logo que eu cheguei aqui de Mauá (*), nos anos cinquenta. Pensava no...

Por isso que eu digo né? (*) É bom! Prá este lugar que estive não fazia mal a ninguém né? Só sorte como se diz né? Que um dia a gente tá aqui. Que nem eu tô aqui (*), eu tô dizendo, prá cadeia aqui em Santo André.

Uma vez... É que eu, que eu trabalho... Um dia eu tô ali, que eu pego o serviço longe, um dia eu tô em outro canto. Já fui trabalhar até no

Paraná. Que eu pego serviço no..., com um camarada mesmo, leva prá trabalhar (*) (S).

Quando eu cheguei aqui em Mauá (*). É, eu cheguei em Mauá, não tenho certeza, sabe o... Que eu não conhecia ninguém, foi fato, não conhecia né? E tô num bar, num bar, bar de lá, é, é adega né? Que vende vinho, pinga, bebida (*). E tô, e tinha uns amigos meus, dois irmãos, fazia quanto tempo que eu não via eles, vieram de Ourinhos com o mesmo dinheiro. Eu tô ali tomando um copão de vinho na hora do almoço e tinha outro rapaz sabe? Pequeninho, um rapaz chamado Alcides. Pô, ainda tem... Um chama Alcides outro chama José, dois irmãos. Eu tô, e eles chegaram no almoço né? Prá tomar aperitivo. Porque eles almoçaram na cidade de, da... Eles chegaram, pediram uma pinga cada um né? (*) Um tomou uma, outro tomou outra, e eu tomo aquele copo de vinho né? Sem conhecer ninguém eu tomei aquilo. Então tão... Começou a tomar e um dele olhou bem prá mim né? Olhou prá mim eu também olhei prá ele né? *“Ué, o que que é isto? Tomar também não deve?”*. Ele fala, *“Diabo!”*. Aí eu fui lá perto do outro e começou a conversar, eu falei assim, tem alguma coisa nisso aí (*). Tomei mai um pouco de, de vinho, e peguei o dinheiro, paguei com vontade de sair fora né? Que foi que o cara ficava me olhando daquele jeito? Fiquei deu... E a delegacia perto, lá em Mauá, tinha delegacia bem... Ainda da prá eu ir, falei, *“Será que algum polícia...”*. Que será que é? (*). Aí, quando eu ia prá sair, um camarada falou, *“Oh Tinoco né?”*. Prá ver se era eu mesmo né? Eles também, só olharam, algum olhou né? Falou pro outro, falou, *“Pô Alcides num sabia né?”*, se era não era né? *“Oh Tinoco!”*. Eu pa, parei, olhei né? Aí os dois, *“Ah! É você mesmo que... Oh rapaz!”*, *“É porque eu tô a pé, então daí eu não paguei por aquele vinho”*, aí já disse, *“Que time cê veio? Como é que vai? Cê tá jogando bola aí?”*, falou, *“Oh rapaz! Eu tô...”* (*). Eles, eles moravam alí na Santa Cecília né? Que tem Capuava né? Pois moravam um pouquinho ali em Santa Cecília, ele morava alí. *“Oh, como é que é rapaz? Cê tá jogando bola aí?”*, falei, *“Eu tô! Que, que não tá, e pá e pô né?”*. Aí mostrou a casa dele, falou prá mim onde era a casa dele né? Aí, como eu tinha que ficar na casa de meu pai até um tempinho né? Depois voltar prá Ourinhos, eu tava de férias da Mafersa, aí eu fiquei lá, domingo eu fui lá, falei que ia, ia morar em Mauá. *“Oh, oh rapaz!”*. E até hoje vou na casa dele. Maior, maior alegria que é. Conversava de Ourinhos, também jogamos bola lá, ia prá cá, *“Tem umas meninas, eu me lembro no tempo que... A muito tempo atrás”* (*).

É isso! Foi quando eu começou, jogou bola naqueles times de Mauá. Quase todos esses times aqui eu joguei bola. Muito considerado por todo mundo. Ah, também eu fui goleiro. Então todo mundo gostava de mim (*). Eu pensava em ser goleiro né? Era...

Toda vida fui..., desde tempo de Ourinho, desde Ourinho aquele época. Joguei no Ouriense muito tempo, joguei no Unidos, no Operário, no...(*), joguei no... Depois comecei, fui contratado pela Botucatuense de Botucatu, mas não fui porque salário... Tava noivo, achei que não ia dá. Então fiquei lá em Ourinhos, depois eu vim prá Mauá. Em Mauá também joguei prá quase todos os times de Mauá. E depois é que, depois fracassou um pouco né? Fracassou. Fracassou na época feito maior cachaça, maior zona (ri).

Aí, aí acabou de uma vez mesmo né? Teve que parar mesmo. Aí fui arrumar emprego. Até vendeu meu carro né? Tava parado né? Aí foi que comecei a beber aí, envolver com uma garçonete e tal, coitada, uma outra aí né? Que sabe também aí... Acabou tudo né? Depois aconteceu uns negócio comigo né? De clube aí tá... Dez ano atrás...

Que tem esse negócio comigo sabe? Agora tô preso (*), mas se Deus quiser, até o fim do ano eu vou embora, aí vou continuar a minha vida do jeito que era né? (*). Tem que ser trabalhando e fazer... Nunca fui de fazer maldade prá ninguém, nunca fui. Até nem gosto do cara chegar prá... E dizer...(*).

Aqui né? Convive aqui porque né? Tá preso (*). Tem que conviver (*). Mas não é, não é do meu, não é do meu (*), do meu naípe não! Do meu, do meu time não! Eu sempre fui assim...

Tô aqui preso um ano. Vou fazer um ano e oito meses. Tem um ano. Mas caso... O meu caso antigo né? Meu...

A dez anos atrás eu conheci o Celso aí, ele me conhece. É, ele me conhece como jogador lá de Mauá, ele tinha um bar lá. Até hoje ele vem aqui, *"Oh Tito! Como é que tá? Tudo bem?"*. E pá. Ele conversa muito comigo. Ele, ele me conhece e sabe o que é isso aqui. Ele sabe com..., ca..., não ía bater.

No bar nós conversava, tomava cerveja, tomava pinga, mandava ele marcar. Ele, ele me conhece. Ele não me ajuda porque acho que num, não é do alcance dele. Aí, ele me conhece muito bem, ele sabe quem eu sou (*). Pior que o cara, ainda bem que ele foi legal, conheço ele há..., poucas vezes ele tá livre. Lá, se for ver tá? As coisas. Ele foi camarada legal sabe? Um cara legal (*). Gente boa (S). É, por enquanto acho que eu não tenho mais né? O que te falar...

* * * * *

Vim prá cá porque fui transferido da Mafersa né? Morava em Mauá (*). Eu vim passeá aqui. Aí em Mauá. Achei que aqui prá mim ganhar dinheiro era melhor do que lá né? Mafersa aqui é na, na Lapa. E eu aí vim prá cá porque tinha pedido transferência né? Pedi transferência da Mafersa de lá prá, prá qui. E eles me deram, me deram e eu vim aqui. Mais já logo no começo achei ruim né? Que onde eu morava em Ourinhos a oficina era perto. Era perto né? Fui é perto, eu ía de bicicleta lá onde eu trabalhei, de bicicleta né? Trabalhei de bicicleta ou ía a pé. Agora aqui eu estranhei né meu? Que vai de Mauá prá ir trabalhar na Lapa, é:: tinha que levantar muito cedo. É só que tomar o trem não era aí, aí como lá...

Trabalhava lá na Lapa. Aí fiquei mais um, um ano e pouco só. Aí pedi a conta, *"Vai não, não quero mais ficar aqui não"*. Até eles acharam bom eu pedi a conta sabe? Eu também tinha que ter... Quando eu não entendia muito de, de, é, esse negócio de pedir a conta, receber alguma coisa né? Pedia já aqui, já que eu vou sair fora daqui que num dá certo não. Aí fui embora. Pedi a conta e (*) aí comecei trabaíá. Fui pruma refinaria de petróleo em Capuava... Aí fui trabalhar lá. Aí fiquei lá também. Depois comecei pegar serviço por minha conta...

Ah, eu ganho aqui mas... É, depois da, da refinaria que eu trabalhei como pintor de prédios. E em Ourinhos eu trabalhei né? Pintor de, de carro, lá não tem prédio...(*). Pois aqui já comecei trabalhar em prédio né? Pintar de cor né? Dar massa corrida, às vez fazer de tudo. Bom, comecei tirar de...(*). E tinha que ser corda, uma corda que enrola né? (*). Aí, graça à Deus eu pegava serviço bom. Aí pegava por dentro e por fora né? Eu fazia por fora e por parte eu pegava por dentro né?

Saí da Mafersa porque morava em Mauá. Então era muito longe prá mim trabalhar. É muito longe. Aí arrumei esse na refinaria. Quando na refinaria só trabalho de pintor, mesmo coisa né? Na refinaria de petróleo eu ía pintar tanque né? A pintar de revólver né? Então eu sabia pintar, sabia não, sei né? Profissão não se esquece!

Eu pintava enjatilhada, jato de areia né? Tirar ferrugem depois pintar (*). Então o que aprendi fazer é isso. Depois a firma faliu, o da refinaria, um empreiteiro né? Forte, eu ganhava bem lá. Aí arrumei de pintar prédio, pintava casa, é tudo que eu conheço passando de Santo André. Quando vir predião da Oliveira Lima, onde tem, tem uma passarela no meio ali, Oliveira Lima ali. Ali foi eu que pinte por fora, por dentro não, só por fora! Oliveira Lima aqui em Santo André, no centro ali, ali é centro, onde passa o ônibus que vai prá..., prá Mauá... Eu esqueci o nome do prédio ali, ih, faz muitos anos que eu pinte ali, é no começo ainda, faz, faz muitos anos que eu pinte ali. São Caetano só aqueles prédios altos ali. E eu que faço, eu faço mas tem mais gente que faz né?

É, nós trabalhava o... É, eu mesmo faço, cada um fazendo. Eu vou lá que nós somos, nós somos em dois né? Dois ou três, é combinado né? Tem um camarada vai lá né? Um amigo meu que dão o preço, com dinheiro, dão preço. Aí fala prá mim por quanto ele deu né? Fico sabendo então eu vou né? Eu vou, dou o preço, ou mais baixo ou mais alto sabe? O preço então... Não muito, também muito alto né? Então, se ele achar que o preço mais baixo é melhor prá ele, ele dá o serviço prá aquele que deu o preço mais baixo não é? Ma acontece que nós somos amigo, só ruma nós dois trabalhar junto sabe? (ri).

Só não vai dá assim, assim bom o cara lá tá preso né? Todos né? Inclusive você. Se tem um prédio, "*Leva ele em Santo Amaro*", ele me chama prá fazer um orçamento né? Chamou, é tanto, tanto, tanto, quero tanto, tá bom. Aí tem um amigo meu, é, quando vai lá, eu dei o preço de tanto, dá um pouquinho mais ba..., mais alto, é, ele vai, dá o serviço prá mim. Daí vamo, nós dois acerta, ou dá mais baixo, que aí dá o serviço prá você. Então o cara vai lá e dá o..., dá mais baixo ou dá mais alto. Então o cara prefere qual dos dois né? Aí dá o serviço, dá e vai nós dois fazer. Um vai visitar, e vai nós dois, a gente faz e termina.

Então que é assim, tem que ser combinado, pode ficar mais se não é combinado. Em quanta vezes depois que o empreiteiro pegô serviço (*) não quer pagar os outros, por isso que sai até briga. Então é assim, a gente que trabalha, procura fazer um serviço bom, vai algum olhar, gostar e, e pegar o serviço da gente, e é assim rapaz (*) (S). É, eu acho que, eu acho que nós não tem mais né meu? Prá falar... Eu não sei mais... (S).

*

*

*

*

*

*

*

De Ourinhos... Ah! Naquele tempo é quando eu tava te falando, jogar, jogar bola né? Bola de... Jogava bola na rua. Naquele tempo a gente não era, não era calçado, nem asfalto. Lá tudo terra, muito tijolo aqui, outro aqui assim, descalço, aquele negócio todo. Oito prá... Oito boneco cada lado né? Uns de camisa outros sem camisa né? Aí ficava ali, aquele calor danado né? Suado bastante e... É tudo! (*). Até que foi né? Que fui crescendo, depois eu tava na escola. Ah! É...(S). Grupo... Esqueci o nome do... É, recordo, é, é grupo né? (S).

Lá tinha dois grupos, um era bem construído, grandão né? Nós chamava Grupo. Fora o grupinho, grupinho já é menor, desses mais grupinho... Ficava tudo no centro da cidade, tudo no centro, um do lado de baixo, outro do lado de cima. Agora já não existe mais não. Agora já não existe mais. Agora tem o, um grupo, esqueci o nome dos dois grupos. O grupinho é, ele foi mudado sabe? Está no outro, no outro, essa outra rua com... Já é a rua do cemitério né? Então fica bem começo, bem nu, nu, bem quase na cidade mesmo sabe? É de eu não sei o nome daquela rua que eu esqueci, muitos ano faz, esqueci agora. Na rua onde eu morava é rua Antonio Prado sabe? A rua que eu morava. E a outra rua lá perto do cemitério é paralela com a rua do cemitério aqui, com a rua lá de casa. Então saía daqui assim, eu descia, ia na rua do cemitério, e a zona tá na rua do cemitério, lá no final. Então eu descia aqui assim, travessava aqui, saía lá nessa rua já tava lá na minha vila que eu gostava muito (S). É, eh! A zona...(ri).

A zona é um... É que, quase uma vila lá. Tinha umas, umas vinte casa sabe? É uma vila. Tudo carregado né? É casa grande sabe? Uns quartões né? Empinhadão de mulherada. Aquele negócio todo... Para vento, muro, que tudo, que lá dá muito isso aqui que nem existe aqui né? Tem esses conjunto assim, nem piano nem nada, lá é música de viola mesmo né? Interior né meu? É música de viola. É aqueles caminhão, os caras vinha prá viajar né? Por lado de Assis, então já parava ali, e muita gente a cavalo. Ah! É e se diverte a todo o dia sabe? Que é música quando os caras que tava tocando né? Tinha radioviola para aqueles discão desse tamanho assim né? A noite inteira! Daí a cerveja e aquele negócio todo. Todos os dias né? Então era prá mim, era um... Prá mim é uma beleza. Uma mulherada danada, por dessas que vai dormir, ficô um pouco venho de novo. Ali então prá mim era uma alegria. Às vezes o cara ia até na minha casa prá visitar o vizinho né? Às vezes, algum colega, "*Uai, deve tá lá na zona*", "*Ah*", e chegava lá, é, e lá é meu ponto né? (*). Minha mãe diz...

Ah! Eu com uns, uns quinze ano eu já frequentava lá. É de menor ainda né? Era conhecido, nascido ali né? Então aquela turma ia prá lá. Não de dia, só de noite. À noite ficava lá até as tantas, até meia noite, depois vinha embora prá dormir. E era assim, bastante conhecido (*)(S). Não pagava nada. E quê tempo já tomava alguma coisa também, cerveja, até pinga eu já bebia né? É, e trabaiei em alambique também né? Já desde molecão...

*

*

*

*

*

*

*

Minha vida de trabalho é... Ah! Trabalhei de serviço de pedreiro. Ah! Eu saía da escola, ia levar armoço pro meu pai né? Meu pai trabalhava em obras também, e pegava o serviço antes de trabalhar, e levava armoço prá ele, e ficava... Ah! Eu tinha uns..., e tá com uns..., é, eu acho que tinha dez anos, que eu era molecão ainda.

Quando ia levar armoço às vez deixava não. Aquele tempo não era marmita era carderão. Deixava o carderão lá e vortava, ia em casa, tirava água do poço né? Enchia os tambores de água prá minha mãe prá lavar roupa e prá casa. Também é gostoso. Aí, andava uns três, quatro, ia embora pro rio. Aí eu ia nadar, aí ficava dentro do pardo, que o pardo era muito longe de minha casa né? Do tipo caverna, é aquilo que dava no rio Paranapanema. A gente ficava lá no rio nadando sabe? Que o rio é largo. Travessava o rio, ia lá no outro lado, tinha uma horta, tinha pomeiro, plantava tudo melância. Então a gente pegava uma melância, jogava tudo dentro d'água e vinha brincando com a melância, jogava lá prá cima assim, jogava tudo dentro assim, e a água vem trazer né? Então você vem nadando, empurrando, é, enfia debaixo, ia até chegar do outro lado do rio, aí, aí chupava uma só, o resto trazia prá casa ou dava prá alguém que, que a gente encontramo, um pedaço assim grandão dava prá alguém. Só prá minha casa eu não levava, é, lá que minha mãe num, num gostava desses negócio. Até eu ia buscar milho verde a noite né? Na roça, porque quando tá chovendo era bom né? Porque aí os cachorros não viam né? Prá aí eu ia buscar milho verde na horta de japonês. Mas quando levava alguma coisa em casa minha mãe perguntava aonde é que eu tinha arrumado, quem foi que me deu, e era uma confusão por causa daquilo... Ah, aí eu falava que alguém tinha me dado, *"Foi fulano que me deu, pode perguntar prá ele"*. Depois minha mãe ia nele. Queria saber né? Se foi ele que tinha me dado. Às vez, tinha pegado também né? Tava junto, *"Não, mas foi eu que dei, o dono lá me arrumou, o japonês ia jogar fora"*. Vai faze o que né? Aí ele passava depois, fala que eu tinha pegado, é uma briga danada. É, minha mãe nunca gostou disso. Inclusive mi... É tudo crente né? Eu também, antigamente, eu depois comecei ficar crente também, depois parei. Aí não ando como a igreja mas eu sou muito fanático (S). Eu gosto, mas eu vou muito falá o...(S)(*). Eu faço... E a vida, e o vida tem mais o quê? Hoje eu me encontro aqui, mas se Deus quiser eu saio...

Os Cárceres da Prisão:

Que eu me sinto aqui é o seguinte, eu saio daqui vou lá prá ala né? Fico lá. Conversa com um, conversa com outro. Ou então eu vejo bastante, eu gosto de vê este jornal aqui que tem a..., uma mulher aí, uma mulher do, de um amigo nosso né? Então vejo jornal, revistas, tem um pá de coisas. Eu tiro mais é... Vejo... Tem, tem, tem televisão, mas aqueles programa não sou muito chegado não, os programa... Então música eu gosto de música. Ah! Tá, ficá ali, batê papo com um, ajudá o cara de chão num trabalhozinho, dá o nosso cigarro, dá nosso cigarro, dá um negócio. E lá todo mundo da faxina me, me considera, e eu não tive inimizade com ninguém, sempre tá o...

Aqui em São Caetano sabe? São Caetano que eu vim prá cá quando fizeram a...(S). Aconteceu um negócio lá aí eu vim prá cá. Nem em São Caetano, nem aqui tem eu fé de conversar com todo mundo. Fazer maior pau lá, briga com um, briga com outro, que dá maconha e não sei o que. Aqui tem aquele negócio todo, mas é comigo não! *“Opa! Como é que é? Tudo bem? Opa! Tudo legal?”*. Cada um cada um né?

Eu dô até conselho moleque novo né? Só tem molecão né? *“E aí rapaz? Fica devendo prá um, devendo prá outro, sua família vem aqui te traz chiclete, traz isto, traz aquilo, traz um tênis novo”*. E você vê, faz qualquer coisa prá comprar droga rapaz. Eles diz, *“Eu não vou fazer mais isso”*. Daqui a pouco tá de novo né? Tá assim o...

Se eu vejo assim esses camarada, *“Não comigo né?”*. É brincando um cá e outro lá né? Comigo não! Comigo, prá mim, isso vai... Às vezes tamos juntos, mas cada um cada um né? Eu passo um...(*). Ele não queria saber de ninguém. Eu chamei, gosta de conversar comigo eu converso (*). Não gosto de me meter na vida de ninguém. Então é assim, ma não é, não é...

* * * * *

Aqui não dá prá contar muita história de vida não. Ah, às vezes é um puxa um negócio né? Um fala um negócio, fala outro, e daí se lembra também né? *“Então vamo lá, prá mim falta só dizer, falta só dizer, eu lembrei daquilo”*. Então fazê agora assim prá não fazê guerra aqui. Eles são nortista né? Tem um quis entrar... Tem uns três nortista...

É nortista que é lá da Bahia, dos lado de lá. Então começa a lembrar daquele tempo assim, assim, quando era moleque e pá, *“Oh rapaz! Se fez?”*, *“Eu fiz isso! Fiz aquilo também...”*, *“Então né?”*. Um assunto vai puxando o outro sabe? Então ele vai lembrando. Daí, de tem os conto, as piada, e vai lembrando. Mas no estalo assim é meio difícil você lembrar de tudo (*). Às vez eu tô até vendo. Tem muitas coisa é que a gente tá vendo, naquela leitura na, na, naquele caso a gente lembra o que a gente foi né? - *“Oh! Mais aqui assim? Mas quase igual daquilo que eu, que aconteceu comigo...”*. Aí cê fecha o jornal, fecha o ouvido, parece que está até vendo,

“Não, e tal... Acho que conheci”, “Que é que aconteceu né?”. Neste tempo todo até parece que foi ontem né? A gente pensando bem parece que foi ontem. Eu me lembro quando era molecão, quando jogava bola que é que eu fazia muita coisa. Então, eu pensando bem, eu falo que foi ontem...(S).

Bem, então é assim. Agora, tem muita gente que esquece né? Eu principalmente, eu guardo muita coisa que eu esqueci. Esqueci não! Porque não tô arreventado na hora. Eles não lembram muito, acho que de muita coisa, acho que é pouco...

Acho que eles esquece aí é... É que tem, tem aquela vontade de sair logo né meu? Fa, fazê outras coisa, e tão sentindo peso. Fala, “Bom, eu tenho que sair daqui. Eu tenho não?”. Primeiro a mente dizendo, “Tenho que sair. Tenho que ir na casa brincar com filho. Eu tenho que ver meu filho. Como é que eu vou fazer prá chegar lá?”. Ele não sabe! Não sabe que eu tô aqui. Mas no caso, nem meu irmão que eu não falei que eu não quero, eu não quero, seu filho é chato. Quem tem que pagar sou eu, ele não tem nada a ver. Então eu pago, e se Deus quiser eu vou embora logo. Ele sabe qual foi, meus irmãos sabe, então não quero que ele venha aqui.

Então fico pensando, prá poder sair daqui, primeiro de tudo tem que chegar no fulano assim... Assim de quem né? Eu tenho uma facilidade, amigo meu que é dono de... É empreiteiro de obra também. Tem que chegar nele, arrumar um dinheiro ou arrumar um serviço, pegar um dinheiro adiantado, chegar no meu filho, conversar com ele. Não vou culpar com serviço, com dinheiro. Prá conversar com ele, chamar prá passear né? Passear outro lugar, e coisa, e pá. Pedir prá me descer prá Santos. É que meu irmão vai, meu irmão tem carro, tem tudo. Meu irmão, graça à Deus é mais ou menos. Ahm, então a gente vai conversar e fazê de novo né? Aquela conversa novamente né? Porque é filho, passei, já paguei. Então tá, depois então começa tudo de novo né? E começa tudo de novo. Então é, e volto o pensamento o que é. Mas estando aqui o pensamento é de sair só. É só é ir fora. Ele pode até esquecer de outras coisas, ah, o que já passou né? Então já não tem mais o que de pensar, é fica pensando. Quando a gente tá lendo, se distraindo com o rádio ligado, então a gente tá ligado naquela música, então lembra de uma coisa. Lembra né? A gente lembra de tudo essas coisas. É isso então. Tem que ter alguém que quiser contar um caso. Só de lembrar aquela coisa... Mas se ficar...

* * * * *

Aqui dentro não conta muito caso não! O cara fica aqui não dá nem prá conversar, o cara tá ocupado em..., “Eu odeio, eu matei, eu meti bala, eu não sei o quê”. É! Essas coisas que eu nem imagina ficar de conversando isso. Saio fora. Pego uma lá ou desço. Eu mesmo vou andar duas, três vezes. Como eu não converso é assim. Então eu volto lá, é aqui de...(S). Uns já nem desce...

Aqui não tem com quem conversar sobre isso. Ah não! Aqui não! Pouca coisa! Ah! Bem pouca coisa. Vez dá risada lá dentro né? Sabe, tem um camarada faz as coisas errada, então a gente dá risada, tira o sarro do outro, dá risada. Mas contá caso? Caso contá? Esse cara só conta essas

coisas de, “*Eu fiz aquilo. Fiz aquilo pá, pá. E um...*”. E prá mim, só alguns que se interessa né? Então a gente do... Puxa o fora né?

Com o camarada novo também tem gente boa né? Gente boa! Conta que, que Deus quiser né? Conta quando era mais novo e conta o que até continua fazendo hoje. É, então a gente lembra também né? Que que aconteceu com a gente. “*Oba!*”, diz, “*O que se fez, tá fazendo agora, eu já fiz há muito tempo. Já uma vez aconteceu assim, assim, assim comigo. E pá, e pá*”. Então e vai e a gente lembra alguma coisa né? Lembra aí é... Assim... Os novos também falam, eu, os mais velhos também falam, “*Tô enferrujado...*” (*).

Agora, tem gente que, que eu falo aqui, uns casos que foi de diferença (S)(*). É! Agora que...(S). De tanta...

* * * * *

Tá vendo essa parede velha rapaz? Uma vez caí do prédio. É, esse buraco aqui oh! É que, é que quebraram, que quebraram... É, caí do prédio, de quinto andar sabe? Tá? Lá aí em São Caetano, lá na vila Gerti (S).

Se eu tivesse tomado bronca, segurado a... Trabalhando de corda né? Eu não cairia. Mas nós tava de dois, falei, “*Laércio, vamo fazê um andaime aqui?*”. Peguei noutro, pertinho do pé, descendo tinta prá mim, “*Nós dois desce o andaime, e nós termina esse fardão logo*”. “*Eh né meu? É mesmo, aí um volta claridade*”. Chama poço de claridade, um vitrô de um lado, vitrô do outro. Só ele. Eu pus um caibo né? Cada uma ripa só no outro, o vitrô né? E pus as tábuas, e essas latonas de tinta, redondona, bem cheia né? Falô, “*Põe a lata cheia aqui assim, quando ela chegar lá embaixo, nós sai, pega mais tinta*”. Rapaz não deu outra né? Aqueles caibrão quadrado assim, de pinho, cheio de nó. Enchi de reboque, os pedreiros tavam trabalhando assim, eu fui de... E aquele latão em cima, e vim pintando né? A paredona né? Grandiosa. Com rolo de cabo de vassoura. Eu tô indo... Quando chego perto daquele pau cheio de nó... Ah! Não deu outra! Ele quebrô! Quebrô e eu descí com tudo sabe? Eu, lata de tinta e...(*). Aí me estatalei no chão. Eu meti a cabeça no chão (*). Cimentado né? Cimento rústico. É, meti a cabeça no chão. E a parede fina... Aí quebrou aqui, aqui, fez assim...(*), e a testa aqui...

De lá, aí me levaram pro Pronto Socorro. Chego lá isso aqui veio parar... Aqui é uma operação... É, fizeram... Tem um pino aqui, outro aqui (*). Aqui também era aqui assim... Ah! Meu dente ficou torto, dói, mais porque eu tô té hoje né? E põe é sal aqui e tal... Aí, quando chegou no Pronto Socorro em São Caetano, isso aqui vai aqui, cabeça tudo suja de água, latão no chão né? A tampa subiu né? Mais deu um banho que... É, fiquei bonito mesmo. Aí é... Uns burros enxerga eu lá, foi dizendo, “*É por isso que na hora de serviço não pode beber...*”, eu disse, “*Óia rapaz! Na hora do serviço como é que eu ía bebê?*”. Aquilo já me fez mais nervoso aí. “*Mas óia prá lá! A lá não tinha estuque, sei lá. Não tinha marrete, não tinha aquele negócio todo!*”.

Aí me levaram lá prá Tatuapé, lá tem, o hospital Tatuapé. Aí eu fui lá. Chego lá, primeiro que... De tomá um banho né? Precisa tirar aquele

tinta do corpo. Puseram eu em cima de uma mesa, tinha um buraco no meio, uma mesa assim:: é mais larga do que essa aqui assim. Me puseram aqui né? Vão me dá banho de água descida (*), tiraram minha roupa, com a mangueira um jogou de um lado, outro esfregando né? Cabeça, todo cabelo, tava com cabelo comprido, aí teve que... Cortaram a ponta do cabelo, esfregar, até que saiu tudo. E aqui já começou doê né? Porque esfriou né meu? Aí começou doê. Aí tomei uma injeção prá parar um pouco. Depois, um camarada, um enfermeiro lá, um fortão, um segurou aqui assim. Prá ele chegar no lugar ele segurou aqui, firme, e outro aqui (*), e fazendo assim devagarzinho né? É, porque, *“Oh! Seu Corinthians. É, não sei o quê. Você é corintiano?”*. Eu tô quieto né? *“Porque o Corinthians não sei o quê. Porque...”*. É, mas deram um puxão sabe? Ai rapaz! Isso aqui ahm... A isso aqui veio parar aqui. Daí, aí doeu mesmo sabe? Aí, cansado de segurar aquele negócio todo, já começou correr do lado...(ri).

Foi uma tristeza meu! Aí, tal, passou o enfaixado. Eu sei que eu fiquei lá duas semana no hospital (*). Aí fizeram curativo na cabeça. Foi, foi deste tamanho. Depois tiraram o troço do osso sabe? Pegavam uma... Dilatavam duas... Parece que tem... Fiquei meio, meio abobaiado (*). Depois, passou um tempo, fiquei lá, pois uma turma que... Os médicos, esse aqui, *“Você, você não sei porque...”*. Não sei se eles põe é bicho que tinha lá, não sei o quê que é, rahm... A mesma coisa que se eu tivesse preso! Ahm, lá no hospital. Me levaram uma fralda, *“Eu vou fazer na fralda?”* (*).

Pus, puseram deitado em cima de uma mesa. Com medo de fazer operação né? Não me lembro como, se fez assim (*), assim, ou sei lá aquele negócio. Aí pegaram uma injeção, doeu prá, prá aplicar a anestesia (*), *“Quase que levava você prá fora...”* (*), *“Isso tá certo?”*, *“Tá certo!”*. Prá mim tá tudo certo, é o médico que tá falando (*)? Tá certo (*). Me deram uma anestesia aqui no pescoço, falo, *“Se dé um pequeno choque você me avisa tá?”*, falei, *“Tá legal”*. Já havia deitado. Tá, tá, oh rapaz! Mas deu ó, uma fisdada aqui assim, foi um pequeno choque né? Aquilo foi a mesma coisa de tomar um choque de duzentos e vinte né? Ah! Oh!

Daí adorme, adormeceu né? Puseram eu num lugar de um espelho (*) esse cara. E veio a maquininha dessas de furar, furar né? Que essas brocas, bzzziiiii. Pus é... Puseram uma broca. Perfuraram aqui - bzzziiiii, tôôô... E o cara, prá eu não vê, sabê, pegou um pano prá eu não ver (ri). Colocou em cima do meu rosto - bzzziiiii. Furô! Pois minha mão prá lá, aí furou aqui também. Aí escutei uns tapas, prá, prá, prá, prá, dentro! Aí tinha um pino aqui, aí tinha..., e o outro aqui. Aí engessaram tudo sabe? Aí engessou aqui, engessou...(*).

Eu peguei um tempo, fiquei três meses assim. Três mês! Já lá fazer curativo, aquele negócio todo, um dia sim um dia não fazer curativo, tinha que fazer curativo. Foi como sempre né? (*) Fazê, tirá, trocar o gesso né? Porque sujava né? (*). É, foi, foi... Deveu de eu ir lá um tempão aqui é... Põe, pus aqui esse dente. Por causa do gesso o braço afinou né? Por causa do gesso afinou o braço e aquela ponta do ferro travessou o gesso né? Travessou (*), ficou aquele ponta aqui assim... Assim né? Que eu tava com o braço na tipóia e, e no pescoço, sei lá...(*).

E depois que eu saí do hospital, táva no São Caetano, eu vinha subindo, e deu um, numa, numa galeria perto da estação. Ía descer, ele saía assim prá lá, a porta de abrir entendeu? (*) Não sabe o que aconteceu comigo! Essa ponta do ferro enroscou na camisa dele né? É, mais olha que azar! Aí desfiou a camisa dele, ele só tava na loja, só tinha saído de lá prá ir tomar café né? (*) Passou assim por mim, aí falou, “*Olha rapaz!*”. Olha que o rapaz vinha me bater. Eu que fiz... Porta estreita...(*). Aí entrou um cara no meio, aquele negócio todo sabe? “*Que é que ele vem me ameaçar?*”. E prá rapaz. Aquela discussão. Aí ficou por aquilo mesmo. Eu pensei, bem né? Já pensou? (*).

Fui lá numa, numa oficina que faz pintor né? Falei, vou mandar cortar essa ponta de ferro porque assim não vai dar dor de cabeça (*). Aí fui lá, falei prô rapaz, conhecido meu, ele falou, vamo lá cortar (*). Botei o braço pro morsa né? E tá, pertô! É, prendeu e meteu a serra né? Tchá, tchá, tchá, tirou um pedaço assim. Ficou...(*). Mas rapaz! Cortou e deixou assim. Passou, passou aquele negócio todo.

E quando foi prá tirar né? Aqueles... Tem pedacinho do ferro né? (*). E passa a lima nele, tá certo né? Mas e do jeito que cortou, ficou aquela rebarba sabe? Aquela rebarbinha assim... Uhm! Foi quando foi prá tirar aquilo. Pá, pá...(*). Aí tirou né meu? Pegou um alicatizinho lá, tzzz... Tirou! E agora aqui né? Aqui cortou pro lado de cá, por causa daquela rebarba da ponta do ferro, passou a lima. Aí fui tirá, tirou, ficou aqui dentro (*). Aí, nem ía prá lá nem vinha prá cá, “*Oh! mas essa aí foi...*”. Nos corredor, os médicos lá, “*Mas qui conduz?*”. Enfermeiro, médico né? “*Qui conteceu? Por quê que não saí? Oh! mai nunca aconteceu isso né?*”. E eu também não ía falar que tinha mandado serrar né? (ri). Olha! Aí pegaram um alicate, aí vai prá lá um. Mas deram um puxão (*). Aí, é, já vem com tudo né meu? Aí, ah, daí rancou com tudo! Sangue é começou sair. Ah... Não lembrar de novo... Aí tomei injeção, parar de doer...

* * * * *

Obs: Tinoco nos conta o que os companheiros de cela lhe perguntaram por ter vindo participar de nossa entrevista:

“*Ah! Eu estive é...*”, “*Não...*”, “*Foi que esses dias, por causa de um projeto que foi fazer lá. Vou lá conversar com o rapaz, explicar assim como que... Tudo que perguntou, contá do meu passado e coisa... O que eu tava lembrando é...*”. O que deu prá mim lembrar eu falei né? Conversamo. Depois foi mais como é que é? Queria saber né? Qual era o motivo de ter vindo né? Aí expliquei, “*Não, um rapaz muito legal, a gente conversa com ele assim... Bacana, bom de conversa e...*” – “*Oh, então tá legal, mas vai chamar todo mundo?*” - “*Não! Tá escolhendo umas pessoas que tem acima de quarenta e cinco*”. Falou isso mesmo sabe?

Não vou... Tem gente que esperá né? Esperar... Daí vai chegar no tempo que a gente ir podê conversar. Então a gente quase não conversa né? Mas prá mim tudo igual sabe? Que a gente sabendo conversar, uma pessoa que pode... Que à vez um camarada acha que é, é ruim né? É ruim!

Prá mim não tem ninguém ruim, porque eu não sou ruim prá ninguém certo? Então todo mundo pode ser ruim, pode ser ruim um, uns ou outro, prá mim não! Porque é..., considero tudo igual. Tando aqui considero tudo mundo sabe?

Um outro tira pro..., *“Ah! Você? Não quero nem papo! Não quero conversa não!”*. Não sou assim. O cara vem conversar comigo, a gente conversa com todo mundo assim que vem. É, eu sou assim no, no... Não tem, prá mim não tem maldade. Não guardo nenhuma maldade com ninguém. Nunca fui de guardar maldade com ninguém. Nunca briguei assim. Às vez discutia já mais é em campo de futebol sabe? Nem bar, nem lugares assim comigo nunca teve isso. Esse negócio de guardar maldade. Não!

Então, se o cara perguntava prá mim: Como é que é? O que é? Fala contigo, mas não é... O assunto seria o que dá prá gente conversar, que dá prá se entender. *“Um rapaz muito legal”*, *“Ah bom! Se o bicho mandar eu vou”*. É assim né? A gente tem...

A maioria dos que tá preso aí é tudo mais jovem. São, são, acho que tem, se eu não me engano, se é um, um ou dois, acho que um, acredito que não venha não, que não veio né? É, que eu conheço, um chama Ari, inclusive foi trabalho com nós né? É, tem seu Ari. E tem acho é de, tem um ou dois só né? Então, converso muito com ele, se você também quiser falar com ele, ele podia vir aqui...

* * * * *

Olha! Enquanto a política eu sou capaz de até um... Eu não sou muito chegado sabe? Não sou muito chegado! Tem o dia de votar, eu à vez vou, vou pela, pela idéia de mais alguém né? *“Ah! Vamo lá! Te de vota lá!”*. Então o meu negócio é, assinou ali, não quero saber (S).

É isso aí. E quanto à política eu num sou muito...(S).

A gente não tem muito conhecimento não! Não tem não! O, o dia de ir, quando dá, votava ao governos...

Ah! Sim...(S). Ah! Não sei rapaz, eu também não tô prá isso...(*). Eu não tô me repe... Ahm...(*) (S).

Viver é muito pêso prá gente...(S).

* * * * *

Bom, que foi dito até hoje né? Pode dizer, muitos politicos né? Pô, quase todo político, prá mim, quase nenhum prá mim..., num influíu num..., melhor candidato (*).

Mais é o que eu digo, nu, nu tempo do Getúlio Vargas né? Ele foi um dos melhor. Muito! Prá dinheiro no meu ver foi dos melhores governo do Brasil até hoje teve. Até o Getúlio Vargas... Inclusive acho que foi ele que faz a, é, o salário mínimo né? Acho que foi ele que, que, que pois o salário mínimo. Daí é, prá muita gente adiantou um pouco. Tem gente da, de, de aquele tempo que só vive de, da lavoura, nunca a gente tinha nada. Então Getúlio Vargas, desde cedo que eu guardo, Getúlio é estrela da vida. É, no meu ver foi o, uns..., foi uns..., um governo bom pro

Brasil. Fizeram isso né? Né? Naquela outra metade... Naquele outro tempo né? Aí...

Mas eu acredito que... E outro... Eu num servindo num... Tem muitos outros atrás e outro... Agora esse também né? (*) Que modificou nosso dinheiro. Foi um passo até que eu acredito que já tentaram com seus direitos e do... (S).

E acho que é só né meu? Porque nu mais...

* * * * *

É:: naquele tempo eu acredito que parte da... Também é uma... (*). Bem poucos que mandavam né? Então, cê vê, o Getúlio Vargas comandou o Brasil acho que..., se não me engano uns quinze anos né? Ele teve no poder quinze anos. Ele foi até quando os outros fizeram aquele negócio com ele, que queria que ele saía, aquele negócio todo. Então até se matou, isso é que diz a história, se matou. Mas eu acho que era mais, era mais prá enrolar a gente. Para os pobres, inclusive na lavouras, era melhor de se viver do que ele ultimamente agora.

Naquele tempo era melhor do que agora. E agora o governo nahm... É, o governo, praticamente o político, quase todos, então só interesse prá eles, porque não se importa quase muito com os trabalhadores. Pode ver que ultimamente, o que pode..., o que tem né? Falta de emprego (*). Naquele tempo já era mais, é mais fácil de se viver (*).

Há muito tempo atrás era mais fácil se viver. Oh, ultimamente tá sendo mais difícil, mais difícil. E as coisas tudo mais cara do que antes, não se ganha o suficiente prá, prá, prá pagar o aluguel de casa (*). Se fosse viver com um salário mínimo então eu num... Pô! Num podia viver né meu? Com esse salário?

Praticamente tem muita gente que ganha esse salário. Então tem que fazer outra coisa. Pode anotar quem tira mesmo muita mulher de casa. Antes ela num trabalhava porque cuidava mais de casa. Ultimamente são as mulheres que tem que trabalhar porque senão não dá, não dá prá, prá viver, então tem que ajudar o marido. Antigamente não! Antigamente a mulher, oh, muita mulher já se casava prá não trabalhar mesmo né? *“Eu tô casada, agora não vou trabalhar mais”*. Então o hoje não! Hoje a mulher tem que trabalhar.

Muitas crianças os pai não tem uma verba prá botar na escola né? Um estudo. Então ele tem que fazer o que? Tem que trabalhar. É eu né? Eu nunca fiz algum estudo porque eu saía da escola eu ía ajudar o meu pai, eu ía trabalhar. Meu pai é construtor de obra. É, então eu saía da escola, eu ía em casa, almoçava, e ía levar almoço prá ele, aí eu ficava trabalhando com ele, ficava até as tantas, depois não queria... Quando às vez dava, *“Eu não vou trabalhar”*. Aí eu saía, a gente ía jogar bola, ía no rio, ía nadar e coisa. Mas sempre, sempre trabalhando né? Toda vida trabalhando. E quem... tinha alguns né? Um pouco dinheiro. Então os filhos estudavam. É quem tinham. Mas quem tinha ne, ne, quem ganhava pouco, ahm, a mulher e os filhos... A mulher também quase não trabalhava.

Mas hoje não! Hoje todo mundo trabalha né? Hoje né? Que o pai não tem aquilo, um dinheiro deixado enquanto alguém foi trabalhar.

Não dá prá estudar. Então o que tem é trabalhar prá ajudar na manutenção da casa.

Que antigamente era mais fácil! Era mais fácil! (*). Se alguém tinha dinheiro... E que nem hoje se torna mais difícil. Um camarada que ganha três salário mínimo ele num...(S). Vai também repetir que ele não vai ter como manter um...(S). Incrúscito outros né?

Antigamente não existia favela né? Todo mundo era legal, tinha sua casinha, de pobre mais tinha. Hoje não! Hoje a maioria mora em favela. É que, que não consegue pagar um aluguel de casa.

E assim era. E antigamente era mais difícil a gente vê tanta favela aqui. Hoje pode... Nem só em São Paulo, praticamente no Brasil todo.

Então, a política, quer dizer, prá mim não influi. O meu ponto de vista era mais isso. Nesse governo, que eu disse era mais fácil se viver, ele tinha amor. Agora, cada governo que é, vê se enriquece, não liga mais pros pobres né? Pobre que é pobre, pobre ninguém liga, ninguém liga prá ninguém. É, a vida é isso aí que se vê. Prá mim a política de antigamente era melhor.

É mais ou menos o que hoje...(S).

* * * * *

E vota em prefeito e tal. A gente em São Paulo falava com eles, com esses prefeitos, só que esses que prefeitos..., falando né? (*) É, depois o prefeito bom né? Da cidade, nasce em São Paulo, trabalharam, progrediram, se requece, enriqueceram também. Eles não vai fazer uma coisa só prá, prá, prá população sem também fazer nada prá ele né? E fazem mais prá ele do que prá população (S)(*).

Acredito que esse prefeito que agora é tal o Pitta né? (*) Ele entrou agora, talvez vai trabalhar bem. A Erundina também, é por isso que foi uma boa prefeita dentro da cidade de São Paulo. É, prá uns é bom, prá outros não (*).

Do Maluf né? Ele foi prefeito de São Paulo. Então Maluf também tem muitas coisas. E já ontem mesmo, tava aí vendo televisão, não sei quanto de dinheiro foi desviado, e que outro só quer saber agora o tal de dinheiro, e por quê que houve esse desvio, e que é por falta de verba. Em vez de fazer, gastar o tanto... Gostar o tanto e acrescenta muito mais né?

Mas o político prá mim é tudo... Eu num, num, num tenho ninguém que falô, "*Apóio prá lá e vou ajudar com a população carente*". Nu, nu, num..., prá mim, é, mais ninguém pode isso. Eu não confio praticamente em político. Político prá mim... Político, religião, não sou muito chegado (S)(*).

É, quanto a política eu num... Eu não entendo muito bem não...

* * * * *

Ah! De Juscelino eu já lembro o nome dele, construiu Brasília né? Isso! Chefe... Então isso não vai... Aconteça qualquer coisa do salário

mínimo do mês... Morreu no dia vinte e quatro de agosto (*). Acho que cinquenta e três ou cinquenta e quatro se não me engano... É, é isso que eu sei. Mas Juscelino é:: foi um bom governo. É, construiu Brasília. Depois, o carro naquele tempo era difícil. É, é isso só me lembro, só isso, foi assassinado!

Que, que nem Henrique né? Fez... Que fez novo dinheiro (*) (S). Enclusive eu acho que tá... Envía prá esse mundo né? Prá ser governante do jeito bom, prá ser um bom, parece um bom governo. É, eu acho que, que sim, sim né? Outra reeleição (*). É que Fleury vai, vai ganhar de novo né? Todo mundo... Governar os investimento do povo... É por isso que vai ganhar, vai contar fato ocorrido antigamente, todo mundo se lembrar, todo mundo onde chega a memória lá (*) (S).

É que eu não tô lembrado mais não e... (S). Não tô lembrado (*) (S). Não, não, não me chega a memória mais não... (*) (S).

* * * * *

Eu leio bastante aí vem o relógio... Eu tô até, tô deitado né? Aí eu comecei lê, depois eu, eu até dormi um pouco. Mas eu gosto de lê, eu leio reportagem (*). Mas agora eu não tô, não tô lembrado, tô esquecido. É ficar aqui dentro, tá fazendo isso, isso mesmo e... Eu também não sei muito em quanto a política (*), não tenho muito conhecimento (*), não tô lembrado mais não (*) (S).

* * * * *

Que teve bastante, uns bons outros não (S)(*). Praticamente prá uns é bons, prá outros não, principalmente a classe mais prejudicada, é o, é o trabalhador, é o pobre mesmo. Então todo mundo naquela confiança de melhorá né? Mas sempre vai indo... Já estorou no cinquenta e nove... Nada que me ajudasse né? Nem a mim nem a muitos. Talvez se eu... Eu também não tenho estudo, não tenho nada, só fiz o primário de, na, na escola o quarto ano (*). É, pouco sei, pouco estudei. O que eu sei mais é, é trabalhar mesmo. Me dá uma planta e um desenho em trabalhar em obra (*). Em quanto a muitos estudos, num, num sei.

Enquanto a governo não sei qual o bom porque prá mim nenhum..., prá mim nenhum fez aquilo que me adiantasse. Prá vida ganhei aquilo de um patrão que achava que eu merecia. É, pode ser assim que houve né? Eu num tenho, num tenho, não tenho a, não tenho ouvido falar desse meio, prá mim é todos iguais... (S)(*).

É todos iguais com... Um faz uma coisa, o outro chega também, “*Eu vou fazê mesmo*”. Num mandato que é igual, não tem um que dá prá falá assim, “*Bom, aquele foi o melhor de todos. Que aquele ajudou fulano, ajudou aquele, ajudou a pobreza. Ahm*” (*), um, num, num, num...”. Eu não me lembro de nenhum que ajudou bastante.

Enquanto o nosso Brasil praticamente é, é rico, é muito bonito, cê vê a, a mindigagem que tá né? Na rua! E ponha tanto gente preso que falta de emprego, falta muita coisa. E eu acho que cabia, cabe, caberia a um governo que pusesse empregos, esses meninos de rua acabassem aí, tornaria

um, um Brasil mais, mais evoluído desse jeito qui, qui, que está né? Acho que nenhum governo até agora num, num tomou iniciativa de acabar com isso, que pode destruí...(*).

Então o governo que tem que faça alguma coisa, arrumá um emprego prá esse pessoal. Prá que tanta gente preso né? Que leva em Mato Grosso que há terra que eles... negócio bastante. Por quê não põe esse pessoal prá trabalhar? E tinha que ter um governo que... Penso que fazê aquilo que prá ele seja mais lucrativo (*). Precisa é aquilo mesmo que é no outro governo que um num, que passa pela memória do governo outro governo que, que, que fosse bom (*). Tem nem bom nem ruim né? Sempre, sempre da, da (*), daquela, nem bom nem ruim. Prá um é ruim como der. Eu, prá mim nenhum (*), nenhum é bom (*), agora, prá muitos, às vezes foi bom, prá outros não, é assim né? (*) (S).

Eu tô... É isso que são...(*) (S). Eu não sei, não sei, não sei te contar mais viu rapaz! (*) .Eu não tô lembrado mais...(*) (S).

* * * * *

Ah! Sim...(*). Oh, prá mim, um preso... Prá nós... Prum homem tá preso. Exatamente é porque merece. Se ninguém vai preso à tôa né? Sem merecer! Então o meu caso é o mesmo. Mais, que tem muita gente que tá preso...(*) .

Então aqueles merecem. Agora, tem a, os sofridos. Que tem gente que tá preso (*), muita gente aí que tão mais tempo, que já era prá ter saído né? Ainda tá aí... Puxar outra rebelião... Então esse excesso de preso que tem, que vê aqui, o certo, tem pouca gente. Mas tem (*) lugares né? Que cabe trinta pessoas então tem oitenta a mais. Daquele ali me onde, onde eu fico né? (*) Ali é oito camas né? Quatro de um lado, quatro do outro. Há uns que é... Dois lado assim, quatro camas, são oito (*). Então nós somos em oito né? Mais tem lugar lá mesmo, tem lugar que tem doze, treze. É doze? É oito no chão e o restante no estrado da, da, das cama né? E o restante no chão. Bom, é daqui qui confina a gente (*). Agora, vai no quarto, quarto dos detentos, tem muita gente vindo de lá prá cá. Então eles sai e dormem aqui. Tanto que diz que é o céu né? Falaram tudo prá vim né? (*) .Ele tá preso, tá pagando pelo qui fez né?

Certo! Ele paga aqui né? E é... Eu principalmente, eu tô pagando, eu não tenho visita, não tenho porque não quero que meu irmão... Inclusive meu filho mora com ele né? Esse tempo (*) e a mais tempo (*) pelo fato que aconteceu comigo. Então vem, vem gente vindo ver aqui porque eu quis, eu tenho que... pagar por aquilo que eu fiz (*). Acredito que tô pagando. Se Deus quiser até o fim do ano ou começo do ano eu vou embora. Meu caso é um caso há dez anos atrás né? Então agora eu tô há dez anos eu... que ocorreu esse negócio comigo.

Então se sabe, é::, o preso que tá lá porque tá pagando aqui, cumprindo. Agora, tem o preso que já pagou (*) né? Já pagou e, e continua, continua preso. Então por isso que há muita gente dentro e...(*) (S).

Agora tem muitos presos também que acha melhor (*), quer ficar preso dependendo do lugar do que na rua, que foi um rapaz aí um né?

Não é, não é o... um que conheço bastante, inclusive eu lhe dava (*) comida a ele, uma fome... Sabe, quando dá prá gente...

O cara sai daqui, vai prá rua (*) e comete aquele mesmo delito, o mesmo que cometeu prá, prá vim prá, prá cadeia? (*) Quer ficá na cadeia. Comê, bebê, dormi não é? Não gasta nada (*). A roupa é... quase não gasta. Uns que tem família, chega dia de visita, vem trazer as coisas né? A vem trazer as coisas, então traz pacote de bolacha, traz roupa, traz uma coberta, traz um colchão que é..., antigamente dava, não dá mais (*), porque a turma começou a botar fogo. Então o quê que eles fazem? Eles trocam todo mundo de... Então o camarada que sai prá rua, ele não tem o serviço, não vai arrumá numa firma de muita gente nova né? Numa firma (*), quando a gente vai numa firma agora, ele diz que ía arrumá. Um, um ex-presidiário prá arrumá serviço numa firma é muito difícil (*). Então o que ele vai fazer? Ele vai voltá prô crime. Volta no crime mesmo (S)(*). Ou dá certo ou num dá agora né?

Muito, muito não, o negócio está aqui. Então eles saem, já sai pensando né? De roubar alguma coisa. Roubar porque que eu não me dou bem. Primeiro volta prá cá, às vez encontra o mesmo amigo aqui dentro, então tá, tá, tá bem, e ahhh!

Não deu certo? Então ele acha melhor aqui que já muito tempo ele já conviveu aqui. Ainda mais que mais que eu moro numa vila né? Tô saindo daquela vila, até de pegar conhecimento noutra lugar (*) onde ele se dá... Ele torna a esse vício. Às vezes até ele vai lá, ele mora ali, mas vai visitar onde ele morava. Então, mesmo lugar que sai daqui, sai daqui vai prá rua, na rua não se dá bem, os amigos já não gosta, pouca amizade, depois, é aqui mesmo que eu mando já, então ele faz qualquer trapalhada só prá voltar né? Então tem muita gente mesmo que fica preso ali...

Existe muitos assim! Ohh...! Tem muitos aí é primeira vez, tá dois, três vez, tem gente aí de dez veze né? Sai prá rua mais fica sem a rua. Muitos sai cinco, seis vezes da... Quando vai ver..., *"Tá louco? Tá de volta de novo?"*. Pegou o preso que..., *"Ah! Tá preso e tal"*, o cara, *"Ah tá, então num dá"*. Quando você vê de novo tá aqui de novo. Então assim depois acostuma a vida aqui...(*). Parece que já vem marcado. Porque eu já expulsei, e ele, *"Eu gosto daqui, vou ficar aqui, vou ficar um tempo aqui né?"*. E quando sai prá rua. Prá ele né? Ficá um tempo na rua. Depois volta prá cá de novo. Mesmo ele preso queriam barrar ele lá e soltá, *"É ele né?"*. Eles faz de tudo prá ele não ir preso né? E eles parece queria soltá ele lá na, em outro lugar. Mas ele não acha comida, num sabe fazê nada.

Então aqui não, você trabalhar você come, cê fuma (*) crack, queima droga aí dentro (*), a família vem visitar, trabalha ali na fábrica de trás, traz coisa, coisa, e deixa dinheiro, e cai de noite um pacote de droga, ou dois pacote, toda quinta feira traz (*), traz hoje, quando é amanhã a cama tá aqui, cigarro prá mim. Que eu não tenho visita, não tenho nada, o cê, *"Cê tem um cigarro?"*, *"Tenho, tá aí"*, *"Oh, so, sua mãe veio aí e trouxe cigarro pra você?"*, *"Oh rapaz mas pa..."*.

Agora, prá muitos aqui é bom. Bom que não passa fome, num...(*), não levanta cedo, não é perseguido pela polícia né? Porque já tá aí! (ri). Então (fala rindo), então é bom aqui. Mas prá muito não! Prá muito

não vê a hora de sair, tem família... Prá mim não é bom né? Agora, prá muitos é bom né? É bom isso que eu quisesse assim que...

Prá uns é bom porque já tem uns amigos né? Que eram da rua mesmo então tão amigos entendeu? Com eles foi questão... Um monte de gente tem bastante amigo, fizeram aquele ambiente, é que num acha outro. Eu inclusive já..., o negócio é... Bom, aqui é bom prá eles né? É melhor que permanecer onde tá. A tem uns, não tem família, ou então já é menino da rua mesmo, é criado daqui de dentro, não tem família não tem nada, chega à noite não tem onde ficar. E aqui não, o cara ficar aqui, aqui prá muitos é mesmo que fosse um, um colégio. Fica aqui, levanta cedo, manda levantá cedo, praticamente nove e meia, dez horas por aí, tomo o café né? Café com leite, passa uma, uma margarina, dois pãezinhos logo cedo, depois vem o almoço que chega cedo, meio dia por aí, "*Upa, vem comida prá todo mundo*", então come. Não tem o que fazer, só a roupinha prá lavar, "*Vou lá lavar roupa*". Pois lá, lá é pouca roupa mesmo. Não tem o que fazer. Agora mesmo estão jogando bola, joga bola até as tantas, aí, tomô um banho vai dormir, "*Vou dormir*". Ou então liga televisão prá ver televisão no programa, ou jogando baralho. Mais entardar o sono vem, vai, dorme, noutro dia levantar cedo.

Oh, o cara que sai daqui e vai prá rua (*). Na rua o cabra não tem o estudo, tem muita gente que não sabe ler, não sabe escrever, não sabe nada, aonde ele vai arrumá o... Tem que na rua trabalhar de serviço de pedreiro. Não vai porque é um serviço, ah, ele acha que é pesado e não ganha nada. Não ganha, de fato não ganha. Então ele no roubar ele ganha mais, lógico, ele ganha muito mais. Aí, tá que ele ganha mais e ajunta-se com mais algum, alguns né? Que também é da mesma laia como se diz. Então num...

Então vai indo aí, vai roubar um, um carro lá, um pai de família vivendo certo, às vezes um mísero ordenado. Vai roubar e depois vai preso. Depois quer poder também andá ali no mesmo tipo né? O camarada anda né? Com a blusa bonita, um sapato bonito, ou então... Então é... Ele tem que andar igual. Agora, se ele não tem dinheiro prá comprar como é que faz? Não tem serviço, não tem nada, então é obrigado a roubar, roubar por isso aí. Então, por isso que, que num, num dá certo. E a polícia vai e traz prá cá, prá cá e aqui fica. Aí a família, se tem família né? Aí traz uma roupa, traz um negócio, traz outra. Então é... fica assim.

Quando sai prá rua num tem... O crime na rua não é igual. Não acostuma não muitos né? Não todos. Muitos não acostuma não. Tem muitos presos que demora mais na cadeia do que na rua. Passa mais da metade da vida preso do que na rua. Arrumam confusão aquele negócio todo sabe? Procurando prá vim prá voltar prá cá. Que eles não vai chegar aqui e falar que quer ficar preso. Então ele arruma na rua prá polícia pegar prá trazer. O crime pode ter sido ali na frente ou..., "*Merda, porra, acho nada prá gente não é?*". Aí então que fica doente. E quando a doença dá ele vai pro médico né? Fô o caso, leva pro médico, dá dorzinha, também tomar um injeção e tudo sarar. E é sempre assim. Então o camarada acha que aqui preso é melhor é permanecer dentro, "*Opa, morou na rua quantos dias? Uma semana?*", "*Vou ter que trabalhar?*". Aqui come, bebe e dorme (*). Eu durmo...

Pode vê que camarada sai daqui, em vez de... Se ficar quase no meio da rua, é, faz questão de voltar. Ele pro, pro... Eles não tem uma, um pensamento, tem uma mentalidade é assim (*) (S).

Seria igual a mentalidade como era né? *“Um dia eu tava é... O que foi? Dois dias? Ah, não vou ficar lá não...”*. Eles não faz assim! Então eles vem aqui prá ajudar né? Fica lá, às vezes tá, tá falando, *“Eu vou voltar de, de, bem”*. Então conseguiu ficar aqui né? *“Que eu ficando aqui, eu tô fazendo aquilo que eu sei né? Que eu faço na rua né?”*.

Eu sou pintor de obras, eu sou pintor de prédio. Eu tando aqui, eu tô, eu tô, tô trabalhando, tô pintando, tô fazendo umas tintas, tô falando pros camaradas que é assim, que eu sei e tal. Tem mais de quarenta anos de profissão. Então eu sei como é que é a tinta. Então prá mim eu acharia melhor tá trabalhando. Então chego prá lá né? Porque o outro falou de tá pintando cadeia prá preso né? Fica marcado.

Agora, se eu sou como muitos né?... Apartamento que é bom... Se eu sou um prá estragar então sou chegado nele. Mas se vi ele, dô mole nele aqui, daí não sou, eu sou mal visto entendeu? Então eu não vou mais lá porque aqui eu sou único né? Lá dentro são um punhado né meu? Aí vai contra mim. Aí é..., *“Cê tá... Nós vamos e quebra. Cê vai prá arrumá?”*.

Aqui não... Ninguém me defende não! Aqui, aqui não! Aqui não tem nada, mas lá dentro, se acontecer lá o cara pegar o outro vai batê! Ele bate em mim, eu não tô sabendo de nada, então eu apanho que eles dá a surra, apanha dos presos mesmo. Por quê? Porque eu vim aqui prá vê um serviço, vim prá pintar, fazer um serviço de pintura, vim prá pintar, o outro veio prá quebrar. Então só veio prá consertar isso aqui o cara fala que eu estou puxando saco da polícia. Então, *“Quem é você? Quem pediu?”*, *“Já que é fácil trabalhar prá arrumá...”*. Rapaz até eu sou mal visto, e eu quero ser bem...

Muitos amigos meu que tá..., *“É bom mesmo que vai lá, assim cê vai ficar bom é já!”*. É, de segunda feira tudo bem, de segunda de manhã. Eu também não vim nem segunda nem coisa nenhuma vim ajudar aí. Quando é da idade a gente faz um risco aí...(S).

É, e a gente tava pintando dos dois lados, faz a parte é... E sábado não tinha nada. Resolvemos né? Ficaram a noite inteira... Aí falta água prá fazê tinta, creme, fazê creme, esse tinta lá. É um negocinho que lá dentro, prá limpar ali em...(S).

É, o cara que tá aqui não vale muito. Aqui tá..., é..., assim... Então eu fiz o que eles querem aqui, e aí não escreve, ele fala pro pessoal, *“Você vai lá? Vai lá? Você vai lá prá arrumá é? Toma cuidado heim! Pá, pá...”*. Então eu fico no meu lugar.

Também a gente só leva curriado. Se um pega te empurrar aí vem o outro (*) batê, e aí é o fim, no outro dia você tá arreventado, tudo quebrado sabe? Então cê não pode falar quem foi. É, e se morrer também não tem... Tem perigoso que com muita gente não pode mais prender né? Nem dá, fica tudo com cara mole que tem aí. Cada desastre pesado não é mesmo? E ninguém vai falar quem foi prá baixo. Caiu! Aí não pode incriminar ninguém. E é, e é assim uma...

Então é::... Oh rapaz, eu não vou trabalhar (*), não vou trabalhar mais lá não, é melhor prá mim (*) (S).

Seu Celso já me conhece da rua sabe? Seu Celso tinha um bar lá em Mauá. Eu frequentava o bar dele (*). E aí dentro hoje conversa comigo aqui. É de nós ter lembrado um quarto de lá prá mim, andar, tomar bebida. Daqui eu conversei com ele lá. Não minto que ele é meu amigo, que eu conheço um... De jeito nenhum. Diz que não pode fazer nada por mim. Apenas conversamos, só isso só...(S).

Que, que quando eu vim ele falou, “*Mas assim é...*”, “*Quando quem ache que a gente não serve é assim mesmo. Não é lugar de, de ficar não*”, “*É prá ninguém não né?*”. Mas prá uns é... Porque se não fosse o camarada não ía prá, prá rua, e depois voltar fazendo tudo prá ficá (*)(S).

Aqui, cada semana eu vejo, eu fico aqui, parece que tá passando um ano. Parece que nunca chega. Aquele desespero um dia prá ir embora, é, “*Tal dia a gente vai embora né?*”, “*Tal dia você vai embora*” (*). Então a gente fica pensando, “*Opa! Parece que esse dia nunca chega...*”. Sabe como é, e parece que não chega mesmo sabe? Parece mesmo quando tu começa a trabalhar numa firma, que é o dia de pagamento, nunca chega né? (ri). Tanto demora a mesma coisa daqui, é assim...(S).

É rapaz, não é brincadeira...(S)

* * * * *

É né? Pro câ vê...(*). Tem cadeia que tem um quarto, lugar que cabe trinta tem cem. A noite tem que reservar. Uns jogam tantas horas, acorda, o outro acorda, vai e deita entende? Em São Caetano, São Caetano era um... Era do tamanho desse, desse xadrez que tem... Pequeno. Dá nada mais ou menos. O que vem bem atrás. Pessoas quer virar... Fiquei lá dois meses depois eu vim prá cá. Lá era seis camas só. A o lugar é pequeno só tinha seis... Nós tava em dezoito. Oh! Seis cabe na cama né? Agora, a gente dorme no chão, todo mundo. O lugar é pequeno. Tem que sentir o negócio aqui. Uns cabe aqui neste canto. Faz dormitório lá né? Câ tem que sair pulando por cima dos outro né? Prá vim, já a luz apagada, o cara já pisa em cima do camarada, o camarada já acorda já sai logo confusão. Eh rapaz! A maior... Agora, já tentou num lugar onde tem cem? Num cubinho pequeno aí? Sai confusão danada...(*)(S).

Tem muito, muito, a muita rebelião por causa disso também, e não é numa cadeia só né? Praticamente no Brasil todo tá assim. Por causa por quê? Porque eles não tem um emprego, num tem onde tomar. Já sai, vai prá rua, não tem o que fazer, então ele acha que de... Ele faz um assalto. Ele ganhou? “*Opa, tô legal!*”. Se vier vim né? Tá certo, é ruim prá quem foi roubado, mas, e se ele parar? Depois ele num arruma dinheiro.

Suponha ele fosse pobre. Pronto! Mingou pro outro tipo de negócio. Pro cara, se o cara fizer outro tipo de negócio, e aí ainda podia ver. Mas eles faz uns, faz amanhã, faz depois, quando pensar que não saiu do emprego. Sem emprego, falou que não ía, que não gosta desse dinheiro, falou, mas acaba sendo preso, e fica tudo bem mais caro prá, prá trabalhar. Então ele já pega aquele dinheiro dele e vai ter que pagar advogado. Vai, vem sua família, se é que tem uma família, e faz um corre corre. É, e o advogado ganha o dinheiro e o camarada continua preso. É quando sai daqui já sai sem nada mesmo. Então ele volta nu, nu crime mesmo.

Pega um homem, o infeliz saíu daqui ele não arruma serviço numa firma que é foi viciado. Vai lá puxar o fichário dele é presidiário então o cara já é suspeito (*) não tem aqui um...(*) (S).

É difícil arrumá um serviço (*). Então não vale a pena. Prá onde correr? Ou vai vender droga ou vai roubar de novo. Aí volta pra cá, prá cadeia, e aí num tem aposentadoria, não fica repouso, não tem nada. Uns faz um pé de meia, outros não (*), uns gastam tudo em droga mesmo.

Então, nu, nunca passa disso! É um presidiário que sai, volta na rua, ele não tem um ambiente, todo mundo conhece ele por mal, por ladrão, só como um matador. Então é o...

Se aqui na cadeia ele não convive que nem nós... Fica na cadeia às vezes na cadeia ele também já arruma confusão. Então eu digo, nem na rua nem na cadeia. Na cadeia ele é maltratado. É porque nã, não tem costume na cadeia é muito, eu pago com os outros. Dói! Como aqui pago, como aqui na cadeia porque não tá, não tá fazendo, não tá aprendendo.

Tinha um camarada, eu tô aqui, se eu bater um camarada aqui ou um cara me bater ele não tá sabendo que eu vou... Um dia eu vou prá rua e ele vai prá rua. Depois se encontra na rua. O camarada que me bateu eu não vou esquecê. Ou se eu bati no camarada também né? Ele também não vai esquecê. O ou um dia a gente se encontra. Pode ser no... O mundo é, é pequeno e é giratório, então se encontra! Então não fica bem nem prá um nem pro outro... (*).

Ahm, mas tem muita gente que num pensa... É que nada... Não dou muito pano. Porque pega de pau, põe na mão, joga prá trás, chuta, e aquele negócio todo. O cara um dia nós encontra e vai se encontrá. Quando sair ele na rua aí se encontra (*). Daí fica mais ruim. Só que o cara não pensa assim. O cara pensa que tá aqui dentro, ele quer matar. E é aquilo... O Antônio, o Antônio começou faz de, de apanha o...

É Teotônio né? É mesmo que eu não sabe de Teotônio, é nós chama de Tonhão. Ele falou que, que... E é do cara né? De, de ficar lá dentro e, *“É comigo mesmo porque eu sou um baiano barrado. Aqui dentro eu sou um baiano barrado (*)*. Procure eu aí...”. Então eu tô assim até de novo lá né? Eu vou embora. Às vezes é... Volta todo mundo aqui e foi... pá e tal. O cara prá mim então ele pensa que ele que manda lá. O cara se irrita.

Eu hoje tem que comê, tem que comê aqui. É que é o jeito dele né? Do rapaz que faz tudo isso. Que um dia se sai daqui, se vai prá rua, o camarada vai prá rua vocês se encontra, isso nu, nu, nu, num dá certo aí. O hoje tá maneiro sabe? É dia de brincar com os outros sabe? *“O rapaz, vê se para com isso, um dia você pode bater...”*. Um dia ele bateu no camarada lá, *“Ocê para com isso rapaz”*. Ele deu uma de... Cê conhece, cê faz isso com ele, dá o que dé, *“Oh rapaz! Não faz isso! Eu conheço ele. Ele parece que é assim... Cê não conhece da rua, eu conheço. Tem dia ele pega, cê nem sabe quem foi. Se ele faz qualquer coisa sempre, tanto faz ele vim prá cadeia como não vim, porque ele não tem o quê perder, agora, você tem família, tem tudo, para um pai não fica bem...”*, aí fala, *“Opa! Ói a... Então mais, mais maneiro né? Opa, é isso mesmo que tem...”*, e é, e é isso, *“Então maneiro”*. Mas tem muitos que não pensam é assim mas é mesmo um cara legal como os bom. Mas tem dia que tem... qui vieram me encher o

saco mas é um cara legal (S). Está vindo assim... Pelo jeito de pensar não serve prá ninguém (*). Aqui dentro também. Aqui não é lugar prá ninguém, mas prá muitos ele acha que é bom (S)(*).

Aqui às vez compra a coisa fiado contando com a visita né? Muita gente conta com a visita, “Ah! Quinta feira? Olha, minha visita vai vim! Meu pai, minha mãe, meu irmão”. Não sei, qualquer um, “Vai me trazer tanto, vai me trazer aquilo, trazer aquilo”, falei, “Cê trouxe o pacote de cigarro e então compra...”. Comprar droga com outro contando com a visita? Chega no dia, a visita não vem, o cara, o cara não vive igual os outros, “Eu peguei, agora tá com você, então se vira, eu dou tantas hora prá você me arrumar isso”. E ele vai arrumá onde? Não sei! Aí o cara já tá aquele demônio e ainda pensa mais um pouco né? Ah, e começa aquela briga danada. Briga não! O cara, já entra dois, três, já bate nele. Acontece isso por causa de droga, e assim é aqui...(S).

Éh rapaz! (*) Isso aqui...(S).

* * * * *

Então, eu que nunca tinha visto preso, e foi acontecer minha vida (*,) ficar preso. Bom, cê vai ficar preso em... Prendeu cabou! É (*), mais não sei se antigamente era, como é que era né? Ou então se desse prá, “Ah, vamo jogar bola né?”. Antigamente não tinha televisão, não tinha nada, é, praticamente nem rádio né? Ah! Hoje tem televisão, traz uma televisão a cores, quem não pode comprar a cores igual a branco e preto pode usar. Hora dessa tá, tá assistindo alguma coisa, um friozinho, aquele resto da noite, aqueles bom né? Que nem hoje, jogo do Brasil fica ligada. Não tem só televisão, rádio.

Antigamente não! Antigamente tu é... De corpo em corpo em São Caetano. Que nem eu fiquei (*). Daí, só saía prá, prá ir no sol um pouquinho (*) assim que eu via sol. A hora que eu tô acabando não tinha mais sol, já deram pro outros. Saía depois das cinco, cinco horas, das cinco horas a seis e meia né? Aí soltava no pátio pequenininho, ficava li ali. Mas também não é prá, prá, pá... É só prá andar um pouco né? Senão você fica... Dezoito... Então fica sentado dentro de... Com dezoito o dia inteiro, sentado (S).

E quando saía muitos ía até prá lavar roupa ou ía lá prá enxugar todo dia. Não é todo dia que saía ainda não, sábado e domingo não saía. Aqui é direto, aqui é aberto. Lá não! É destrancado, é direto, tem a senha. Às vezes aqui eles ficam mais presos aqui que nem lá porque tem os cadeados, precisa da senha, lá é eletrónico (*) né? Parece que não tem barraco né? Fica tudo aberto então o cara te bate. Quem vai jogar bola vai jogar bola, quem não vai vai lavar roupa (*), é fica vendo televisão, batendo papo, jogando baralho (*), aquele negócio.

Sai dali dentro do xadrez vai lá prá baixo, vai no xadrez do outro, vai tomar café lá, ou vem prá cá. Aquele negócio todo (*). É assim. Era, aqui era fechado, como agora não é mais nem está com grade no meio das cadeias né? (*).

Mais prá baixo lá tem uns camarada que é adventista na cadeia (*). Prá ficar te usando aqui... Então eles foi prá lá, prá o..., prá o..., prá... Quis ficar com Deus (*) então foi prá lá.

Eu principalmente, estou lá na ala C né? Tô seguro né? Com seguro é os mais perseguido dentro da cadeia. Mais esse tipo de, de coisa que acontece. Então ele já tá com o seguro né? (*) Que é tudo gente... Dá prá ver que arruma confusão deu querendo matar e aquele negócio todo. Houve então é o seguinte... E lá gente pensa que é seguro mas não é. O camarada fica mesmo revoltado prá diabo (*). O negócio dele... Ah, o cara às vezes tá procurando, panhava tanto, e a turma pegava mesmo né? Aquele turminho... Quando era mais pouca gente... Agora tem bastante, agora tem cento e pouco aí dentro (*), acho cento e quarenta por aí. O cara já aproveita e ainda vai...(*) e acerta divisão com outro, já leva embora e é maior confusão. Agora que nós tá ficando lá dentro. Agora faz o que... Mas no começo aqui é...(*). É o mais ruim (S)(*).

Então em São Caetano era assim rapaz, só saía de sábado. Não! Sábado e domingo não! Direto preso. Já pensou dezoito camarada preso? Sábado, domingo, dia e noite (*)? E um dia, dois dias que ficavam mais? Que se saía duas vezes por semana, saía prá, prá ir no pátio um pouquinho, aquele negócio a gente lavar roupa que tinha (*).

Uma parte da cadeia às vez tinha treze, quatorze cada um, cada um, cada um vinte...(*). Mas eles saíam na hora do almoço, saía de tarde né? Jogar bola. Acordava.

Eu não sei porque eu, eu fui pro seguro sabe? Quando cheguei em São Caetano, sô bastante conhecido, eu achei bastante conhecido. Um cara que tava, que tava preso, “*Oh Tito! Cê vem aqui ficá com a gente no sítio? Opa! Não! Vem cá, vem prá cá...*” (*). Rapaz, eu cheguei lá, os cara me deram sabonete, me deram um chão, essa calça que levou a mulher de Irineu. Tinha mulher presa lá também. E já conhecia os caras da rua. Ele que tá preso, participava droga, esse negócio. Tá preso mas era conhecido. Aí o cara chegou, “*Não! Cê vai, cê não vai lá, cê fica aqui*”. Eles com medo né? De alguém fazer alguma coisa comigo, “*Não, cê fica aqui tá bom?*”. Prá mim isso tá, prá mim é tudo igual (*).

Lá a gente tinha um, um dito cujo segundo eu não sabia, foi com o tempo da rebelião, “*Cê tem que esperar muito..., e não sei o que...*”, que foi prá mim...

Rapaz, não sei o que é cadeia. Não sei nada! Não sei lá se é ruim ou se é bom. Eu vim prá cá, vou aqui e é assim né? Cadeia nenhuma presta, mas aqui (ri), em vista de lá, aqui é um, um paraíso né? Aqui é o paraíso. Tem um quarto de preso. O cara que vem de lá, chega aqui, parece que tá... Ele tá aí certo? Ele tá a vontade, e lá é preso direto. O cara fala, “*Oh, isso aqui é oh...*”.

Tem muita gente que sai daqui vai prá lá prá pagar muitas coisa. Eu tava aqui nesse punhado de gente. Na época que tava fechado aqui, a aqui tava bem, é, fui lá pro quarto todo de arame (*). Aí levaram lá pro quarto, aí tava sofrendo, muito drogado né? Querendo fugir, “*Quer fugir?*”. Ah, não tem nem que fugir certo? Vai no cara ali e apanha (*). Então é assim (*). O negócio é...(S). É ficar aqui até o dia de ir embora e pedir a Deus prá não voltar mais...(S). E viver bem na rua. Isso! (S).

É! É e as coisas não vão...(S)(*). Né?(S).

Sr. Vilmar

Dados Básicos do Entrevistado:

Vilmar, nasceu na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, aos 10 de Novembro de 1950 (na época da entrevista contava com 48 anos). Filho de Antonio (falecido) e Neusa, desconhece a idade dos pais, mas recorda-se de que o pai morreu quando ele tinha 14 anos e que a mãe era doméstica, e que ambos eram alfabetizados. Vilmar tem como profissão o trabalho de auxiliar de eletrotécnico, é casado e cursou o ginásio completo. Sua esposa chama-se Nice, 32 anos, doméstica, alfabetizada. Vilmar tem duas irmãs e um irmão, são eles: Tânia, com 52 anos, Roberto, com 50 anos e Gina com 49 anos. Dos avós paternos Vilmar lembra-se apenas do nome do avô, Heron, desconhece a idade que ele tinha e não recorda nada sobre a avó. Dos avós maternos Vilmar lembra-se apenas do nome do avô e da avó, são eles, Marco e Liliana que ele conheceu apenas quando criança pois morreram durante sua infância. Vilmar tem três filhos: Felipe com nove anos, Michele com sete anos, ambos com sua atual companheira, e um rapaz com dezesseis anos com sua companheira anterior. Ambos os filhos menores estão estudando, o menino está no primeiro ano primário, a menina está na escola infantil, e o rapaz ele desconhece o que esteja fazendo, pois, a seis anos, desde que o rapaz foi morar com a mãe no interior Vilmar não teve mais notícias do filho.

Obs: Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, foi explicado ao entrevistado sobre o que a entrevista versaria e, tão logo isso foi explicado, o entrevistado pôs-se a falar. Portanto, o conteúdo que vêm logo após esta nossa observação e que antecede a entrevista propriamente dita, diz respeito a esse início de fala espontânea do entrevistado.

“...Tem permissão do/da vida da gente mas eu acho que não é direto isso não, porque o ambiente, o próprio ambiente que a gente faz, não dá prá... É ambiente carregado ambiente da cadeia né? De um... de uma cadeia. Hoje tá bom, daqui a pouco, daqui cinco minutos não tá bom. E bom nunca teve, nunca teve...(*)

Infelizmente a gente não dá nem como pensar, refletir uma coisa assim. Não dá pra você pensar, parar meia hora, ficar pensando uma coisa boa. Não dá! Não tem como. Só se quando tiver uma cabeça boa né? (S).

Pesar que veio umas idéias da gente. Minha. Tem a hora que a gente pára assim pra descansar assim. Vem hoje coisa de até da infância da gente, qualquer coisa do passado, coisa que a gente nem, não tem nem como alcançar nunca mais do que já passou (*), coisa que sei lá num... O próprio ambiente num, num deixa pensar. Cê não acha que uma pessoa...

Quando a gente ser preso a gente não tem nada. Não sei o porque. Sei lá! Cada um faz a sua opiniões mesmo mas eu acho que... Eu pelo menos, eu tô sendo sincero, e não é a primeira vez que eu tô indo preso, é diversas vezes, eu sô teimoso, o burro que sou mesmo, o burro. Mas sei lá, se é minha cruz que eu tenho que carregar, se eu (*) não tenho um... Não precisava disso! Não preciso. Tenho boa família (*) mais não sei o que acontece (S).

Num lado né? Num lado, dum lado ruim, do outro lado bom. Porque eu tô com quarenta e sete ano, nunca tomei injeção, nunca tive uma doença, nenhuma! Nunca tive! E olha que eu sofri pra caramba. Sofri! E sofrendo faz desde criança, desde criança eu tô jogado na rua, jogado assim né?

Eu tenho família e tudo, mais a época que eu tinha meu pai vivo já num era uma... Meu pai já me... Começou a minha vida já começou ser destruída a partir da, da..., (*) de quando eu vim me conhecer gente - com meu pai. Meu pai era cachaceiro, bêbado, batia na minha mãe, batia na família. Sei lá eu, fiquei com esse trauma, sei lá o quê que é né?

Em parte também a gente tá cumprindo porque... Apesar que meu primo, meu primo é... O negócio não era pegar carro (*), só ficar passeando no carro, maltratei ninguém, judiei de ninguém, machuquei ninguém. Nunca! (*). Não gosto disso também, não sou dessa, dessa política de, de ofendê, machucá ninguém, nunca usei uma arma (*).

Tem negócio comigo que eu sou revoltado sabe? Sei lá que...(S).

Tenho duas irmã, tenho irmão, sempre me deram atenção pra mim, agora, essa última vez assim, ninguém tá dando atenção. Também num, num recorro a eles a nada. Não recorro a nada! Eu fico aí, fico espremido aí, carregando a minha cruz conforme eu posso, do jeito que eu posso carregar ela eu carrego (S).

Depois ainda vem pra cá, pra esse lugar aqui. Que eu tava em Ribeirão Pires, depois eu vim pra cá, foi pior ainda. Só acredito que...

De quando eu tô aqui, tô um ano, essa é a primeira vez que eu tô saindo aqui fora. Não sei nem como é que era aqui. Não sei nem como é que era sair aqui fora e vê. Primeira vez que eu tô saindo aqui pra fora. Então...(*)(S).

Sei lá, eu acho que nunca é tarde pra se arrepender né? E tô arrependido de um montão de coisa, eu tô arrependido até de ter nascido(*)(S).

E agora eu achei que na advogada eu... Que eu pedi pra essa, pra doutora, pra me dar uma força, porque eu não tinha ninguém sabe? Nem ninguém!

Tenho e não tenho. Tenho uma família mas não posso contá com minha família. Já contei muito, já me ajudaram muito, e ajudam ainda, mas é que agora, nas condições que eles mesmo se encontra, eu me encontro melhor, melhor do que eles. Apesar de eu tá preso, eu tô preso mas não tenho problema nenhum. Esse pessoal tá solto, tá em liberdade, mais tem mais poblema do que eu, tá doente, irmã é doente, mãe é doente. Minha mãe tem oitenta e dois anos, ela não pode nem andar, e como eu tava na rua, quem ajudava ela sempre fui eu. Ela sempre morou comigo. Aí, depois também, tem uma irmã também que é uma irmã meia cheia de

dinheiro e tudo, aí ela, ela memo criou tudo essas coisas entre nós lá da família lá. Que talvez nem tão nem vindo me ver por causa dela mesmo. É, ela não admite isso sabe? Não admite essas coisas...(S).

Sei lá, eu tô... Vai esperando né? (S). Tô esperando... Vou pra algum lugar. Deixa me ir embora e....

É triste! Depois de um ano que eu não vejo meus filhos(*). Um ano que eu não vejo meus filhos...(*). Nem Natal, nem Ano Novo, nem aniversário, nada! (S). Só eu sei o que eu tô passando. Mas tem que guentá. Fazê o quê? Eu plantei né? Eu tô colhendo o que eu plantei (fala chorando)(S).

Pesar que... Estamo numa época aqui que... Pobre... Infelizmente a gente é pobre. Então pobre rouba uma banana paga por uma fazenda. Enquantoos muitos ricos rouba uma fazenda e num paga por uma banana. É o contrário. Fazê o quê? O que seja que Deus quiser né? Agora, no lugar que a gente tá né? Tudo aqui, esse lugar aqui, aqui a perspectiva de vida aqui é nenhuma.

Que nem eu mesmo não espero nada disso. Espero uma hora ou outra aí da gente mandar pra algum lugar aí, a gente podê correr atrás de alguma coisa, correr atrás da minha liberdade. Aqui, nem isso num, num tem condições, não tem porque não tem...

Quando tava querendo conversar com alguém... Aqueles problemas aí que arreventaram tudo. Quebraram tudo aqui as coisas da gente mesmo. Eles quebraram esses negócio todo. Hoje, aqui, eu não faço, nunca fiz! Mais infelizmente eu tô no meio. Então, pra ser julgado vai ser julgado junto com eles, com quem fez, com quem não fez, porque é tudo preso.

Às vezes tem que falar com um funcionário, funcionário é:: conversa mal com você e julga você com os outros. É assim, eles não tem uma diferença. Aqui cada um é tudo julgado igual a todos. Todos eles igual! Um é a mesma coisa aqui dentro, o que roubou, o que matou, o que estrupou, o que num fez nada. É tudo igual! Tudo (*) é considerado tudo igual nesse ambiente porco que nós tá aí...(S)(*)”.

O cárceres do coração:

É, eu, o que eu... Não é... lembra de, de assim... Eu lembro dum, duma parte de os... doze, treze ano pra frente pra cá. Antes não me recordo mais. Eu recordo assim, coisinha assim...(*). Nem me lembro muito bem.

E eu tive um infância, eu tive uma infância muito... Sei lá. Ingrata! Sei lá como é que foi. Porque meu pai, como eu falei, meu pai era, era cachaceiro, bebum, batia na minha mãe. Eu inclusive fui até amarrado. Eu tinha doze, doze, quatorze ano eu era amarrado em casa. Que pode se informá, eu dou endereço que se informa com a minha família, que eles vai falar com a boca deles, porque amarrado eu fui, com corrente no pé e com cadeado pra não sair de casa. Depois, quando meu pai bobeava com a chave, eu pegava a chave, abria, saía, fugia, ficava dois, três meses fora de casa, até eles me catar novamente.

E apanhei muito, apanhei muito. O da família eu fui o que mais apanhou. Acho que foi por causa disso também... Sei lá (*). O que mais apanhou, o que mais teve problema na família fui eu (*)(S). De uma perseguição de meu pai mesmo de...(*) (S). De onde eu fui amarrado, eu fui...(*).

Eu tive no juizado e me internaram. Fizeram tudo quanto foi coisa pra mim. Sei lá se era pro meu bem ou pro meu mal. Eu sei que acabaram me fazendo por mal, não por bem (S).

Naquela época num...(*). Eu achei que pra mim fizeram pro mal, que causou aquela revolta né? (*) Que hoje, com quarenta e sete ano a gente lembra. Ainda não dá nem pra... (S).

Eu não tenho bronca de meu pai não! Com tudo, se ele tivesse vivo, se ele tivesse vivo... Eu gostaria que ele tivesse vivo sabe? (S). Mas infelizmente ele morreu (*). Morreu em sessenta e pouco. Eu tinha de dezesseis pra dezessete anos. Mas eu sofri muito. A própria minha família me socorreu.

Já com minhas irmãs, com minha mãe, eles tudo pode falar, eu que mais sofri! Olha que foi eu porque eu que, que é que era o último que nasceu né? Que era o caçula. Não sei qual é o problema que tinha minha mãe, meu pai, é:: lá de...(*).

Tudo o que acontecia em casa, tudo o que acontecia em casa vinha em cima de mim. Meu pai chegava bêbado, batia na minha mãe, ninguém entrava no meio. Eu entrava no meio acabava eu apanhando e abria a cabeça.

Ele fez tudo quanto foi perversidade comigo. E depois que ele morreu eu tive um pouquinho mais de sossêgo. Mais sei lá, porque por outro lado, eu já tava acostumado a fugir de casa (*), a sofrer, já estava acostumado! Sofri, aprendi a ser o coelho. E sofrendo até o final eu tô até hoje. Passa essas coisinhas ai...

Sofri! Não tem necessidade. Sempre trabalhei (*), sempre trabalhei, sempre! Com todos erros que eu fiz eu sempre trabalhei, sempre procurei fazê alguma coisa pra família (S).

Não tô arrependido sabe? Não tô arrependido. Sei lá de estar preso. Coisa que num tinha necessidade de eu tá preso (*). Motivo pra tá preso assim... Necessidade. Motivo tem. Não tem necessidade porque não tenho... Não precisava disso. Não precisava e não preciso. Tenho uma família boa e todos eles me apoiam aí dos problemas né?

Já fui assaltado, tomei dois tiros, já quase morri, e já passei tanta coisa, já passei tanta coisa...(S).

Trabalhava com uma perua Kombi. Fui assaltado, me deram dois tiros. Um atravessou aqui, outro no braço (*). Fui pro hospital e acabei eu ficando preso ainda porque tinha problema pra trás na justiça (*). Fiquei um ano e, um ano e dois mese, um ano e três mese mais ou menos carregando uma bolsinha aqui. Coisa que era pra tirar em sessenta dias (*), fiquei mais de ano preso com a bolsinha aqui. Pôs um advogado a minha irmã e com muita batalha conseguiu com o juiz... (bolsinha para acolostomia – reservatório de necessidades fisiológicas) Eu vim que era sessenta dias, fiquei um ano e pouco com isso aí (*) (S).

Foi única vez que eu tive doença. Tomei uma injeção. Nunca tomei injeção pra nada.

Pior de tudo com esses problemas fui parar em São José do Rio Preto. Daqui, fui preso aqui encostado da minha casa, delegacia 17º; de lá me mandaram pra São José do Rio Preto; de São José do Rio Preto voltei pra cá pra ser operado no hospital Heliópolis que eu moro lá perto. Operei. Voltei pra cadeia. Depois, chegou lá o juiz teve dó. É, tava cortado tudo aqui. Teve dó e me mandou embora.

Depois, de lá pra cá estive preso nessa aqui. Agora por causa de um carro véio que eu tava. Nem roubei carro nenhum. Eu tava andando com carro, um cara foi preso, eu e o cara. O cara é conhecido da polícia e não apareceu nem no processo, só apareceu que tinha um elemento, mas ele não respondeu por nada, foi embora. E ne eu aqui tô preso até agora. Se basearam nisso. Como disse, pra mim tem o passado né? (*). Não pude saber do acontecido. Pegaram o meu passado. Meu passado condena a gente a isso. Se a gente tem um passado agora...

No nosso país, aquele que tiver muito dinheiro, se tiver muito dinheiro o passado dele é encoberto, mas, se não tiver nada, primeira coisa é... Se tiver cinco pessoa sendo acusado por um crime e no meio dessa cinco tiver um que já teve antecedente, já teve preso, não precisa mais nada! Mesmo que não seja ele passa a ser ele. Funciona assim aqui. E a gente vai abrindo os olhos né? Que quando eu abri os olhos já era tarde. Eu fiquei numa situação... Cinquenta ano de idade já prejudicado de tudo quanto é jeito. Não tenho a revolta por isso. Não tenho a revolta.

A primeira mulher que eu tive, eu fui preso, fui preso e quando eu saí da cadeia já me abandonou na cadeia. Quando saí ela já tava casada com outro. Eles me julgavam tido como bandido e não sei o quê. Nunca fui lá fazê isso aqui não! Mentira! (*). Deixei com a natureza, ela mesma se encarrega. Nunca fiz o mal pra ninguém nesse sentido né? O homem passa eternamente isso aí.

Meu filho, esse de dezesseis anos, toda hora quer me ver, não sabe que eu tô aqui, nem quero que sabe porque se souber ele vem aqui. Ele prefere morar comigo do que com a própria mãe. Morou comigo um montão de tempo.

Eu tenho um irmão também meu que é... Puxou meu pai também. Cachaceiro! Já correu atrás da minha mãe com faca e é um problema meu.

Então, quando eu tava na rua, o último natal que eu passei com a família, que eu ia passar, depois acabei não passando, esse meu irmão bêbado aí puxa uma faca, corre atrás da minha mãe, corre atrás de minha irmã, e ele é mais velho do que eu. Nunca briguei com ele. Nesse dia tive que brigar com ele. Tava machucando ele porque ele tava com uma faca. Acabei dando umas pauladas nele. Coisa que eu não gostei. E acabei saindo eu fora de casa. De lá pra cá fiquei o quê? Uns quinze dia na rua, me atacou minha cabeça, comecei beber, cai na droga, fui parar aqui. Tudo por causa de meu irmão! Por causa de um problema de família!

Porque eu, quando eu tô na, na rua, eu sou muito apegado à família. Por todos os meus erro, minha mãe... É só perguntá pra minha mãe, tenho certeza absoluta, dos quatro filho que ela têm, quem ela prefere ficar junto, quem ela gosta mais sempre falou que fui eu. Mesmo que tendo os meus defeitos. Mas tenho minhas qualidades também.

Não tenho (*), não me passa maldade. Se a maldade eu não quero pros outro que caia em cima de mim sabe? Então por isso que eu venho, vem muita, muita sorte mesmo, porque pela idade que eu tenho acho que... Eu conheço esses lugares que eu passei, o sofrimento que passei, acho que não é qualquer pessoa que guenta não (*). É difícil de guentá.

Tomei uma injeção... Até hoje fui lá porque precisa de tomá. Deus me ajuda nessa parte aí (*). Agora, em parte de tirar a cadeia, isso tem que tirar mesmo que eu fiz o erro tenho que pagar. Pesar que, que nem eu falei, se rouba uma banana é paga por uma fazenda. Não é nunca cumprido certinho sabe? (*).

Então eu tenho diversos problema na minha vida. Diversos problema que (*)... Às vez eu fico na cama assim, eu deito até eu lembrá, quando eu lembro me dá... Eu nem quero lembrar, nem gosto de lembrar, não gosto de lembrar. É só coisa ruim! Só coisa ruim! Me veio nada de bom até hoje (*). Único momento bom foi a liberdade. Que eu vou, vejo os meus filho, vou na casa da minha mãe, vou onde eu quero (*), fora isso (*), nunca tive sossêgo de... Nunca tive!

Desde criança eu tinha...(*). Eu sempre fui sacaneado pelo pai, pela mãe não, só pelo pai. Meu pai (*) chegava em casa bêbado, o primeiro que ele pegava era eu. Já quebrava os pratos, quebrava tudo em casa. E eu ía defender minha mãe que os outros tinha medo. Eu ía defender minha mãe já sobrava pra mim. Chegou a me amarrar com corrente, chegou a me internar no juizado (*).

Cê sabe que também eu era ruim né? Me internava e eu fugia. Pôs a corrente? Eu quebrava a corrente ou abria o cadeado e ia embora (*). Me sentia melhor na rua do que em casa. Preferia ficar na rua. Hoje é o contrário. Eu não troco minha casa por nada. Mas se tem aquele problema aqui...(*).

* * * * *

Trabalhei em uma agência de automóvel, o homem lá, o turco. Ele sabia da minha vida, sabia de tudo o problema. Daí, um cunhado meu arrumou um serviço lá pra mim. Comecei trabalhando lá.

No decorrer do tempo o homem confiava muito ne mim. Quem fazia o depósito dele era eu, quem tirava dinheiro era eu, quem mexia com as pastas de papel dele era tudo eu. Então ele pegou confiança, falou, “*Quando você for almoçar*” - porque eu morava, eu trabalhava no Ipiranga e mora em São João Clímaco, distância como daqui em São Caetano - , falou, “*A hora que quiser almoçar, que quiser ir pra casa, pode pegar alguma minha*”. Tinha setenta, oitenta carro na agência dele lá, lá na avenida Nazaré (*), “*Cê pode pegar um carro aí*”. Então eu ia almoçar ia com carro, ia jantar ia com outro e passava o final de semana com outro carro.

E porque meus antecedente meu... Meu passado... Porque eu sempre mexi com esses negócio de carro. A polícia foi em casa e me prendeu dizendo que eu tava roubando carro (*). Daí num provaram nada. Mas porque eu fui preso com o carro da agência, daí eles foram lá na agência com o carro da polícia comigo dentro. Abordaram o cara de lá, entraram com o carro dentro da agência, chegou e saiu a maior confusão. O guarda não gostou, o dono da agência não gostou também - é um homem cheio de dinheiro e conhecido de autoridade. Arrumaram uma confusão. A moral da história. Acabou sobrando foi pra mim. Fui mandado embora. Depois o homem me chamou sabe? Mas teve um escândalo tão grande lá entre polícia e entre eles lá, que depois o homem me chamou mais umas duas, três vezes mas eu me senti envergonhado, nunca mais fui lá, nunca mais fui! (*). Como coisa que eu tava bem, tava sossegado. Mas eu assim num tive sossêgo, num tive sossêgo.

Não tenho sossêgo. Às vezes eu caio no meio da droga assim por pouco tempo, por causa desse problema aí que teve a partir do natal. Porque eu nunca usei droga no natal. Tô contente e estava trabalhando. Tava trabalhando. Comprei presente pros filhos, comprei presente pra mulher, pra mãe, pras irmã, pra todo mundo vão passar o Natal em casa. De repente, chega meu irmão, enche o caneco de pinga, e eu deixei ele de lado. Quando tá cheio de pinga eu deixo ele de lado. Mas minha irmã foi... Sei como é que é ele, sei do que ele... Já pegou uma facona desse tamanho e já saiu correndo atrás da minha irmã, da minha mãe. E aquele dia dei uma cadeirada nele pra desarmar a faca dele. Arrumei a maior confusão! Eu vim pior que eu vinha e ainda viram contra mim. Não minha mãe nem outra minha irmã, a outra minha irmã que é uma... Eu tenho uma irmã que é dona da Luxitac, da José Carioca, uma, uma firma que faz letreiro, esses painel, essas coisas aí. Essa aí achou que eu tava errado e que não sei o quê. Daí peguei, saí de casa. Saí de casa, saí com o meu carro, com a minha roupa, com a minhas coisas tudo. Aí caí na droga! Já vendi mundo, vendi carro, vendi tudo! Fiquei sem nada! Vim parar aqui. Acabei pegando um carro de um posto de um amigo meu aí, acabei vindo pra cadeia. Tô aqui até agora (*).

Nunca mais ninguém nenhum deles não quero conversa (*). De vez em quando eles mandam... Tem telefone na casa da minha irmã. Tem o telefone, tem tudo (*). Inclusive ela tá passando até mal esses dias sabe? De vez em quando eu mando telefoná pra ela. Quando eu preciso de alguma coisa ela manda pra mim (*). Ela gosta de mim. Minha mãe gosta de mim. Só não quero conversa com meu irmão e com a minha outra irmã. Não quero conversa! A partir desse Natal aí o que eles fizeram comigo...(*)

Não tenho nada contra eles. Se depender de mim levantar um queixa pra ele jamais vou levantar que é... Com tudo, com tudo, é meu sangue, é meus irmãos. Mas também não quero nada com ele. Não quero nem conversa com ele. Tô preso aqui, se depender de mim pedir pra eles pra mim sair daqui, eu fico aqui o resto da minha vida mas não peço pra eles (*). Deus me livre! Me magoaram bastante nesse Natal aí. Que minha velhinha com oitenta e dois anos...

A minha mãe agora tá morando em Ubatuba. Vê como eles são tão gozado. Minha irmã tem um montão de casa, sabendo que esse meu irmão é:: quando bebe saí fora do normal (*), pois não deixaram a veinha morando com ele?

É isso que me passa na cabeça agora com minha preocupação. Minha veinha com oitenta e dois ano. Apesar que tá grandona, forte. Mas morando sózinha numa casa junto com esse cara que bebe que é meu irmão em Ubatuba (*).

A família tudo bem. A gente morando bem pra que fazê isso aí? Só isso aí já me deu uma...(*). Deu uma dor no coração que eu não posso fazer nada sabe? Agora eu acho que não é justo eles deixá justamente meu irmão morar com ela. Pode morá. Pode morá mas com uma outra pessoa também pra vigiar. De repente ele bebe lá, duas, três pinga lá, acaba matando minha mãe (S).

Coisa que ele já fez, já atacou minha mãe com uma faca e não é a primeira vez. Outra vez eu cheguei lá - morava aqui no Ipiranga, na rua Xavier de Almeida (*). Quando eu cheguei do trabalho lá na lanchonete, o homem falou, *“Olha, vai lá na sua casa que seu irmão tá louco lá, e saiu correndo atrás da sua mãe aqui..”*.

Pô! (S). Com todos os problemas meu... Meu irmão sempre trabalhou, nunca teve passagem, não aconteceu nada. E eu tive esses problema, já tive preso tudo. Mas até no bairro onde a gente mora lá as pessoas gosta mais de mim do que dele. Porque eu não sou de tomar pinga, não sou de usar droga, é, usei agora a pouco tempo aí. Usei porque saí fora de mim quando eu tava do jeito... Problema de mulher, problema de família. Eu acho que no lugar de mim tem que matar ele ou então memo eu... Ele me matasse...

Então comecei cair na droga eu mesmo pra não prejudicar os outros. Cabeí eu me prejudicando. Perdi tudo o que eu tinha. Vim parar na cadeia (*) pra não prejudicar os outros. Num ter que fazê nada contra os outro (*). Não gosto de fazê isso, não gosto de maltratá ninguém. Às vezes prefiro ser prejudicado (*), ser prejudicado do que prejudicar o outro nesse sentido né? (S)(*).

Agora, a próxima que o senhor vier retirar aqui pra nós conversar, aí eu vou conversar com o senhor melhor. Que agora senhor, pra

mim me pegou despreparado sabe? (*). Aqui, mostra pra mim um advogado né? Pra mim não tem advogado. Então o senhor me pegou aqui meio de surpresa. Que às vez muita coisa num lembro no...(*). Mas eu vou procurar na altura assim, nas alturas pro senhor...(*). Depender do senhor fazê o trabalho do senhor aí, se eu puder colaborar eu colaboro sim(S)(*).

Os Cárceres da Prisão...

Nós tamo num lugar, num ambiente...(*) Que quem tá aqui fora (voz embargada) fala o que quer. Está bem! Tô comendo bem. Isso que... Mentira! O... Aqui a gente come, a gente bebe, a gente dorme...(*). Mas não é que nasceu em São Paulo não... O ambiente em si já é carregado. O ambiente em si já é carregado. Imagine. Aqui dentro já tem com quatrocentos presos vai, mas quatrocentos marginal. A gente sózinho já causa problema na rua, cê imagine quatrocentos se vai sair boa coisa? Sair boa coisa... Só coisa que...(*)

O ambiente aqui, o ambiente é carregado, um... Vou fazer uma comparação, uma suposição que o senhor seja crente vai? Bispo ou crente, uma suposição. E se eu saio de uma igreja de crente e entra num centro de umbanda. Qual a diferença que tem?(*)(S). É essa a diferença entre aqui e a liberdade...

Aqui é um ambiente... Só maldade, só maldade. Não tem... Cê não vê uma pessoas chegar ai e falar que vai te ajudar. Se a pessoa te pegar um maço de cigarro, fica aquele dois em cima. Se ele te pegar um bagulho, fica aqueles dois, três em cima. Então não é um lugar bom. O lugar aqui já diz o nome, é cadeia. Cadeia! Então é só mal elemento. E de, de noventa, de cem, o tira dois, três, que o resto é tudo mal elemento mesmo! Tudo!

E a gente às vezes precisa ser até ruim, até rígido pra não sofrer certas coisas sabe? Não é meu caso. Que nem eu falei, pô, cinquenta ano de idade, tem um conhecimento. Então nunca mexeram comigo. Nada! Mais a gente vê mexe com os outros sabe? Fazê certas coisas de...

A idade até... Até o porque a idade da gente... Não é... Eu não... Qualquer pessoa de idade eles respeitam um pouco sabe? Chama a gente tiozinho, respeita um pouco. Se tiver algum problema com a gente, eles mesmo, dependência do problema, problema que...

O senhor vê, tinha uma galeria aí só de seguro. Seguro. Seguro que se eu for ver o seguro aí é cara que não fez nada. Seguros dos próprios presos. Se no nosso ambiente o cara não serve pro nosso ambiente, vai servi pra onde? Já tem outro lugar de se separar. Aí você vai ver o porque que os caras estão separado ali, por causa de negocinho, de dois, três macinho de cigarro, aquele negocinho de sabonete que... Não contraria... Eles sabe...(*)(S).

Então o ambiente é carregado. Dizendo, exemplo, como eu disse, é, só tem coisa ruim sim. Só coisa ruim! Não tem coisa boa. Só coisa ruim. É o outro engolindo os outros.

Isso aqui é um maço de cigarro (mostra o maço de cigarro). Se eu pudesse pegar ele, maneira de mim expressar (*), não seria um causa de..., tal, um... Tô assaltando o outro não! É o próprio ambiente que faz aquilo um...

É só passar com um pacote de cigarro só já é amigo já. Acabou o cigarro você já perdeu os amigo. Se eu tenho o dinheiro cê amigo (*). Se não tiver dinheiro... Vale quanto pesa viu? Essa é a verdade! Se o ambiente

vale quanto pesa é... Quanto tem? Tem alguma coisa? É alguém? Não tem nada? É ninguém (S).

Eu até mostro meus negócio, faço umas casinhas, uns carrinhos, vendo (*). Faço uns carrinhos bonitinhos, uns calhambequinhos, é, eu me envolvo sabe?

Eu tô numa idade que eu não tô mais.... Já sofri muito. Se eu pudesse voltar pra trás...(*), pra trás... Eu daria (respira fundo), daria tudo que eu tenho na vida pra voltar pra trás mas infelizmente num dá. Num dá. Então tem que guentá do jeito que é mesmo...(*) (S).

Em vista de muitos... (S) (*). Em vista de muitos ainda tô bem. Tem gente piores do que eu, eu sei.

Sei lá, tô carregando a minha cruz desde criança, mas graças a Deus, com ajuda de Deus até hoje eu tô carregando ela com...(*). Tá pesada, tá pesada pra caramba, mais enfim a gente num veio pro mundo a passeio (voz embargada). Cada um tem seu destino (*). Esse é meu destino, eu tô carregando ele, vamo vê até aonde eu posso carregar... (S) (*).

* * * * *

É, acontece, mais... a história de... É tal negócio que eu falei. A história... O ambiente é carregado. A história... A história que a gente vai contá um pro outro... Não é por causa...(*). Contá...? (*). É, uma história que eu...

Eu, no meu caso preferiria nem contá. É história que não tem nada a ver mais. É (*), “*Eu assaltei*”, “*Eu roubei*”, “*Eu fiz*”, “*Eu aconteci*”. Não é uma coisa, uma coisa agradável. Vai contá? Poxa, eu tive vivendo numa família, teve isso, teve... Nada disso! Essa coisa que voa, “*Assaltei fulano*”, “*Oh, detive sicrano*”, “*Oh...*”. É o lugar, o ambiente, não sai daquela. Igual campo de futebol. Uma, uma sede de esporte, só toca numa tecla, só naquela tecla, só no futebol. Aquilo é uma coisa sagrada, só no priti, só no priti, só no priti, priti (*) em geral né? Só tocando essa tecla, não tem uma, uma perspectiva nenhuma. Não tem, não dá pra conversá.

Vai conversar com uma pessoa, é, “*Na rua eu fiz isso...*”, “*Fiz aquilo...*”, “*Eu fiz aquilo...*”, “*Mais o aquele ele fez?*”. A gente já tá... Que nem no causo eu que tô preso. A gente tá careca de saber já que tão... Porque crime pra mim não tem valor, esses tipos de conversa nem procuro, eu procuro conversa que tem futuro (*), que tem adiante ou não procuro porque...

É o ambiente. O povo tem uma coisa que... Até pra explicar, até pra explicar é difícil (*). Uma coisa fácil de vê (*) é tirar o senhor daqui agora. Então vem cá, pegá, colocar uma outra roupa no senhor (*). Senhor vai ficar aqui comigo dois dia. Oh, o senhor vai ver... Em dois dia o que o senhor vê. O senhor vai ver hora que fecha. Senhor nunca mais quer vim aqui. Nunca mais! (*). Como preso não!

Sabe como preso vem ? Você tá preso, vamo lá, vem trabalhá, “*Oh, eu conheço. É meu amigo e tal...*”. Já vem falar que cê é ladrão, que só se... Tem que dizer que é ladrão, senão traficante, alguma coisa do lado ruim cê tem que ser. Cê nunca pode dizê, “*Oh, eu era trabalhador*”, “*Oh,*

um pai de família". Mentira! (*). Mentira! Assim não vai se dá bem no ambiente, o ambiente é carregado. Então é só pra aquelas pessoa que... É cadeia é só... Não pode falar que era trabalhador porque os ladrões não vai gostá. Os ladrões não vai gostá... Porque o ambiente já tá pra criminoso que nem dizem eles né? (*) O ambiente já é pra criminoso, já é pra ladrão, então o senhor não vai dizer que é cidadão.

É tal negócio chegá uma pessoa trabalhou. Como acontece, chega trabalhador às vez (*), coincidência mata uma pessoa. Pá (*), separa, vai pro seguro - apesar que um seguro que...(*). Não existe seguro, seguro é só Deus mesmo, e quem pode guardar a gente é Deus, o resto é mentira...(S)(*).

Até um xadrez, você mora numa coletividade, oito pessoa. Essas oito pessoa tem que ser tudo o mesmo naipes do, da gente. Senhor tá lá? Seu naipes do senhor tem que ser o mesmo né?

O naipes, naipes é... É nas categoria do senhor. O senhor é o que? Ladrão de carro? Vai com os ladrão de carro, de assaltante, outro traficante, mas vai... A gente mesmo que mora na cela é que (*), que adota esse, esse sistema né? Porque um malandro, em si, se o ladrão, o malandro em si não gosta de, de coletividade com um cara que não seja do (*), da mesma, da mesma política né? Que não seja malandro, que não seja ladrão, que não seja... Ele gosta de ficar no próprio ambiente. Por isso que eu falo, cada um se agrupa na sua especialidade. É uma coisa que só...(S).

É embaçado isso aí. O problema é que às vezes aqui ainda passa o tempo. De que nem esse quebra-quebra aí, tá tudo aberto dia e noite, tá aberto dia e noite. Então tá...(*). Mas tem cadeia aí que o senhor vê, poxa, dá até dó. Senhor vai, eu vim de um distrito, eu vim de um distrito que eu morava... Nós morava em vinte e oito num, numa salinha que dá quatro dessa aqui vai, tipo aquela sala que tá ali, vinte e oito nesse lugar. No banheiro já dormia meia dúzia (*). De noite tinha que acordá um, "*Oh, levanta aí pra gente dormi aí*". Então nessa aí é...

A cadeia, que nem eu falei, ambiente carregado, então prevalece o quê? (*) Os mais bravos, os mais valente é os que dorme, que come bem, dorme bem. Infelizmente é a vida de um cão mesmo. Lugar de sacanagem (S)(*).

Lugar cabuloso isso aqui. Aqui não é cadeia isso aqui é um depósito sabe? Porque ninguém tá nem aí pro preso aqui, é um depósito, mais cadeia mesmo...

Tem cadeia até que dá condições, uma penitenciária né?

O sistema penitenciário pra ter condições você faz o quê? (*) Você é pintor, vai trabalhar de pintor. Você trabalha no quê? Torno? Vai trabalhá no torno. Cê é eletricitista? Vai trabalhá de eletricitista. Cê é pintor? Assim por diante. Aqui não! Aqui é dia e noite trancado. Trancado! Fazê o que? O quê que vai vim na sua mente? Tem duas coisas, ou querer ir embora, ou pensar o que vai fazer na rua quando sair. Fora isso não tem uma ocupação.

Então as penitenciárias... Porque eu tive na penitenciária... Então você, o seu tempo é::... o seu tempo é usado, o seu tempo que você está precisando usar. Então você às vezes não dá nem tempo de você pensá em certas coisas, rua, esses negócio (*). Que você sai de manhã cedo, cê

vai trabalhá, chega de tarde você volta, volta do trabalho cansado, toma um banho, janta, pá..., assiste uma televisão e vai dormi.

Agora, e aqui? É dia e noite não se faz nada. Faz nada! Funcionário é coisa mais difícil de ter. Você achá um funcionário? Cê precisa de um remédio ou alguma coisa assim cadê? E os cara aqui? Os malandro mesmo? São tudo ignorante!

Vê, tem uma rebelião, não tinham o que quebrar? Quebraram aqui essa estante, esse negócio todo, coisa que é nosso mesmo, no caso, pra nós usar. Vê o tanto que eles são burro (*). Porque se eles fosse inteligente, não me digo no meu causo também, se a gente tivesse... Que nem aquele ditado, soubesse que o malandro soubesse que ser honesto pra serem desonesto é por malandragem, mais infelizmente...

Sei lá, é a cruz que a gente tem que carregar, cada um com a sua cruz. Enquanto a gente tá preso aí, vivendo numa cadeia, tá reclamando de muitas coisas. Tem muitos que tá num leito do hospital, tá pior do que a gente (*), e tem, tem ainda... (S). Tem esperança de reverter o quadro né? Que esperança é a última que morre. A gente ainda tem esperança.

Mais (*) agora a gente sai de uma cadeia. Sem mentira, eu, se eu chegá no senhor na rua. Se eu te dou uma queima na rua (*). Se eu for pegar serviço com o senhor. Eu sou, eu sou profissional no serviço, seja lá, mexer com torno, seja lá o que for. O senhor não me conhece, o senhor nunca me viu, o quê que o senhor vai fazer? Vai fazer um teste comigo. O teste eu passei, senhor gostou do meu serviço, vou trabalhá com o senhor. (*). Tá tudo bem, daí quatro, cinco dia, uma semana depois, o senhor me pede né? Tem que arrumar um atestado de antecedente. Aí já era né? Não tem mais serviço. Vou pedir um atestado, a justiça, a polícia não... A partir da hora que cê entrou uma vez, que cê não tenha dinheiro pra encobrir tudo isso aí, cê entrou uma vez já era, cê tá manchado pro resto da vida (*).

Então é o que acontece. Eu trabalhei na Volkswagen. Eu trabalhei quatro ano na Volkswagen. Ai deu um corte. Então nesses quatro anos que eu trabalhei lá, logo que eu fui empregado lá na linha de montagem, os homens me pediram, mas eu fui com cartucho né? Que tinha um homem lá que trabalhou muitos ano lá, levou eu lá, e eu fiquei com cartucho. Então fui trabalhá. Daí passa uns tempo me pediram atestado de antecedente (*). Eu fui... Conteí uma história, "*Sabe aquele dia?*", "*Tal dia...*", "*Aquele dia...*", "*Aquele tal dia?*". Fui embrulhando, embrulhando, fiquei quatro ano. Daí sujou lá com outros cara lá que também tinha antecedente - porque é uma máfia lá dentro também. Aí o quê que fizeram? Deram um corte, me chamaram assim especificada, você vai embora por causa disso. Deram um corte lá de (*) setenta e tantos cara, oitenta e tantos cara, eu fui nesse corte. Aí falei, é hoje! Nunca mais arrumei serviço (*).

Não dá pra trabalhar mais! Que pra onde cê vai trabalhá? Cê tem serviço que tem que dá o atestado. Se ocê for falar a verdade, se falar, "*Não, eu tive preso assim, assim, assim. Quero uma oportunidade*". O cara fica na dúvida. Se ocê for falar mentira, mentira tem perna curta, a gente fica enroscado. A não ser que você monte alguma coisa.

Que nem meu pai, ele tinha um auto elétrico. Tinha não! Tem. Auto elétrico, borracheiro, apesar que tá fechado. Deixei na mão desse meu irmão aí. Dessa vez que fui baleado aí. Deixei na mão do meu irmão.

Quando eu saí tinha mais nada! Vendeu ferramenta, vendeu tudo. Em lugar de me ajudar me atrapalhou...(S). Daí montei novamente. Agora tá lá fechado. Não tem... Pra dá na mão de meu irmão prefiro deixá sem ninguém.

Trabalhei na Volkswagwen em sessenta, sessenta e oito, sessenta, sessenta e nove pra setenta e três, nessa faixa assim, até setenta e quatro, setenta, setenta e quatro, um negócio assim. Foi época que eu tive mais sossegado na minha vida. Se eles num me mandasse embora por motivos assim... Que eu não apronteí nada, só continua é o passado mesmo (*), taria lá até hoje. Eu taria sossegado. Mais infelizmente deram um corte. Fui eu, foi mais umas pessoas aí. Cortaram. Eu taria lá até hoje (S).

Agora vê só a cadeia. Agora mesmo tem lá... Quando eu sai agora, tinha uns três, quatro crente, pastor lá. Aí cê vê os cara, os presos que tá largado, lendo a bíblia, acompanhando às vez o culto, “*Meu Senhor*”, “*Meu Deus*”, “*Meu Senhor*”, “*Meu Deus*”, “*Meu Senhor*”, “*Meu Deus*”. Pastor acabou de virar as costas, muda já esse... Muda já. Pra mim já não valeu mais nada. Cê vê (*), todos estão usando a bíblia e se esconde. Esconde! Não passa isso aí pra mim sabe?

Eu já falo, eu sou claro, que eu não tenho uma religião, não tenho nada, a religião é... Minha religião é Deus. Quando eu tiver, se for o caso, alguma coisa, eu rezo, peço a Deus que me ajude (*) (S). A mais... (S). Essa não tenho... Nem sei como explico.

É, tem lugar que é problema, e esse aqui ainda, esse aqui ainda é mais. Com tudo, com tudo, tem lugar que é pior, bem pior! Uma casa de detenção em São Paulo, bem pior, bem pior mesmo... (S).

Senhor vê, tô numa situação (*) (S). Que se tem alguém pra correr por mim eu ía embora. Hoje prefere o quê? Prefere deixá a gente um ano a mais pra eu saí. Cada vez vai atacando mais. Hoje, o preso, o preso quando ele tem direito, “*É igual uma criança e não sei o quê*”. Pode tirá dez ano de cadeia, mas chegou no, no dez ano e um dia, ele tem direito a ir embora? Ele quer ir embora! Quer ir embora porque passa aí um ano, um ano e dois, que tem cara que passa quatro. Passá um ano, dois aí não é mole senhor! Não é mole! É mole na vista dos outro. Falá, falá e vê na vista do outro é mole, quero vê passá, sentir na carne a moleza. Moleza porque não é eles que tá lá, então sabe julgá assim que é moleza porque não passou por esse lugar, não passou. Deixe ele passá prá firmar moleza (S) (*). Se fosse moleza...

O senhor vê esses bacanas aí que comete algum delito, alguma coisa, e já teve no presídio especial, tem (*) delegacia especial. Isso é moleza! Pra quem tem uma especial? Moleza! Agora, moleza prá gente nada! A gente, a gente não tem nada de moleza não! Vez em quando acontece esses problema que só...

Não sei se senhor tá ao par, a cadeia de Pinheiros tá..., tava ontem e hoje. Não sofri nada em rebelião. Lá com refém com tudo. Se uma situação dessa aí deve tá... Eu... Qualquer um morre sem fazê nada, sem dever nada, vai mesmo sem perdão.

Pôxa cê corre mais risco aqui dentro do que na rua. O risco aqui é pior do que na rua. A, só... Se você não tem ouvido não tá... Sei lá, uma hora de um quebra quebra aí, põe fogo e o caramba. Já aconteceu isto,

diversos lugares. Agora pouco tempo mesmo teve uma, um tipo de uma, uma tentativa de fuga lá no trinta e dois. O coitado do escrivão que não tem nada a ver quis correr. Virou de costa pra correr mataram ele, um revolver em cada dedo (*).

Então é um lugar que o senhor tem que tá de aviso assim. Dormir assim, dorme só essa parte, a outra parte de pé, depois dorme. Esse é o ambiente que eu falo pro senhor, o ambiente é carregado.

O senhor, o senhor tá aqui agora. Nós tamos conversando aqui agora. Não sei se eu chegá lá dentro como é que tá entendeu? É imprevisto. O senhor não sabe o que acontece daqui a cinco minuto. Não é igual na rua. Na rua senhor tá trabalhando, se quatro hora eu saio do serviço, “*Quatro e meia eu vou no cinema*”, então o senhor pega e vai pro cinema. Aqui não, aqui você não pode prever isso aí. Quatro hora eu tô assistindo uma televisão, quatro e meia eu vou dormi. Não pode! Pois aqui é imprevisto né? Só o seu que tá e cá...

Tudo mal elemento! Tudo mal elemento! Eu quero te explicar. É assim, a cabeça, cabeça fraca né? Assim igual no meu caso tem muitos tem aí. Tem cara que não fez nada, tem cara que fez. Mais a cabeça... Tem gente que a cabeça é tudo fraco, tudo (*).

Eles não tem juízo, não tem... Sei lá, não pensa! Não pensa pra fazê as coisas né? Eu, no meu caso, fui pegar, andá com o carro. Eu sabia, consciente com o carro, o carro também roubado, e eu fui consciente, causa que eu tenho carro, tinha carro, minha irmã tem carro, todo mundo tem. Eu preferia pegar da minha irmã, eu poderia andá de a pé, “*Eu não que...*”. Me convidou. A cabeça oca...(*), “*Ah, vamo, vamo*”. Não tem, não dá tempo pra... Às vez é um minutinho, é passá um minutinho que você deixa de pensá... É a cabeça tudo oca. Isso aqui é tudo cabeça... Uma coisa que se eu der um conselho agora é que cinco minuto já era, o conselho já sai fora já, usa por usar. Tudo cabeça fraca. É, é a cabeça que não pensa. Não pensa isso...

Aqui (*) pensa diversas coisas, diversas coisa que eu... Sei lá, eu prefiro até não... Com o tempo o senhor vai ser avisado. Esses tipo mesmo de fuga de, de rebelião, isso aí, às vez uma coisinha.

Cê vê, já aconteceu caso de rebelião aí, preso lá de cima da, da, não sei se... Tá em cima da cadeia passeando. Não pode passear lá, é errado passear no telhado. Agora tá aí tudo destruído, destruíram tudo. Então ele tava passeando lá em cima, o funcionário lá da muralha deu um tiro, foi no peito dele, não morreu nada, caiu lá (*). Quer dizer, então eles conserta o erro, eles conserta com outro. O rapaz tá errado porque tá tomando sol lá, o funcionário tá errado porque deu tiro nele. Aqui dentro não pode dar tiro, só se ele tiver fugindo.

O quê que aconteceu? Aconteceu que, “*Socorre, me socorre, socorre, me socorre*”. Quando sai o tiro lá dentro da cadeia vai ter fogo. Cê me entendeu? Quer dizer, até então, lá naquele minutinho tá tudo normal. Tá tudo normal jogando bola, às vezes brincando, tudo normal. Aí, funcionário dá um tiro no preso. A partir daquele segundo ali mudou a cabeça de todo mundo, e quebraram tudo a cadeia, fizeram como se eles (respira fundo)..., se fosse por em prato limpo numa análise já direitinho.

O preso tá errado subir lá em cima, o funcionário tá errado de atirar. Mais infelizmente, se for punido, vai ser punido o preso. O funcionário deu um tiro, não dá nada pra ele, aí foi até... Sabe, nem gosto de falar porque se a gente falá aqui, a gente é punido (*), problema, não gosto, não é... Tem o que eu falo pro senhor, às vezes foi um mal em pensar sabe?

Coisa toda que poderia ser o contrário, *“Oh, pera aí, o funcionário deu um tiro no rapaz? Vamo lá recolher o rapaz, vamo levar ele pra...”*. Socorrer ele (*) e vamo conversá com a diretoria. Vamo ver se pune o funcionário, se troca o funcionário. Já era né? Acabou a história. Não! Quebraram tudo a cadeia. Quebraram tudo por causa daquilo. Quer dizer, um mal, um mal trouxe outro mal, um mal pior. E numa dessa aí, cê tá no meio, tá riscado você tomá paulada, uma facada, toma uma tijolada. E você não tem nada a ver com a história, não tem nada com... Então, é esse o motivo que eu falei pro senhor que...(S).

É quatrocentas cabeças, cada uma pensa de uma maneira (S). Tem umas que tem objetivo aí. Objetivo deles é dentro da cadeia deles, ver uma família, ir embora, até onde que o objetivo deles é...(S).

Aliás vou ser claro com o senhor, tem cara é... Tem certos elementos aí, que aí tá melhor pra ele do que na rua (S)(*). Pelo menos é o que eles demonstra né? Porque a gente, o dia a dia demonstra né?

Cadeia, um lugar desse aí, já acorda cedo alegre em acordá. Sei lá eu, pra mim, o minha maneira de ser, já tá na mesma né? Tô contente. Não tô satisfeito. Só que eu não procuro pular muro, não procuro fazê nada que vai me prejudicá. O meu negócio é ir embora por onde, por onde eu entrei, por aqui assim, trouxeram por aqui, por aqui eles vai ter que me tirá. Mas tem muitos que pensam o contrário.

Teve uma fuga aí que teve, que foi quando abriu as porta e saiu tudo correndo, eu tava aí, podia ir embora, mas eu pensei, eu falei, *“Pôxa, já tô na situação ruim, se eu for embora, fugir, eu vou ficar pior do que tava”*. Então eu guentei aqui, senão...

Que teve cara que foi, viu aquilo lá foi no barco, já morreram. Outros que não tinha nem cadeia, o cara ficou, noutro dia, dois dia, três dia, depois veio o alvará dele. Tem vez com...

Coisa de não pensá. Eu já deu tempo de mim pensá com Nossa Senhora aqui ó... Vim até aqui na frente, tava tudo aberto, mas me veio um negócio na cabeça, eu penso, *“Putá, minha vida já tá embaçada, eu vou acabá de embaçá ela”*, e voltei. Me arrependi, me arrependi... (*) Rependi assim né? Me veio um negócio na cabeça, na hora aqui na porta em voltar. Eu disse, não tenho coragem de fazê isso não (S). Porque eu ía ficar pior do que eu tava (*). Se na rua, se não, não... Não devendo nada (*). Se só o passado seu já te condena. Imagina cê sair devendo? Aí não tem mesmo sossêgo...(S).

* * * * *

Aqui a gente vive o tempo procurando fazê alguma coisa sabe? Eu, em meu caso, eu faço um manual né? Tem uns que joga bola, tem o passar o tempo assim arrumando alguma coisa pra você fazê pra passá o

tempo, que aqui dentro o (*), o dia tem doze hora né? Doze hora do dia, doze hora da noite, aqui dentro se torna o dobro porque é difícil de passá.

Então, aqui no caso tem televisão, eu não gosto de televisão, não assisto televisão (*), escuto só o Ratinho só, notícia, só ele e esses negócio (*). Então eu, meu, o meu problema eu mato assim. Eu pego, faço um... Arrumo umas madeirinhas aí que tem umas pessoas que traz aí, fico fazendo manual (*), fazendo carrinho, fazendo uma casinha, fazendo alguma coisinha, e ven..., eu vendo depois, eu arrumo o meu cigarro também. Então eu mato o meu tempo assim.

Agora, tem pessoas que mata de outra maneira, mata jogando bola, tem outros que mata subindo em cima da cadeia indo pra lá, outros dormindo (*). Cada um tem uma maneira de tirar de um de jeito de matar o tempo (S)(*).

Quando cê tem uma ventura a gente lê, eu gosto de lê muito também, leio, escrevê...(S)(*).

Então a gente... Cada um sabe procurar um jeitinho pra tirar ela, pro..., mata o tempo (S).

Mas com tudo tá loco...(*). É o que eu falei, só ficando dois dia, não precisa muito, dois dia. Uma pessoa que enxerga, em dois dia vai ver tanta coisa, coisa assim no ambiente que eu falo aí. O ambiente é carregado, é carregado mesmo (*). É que nem que eu o acompanhasse até um centro de umbanda ou entrá numa igreja de crente, que seja católico. A igreja tá falando só de Deus, Deus aqui, Deus ali, Deus aqui, Deus ali, agora, vai no centro de umbanda só fala satanás aqui, satanás ali. É diferente! Completamente diferente, completamente diferente...(S)(*).

* * * * *

A gente pensa em coisa boa, mas é coisa sabe assim que é:.... uma passaginha assim rápida. A pessoa quando tá presa... Eu vou responder por mim né? A pessoa quando tá preso eu acho que o pensamento dele é só num, num objetivo só, é só de sair daqui (*).

Cê tá numa situação que cê tá...(*). A mesma coisa que você tá foragido com uma cadeira de roda e pensar em jogar bola, não tem condições, eu não vou jogar bola. Então a gente pensa só em sair daqui. Depois, sei lá, na rua cê vai hoje embora, amanhã, depois, você pode pensar, refletir, vê o que cê pode fazer, pode um... Sei lá, pode até vim algum pensamento bom. Mas é que o lugar que eu, no meu caso, no meu caso não vem..., não me vem pensamento do, de infância, de criança, coisas boa que passou comigo. Eu não lembro! Não lembro que isso aqui já não deixa eu lembrá. Eu só lembro o seguinte, eu lembro de, de que eu quero ir embora, quero ir embora, quero ir pra rua, quero sair desse ambiente, quero voltá pro outro ambiente.

Aqui se eu comesse todo o dia filé mignon e na rua eu passando fome, prefiro a rua passando fome, dormir debaixo da ponte passando fome. Eu prefiro rua. Não, na rua eu... Na rua pelo menos eu passando fome, vivendo debaixo da ponte, dá pra abrir minha mente. É, pensar que passa fome, *“Hoje eu tô passando fome mas já tive bem no*

passado quando eu era criança". Agora, aqui não! Vou pensá no quê? Não dá! Não entra! Sei lá, o próprio medo de carregar acho que não deixa.

Quando você quer pensar alguma coisa, vim assim, "*Ah, viu? Tá lá...*", quando vem pra assim eu lembro as passagens do meu pai, da minha mãe né? Umas coisinhas... Mas é uma coisinha que vem assim, tipo uma passageira, assim, vupt, sai fora daqui, eu fiquei no, no jeito, daí...

Vou ser sincero, às vez tava lendo uma coisa assim, lendo um livro, alguma coisa. Às vez parava assim porque alguém vinha puxar conversa (*), parava assim pra conversá, tomava um cafezinho, fumava um cigarro, depois, pegava o livro. Na hora não lembrava mais o que eu tava, o que eu tava lendo, tinha que voltá pra trás, pro começo, pra chegá aonde eu queria tá ali.

Por exemplo, trabalhando aqui né? Então começava um trabalho aqui daí você me chamava. Daí ia te atender. Tá, tudo bem, trocar idéia. Depois, quando eu voltava aqui eu não lembrava, tinha que começá tudo outra vez pra me abrir a memória novamente. Eu chegava aqui porque assim... Eu não lembrava mais (*). Pode? Pode a cabeça... Cê tá num lugar que eu... O pensamento é fugitivo aqui, é só...

Eu não quero dinheiro, eu não quero nada, eu quero só ir embora (*). Só ir embora é o objetivo. Isso no meu caso, agora os casos... Sei lá, se eu conversando com outros aí talvez, talvez eles até tenha sabe? A idéia deles, o pensamento deles talvez seja completamente diferente do meu. Agora, tô falando eu, meu objetivo é esse, luto de tudo quanto é jeito pra vê se eu saio daqui. Mais dentro das condições também, no papel, na, na conforme eles me trouxeram eles mesmo vai tê que me soltar. Pra mim ir embora aí conforme já foi uns cara aí, eu tinha ido faz tempo.

Me arrependi no dia...

No dia eu me arrependi, falei, "*Pôxa! Podia tá na rua!*". Mas hoje eu não tô mais arrependido não. Que eu não tô na rua mas os que foram já morreram também. Uns par dele já morreram. Então sei lá, entre morto, morto na rua e vivo preso, estar vivo preso como... Como tá comendo aqui ó, do bom e do melhor e passando fome na rua (*), prefiro passá fome na rua, passá fome (*), dormir embaixo da ponte que eu tô em liberdade. Então em liberdade eu tô aqui agora, daqui a pouco vou aí, daqui a pouco vou lá. Aqui já não é o causo. Aqui a gente tem só uma alternativa, descer escadinha, ir pro pátio, do pátio ir pro xadrez e é assim por diante. Então um ano nessa aí... Já faz um ano! Um ano! Tem cara que tá tirando três, quatro aí (*). Mas um ano só já é o suficiente. É o que eu falei (*), Deus que ajude que nunca passe (*) por isso aqui, porque o que eu não quero pra mim não quero pros outro. Nunca passe aqui porque (*) tem pessoas que a gente... Guenta aí um ano, dois, três, quatro. Tem pessoa que não guenta uma semana (*) que não vai dá...

Pessoas que eu quero dizê... Eu já tive casos aí... Teve caso um homem foi preso lá em Ribeirão Pires (*), coitado, um homem já de idade, nos seus cinquenta e poucos ano. O homem nunca teve preso na vida dele (*), nunca teve no meio de malandro, nunca teve nada, mais foi acusado por uma mulher. Foi acusado pela mulher que ele abusava da, da menina, coisa que não foi confirmado e nada. O homem ficou uma semana preso. Uma semana não! Quatro, cinco dia (*). Daí, os próprio preso, os próprio preso

começava a falá, “*Esse aqui abusou da menina*” - preso não gosta desse tipo de crime. Vai e é... Vai, começaram pela... Só na ameaça. O homem se viu tão desesperado que ele cortou o cobertor e se enforcou naquele quarto dia. Agora cê imagine um homem desse passá dois, um ano, um ano, três ano num ambiente desse. Quatro dia ele não guentou a pressão, se enforcou (*). Foi, depois vieram saber, o próprio Gil Gomes falou, vieram saber é tudo sem vergonhice, tudo mentira da mulher. A mulher que mandava as duas filhas dela ir lá comprar fiado no armazém. Chegou um determinado tempo o homem cortou o crédito dela porque ela não pagava. Cortou o crédito então ela pegou e arrumou essa aí, que este homem vinha abusando desses duas filhas dela (*). Mas só depois que a polícia já prendeu, que já mandou pra cadeia. Aí, só depois que ele morreu que veio à tona, o homem era inocente, as próprias meninas falaram com a boca delas que foi a mãe que, que incitou elas fazê aquilo lá. Agora cê vê, morreu, se matou! A pressão era tão grande que ele se matou. E quem vai devolver a vida dele? E a polícia que prendeu? Não deu em nada! (*). A mulher ficou sossegada, as meninas, as meninas não tem a culpa, foi pressionada pela mãe pra fazê isso, e o homem em quatro dia morreu. Porque tava num xadrezinho trancado e sentindo pressão por parte da polícia e por parte dos presos né? Que preso não gostam...

Quer ver largar um cara..., um estuprador na cadeia aí, principalmente de criança, esses negócios (*). Se largar meia hora no meio de preso, nossa! Dá até dó sabe? Eu não faço isso porque eu não sou ninguém pra julgá ninguém, só Deus prá julgá. Eu simplesmente não vou aceitá. Se é estuprador, “*Estrupador?*”, “*Então vai pra lá senão saio eu!*”. Mas tem cara mal que ainda pensa assim (*), “*Mal guentá aí um dia, vão até matá. E (*) vai assim...*” (*).

Eles faz assim porque eles num não adota esse crime muito. Maior parte dos presos também têm mulher, tem filho. Então tem cara que rouba, mata, faz a coisa até aqui, mais ele não adota esse tipo de coisa de... Acha que é muita covardia né? Uma pessoa estuprá uma criança ou...

Tem certas coisa que a gente não pode falá que é prá não tá se comprometendo, então a lei aqui é não vi, não sei, é ser mudo, surdo e cego. Daqui não! Em todas as cadeias né? Então às vez a gente quer falá alguma coisa mas não pode sabe? A gente tá exprimido! Não é, não tô é em liberdade. Em liberdade não, em liberdade se o senhor perguntá qualquer coisa a gente pode responder porque a gente tá em liberdade. Só que não tá agora. Aqui eu tô preso, não têm segurança, aí ó não tem tranquilidade. Quando quebra tudo, invade aqui, rebenta tudo, se marcá morre até gente cê entendeu? Então certas coisas que a gente não pode (*) é ouvi, a gente vê, ouve e fica quieto senão compromete a gente mesmo.

Pra mim até seria melhor se isso fosse meus exame criminológico, que o exame criminológico, objetivo dele é dois objetivo só, o te adiantá ou te segurá mais um pouquinho.

O exame criminológico, dependendo do lugar...(*). Eu passei pelo exame da biotipologia que hoje não existe mais, é de lá da da penitenciária (*). Um grupo assim o mais bem formado daqui de São Paulo. Mais foi tudo pra água abaixo também porque houve um causo lá, não sei se o senhor, se o senhor recorda, acho que não é do seu tempo (*).

Ouviu falá de Chico Picadinho? Daqui de São Paulo (*). Um cara boa pinta daí do centro de São Paulo, das, da boca daí da, da boca de lixo (*). Então, o cara que... Ele é boa pinta (*), cara de boa presença, fala bem, bom estudo. Então (*) o quê que acontece? Ele tinha matado uma mulher (*), esquartejado, pôs tudo na mala e encaminhou aí não sei pra onde por via trem esse negócio assim. O quê que acontece? Prenderam lá quando foi que chegou. Por exemplo, vai mandá daqui prá Minas, chegou em Minas pegaram a mala, aí, vai daqui, vai dali, vai daqui, vai dali, descobriram o autor, seria esse Chico Pi... Por isso que o apelido dele é Chico Picadinho, que ele fez picadinho. Ai descobriram o autor (*), mandaram pra cadeia lá na penitenciária. Tá assim de juntas psiquiátrica (*), tem psicólogas, assistente social, psicóloga, psiquiatra, enfim (*) que fazem parte dessa... Daí o quê que acontece? Foram fazê... Ele tirou um determinado prazo da cadeia, seria por exemplo, quinze ano vai (*), ele tá tirando sete, então tá na hora de ele ir embora, “*Vamo fazê o exame criminológico dele*”. Aí, no criminalógico ele convenceu tudo mundo. Hoje isso tá citado em reportagens e em outras coisas lá. Ele conquistou todo mundo porque ele era boa presença, sabia conversá bem, estudou, tem estudo, e tem umas menininhas nova fazendo assim... se formando né? Em psiquiatria. Esses negócio todo influenciou muito nas aparência dele né? Influenciou na aparência o quê que acontece? Deram tudo parecer favorável, deram favorável. Daí pá, me deram tudo favorável, o juiz concede, foi embora. Foi embora, negócio de quinze dia na rua pegou uma outra mulher da vida, mais pilantra que tinha ali na, na região do Brás. Foi lá na boca do lixo, a mais pilantra que tinha ali ele chamou pro hotel cometeu o mesmo crime. Teve relação com ela, esquartejou, jogou na bacia dando descarga lá mesmo. O quê que acontece? Foi preso novamente! Então foi aonde veio à tona tudo esse trabalho de psicologia, de psiquiatra, de tudo. Disse que não tinha validade nenhuma, não tinha, não provou nada né? Porque o... a junta dera o parecer favorável, o cara tava apto ao convívio social, de repente o cara cometeu o mesmo delito. Então foi aonde saiu as conversa que ele, as psicóloga, psiquiatra se basearam pela aparência dele, não pelo, pela cabeça dele (*). Foi onde acabou a psicologia que seria na penitenciária do estado que só que tinha. Então acabou a psicologia e fizeram aquele o COC, atrás da casa de detenção tem um COC. O próprio COC já diz, COC é centro..., não sei o quê criminalógico. É centro...(S)(*). COC, centro... É um negócio assim, eu sei que é centro criminalógico. Então fizeram esse centro criminalógico separado da penitenciária que é pro cara não ter...

Que nem eu, tô toda hora aqui com senhor, mas suposição, tô toda hora aqui com o senhor o senhor já me conhece (*), amanhã, depois, coincidência o senhor tá trabalhando aqui eu venho fazê exame criminológico. Quem vai fazê o meu exame é o senhor, o senhor e eu então já tamo acostumado todo dia junto, todo dia conversando o senhor já sabe quem sou eu, “*Ah Gil! Ah, gente boa...*”, vai me dá o parecer favorável, é onde às vez se engano, aonde o que aconteceu com o homem que o Chico Picadinho trabalhava...

Então trabalhava no meio de todo mundo e pegou amizade com todo mundo. Então na hora de fazê os exame... Não que foi feito um exame

rigoroso com ele. Foi feito um exame simples... O trabalho que o senhor diz aí pra, *“Ah, o Gilmar. O Gilmar eu já conheço”*. Mas precisa conversá com ele. Já faz o exame tipo uma ajuda né? Faz uma ajuda né? Isso aí atrasou, quebrou, derrubou tudo o centro criminalológico lá de a biotipologia (*). Acabou! Aí fizeram o centro criminológico e tá pensando até em... *“Ainda tá até hoje esse cara aí? Esse Chico tá limpadinho! Se regenerou. Seis, sete ano...”*. Então, por causa disso aí que o essa biotipologia foi acabada. Que o... (*) a pessoa, os psicólogos, psiquiatra que íam lá pra julgá...

Nesse caso, nesse caso como eu falei pro senhor, tô acostumado a vim aqui, você já me conhece. Então vai, depois tem vinte aqui pra fazê exame, o senhor pega a lista tem vinte, *“Pô, chame esse aqui. Esse trabalha comigo aqui toda hora, o Gilmar. Então esse aqui cê tira fora. Esse eu passo sem conversá com ele né?”*, cê já me conhece. Foi o caso que aconteceu lá mais se enganaram. As aparência se enganaram né? (*).

O senhor vê aqui na, na, na, em Ribeirão Pires onde eu tava. Em Ribeirão Pires então... se vai... se o... É condenado, vai tirá uma cadeia, a própria juíza nomeia uma (*) psicóloga que vai ali naquela comarca. A psicóloga vem no presídio. Como aqui é lá né? Delegacia ela cobra setenta real pra te fazê exame. Agora, cê tá preso do Estado (*), cê tá no Estado, o juiz que tá pedindo o exame, não é você que tá pedindo não, é o juiz. Há casos ali, há casos, oitenta por cento dos casos o cara não tem o setenta real aqui pra dá...

Só coisa que é errada! Mais... errada e certa né? Pois eles acha certo. Então o quê que acontece? Eles diz, *“O Senhor vem aqui agora. Senhor vai fazê o meu exame. Olha, eu vou fazê seu exame é setenta real”*. Tudo bem. Pôxa, eu não tenho dinheiro. *“Ah, não tem dinheiro? Então cê já perdeu tempo pra ir embora”*. Ele não vai falá com a boca dele mas normalmente, *“Ah, cê não tem dinheiro? Então sai que lá vem outro que tem”*, e assim por diante.

Então eu pergunto pro senhor. O senhor está estudando nessa, nessa parte de psicologia (*), de psiquiatria, esse negócio todo. O senhor acha que uma psicóloga, ou seja uma psiquiatra...(*). Eu tô preso aí cinco, seis ano, ela te chama aqui, em cinco minuto ela tem condições de avaliá minha mente? Me avaliá todo? E é o que acontece lá (*), cinco minuto!

E chega lá e tem mais uma... Senhor faz o exame hoje (*), dependendo, se o cara tiver dinheiro ela toma duas, três vez, e se não tiver não faz, já é reprovado, reprovado sem fazê o exame. Então, eu vou lá, eu tenho dinheiro, eu vou e digo, *“Pra quanto que é o exame?”*, *“Setenta”*. Pronto! Ela faz o exame assim em cinco minuto. *“Onde cê nasceu? Como você chama? É de, de...? É de, de...?”*. Faz o laudo dela e manda do jeito que é dela. Reprovado. Passa aí dois, três meses o juiz manda novamente, ela vem, cê dá mais cinquenta real (*). Há caso de duas, três vezes, daí ela pega e aprova.

Agora, o exame dela... Que nem nós tamo aqui nesse momento, esse parte de tempo que nós tamo conversando aqui já tinha feito tês, quatro exame (*).

Então, pra mim que eu tenho quarenta e sete ano e já passei pelo sistema, já passei por crime conforme o que aconteceu (*) e no COC. Eu, pra mim eu acho que aquele exame ali não tem a mínima validade. Não tem condições um psicóloga ou seja uma psiquiatra chegá aqui, me chamá agora de dentro do presídio, “*Oh fulano? Tudo bem?*”, “*Tudo bom*”, “*Como é que tá? Tudo bem?*”, “*Tá aprovado ou não aprovado*”. Eu tô aprovado ou como não aprovado. É furado isso eu acho né? Que não tem condições uma pessoa em cinco minuto, dez minuto, meia hora que seja, uma hora que seja de avaliá uma pessoa. Como seria no caso igual ao senhor. Senhor vê o Gilmar, conversou comigo hoje, cê tá conversando mais, depois senhor vem novamente. Tem cara que vai fazê exame pelo tempo de um ano, um ano só de fazendo exame. Ele fica aqui ó, um xadrezinho, um montão de xadrezinho sózinho. Então vai lá e conversa, conversa, conversa, conversa, solta ele. Aí passa psicólogo, pega ele, vai lá e conversa, conversa, conversa e solta ele. Aí vem o diretor do, do... tipo um hospital lá né? Do, de, da... não sei o nome que se dá, tipo hospital. Então vem o diretor e conversa com você. Então é uma junta que faz um exame, uma junta. Há muitos não tem condições nem de avaliá, às vezes eles erra que é o caso do Chico Picadinho, erraram. Agora, você imagina uma psicóloga ou uma psiquiatra chegá numa..., no presídio, te tirá em cinco minuto e te avaliá?

Mas é completamente furado numa parte e em outra parte é errado. Porque a partir da hora que a gente veio preso nós tamos na assistência do Estado, meu pai é o Estado, minha mãe é o Estado, tem que me dá tudo, é um perigo aí tá preso. Tá certo que eu errei, eu errei, vou pagá pelo meu erro, mas eu vou ficá pagando pelo meu erro, e eu fazê exame com senhor tenho que pagá? Que eu tenho que pagá. Então ficava na rua (*) cê entendeu? Quer dizer, completamente furado porque o juízo, o juíz que pede o exame, o juíz que pede o exame e eu tô na assistência do Estado, o Estado que tem que pagá, num sai nada pra eles. Porque quando vem uma multa de processo, situação que você solta a gente e se a gente não pagá então vai pra cadeia, então aí é outro caso, aí é a multa, é custa de processoário do caso seu.

Se eu falá pro senhor, esses dia mesmo, chegou ontem, ontem chegou um coitado, tinha duas vaga pro xadrez e jogaram o coitado desse tamanho, magrelão, altão, vinte e dois ano (*). Eu olhei assim e falei, “*Pô, esse cara não é bom da cabeça*” (*). A gente conversando com ele (*) chegou um... Não tinha uma coberta, não tinha um colchão, não tinha nada. Arrumamo, arrumemo chinelo, umas manta, uma toalha, deram pra ele, daí falei, “*Meu irmão quê que cê fez na rua?*” (*), “*Ah, eu roubei*”, “*Cê roubou o quê?*”. Aí olhei assim pra cara do coitado, ele disse, “*Uma barra de chocolate*”. “*Uma barra de chocolate?*”. Tudo bem, ele roubou. Tudo bem! Agora, o senhor vê, uma barrinha de chocolate e a vida do cara tá atrasada.

Aí o Estado gasta um milhão em papel, um milhão em papel prá punir o cara com uma barra de chocolate porque tem processo que... Um processo de uma barrinha de chocolate ele vai um montão de folha, e tira xerox, e tira isso, e tira aquilo, e tira aquilo, e tira aquilo, e põe no

computador. Acaba gastando um milhão de cruzeiro só pra punir o coitado por causa de um chocolate, quer dizer, a vida do...

Aí, conversando com o cara esse cara já teve internado três ou quatro vezes no manicômio, um coitado, toma senetroc, toma esses comprimidos tudo pra cabeça. Pôxa! Será que o delegado ou quem prendeu ele num... Num tem tempo que é certo que tem alguns atarefado, mais pôxa, pelo menos um tempinho de uns cinco minuto, dez minuto pra conversá com a pessoa, *“Como é que foi? Porque você pegou isso?”*. Porque no lugar de gastá um milhão de, de papel pra fazê um processo porque ele não gasta cem real? Vai lá, paga o chocolate, dispensa a vítima, dá um corretivo no cara que seja, dá até um corinho nele, bate, tudo bem que depois ele não pode bate mais eles bate, se se pode ou não pode eles bate de todo jeito. Dava o corinho, punia o cara nessa condições. Não mandá um coitado desse pra cadeia (*).

Agora cê vê, se o coitado vai pro fórum três ou quatro vez, é condução daqui pra lá, vai daqui pra lá, volta, vai e volta, o juiz manda chamá, vai acabá gastando um milhão. Um milhão pra resolver um chocolate. Não seria mais fácil no ato do, da prisão dele, ele te pagá um chocolate, ou deixá quieto isso aí?

Você viu a reportagem? Agora a pouco tempo? De uma mulher (*)? Uma pobrezinha aí? É empregada doméstica que a criança dela, filha dela tava com uma doença. Pois o médico, o médico do, do SUS aí, desses do, do governo aí. O médico passou um montão de remédio pra ela que a menina tá com doença, tá, tá passando mal pelo rim. Foi lá, o médico passou os remédios. Quer dizer, pôxa, tá vendo que a mulher é pobre, passou só a, a receita?

Ela foi com a receita, ela correu São Paulo todo aí (*), e vai daqui, vai aí, não tem dinheiro, pega dinheiro com todo mundo. Pensa... Como tem muitos que pega esmola aí pra tomá cachaça tem muitos... A mulher contando que é prá filha dela mais ninguém acredita. Aí o quê que acontece? Ela foi numa drogaria, foi em outra, depois ela acabou indo no Droga Nossa, lá na, no centro aqui de São Paulo. Lá, pediu os remédios. Pediu os remédio, fizeram o pacotinho (*), o remédio ela pegou, esperou o homem virar de costa - é a única alternativa que ela tinha, cansou de pedi! Pegou o remédio (voz embargada), virou de costa e foi embora. Saiu o segurança atrás dela, pegou ela (*), judiaram dela, levaram pro distrito, foi autuada em fragante. Daí, chegou lá, tinha um, um delegado com um assessor, quis sabê o porque. Aí mandaram buscá a filha, a filha tava mal, quase morre não morre precisando do remédio - e a Droga Nossa toda hora fazendo propaganda da Xuxa, *“Ah, me dá uma ambulância não sei pra quê. Vão dá uma ambulância não sei pra que”*. Toda hora dando uma ambulância. Pôxa! Não dá uma caixinha de remédio pra aquela mulher? Não era mais fácil saber que é a verdade? Sabê a verdade? *“Puxa, sua filha tá passando... Aqui tá o remédio que ela precisa, traz a sua filha se fô o caso”*. Vai, tá com desconfiança? Sai, vamo vê, é isso mesmo? É isso? Dá algum remédio. Acabou!

Eu pago! Eu que não tive que... Se o marginal que salva eu... Se eu tiver na rua, vê uma situação dessa vou lá e pago. Eu acho que se eu pago qualquer outra pessoa paga. Agora, eles acharam mais fácil levar a

mulher prum cano. Daí teve de um advogado não sei da onde, se apresentou um advogado do interior de São Paulo, advogado que se compadeceu. Foi no distrito, pagô, foi na farmácia e pagou a dívida da mulher, mandou a farmácia retirar a queixa, conversou com o delegado pra tirar a mulher pra rua pra ir cuidar da menina. Tá cuidando deles.

Teve que vir um advogado lá do interior pra fazê isso aí! Agora, passou na mão de gente... cara da alta sociedade. Tem gente não tomou conhecimento (*), e o mal se corta pela raíz, o mal se corta pela raíz...! (*).

Agora, essa mulher aí, eles põe ela presa dois, três meses que ela ficá lá. Contaminou a mulher! Contaminou! A mente dela é outra agora! Sai de lá já roubando carteira, saí assaltando banco. Entra (*) tomando pinga sai fumando cocaína (*), cheirando cocaína, assim por diante. Não aprende nada! Aqui desaprende (*). Desaprende sim, aprende o crime, o crime você aprende aqui, coisas boa é mentira...(S).

Então o que está havendo é isso aí. Então cê vê a parte da mulher (*). Eu acho que era mais fácil pagá o remédio pra mulher. Pôxa, Droga Nossa tá toda hora fazendo propaganda da Xuxa, Droga Nossa entrega uma ambulância pra crechê não sei o quê, vai entregá uma ambulância. E depois a ambulância é quinze, vinte mil real, uma caixinha de remédio é pouco pra eles, por quê eles não vem, não paga, não assume a dívida e tira a mulher e até dá uma ajuda pra mulher? Foram fazê isso depois que humilharam. Uma mulher lá do exterior que apareceu, uma advogada que se prontificou. Depois que humilharam, puseram a cara da mulher no jornal como ladrona (*), humilharam bastante. Agora acertaram o ponteiro, primeiro humilharam...

Então eu acho um negócio, é então é tudo através desse governo aí. Barato de, de política, esses negócio todo aí. Aqui que tem mais... Que vem uns componentes da CUT aí, da CUT, do PT, da... Até eu conheço PT como partido terrorista, depois do trabalhador...(*) E nós tivemos nas cadeia, "*E aí? Fez um buraco?*", "*E que vai fugi...*"(*), incentivando o buraco. Acontece, o senhor vê, de ontem pra hoje teve já quatro rebelião. Cê tá acompanhando esses, essas coisas no ar, cê vê...

Então tá tendo quatro, todo dia tem, o que não teve um montão de anos esse ano aqui já passou todos os recordes. Porque? Porque o próprio Estado é... incentiva (*). Incentivar pra vê onde dá isso. É politiquinha. Então o PT não gosta do PMDB, vem agita isso, o outro agita aqui, agita ali. É dessas bagunças do caramba, e nego só aqui (*) no nosso, nós que se dá mal (*) (S).

Então tem muitas coisa já que é errado. No fim sobra prus mais fraco (*). Cê vê, tem restaurante aí (*), tem restaurante aí que os cara coloca placa lá, proibido fumá. Tudo à vez tão falando aí do, no rádio, que é proibido fumá, que tem lugar que tá dando multa, que menor de dezoito agora não pode fumá, que o cigarro é uma droga. Pôxa! Não é fácil ele acabar com isso? Fecha a fábrica! Não, eles quer pegar nós tudo que somo usuário. Por quê que a droga eles não querem pegar o cabeção, o pessoal de trás que ali têm bastante. Eles não pega a Souza Cruz porque não há interesse, nunca se falou nisso (*). Eles qué é dá multinha, revistá como no restaurante.

Certo que não é justo... (*) Cê não vai entra no restaurante prá almoçá e o cê fumando. Não é justo! Sabe que não é justo (*). Mas pra não existir nada mesmo então fechasse os bar, tira tudo cigarro, não era mais fácil? É uma droga? Faz mal não sei pra quê? Faz mal pro coração? Faz mal pro isso pra qui? Mas eles não para? E o mal se corta pela raíz. Não, eles deixa a fábrica continuá pra pô culpa em nós. O que a fábrica não paga, paga nós que é o usuário. Agora, se fecha a fábrica não tem usuário. Acabou usuário (*) então passa a ser uma contravenção. Pegá você com cigarro, é uma droga? Você vai ser autuado, você paga pra isso. Se o soldado pega você já pergunta da onde você arrumou cigarro. Agora, do jeito que tá não... Do jeito que tá ocê pode fumá em qualquer lugar. A fábrica alí ó. Vai lá, fecha a fábrica! Agora com a fábrica ele não mexe que é muito... Vai mexê?

* * * * *

Eu, eu tô com quarenta e sete ano, eu tô vendo a parte política (S). A parte política é desses dez ano pra cá, que eu tô vendo é a essa podridão toda. De dez ano pra cá que eu tô enxergando. Que antigamente isso aí não era mais por baixo dos pano né? Mais, mais sigiloso né? Sei lá, agora não, agora esses escancarado né? Senhor vê, fulano roubou tantos milhão, fulano roubou cinquenta milhão, fulano fez isso, mas ninguém vai pra cadeia, ninguém vai pra cadeia.

O Collor, cê vê, o Collor não sei se... cê ouviu a... Cê acompanhara a reportagem do Collor? Que parte do coitado tá certo. Tem muita gente que não gosta do Collor. Eu, pra mim não fede nem cheira porque nem votá não gosto de votá né? A gente tá preso vai votá o quê? E a gente preso já perde tanta gente de voto. Então o quê que acontece? O Collor assumiu aí. Que ganha uma molecada aí que mexeu com Marinho com esses cara aí. Pegaram uma molecada aí que não sabe nem que tava fazendo, pintaram toda a cara. Tudo bem, de cara já condenaram o Collor, tiraram ele do cargo, impeach... Tá lá. De lá pra cá quem tava envolvido com ele morreu tudo, não tem mais ninguém envolvido, só tá ele mesmo. Ele já tá querendo se candidatá, tá debatendo, ele quer saber o por quê que atacaram ele, qual é a fama. Diz agora que não roubou nada, falou que não roubou ninguém, não roubou nada, não condenou ele nenhum processo. Até que não condene você... Até que prove o contrário já era. Então não deve nada. Então o quê que acontece? É tático, candidata ele outra vez. Entrou com uma liminar aí no, no tribunal se baseando nas pistas. Ele foi condenado antes mesmo de ser julgado, que, *“Ah, erro, erro, cassaram ele”*. Cassaram, já combinaram, já tomaram o poder dele. Agora, por quê que tomaram? Todo mundo sabe, tá todo mundo sabendo que foi patifaria né? Cachorrada! Mais nada provado. Provou quando PC ele foi preso, já morreu, a mãe dele, depois, dava um mês, morreu, o irmão dele que caguetô, morreu. E aí o Collor tá lá, tá querendo se candidatá novamente cê entendeu? Quer dizer, virou em nada. E ele tem razão (*), com tudo, com tudo que ele roubou todo mundo, ele ainda tá com razão, que não tem nada que condene ele, não teve nada que condenou, *“O cê fez isso aí, roubou essa tampinha aqui (*)*. *Você vai ser condenado. Perdeu seu direito*

político ()*". Ele simplesmente perdeu o direito político (*) porque o Marinho, essa alta sociedade aí colocou aquela molecada assim pra fazê impeachment...(*). O homem que abraçou lá que é o Ulisses Guimarães fez o impeachment. Cabou de fazê, passou uns dias já era também, morreu, não se comenta mais. O senhor viu que gozado a morte do, do homem? Caiu o avião no, no, no mar, quatro pessoa, três acharam, o homem até hoje não acharam. Não falaram mais até hoje, não acharam um pedaço dele, não acharam o morto, não acharam nada (*). Até hoje não se toca mais no assunto. Cê ouviu falá mais alguma coisa durante a semana? Não se fala não. Agora o senhor pega uma pedra de, de dez, vinte quilos de ouro, cê joga no fundo do mar e dá notícia pros cara do governo aí (*), "*Puxa, tem uma pedra de ouro lá no fundo do mar*", cê vai vê quanta gente arruma, esvazia o mar pra pegar a pedra. Agora, com o Ulisses Guimarães não teve interesse de achá o cadáver (S).

Pode parecer qualquer cara qualquer hora dessa... O Collor mesmo pode aparecer e falá, "*Não, fui eu que matei o Ulisses Guimarães, fui eu que matei*". E aí? Quem vai prová que foi ele que matou (*)? Não há cadáver não há crime. Sabe que ele morreu, sabe pela boca dos outro, e se ele sumiu aí? Se ele foi pra outro país aí? (*) Se ele sumiu? Se ele não tem nenhuma bronca aí? De certo ele foi pra outro país (*). Agora, então não tá nada explicado. Acharam a mulher do, dele, acharam o, os outro dois que tava junto, mais ele que é o causador do impeachment, que foi o primeiro impeachment que teve no Brasil né? Sumiu! Morreu! Morreu mas ninguém acha ele (*). Todo mundo o mar trouxe à tona, ele não trouxe (*), trouxe a asa do, do avião, trouxe a mulher do outro, trouxe o outro, mas ele...

Então é tudo coisa que ficou em suspense aí? Você sabe que eu... Não sei se acompanhou...(*). Senhor não se recorda quando Tancredo foi candidato a... Ganhou né? Como Presidente de República. Cê recorda isso? (*) Passou uns tempinho, depois que assumiu pra depois e... O Itamar, o Itamar assumiu no, no lugar do, do Collor né? Quem assumiu foi o Sarney né? No lugar do, do Tancredo. Então quê que acontece? (*). O Tancredo ganhou estourado, tudo bem, uma semana depois, ou quinze dia, ou vinte dia, ele baixou hospital com pequena úlcera, sei lá, pequeno bagulho lá. Ali os repórter, os repórte, me lembro como se fosse hoje, os repórte que era, que acompanhava eles, era Antônio Brito e aquela manequim, a que..., a... Uma repórte, era neguinha, que hoje é deputada também. Ela é repórte, de vez em quando ela parece na televisão, é repórte, uma cabritinha até bonitinha... Bom, daí vazou uma conversa, vazou uma conversa (*) que o Tancredo tinha sido... Tinha tomado um tiro, baleado, essa conversa que vazô. Fizem daqui, fizeram dali, pá, pum, morreu Tancredo. Morreu Tancredo. Sumiram (*), sumiram com ele e com essa neguinha. Sumiram! Não se vê mais falá na, na repórte, nada, nada. Passou uns três, quatro ano, veio, voltaram da onde eles foram lá se escondê, esconderam ele. Já voltaram Antônio Brito como deputado federal e a neguinha como deputado não sei o quê. Quer dizer, então pôxa, alguma coisa eles sabe, deram um cala a boca pra ele né? "*Fica no cargo aí até melhorá*". E então alguma coisa ele sabe. Eles quiseram abrir a boca já tiraram eles de lá. E ficou outra morte também... Ficou gozado, ficou no suspense. Ninguém sabe como, como é que foi. A gente sabe como é que foi a morte (*) (S).

O Collor tá já aí se elegendo novamente. Se eleger novamente vai (*) tormentá muita gente. Que fizeram com ele...(S). Que ele mexeu com muitos bacana aí né? (*) Mexer com muitos bacana deu isso aí. Se ele mexe com os pobre tudo ele tava até hoje (*) (S).

Igual agora seu governo Covas aí (*). Cê vê que os cara toda hora com paiaçada aí. Eles não procura saná. O cara tá doente, eles não procura dá, dá remédio pro cara que tá doente sará, eles deixa o cara morre pra depois falá que era o remédio.

Os causo nosso aqui ó, que tá todo mundo vendo aí, todo mundo tá... Qualquer bobo sabe disso, tá tudo... Deixaram quebrado! Que os cara ia quebrando por quê? Por causa da lotação, falta de higiene. Bom, um lugarzinho desse aqui pra vivê um cara? Nós somo preso, somo errado, temos a dívida com, com a justiça, tudo bem, mais não somo nenhum animal. Nem um porco, animal. Animal não é tratado igual que você é tratado. Apesar que aqui é outra conversa, aqui é um... Cada um na sua cama, não tem um... Aqui não tem lotação, mas mesmo não tendo senhor vê como que tá tudo acontecendo. Agora senhor imagine o que tem... Agora os cara tão fazendo... Nós tamos no ano de noventa e sete, já tão programando pro ano dois mil não fazê, não tirá essas crianças da rua, não fazê umas crechê, umas escola pra tirá as criança da rua e fazê penitenciária (S).

Os governadores, os presidente de hoje já tão premeditando essas molecadas aqui pra ir pra penitenciária daqui dois, três ano. Eles não tão pensando nessas criançadas de rua, nesses moleque novo ser amanhã um estudante, ser amanhã alguma coisa. Já tão premeditando fazendo penitenciária pra eles. Que uma penitenciária não vai fazê pra mim... Então, daqui se vai pra usar penitenciária, vai demorar cinco, seis, sete ano, té lá já morri, já era. E vai fazê pras criança quem tem doze ano hoje, daqui cinco, seis ano tem dezoito, já vai estreá ela...(S).

Senhor vê que todos os deputados quando vai se eleger, primeira coisa que eles faz é... Não sou demagogo, primeira coisa senhor pode vê, todo eles, todos que faz isso senhor, pode tirá o cavalo da chuva...

E a criancinha no colo já sabe que é pilantra, pilantra... Os cara que vê um pretinho assim e eles são branco, vê um pretinho eles corre do pretinho. Eles tem o maior medo. Aí, se eles pega, pega e... Mentira! Acabou de panhá!

Já hoje eu não me lembro quase... Até hoje mesmo tava o debate lá. Senhor vê essa obra que nem de São Caetano aqui. Esse homem tá com a bola lá em cima, deram, deram uma verba pra ele... Esse Tortorello aí. Deram uma verba pra ele reformá cadeia. Aquela cadeinha da Goiás ali. Essa verba sabe o que ele fez? Ele teve que explicá isso, depois se saíram bem, *“Porque eu vou reformá cadeia?”*, *“Vou é por é creche, escola pras criança não ter um..., uma...”*. Foi feita a pesquisa, não tem uma criança em São Caetano sem escola. Qual outro bairro aí, outra cidadezinha que não tem, não tem uma, uma fora da escola (*)? *“Deixá o dinheiro aqui na... Pra reformá a cadeia? Vou reformá cadeia pra quê? Pra pôr essas criança amanhã depois lá? Vou fazê uma escola prá por essas criança aqui pra não precisá fazê uma cadeia amanhã depois pra elas”*. É o certo, fazendo o dia de amanhã. E tava hoje debatendo, tava até causando poblema pra eles lá que saíu fora. Se saíu bem.

Tá tendo essas conversa aí de fazê cadeia, tão vendendo a casa de detenção, já venderam a casa... (*) pra fazê vinte e um presídio, vinte e um. Ele vai fazê nove com a capacidade da detenção e o resto para preso que tá se formando, quem vai virando ladrão, quem vai vim pra eles colocá lá vai fazê um lugar que... Em lugar de os cara fazê uma escola, uma crechê, umas coisa de benefício. Não! Eles tão fazendo penitenciária! Eles já tão prevendo isso aí...

A televisão mesmo, a gente olha a televisão (*), olha para a televisão. Que a televisão fala de tanto roubo. Que os cara meu tem uma, um carregamento de pedras preciosas que era pra ser posto aí não sei aonde, no exterior, aí, sumiu, é, hoje falando, *“Ah, mais não fui eu, foi o meu filho”*, *“Pô, mais responsabilidade é sua, entreguei isso aqui na sua mão pro cê guardá (*)*. *Se cê deu na mão do seu filho não quero sabê”*, *“Seu filho é político...”*, *“Político é você, então vô punir você”*, *“Não!”*, falou, *“Ah, foi meu filho (*)”*. Já acabou! Esse deu o fim, acabou, ninguém pode nem falá essa parte. Cheio de milhões, abriu a caderneta de poupança aí...

Tempo que eu era moleque a Delfim recadou dinheiro de todo mundo e faliu. Já era! Não deu nada! Não deu um dia pra ele. O Collor roubou o país todo aí. Não deu um dia pra ele! E continua, e continua tudo no poder, continua tudo a mesma coisa (*) (S).

O cê vê, o papa veio... O papa veio pro, pro Brasil... (S). Eles limparam o Rio todinho, varreram a rua, pintaram tudo, gastaram milhões e milhões pro papa ver que é tão bom. Agora vai vim essa semana o outro aí. Vai vim o Bill Clinton. Mais não sei quantos milhões que vai ser dado pra segurança do Bill Clinton. O Clinton pode largar ele aqui na rua, mesmo que ninguém gosta dele ninguém vai matá ele, ninguém conhece ele (*). Não é o caso do papa né? Até o papa... Se pegou o papa lá, se ninguém nem viu (*) pegá o papa, tira aquela roupa dele lá coloca uma roupa normal, solta ele na rua aí ninguém vai matá ele, o sigilo é a segurança dele né (*)? E o Bill Clinton? Vai levá o dinheiro lá tudo pra lá pra quê? Pra vê problema de droga no país dele. Não é nosso país o problema de droga, é no país dele. Vai trazê não sei quantos milhões para investir na companhia da droga que vai favorecer o país dele lá. Porque aqui a rota da droga... A droga sai de lá mas vem pra cá, e daqui vai pra outros lugar. Pôxa, sai lá da terra dele. O que ele quer fazê aqui? Quer o... O que ele quer aqui? Tem é que puni é lá (*). Não deixá ele saí lá. Se ele tá lá não deixar ele sair, eles quer sair daqui. É tudo paiaçada, tudo safadeza pra rumá algum dinheiro (S).

A droga, senhor vê no centro de São Paulo mesmo tem (*), tem um lugar, a rua da boca do lixo lá (*). Já tem um nome, cracolândia. O senhor passa lá agora, de noite, qualquer hora no centro de São Paulo atrás do DEIC. É moleque, criança, menina, menino, véia, véio (*) tudo fumando crack. Polícia passa mas não tem aonde pôr. Este aí vai pô aonde? (S).

Pega aqui tem que levá ali, chega ali tá entupido lá. Vai continuá lá... Agora, o senhor não vê a mentira porque o senhor não vê ninguém ir lá e pegar uma criança daquela lá, adotá, falá, *“Não”*. É, só quer adotá aquelas criancinhas de zoinho azulzinho bonito que tá nascendo agora na crechê. Tá lá na, no hospital, nasceu, que não sabe de nada eles

pega e adota. Mais adotá uma de, de rua assim é mentira, ninguém adota, é raro, raro, raro, raro (S).

Esse coitado que chegou aí. O cara que roubou uma barra de chocolate. Senhor acha que tinha de está preso assim um cara desse (*)? Não tinha, não tinha! E aí tem muitos dele, tem muitos...(*). Esse Zé Mané da bronca, esse cara que eu tava conversando com ele. Ele roubou a barra de chocolate, daí eu perguntei, “*Mas você é viciado? Droga, alguma coisa assim?*”, “*É, sou viciado*”, “*Cê é viciado no quê?*” (*), “*Fenergan*” (*). Não é que ele é viciado, Fenegan é remédio pra cabeça (*), pro coração, cabeça, sei lá, então viciou né? Nesse remédio... “*Mas você pegou o chocolate pra quê?*”, “*Não, eu peguei pra comê*”. Ochê, trazê um cara desse pra cadeia? Paiaçada! (*). Aí cê fala com delegado, “*Ah, mas é meu serviço*”. Pôxa, no serviço a gente faz vinte ladrão por dia, dá uma oportunidade pra um, dá uma oportunidade pra um. No caso, esse aí não é ladrão (*). Ele roubou um chocolate é ladrão? (*) Aí ele disse que ia cortar o mal pela raiz mas este mal não tá cortando, este mal tá virando mais um marginal. Que agora ele ficá aí preso quatro, cinco mês aí preso por causa de um chocolate, “*Esse é ladrão?*”, “*Não?*”. Não prende que aprende. Aqui é escolinha.

É mentira, o moleque que vai pro juizado de menor, de cem, oitenta, mais de oitenta... Vou por menos né? Oitenta de cem que vai pra Febem, oitenta vem parar aqui novamente, vira criminoso. É mentira que não ensina nada. Vai desensiná, desaprendê, ensiná o crime (S).

É mesmo assim... Cadeia mesma coisa. Cara vem pra cadeia, ele vem roubando um chocolate né? Quando ele sai, sai matando, sai..., tá revoltado com isso aí, diz, “*Pôxa, oh..., pôs aí mesmo, pensa que nós tá pensando aqui, eu tô pensando. Pôxa, eu roubei um chocolate* (*), *desgraçaram a minha vida por causa de um chocolate, então agora eu vou roubá coisa boa*”. Vai roubá (*) (S).

E daí por diante senhor é uma, uma... Se eu quero tê a vida real é tudo essas podridão aí, essas patifaria toda aí. Porque é tu, tudo do governo (*).

No governo do Sarney era bem melhor. Olha, do Sarney pra cá piorou tudo (*). No governo do Sarney tinha uma cadeia aí, a gente tinha direito de ir embora, ía embora senhor!

Desses negócio aqui ó de quinhentos preso, quinhentos preso aí? Se você passá no papel mesmo, no papel certinho, duzentos e cinquenta tem direito a ir embora (S). Agora, cê vai pedir é o que o cara tava falando dele a pouco, disse que não tem nenhuma política. A cadeia tá lotada. Então o senhor é diretor, pega o papel aqui (*), espera pro senhor, pro senhor mandá a transferência aí (*). Se a cadeia que o senhor me mandá é pra Marília, que eu tenho meus familiar lá, aí dissé não, dá é esse negócio aí. Aí passô o outro (*) (S). Nem resposta (*). Nem resposta! (*). Aí o que acontece? Quebra a cadeia (*), quebra, arreventa tudo. Aí que vai tomá conhecimento. Aí que ele vai vê ali e dizê, “*Esse aí vai..., esse vai..., esse já vai primeiro*”. Depois que quebrou tudo ele sempre manda (*). Não dá prá entendê a política dos cara.

Agora os político já tão debatendo aí, já tão falando que isso aí é tudo coisa de armação, tudo armação, tão dizendo que nesses preso não se

investe (*), ao contrário, “*Rebelião? Rebelião? Deixa quebrar lá, deixa eles no relento*”. Se você não quebrá pra não deixá a política... Eles são do veneno porque nunca vale um por aqui, “Ó”, eles diz, “*Chama o pedreiro* (*), *cobra isso, cobra aquilo. Essa deu quanto? Cinco mil? É? Põe cinquenta, pronto!* (*). *Favoreceu?*”. Então se não quebra nada não tem onde ele gastá, “*Orra! Então não tem que gastá não?*”. Que tudo pra eles lá ía...(*). Então ele deixa tudo quebrá assim...

Cê é (*) cansado de vê de lá o distrito saí três de lá de dentro, um delegado, diretor, falá, “*Quer por fogo? Põe fogo!*”. Nossa Senhora eu quero saí daqui depressa que nem... Cansei de vê o delegado mais o diretor de uma cadeia umas dez vez fazê isso, “*Oh doutô, tá muito lotado, nós vamo pô fogo nisso*”, o delegado pegava o isqueiro, “*Queimá? Eu quero mais que vocês põe mesmo...*” (S).

O dia que veio ajuda lá, que quebraram toda a cadeia, veio a juíza, jogaram um bocado de colchão no pátio, puseram fogo, os bombeiro veio, apagou, mas continuou os colchão lá né? Tudo molhado. Aí a juíza lá de cima disse - na hora ele são tudo covarde, eles sai fora, não assume o que eles falaram. É, a juíza e o delegado lá do lado dela, e nós dissemos, “*Joga o isqueiro pra nós pô fogo* (*). *Dá o isqueiro aí pra nós pô fogo, por quê que o senhor não dá agora?*”, que ele tá do lado da juíza, “*E eu não, e eu não*”, - “*Cê toda hora dá o isqueiro pra nós pô fogo, dá agora que a juíza tá aí. Oh, dá* (*)”, - “*Não, não, vamo conversá*”, - “*Ah! Agora senhor quer conversá...*”. Cê entendeu que às vez ele fala da juíza, de tudo é... pô fogo, pô fogo... - “*Ponha o senhor*”. Cansei de vê ele oferece isqueiro pro... (*) (S). “*De preferência cês põe fogo quando vocês tivê tudo trancado*”. Que é pra nós morre! “*É fogo? Pode pô fogo*”. Coitado, deram o isqueiro pra pô fogo ele não...

Toda rebelião daí quebra tudo. Quebra tudo! E de lá, “*Quanto é? Vinte conto pra rumá? Vinte, cinquenta conto pra arrumá? Trinta?*”. Eles vão e então leva...

Eu tô cheio com a próxima rebelião, é comédia. A verdade é essa, nós tamo numa época, nós tamo numa época que infelizmente, infelizmente a política é crença (*). Crença que eu quero dizê é assim, eu creio, cê crê, todo mundo crê. Mais o que eu dizê em geral assim é, a política, a igreja perto do cartório, virou um bagulho diferente, virou um comércio, não é mais... É comércio, comércio.

O meu tempo de moleque com oito, dez ano de idade, corria atrás de qualquer lugar em Santo André, São Caetano, São Bernardo, São Paulo, qualquer lugar as igrejas católica era festa dia e noite. Tivesse garoando assim de madrugada, tivesse chovendo a gente podia se esconder dentro de uma igreja esperando passá a chuva sentado no banquinho lá. Tinha dessa... Tinha maloqueiro que durmia dentro da, da igreja. Com sete horas o padre vai lá e tira mas tudo bem. Hoje não! Hoje a igreja tem horário pra fechá (*), horário pra abrir. Abriu oito hora, das oito às oito, se você fô pedir uma missa pra uma pessoa sua que morreu cê tem que pagá porque senão não tem missa. Mas que igreja essa do povo? Que, que, que padre? Que, que é aquilo lá? Não tô entendendo! A igreja fechá? É do comércio? É uma padaria prá abrir às oito da manhã fecha às oito da tarde?

O cê pra morre cê tem que pagá, pra vive cê tem que pagá, pra nascê cê tem que pagá, prá tudo cê tem que pagá...(S).

Cê vai fazê uma, pedir uma oração, uma, uma missa, tem que pagá, cê vai casá cê tem que pagá. Faz nada de graça! Tudo bem, isso é pra manutenção da igreja, tudo bem a manutenção, mas vira e mexe o padre tá correndo as causas, pedindo dinheiro, donativo, isso, aquilo, a torto, fazê uma quermesse, fazê uma coisa, uma coisa ou outra, e igreja de padre...

Tem uma igreja lá na minha casa, lá na minha, no meu bairro lá que, perto de casa de... Faz o quê? Quarenta e sete eu nasci lá e ainda não acabou a reforma, nunca acaba! E sempre alguma coisinha pra fazê. Muda padre, troca padre, muda padre, troca padre mas a igreja tá sempre em reforma. É claro, acho que eles arma um...(*). O padre tem um jipe importado e tem volks, tem um monza, o padre anda de monza. Pôxa, num tá na cara de todo mundo vendo? Assim mesmo...(*) (S).

O outro, o Edir Macedo (*). Esse aí já é uma máfia de, de senhor vê. Tem gente que gosta, tem gente que não gosta, eu falo protestando o que eu vi os outro falá também, porque eu não, não sei nem quem é. Mas um homem que é de Deus, é servo de Deus... O homem tem mil e tantas igreja, já passou aí batendo Maracanã, os empregados dele carregando um saco de dinheiro, foi mais do que provado... Chega lá uma igreja dele lá, ele coloca seis, sete aleijado lá de carrinho de rodas, faz uma oração lá de grupo, quem nem o aleijado do grupo, aí pega, levanta os cara, "Ah, tá bom", aí passa com o saquinho, olha, "*Quem não pode dá dez real? Dez real?*", tá, põe no saco, "*Quem não pode dá dez? O povo com Deus é muito, muito, sem Deus é nada, que dê cinco*", aí passa o saco com cinco, "*Prá, prá, prá...*", "*Quem não pode dá cinco dê quatro, prá, prá, prá...*", novamente, "*Quem não pode dá quatro dá dois, prá, prá, prá*", "*Quem não pode dá dois dá um*". Moral da história, de dez cê chega até um e pega de todo mundo, enche o saco e vai embora (*) (S). Descaradamente!

Agora cê vê, é um servo de Deus (*). Senhor quer proteção maior? Maior, maior do que Deus? Não existe! Eu acho que a proteção de Deus é maior do que todos (*). O homem anda numa limusine prova de bala, segurança, todo... Mas ele próprio não confia em Deus. Ele próprio não confia em Deus. Uma pessoa confia em Deus pode andá a vontade aí. Só fez o bem... Quem só fez o bem confia em Deus. Pra quê você quer guarda costa? Prá quê cê quer carro blindado? (*) (S).

Então, quer dizer, não dá pra entendê! É o bicho e ele tá ruim da... E se é um servo de Deus? E se eu sou um servo de Deus eu ando na rua a vontade... Não é verdade? (S).

Quer dizer, só não vê quem não quer... Em vez a gente é pobre. A gente vê tudo isso. Eu tô nisso aí já tempo, não pode fazê nada tá (*) (S). Mas é descaradamente, descaradamente.

Os cara parece aí. Tudo hora passa na televisão o roubo, as pilantragens deles (S). As pilantragens dele vão... Vai lá pra cadeia. Uma cadeia com ar condicionado, geladeira, vídeo, televisão a cores, e controla a firma deles lá de dentro mesmo. Os empregados deles entra lá, o guarda é empregado dele, o fulano, diretor, é amigo dele. É essas pilantragens. Cadeia assim tira fácil. Tem a família toda pra ficá à vontade. Leva a família pra cadeia pra ficá todo mundo à vontade (*). Agora, põe eles aqui

na situação dessa aqui dois, três dia, prá vê como eles pede, eles dava o último milhão que acho que eles tem, eles dá tudo pra saí daí (*). É outra conversa a cadeia de pobre. É cadeia... É uma pilantragem! (*).

Há um esqueminha, esqueminha de..., "*Põe aqui, põe lá no distrito que dá pra ir embora; põe um aqui...*". Maior patifaria esse comércio! Tô falando que é comércio. Não existe lei! Não existe justiça! Justiça vai, sente, é assim a justiça, a justiça de Deus, aí é...(S)(*).

Se o senhor matá alguém (*) e tiver um dinheiro (*) quem vai pagá a justiça é o senhor. Pega um advogado bom, advogado muda a lei, muda tudo. O que faz a justiça é a gente mesmo.

* * * * *

Eu nunca chegava... Não cheguei imaginá sobre o (*)... Eu não cheguei imaginá porque vou ser sincero com o senhor, conforme eu falei, em tempo de moleque meu..., eu sofri muito, então quando chegou eu fui me envolvido assim... Chegou tipo assim, dezoito, dezenove ano de idade (*), quando eu fui perceber eu já tava preso (*), não deu tempo de mim pensá o que fosse uma cadeia, é assim ou é assado (*).

Que Deus queira... Talvez se eu repetisse... É o que eu falei pro senhor, a gente não pode voltar atrás, se pudesse voltar atrás eu daria tudo o que eu tenho na vida, não tenho nada mais daria tudo quanto... prá num tá num lugar desse, não cê malandro. Daria tudo! Mas infelizmente...(*).

Cheguei numa situação que quando eu fui me..., fui abri os olhos já tava perdido, já tava.... Daí vem aquele conversa, "*Pôxa, mas cê não pode se arrepender?*". Arrependido eu tô, arrependido eu tô, arrependido eu tô mais... (*). Eu nu... Quero sabê o seguinte, se eu saí daqui e não fô minha mãe, uma irmã minha ou um pessoal meu pra me ajudá, mentira depois vai me ajudá. Não ajuda! A maior parte da sociedade, noventa por cento da sociedade, se o cê chegá, "*Ex-presidiário*", não quer conversá com o cê não! (*) Uma desconfiança. Outra porque já é preconceito mesmo e assim por diante. Ele não quer isso é... Então eu não cheguei a pensá que no meu tempo..., dezess...

* * * * *

O prisioneiro é isso que o senhor tá vendo aí todo o dia aí, o quebra-quebra, quebra-quebra. Então, se eu perguntá pro cê hoje, do pro cê pensá?

Porque, porque você pega um rádio, uma televisão, tá passando toda hora essas rebeliões, esses negócio, fumando droga ali, o outro roubando ali, pá, "*Puxa, posso pular naquele ali*". Vai ficá rodeado. Então cê já (*) fica esperto.

Lá no meu tempo, em sessenta e oito, sessenta e nove, não tinha isso de(*) as cadeias é uma rixa. Ela tinha uma rixa você era condenado... Eu, no meu caso, fui condenado primeira cadeia ali, eu peguei sete no julgamento, tirei o sete. Hoje, com sete ano cê não tira dois que tem liberdade condicional, você tem albergue, você tem semi-aberto (*). No

meu tempo era do tempo da ditadura (*), então não tinha isso. Era cinco ano de cadeia? Cinco anos! (*). Era época que dava condições da gente (*) parar mesmo (*). Mas eu fui envolvido numa tal maneira senhor, que eu parava...

Pra mim, tinha época que quando eu fui preso, quando saía da cadeia, depois vim pra cá, vim pra outra cadeia, fico em casa com o...(*).

Que nem eu falei pro senhor problema com meu pai tá? Então, eu, pra afastá do problema do meu pai da minha casa, eu acabo me jogando na rua e cabava arrumando cadeia pra mim. O meu caso não é o caso de todos né? Também não é porque meu pai fazia, acontecia, batia, pá, e levou eu pro meio que é preso. Senhor sabe que, que é errado, "*Cê não vai? Eu vou!*". Eu fazia de... Pode, pode influenciá, mais o dizê que fulano que levou sicrano aquele negócio é mentira, porque cê sabe que jogá na ponte cê não vai se jogá atrás dele, jogar por isso cê não vai se jogá atrás dele. Ele disse, ele vai arrumá um dinheiro, cê vai atrás dele porque vai haver dinheiro então... Mas se fô um ladrão cê não vai (*). Então, quer dizer, é, eu acho né? Na cabeça de ninguém ele errou outra vez não. Eu mesmo foi porque achei que não devia ir (*). Achei que não devia ir. Sei lá o... (*) problema né? Não sei, nem eu sei explicá... (*).

Então na minha época de moleque, infancia lá pra cá, eu tô, tô manchado até, até agora. Se na minha época acontecesse isso que tá acontecendo hoje, eu jamais, jamais estaria num lugar desse, jamais ía me envolvê com crime, fazê uma podridão desse correndo o risco, um risco duro. Mas não tinha nada disso, hoje tem esses preso aí ó...

* * * * *

Na época da ditadura a prisão diferenciava muito. Era a época da ditadura naquela época. Até político ia preso, apanhava no DOPS esses negócio... Meio de terapia. Então, as condições de você se regenerá (*), as condições de você se regenerá era bem maior do que a de hoje, é, bem maior, e teve tempo que a gente...

As condições da penalidade da, da punição... Que nem, eu tomei um, uma pulseira, eu peguei sete ano de cadeia. Peguei o certo porque você era punido, cê era punido nas, na vista mesmo, na, na... Você tinha que andá direito aí!

Bigode! O nome, você entrega o nome, nome você não tem mais, você entrou na penitenciária o seu nome já era, na matrícula você perde o nome, você perde o bigode. Primeira coisa cê vai trabalhá pra comprar o caixão seu. Cê não sabe se vai entrá... Cê não sabe senhor você vai sair (*). Primeira coisa que faz... (*) Cê vai na penitenciária que nem essa do Estado aqui, a primeira coisa que você fazia, "*Aonde cê mora?*", "*No caso de morte avisá quem?*", - "*É tal*", - "*Tá bom*". Os primeiro mês ocê vai trabalhá os primeiro mês aqui (*) pra pagá seu caixão. Há causos que, depois, se acontecesse de cê morre doente ou matá lá, você já tem caixão pago, e há causos que você paga o caixão, cê vai embora dez mês o caixão tá lá, nem se... nem usa ele né?

O Sistema antigamente era completamente diferente. Hoje não, hoje isso aqui é...(*). Com tudo, com tudo, com tudo, é::... Polícia não tem controle mais com os presos, tá perdendo controle essa é a verdade...

Antes tinha um controle, um controle dos presos. Lá, você além de ser punido, se fui o que eu roubei (*) eu sou punido, você vê polícia, você vai punido. Punido é sentido de vou ter que acompanhá as regras que o senhor determiná. Então ali (*) se eu sair daquela regra senhor vai me puni, senhor tá ali me acompanhando direto. Agora, do jeito que tá aqui, quando amarrá, não sei se vê um funcionário aí. Isso aí é um problema aí de morte aí, de..., “Vo...”, “Vou morrer”, “Eu vou matá”. Então o funcionário até entrá ele já foi enterrado. Então...

Naquela época não era assim não, era comunicado, na hora resolvia, resolvia tudo na hora. Aliás, não precisava nem comunicá senhor, o dia-a-dia era direto, pois, conforme o você tava, tinha sempre algum funcionário, sempre alguém de olho em você você entendeu? Hoje não! Hoje você fica aqui na última cadeia aí... Antes dava uma segurança, hoje já não tem mais.

Hoje o coitado dos funcionário, que eu falo coitado sim porque... eles (*) é funcionário, eu sou preso, mas eu, eu...(*). Sei lá, a minha minha cabeça, minha opinião (*), eu nunca ofendi um deles, nunca vou ofendê, nunca vou fazê um mal pra eles porque eu sei, eu entendo porque eles estão no serviço deles (*). É, mais prá certos cara aí pegá um funcionário desse, entrá dentro do meio de preso. Nossa! (*) Vira pastel na hora. Eles pensa a cabeça deles é outra cabeça (*), funcionário é polícia, ladrão não tem problema, marginal é marginal e polícia é polícia, tem que matá. É que... É::... A minha cabeça não é assim, a minha cabeça, a minha é... Acho que todo mundo é ser humano. Eu errei eu vou pagá pelo meu erro, então, nesse presídio, o funcionário ele me trata com respeito eu vou tratá ele com respeito, não vou...

Senhor acredita que desde que eu entrou a um ano aqui, entrou um ano, as duas vezes que eu saí daqui foi as duas vezes que eu vim conversá com o senhor? Duas vez que eu saí. Nunca me tiraram. Também não quero saí pra nada, não quero conversá nada, não quero. Quero sim igual aqui, com eles não quero papo, não vai me adiantá, vou pedi pra me mandá embora? Não vai me mandá. Vou pedí? Não vai me adiantá (*) em nada.

Agora o senhor vê, a mulherzinha, a coitada que tava ajudando a nós, só ela que tava, a Mariangela. Vê a coitada, querendo ajuda nós, reformaram a cadeia e tudo, sempre quer ajudá (S)(*). Agora, vai explicá pra ela que num é todo mundo, é uma minoria que fez isso, ela já vai ficá...

Eu (*), é::... Os preso, não é os presos, os presos eu faço parte dos presos aí você entendeu? O que aqui tá punindo a cadeia toda, coisa que isso aí é uma meia dúzia de, de cara que... Se eles pensarem jamais íam fazê isso. Prá vê o quanto eles são burro, a salinha do senhor atendê ali, quebraram tudo, atrasado. A salinha de advogada atendê a gente, quebraram. Dentista, quebraram. Enfermaria, quebraram (*). E agora? O lá o controle de dentro vão dizer a gente não quer dentista não, “Vocês quebraram tudo, vocês tão (*)aí...”. Tô com a perna machucada do...(*),

“Quer tomar remédio? Enfermaria? Vocês não quebraram tudo?”, já era, “Fez?”.

Então tudo burrice senhor. Burrice! Que se o malandro ou todos...

Aqui, infelizmente (*), essa, essa população carcerária é..., ou qualquer outra população carcerária. Se o senhor participasse um... fazê um check up geral deles aqui mesmo (*), setenta é, setenta por cento é analfabeto. Setenta por cento não sabe ler e escrever o nem de sequer o nome (*). Então acontecesse é...

O cara que tem uma família, que tem um estudo... Talvez os coitados são analfabetos até tenha a família, as condições também nem deu prá necessitá o... Sei lá como ele tem.... Mais... Se tivesse esses caras que pelo menos tivesse um pouquinho de, de cabeça, se ligasse um pouquinho, tivesse uma família, acho que ele não ia fazê isso aí, ao contrário.

“Há rebelião?”. Eles estão esperando a gente quebrar, *“Ah, hoje vamo quebrar tudo agora, legal, nós vamo arrumá...”.* Qualquer um diz, *“Não, não quebra nada. Oh, quebrar tudo?”.* Não quebraram nada. Cê faz um veneno apagá veneno deles, iguais eles faz com a gente sabe? Senão, o jogo, é, um dia nós que temos que matá.

Vai vir um funcionário daí, funcionário, *“Isso daí é ruim, é ruim”.* Então o quê que acontece? Esse aí, eu, por mim não..., por mim ele vai viver o resto da vida dele (*), mais, um desses aí se entrar aí, lá dentro aí, contecê uma rebelião dos cara - até aí já é o...

Apesar que ele também plantou isso aí né? Ele que plantou. Ninguém faz nada pra ninguém de graça senhor. Ninguém faz nada hoje de graça (*). Cada um colhe o que planta não é? Esse não... Sei lá. Ele plantou isso aí ó. O preso nenhum gosta dele, o Manguelão. Porque aqui (*), quando ele chega esculacha os outros, quando chega, bateu, humilhá (*). Então ninguém gosta dele não senhor. Os cara tão na marcação dele. Poblema desse aí, se o cara bobiá ele já era, já era! Então, ele mesmo criou esse crime pra ele (*) (S). O melhor que ele faz é, ó, saí fora, ir pra outro lugar e por outro no lugar dele de... Ele vai dançá! Uma hora, numa surpresa, os cara escapa, ele já era (*) (S).

Então essas coisas de, de cadeia (S).

Com o tempo, com o tempo deixa eles, pára de reformá isso tudo, com tempo (*) cê vai dá uma giradinha, vai lá pra dentro, o senhor vai vê com os olhos do senhor só prá ver como é que ficou (S). É embaçado, embaçado... (*).

Eu daria tudo que eu tenho pra voltar tudo estaca zero viu? Mas infelizmente, infelizmente tenho que ser o que é mesmo (*). Não tem jeito! Não tem jeito.

Agora, depois de velho, cheio de filho, não tem mais aonde te pegá. Louco pra ir embora.

Cê vê meu caso, eu tô..., passei de três... Então, se eu não corrê atrás ninguém vai pra mim. Vai corre assim..., *“Deixa um carro aí”.* Vê se os funcionários, se eles tem interesse? Tem nada! Interesse que fique aí, sei lá, se tiver é..., com comissão viu? Na marmita. Uma coisa assim...

*

*

*

*

*

*

*

Os segurança, alguns da polícia aí, eles pensam que são (*) autoridade máxima (*). Então o quê que acontece? Tem uns, se você errá, eles não comunicam o diretor já que dominaram eles mesmo, já põe já...(*). Faz paiaçada!

É o que eu falei, tem cara que tem... Ele é carcereiro mas (*) na cabeça dele ele manda mais que o diretor, se diz os causos dos caxias né? Se diz caxia então os cara rígido, mas não é rígido não, rígido em partes, se chegá um milionário aí, os... esses rígidos faz mesmo, vai tudo em cima de nós aí batendo mesmo, eles abre as pernas e manda sentá (S).

Nóis já.. Há casos aí senhor, coitado de funcionários aí, que vem aí pra trabalhá, pra ganhá o dia-a-dia dele, num fala de preso, troca idéia, num desrespeita, num... Que nem no meu caso, foi agora me chamar, “*Oh, seu Gilmar? É psicólogo*”, tudo bem, já sabia que era o senhor, “*É, o senhor vai lá na triagem...*”, tudo bem, eu mesmo vim sózinho, se é um outro, já vem aqui querendo trazer a gente na marra sabe? Querer impor, mostrá pro senhor que ele é polícia, é essa zona toda. Tem que ser vivo senão é um pega pra capá.

Tem uns rígido, é rígido memo, que pensa que ele é rígido, não é fácil de vê. Que nem, trabalha de funcionário, tem vinte funcionário aí, dezenove afrochô, você sabe que não vai armar nada, vai arrumá só inimizade, só pra cabeça. Por quê que um, um quer que se o...? (*) Entre o...? O sistema de dezenove também já era? Não! Só tem que ter um porque é em... Tem o caráter de que quer ser o mais. Esse aí mesmo, esse aí foi... Se os cara pega ele na cadeia ele tá morto mesmo (S)(*).

Porque essa mentalidade aí? De judiá, humilhá? Ele não é pra isso! A gente vê funcionário a gente tem... Ele já quer fazê just..., “*O quê que você roubou? Por quê você roubou isso?*”, (*) “*Pá, pá*”. Não é por aí! Não é por aí. Se eu endireitasse alguém eu seria o cara mais honesto que tem lá no monte. Eu já apanhei pra caramba, ao contrário, deixa você mais sem vergonha, pau não endireita ninguém não... Mais endireita mais diálogo, conversa eu acho que sim, se pau endireitasse... Pôxa, eu já nasci apanhando! Nasci apanhando, apanhando. Passei na mão da polícia, apanhei também, continuo apanhando. Não tem direito, não tem direito. Eu nunca fiz mal pra ninguém também não, o meu negócio sempre foi pegá carro. É, o carro estava estacionado na rua aí... E ne sei nem quem é o dono, nunca ofendia a moral, a integridade física de ninguém. Nunca! Ninguém! Não é do meu feitio isso aí (S)(*). A mais...(S).

Se eu abrisse os olhos no meu tempo jamais eu ia tá nessa. Jamais! Mais infelizmente agora é tarde pra mim, cê não tem como sair.

O cê envolve com vício, com droga, vamo supor, o traficante pra você, pra quem envolve você fica de graça a droga, “*Olha*” (*), “*Toma aí tó*”, - “*Uso não!*”, - “*Ah, usa aí! Usa aí!*”. Usa até te contaminá. Contaminou? Tá viciado? Tá viciado? Aí eles pára tudo o que ele te deu, e vai então com eles assim... Contaminou tá contaminado! Então, depois, eles põe ele no esquema dele lá...(*), prá..., prá matá com ele, e é assim por diante.

O crime é a mesma coisa. O crime, depois que cê entrou pra sair é difícil, só se cê ganhá Telesena (*), o jogo, a Telesena (*). Se eu

jogá e eu ganhá, daí cabou o crime prá você, porque você tá cheio de dinheiro, cê vai lá você limpa seu nome. Agora, tirando isso aí, nunca mais vai ser ninguém (S). Eu nunca, até agora...(S).

Esses que ficaram, que arrumaram qualquer coisinha mesmo, que arrumaram... Foi roubando mesmo! Porque trabalhando...(S). Trabalhando só se for gente... Pessoas honestas mesmo, porque ele não tem problema, não tem passado. Porque há casos aí (*) que até conheço, casos de pessoas que nunca foi preso, já roubou pra caramba mas nunca foi preso. Então hoje eles tão parado e pode pará porque eles são honestos, não tem nada que prove contra eles (S)(*).

* * * * *

O que mais toca no, no coração, o que mais me fere aí (*), por incrível que pareça é não há visita. No dia de ontem por exemplo, eu tinha uma vez por mês, aí vem as crianças sabe? E o que mais pega a gente, quando a gente veja aquelas criança ali, que às vez quando dá condições vou té deitar na cama, digo, pra não ficá olhando que aquilo ali me pesa mesmo. Porque eu tenho meus filhos e não tenho contato com eles, eu daria tudo pra tá naquele momento com meus filhos sabe? Uma meia hora, uma hora, mas infelizmente não tô podendo né?

Então, às vez, quando a gente tem uma liberdade com um cara de..., um casos assim que a gente conheça (*), e a gente conversa com muita gente aí né? (*). Então, às vez tem caso aí que a gente conversa(*), pega uma certa amizade com cara, então, quando de repente chega o alvará dele e a liberdade dele (S). A gente se emociona, se emociona porque sabe que o cara é merecedor dessa liberdade (S).

Fora isso não tenho mais com que se emocioná! Eu me emociono de, de dia das crianças, eu vejo os molequinhos brincá. Tem hora que eu vejo meus moleques assim, tô vendo um brincá ali, eu tô vendo naquele ali eu tô vendo meu filho certo? Vou lá, brinco com eles tudo (S).

Já tem dia que me ataca a cabeça, só de vê as crianças me ataca, não no sentido de, de eles me atacá eu, me ataca porque eu tenho os meus e não sube ficá na rua pra cuidar deles, pra ficá brincando com eles, então às vez me ataco eu pego vou dormir (*) (S).

Fora isso não tenho o..., não tem, não tem emoção aí. É nenhuma. Emoção é nesse sentido que eu falei aí. O convívio dia-a-dia ali com os seis, sete no xadrez (*). Então tem uma amizade e a mais com senhor (*). De repente vem sua liberdade, emociona a gente, porque a gente tá sabendo da sua situação, talvez assim uma situação de você...(*). À vez nem cometeu, é, tem muitos casos aí que o cara comete um delito hoje, ele paga por três, quatro. Aquele que ele cometeu ele vai embora, não deve nada, e fica aí depois devendo os que não cometeu, que não participou. Há casos aí então...(*) (S).

Então a gente se emociona certo ? (S).

Coisa que é difícil também a gente ficá emocionado (*). É problema meu... (*). Então é como eu disse, aqui a gente... O dia-a-dia da gente é embaçado, embaçado (*) (S). Eu queria tá é trabalhando, tá miseravelmente, porque eu queria tá passando fome na rua, coisa que a

gente não passa (*), dormindo embaixo de uma ponte, passando fome do que tivesse aqui comendo filé mignon todo dia (*) (S). Só com que no... A liberdade da gente vale mais do que qualquer coisa (S). Porque é... Aí não tem, você não sai prá lugar nenhum, não sai pra lugar...

Então é assim todo dia aqui. Então não sai desse clima, só nesse clima, não tem... É tudo em torno de uma coisa só, em torno de uma coisa só...

Se vê uma conversa no xadrez ali é em torno de uma conversa, é em torno de uma coisa só, *“Olha, quando eu vim eu peguei um fusquinha viu? Agora quando eu sai vou pegá um caminhão!”*, *“Oh, eu roubei um chocolate...”*, é o caso que eu falei, *“Eu roubei um chocolate, mas quando eu sair... Tô pagando pelo chocolate, é, eu vou fazê um banco”*. É, uma conversa gira só em torno disso, é droga, é roubo, é esse papo, não tem outra conversa (*), não têm que ter outra conversa (*). É raro você vê um cara falá, *“Pôxa, eu vou sai daqui, eu vou pará, vou construir um lar, construir uma família”*. É raro isso, é raro!. O próprio lugar é um lugar carregado. É sempre com isso... O próprio lugar, acho que... Sei lá! Num tem uma conversa, só essa de girá em torno disso aí (S).

Às vezes eu fico até duas, três hora da manhã trabalhando. Trabalhando por causa em matá... distraidamente. Aí eu pego, ou eu faço carrinho, faço uma casinha de madeira sabe? Pra mim sai um pouco fora do ar. Não queria falá com ninguém. Não tem como sair fora do ar. Tô... Sai fora do ar, tô sério..., tô ali fazendo minha casinha, sento na minha caminha sózinho, fazendo minha casinha, fazendo meu carrinho, fumando o meu cigarrinho e tomo o meu cafezinho, e sózinho.... Mais aí vem um, *“É seu... Como é que é? Tudo bom?”*, - *“Tudo bom!”*. E pega e troca uma idéia daqui, vem outro troca idéia dali. Mais eu procuro fazê aquilo pra mim vê se eu saio um pouco do ar, se eu saio um pouquinho daqui de dentro, pelo menos na cabeça, e há momentos que você sai né? Cê sai! Há momentos que cê sai daqui. Eu já sai umas par de vez daqui. Vou, paro em casa, vou pará lá na casa da minha mulher, eu vou pará na casa da minha mãe, mas na mente. Mas de repente, quando você tá querendo sai daqui na mente, prá cê chegá até sua casa, pra fazê um pensamento, já vem um e corta sabe? Já vem, *“Oh...”*, *“E não sei o quê”*. Já vem novamente o crime, em torno do crime (*).

Então até o lugar... Até pro cê fazê um castelo né? Como se diz, fazê um castelo... É, tipo um castelo de areia, um castelo que cê começa fazê ele assim, vai, vai, vai..., quando cê tá quase atingindo, desmorona! Cai tudo! E não dá pra você limpá. Fazê uma (*), uma viagem vital assim é difícil. É difícil porque perde (*) (S).

Aí eu procuro fazê o servicinho, umas coisinha assim pra mim sai fora. Porque imagine o que é tá deitado dia e noite, ou de pé, ou jogando bola, ou seja o que for. Jogando bola você está distraído, cê não vai pensá na, na... Sei lá! Naquele momento ali cê tá preso ali, tá, tá em liberdade, tá jogando bola, sua mente tá ligada na bola (*). No meu caso eu não jogo bola mais, então o quê que acontece? Eu vou arrumá uma coisinha pra fazê, pra tirar minha mente fora do ar. Eu vou ficá deitado na cama dia-a-dia ali pensando no quê? Só pensando em ir embora, ou, se cair o muro ali sair correndo, assim por diante. O meu objetivo é um só, é ir embora! Ir

embora! Não tenho outro objetivo. Objetivo de quem tá preso é só um, é ir embora! Depois o resto a gente anda com... A continuação é se eu vou morrer assim que se arrumá...

Mas o objetivo aqui é um só, eu acho que é, pra mim o..., pra mim é um só, o meu objetivo aqui é ir embora.

Mesma coisa que tirá uma calça, tirá uma comida pra comê. Nada! Isso aí tudo bem! Eu cheguei aqui na cadeia também eu não gostei dessa cadeia prá tirá, *“Bom, se eles me soltá aqui, pô na rua...”*, *“Tá na rua mas você não tem uma calça, não tem comida, não tem...”*. Tudo bem! Eu vou fazê o por onde eu arrumá calça, camisa, a comida. Só que o meu objetivo, o meu pensamento é só um, embora! Ir embora da melhor maneira possível. Pagar a parte que eu devo, sair por onde entrei (S).

Que o lugar que já... Até conteceu pensá sobre... Pôxa, vem umas coisas na cabeça da gente, mais ao mesmo tempo vem um... Já tira da, da..., não tem, não tem... (S).

Até no pensamento! É um negócio de passado, o senhor começa a pensá aqui, senhor tá preso o senhor começa a pensá, daí um minutinho, dois minutinho que o senhor se concentra, a gente tá pensando, daí, de repente, dá um branco aqui, você pensa nessa situação, *“Pôxa rapaz, tava agora mesmo pensando na minha família, tava lá em casa, tava tomando uma cervejinha, tava tomando uma guaraná ou tava almoçando com a família, que vem esses lances?”*. Isso aí vem na mente da gente, a gente pensa, mas de repente você..., isso dá um branco no cê. Eu penso quanto que eu sô burro. Eu tô pensando lá do outro lado sendo que eu tô aqui na real. Você tá aqui na real, a melhor coisa que tem é você estar na real, a melhor coisa que tem... Você se salva uma vez só sabe? A real minha pra que é estar na cadeia. Se eu ficá pensando na minha mãe, na minha mulher, no meus filhos, eu tô me martirizando, tô tirando duas, tirando duas..., o sofrimento psicológico e o sofrimento normal que se tá acontecendo aí né? Seu dia-a-dia que está passando.

Então, por isso que eu acho que às vez muitos presos não pensa. Talvez fazê um, uma reflexão assim da, da (*), do passado, do passado. Olhando pra frente, eu não sei se eu espero... O passado da gente não é tudo (*)! O passado é tudo negativo.

Vai... Depois, depois de tudo eu mesmo procuro muitas coisa do passado que eu nem lembrava, e quando vem assim uma idéia, causa que teve visita, pôxa, eu sento ali, fico olhando as crianças, falo, *“Pôxa, podia tá lá em casa...”*. Então, às vez sai da, da... Fico me olhando, meu corpo fica aqui mais minha mente vai pará lá na em casa, vejo os meus moleques, vejo as minhas crianças, vejo a minha casa como é que é, tudo na mente, vejo tudo ali. Ao mesmo tempo penso no que fiz comigo, como é que eu sou burro. Eu tô no martírio já! Isso aí é martírio! É tá se martirizando, tá saindo da, da real aqui pra ir na mentalidade de você ir lá na sua casa. É uma coisa boa que cê sente até..., às vez até prazer daqui, a mais depois se vocês for pensá, *“Pô, como eu mesmo tô numa desgraça”*, *“Cê tá dentro da real”*, *“Cê está preso!”*. Então a real é a pior sorte, cê tá preso! O que você vai fazê amanhã, depois, na rua, isso não pode falá o que eu vou fazê amanhã depois na rua, porque eu não sei quando eu vou sair. Então se sair,

a partir da hora que eu tiver na rua vou saber o que eu vou fazê...(S). Eu acho né? Não vou querer que...

Cê pensando daqui por exemplo, fazê uma reflexão da rua, assim..., pessoal, você tá te martirizando. Você tá te martirizando, tá pagando por duas cadeia, tá sofrendo mais. Então é o contrário, eu procuro esquecer (*). Que eu também não vai esquecer! Cê não vai esquecer sua mãe, cê não vai esquecer seus filhos, cê não vai esquecer a sua mulher, cê não vai esquecer nunca! Mas eu procuro o pouco tempo que dá pra esquecer, esquecer isso aí! Sair fora um pouco do ar deles, prá num martirizar, num tirá duas cadeia.

Eu tenho o problema da minha mãe que é doente, tem o problema do meu irmão, tem o problema da minha mulher, dos meus filhos. Agora, cê não imagine se eu ficá aqui dentro da minha cadeia, todo o dia que eu levanto de manhã, tomo o café, minha mente tá lá, “*Ah, minha casa, minha mãe, minha irmã, meus filhos*”, e isso todo o dia a mesma coisa? Ficava chapão, cabava ficando xarope (S).

Quis sair do ar um pouco, esquecer um pouco..., esquecer um pouco a, o lado de lá. Aqui é outro mundo, lá é outro mundo. Aqui é o dois mundo, o mundo da liberdade e o mundo daqui. Não adianta eu tá aqui, querer fazê uma, um castelo com o mundo de lá! Só quando eu tiver lá! Quando eu tiver lá então eu já não vou fazê castelo, vou mais na realidade. Quero ir na casa da minha mãe? Vou lá! Quero ir na casa da minha mulher? Vou lá! Quero ir na casa da minha esp...? Vou lá! Agora, aqui, no pensamento, você está se martirizando!

Cê tem que dormir nove, dez, onze hora da noite, você começa... Quando é quatro, cinco hora da noite cê tá acordado, se culpa, é onde vem aquela..., começa a pensá, “*Que bobo que eu sou* (*)”. *Vai, tira só isso da cabeça e vê se faz alguma coisa pra tirá? São cinco hora agora. Sem poder dormir* (*)”. Não, você fica pensando, pensando! Sei lá, eu pra mim né? Cada um tem uma maneira de pensá, pra mim, eu acho que eu ficá pensando pra trás ou pensando até no que eu vou fazê quando eu saí dá... (*).

Tem vez que dá medo. Dá medo é quando tiver lá (*), e pensá em casa, na mulher, na mãe... Não sei, eu penso, penso, mas eu procuro não pensá, eu procuro não pensá porque se eu tiver pensando fico martirizando (*), então procuro não pensá. Não pensá eu tô tirando uma cadeia mais tranquilo, vendo um... Vendo sabonete sabe? Você imagina sofrê uma cadeia todo dia aí, todo o dia cê pensando, “*Pôxa, será que meus filhos tá comendo? Será que minha mulher tá comendo? Será que minha mãe está boa?*”. Pôxa! Quer dizer, então cê tá... Cê mesmo está se martirizando sabe? Eu, se esquecendo aquilo lá, essa parte, esquecer que eu o..., meia hora que cê esquecer, meia hora você...

Então é o que eu passo, por puro porrete, puro porrete. Se sabe quando tivé esses pensamento eu pego um livro começo lê, pego a bíblia começo lê, faço os meus carrinhos, minhas coisas, e tem dia, tem dia que a, que a gente acorda... Eu, no meu caso, acordo que já de manhã cedo, já venho já assim vendo os meus moleques lá na minha frente, dá até fogo no... Me estrago mesmo! Porque minha mente tá virada prá lá, a mente virada pra liberdade, lá prá casa. E aquilo ali num dá pra mim fazê nada!

Não consigo fazê nada! Só me martirizando! Aí eu, eu procuro saí desse, desse crima sabe? Esquecê um pouco. Não vai adiantá nada (*) cê tá pensando. Aqui eu pensando ali não vai adiantá nada. Porque se fosse uma coisa pra gente resolve assim no ato, nem preso eu tava (*) (S).

É poblema essa vida aí, é difícil até prá explicá, tudo é embaçado. Isso é como, como...

Igual o senhor como cidadão, o senhor vindo aqui, igual o senhor tá aqui. O cê tá trabalhando aqui, mas com tempinho chega um determinado tempo senhor vai acabá entrando lá dentro lá pro senhor vê. É, o senhor vai vê o dia-a-dia ali, o senhor vai vê (*), tem cara que tinha de falá mesmo, vai vê o dia-a-dia, vai sabê da real. Se vai prová é um monte de coisa só de vim de lá aqui, da rua aqui. Tem dia que o senhor vai entrá aqui dentro, não vai ser a primeira vez que o senhor não conhece, então, a primeira vez é surpresa, mas com determinado tempo, um dia que cê vai chegá aqui dentro assim, que você vai entrá lá dentro, cê vai vê puxá o fumo mesmo no corredor, cê vai vê o crima (*). A tensão, o crima vai mudá, o crima já muda senhor, já fica um negócio... Pô! Muda! Muda mesmo. Té pra mim que sou campeão. Senhor sente é uma coisa que..., *“Hoje num tá muito bom aqui não”, “Hoje tá bom”, “Hoje não tá”*. Você sente!

Eu olho no pátio assim, cê vê a cara dos presos cê já... Aí já diz tudo! Isso é do tempo né? Mas senhor está estudando, tempo você não vai vê eu... Cê vai vê aqui, senhor entra tá todo mundo jogando bola, todo mundo joga aí. Outro dia o senhor vem, tá com uns..., como é que tava ontem, ele tava tudo alegre e de repente... É o lugar que faz isso.

Cadeia nunca fica sem ocorrer nada não, alguma coisa sempre tem, é poblema de... É o que eu falo, às vezes, cara puxa poblema de, de dois, três, quatro, cinco ano atrás na rua, às vez é um poblema que arruma aqui dentro mesmo, e assim por diante e... (S).

O poblema da cadeia é o seguinte, a cadeia é um outro mundo, e nesse mundo é o seguinte, o mundo é carregado, nesse aqui é carregadíssimo. Senhor vê na rua como é que tá em liberdade, tudo morte, só é..., *“Mato”, “Droga”, “É, mato um”*, bucado de poblema.

Cê imagine aqui trancado? É mais carregado ainda porque aqui não tem nenhum gente morando... (S).

Tem o, a, uma minoria de uns coitado, não que seria bons, os coitados igual a esse do chocolate, um monte que tem aí, mais... (S).

Tudo, tudo, tudo sangue ruim! Tudo sangue ruim!

Chega num lugar desse em diante... Cê imagine pegar por exemplo uma jaula aí e prendê, uma suposição, uns vinte cachorro pastor alemão tudo bravo, esses cachorros que são acostumado a vida dele tudo na corrente, o senhor pega e tira tudo da corrente, põe tudo numa jaula ali, eles vão se matá de tanto brigá, matá de tanto brigá (*). E o que acontece que é quando... É que o burro que matô o outro, que fez foi o outro é... E é assim por diante.

Então, é tudo coisa que, que a cabeça deles é tudo fraca em geral né? É a deles, a minha também, pois se eu fosse bom eu não tava num lugar desse. Tem os momentos de fraqueza deles. Então o quê que

acontecesse, o lugar já... O que eu quero dizer carregado é o ambiente, o ambiente, o ambiente é...(S).

É fácil de definir. O senhor querer, pega por exemplo o...(S). Duzentas freiras ou que seja duzentos coroinha, esse que padre sujeita prá trabalhá com padre, joga ele aqui dentro e tira tudo os presos daí. O senhor fica escutando, o senhor vai vê as conversas, só negócio de igreja, religião, rezá, orá, todos conversa seu, não vai saí nada ali, daí vai saí só isso aí mesmo, só coisas boas, que é de rezas, de igreja, esse negócio. Agora, tira eles todos e coloca só o marginal, ele não! É roubo, é droga, é isso aí por diante, é a linguagem deles, infelizmente é isso (S). A linguagem do, do, dos presos é essa entendeu? (*) (S).

Esse ambiente é uma doença porque sabe o que acontece? Vou explicá pro senhor (*). Eu tô preso (*), o senhor tá chegando agora, o senhor vai, cai logo no xadrez sabe? Cê vai morá no xadrez. Senhor sempre foi trabalhador. Se o senhor vier pro xadrez onde eu moro ou qualquer outro lá, senhor vier contá essa história, cê só roubou um relógio, cê sempre trabalhou na sua vida, e não sei o quê (S). A gente vai, já vai dá um corte na sua conversa, vai dá um corte, eles não quer vê um trabalhador, eles querem vê é marginal. Então o que que acontece? Eles vai fazê por onde deixá não tá atrapalhando, dizê, “*Seu bobo, o negócio é pará de trabalhá! Roubou um relógio? Vai roubá relojoaria agora!*”. É o próprio lugar, sei lá, não tem nem como...(S).

É o próprio lugar, é fácil de vê, quer vê? Um guarda noturno, uma suposição, vem de trabalhá na rua, olhando as casas pra ninguém rouba né? Eu aposto quanto que é, eu não tenho nada contra, isso pra mim é um trabalhador igual qualquer outro, eu aposto quanto quiser, se jogado aí não dura meia hora de não matá ele, entra numa de, “*Vamo machucá, vamo bate nele*” (S). No mais, porque não serve começa a gritá que é um guarda noturno, eles acha que ele puni o ladrão, prende os ladrões isso tudo (*). Tudo paiaçada porque pra mim, eu não, nunca vou fazê isso, nunca! Mas noventa e nove por cento da cadeia vai se pegá com ele, vai joga ali dentro, vai ficá ruim prá ele. Por quê pelo o motivo que ele foi PM (*). Então é uma cobrança rígida pra caramba. Seja pior cobrança que existe. O senhor não acredita, pior cobrança que existe é dessa raça de malandro, pior cobrança que existe (S). Se o senhor tivesse tomado um couro, dez polícia desse de um couro em cinco vagabundo, é mil vez melhor que tomar couro de vagabundo, eles dá mais sofrimento, se eles pegá, tá louco, é embaçado (S).

É, a cadeia, que nem, na linguagem dos vagabundos, a cadeia foi feita, foi feita prá ladrão, prá vagabundo, prá malandro. Então, a partir da hora de chegá um cara assim, que se falou que maior parte da liberdade era trabalhador e tal, porque não tinha dinheiro pra pagar aluguel teve que roubá coisa pra comê e tal. Tudo bem, a própria, os próprios vagabundo num..., já tira eles como Zé Povinho né? Sabe o que é Zé Povinho? Não é malandro, então num... É raro eles se misturá no meio dos malandro, não mistura, mais mesmo não misturando, os malandro quando tem que tirá uma casquinha, tiver é..., “*A gente vai tirá sabe?*”.

Cê não vai tirá esse por malandro que esse malandro não é, é outra conversa. Então fica esses coitado... Mas vai tirá casquinha... Igual

tem..., sei lá, eles vai gozá de uns cara, pertubá às vezes até batê. Em caso de rebelião assim, eles dá uns tapa, uns solavanco (S). Então eles deve pegar esses coitado.

Que que acontece? O coitado vem aqui preso por um chocolate, trabalhador, pá, daí, de repente, ele chega aí e apanha de um, apanha de outro, apanha de outro (*), sai prá rua, sai revoltado.

Há casos aí que o senhor já ouviu falá nesses casos de muitos justiceiros na rua, que tal justiceiro... Eu já conheci uns par deles aí, justiceiro. Se jogá numa cadeia dessa um justiceiro no convívio com a gente, ele não dura meia hora, os cara mata ele. E o quê que acontece? Muitos casos disso de justiceiro por quê que acontece? Ele vem prá cadeia, trabalhador, roubou a primeira vez (*). O causo assim moleque novo assim de vinte ano, dezoito ano, dezenove ano, vinte ano, vinte e um ano. Então o quê que acontece? Ele é ladrãozinho, roubo, mas não é ladrão, é trabalhador, veio pra cadeia (*). Chega na cadeia e cai no xadrez carregado, tá lá os mal elemento, tudo ladrão véio tirando um montão de cadeia, ali ele é moleque novo. Caramba, se bobiá, se bobiá até comê ele os cara come. E o quê que acontece? O cara desse aí, vai que aconteça isso, como muitos que aconteceu já, num tô falando daqui dessa cadeia, me referindo a outra já que eu passei em outro lugar. Então o quê que acontece? Acontece um negócio desse, o cara veio preso por causa de um relógio, chegou aqui foi zuado, comeram ele, judiaram dele, zuaram ele, tomaram o tênis dele, tomaram a calça dele. Pá, tudo bem (*). Ele sai prá rua, ele sai é revoltado, ele vira justiceiro, a bronca é maior, e a moral dele é que esses cara abusaram dele e o caráio, foi uma bronca maior. Que que acontece? Sai na rua, se ele me pegá, *“Ah, aquele ali ó, fumando maconha na esquina? Mata!”*, *“Ah, aquele ali roubando? Mata!”*.

Hoje em dia a maior parte dos justiceiro é isso aí (*). E quando não são os justiceiro são os da favela que mata os próprios cara da favela. Que os cara da favela estão roubando bujão de gás com coisa ali mesmo na favela, e não há casos aí porque você não vê um justiceiro, cê não... Se ele matou um assaltante de banco, ladrão. Bom, cê nunca viu um justiceiro falando isso. Sempre quando faz chacina, quando faz essas morte é em torno da favela mesmo, a favela que ele que mora ali e ele que vai...

Já aconteceu de um, de um justiceiro ter escapado por um tris. Os caras queriam estourá, estourá de qualquer jeito pra fora, se estoura mata os dois, os cara mata os dois, porquê, porque é justiceiro, o cara é revoltado. Quando não tem justiceiro aí, que no caso os cara já é de idade, esses malandrinhos, pilantra, vai lá, rouba a casa dele, acaba comendo a mulher dele, acaba estrupando a mulher dele. Então o cara se vê na obrigação de cobrá tá? Tá em falta né?

Viu? Então é isso aí entendeu? Prá explicá essas coisas aí... Pôxa, quando ía... Se eu pensá a bem da verdade, pôxa, tive tanto tempo na cadeia que às vezes eu mesmo fico pensando comigo. O senhor quer saber? Às vezes eu também não quero nem saber... Olho assim tá? Porra meu! Porque? O que que fizeram? Porque existe esses negócio né? (S)(*).

Por quê que existe essas coisas né? Às vezes a gente mesmo não consegue entendê. Eu tinha um lugar que...

Vê agora, tá todo mundo jogando bola, todo mundo contente, daí cinco minuto revolucionou tudo, tudo, putz, uhm... (S).

O senhor vê né? Prá quem vivenciou esses dias aqui, ontem, ontem de ontem parece os caras tavam... Pediram pra atendê, o médico lá, foram lá, guentaram lá, passaram o médico não sei quantos reféns lá, tiveram que transferir os cara todo (S).

Quer dizer, isso aí é coisa de minutos, coisa de, de segundo. Um segundo aqui pode virar um inferno do caramba. Essa é a verdade, num minuto aqui...

Não é o caso de liberdade, liberdade discuto com o senhor aqui no bar aqui, discuto com o senhor aqui, e o quando um não quer dois não briga, “Ah, dá licença aí”.

Senhor vê como é que é em presídio? Aquele dia nós não conversamos aqui? O senhor foi embora, quando o senhor voltou como é que tá diferente, infeliz não é? Isso aí foi acho que no dia que cê foi embora, um dia, dois dias depois.

* * * * *

O acontecimento é o seguinte, que nem eu falei pro senhor, o dia que eu vim aqui eu falei, o senhor pode perguntá coisas minha, eu falo, agora, quando é cadeia eu não falo, eu posso me comprometer por causa disso, a gente tá sabendo dia-a-dia.

Esse buraco mesmo aí que íam fugir (*), dá pra não interrompe? Dá, só a polícia que não sabe, eles não entra lá dentro, eles não ficam preocupados com nós lá dentro, ficam preocupados com eles aqui fora.

Então o quê que acontece? (*) A gente tá... Numa hora ou outra acontece isso aí, num minuto ou outro aconteceu o que aconteceu (*). Só ele, responsável, ele sabe, também diz que não sabe. Então, a coisa desse aí é uma coisa grave. Se, por exemplo, uma suposição, o senhor vem aqui, conversa comigo com gravadorzinho, tô conversando com o senhor, eu falo umas coisas do buraco desse pessoal, senhor pega, vai aqui transmite pra polícia, é, e acabou eu morrendo lá dentro vai. Prá mim ser agradável pro senhor eu fui falá pro senhor. O senhor foi e colocou a polícia. Acabou eu morrendo lá dentro cê entendeu? Então a coisa não pode falá. Alguém sempre pode tá espiando o que falo (*) (S).

Não é o caso do senhor certo? Por isso que eu perguntei se o senhor tá se formando já tá? Porque esses cara aqui não sai desse tipo de joguinho senhor (*). Funcionário? Deus me livre! Não todos. Tem muitos que faz esse joguinho. Não gosta de mim ou tem bronca minha. Não é meu caso porque eu não tenho nada contra ninguém aí, mais muitos faz (*).

Então eles põe o controle que..., “Sabe quem tá fazendo isso aí?”. Nós (*) ainda faz um rolo pra diantá de nada. Porque quando os cara estouraram lá fora prá saí...(*). Mas se é um caso que suja viu? Que estourá lá fora. Poblema do cara lá, tá morto. Tá o cara aí não pode falá!

Eu não participei e não participo, mas só de falá eu posso me compromete, e é a minha sentença de morte, é minha, a sua, de qualquer um que tiver, não é minha só, de qualquer um...

Prá esse caso já não, que eu falei, e faz desde aquele dia que eu saí (*). Falei pros cara que num expliquei os por menores, falei que o senhor está estudando. Eu falei que tô fazendo os meus exames prá ir embora. Acabou! Não tenho satisfação pra mais ninguém. Ter muita conversa também quase não adianta nesse meio aí. Então, tô fazendo meus exames prá ir embora, não tenho satisfação dá pra ninguém, ninguém prá cadeia. Por isso que às vezes pergunto, prá sabê o que a gente vai falá. Porque né? Porque eu tô falando que é só prá ir embora, e aí os presos já não me pergunta mais nada, porque poblema meu, particular meu, vou fazê os exames. Agora, eu vou falá que tem um estudante aqui, que quer saber se tem... Às vezes a própria polícia que põe algum cara pra sabê, de arrumá serviços pra eles aí na..., registrá o fragante. Mas não vai... Uma palavra mal falada aqui eu posso morre lá dentro entendeu?.

Não, então, eu tô falando porque eu falo que eu vim conversá com psicólogo aqui. Eu falei, falei, *“Não, o rapaz tá se formando em psicólogo, e sei lá, talvez possa até me adiantá os exames que eu tô conversando com ele”*. *“Ele ía me adiantá, atrasá eu sei que não vai atrasá, que mais trasado do que eu tô não tem mais jeito”*. Então minha conversa é essa. Eu faço meus exames prá ir embora. Não quero saber de...

Por isso que eu falei aquele dia pro senhor não me pergunta né? Tava prá... Inda mais de repente eu falo pro senhor e o senhor vai, prá mim prá polícia (*) (S). Senhor entendeu? Tava ruim. Então, muita coisa aqui não pode. Passa imaginação né? Pô... É tão feio, é um negócio que... Há casos aí que a polícia tá vendo, quer dizer, eles colocaram um... É outro papo, mas há caso que eles fez isso, faz com a gente que compromete a gente, e acaba que se morreu enterra, se morreu assim é mais um... E é assim por diante...

Vou ser sincero com o senhor, com funcionário não converso com nenhum, nunca conversei com nenhum, tô falando que conversei com o senhor (*). Mas com os cara que... Num toca naquele assunto senão aquilo lá pode comprometê. Igual eu com o senhor aqui entendeu? (S) (*).

Agora, fora isso, pra mim é bom essa meia hora que eu passo assim. Tá, tá ótimo! (S) (*).

Sr. Clodoaldo

Dados Básicos do Entrevistado:

Clodoaldo, nasceu numa fazenda na cidade de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, aos 30 de Dezembro de 1931 (na época da entrevista contava com a idade de 66 anos). Filho de Antunes e Anita, desconhece a idade dos pais, e diz que sabiam ler e escrever. Referindo-se ao pai, Clodoaldo completou sua fala dizendo que ele morreu em 1996, na cidade de Passo Fundo, com aproximadamente 80 anos de idade, e que ele o havia visto lá, pela última vez, em 1992. Clodoaldo já trabalhou como operário em diversas fábricas e como pedreiro em obras particulares, na época de sua prisão, estava trabalhando como catador de papel, papelão e ferro velho pelas ruas das cidades de São Caetano do Sul e Santo André, Estado de São Paulo, para vender por quilo, a um depósito onde também morava, *“no meio do ferro velho”*. Clodoaldo estudou até a 4^a série do primeiro grau. É casado com Edna, 62 anos, antes agricultora em Passo Fundo, e agora operária numa fábrica na cidade de São Caetano. Clodoaldo diz ainda que sua companheira sabe apenas escrever o próprio nome, e conta que foi ele quem a ensinou, para que pudessem se casar, ele diz, *“Ela não estudou, eu ensinei ela escrever o nome dela, pra casar tem que a saber escrever né? E ela não sabia, eu mesmo ensinei ela a escrever, ela só sabia escrever o nome dela só, e era pra poder casar, ela tem que fazer o papel, sabe como é que é, tem papelada.... É, é casamento, ela qui.... Ela não tinha, então eu ensinei ela numa moça, menina né? Um pouco então eu ensinar, um mês..., a escrever. Então, todo dia ensinava ela a escrever, ela escreve bem, mas escreve do bem, mais não sei se escreve mais, escrever mais o nome dela, sabê o nome dela tudo, sobrenome, o que ela...”*. Clodoaldo tem dois irmãos vivos, Antunes (ver observação abaixo), 67 anos, primeiro sargento aposentado da polícia militar (Clodomiro enfatiza que este irmão não sabe que ele está preso), e Nelson, 67 anos; um de seus irmãos, Eni, já faleceu, com a idade de 22 anos; tem também três irmãs: Elzira, 60 anos, que mora em Foz de Iguaçu; Linda, com aproximadamente 40 anos, que também mora em Foz do Iguaçu no lado paraguaio, e Fátima, com aproximadamente 30 anos que mora no interior do Estado do Paraná. Clodoaldo diz que não chegou a conhecer nenhum de seus avós legítimos, e que apenas conheceu o avô que se juntou à sua avó materna depois de sua separação com seu avô legítimo, completa ainda dizendo que o pouco que sabe à respeito de seus avós foi contado por seus pais, o que ele sabe é que, pelo lado paterno, seus avós eram portugueses, porém, não recorda-se de seus nomes ou a idade deles; pelo lado materno, sabe que seu avô chamava-se Pedro e sua avó chamava-se Rosa, e que ela era conhecida como Rosa de Pedro, desconhece a idade que tinham, mas sabe que ambos eram nascidos no Rio Grande do Sul, e que eles se separaram, e que seu avô, depois da separação, foi morar na cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, onde se

juntou a uma outra mulher. Clodoaldo tem um filho, Anastácio, com aproximadamente 30 anos de idade, uma filha, Sheila, também com aproximadamente 30 anos de idade, e teve uma filha que morreu “*Quando começou a andar, com quase 1 ano de idade*”, que se chamava, Letícia. Clodoaldo está preso a seis anos.

Obs: Quando Clodoaldo referiu-se ao irmão Antunes, imediatamente começou a proferir a narrativa que passamos a expor logo à seguir.

“ É Antunes..., é, o nome legítimo é Antunes né? Ele, Antunes, como eu, que é irmão legítimo, agora, como é que chama o, o meu irmão..., eu..., como é que chama? Eu... Ele é primeiro sargento aposentado, como segundo sargento, aposentado como primeiro né? Ainda ele tava nu, num quartel, ele era primei..., segundo sargento, ele foi aposentado, a hoje ele é primeiro sargento aposentado né? E..., antes de eu tá preso aqui, eu vi ele na casa dele tudo. Vejo meu irmão e ele mora pertinho de Porto Alegre. Mora lá sabe? E ele não sabe aonde eu estou. Me deu endereço da casa dele e tudo, da casa de meu irmão tudo, do..., deu telefone e tudo, e eu perdi o endereço, e eu, eu não tenho o endereço dele.

Mais eu vou prá São Paulo, vou gostar muito daqui, São Paulo é um lugar prá se viver o pobre né? É então dá trabalho em qualquer lugar aqui em São Paulo né? Em qualquer lugar. Então eu gostava muito daqui então eu vim pra cá. Disse ao meu irmão, “*Depois eu volto embora pra ti e vou cuidar minha mulher legítima né?*”. Fui na casa dela, minha gente tudo é crente, e mia mulhé legíma é curandeira sabe? Minha mulher legítima, curanderava, curandeira. E eu fui na casa dela, e ela disse, “*Vem pra cá fica na minha casa. Dorme na, na, na minha casa. Fica comigo aqui*”, ela disse né? E ela né? E eu que..., “*Não! Eu vou pra São Paulo*”, e eu..., “*Vamo embora pra lá?*”, ela disse, “*Não, eu..., eu não conheço ninguém lá, e aqui eu..., tô..., ahm..., cura muita*”. É curandeira né? “*E lá é..., mais lá é curandeira também. Tu ganha do mesmo jeito*”, falei pra ela, “*Lá tu cura povo lá e tal*”. Até falei pra ela, “*Tu fica na boa lá*”, falei pra ela. “*Não, não quero na boa. Pra mim fic... morreu meu pai, morreu minha mãe, morreu meu irmão Adão*”. Morreu o irmão dela, e só... “*E agora eu não tenho mais ninguém, só tenho você*”, é eu né? E agora? E eu prontinho pra mim pra lá.

E eu tava trabalhando que nem... Sabe? Papeleiro, ferro velho, quando eu tava pronto, tá com dinheiro tudo prontinho pra viajar, cai tudo, não tenho mais nada.

Cruzeiro naquele tempo, era cruzeiro, hoje tem outro nome né? E agora o meu dinheiro também, não é? Eu recebi um pouco, resto não consigo mais nada, e tô desse jeito, tô de saco...

Eu tava prontinho pra, pra viajar no fim do ano, foi em 91, 92, 90 pra 92, eu fui preso mais ou menos a, o..., setembro, outubro, seria mais ou menos em outubro, pertinho de setembro, outubro por aí né? Que eu fui preso.

Depois, de lá pra cá, vivo em São Caetano, e de lá mandaram pra cá, tô provando daqui né? Aqui diz que eu, eu tenho condenado a seis anos aqui, e aqui parece qui... Seis anos preso, fala que a rotina todo o tempo, que é a metade da coisa assim né? E parece que aqui eu não tenho nada, mandaram eu embora, mas segurando sempre lá, eu que segurando, por quê em São Caetano? Segurando por quê que eu pensava isso em São Caetano, mas em São Caetano eu..., parece que..., não sei pro quê que eu tô... Porque eu acho em São Caetano não tenho, não devo nada, devo aqui, devia aqui, que paguei né? E agora tô pagando por...

Ah! Eu não sei na..., até hoje eu não sei, pra mim..., "*Matou alguém?*", eu não sei de nada. Talvez, talvez eu não tô sabendo, nem me condenaram lá, mas eu tô seguro por alguma coisa. Sabe como é, alguém que num, num, num gosta, e botou pra doutor, pra..., como é que chama? Pra o doutor, é doutor né? Podê dizer que eu sou louco. Eu não sou, falta de ética, pode recorrer e ficar né? Tudo isso eu tô ficando sem saber. Mas agora, cada vez tá mais tarde, eu, por a minha idade, a minha idade é braba, a minha idade né? Se eu..., e eu não sei me...

Como estão com medo, talvez tô preso e não me largam, outro tá pensando que eu vou dormir de baixo de ponte, vou sujar São Paulo. Não! Se me largar assim, eu, eu ia procurar minha aposentadoria, meu pai deixou um pedaço de terra no Rio Grande do Sul, e ia começar outra vida. É só pessoal i pra mim no fórum. Aonde tá a minha família falaram no fórum. Que a família, a família eu sei, eu sei a casa de cada um. Eu tenho três irmãs na divisa do Paraguai, Foz do Iguaçu, Paraná. Eu tenho três irmãs, tenho uma bem de vida, me a..., me adora. Mas ninguém sabe onde eu estou.

Tô numa tal maneira porque tô amarrado aqui, e ninguém sabe nada, se eu morrer aqui, o... tempo desse jeito, no, na outra i..., entendeu? Nem tão sabendo nada. O preso de, de prefeitura é quase..., não tem mais nada!

Eu queria embora, porque se eles me largassem eu, eu não vou mais matar coisíssima nenhuma. Eu ia embora. É, eu ia carona em caminhão, a coisa ou outra sabe? Eu ia embora com toda a certeza. E acho que eles estão com medo, não me largam eu, e tão com medo de tem algum que é safado aí de olho. Que tem muito vagabundo de baixo de ponte essas coisas né? Então eles não quer largar eu, por causa de..., como é que chama? Fazer coisas erradas aqui, andar pedindo de casa em casa. Não é nada disso! Se eles me largassem eu ia procurar outros meios, a aposentadoria pra minha idade, eu ia procurar as fábricas trabalhei, vê se aposenta por fábrica né? Trabalhei quatorze fábrica, que é três fábrica em São Paulo, três fábrica em Santa Catarina, e trabalhei em fábrica na cidade em Porto Alegre, muitas fábricas, umas treze ou quatorze fábricas trabalhando né? Mas eu não ficar o máximo de um ano.

Sabe como eu trabalhava? Ficava um tempo é..., perdia aquela carteira profissional, até arrumar outra eu ia a outra fábrica. Sempre trabalhei, eu, ladrão, esse negócio ladrão... Eu..., às vezes também eu já tava muito mal, pobre né? Às vezes eu fui caindo né? Pegava porcaria, mas não matava sabe? Eu roubava porcaria. Também nunca roubei. Depois... Porque a gente deve ser, não ser ladrão, ser ladrão deve ser bem ladrão,

mas era um ladrãozinho né? E depois não vou largar mão disso, não resolve nada né? Já não sou ladrão, não sou nada, então o lugar é outro, trabalhar. Comecei o papelão... E agora não tenho mais nada de, de como é que chama? De, de morte, de, de ninguém aqui... Aí o... É..., aconteceu ele me deixou aqui.

Aqui aconteceu, fui num culto da igreja batista, porque eu era batista aqui né? Era batista, vim da igreja batista.. Eu ia, eu tava morando no ferro velho em São Caetano sabe? Morava no ferro velho. Eu ia passando assim com o carrinho de papelão, essas coisas. Daqui em São Caetano, daqui num é... muito, é longe, mas das quatro, cinco horas a gente chega lá a pé. São Caetano é muitos fios e eletricidade tudo. Sábado eu vinha sempre pra cá né? Aí eu indo, por aqui deu uma coisa, um cara tá dormindo na..., e chamou eu, tomou uma pinga com ele pra beber, aquilo me atrapalhou tudo, a tal de pinga, tinha largado a pinga comigo os crentes da, da batista. Saí da aí, e eu indo embora, tinha largado das pingas e tal, uma vida boazinha sabe? Larguei mão de tudo aquilo, aí ele pegou e falou, *“Toma uma, uma pinga pra mim, uma garrafa”*, e eu parei. E larguei daquilo por uma bíblia, aquela bíblia na..., aquela bíblia na..., tô indo fundo e graças à Deus. *“Vai que, que compra pinga a dez conto, a vinte conto”*, e dá vinte, e eu paguei, me deu dez em cruzeiro, e o outro, o velho levado levou, foi embora. Queria aquele que morreu, a que o morreu, eu..., aquele que morreu, pegou e falou que, *“Nos não dá nada essa..., essa bíblia, manda esse...”*, me deu uma faca de presente, a faca, e eu era fraco, depois trabalhou na, na..., tem uma pinga, escondi o dinheiro pro velho meter o dez, foi muito mais dinheiro que eu tinha guardado pra embora né? E ele pegou, e foi, e comprou uma pinga, e eu falei pra ele, *“Não tem dinheiro, sabe que eu não bebo, não tenho dinheiro”*, e ele falou, *“Não tem? Porque que deu uma garrafada na minha cara?”*, garrafa que ele me deu, e tinha me dado uma faca, um golinho depois..., fiquei completamente apagado.

Porque eu fico pensando, se não acontecia, se eu... Não foi, eu acho que não foi eu também, sabe por quê? Porque eu tava completamente bêbado... Levaram pro hospital e disse que o cara morreu lá no hospital, e ele morreu aqui né? No hospital... Mas eu fico pensando, pro cara forte, novo, ele forte, i, i o cara sabido, e ele andava sempre... De morrer de um cara de idade? Não sou de, de tanta brigaiada, não sou! Nunca fui né? Tô pagando tudo isso.

Agora mesmo que eu tô pagando por dever, ele devia muito mais do que eu sabe? Ele que me chamou, ele que me quebrou a cabeça, a cara com um garrafa de pinga né? E tudo. E eu tava trabalhando, tava na rua, eu sempre trabalhava né? Fim de tudo, eu fui preso! A polícia sabe também aqui, sabe lá também.

Aí comecei pelo carrinho, que eu trabalho com papelão, ferro velho lá, o meu último carrinho pra mim é aquele aqui né? Aqui, então fiquei trabalhando em São Caetano, em São Caetano fui preso. São Caetano tá o meu nome errado lá, sou por causa daqui né? Mas aqui o nome está certo e tudo. Então lá precisa pôe o nome, a até falou tudo o outro lá, detenção, que é pra lá, vivia lá quebrado né? Lá, mandar lá pra detenção, pra detenção, meu prédio da detenção que tá ali quebrado, é outra lá

também, outra cadeia, como é que chama? I Porta, acha que é Porta AT1 lá... Lá quebraram também sabe? Quebraram aquela lá. E os caras quebraram todo mundo já foram embora.

Sabe, tem uns caras mais novo do que eu, já vi cara quebrar cadeia aí, foram embora e eu não, e eu não quebrei cadeia. Sabe como é que é, e, e lá tomo banho lá e tudo. E tô esperando, e se, se eu passar mais tempo, quando embora já tá..., “*Agora esse já tá preso por causa...*”, por causa de alguém, eu tô preso por causa de alguém, mas alguém, ele vai ficar velho não vai? Né? E um dia ele vai saber que ele tá errado né? Porque não pode maltratar ninguém por a idade, e não poderia dar em nada. Sabe, não fui preso por roubo sabe? Fui preso trabalhando mesmo assim desse jeito. Agora tô nisso, e eu tô sofrendo agora, definitivamente sabe?

Antigamente o cara preso começava a falar que... Tem cara... Tem que tá dentro né? Falar mal do..., “*O gaúcho aí. Guachatinho*”, eu ficava com raiva disso, porque eu, ninguém falava isso pra mim, preso é preso né? Ele nem importava então brigava com os outros preso, a sopa, a coisa né? E tal... Que vê como eu faço agora. Agora eu bati fácil com, “*Esse gaúcho não presta*”, ou... Quem que não presta mesmo né? Tem irmão que não presta, chega a falar que lá ééé, aí fala o que falar, se lá é isso que eles falam aí né? E fala é, e se ajuda a falar do véio, é isso e aquilo né? Que ele falava. Eu tava com uma raiva tremenda né? Depois eu vi que não sou só eu o véio, aqui tem mais um três, encontro com os outros também, os outros que resolve né? Chega e fala, gaúcho não vale nada, sem tempo não vale nada, e aquele que é gaúcho também de lá né? Que resolva o outro né? É não eu né? Então é tão fácil, é tudo amigo, também é filho de Deus. Agora eu...

De todo, e deu com as minhas bolas, terminou tudo, que eu tô preso sem for tá errado, mas catar eu, terminou tudo sabe? Pra mim...

Quebraram tudo pra ficar livre, também tinha que quebraram aí o...

Tinha um tal de baiano, um baiano lá, chamad..., inventou que eu..., o baiano chamou..., pra mim..., pegando a falar... Baiano falou pra mim, “*Ói um baiano aí*”, sabe? E eu falei que não era, e que ele tava..., eu guspi na cara dele, e ele, baiano é perigoso né? Eu peguei, tava na cadeia né? Guspi na cara dele em São Caetano aí, eu guspi na cara desse cara, e ele falava que ia matar eu, ele tinha um..., como é que chama? A maioria dele tem espeto, tem muito deles que tem né? E o que que aconteceu? Ele, ele..., aquele baiano, e ele era bom, se sabe que ele pegou na ponta de outro naquele negócio? Eu saí da cadeia e fui no sol, disse, “*Eu acho que vou morrer se ele me der uma fac..., espetada, eu me agarro naquele espeto dele, me agarro e não vai nada*”, e os outros me deixaram ele matar. Eu peguei, fui no sol, e ele falava que me matar no sol, fui no sol, tinha no sol, sai de perto, sai de perto, aí saí dele, mesmo no sol né? Pronto, eu tô no miolo aquele baiano depois comigo sabe? Eu dava aula pra ele lá e tal, eu não fui... Por fim ficamo amigo por responder, aí eu aprendi mais isso, a gente tem de... Se fala mal né? Deixe que fale, se falar, deixe que fale.

E se eu tô pagando por alguém ele vai pagar viu? Se eu tô pagando por alguém ele vai pagar, não por mim, ele vai pagar por Deus né? Porque Deus, legítimo Deus né? Tá maltratando, então eu não devo nada mais, inventaram essa braba, e ele vai pagar. Eu, eu não quero que ele pague, mas o que tá maltratando eu e não comigo, ele vai pagar... Que se faz na Terra se paga na Terra mesmo né? Aí andança não faz mal a ninguém né? O que se faz se paga né? ”.

Os Cárceres do Coração:

A minha vida... Já tô me lembrando, esse dia, tô me lembrando muito, eu nasci como..., eu tava me lembrando, eu nasci, quantos anos eu me lembrava, onde é que eu morei? Aonde? Eu pensei sabe o quê? Como é que eu nasci? Quando? Eu pensei, quando? Quando eu morava só no meio da casa onde eu morei né?

A primeira casa minha foi lá em Passo Fundo mesmo, e eu me lembrava do meio da casa, que idade eu tinha, eu to, tava pensando né? Mas fir..., mais um 4 ou 5 anos, que eu não me esqueci, do, de, tem passado a menos, eu falei pra outros presos, *“Se lembra como, quando nasceu? Um ano, dois anos, começou a caminhar?”*, *“Não! Ele era maior”*, preso não se lembra. Então não fui só eu né?

Me esqueci mas eu me lembro tudo, quatro, cinco ano pra cá né? De quatro, cinco ano eu umm... Então eu pegava, mas era pobre né? Meu pai trabalhava, nós era pobre, então tinha que trabalhar lá, como é que chama, tinha que trabalhar em Passo Fundo ali.

Meu pai arrumava muito, naquele tempo meu pai arrumava era..., maq..., era..., arrumava revólver, revólver. Meu pai trabalhava muito com isso negócio em casa, e eu ia na cidade pra pegar nas casas essas coisas né? Pra mata ar..., meu pai arrumar sabe? Todas. Meu pa..., revólver, tudo as co..., meu pai arrumava a se..., relógio. Meu pai era um homem muito inteligente, então ele trabalhava muito, sabe naquele am, am...

Aí eu peguei, fic... nascendo desse jeito né? Nascendo. Aí depois..., já é Passo Fundo. Aí nós viemos embora de Passo Fundo, viemos embora pra uma cidade chamada Quatro Irmãos. É muito é raça de..., como é que chama? De judeu, israelita né? Isso era Quatro Irmão do Rio Grande do Sul, Quatro Irmão.

Até aquele trem, trabalhei de trem, de visitando correio. Meu primeiro serviço, trabalhava no correio, o correio era judeu, correio, mas a... (*), como é que chama? A chefe do, do correio, é uma brasileira, mas o correio é de judeu, israelita né? E o trem ramm...

Quatro Irmãos, perto de Ireximi. Agora, ali eu trabalhava, ali eu trabalhava que ro..., eu trabalhava no correio, primeiro serviço correio, de judeu né? E ali tem até aque su vê, a tem o trem pra cima da cidade tá? Família minha lá tudo diferente, a cidade é só judeu ali, o trem é de judeu que terminou até o trem, o trem tá a..., o trem é ICA, o brasileiro é Jesse Conation Association, é J C , J C A, Jesse Conation Associação, é judeu, e o meu pai depois, invadiram a terra do judeu pra pegar essa terra, como chama, foi a tudo farm...

O, um pai, meu pai, eu era menino, meu pai saiu do, do serviço do judeu, lá de... Meu pai invadiram a terra do judeu lá no Rio Grande do Sul, invadiram na, no norte a mesma coisa, invadiram no Rio Grande sabe? Pra plantar. A terra do judeu tomaram conta daquela terra, e o brasileiro invadiram tudo aquela, aquela terra do judeu, não pra brigar com o judeu,

pra plantar, e meu pai empossaram a terra, e veio embora pra o interior de Santa Ca... O governo do rio..., saia bem, saia bem, percebesse, saia mal...

Depois ficou po..., o governo deu uma ordem, o governo lá de Porto Alegre, deu uma ordem que, o que saísse bem, saía por bem, o que não por bem, saí por mal né? E eu ficasse, saí por mal, os que ficaram né? Agora é polícia mesmo, meu pai saiu por bem porque tinha trabalhado, o meu pai era muito... Então veio embora pô divisa dele, Iraí chama, a terra chama Iraí, no Rio Grande, e meu pai veio pra Iraí. Pra que esqueci o nome da cidade que é perto de Iraí. Então meu pai tem, tem essa terra, eu tenho essa terra, o governo deu aquela terra. E todo o Brasil, é que não saiu por bem, saiu por mal né? Lá. E o judeu, pegaram, e foi muito ééé. O brasileiro voltava e escrevia, e voltava aquel..., pro mato, na alguma casa. Os brasileiro e lá outros que tava naquele lugar, ele trab... Não trabalhava, não gostava, tá sempre contra o judeu, faz contra o judeu, esse a medo da toda brasileiro lá, então tá aquela coisa né? Mas a turma que invadiram a terra não maltrataram o judeu sabe? Eles só queriam trabalhar, não bebiam...

Nessa época eu tava commm..., dezessete..., eu tava mais ou menos com um oito anos, é, com seis ou oito anos, seis, sete ou oito. Aí eu plantava meu o..., eu trabalhava no, naquele que é judeu na, no, no correio, o correio é do judeu né? O correio, eu pegava carta em Irebanco, uma vila ali, Irebanco, entre Quatro Irmão. Sabe o trem? Eu não pagava, porque o trem buscava nu a..., aquela bolsa de..., como é que chama de..., cartas né? Eu trabalhava lá.

Ire..., ele é:: licença do índio né? O Ire era todo do índio, o Ire é Xincapoerense do Rio Grande do Sul, é tudo Ire né? O Ire é da índio né? Então Iretango, Erexi, tudo é, era, é índio né? Então, como é que chama...

Eu peguei, e passei naquela mesma cidade e agora tá preso aqui, pra viver como é que era, completamente, tá caído, hoje em dia saiu é o judeu, o judeu é aquele jeito dele.

A turma de brasileiro, era a avenida dos namorados, era na avenida dos cachorros, se falava lá que é muito cachorro, só brasileiro (riu). Avenida cachorro, então cachorro, judeu é o cachorro, e a própria..., só de judeu no centro.

Passei lá agora, e eu trabalhei numa fábrica, era menino, depois trabalhei na..., correio, depois trabalhei numa fábrica, numa fábrica de judeu também, po, pro a fábrica fabricava muita coisa lá e mandava fora pra Argentina, manda pra fora. Papelão, fazia, fabricava papelão sabe? Pap..., papelão. Derretia aquela madeira grande, dá muito pra lá, como é que chama..., pinhão! Pinhão, pinha, pinhão né? Pegava aquele negócio, cozinhava, eee..., cortava papelão sabe? Esse papelão tem por aí é fabricado lá, acho que aqui também fabricava, aquilo era o pinhão né? Cozinhava e depois né? Que eu trabalhava com isso lá, nisso..., nessa fábrica.

E tem uma fábrica, tudo que é numa fábrica, e nós fomos tudo pra rua sabe? Os trabalhadores todos pra rua. Aí eu era novo..., eu era novo, e depois desse meio de tempo, invadiram a terra do judeu. Aí eu tava comm..., de..., doze ano, invadiram a terra du... Invadiram não, invadiram eu tava com doze ano né? Doze ano, aí, de lá o governo mandou, deu partes a mais né? E mand...

E daí, depois disso fui para Iraí. Eu era menino de dezesseis ano. Lá eu fui com doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, eu fiquei em Iraí, por ali, trabalhando na roça, no mato né? Daí fui servir o exército brasileiro com dezoito ano. Dezoito ano fui servir o exército.

Sabe, eu era caipira do mato, eu era caipira! Lugar de maleiro, ladrão, não sabia nada disso, não sabe o que era da..., do coitado do mato né. E eu fui servir o exército em Cruz Alta, perto de Santa Maria, no Rio Grande, conheci todas as coisas. Queria conhecer São Paulo, aqui São Paulo, eu queria muito conhecer São Paulo. Naquilo tempo eu vim embora pra cá.

Servi o exército lá um anos e pouco, no exército brasileiro, na artilharia né? E, e agora eu estou a... De a cabo eu pa... Foi em Cruz Alta com Santa Maria, então..., Santa Maria tem 6^o ou 7^o regimento Santa Maria, Cruz Alta tem dois, artilharia e infantaria. Cruz Alta, ar..., artilharia e infantaria, eu servir na artilharia e meu irmão serviu na artil..., no infantaria. Meu irmão, esse foi mais atrasado do que eu, tomou cadeia, foi mais velho né? E foi dá baixo, que primeiro sargento do exército ele né? O meu irmão, muito se vê que ele tá lá né? E eu não saí mais do que soldado. Porque fazia tempo sabe? Eu não passei pro 3^o se..., 1^o...., e..., enfim, cabo, eu era pra servir talvez como cabo né? No exército, mas..., briguei com outro..., outro moleque lá, soldado velho sabe? Aí..., não pude, como é que chama de...(*), estudar pra cabo do exército.

Estudar eu ia numa boa era o canhão. O canhão vinha da Alemanha ou já fabricava em São Paulo. E ele vinha da Alemanha, o canhão, o canhão era puxado com..., cê vê, puxado com meia dúzia de cavalo o canhão. O canhão vinha sabe da onde? Vinha da... Té tinha uma bala, bala mesmo, bala na frente, estouraram a bal..., o fogo ia nos fundos e estourava nos... (*). O cara marcou no relógio quantos minutos ele chegava, cinco, sete quilometro da ali, atirando uma vila que ele fez, uma vila de casa, mandou casa e madeira né? Tava ta..., pronto, e mostrou o que que é o exército.

O exército mais brava naquele tempo, a arma mais braba é o canhão. Não é o canhão né? O canhão, a voz mais braba, o canhã, artilha..., o canhão né? Infantaria nem canhão né? Vou tá na artilharia né? Aí o canhão, a arma mais braba era o canhão, do Brasil era o canhão, hoje é a bomba atômica essas coisas mais braba, mas nesse tempo era canhão sabe? Naquele tempo, tinha mosquetão, fuzil, que tão qualquer no exército, dá uma guerra... Mais o que mais guerra mais braba é o canhão, com a bala ela estoura duzentos metro, ela..., ela faz um buracão. Tá! Tá! (imita o som do canhão) Ela..., ela estoura bala né? Na onde ela estourar coisa horrível né? É, a arma mais braba é o canhão mesmo! Então isso tanto... Tem quartel até pra dois mil soldados no exército... E esqueci, uma chamava né? Quando chamava era cem soldado cada né? Como é que chama? Tem um nome, esqueci..., regimento...

Agora fui eu..., fui a pouco tempo, fui no Sul, antes tá preso aqui, fui naquele quartel que servi, fui tirar o meu..., como é que chama aquele papel do exército? Como é que chama? Cart..., certificado. Fui tirar, deu guarda. Eu fui guarda também sabe? O guarda do quartel, agora de estar preso aqui... Fui tirar o meu papel, aquele..., falei pro guarda, "*Por favor, eu tenho que falar com ele...*". Nós fala cara a cara com ele né?

Falei pra eles, *“Escuta, por favor, eu queria tirar o meu documento aqui, pra ser mais fácil e é rápido, queria tirar meu documento”*. O soldado me olhou da minha idade, pensou que eu não conhecia o..., aquele quartel tinha estado, ele já é menino, nem existia quando eu tava ali, eu estava né? De guarda do quartel, ele falou, *“O que quê?”*, *“Eu queria um..”*. E quartel, pre eu falar com..., tinha um papel daqui..., eu tinha carteira profissional, das contas, pra poder trabalhar, eu queria o papel. Ele pegou, falou pra mim (*), *“Fala com su..., fala com seu Mo..., aquele sargento que lev...”*. *“Só queria um documento daqui de hoje”*, eu fui lá falar com ele, e ele pegou e falou pra mim, *“Serviu aqui é pro ser vim no ano 1949, idade 51”*, falei pra ele (*), *“Da, de 49, 50, 51”*, aí ele pegou e falou pra mim, *“Mais de 10 ano passado, vai pra TG, pra, pro quartel general, pro QG”*. Pra que ele falou pra mim, ah..., eu digo, *“Não, não entregaram pra mim papel não daquele...”*, eu disse, *“Não, se vê a minha idade pra tirar carteira profissional, aquela carteira profissional não precisa documento nenhum, eu tiro com a, com a do registro de nascimento e só né?”*. Qual é a idade, eu pensei né?

Aí peguei, fui, era em Porto Alegre, eu não fui. Daí eu, eu fui em Passo Fundo, naquela cidade que eu nasci né? Fui lá pra tirar meu..., como é que chama? Carteira, como é? Registro nascimento né? E tudo pra tirar carteira profissional. Registro de nascimento, fui lá, requeri outro em Passo Fundo, cheguei lá e falei pra ele, *“Eu nasci mas a tudo..., tá tudo diferente hoje né? Cheguei lá e falei pro..., passei no correio, pra telefone, pra ver se faz o registro de nascimento”*, aí ele falou que tinha um registro de nascimento aqui, falei pra ele, *“Ele falou pra mim, mas sabe aqui, a uma semana ele falou, mas por favor, eu sei tirar, tô com pouco dinheiro, tem que tirar agora, pra comprar passagem e ir embora pra São Paulo”*, ele disse, *“Vou te tirar em você até hoje mesmo”*, então falou pra mim, *“Mas de direito é passar mais”*, ele falou, e eu paguei não sei quanto lá, um pouquinho lá pra tirar o registro, e eu nasci, e eu vim na rua eu fui roubado.

Fui roubado por, por vagabundo da, da rua, da rua sabe? Por causa de três homem me tomaram, como é que chama? Me tomaram, perdi meus documentos na mão deles, me tomaram todo o dinheiro que eu tinha, três desses da rua né? E esqueci lá de novo, deixei na cadeira né? Aí tinha um cara da polícia, da brigada militar na, na praça, cheguei falando pra ele, *“Por favor, três cara..., meus documentos está por aí, é três de cada, que senhor não preso ele e nada?”*, eu queria que ele pegava meus documentos na mãos deles pra eles né? E ele pegou frente né? *“Diga assim oh!”*, tinha razão, é ele mesmo, tá lá vez né? Aí deu, não deu nada com eles, não deu nada, aí falou, *“Pra onde tu vai?”*, digo, *“Eu vou embora.”*, ele queria que eu..., *“Só se for obrigado ir lá. Mas eu quero..., quero só o documento que encontraram aí”*, daí eles falaram pra mim, meu nome e tal né? Pra, pra pegar o próximo..., dinheiro né? E se pegasse hoje, se pegar eu tiro de novo, eu digo, *“Eu vou pra São Paulo, eu, eu vou mesmo, vou pra trabalhar e arrumo tudo de novo”*.

Vim aqui pra São Paulo, depois daquilo eu vim pra cá, e comecei a trabalhar, e não precisava de documento pra trabalhar com ferro velho, papelão, essas coisas sabe? E assim mes..., feio né? Mas não tem

importância né filho de Deus? É feio mas é um trabalho né? É pouco mas é um trabalho né?

Então eu comecei a trabalhar sabe? Aqui, pra depois eu voltar pra lá, voltar procurar com a mulher legítima (*) e tudo né? Por outros meios né? Fui preso e até hoje oh! Não posso ir a lugar nenhum, e não sei, não sei de mais... Cada vez tá pior, cada vez tá me deixando mais preso. Quando a vi, quando me largar é horrível, cada vez pior né? Porque na minha idade, cada vez é pior né? Porque minha idade eu passei de cinquenta ano, e quando aqui se leva um ano, considero dez, eu considero sabe por quê? Se o cara é novinho, com vinte ano, pega um ano, dez anos, tá com trinta né? Agora, se o cara tá com cin..., sessenta, pega o meu caso aí, tô com seis anos, e era muito mais novo né? Um pouco mais novo, e cada vez eu tô mais velho. Então cada dia né?

E sou pobre, e..., como é que cham..., como vai, como é que vai ser né? Eu vou ser morto, ser enterrado, e se eu fosse embora jamais ia acontecer isso aí. Sabe, eu..., tá me maltratando tudo isso, que eu não devo nada, quase nada, já pensou? E agora (*), eu espero aí! Dá isso que precisa, sabe porque? Aí eu servi o exército sabe? Aí, digo, eu vou embora pra São Paulo, mas eu não sabia esse negócio de roubar, não era..., quer dizer...

Depois que eu tinha servido o exército, eu vim pra Curitiba, e depois, eu quis ir pra São Paulo, porque São Paulo é de estado grande, um estado grande sabe? Um estado... Eu vim pra cá.

Sabe, deixei o Paraná em Curitiba. Fui de transo né? Curitiba, eu era do trans... sabe? Da polícia lá do trans..., do quartel dessa, da, da polícia lá. Cheguei lá em Curitiba, daí ele pe...

Eu fui pra Curitiba foi mais ou menos, mil novecentos eee... cinquenta, são três anos passados, cinquenta e umm..., três ano, é cinquenta e quatro, 1954. Até parece que o governo de São Paulo, quando eu vim pra, pra..., que um gordão, um governo de São Paulo era de, de Barro, não sei quê, de Barro. Eu fui lá nu... O governo de São Paulo é de Barro.

Aí eu vim pra cá, eu fui pro interior de São Paulo. Trabalhei em São Paulo e eu trabalhava no interior de São Paulo, trabalhava como é que chama o nome? No interior de São Paulo é... Aamm..., trabalhava nessas como é que chama? Nesse negócio, trabalhar na, na, nessas...

Arrumei uma, uma, uma mulher, uma mulher, comigo né? Arr..., i pegar uma mulher de Sorocabana aí? Eu e ela, e ainda deu pra passear pro interior tudo deu trabalhava no interior né? A trabalhar... Interior é..., como é que chama..., cidade de São Paulo que eu.... Ah! Cidade chama Campinas, maior cidade do Brasil é Campinas. Não é Campinas né?

É, qualquer Campinas né? E de Campinas, tem outra cidade de Campinas, quase..., até perto de Campinas..., Mogi Mirim, Mogi Guaçu. Mo..., morei em Mogi Mirim, Mogi Mirim, morei perto de Mogi Guaçu, duas cidade, e..., o esquec... agora..., Campin..., eu não sei como é né? A que me esqueço, eu esqueço um pouco. Enquanto eu vivo num monte de Mogi... Mogi das Cruzes é São Paulo, a primeira acho que é Cruz, é Mogi das Cruzes, Mogi Mirim, Mogi Guaçu de lá né? E lá, e lá..., e depois eu morei em outros cantos, São Paulo, interior de São Paulo tá? Morei na...

Trabalhava em, em essas, em plantas, e cria plantas. Mas depois trabalhava, arrumava um pouquinho de dinheiro. Trabalhava né? E... arrumava né? Ía visitar a família. Sempre procurava ver minha mãe... Minha mãe acho que está viva. Sabe, a última vez que eu vi minha mãe, tá quase noventa anos, tá com oitenta e pouco anos. Quando eu vi a minha mãe, eu me lembro que... Oitenta né? E a minha tá quase noventa anos. Acho que tá viva minha mãe mas ela não sabe aonde eu estou né? Está Foz de Iguaçu no Para... Na, na divisa do Paraguai. Minha mãe tá lá. Eu sei a...

Eu tenho uma irmã rica na... A minha irmã mora na Foz... Aí, na como é que chama? Aí na..., na Foz de Iguaçu. E a minha irmã viu eu, essa é a mais velha de filha né? É era quase a minha idade né? Eu tenho cinco anos menos que eu. Mas ela viu, falou, *“Mano, por favor, tu tá pra onde? Tu tá em São Paulo?”*, *“Eu tô em São Paulo”*. Ela perguntou pra mim, *“Já tá bem arrumado?”*, eu não era pre... Pegou e falou pra mim, *“Sabê que tu faz”, “Eu sou papeleiro”, “Tu tá papeleiro?”*, eu digo, *“Eu tô papeleiro lá”, “Mas não vale nada mano”, “Eu também tô de guarda, fico com as coisas aqui”, “Vem pra cá mano, vem com a passagem comprada direta pra cá, porque meu... Vem em Foz de Iguaçu. Tá com pouco dinheiro né? Não tá com muito né?”*.

Eu comprei a passagem direto pra São Paulo de vo..., de volta né? E eu tava ali e a passagem mesmo, dentro da passagem, eu vou tá fora mesmo. Minha irmã falou, *“Venda ela e bota fora, essa bo... Venda!”*, *“Mas quem compra a passagem?”*, *“Tu venda qualquer um”*. Eu tava com a tal da, da como é que chama? Da, da..., da polícia aqui em São Paulo, a polia..., aquela que tá na rodoviária, tem coisa da polícia rodoviária né? E ele me deu um papel pra jogar no ônibus, comprar a passagem direto né? Sem documento né? E eu che... *“Mano, mano eu tô com essa..., com essa de polícia de São Paulo pra poder viajar, mas só pra viajar mano, aqui só tenho aqui..., e o documento aqui é outro”*.

Agora tem uma coisa, minha irmã disse pra mim..., muito..., a minha irmã disse, *“Tu fica aqui, aquela muito de guarda aqui, e você fica aqui na Foz de Iguaçu”*. Minha irmã disse, *“Tu fica na Foz de Iguaçu, mora nos fundos, fundos da minha casa. Tem uma casa boa”*. Ela disse pra mim e... E daí o menino veio, como é que chama? Eu sou tio du, dum moleque lá sabe? Eu sou tio dele, fica com dez anos no Rio Grande, hoje tá com vinte e poucos anos, já tá mais de dez anos, já tá no Foz de Iguaçu né? Chegou com uma moto e disse, *“Benção mãe”*, pra ela né? Mas sou tio dele né? E ele trabalha nu, num hotel em Foz de Iguaçu. Ele chegou com uma, com secretário na rádio lá. Ele chegou com uma, uma moto, e falou, *“Benção mãe”*, pra ela né?, e ela disse, *“Sabe que esse é o Clodoaldo?”*, é eu né? *“Esse é o Clodoaldo”*. Ele duvidou..., falou...(suspira e começa a chorar), *“Sabe que tá acontec... uma... O tio...”*, falou assim pra mim, *“Cê tá em São Paulo?”*, ele né? *“Tu tá em São Paulo?”*, *“Eu tô..., eu sou caminhoneiro, eu tô com o caminhão no Sul, papeleiro, ferro velho”*, eu falei prá né? Eu faz que eu tinha caminhão, pensou que eu tinha caminhão. Digo, se inventa a tática. *“Mas ele tava com o carrinho papelão aí..., o vez do caminhão”*. Ele falar o vez do cami... *“Tio, deixa essa porcaria pra lá e vem pra cá, i, i...”*. Aí..., pensando, e aí ele..., e eu, *“Eu tô com a passagem volta pra São Paulo”, “Passagem? Pega a passagem e vendemo.*

Deixa pra lá. A deixa vim, fica aqui". Aí eu pensei..., fico ou não fico, fico ou não fic... Não! Eu vou pra cá.

Sabe, agora nunca me aconteceu aqui dentro desse estado essa coisa, não tem como mudar, eu tô preso todo esses tempos, sem dever nada disso, cê sabe, um pouco ta... Eu não sei quando está acontecendo isso, eu não esperava, eu tô pagando, meu idade, eu tô pagando o que não devo, eu trabalhava, não tenho culpa... E se eu erro, eu sei que eu tenho culpa, alguém tá raiva de mim o ou... Não estou entendendo essa lei do Brasil, não sei se é aqui ou em todo lugar do Brasil, eu nunca esperava isso aí, jamais.

Sabe, nós temos só uma, uma como é que chama? Principalmente do homem ou da mulher, ga..., e... a..., como é que chama? Liberdade! E eu tô pagando que jamais... Que se eu tô preso por alguém, eu tô preso, um dia ele se lembrará que ele foi..., que tá errado, mas será tarde, porque ele será..., e da minha idade... E ele vai se lembrar que ele está errado. É, ele sabe, porque se eu devesse, se eu tava assim matando os outros na rua, aí tava certo, mas eu não sou nada disso.

Não sei, eu era trabalhador, e eu, na atual indústria, trabalhava com papelão, ferro velho, essas coisas sabe? E agora tô pagando. E agora cada vez pior né? Cada vez tá com mais idade. E quando eu penso, agora não espero mais embora. Sabe como é o caso, ir embora. Para a minha idade também... Não devo nada, e agora não penso... Tem um velho mais velho que eu, tá aqui, já pensou? Tem um velho, quando eu vi ele, eu digo... Então eu não posso nem pensar mais nada, um velho daq... tá...

* * * * *

Na minha juventude eu achava..., eu gostaria muito sabe? Porque eu estudava em colégio né? E eu de carecer de Brasil, de eu pensava daquilo que é eu conhecer o Brasil de ponta a ponta, as quatro partes do Brasil, "*Quero conhecer!*", eu pensava né? E pensava, "*Em primeiro lugar vou ficar em São Paulo ou senão aqui no Rio Grande né? Que eu sempre tô é aqui e São Paulo deve ser bom*".

São Paulo é bom sabe? Em São Paulo... É por isso que todo mundo vem pra cá sabe? Que ele tá... Aqui tem muito trabalho. São Paulo é o lugar que tem mais dinheiro né? Lugar que tem mais de toda, em primeiro lugar Brasil, é aqui né? E então... E aqui tá ahm... Primeiro lugar é São Paulo. Agora, pra mim, é primeiro. Ahm... Pelo São Paulo eu tive que é tempos bons aqui sabe? Eu nunca em São Paulo o cara fica... Só se é aleijado ooo... Eu já lavei carro, cuidei carro sabe? Lavei ca... "*Se gosta de lavar carro?*". Hoje não é eu, hoje é moleque que tá lavando... Esse..., esse é ladrãozinho tá lavando carro por aí. Aquele cara ummm... lavando o carro sabe? Já lavei muito carro também. Tudo já...

Em São Paulo não tem que tá sem trabalhar porque tem muitos..., cuidar carros... Se cê tá aqui, tem uma igreja de crente aqui, então o resto tá cuidando de carro, se cê chegasse na igreja eu cuidava do carro lá se eu quisesse sabe? Cuidar o carro dos crentes lá, falar com o pastor, depois eu trabalhava na, cuidar do carro ali. Se o carro tá... Tem muitos meios pra, pra se viver, se trabalhar, muito meios. E, e agora não

po... Agora não tem emprego aqui! Não, não, não... Tô perdendo meu tempo, já perdi uma parte, mas não sou só eu.

Se eu tô errado, se tô mais preso por algum erro, se eu vi que é isso aí. Mas no meu caso, tem outros tamb... Tem alguns outro que tá pior do que eu que né? Porque eu já... Meu tempo novo... já foi bem o meu tempo novo. Nunca peguei uma cadeia tremenda dessa, mas tô preso agora, já tô de..., mais pra lá do que pra cá mesmo sabe? Tô velho e tudo né? Um dia será tarde, o dia que eu... né? Quando eu sair, cada um ano, eu considero que é..., um ano é dez anos que eu perco. Da minha idade, já passou do cinquenta ano, quarenta ano, eu considero um ano como dez, porque sabe o dia de amanhã.

Mas tem muitos novos que tá pior do que eu aí sabe? Que ele preso que... Preso ooo... Qualquer um... Tem muitos novo na rua né? Que a..., que é novo aleijado né? Sabe né? Tem novo que nasce já morto na, na, na, na mãe, na mãe dele, muitos meninos né? Já nasce morto. Tem outro que tão... Eu não tô pior sabe por quê? Porque eu estudo sobre saúde. Tô preso tremendamente, uma, uma coisa horrível que eu fiquei. Teve tudo isso aí, eu perdi tudo esse tempo sabe? E tô perdendo e não sei o dia de amanhã. Não sei se vão resolver me, me mandar ou..., va, va, vou ter que fazer né? Ou tem que mandar eu embora, mandar eu não sei pra onde né?

(suspira) Mais eu sei que tudo isso foi da minha vida (S). Santo mesmo não existe ninguém né? Então o cara tá devendo, pagando né? Mas só que santo não é né? Mas também não é pior que todos com muitos outros né? Pior do que mim pegava de montão sabe?

Esses dias o cara disse que não tem cara de, do, do... De que um cara falou pra mim aí, um velho que tá preso, um velho que é bom, o outro velho falou pra mim que São Paulo de uns tempos pra..., o dinheiro é outro, disse que não tem esses caras pedindo na rua.

Agora eu não olho num carro. Como é que o chama o carro? Preso, não olho no carro, mas eu olhei no carro sabe? Então também o cara falou o dinheiro mudou, o dinheiro você nem conhece o dinheiro de agora. Quando eu estive preso era cruzeiro. Fazer o quê preso? Na hoje dinheiro não sei, não sei nem o nome certo dele mais nada sabe?

Eu tô preso porque mesmo matei. Três coisas, três coisa ruim, três coisa ruim na cadeia, um, o homem na cadeia, um, o hospital, o hospital o outro, e o cemitério é outro. Mas o pior, até falo pros preso, o pior de tudo é o cemitério. Mas tem preso que fala, "*É, o cemitério eu vou pra Deus*". É, mas eu que tem Deus não acredito em Deus, mas eu também não do..., não acredito e não duvido né? Eu não sei de quando morrer... Mas também tá vendo é uns né? Eu não que... Deixa falá que é bom, mas não quer morrer né? Tem muito crente aí que fala que... Por isso que, que fala... Tem muito crente que fala, mas ééé, também não quer morrer. Ele vai morrer pro céu. Vai pro céu também. Eu não sei também né? Não sei pra onde vai ou não vai. Mas eu acho que vai né? Agora, Deus acha que... Vê, Deus é forte, cada um mais... E a gente vai mesmo, e o crente também né? Então todos caem lá no céu, crente, católico, aposto... Todo mundo fala quer ir né? Que vai pro céu, e só espero isso aí mesmo sabe? Só espero que... Tem uma, uma... Se não for também, morreu é aqui, porque o, o,

quando a matéria morre, o corpo como é que chama? Apodrece né? O corp... Já viu?

Já uma vez, uma vez pensei, sabe o que eu pensei? Sabe o que eu pensei? Que nós viemos na Terra... Sabe que eu pensei? Que nós nascemos de, de, do, de..., como é que eu vou... Aquele bichinho igual, um bicho parecido com uma pessoa, como é que chama o..., aquele que é igual uma pessoa, o... Aquele bichinho igual uma pessoa como é que chama? Eu achei que a gente nasceu... Pensando no começo do, do mundo... E ninguém sabe o dia de antes. Mas ninguém sabe como é que foi o ano, como é que foi né? A gente... E a bíblia fala uma coisa né? Ela falou uma coisa né? A bíblia falou a coisa né? Eu, eu... Mas também.. Tem muita coisa que não se sabe também. Tem duas coisas aí não se sabe. Quando a pessoa nasceu... Aquele parecido com uma pessoa, como é que chama? Talvez foi morrendo e nascendo ali corpo, o cara falou que vai pra baixo da terra né? Igual o... E talvez podia nascido do, do, do tempo pra cá. Dum dos bichos foi nascendo uma pessoa, daquele como é que chama? Do... O bicho parecia com uma pessoa, como é que chama?

Macaco!! É, o macaco, que o macaco preto e branco, e se é só preto, tem preto e branco também tem, dois tipo né? O macaco... Que igual aquele macaco grandão (*)... Existe Deus ou não existe mesmo como é que chama? Eu penso que eu era parecido com uma pessoa né? Fico... Eu tenho... (ri).

E eu trabalhei em correio, eu trabalhei em correio. Sabe, onde eu trabalhei, tanto de passar ali, nossa, correndo com outro. Eu tinha muito bico. No circo, não tinha documento, rumava tudo, maior do Brasil, do Brasil o maior circo. Trabalhei em dois circo na minha vida. Mais eu gostava de viajar e circo não parava no lugar. *“Um circo eu tô indo pra São Paulo, com circo vou pra Mato Grosso e pra Goiás, pra ba, ba, Bahia”*, pra um país fora de Mato Grosso lá, ele foi pra lá, eu fui até Mato Grosso e voltei, *“Mas não vou não! Tá sem documento?”*, mas ele levava eu, o circo. Eu trabalhava no circo sabe? E o cara xingava muito... Circo americano, é circo americano, eu trabalhei pra esse circo. Eu trabalhava naquele circo, tinha uns cara que era do Rio Grande, uns gaúchos no meio dele lá, daquele circo, e muito carro né? Tudo eles pegaram e guardavam o dinheiro na mão de um chefe, um cara bom me a vi... Tinha uns caras legal viu? Tem toda gente boa! No circo tinha uns caras muito legal! Deus que dê boa sorte a ele, um cara..., uma família boa sabe? Que a causa disso não ca... Nós durmia entre eles sabe? É que caminhãozão grandão, e eu pegava e cuidava a redor do circo, e cuidava pros cara nummm..., como é que chama? Os caras num... (ri), não fugir por de até por baixo, do querer, do querer se... por baixo da lona né? Mais dois carregava, tocava pra mesa, deixava ele passar ainda por baixo de... (ri). E tomava uma pinga num...(ri). Mas se sabe que...

Mas eu ía, até cuidava daquela, quela, aquela ali né? E cuidava o... Se a foi com um bicho, mas é com bicho lá dum... O cara, *“Ah”*, o bicho, *“Uh”*. O cara, um bicho daquele, tinha ter um, ummm... Aquele enorme na boca, que, que, que deita e não levanta, que..., como é que chama? Aquele bicho que tem uma, tem, tem uma na boca deste..., como é que chama? Ele, ele é muito alto, ele não deita e não levanta, como é que

chama? O, o esquece o nome daquele bichão grandão! Ele deita não levanta, como é o nome? É, eee, tem um de... E, e ele não senta, não deita o bicho... Sabe na Argentina? Ele sai do Brasil aquele bicho, que o Brasil é grande né? Que o Brasil...

Na Argentina e tô... Fala cada um pra gente aqui sabe? Lá na Argentina, eles falam que o... Aqui no Bras... tudo, tem brasilëno, muchacho, *"Pra mim tus tem brasilëno"*. Igual eu, sou daquela terra, *"Eu sou de Braasiil"*, falei pra ele, *"Tá qui voceis, mas tche aí na fronteira tá, voceis aí"*. Aí pegou, nós fomos num desfile militar sabe? E ver desfile de sete de setembro né? Nós desfilava, *"Você foi lá desfilar? Na divisa deles lá?"*, eu disse, *"Lá até vinte, até quase vinte mil nós desfilava sabe?"*. Ele desfilou pra cinco, seis mil, se sab qu... A..., na avião, avião, Argentina, fabrica avião lá, é um país muito forte é Buenos Aires. E ele falou pra mim, foi comigo pra Argentina, falou pra mim *"Brasilëno!"*, digo, *"Isso pra nós tem montão disso aí"*, falei pra ele, *"Canhão deve ter oh! Esse canhão de voceis deve ser fabricado aqui"*. Falei pra ele, *"Esse canhão vem da Alemanha, esse canhão de voceis no Brasil é... Fabrica até canhão... Lá no São Paulo fabrica até canhão"*, falei pra eles né? *"E, e já tá fabricando jatinho, canhão fabricava aqui"*, eu falei pro, pro argentino. Ele falou, *"Se tens brasilëno muchacho"*. *"Eu sou daquela terra, vou embora pra lá, tô com saudade do Brasil"*, falei pra ele. Aí ele pegou, falou pra mim, *"É analfabeto? Lá tem de tudo, tem analfabeto, tem preto, branco, amarelo, tem de tudo"*. Falei, *"No Brasil tem de tudo"*, falei pro cara, pro argentino né? *"Lá tem de, de..., de gente a todo tipo, tem de tudo, não é só voceis lá, só tem gente claro né? Gente branca né? Lá..."*. E eu, eu falou, *"Brasil é tudo negrada, tudo negro"*. Falou pra mim, *"Não, mas lá não é... Tem tudo... Na Argentina pro..."*. *"Na América do Norte, Norte América tem emprego também"*, eu falei pra ele, *"Não só no Brasil. Lá não é primeiro... Tem lá e não tem em toda a parte"*.

Aí passou pretinho assim, então pretinho assim (*), pretinho, e o preto não era brasileiro, o preto era argentino, preto né? E o, o argentino falou pra mim, *"No Brasil todo mundo é preto!"*. *"Mas aqui também tem"*, falei pra ele. Ele falou, *"Lá também tem, lá é pouquinho lá sabe?"*. E passou um pretinho lá, e falei, *"Uééé, este garante que não é brasileiro, porque não é pretão, é pretinho, e não é brasileiro pretinho"* (ri). E eu falei, *"Vamos, vamos trocar por um cigarro?"*, falei pra ele. O argentino, *"Vamos trocar num cigarro. Vou chamar ele, se ele for brasileiro eu te dou um cigarro, e se ele não for vai dar um cigarro pra mim"*. Eu catei o cigarro dele e tá. Aí passou o argentino..., passou..., *"Tem fogo aí?"*. O argentino chega e fala em brasileiro, eu falou brasileiro, ele disse, *"Tem fogo aí?"*. Acendeu o cigarro, *"Nou muchacho, yo no tenö"*, ele falou meio castelhano. Aí eu o..., quando ele foi eu disse pro..., *"Quem é brasilëno?"*, *"Não es brasilëno?"*. Ele disse, *"No, io so ia cá! Io soi argentino!"*. Eu falei, *"Viu? Tem no Brasil tem preto, aqui também tem rapaz!"*, digo (*), *"Tudo tem essas coisas"* (*). Eu falei pra ele, *"Tem lá e tem aqui"*.

Conheci três país de passagem. Não conheço o Uruguai. Eu passei no Uruguai. O Uruguai é... O Uruguai é do tam..., tamanho do Rio Grande. O Uruguai se facilitar ainda perde pro Rio Grande e tudo lá, tudo o Uruguai. A Argentina mais ou menos como São Paulo, Argentina mais ou

menos é igual a São Paulo, de gente né? E uma capital é igual a capital de São Paulo. Estado de Buenos Aires é muito grande sabe? Sabe, lá é..., pega mais ou menos como São Paulo, Buenos Aires é muito... Lá não tinha nem metrô... Aqui quando eu tive lá não tinha metrô aqui. Lá era... tinha... Em Buenos Aires tinha só embaixo. E ainda fizeram esse metrô aqui diferente também de lá. O metrô lá, o metrô lá é... O metrô lá corre muito mais, parece que corre como um condenado, mas parece que corre tudo... só embaixo do chão né? Em Buenos Aires. É pra cê trabalhar, lá ninguém pega...

Na Argentina se pedir é cadeia lá, trinta dia de cadeia, é, só, pedir lá, não tem jeito de pedir (*). Lá eu arranjo passagem pra qualquer lugar, dá passagem, trabalho pra qualquer lugar sabe? Lá e... E aqui tem também, tem em São Paulo, tem no...

Lá no Rio Grande também quase de São Paulo. E o Rio Grande é bom pra..., pra pobre também sabe? É a mesma coisa. São Paulo dá roupas pra esse pobres embaixo de ponte, e dá ca..., e dá uma..., saúda o pobre aqui em São Paulo, homens e mulheres. E tem aqui... O Rio Grande também é a mesma coisa né? E tem esses dois estados. Mais estados...

Tem estado bravo aqui sabe? Eu não quero, não vou falar mal viu? Mas tem estado que não chove, estado que a terra não é boa sabe? E tem estado... E aqui eu sei que numa parte também é bom sabe? Um cara vai e mora e trabalha bem sabe? Lá a terra é boa, o, o tempo, a água, às vezes em São Paulo pra lá sabe? Só quatro estados são bom, Minas também é bom, Minas sabe? Também eu vi, eu vi que lá tem... Na divisa de Minas pra lá eu não acho lá muito bom sabe? Que Minas, Minas tem parte que o mato de Minas viu? O mato é um matinho pequenininho sabe? Como na vi na Brasília, o mato não é igual lá do sul, aquele matão, aqueles..., tremendamente, uma largura tremenda onde tem aquela..., que não dá..., como chama? Indo pra Argentina faz tábuas..., parece pinho, pinhal, pinhão. Só dá aqueles morreros de pinhão também né? Lá é pinhão é..., pinhão. Primeiro mete um metro de largura, derruba com um machado, derruba com arma, com mata e mais serras né? E manda pra Argentina pra poder fi...

Eu fui pra lá quando fui pra... Fui numa viagem sabe? Do rio Uruguai. O rio Uruguai nasceu no Rio Grande, outro nome depois, como é que chama? Uma cidade grande, lembra São Paulo, uma ponte, uma cidade chamaaa, Vacaria! De Vacaria, o Rio Grande, Vacaria, do outro lado é Argentina, Santa Catarina. E esse rio Uruguai passa em Vacaria lá, faz uns sete ou por aí né? O rio Uruguai naquela ponte né? E daí pra Vacaria, pra baixo Uruguai, ele vai até..., ele vai pra República Uruguai, fica no Uruguai né? Ele vai se a..., alargando.

Eu mexi com madeira, nós mexemos numa madeira sabe? E lá desce muita madeira. Desce madeira Santa Catarina. Rio Grande dá muita madeira por causa da pinho. Dá tudo pra... Dá enchente naquele Uruguai, dá, dá até morte, o chefe de, do..., falou pro, pra mim. Mas aí passamos no rio que dava nove pulos, não sei quantos quilômetros, tremendamente horrível. E eles não tem outras meios... E eles disse pra nós, o chefe do..., falou pra nós, *“Olha sabe? Cê crente, a católica, tu reza que você não sabe se vai chegar até o fim agora com a passagem aqui”*; falou pra nós, *“Reza, sabe rezar?”*. Comecei a rezar pra não morrer que sabia que... Aí eu...,

tremendamente horrível, quebra tudo, a madeira, toma madeira, uma pau, uma madeira..., como é que chama? Uma pedra entra dentro da madeira, desse tamanho oh! Dá batida, corrida, e quebra tudo lá embaixo, penetrou ma...

Amarra tudo sabe? Com a Argentina nós levemos pra Argentina ganhá uma dinheiro muito bom o caminho, ganhei bastante dinheiro. A gente ganha bem sabe? Naquilo... E gente traz de vez em quando da Argentina, do outro lado é o Brasil, é a fronteira né? E eu fui ali quando era novo, só fui uma viagem. Então quando eu fui, que eu sabia que era perigoso né? Eu fui pra, pra... Ganhava bem também... Naquele tempo não conhecia...

E o outro lado da Argentina vai até... Me esqueci aquele lugar que nasceu o... É que o nasc... Sobre o Getúlio Vargas? Nasceu naquela cidade. Numa cidade que... Me esqueci o nome da cidade, essa de que nasceu Getúlio. Tá enterrado lá também. Getúlio foi de avião enterrado lá. E então tá nessa cidade. De uma lado é Argentina, de um lado é o Brasil, tá no Uruguai e na que... Esqueci o nome da cidade, ali pro perto tá aquela cidade..., é uma cidade..., da fogo e...

Disse um gaúcho que nós somos gaúchos ou não? E chama gaúcho é do sul, o gaúcho é aquele que usa botinha, usa bota e..., o cara que na fronteira lá embaixo é bem gaúcho, mais aqui pra cá é rio grandense. Talvez porque nós é..., não andemos como a..., só cavalo, só carrega tudo tipo..., não anda com chapéu grandão sabe? Metade da perna é bombache, o gaúcho é bombache e... Cai tudo diferente lá pra baixo. Na fronteira, nos baixos, tem sete ou oito estados Rio Grande na fronteira, mas tudo perta a falar é meio castelhano, é meio sabe? Meio cativo. Só dá pra meio né? Misturado também com português, castelhano, e lá era o...

Nós sabia também pelo estudo mundo bem de vida. Todos bastante terras, planta, tudo bem de vida sabe? Os que tão ali mesmo né? E... Só sei que estivador disse que a Argentina, talvez do outro lado da Argentina, as criancinhas fazem compra, criancinha. E a polícia de te considera...

Tava..., a polícia da brigada tava... Eu tava jogando carta sabe? Jogando carta, eu tava tomando vinho. Lá dá muito vinho sabe? O cara tava... Polícia também chegou ali, veio revistar eu. Polícia de lá de, do... De cá tem só brigada né? Revistando eu, revistando eu ali, perguntou se eu não tinha, tinha arma, falei, "*Moço, leva cá eu...*".

Tinha mulher legítima né? E tava trabalhando. Ele tava trabalhando como é que chama um...? Tava trabalhando numa ponte. Uma ponte, um lugar no rio Uruguai, uma ponte né? Trabalhei pouco lá na ponte, e ainda aí naquela, naquela, trabalhei naquela ponte... E o sei que o ahm... Estava o... Tava arrumando, amarra..., marrando a madeira cê sabe? Pra rumar madeira na beira do rio, riooo, rio Santa Catarina, passa no rio Uruguai, então o rio largo, o maior rio do lado de ca..., catarinense lá, mas é por causa do rio Uruguai né? E ali muita madeira pra, pra amarrar tudo sabe? Amarrar tudo a madeira pra tudo pra Argentina sabe? E até jogando na, na..., fa..., na, na..., ponte né? Em Santa Catarina. Mas já chega em pouco tempo ali, e, e, a, a ponte, subi, que tão junto com a Argentina. Aquela vez eu fui, meu chefe, falei pra ele, "*Quero trabalhar!*". Queria

descer, mas é perigoso não sabe se volta. O chefe lá falou, “*Não sabe volta porque sempre morre..., morre até oito, até morre-se dez, sempre morre gente*”. Mas pro lado de cá...

Gente ia cima da madeira amarrada. Madeira tudo amarrado na outra, tudo madeira amarrado com..., boian... Cê sabe (*), é, fiz (*) quando era novo né? Fui, eu fui... Dai eu peguei e pedi assim, do lado de cá né? Aquela era tudo, era um... Fazê compra do lado de cá, os Brasil lado de lá, fazê compra, faz compra de lá.

A cidade chama, cidade lá de cá, ali onde tá o Getúlio, tá o governo, ta lá do lado de cá, e a do lado de lá é outra cidade catar..., é..., cidade de... Argentina sabe? Aí eles passaram lá, tava lavando roupa, Argentina, sábado, Argentina. Passava compr..., “*Oi tchê! Rééi...*”, pra ela, dava ba... pra essa mulheres, “*Oi brasilërinhos*”. Aí vi os do lado de lá já de querendo do Brasil, pois nós já tinha muito melhor.

O Brasil tem coisa boa!

Já tem que nós puxa o..., aquela máquina, se tinha um fogão, tinha tudo, a que até a, a bandeira brasileira, tudo lá dentro, bandeira sabe? Brasileira, e a bandeira uruguaia pra atrás da bandeira assim sabe? E como no carro dele é bandeira... Eu acho que ele... Não é carro, como é que chama? Não é navio não, é..., barco! Barco grandão! Aquele que puxava madeira da... Tipo de barc... Nós remava né? Uma parte remava, uma parte puxava aquele, aquela máquina, aquela né? (*).

Aí sabe? (*) Quando é na... Aí eu voltei sabe? Eu voltei e a minha mulher falou, mas uma mulher mesmo só... Já falei dela. “*Fulana, vamo embora pra, pra São Paulo?*”. Eu queria vim pra cá, “*Vamos embora?*”. Ela disse, “*Eu querendo...*”. Ela nunca quis vim pra cá, ela não veio, ela tá lá. Ela, ela curandeira sabe? Ela é curandeira. E essa que é curandeira temo um filho sabe? Um filho legítimo, filho mesmo né? E o nome dele é meu nome. E ele tá com um colega, ele tá na aviação. Eu não sei o que ele faz aí, e eu não procurei ele, não fui pra lá... Eu tá preso, até antes tá preso eu fui lá, na vila Solveta...(*).

O meu filho sabe? Que ele é meu filho. Tão moreno, que minha mulher é uma, uma, aquela, uma morena mesmo, uma morena, morena, morena cabeludo, morena na... E ela, ela curandeira sabe? Curandeira. Agora eu fui lá daqui. Então eu fui lá. Agora, a última que eu fui lá, fui na casa dela, e ela tem uma casinha de pobre sabe? E ela é curandeira.

Um dia eu fui em Tapiraí, ía procurar onde ela tá sabe? Ela foi bem... Ela falou pra mim, ela, minha mulher, falou... Fui na casa dela... Fui na minha irmã perguntar tem algum homem, “*Ééé se ela tem eu vou lá*”, falei pra minha irmã né? “*Porque também, pegou minhas roupas não, não...*”. Minha irmã, “*Ela tem homem mas ela pensa um pouquinho de você*”, “*Se vo...*”, “*Ela acha você é morto*”. Ela disse, “*Acha morto*”. Eu digo, “*Não! Eu vou na casa dela tá?*”. E eu cheguei lá, e ele casa dela sabe? E, e de pobre sabe? Maior pobreza sabe? Pobre mas limpa. É, ela é muito... sabe? Muito caprichosa sabe? Cheguei lá... E temo só uma filha que morreu também, e o filho que tá em Porto Alegre, e ele é da aviação Varig. A Varig está aqui em São Paulo. A Varig já tá... A rio grandense, a Varig. E essa Varig meu filho é da Varig sabe? Eu disse, “*Aviador!*”. Eu não acredito sabe? (chora).

Sabe o que eu fiz? Fui lá... de... Fui lá na casa dela né? Dela, essa mulher né? Essa... Por dela eu casei, quêça louca, casei com meu... Tudo, tudo, casei com essa doida, com essa..., com essa... coisa né? Essa aleijada. Mas eu casei com mesmo nome, tudo. Agora tá, agora tá... Mas não deu nada sabe? Casei com mesmo nome, tudo, não deu, não deu nada mesmo. Botaram meu nome pra aquele casado outra vez agora. Botaram no papel naquele como é que chama o...? Aquele... Botaram... E agora a mulher vigia... A outra morreu de câncer, mulher vigia tá viva. Eu fui na casa da mulher. A outra morreu com câncer sabe? E eu fe... A mulher chegou lá e ela pegou e...

E ela mora perto do..., perto da, do rio Uruguai, a casa dá no rio assim... Ela mora... ééé perto de Iraí. A..., como é que chama? E enté me lembrei, é um nome esquisito, Jacaréi não, às vezes não me lembro o nome, escrevo num papel pra me lembrar, vou escrevendo num papel. Às vezes eu me lembro o nome dela, a ca..., a casinha dela.

Eu só cheguei na casa dela, na casa dessa mulher..., "*Buscar Eva...*". E ela... Morreu o pai dela, mãe dela. E ela é muito fria na palavra sabe? Eu não gostava dessa, essa mulher des... Ele é novo e a mulher é fria porque ela... Eu só falar pro senhor, ela é mulher que... Mais que uma noite... E ela não era..., por exemplo, com homem né? Ela não de fazer carinho, se ela mulher assim, essa mulher. É, essa mulher é na verdade é fria, vocês chamam fria né? Eu achava que era fria mas era certa era ela.

E agora eu fui na casa dela com... Na casa dela, cheguei na casa dela, achei que ela era fria sabe? Era fria, diferente de muitas outras mulheres, ela era fria sabe? E ela pegou e eu fui na casa dela, e bati palma na casa dela e pros vizinhos do lado, "*Onde é que mora a Eva Antunes? Onde é que ela mora?*". E o vizinho falava de barro, aquele de barro, a casa dela é de barro. De Barro é um governo de São Paulo, o governo de Barros em tempos... E eu falei..., "*Ahm, onde é que ela é..., a é..., ela mora? Curandeira, a mulher é curadora em doenças né? É curan... A senhora é curandeira. Ahm, é curandeira*", "*Já ela mora aí do lado aí*".

Cheguei na casinha de pobre. Pobre sabe? E ela pegava uma rádio de São Paulo lá. Pegava rádio um homem em São Paulo, e fala com ele, a minha mulher fala com homem da, da rádio. Acha o homem, é um velho... Morou, matou o irmão dele, o irmão dele matado também. Ele falava muito em... Ele toca muito é... O homem que tem muitas aqui em São Paulo, eee toca muito... Eles toca muito, toca muito bem o... (*), ééé, eu esqueci o nome dele. Ele falava casamento, e coisa, tinha de dança, tinha duas casas de dança, um velho tem tanto... Aqui de São Paulo o velho, e fora do ar. Ela pegava muitas horas. O rádio pega minha mulher pegava música daquela homem lá. E ela pegou e falou, "*Fala com ele que ele vai..., vai...*". Ela disse, "*Tu vai e fala com ele*".

Aí ela pegou e falou pra mim, "*Esprema, fica aqui...*". E o dono da casa, dono da cozinha, ela falou, "*Vai um café pro sivi no, no meio da cozinha*". "*Não!*", ele disse a ela né? "*Cê dorme na cozinha porque ela é a mulher que... Sempre que era mulher mais...*". Tá certo, ela espo... sabe? Tá certo ela. Ela não é mulher de ficar, ficar muita louca, ela é dona e..., e trabalhadeira e limpa.

Fiz maior erro sabe? Também eu fiz um erro né? Aí que ela falou pra mim? *“Cê falou pra mim. Vem pra cá”*. *“E quando eu vou pra São Paulo, eu vou trabalhar que nem doido, e vou em São Paulo vou, vou, vou, vou trabalhar bastante”*, falei, *“Que nem ser papelão volto lá”*. Ela disse, *“Não vou não! Eu vou ficar por aqui que eu não conheço ninguém lá. Aqui eu conheço todo mundo”*, ela disse né? *“E eu não quero sair daqui de maneira nenhuma”*, ela disse pra mim. Eu disse, *“Mas casou!”*. *“Mas casei, mas vai deixar eu”*, ela falou né? *“Não tem direito nenhuma, nem falar mais com você o direito”*, ela disse né? *“Você, de tudo esse tempo que se era moço...”*. Aí ela pegou e falou, *“Eu tenho casa, a casa é minha e pronto!”*, ela falou né? Aí... Aí eu vim pra cá sabe? Aí eu vim pra cá...

Foi bem assim, eu fui na casa dela né? E falei pra ela, primeiro, *“Eu tô mal de dinheiro pra voltar pra São Paulo mas eu moro lá um mês”*. Eu falei pra ela, *“Com meu irmão, o meu irmão é primeiro sargento aposentado, meu irmão tá bem de vida”*. Eu falei pra ela, *“Eu vou numa cidade, ganho dinheiro”*. Eu falei pra ela, *“Eu compro a passagem daqui pra Iraí, daqui Iraí, de... Aí vou na casa de teu... meu irmão. Meu irmão tá na cidade”*. Falei, *“O nome é Lajeado, Lajeado”*. Falei, *“O meu irmão tá em Lajeado”*, falei pra ela. E ela disse pra mim, *“Pega uma passagem direto pra São Paulo, com...”*. *“O meu irmão me dá passagem pra, pra mim”*, falei pra ela.

Cheguei lá o meu irmão tava..., o meu irmão tava em Lajeado, certinho. Aí o meu irmão pegou e disse pra mim, *“O quê tu já vai... Que tu faz em São Paulo?”*. Eu disse, *“Papeleiro, ferro velho, tudo...”*. *“Tem caminhão?”*, *“Eu não tenho, é carrinho”*. *“Dá prum isso não, isso é de vagabundo”*, ele me disse. *“Quer ir tu vai, mas eu vou te compra a passa..., eu vou com você compra a passagem que eu não...”*. O carro dele, do meu irmão, alto né? O meu irmão falou... Eu digo, *“Não, eu vou à pé. A pé é pertinho ooo...”*, como é que chama ooo... Pegar o ônibus na prefeitura como é que chama? É nova lá, é nova e grandona também. Eu falei pra ela, *“Eu vou, eu vou, eu vou à pé. Por causa dali eu... Umas duas quadras. Então o carro não vai... Tem... Passou máquinas, tão arrumando o mato ali, tão... sabe? O rua aí, eu passar lá à pé”*. E meu irmão disse, *“Não, eu vou..., eu levo você”*. Aí eu peguei... a... o.... Saí. Meu irmão pegou com o carro e veio atrás de mim com o carro, *“Eu vou com você comprar a passagem pra você ta... Cê comprá a passagem”*. Eu disse, *“Meu dinheiro...”*.

Tinha todos os meus documentos pra São Paulo tirá todos os documentos pra ele né? Que eu nasci aqui, eu cresci em Passo Fundo, e tiraram o meu registro de nascimento... Como é que chama aquele..., aquele...?. *“E se já tem do quartel”*, falei, *“Quero ir todos esses lugares”*, falei, *“Encontrar todos os documentos”*. *“E cara, a cara deles, eu não vou ahm.. Tirar fotografia, pedido de São Paulo. Posso pedir mas demora um mês, dois mês”*. Falei pra ele, *“Vamo lá, mas eu falo direto né?”*, com o meu irmão”. Aí meu irmão pegou e falou pra mim, *“Tá!”*. Eu lá pro meio né? Meu irmão..., *“Deixe meu telefone aí de Cruz Alta né?”*. Fui Cruz Alta, e em Cruz Alta eu peguei uma... Fui quartel, no quartel..., no quartel de Cruz Alta né? Aonde eu servir. Cheguei então um guarda, eu fui guarda

também ali, quarenta eu fui guarda ali né? Cheguei e falei pro guarda, *“Por favor eu queria falar com... com o coman...”*.

E aí quando eu cheguei... Eu cheguei em São Paulo. Cheguei em São Paulo daí eu cheguei na Luz. Eu deixei até o carrinho de papelão aqui, com pneu e tudo sabe? Eu digo, *“Vou trabalhar em São Paulão! Vo, voou pegar e vou ficar novo de novo! Ahm, tu é... Vai tudo de novo. Nem que eu passá fome em São Paulo aí sabe?”*.

Tem uma freira aqui em São Po..., a freira de Santo André, a gente vê, é boa freira, muito boazinha, é boa freira. Ela vinha com a comida não preciso pagar e nada. *“E vou entrar nos crente, ou nos cultos dos crentes lá, eu vou ficando com o crente, me ajuda essa passagem pra mim embora até... Não, nem gastar nessa...”*. Eles arrumaram já agora uma vez. Eles arrumaram uma passagem. Os crentes aí me arrumaram uma passa... Então até comeram, até na rodoviária, e eu peguei e falei, *“Eu não consigo a passagem”*.

Aí eu peguei, aí vim pra cá, vim pra cá e vim no ferro velho aí. Comecei a trabalhar com... trabalhar mesmo sabe? Trabalhar duas ou três... Passar aí por dia de, de carrinho, sabe como é? E fui ééé morei em São..., divisa Santo André. De Santo André eu comecei... À partir de São Caetano, de São Caetano a Santo André aqui, é perto né? Eu digo, daqui eu conheço Santo André também, eu trabalho em Santo André um pouquinho, e aqui o dia, que lá dá muito material.

A prefeitura em Santo... aqui... a única prefeitura que não queria os... Da prefeitura pape..., não queria aqueles papeleiros, pegava os carrinhos também aqui sabe? Um dia tava uma carga muito grande aqui, eu ia, eu ia, mas aqui pegaram..., pegaram tudo que tinha dentro do material, tudo! Da prefeitura daqui pegou tudo, como é que chama? Tinha pegado pra tudo e me entregou o carrinho de volta. Ele pegou tudo, tudo! Digo, *“Leva o carrinho também”*, eu falei pra ele, *“Leva o carrinho também, já que leva tudo, leva o carrinho”*. E eles, *“Não, o carrinho pode levar, não vem...”*. Aí peguei mais raiva, aconteceu isso aí aqui, aí peguei fui lá nooo... como é que chama? Lá nooo... Por aqui eles não, não dá... Único lugar aqui que, que eles ahm..., São Bernardo! O cara podia como é que chama? Podia pegar papelão eles não tomava. Mas aqui eles já tomaram muito carrinho, aqui, se vê carrinho...

É, Santo André, a prefeitura pegava os carrinhos. Entregavam não, não é? A vida dele é tomar. Pegava pouco a pouco papel e... Aí eu peguei, digo, *“Não! Aqui não dá pra trabalhar mesmo, eu venho é só pra pegar o material e volto rápido né?”*. O material aí fui só um dia e peguei o material aí. Peguei e saí e fui preso por causa daquele cara lá né?

E aqui eu trabalhei aqui também e cá eu divertir a bessa. Eu trabalhei um tempo aqui sabe? Carrinho, papelão, sabia... Aqui eu conhecia muito, muito lugar te dava... No centro, aqui no centro, na favela, não me lembro bem, no centro na favela, que as... coisas vinham direto, entregavam direto, carga de papelão. Uma ca... No centro daqui, essas..., aquele negócio que é pra remédio, como é que chama? Guarda remédio. Como é que chama? Que põe a remédio, como é que chama? Dessas que tem muito remédio, muito remédio, mas muito... Como chama? Tem remédio pra vender, remédio sabe? Remédio de todo tipo aí. Mi escreve o nome

aquele casa que vende, tem remédio, só remédio, vende só remédio, todo o tipo né? É... me esquece o nome dele. Como é... É, e ele, eu peguei e, e tá, guardava o centro de Santo André.

Eu guardava tremendamente pra não deixar sujeira sabe? Sabe, eu não deixava sujeira senão... Não pegava coisa... sujeira, só pegava só papelão, e as coisas né? E mais papelão e a peguei... Fazia carga... muito carga grande sabe? Carro, eu pegava pneu deles, pegava todos os sábados, botava óleo, tudo certinho sabe? Pro carro não... Os outros é tudo torto o eixo. Pegava... Os outro era vagabundos aí? É tudo papeleiro a maioria é muito vagabundo. E eu pegava se da... Arrumava muito, todo o sábado eu pegava só pra botar óleo, arrumar tudo direitinha né? Pra mim, tá ganhando não ganhando, eu arrumava, e ganhava bem.

Mas eu fiz um erro sabe que eu fiz um erro? Eu peguei... ééé dia de tomar uma..., da pinga, porque é vagabunda aqui sabe? Que eu tinha largado mão de tudo isso aí sabe? E foi pro causa... Eu tô preso por causa de tudo isso aí. Se eu tivesse são era difícil, porque são não vai acontecer nada disso...

Fui preso em São Caetano, eu acho que foi causa daqui São Caetano. São Caetano eu acho que foi causa daqui, sabe por quê? Porque eu tô sab... Eu acho que São Caetano hoje não tô sab... Eu não leio letra pequena, preso, eu tinha matado um cara lá de São Caetano. O cara que foi a morte desse cara aqui. Mas lá não... Lá eu matar um cara, eu não sei se com faca foi, ou se mataram um cara, ou deu, ou deu papel lá... Eu acho é isso! Em São Caetano eu acho que não devo mais em São Caetano. E pegaram eu lá... São Caetano me ca...

E a diretora disse que eu ía embora faz três anos passado. Ela falou que eu ia embora. Três ano ela falou pra mim. Que até um véio viu! O véio que tá preso comigo veio de São Caetano, preso eu tô... O véio, ele sabe quando a véia falou pra mim, duas vezes ela falou pra mim, a diretora falou pra mim que eu ia embora. Eu fui no fórum aquele homem do, da polícia. Entrei no carro, falou pra mim que eu ia embora logo, é que eu ía embora. E eu até hoje fui pra que... parece que a... três vez no fórum, fui seis vezes no fórum...

Eu chi... Lá em São Caetano, eu não sabia que era tudo essa cadeia tremenda que pa... peguei. Peguei de São Caetano mandaram pra cá, pra essa cadeia. Mas São Caetano a é... parece que eu nãoooo..., não tinha documento nenhum, eu tinha uma faca que fica no carrinho, de cortar barbante, de cortar barbante, coisa, é uma faca né? Mas tá no carrinho. Parece que eles pegaram nu..., no carrinho. Meu carrinho eles no... O delegado de, de São Caetano tá tomando... Pegou meu carrinho ficou na rua quando eu fui preso. Trouxe o carrinho... Foi e..., foi.. me revistou o que tinha dentro do meu carrinho. São Caetano vou revistar o carrinho... Aquele cara parece que é da polí... daaa... que..., como é que chama? Da prefeitura, aquele... O carrinho meu é pendurado ahm... no carro desse verde da prefeitura, desse de car..., mas é maior da prefeitura parece. Mas ele falou pra mim, daí ele falou ainda pra mim, *“Esse papelão, o carrinho tá bem carregadinho, papelão”*, senhor falou pra mim da prefeitura, falou pra mim. *“Eu vou vender quando eu devo, mas tem a... tudo essa cadeia...”*, aí eu peguei e... Não tinha revistado, eu tava com um relógio, eu disse, *“Eu*

quero...". Que eu tô pensando que que esse cara que fez isso sabe? Mataram ele, que tava... Tomou aí em São Caetano, aí passou a tomar pinga né? Em São Caetano...

Aí lá na delegacia eu entreguei lá... Eu entreguei lá o meu dinheiro né? Eu entreguei o dinheiro, era cruzeiro né? Era me... Pe, pe, pegou... Mi arrumou um pouco de dinheiro, aqui me arrumou né? Um pouco de dinheiro, mas não vale mais nada... E entreguei para o... Para o guarda que eu entreguei ummm... Como é que chama? O, o meu, o meu relógio. O relógio foi comprado aqui na... Foi comprado mesmo! E o homem que eu comprei ele mora lá, o que eu comprei. Comprei um outro... Só que naquele tempo eu comprei um outro relógio barato, muito barato! Um que apaga luz preta, aquele que apaga, aquele que né? Aquele tinha comprado faz dez dias que eu comprava, e troquei ele trinta mil cruzeiro com um senhor tem... Mora em São Caetano esse homem, e ele troca relógio por Orientos, Seiko também, não me lembro a marca dele, ele é relógio bom sabe?

Fiquei só uma semana com ele, com o relógio, aí fui preso. Que parece... O cara veio tomar o relógio, arreventou a..., como é que chama? A, a pulseira. E eu tomei o relógio do cara, que o cara pegou... Ainda bem que eu perdi só o relógio do pulso né? E o outro eu num..., o outro eu num... E o cara pegou, como é que chama? Ele pegou e bat..., bateu no relógio pra tomar o relógio né? Ficou com... E eu peguei, segurei em cima do..., como é que chama? Do..., do relógio. Porque ele... Sabe que ele não me tomou? Eu fiquei com o meu relógio, me arreventou a pulseira né? Eu digo, no dia que fui preso entreguei pro..., aquele guarda, como é que chama ele? Como é que chama aquele né? Entreguei pra ele, ele não revistou mas tava no meu bolso aquilo...

Preso lá na cadeia eles me tomar e coisa né? Pra minha idade e tudo, peguei e entreguei pra ele, mas ahm... Eu que... Se um dia eu sair vai nem procurar, pra mim até melhor... Até pra mim eu nem quero nem aquilo lá é sabe? Mas aquilo foi comprado trabalho aquele né? E perdi! Aquele perdi! E daí eu cheguei lá com...

Tinha comprado pra viajar. No fim do ano eu viajava sabe? Fim do ano. Eu tinha comprado aquele negócio, eu nem usei, aquilo, mostrar rádio, radinho daqueles sabe? Com rádio comigo, rádio, rádio bom mesmo. Comprei um rádio também, comprado, inclusive eu devo pro homem lá em São Caetano que vende rádio lá sabe? Fiquei faltando dez mil cruzeiro. Até hoje tá pensando..., *"O cara vende lá em São Caetano mas fiquei devendo a ele"*. Que vendeu o relógio que... me vendeu, mas ficou faltando dez mil cruzeiro de volta né? Ele falou, *"Tu me paga quando..."*. Digo, *"Logo, logo eu trago ao senhor. Senhor espera trinta dias?"*, *"Espero"*, e antes de trinta eu pagava ele né? Peguei, daí fui preso e ele perdeu... Isso aí ele sabe lá, e tanto é...

Eu pegasse preso... Preso também... troca por... fica toda a coisarada lá... Começaram a me maltratar, larguei pra lá. Eu tinha um negócio, como é que chama? Acho que é de guarda chuva sabe? Que é... Não tinha nem usado também, embora eu tinha comprado aquele guarda chuvas, que é aquele abre, fecha e abre, fica pequenininho, era novinho, novinho, novinho, e eu perdi aquele sabe? Do preso lá, do preso... Pegou com... Veio um preso..., ficou de..., ficou com aquilo... Fez de... Pra fazer

espeto sabe? Pra fazer espeto com... E eu não sabia que era aquilo, tava o baiano lá e o outro é...

Eu fui muito maltratado lá sabe? E então ele pegou na, na força, dentro das minhas coisas. Só... os que eu tinha né? Eu tinha... amelo..., amelo não, anel. Anel bom, um anel... Era comprado. Quase... Manjar muito é o... aquele..., como é que chama? O, o anel né? Não era anel vagabundo, anel bom mesmo, e caro. Era até aquele anel que tinha que tirar o.... Anel aquele... Foi... Entreguei pra ele ficasse lá... Fiquei sem nada sabe?

E era pra ter um maltratado desse? Agora que eu não tenho nada se... Não tinha nada em certas coisas aí de, de maltratar né? E o..., como é que chama? O, o relógio eu falei pra aquele homem, eu sei o homem, eu falei, "*Tô numa... Eu vim pra cá*". Falei, "*Queria o meu relógio*", falei pra ele. Ele falou, "*Tá na mão dela, diretora, não sabe?*". Perguntei tanto ela, na mão dela não tá, também não procuro mais, acho que aquilo não é... Aquilo foi comprado sabe? E eu perdi... Agora os presos falou que eu perdi... Mas tem... Sei lá, deixa pra lá. E aquilo foi comprado, e o homem que me vendeu tá em São Caetano, o homem que vendeu o... Trocou por outro né? Aquela foi compradinho com trabalho viu? Passei até fome pra... Porque eu queria a... também trabalhar pra, pra como é que chama? Pra, pra guardar dinheiro bom, pra vim embora. Eu não ia com.. Não! Ia dinheiro bom. Eu embora hoje, igual a passagem, não aumentou, eu vou embora, vou fim do ano agora sabe? Mas eu vou esperar o a... Eu não esperava...

Eu tenho uma idéia, sabe que... Eu fui... Eu pensava em fórum... Pensava que eu fora, que eu máximo... Mas eu pensava... que eu, no máximo ia três vezes que a gente ia no fórum. Eu pensava né? Três vezes. Eu mesmo... eu ia embora a primeira vez não é? Ou senão na terceira né? Eu pensava, mas olha aonde eu estou...

Mas Jesus! Não sei mais! Vou lá no fórum... Uma porção lá. Acho que fui seis vezes, não é brincadeira, seis vezes. Agora eu fiz um erro sabe? Sabe, um erro. Porque tá preso, lá, às vezes cê dá o nome errado por causa daqui sabe? Que tinha preso aqui, daqui mandou pra rua, se preso quarenta dias, preso aqui... Mas eu fui no fórum aqui, aqui... Que aqui as coisas andam se eu tiver um advogado sabe? Deu papel, e eu perdi o papel, e eu saí... Eu tinha ter um advogado aqui né? Eu queria não vim mais pra cá. Que eu pensei, "*Lá não vai mais dá nada*", eu pensei né? Então eu fiquei lá. Mas... eu não fui embora de lá, fiquei lá, meu nome tudo certo... Aí meu nome... Fiquei aqui e deu o nome errado por causa daqui. Meu nome ahm... Lá fiz maior horinha. Que eu fiz de tudo... Que a cadeia que eu tô... Foi o meu erro lá que eu dei o nome do meu avô, era João né? E agora Maria. Então dei meu nome é João. Agora errou o nome né? João e Maria né? Minha mãe, e minha mãe é Oliverina né? É, daqui o nome da minha mãe, nome é daqui, deram dois nomes sabe? Nunca, jamais, não me esqueço assim... o erro tremendamente eu fiz sabe? Que eu fiz foi só isso aí sabe? Eu fui no..., no fórum, eu pus com dois nomes, lá eles chamavam Clodoaldo...

Os cárceres da prisão:

Eu quase não conto nada o minha história aqui dentro, sabe por quê? Preso é preso, eu quase num..., tem muito preso... Agora mesmo chamaram lá, eu tava conversando com um preso, muito boa pessoa sabe? E ele tava..., ele tava contando da, da, da história da gente né? É té do norte, é Pernambuco, é, e nós falamos de um pernambucano não sei da onde, e tava conversando com ele, como é a nossa vida de hoje, e de ontem, ele tá falando da..., e ele tá contando pra mim, um cara mais novo, não sabe viver a vida lá no norte né? Que eu não conheço o norte né? E eu comecei a falar do sul, e São Paulo está no sul, quase no sul né? Terra do Rio Grande vem até aqui na América do Sul né? Eu tava falando como é que era..., “*Ah, que...*”, falando, que eu não esperava sabe? Pegar uma cadeia tremenda de uma cadeia dessa, sabe por quê? Essa cadeia eu... Porque eu já não morri por sorte, por Deus sabe? Viver no meio a malandro, maconheiro e tudo essas coisas, então ééé...

Não dá nem falar! Sabe, não adianta falar que a gente não sabeu, ninguém sabe dos chefes aí... Mas... E... Então e eu não fumo sabe? Eu não fumo maconha, nunca fumei na rua sabe? Nu, nunca foi... Então, foi agora, ultimamente faz uns..., quase vinte anos, não tomava banho, só tava trabalhando e não amigos desses...

Mas sabe o que quê é? E num tu traram um galão de pinga e, e tinha culto na, na Assembléia, ninguém..., me evito, não sei por que não me evito um..., “*Não quer?*”, e então, “*Não né?*”. Tem razão para tudo né? Não quer tô preso né? Mas di, da igreja Batista aqui sabe? Em culto na, na igreja, fui na Assembléia de Deus, fui na Assembléia lá perto da, da estação de trem. Eu ia em culto, porque eu sempre... né? Eu sou batizado na católica, e de, até batizado nesse, nessa igreja de crente, mas do que eu também tenho a parte, a parte sabe? Eu... De toda a raça de gente eu..., tem certo e errado né? E toda... cor tem eu... eu tô sabendo... e tem gente tá sabendo melhor do que eu, que esteve, tem sabedoria né?

Eles aqui também falam a história deles aí, também falam as deles também eles aí, eu falo pra eles, eles também falam. A minha, meu, meu caso, falo, cada ele tem um causo né? Cada um homem na terra tem um caso né? Então tava falando pra ele que, eu disse agora, eu fui chamado, eu falei pra ele assi..., “*Eu não morri por sorte, quebraram o carro perto de mim, morreu gente*”, falei pra ele, “*Gente machucada*”. Outro dia o carro me pegou eu na rua né? Me pegou eu, bati, me pegou eu, me jogou pro um..., uma batida tremenda, eu num... fui machucado, sem bêbado, sem nada, o caminho...

E eu já vi cada coisa, eu fui, tava falando com Doné, “*Pra, pra não morrer, tá protegido a gente...*”. A gente vê... o cara mata perto da gente, não mata a gente né? Então, tudo isso são uh..., coisa da vida da gente né? Eles tavam falando isso pra eles.

E agora cê vê... E agora eu tô numa situação... horrível de, de terminar isso aqui. Cada vez eu tô ficando mais velho. Agora tô, não tô

contando horas. Se eu passar, se eu ficar, não sei não quando eu vou embora, se eu ficar umm... Eu não conto mais nada, minha vida então já terminou sabe? Se pud...

Eu sou velho na minha idade, mas sou velho não tô tanto fraco. Não sou velho, eu corro muito aqui sabe? Deu ta..., correr, eu corro sete rápidas e meias, corro muito aí sabe? Que sabe, muito novo perde pra mim pra correr sabe? Muito no novo fica correr comigo, corre cinquenta e..., cinquenta e oito corrida, eu corro, tem gente que vai vinte e trinta sabe? E sabe bem a..., na corrida aí. E eu fico contente! Eu não tô...

Agora eu tô pensando no dia, no dia de amanhã, será amanhã? Numa hora eu posso ser né? Cada vez tô ficando mais... sabe? A curto... Velho da minha idade correu dois, três metros, tem assim..., ele correu muito, tem a palavra, foi a... né? Muito menos do que eu, e ele, graças a Deus...

Então... agora eu..., eu tô esperando que um dia né? Um dia eu sei que... Eles não vão deixar toda a vida na cadeia, um dia eu vou..., vou mostrar..., tirá um louco daqui né? Um dia vão mandar eu... Isso aqui não é pra toda a vida, ninguém nasceu aqui né? E tenha uma lei de Deus, esta lei de Deus, uma lei da Terra é outra né? A lei de Deus não matar né? Matar é legítima defesa, a lei não é uma coisa só né? Tem uma deferença né? Porque se existe um Deus, existe um Deus não ia deixar eu ficar aqui todo esse tempo né? Se existe um Deus né? Que ele mandasse e todos soubesse que o Deus não... Na Terra então não é muito ele que... Num Deus, como é que tá pagando tudo essa coisa aí que não devo né?

Agora, se eu devesse tava certo né? Porque eu não devo, eu... fui preso, trabalhando na indústria, trabalhando pra pegar dinheiro sabe? Tra... pra não, não pedir. Não! Nada disso, eu nunca faz isso, se eu quisesse pedir eu pedia por aí, mas não, nada disso, não fazia sabe? Trabalhava sabe? Olha, tudo isso aconteceu, eu sei..., mas isso aí tá..., e eu espero sabe? Espero de tudo, só espero de ir embora logo sabe? Que eu não devo mais nada. E também espero que eu..., muita coisa acontece né? Eu não devo nada e tô aqui ca... Mais vez, mais... um ano ou dois anos, sei mais nada sabe? E quando eu sair né? Agora eu não espero mais nada...

Ummm... Pra viver qui dentro, pra mim, pra viver, graças a Deus sabe? Me viver sabe por quê? Pra mim ninguém fala nada contra mim, sabe por quê não fala? Uh, de primeiro faz de cara que não tô... Teve um cara que não toma banho quatro, cinco vez. Ah, quatro, cinco ooo... dias, e pra mim eles não falam nada. Sabe por quê ele não fala? Eu sou o primeiro pra tomar banho que é obrigação da gente né? E isso né? Ele não fala nada sabe por quê? Eu..., o pé..., o lixo, aquele negócio de lixo tem lá, é todo mundo de ummm... Um trabalha outros não quer trabalhar, sabe como é que é? Ummm.. Mais uh... uns e outro não tra..., num... lá, e outros trabalham e uns não trabalham, faz o quê? (ri) E, e eu não sabe? Se eu tando trabalhando, iguais juntos né? Então ele não tem nada a falar sabe?

O preso fala contra mim porque ele não gosta de mim, porque tem preso que não gosta da gente não sabe? Tem muito preso sabe? Que me... não... Tenho muitos no meio deles aí sabe? No meio deles. E agora eu parei em outra coisa de uns tempos pra cá, que eu reparei, fala mal de mim.. Daí chutaram três ou quatro pedras, mas da, da, dava das quantas não

tem nada pra fazer né? Daí isso, e eu ficava com essa raiva tão grande, e eu que falava, palhaço, daí eles falavam, “*Vai a puta que pariu*”, pa, pa, pa..., e eu falava. Em tudo o caso falei, aí falei, “*brebrebre...*”, sabia da onde que era né? E eu falava, “*Uh..., a...*”, e de forma como eu faço, ficou quieto, se eles falaram, eu não ouvi, pronto, faz que fala nem falo mais, pararam sabe?

Eles começaram umas e outras, fala eles que não falaram tá? E eu né? Pronto, tá indo tudo isso aí. Mas ele começaram sabe por quê? Eles falavam, “*Oh, velho puto! Oh, velho gaúcho viado!*” (fala bem baixinho). Falavam tantas coisas... E os caras com uma réiva de mim, “*Quem é gaúcho viado?*”, se ele falar isso né? Se ele falar, “*Eu sei que tem gaúcho que era chefe daqui no Brasil, que é gaúcho de lá né?*”. Ele tá falando ca..., sa..., vai saber né? Se falar que é... Eu sei que lá tem, mas não é tanto lá né? Eu sabia que é o lugar que tem mais essa raça que a gente fala.

Eu tô sabendo que tem maior ladrão aqui sabe? Primeiro lugar tá tudo aqui, mais trabalho chega aqui né? Planta tudo né? Maior ladrão, o maior de tudo, é o primeiro, São Paulo, Rio, é... Bahia. E..., mais todos presos que eu vejo pro aí... I, i então, eu sei que né? Que no Rio Grande não tem tudo isso aí né? Tá todos os estados tem isso aí sabe? Esses quatro estados né? Ah, Pernambuco também tem sabe isso aí? Todo carinha que eu vejo, eles falam de mim, eu falo...

Agora eu não falo mais sabe quê? Que o..., e eu fico quieto, e eles são grandes, a sã... grandes amigos. Não no meio deles sabe? Que não me acompanha é a idade, só isso. Cê sabe, pra, pra minha idade né? E, e, e primeiro sabe? Que eu não...

Agora sei uma brincadeira sabe? Eu não gosto de brincadeira, então se fala agora, eu ficava com raiva. O cara na brincadeira, o cara me dava um tapa nos lá, que se escondia de mim, eu ficava com uma réiva tão grande de nem... (rindo). Ago..., agora você me dando um tapa, sab..., sabe o que eu falo pra ele? “*Menino, por favor, pare com isso*”. Sabe o que eu falo que vem na brincadeira comigo, “*Ah..., fina...*”, eu falo...

Aquele outro coroinha, aquele véinho que tá lá sabe? Aquele lá, impríca com ele, sai..., deu um murro até quase na cara, e se..., esse fica..., esse véio aí é um biruta, é um coitado né? O cara gosta de brincadeira dá nas costas. Sabe, faz brincadeira de moleque, faz de tudo ele, sabe por quê, eu falei, “*Senhor gosta disso porque penso.... Senhor gosta disso*”, ele não gosto mas ele faz, sabe por quê? Porque ele vai lutar com ele, ele sabe, aí proveita com ele sabe, soco, o murro. Ele falou com o homem, “*Deixe o coitado do velho*”, mas ele não sabe como eu sei essa parte, “*Sabe essa parte sabe o quê?*”. Fizeram uma brincadeira comigo, “*Por favor...*”. Sabe, pronto, comigo ele não tem mais também. Eu não xingo ele sabe? Por favor, o cara deu um tapinha, falo, “*Não faz isso não*”. Fala pra ele, uma brincadeira, outro tava na moto, levou, já viu, o cara matou o outro no exército, matou com uma... revólver, tirou as balas e correu. Depois, o outro mataram lá, ti..., e... errou a bala, o outro deixou a bala, matou e o..., como é que chama? O amigo dele, eu falei, “*Toda a brincadeira dá o que não presta*”, falei pra ele, “*A brincadeira falar mal do outro, brincadeira nenhuma não presta*”, falei pra ele, “*Eu não gosto*”.

Quando era novo, eu tava servindo o exército, eu amarra, eu falando pra ele, eu botava uma pedrinha num, nu soldado tava... (fala muito baixo), amarra o pézinho num araminho, um pézinho do pé do outro assim, pra mim era farra pra mim, pra levantar de manhã eu trocava o sapa..., como é que chama? Trinta e oito com quarenta e um sabe? Na, na cama dos caras, e do..., e chamava rápido demais o cara, pra né? O cara ia botar o calçado dele, tava tudo trocado, ele tava na bronca tão grand... Pra mim é uma farra (ri). Mas falei pra ele, "*Hoje em dia eu sei que isso não vale nada. A brincadeira não presta*", já falo com ele né? Quando ele vem brincar comigo, "*Por favor...*", falo pra ele né? Pronto, eu não xingo ele, uma brincadeira com muito favor. E se ele fala assim, por exemplo, falar mal de velho, eu fico aqui, tem mais muito velho aqui... (*).

Mas digo viu? (*). O cara diz pra mim que deve de falar menos, que se deve falar menos. Os caras falou pra mim, tudo que fala tem que falar menos né? Que eu..., como é que chama o, o..., o preso disse que não pode falar muito, esses presos falar, não pode falar muito (*). Que diz que não pode falar muito pra mim né? Eles falam...(*). E eu fui lá nu, lá no fórum lá, e eu...

Mas eu falo o que dá na..., sabe? Eu falo, que falando que é né? E eles falaram pra mim que falar eles se lembram de muita coisa, e eles fa..., e eles fa... Muitos, muitos, a maioria diz que se ensina, não pode falar muito deles, fala não, não pode falar não, eles falam né? Então... Não pode falar da, da, da vida, vi que sabe que... Falar da, de coisas né? Eles falam e o...

Sabe que tem muitos, na maioria deles, às vezes né? Diz que quem as..., saber de uma parte... Sabe, eu já falei pra eles, que na sabedoria numa parte, mas não tem na outra, quem tá preso, tem sabedoria nenhuma, eu já falo pra ele, se fala besteira comigo, eu digo né? Melhor que ninguém, como que tá preso é por que alguma coisa foi preso, por que não teve sabedoria nenhuma, então não fica solto né? Porque tivesse sa..., sabedoria, não ia tá preso né? O cara sai preso uma vez, volta de novo, sai e volta, tem cada preso aí, saí e volta...

A sabedoria é o cara bom, uma cara apaixo... Fazer coisas erradas né? A sabedoria é o cara não roubar, não matar, isso aí é uma da sabedoria né? Não matar, não roubar, e, e... A vida lá fora é outra farra. Aí, quem entende, quem sabe muito boa...

Sabe que eles não largaram eu? Porque não tem ido muito a minha família. Eu acho que eles não me largaram, que eu tão pensando que eu vou, vou pedir na casa, que eu vou dormir na rua. Nããão, se eu saísse fora daqui sabe? E agora em minha idade, eu tô pensando, eu tô pior sabe? Aque... Eu... O tempo que... Se me largam muito, eu saio tonto porque nummm... De dois dias aqui, o que preso faz é muita coisa. Botar o cara pra..., na casa de velho, como é que chama aí de velho né?

E eu, e de, de lá, eu falei com o chefe e sairei de lá né? E eu não sei como é que é lá, o outro presos, falei, eu não sei, outros presos falam que mandam pra lá pra..., pra psico..., qualquer problema na cabeça a arruma, e lá..., pela a gente também de... né? Falar com che..., porque depois ir embora né? Mas o melhor de tudo é da idade da gente, o dia de sair, sair direto pra embora, não incomodar o Estado de São Paulo.

Se largasse a gente aqui, a gente não ia incomodar ninguém, não ia né? Por aqui já não quer mais a gente aqui, e não, não quer não, o pobre não adianta nada aqui né? Tá muita...

Sabe, aqui em São Paulo tem muita pobreza né? Estado, vem todo mundo de toda a parte do Brasil vem pra cá né? E depois chega aqui pensando numa coisa e..., né? Esse nortista, a maioria vem lá do norte, compra uma roupa boa, um sapato bom, a coisa, "*Vai lá no.... Lá é bom, lá bom. Lá é, é...*", vem tudo mundo pra cá né? Veio só, só norte e nortista e qui, só deu aqui de São Paulo, Brás, lá estação do Brás só nortista né? Tá... Então vem tud..., tudo pra cá né?

Então tinha dias do bronca de mim, já falaram pra mim, é, você é muito... Mas é uns e outros né? Uma vez eu tava com uma mulher aqui mesmo, tava com uma mulher que veio da Bahia, ela tava falando pra mim, "*Isso daqui é uma porcaria, sabe o que é?*". Ela falando pra mim né? Uma mulher. Quando ela tava falando né? Uma criança, uma menina, a mãe deu um prato de comida pra ela, eu falei pra ela lá, "*Aqui é um lugar muito bom pro pobre, aqui, se o cara tiver de tão de vir*". Que a caso, cê sabe, porque aqui lugar pra tudo. São Paulo é lugar pra tudo né? Então... Agora, eu não sabia que e..., a..., e..., é pra tudo, até pra ficar preso, não sabia...

Não sei se é só aqui, agora, aquele véio que tá comigo lá, um véio tá comigo, falou que no Rio de Janeiro, disse que mataram vinte véios, que mataram uns véios no Rio de Janeiro né? Disse que mataram, o véio já falou que aqui não mata. Sabe aqueles morros, uma..., como é que chama? A água, disse que a água tava..., podre, por isso que eles morreram aqueles véios no Rio. E ele tava falando que véio tá contra velho. Velho? Como não sei né?

Que nem, na..., tá uma lei agora, mas essa lei não pode existir, sabe por quê não pode existir? Porque todos os homens chefes daqui serão velhos também, serão! Saberão o dia deles né? E eles não vão matar por idade né? Se eles matar velhos, vão pagar eles né? Tudo que se faz na Terra se paga na Terra mesmo. É, não é? Se eles estão fazendo comigo, mas vão ser..., va..., eu que..., fora..., quem..., só se é muito um preto.

Não sei por quê eu tô preso aqui. Por..., tô preso. E eles, eles ficam broncos, mas eu, eu, eu sou pobre, maneira de falar, eu tenho até tristeza sabe? Ele vai, não comigo, vai pagar por todos né? (*) Que se faz na Terra, se paga na Terra mesmo né? E a..., agora, sabe da safadeza que eu tô, de isso, tô tirando sem dever tudo isso. Pois tô pensando que se eu tô pagando isso aqui é alguma coisinha errada que eu fiz outro tempo também, que penso isso, já falei com os presos aí, "*Não, ninguém fica preso sem pagar*", eu falei, "*Se, o tá preso, tá pagando...*". Porque também não paguei isso aqui, mas talvez eu paguei alguma dia errado quando era mais novo né? Tô pagando hoje né? E justamente agora, pra minha idade. Se eu pagar quando era novo, era né? Era bom, mas não da minha idade, tá braba sabe?

Agora eu penso que graças à Deus que eu não tô doente sabe? Graças à Deus! Agora eu fui até..., como que chama, os presos falam que tem um..., pra tomar remédio. Tem muito preso, dizem que tomam remédio pro cara..., um remédio pro cara de uma idade..., quando ela tá brava, dizem que tomam remédio. Muito preso não toma remédio, muito preso.

Tanta coisa... Sabe como é que é? Eles falam tanto que às vezes eu não acredito mais nada sabe? Em tudo que eles falam, sabe, eu não acredito nada.

Lá tinha um preso comigo, não é... Preso que já matou dois, ele é meio louquinho da cabeça, não é louco tremendo, ele é... Viu que matou dois polícia, ele diz que ele matou seis né? E agora o preso falou né? Preso falou que tinha matado todos. Não me admira ele né? Que ele tá aí, que ele tomou remédio no hospital, remédio pra... É ali na..., que tomou remédio pra..., pra ele ficar daquele jeito. E ele tá... Sabe, ele tá meio..., ele tá meio..., mas não é louco. Eu sempre digo, pra louco, cê sabe (*), eu dei qualquer dívida, eu tô pagando, eu soube pagar (*). Agora, eu tô falando pro sr. aqui, sr. sabe, foi poucas vezes que eu falei...

Foi pouca tempo que eu fa..., falei pra esses, pra esses, esses como é que chama? Que defendem? Como é que chama? Advogado. E eu falei muitas vezes, e tudo esse tempo que eu tô preso, eu apanhei umas duas, três vezes só! Só qui, cê sabe que eu..., eu não posso... né? Eu não posso comba..., ba..., pagar advogado, advogado do estado né? Eu não tô pagando.

Não acredito em mais nada! Tem muito preso que o cara tava muito dinheiro, paga um advogado e saí e não sei o que, mais eu não devo, eu não devo mais nada, vale muito mais que o dinheiro né? Porque se... né? Ahm... Devendo tanta coisa isso aí, e agora eu não sei se pareceu. Se eu passar esse ano, pobre, eu já não acredito em mais nada?

Sabe, eu, eu tô esperando, esperando muito, embora no começo né? Esperava muito, e vai querendo ir, um saí, outro, outro saí, mas com Deus sairei, sabe por quê sairei? Porque eu vou embora por liberdade, ou um dia eu fico doente, morro embora, termina tudo.

Sabe, eu tô esperando de duas coisas, ou vou embora, ou senão vou embora por um... Sabe, essa coisa toda... Porque, porque a pior do que eu... Terá milhas na rua aí, cê sabe, sempre teve na rua aí né? De idade, muito pior do que eu, e tão solto né? Tão solto sabe por quê? Eu não sou nada do que, que... Muito solto que tem por aí na rua né? Tem muito véio, ih, muito, muito, muito. E eles, e eles não termina essa..., como é que chama? A pa..., pra terminar essa pobreza, qualquer pobreza...

Não sei como é que chama o, a, a rua, e não sei a vila, mas eu sei ir pra Foz de Iguaçu, sei onde mora a minha irmã. Eu pego um ônibus lá, eu pego uma, uma... Eu sei onde ela mora lá, eu sei ir na igreja lá na Assembléia de Deus. Tem outra irmã que cuida na Assembléia de Deus né? Eu sei a casa de cada uma, e eles vão me avisando. Por duas coisas eu peço, que eu não devo mais nada. Cê sabe por quê eles não largam eu, por um, por uma coisa eu acho que não largam, e eu tô com medo se eu sair, já pensou se eu fico até o final da minha vida, puxa vida, que eu não tenho família, não tenho nada, que eu fico na garoa, fica por aí. Se eles me largar eu saio a fora de São Paulo, eu não tenho nada, vou pro meu estado. É que o São..., o Brasil é muito grande né? E eu conheço outros lugares né? E vou sabe..., e vou...

Queria ver se a..., dessa ma..., dessa lei aqui meu Deus! Eu peguei... Agora tem muito bem mas aqui muito preso né? Mas aqui é... A lei é assim mesmo, para assim, o pobre não sabe aqui que é ajudando a

pobreza. Sabe porque muita ajudando toda a pobreza né? Aqui em São Paulo, o primeiro lugar do Brasil e era o que eu sempre falava né?

Ajudando a pobreza é que... Que ajuda o pobre em São Paulo né? O cê sabe, e a nós, o outro estado na..., ni... Muitos estados não existe nada disso né? Então, é por isso que a pobreza está vindo pra cá. Então tem cara que sabe, dormimo embaixo de ponte aí. Então vem aquele ca..., aquele carro, como chama do..., aquele... Já foi muito frio, pra não morrer de frio dá, dá colchão, mandavam eles..., como é que chama? Os que... Aqui tem muito meios em São Paulo, primeiro lugar do Brasil é aqui, mas aqui tá meio...

Eu não sei, se às vezes o sujeito leva o cara que não deve também é horrível. Cê vê, eu tô pagando, eu, eu não sei se... Mas até que o estado culpa, ninguém né? Sabe a ta..., *“Gaúcho, cê tem culpa, e tão pagando tudo isso”, “Mas..., o..., sou..., calma aí! Tem eu, eu sei que tô...”*.

Mais é tarde hoje! Sabe, eu perdi seis anos, hoje, preso seis anos. Se eu fosse bandido, tá matando os outros na rua, e coisa pedindo, sem trabalhar, roubando porcaria, aí tava certo, mas eu não tô fazendo nada do... Tô preso, não sou nada disso sabe? E agora sou preso por alguém... Não sei por quê que eu tô preso..

Agora falar com o chefe, como é que chama? Com... Não botava eu naquele carro meu Deus! Sabe? Botar no carro, aquele doente, eu não sou doente, eu sou são. Aquele cara que pos na cama e tudo, como é que chama aquele cara? Eu precisava... Nem usar eu não sei, eu talvez não tivesse u..., o... Enfiasse outro carro pra mim. Eu não sei porque levaram eu com aquele, aquele carro de doente. Eu não sou doente, eu sou são! Nunca pego remédio.

Fui falar com..., como é que chama? Com o..., o diretor, é, com o diretor. Fui lá no centro, no centro de São Paulo. Agora faz de quatro meses, falar com o diretor. O diretor que eu falei já falou que eu já falei lá no fórum, eu falei muito que às vezes eu não podia falar demais, eu falo, se eles não dão bola, largar de moita, o cão não foi o que mordeu né? Não falo mais né?

Não pode falar mais, porque hoje, os presos, os presos tem que..., tem que falar pouco né? Os presos... Tudo os presos não falam muito não! Eles falam... E agora eu falei bastante lá no fórum...

Arhmmm, ummm..., uns dizem por aí, só entre eles, entre, entre... Entre eles sabe o que eles falam? Fala é..., fala é... Ééé, falam..., mas é muito, o cara faz um..., agora fala papo, fala sobre todo mundo, e só... Faz na cama dele mulher nua. Quantas vezes é só... Isso não resolve nada, eu falo pra ele, *“Duas homem? O que adianta o cara com outro homem?”*. Na minha cama eu escrevi, na minha cama escrevi, *“Uma, uma parte de Deus”*. Sabe, tive o que escrevi na minha cama, não sigo igreja nenhuma, mas eu escrevi porque vale mais que...

Vê agora (*), cê. sabe, tudo é passageiro, agora é... Essa noite eu sonhei, pro cê vê! So..., sonhe.. Essa noite eu sonhei que ia falar. Eu sei que ia falar com uma pessoa sabe? Ontem eu sonhei, e disse que tinha, que ia falar disso aqui né? Eu sonhei que tinhaaa..., que eu vi..., eu fui..., como é que chama? Pra ir embora, como é que chama? Que eu tinha pra...(*).

Sonhei essa noite então pra ir..., deve se..., i..., tá... Eu sonhei a noite, e falar comigo tá não viu? O senhor...

Mas o senhor viu agora, e meu caso aqui o senhor sabe, meu caso... Eu, eu não sou contra São Paulo. Não! Eu sou contra da..., e da..., não é contra senhor sabe? Alguém tá errado dentro de São Paulo, tá errado! Por quê que tá errado? Um escutou por palavra de alguém, ou porque defeito de pegar da, de Santo André. Se eu peguei seis anos em Santo André, aqui tá meio certo, tá certo né? Aquele cara que foi... Mas depois não deu mais nada, pagou seis anos é na rua né? E até hoje, já passou seis anos, eu fui preso em 92, 91, 92 nós tamos em 96, já tá passando de seis anos né?

E todo o preso... Também não acredito nesse presos falar, diz que até tanto tempo que tiram, que tiram todo o ano, não sei o que, não sei o que fala os presos aí né? A metade do tempo... E não vi o preso falando, contar a palavra (*)... O preso falando quando saíu, o presos aí, quando ele saíu, o outro é legal, o outro é, deve e tal viu? Viu como é que é! Que ele sai, ele..., preso por aí né? Vai logo embora, vai logo embora.

E é por isso que vive essa imundice a no Brasil, sabe por quê? Po..., a não tem uma lei, nem estad..., a da... No Brasil tem uma lei bem errado sabe? Então eles podiam botar uma lei... Eu não falei pra aqueles presos lá? Devia ter uma lei no Brasil (*), sabe como devia ter uma lei no Brasil? (*) Sabe como devia ter uma lei no Brasil? Tem na América do Norte sabe? (*) Uma lei sabe? No Brasil, cadeia, cadeia te pegam no tempo, sem dever, ser nada se sabe se te pegam, tudo isso né? Porque tem três mortes preso por aí né? Que tem muito, pegava pra matar, botava rádio e jornal e tudo, e pau em cima dele né? Aí terminou tudo em cadeia. Cadeia só dá comida, o preso come bem né? E tal... Saí no..., ou..., né? E tá né? Uns querem outro de idade.

Num, num, num devo mais nada, não aproveito mais nada. Tô perdendo tempo todo né? Quando o cara é novo, sai novo, novo né? O cara tá com vinte anos, pega dez anos, o máximo pega dez anos, é brabo, mas sai com trinta, sai mais novo, metade do meu tempo né? O cara tava vin... Agora, minha idade cada vez... É, sabe, eu tô pagando u..., um que um outro so..., o que não devo tudo isso aí. Mas a vida quer... E agora, e se eu for sair por exemplo daqui, deu, deu, deu, dessa cadeia... Eu não sou contra São Paulo, eu adoro São Paulo, mas eu tenho contra São Paulo, eu sou contra alguém dentro de São Paulo, não o estado. Cê sabe, no estado, eu tô, eu tô preso por alguém, alguém que me..., me maltratou. Eu sabe, ele não sabe. Mas também tem uma parte, talvez e... Eu tô, eu tô pensando que a gente viveu, não matar os outros, mas roubar porcaria né? Deve tá..., se tá...

Essa pessoa que me prendeu aqui eu não sei quem é essa pessoa sabe? Eu fui no fórum São Caetano, fui seis..., i não é brincadeira, seis vezes no fórum né? Em São Caetano, e não me condenou, e não me manda embora. E a..., eu fui no fórum seis vezes no fórum né? E eu peço até no máximo, e eu não...

Eu uma vez, é, três vezes eu fui na rua, eu pensava, uma vez o vai ou senão três vezes, ou vai ou fica né? Eu pensava a pouco tempo, mas deu tudo errado, eu pensava, deu seis anos e não mandou embora... Eu seis

anos lá, e me deu co..., como é que chama ooo...? Aquele... Falei duas vezes nu..., diz que ele... Só que falei lá de que..., só que eu falei lá no fórum, eu falei, pra minha idade não podia trabalhar, falei pras meninas assim né? Po, podia até indústria que não pega um cara de cinquenta, sessenta anos. E, e eu podia trabalhar pra cuidar da minha vi..., meu dinheiro, também tenho família, vou pedir passagem.

Aqui dentro de São Paulo, se eu pedir passagem também, aqui tem a lugar que dá passagem né? Aqui, lá no canto, no outro, você consegue um meio de embora né? E já teve gente que pega daqui, pedi passagem lá num sei pra onde, lá pro norte ou pra outro, pedi passagem, ele vai e volta, não tem um cen...

Sabe, tem muita que, que vai num, vai de Brasília, ponte Brasília. Quando construiu Brasília, fui lá construiu Brasília, em cinco ou seis vezes em Brasília, eu fui lá né? Capital lá, Brasília, trabalhei lá em Brasília, o..., i..., como é que chama? Tem gente que pega passagem lá? A passagem lá e depois ele... Como é que chama? Ele voltar pra lá? Ele voltar pra lá e tá fazendo tudo essa pobreza que paga o outro sabe? Eu que tô pagando por causa desses vagabundos, tô pagando eu também sabe por quê? Eles não me largaram sabe por quê? Eu acho que tão pensando... Que eu não devo mais... Eu acho é qu... Tão sabendo que eu vou sair na rua, ficar debaixo de ponte, é só pensando é isso, mas tudo errado...

Precisa a pessoa ver... Não tá sabendo que eu, numa pessoa com idade, eu não sou nada disso que ele, que ele... Tô preso aqui... Máximo de seis anos, mais ou menos, do que eu não qu... Seis anos tá passando, já passou seis anos. E mais eu não devo sabe? Mais eu não devo!

Em São Caetano, lá em São Caetano é que eu... Aqueles caras tomava pinga, aquela..., meio..., pa cedo to..., tomá aquela, aquela pinga. E eu acha alguém, eu tô pensando que... São Caetano eu acho que... Alguém fez alguma coisa lá, um ou dois, e botaram eu no meio, eu só... Qualquer coisa é o homem lá sabe?

Eu tenho papel, letra pequena, mais não leio letra pequena, só leio letra grande sabe? Letra pequena eu tenho que arrumar ócus, como é que chama aquele? Ócrole pra letra grande né? Então eu sem óculo, eu nãoooo..., leio né? Desde pequeno. Então, por causa eu sou analfabeto sabe? Tem um cara crente aí, com uma bíblia sagrada, porque eu não podia ler a bíblia, a bíblia tem letra pequena né? E o cara pensou que eu não sabia ler porque eu era analfabeto, eu falei pra ele, *"Oh! Do Rio Grande do Brasil, não que é melhor que ninguém, mas lá não tem analfabeto, lá não tem analfabeto, e lá não tem cara que não serviu o exército, só se seja doido, porque lá ummm...uhmm... né? E segura muito ooo..."*, como é que chama ooo... O cara estuda muito lá! Tem que estudar! Pobre, tudo! É aqui também estuda né? Mas tem uma parte, deve fazer uma parte... Eu aqui não estudo né? Tem uma parte que não chove, um meee..., como é que é lá? É um estado muito grande, muito longe, lá eu não fui né? Mas lá não estuda a maioria, eu acho que não ne... Hoje estão estudando né? Mas eu acho que exército, tá, não vai precisar sair dali o quartel, não sei como é que é lá né? E pra cá já é diferente. São Paulo, por aí, o estado do Brasil, é o melhor estado que tem aqui é São Paulo, primeiro lugar, depois Rio de Janeiro tá?

Pa..., e a depois aqui Paraná, e todos o estado né? Esse ééé são bom né? Qualquer um vivo, trabalho qualquer... né?

Mas tudo que faz é... Faz de cima Deus né? Ele é o nosso chefe né? Tudo na Terra é passageiro né? Tudo é passageiro! O homem, o máximo, não vai duzentos anos né? Pode ser o maior rico no mundo, mas ele não leva nada né? Tá qui uma grande parte human..., humanidade de mim né? Perdi tudo setembro viu filho de Deus? Perdi tudo isso aí... Minha idade, tá ruim porque sou pobre, perdi tudo isso aí, não foi brincadeira, seis anos que eu sou preso..., perdi tudo, mas não faz mal (chora e suspira)...

Sabe, eu sempre..., lá em cima o, o, o... Eu faço limpeza, sabe como é que é? Dos ferros lá. Eu sempre, sempre ajudo a limpeza, eu também... Agora eu faço diferente, o primeiro que chamar o de besteira, eu..., eu..., respondi brigado. Sabe o que eu faço hoje? Eu não burro mais, eu só falo de pouca gente. Sabe como é que é, com cara que fala bem. Se ele fala besteira comigo eu também fico quieto, que graças à Deus, eu tá bom. De primeiro eles falam tão mal..

Agora não sou malandro. Quando eu era novo, eu metia até pulando sabe? Quando era novo, mais depois de idade é outro tempo né? Cê sabe, não sou só eu Filho de Deus né? Não sou só eu que tô nessa idade. A maioria, o rico, o maior rico, fica sem pai, sem mãe né? Ooo..., tem doutor que tão rico, tem doutor que não cura ummm..., dor do doutor, e gasta muito e não cura né? Rico né? E poda a vez só um doutor cura ele, o remédio pode até curar ele né? Eu dou graças à Deus, se eu tô pagando, e soube eu pagando nessa cadeia, mas não tem portância, eu tô com saúde, graça à Deus. E eu tô sempre nessa cadeia. Agradeço muito, muito, muito sabe?

Tá certo essa cadeia, sabe por quê? Como é que eles sabe que tiraram três... Onde tô ali, tem três e meio louquinho, sabe como é? E tiraram tudo eles da visita, tiraram três ou quatro. Que pode saber, tiraram eles daqui antes da visita e não tiraram eu. Porque eu, se a visita falar comigo, eu respondo. Se ela vir tá? Se ela não falar também né? Eu não respondo! Assim que eu faço, quieto né? Assim que eu faço (*). E é quando ele tirar os caras, três né? De bom, eu acho que eles não me tiraram, que é a última hora também, por causa de visi... Que eu não falo com ninguém, mas visita é visita né? Nessa visita tem tudo, nessa visita tem gente até..., igual a gente, até pior do que a gente né? Morreu né? Ou tem ummm..., uma... Minha família não ãh, nunca ãh... De jeito tá indo por em cabeça por pé.

Ahm... Eu, não visitam eu porque... Às vezes fico triste de eles não me visitarem porque não sabe aonde eu estou sabe? E eu sei a casa de cada um da, da minha família. Meu irmão, que não vejo faz tempo, aposentado da brigada militar, da polícia. Eu nunca procurei a minha família sabe? E foi no fórum que perguntou, "*Onde é que tá a família?*". É, é que eu não procurei também porque eu sou pobre, porque a minha família é tudo bem de vida. Eu não procurei porque só repenso e repenso, que eu vou prec..., precisar deles, mas se eu precisar deles também eu tenho tudo sabe? Se eu sair na casa da, da minha família, ninguém vai chutar eu sabe? Eu fui o errado foi eu sabe?

Quando eu vi a minha irmã na Foz de Iguaçu no Paraná, divisa do Paraguai... Eu tenho três irmãs lá, irmã legítima né? A mais velha tá com sessenta e..., sessenta, sessenta e um anos, ela é mais velha que eu um ano mais ou menos, e ela mais de estudada, ficou tão contente quando me viu sabe? Agora de eu tá preso aqui eu iria embora pra lá sabe? Quando eu ia bora...

Tô preso, eu mesmo não saio mais. Ninguém sabo eu. Não sabe onde é que eu estou eles né? E eu sei onde é que eles estão e eles não sabe de mim. Não sei que eles tão vivo ou alguém também não existe. Não sei mais de nada. Desde que eu estou, tô preso, não vi mais nada. E tô preso no meio de bandido, ladrão, pior que tem de montão sabe? Eu tô preso... Que eu, eu sei que nada disso eu não sou né? Mais Deus sabe, um dia eu sairei.

Agora, se eu arranjasse a casinha eu vou pra qualquer lugar diz os presos. O todos presos aí falam muito viu? Presos falam de montão! Não tem nada que fazer né? E só fica falando o..., falando o mal. Presos falam o dia inteiro né? Preso. E eles gostam de falar, e eu falo pouco sabe? Eu já fiz que sou surdo um pouco, eu não, eu não tô surdo, vem falar comigo, eu sou surdo sabe? Se falar muito com, com preso aí... Sabe por quê? Porque eu sei que essa vida...

Eu não sou maltratado, graças à Deus sabe? Aí os outros brigam, eu que arrumo minha cama bem arrumadinha sabe? Agora, vou até lavar roupa lá sabe? Lavar eu posso lavar, mas ele... Lavar tá esperando a... Tá, tô nem lembrando, o mais encrocado pra ele né? Que os outros já chegaram pra ele né? E eu não fumo, então pra dar cigarro pra ele é..., os caras que lavam roupas. Eu ía também fazer isso, já fazer eu, lavar roupas dos outros em troca de, de uma coisa, de trocar um sabonete, sabe como é que é? Devia lavar, lavar é fácil né? Mas depois, digo, não! Tô guardando so, san..., sabonete, tenho sempre o, o cheiro. Fui um dos primeiros tomar banho pra ninguém falar sabe? Ele não pode falar nem nada. Te digo, falo que preso são... Mas não é maiori né? Se ele falar que eu não tomo banho ele tá mentindo né?

Sabe o que eu faço por aqui? Mas não sou só eu. Eu, quando levanto, é, eu às vezes, ahm... Faz isso agora sabe? É, e então uma corrida assim sabe? Pra tomar um banho sabe? A, a, a, a limpeza. Dá uma corridinha eu. Mas não sou só eu, tem uns caras que, que, que corre ali né? Não sou só eu. Aí uma porção dos caras sabe. Corre, faz aqueles caras ali né? Mas não sou só eu. Ali é a maioria. E aquele velhos que tá ali, mais ou menos uma meia dúzia de velhos que tem ali sabe? Meia dúzia de velho. Aquele velho que veio falar, foi falar com o senhor, e outros. Eu, aquele é mais novo que eu né? Que, que mais uns seis anos menos que eu, cinco, aquele que veio aqui falar com o senhor. É, ele e todos os velhos não são mal sabe? De primeiro, ahm..., aquela veiarada ali, eles, cada um, é, por estar preso por uma coisa...

Agora, sabe o que eu fico pensando? Eu tô preso aqui por duas coisas. Eu tô preso por que parece que houve, mataram um cara. Mas eu se falo que não me lembro sabe? Se eu falo que não me lembro mas que ninguém acredita. Eu acho, meu fora, talvez eu falei que eu não me lem... Eu não me lembro mesmo sabe? Do meu... Tô preso eu não sei por quê que eu tô preso. Não sei se eu tô preso por quê, pela morte do cara né? Eu...

O cara na rua era papaleiro né? O cara. E o cara, quando eu tava machucado... Mas também não me lembro que eu matei ele. Mas também não me lembro! Mas eu tava machucado então acho que matei sabe? Por quê? Porque eu não me lembro se eu matei... Mas como é que eu tava machucado não me lembro também né? Então, de...

Eu fui no culto dos crentes sabe? Eu trabalhava em São Caetano, aí os, os caras tavam dormindo na rua e eu dormi no ferro velho. Eu tava no ferro velho... E eu ia daqui todos sábado, tá fechado o ferro velho sábado né? Então saía de São Caetano pra cá, pra pegar fios, coisadas de mais caro né? Pegar as coisas mais caro, não papelão, pegava muita carga de material pra mim. E ia no culto na igreja Batista, que senão na, na Assembléia de Deus e no culto né? Daqui tinha arrancado mão da pinga. “*Seu safado? Teu porcaria?*”. Foi quando aquele cara chamou eu. E ele, “*Vem cá!*”. Eu segue, adianta com carrinho sabe? E, “*É do cul..., que não é do culto não?*”. E eu tava com aquela bíblia com zíper, aquela bíblia que eu comprei, falei com aquele velho que tá perto de..., falei pra aquele velho. E o velho falou pra mim, “*Quer vender essa bíblia?*”. Eu mostrei a bíblia, eu disse, “*Eu tô lendo, eu tô no culto da igreja de crente*”, e tava na frente de eu, e eu guardando pra ir embora sabe? Tava guardando dinheiro... Mas o... do medo dos caras me levar, eu, me roubarem eu, eu pagava uma, uma... E eu tava sem documento, tava no banco, ia onde tava o banco e guardava tanto aí. Toq..., tudo notas mais caras, foi guardando só né? Eu guardava no meio da perna, assim, bem amarrada. Por cê vê, o cara não vai né? Ele não... A nota até dez mil de cruzeiro é a mais cara aquele tempo né? Dez mil cruzeiro né? Tô falando dez mil cruzeiro e a outra são menos. Eu tomava uma pinga e tomava um café ou...

Sabe, em qualquer lugar eu trabalhava, eu trabalhava quatro, cinco horas da manhã, toda a manhã. O meu negócio cedo até isso. Eu não..., eu ahmm... Eu me acordo cedo, quatro hora da manhã, cedo me acordo, quatro. Tem gente me acordo... “*Dorme sete horas só filho de Deus?*”. Tem uma turma ali das sete hora, sete horas aí dorme preso. Ele ronca, eu não ronco, e tem cara que ronca, se eu roncar eu..., vai que eu não ronco não... E se dorme até... Os presos maioria né? Se acha tudo mais ou menos até oito, nove horas. Tudo dormindo, oito, nove horas da manhã. E eu não! “*Você num...?*”. Dorme, acorda às quatro horas da manhã, quando toda a vida né? Eu nummm...

Não é o que eu..., me..., e me..., é, uuu, às vezes... Mas agora eu ia dormir. De dia eu não durmo mas eu ia dormir agora. Depois eu tava querendo dormir, aí me chamaram. Me chamaram também. Tá querendo dormir me chamaram. Eu tava até sem roupa, sem nada, guardado sabe? Com cuecas, esse negócio pra dormir né? Tipo... Quando me chamaram. Me chamaram e tá, e tá sem uma... Por isso eu demorei pra vim. “*Me chamaram! E agora? Me chamaram eu!*”. Aí eu peguei..., eu... Quando me chamaram, digo, “*Eu tenho que me arrumar né? Pra ir...*”, “*Onde é que eu vou? Que eu não sei mais nada outra vez*”. Mas eu sei por duas coisas. Eu sei...

Um dia teve uma lei aqui em São Paulo, primeiramente em São Paulo, do Brasil, o melhor, o maio..., melhor. O maior estado terá uma lei aqui. Eu não acredito que não tenha a lei. Essa lei aqui não tiver, se eu

for..., ahm..., vivo até morto, não tem nem lei. Eu sei. Então ali... Então é o dinheiro, ele sabe que eu tô pobre, e tô pagando o que eu não devo. Louco eu não sou, por quê que eu tô preso sabe? Ahm... Louco eu não sou louco né? Então fica louco quem é tratado de louco. Como é chama aquele é... Se eu fosse louco né? E por quê que eu tô preso? E eu, e eu... Se eu não matei esse cara. Eu era papeleiro, ferro velho, também tô preso por quê né?

Eu tô pensando que... Tô preso porque eu não paguei antes sabe? Fazer quando era mais novo né? E tô pagando agora mais do que a vida dá. E eu tô com medo não me largar, sabe por quê? Porque tão pensando que vou ficar pedindo nas ruas por aí, no caso, dormir embaixo da ponte, eu tô pensando os chefes daqui né? Tá errado nisso, sabe por quê? Porque tá errado isso aí. Cê tá pensando que... Eu vou sair daqui, vou cair fora pra toda a vida sabe? Não pega mais uns... não!

Por causa de São Paulo porque aconteceu tudo isso, perdi a minha vida aqui, perdi o meu, meu tempo todo maioria aqui sabe? Porque o meu, a minha idade, a idade do homem, não só eu, que faz na Terra se paga na Terra mesmo, é ou não é?

Se eu tô preso por alguém, se eu dever, Deus resolve né? Se eu dever, se eu não... Porque ele vai ficar velho né? Se eu tô preso vai ver que o cara fez comigo. Ele vai ser, acontecer igual eu. Eu não quero nada com ele, Deus ajude ele pra ele não tá, é, não tá... Porque quem lutou por tudo isso... Perdi tudo isso viu filho de Deus, perdi tudo isso aqui.

Tô te na idade tremenda dessa sabe? E agora tenho daqui uns... Mas quem sabe pra mim isso aqui ééé... Tá lidando com muita gente, tá pensando que eu sou vagabundo, tá pensando... E foi que eu tô preso por tudo isso aí sabe? Tá pensando que eu vou pedir de casa em casa, que eu... Pensando que eu dormo embaixo de ponte, nada disso é verdade né? No Qui, que acontece agora? Tô pagando tudo isso...

Um dia perguntou até num fórum ali. Perguntou, se eu saísse, pensar que ia ficar aqui, se eu quiser ficar aqui dentro de São Paulo pra trabalhar, pra onde é que eu trabalhava? Pegar jornal de o centro da praça da Sé! O centro de São Paulo é a praça Sé lá né? Se eu chegar lá o cara me dá, me deixa o ende..., o jornal...

Se saísse na rua sabe? Eu... Se eu ia na Sé, na igre... Aquela igreja como é que chama a..., de crente aí? Como é que chama? De, de fabricá doces? Se eu ainda tenho documentos, acho que me dão, como é que chama? Ééé, pra vender... Ele me conhece da igreja... Essa igreja como é que chama? Essa aí? A Adventista. Aquela Adventista faz muitaaa..., faz fru..., é, frutas. Depois o cara vem vender por aqui. Se eu chegar lá, se eu ir... Foi muito... Se conhece, se eu chegar, ele me dão eu a... Falando com eles eu arrumo pra vender doces sabe? Não sei se existe isso, vender doces nos trens por aí sabe? Vender doces, qualquer coisa eu pego aqui, eu não ando sujo. Aí no interior ahm..., aquele... Não ando sem sapato e não preciso pegar no lixo que eu compro tudo, tudo, tem todos os meios né?

Aqui, pra se viver, o primeiro lugar é São Paulo pra trabalhar. Mas eu tô triste, é, pra mim foi... É, o primeiro que foi tudo...

Sabe, nunca passei fome, sempre trabalhei, e sempre paguei também o que... Tudo pra mim..., ahm... Aqui primeiro lugar tudo sabe? Que tô agora tá faltando o quê?

Sabe, agora, pra eles, a defesa falou pra mim... Só que pra velho é ruim. Mas eu acredito né? E se eu não acho que..., por quê eu..., que eu faço na Terra paga aí depois, é ou não é? O que se faz na Terra se paga na Terra mesmo.

Porque eu fui polícia, sabe quando eu fui polícia? Fui dois, fui da polícia, fui da polícia militar do Paraná. Fui do treno, fui da polícia e passei pro treno. Eu sei o se isso... Que isso aí tem erro, tanto no homem como na, na própria polícia tem erro não tem? E a polícia que fizer um erro lá, é, ela será paga sabe? Ninguém fica não sabe? Se ela começar a fazer erro, fazer erro, no último dia ela paga pra outro, Deus existe né? Se ela faz pra um na Terra, paga depois, é ou não é? É meu... Tudo isso aí...

Eu sei que eu perdi, mas eu espero um pouquinho, eu espero até a gente sair sabe filho de Deus? Eu espero sair porque eu não devo mais nada sabe? Eu sei que não devo, eu sei, se eu sair foi Deus, eu sei que ele pra mim é a mais assim... Se eu sair, nem que vai embora, se eu sair daqui, meu Deus! Só se eu faria um meio... Só Deus se eu fazia isso até o fim do ano. Se eu fazia até o fim do ano aí eu fazia embora pro Paraná. Eu sem...

Até tinha aqui no Paraná é longe né? Quase na divisa, será 1500 km daqui a Curitiba, 1500 poucos km, 500 km né? Daqui a Curitiba eu conheço tudo isso aí. Caminhoneiro, caminhoneiro carrega caminhão por aí, caminhão pro Rio Grande do Sul, caminhão por aí. Vou procurando bem pro caminhão dá, dá carona. Se eu te levo, "*Por favor, me dá uma carona?*", pronto sabe? Eu pego carona, o, o, falando com o outro caminhoneiro acho não precisa nem, eu nem precisa nem à pé.

Porque eu fui muito quando era novo. Quando era novo sabe? Eu não parava em lugar nenhum sabe? E segurava um... Num parava em lugar nenhum. Trabalhava em indústria. Trabalhei muito em indústria sabe? Indústria. Quando era novo né? Mas eu não parava! Só parava naquele tempo ahm..., que, que pegava carteira profissional. A carteira né? Profissional. Tirava outra, tirava... Se ela botava fora aquele...

Porque o meu erro era isso sabe? Se eu ficasse numa fábrica até hoje. Ou não! Podia tá morto também sabe? Aquela é Deus que faz né? E se ficasse ía acontecer alguma coisa também. Tudo eu penso e..., "*Não, mas se eu ficasse na fábrica?*", "*Não, não é pá eu ficar...*". Porque se faz na Terra é Deus que faz né? O que faz na Terra é Deus. Se eu ficasse eu taria até ho... Ou taria até morto né?

Eu ainda fico... Tudo isso que aconteceu comigo, porque eu tô triste preso aqui. Triste sabe? (*) Mas também fico contente de que... Na rua o cara batia no outro, pegava eu, um atirava o outro pro outro, e pro... né? Tem cara que morre sem pagar. Não tem né? Tem muito que morre sem pagar.

Eu já vi, eu já vi o, o caminhão, e o caminhão por causa que o..., pelo outro caminhão, caminhão desviar linha né? O caminhão né? O caminhão o..., e sem dever nada, e sem querer, não aconteceu nada, quebrou o carro, um caminhão com outro, deu morte aí, e eu não morri pertinho deles por quê? Porque não é pra mim morrer né?

Sabe por quê eu não morri até agora? Porque não é pra eu morrer agora! Deus que leva a gente da Terra né? É Deus! A morte! Nós

temos a lei do céu e a lei da Terra né? Nós temos duas leis, a lei do céu e a da Terra né?

A...., a lei do céu é não matar né? A lei do céu é não matar né? A lei da Terra é legítima defesa né? E a lei do céu não..., não é isso? Eu acho que é né? Eu... É, eu acho que é isso mesmo. Na lei de Deus, na bíblia sagrada, será que ela tá falando a verdade né? Tá escrito não matar né? E na Terra é...

* * * * *

O preso eu achava..., nada aquilo que eu pensa... Eu não pensava muito sabe? Quando eu ééé... Pois nunca pensava, nunca, jamais de eu pegar tanta cadeia. Dentro eu, eu passei uma cadeia tremenda. Que toda a minha idade. Mais minha idade era velha. Mas a..., mas a também não tô doente. Mas a... Eu, eu não pensava todo isso que eu vi, que eu tô enxergando hoje sabe? Se eu sabia que era isso tudo isso aqui cadeia.

Eu também..., já fui o..., o... E eu, eu cansei de buscar preso sabe? De buscar preso do interior do São..., do Paraná lá. Lá na..., no norte São..., é..., pertinho da capital, depois de Curitiba, ééé, Londrina! Eu ia buscar Lond... Quanto eu ia lá em Londrina buscar preso pra Curitiba sabe? Pra Curitiba. E entregava eles pra ir presídio, com cadeião grande lá né? Ia pra..., cada..., coisas..., preso. Mas não pensava cadeia. Eu não pensava jamais de tudo isso aqui sabe? Eu não pensava! E agora ninguém sabe a vida de amanhã né? Eu sei que não sabe. Sabe por causa de quê? Meu irmão mais...

Eu não pensava num... De preso eu pensava que ele tá o que ele fez tal coisas né? Quando era novo. Até porque todos o preso achava que ele tá preso porque ele fez tal coisa o que eu falo antes né? Hoje eu não sei como é que é né?

Hoje eu acho que..., eu acho que... Não sei, tem preso muito pior do que eu sabe? Que... Tem preso muito pior porque quebra as cadeias aí sabe? Quebra as cadeias, tremendamente perigoso, dez a..., dez vezes pior do que eu sabe? E sai na rua. E só fale que faz isso...

Preso é isso! Que tá preso, e já tá... E se cobrar... Então já foi lá fora, viu como é que eles estão. E, e eu nem vou pra rua. Quantos presos eu já vi isso aí? Porque dizer então eles tem al..., alguma coisa errada não tem? Tem uma coisa errada. Porque como é que... Cego eu não enxergo isso né? Mas tudo bem, teve depois de, de mim, dois presos perigoso sabe? Foi embora, pior do que eu, e por quê que eu não vou? Então eu... Alguma coisa né? Mais tudo bem, existe um Deus...

Pra mim o preso, o preso é o cara é... É a lei, é da lei da Terra, ele tá pagando a lei né? A lei, a lei é tanto, a lei que ele tá pagando, a lei né? E o preso tá pagando a lei. Agora, viu? Sabe? Eu acredito também... Porque santo ninguém existe santo né? Eu não era matador dos outros, e eu não era, mas quando eu fui mais novo, às vezes... Eu não matava né? Eu já roubei coisinhas sabe? Mas não matar. Cê corria até com arma, co..., corria pra não matar o, o..., como é que chama o cara? Nunca pensei em tirar a vida de ninguém porque a vida de uma pessoa isso não, não ganha outra né?

Agora, o cara, o, o homem na Terra tem três lugar na Terra; o homem tem três lugar, trabalhar, pedir ou roubar. O homem quer por três coisas né? Trabalhar, primeiro lugar, pedir, segundo lugar, roubar, terceiro lugar né? O homem tem três coisa pra viver né? E eu então como é que eu fazia quando eu era... Já pediu achava quando era novo né? Pra ficar, pedia aquela..., pedia uma comida, uma casa, uma coisa então. Mas umas vezes..., eu né? Quando eu era mais novo. Mas pegava umas cadeias..., cadeias não grande. Tô nessa cadeia tremenda que eu tô hoje e perdi tudo essa vida agora. Eu só não tô doente por Deus, eu tô são, só por Deus né? Sabe que se é outro...

Quando era novo né? Quando era novo, era pra trabalhar quando era novo né? Eu não acre... A, agora tô de velho, chega! Quando era novo podia trabalhar antes né? Né? E num, num trabalhei. Deus me mostrou que tinha que trabalhar né? Eu trabalhava, mas eu não parava em lugar nenhum, sempre voltava pra São Paulo. Eu...

São Paulo, devo nada aqui dentro, em lugar nenhum sabe? Se eu tô aqui preso... Mas aqui não tem... Se té aqui papeleiro tem algum... Quem falar que eu..., é..., por exemplo, que eu... Aqui dentro de São Paulo tô falando.

Me larguei mão por tomar aquela pinga, aquela pinga né? Aí fui na igreja aí dos crentes. Aí saí do, da, da pinga. Encontrei e tomei aquela porcaria. E aprendi que tudo é uma imundice né? Mas não é tarde né? Porque tudo eu paguei. Porque se, se...

E que disse, esse cara me chamou, aqui nesse lugar, Santo André, o ABC de São Paulo, se o cara, se o cara me chamasse aqui, Santo André... Fiquei vagabundo, se ele me..., se eu não fosse... Ele me chamou, tomei sabe? Até hoje tem sab... Não ouço... Se eu quisesse, não tô ouvido essa... E hoje eu tava essa passagem de fora né? Eu não taria preso sabe? Porque se esses caras da..., da rua que tem por aqui...

Primei..., primeiramente é que são pobre mesmo. E tanto esse vagabundos que tá por aí... Se quer amigos da gente se tiver dinheiro..., tiver um relógio de pulso aparecendo é melhor ainda tá no meio deles, que ele tomar o relógio da gente. Pra, pra chamar a gente, pagar uma pinga pra eles e tomar uma pinga, tá com tudo com eles sabe?

Pois esse dia que chamou, chamou eu. O cara me chamou, "*Vem cá!*". Esse é vagabundo que dorme na rua né? Eu ía pra São Caetano daqui, aí ele me chamou aqui em Santo André, vieram com o carrinho de papelão, eu saí do culto em frente aí sabe? "*Cê tá bem limpo, que tal o culto né?*", dos crentes.

Só que na igreja batista aqui... Gente que dorme dentro do carro dele, da igreja, o meu irmão que fica sábado e meu de... Dormir os dois na rua não. Se vinha seu carrinho, eu dormia no carro dele sabe? Ele não veio até hoje, não sabe se eu tô aqui, tô no obrigado né? Ele mandou se... Ele não sabe, ele não sabia, é um crente da igreja batista aí, meu amigo, e ele não sabe onde é que eu tô, tem carro, tudo, não sabe. Que toca campanha, a, o..., esposa dele chegar lá e... Mas eu durmo, dô café e durmo, e ela... E durmo no carro dele sabe? Aqui tinha novo indústria no, no... sabe? E escreveram Diadema, é, Diadema né? Acha que é Diadema, uma cidade aqui, teve alguma fábrica em Diadema, um último serviço

trabalhei, que eu trabalhei em uma fábrica em Diadema, é, em Diadema, e ele já tava com quarenta, quase com quarenta anos, trabalhei nessa fábrica. E ele falou pra mim, *“Olha, eu vou te arrumar um... Arruma o meu terreno aí”*. Limpei todo o terreno dele. A casa dele é bem perto dessa cadeia. É que eu ir preso eu nem tô..., não vou Santo André. É, essa..., essa família mora aqui perto. Tem uma, uma igreja católica, tem um colégio de freiras bem perto daqui, tem uma ponte né? Faz muitos anos, ir preso eu não vi nada mais disso né? Mas tem que... Que tem uma ponte, uma favela perto, não sei se uma favela... Quando eu conheci Antonio eu já morei aqui, aqui em Santo André...

Aí nós vamos... Aí ele de... Me botou no carro dele, ééé, falou, *“Agora vou levar você numa fábrica”*. Eu tava em quarenta di... Pra não pagar o ônibus, daí pra da, da, daqui da, daí da não, não, não cobrar o, o, a passagem de ônibus, até eu ter o pagamento na, na indústria né? Falou ele, *“Não, se é sábado o pagamento...”*. Nem sei se é Sábado, como é que era o pagamento, não me lembro. Ele dava carona todo o dia. *“O meu carro sabe?”*. Fico dormindo no carro dele. E ele pegou uma família boa. Eu tenho muito família boa... Agora não vejo nisso... me...

Então aí eu trabalhava na indústria. A mais essa fábrica também não me lembro. Era uma fábrica grande, tinha muita máquina, muita coisa, trabalhava de dá café pro povo. Dá aquela horinha, dá café. Era meia dúzia de velho, mais o quatro, cinco, seis velhos, e comigo. Aquela roupa do... Eu andava com as calças tudo... Andava com a perna... E a mulher, tinha seis, meia dúzia de mulher, era fazer café né? E eu, eu, a... eu dava limpada, outra dava privad..., privada..., outro velho lá da, da..., né? Então eu... ahm... cada um já fazia uma coisa lá dentro da, da, como é que chama? Da... Eu pegava dava café. Eu e outro velho dava café pros trabalhadores né? Café. Trabalhei tudo as máquinas, eu não me lembro...

É, trabalhei foi nessa fábrica de Diadema, e eu trabalhei também fábrica de Guarulhos. Se sempre me esqueço dessa cidade de São Paulo, chama Guarulhos. E... a... Trabalhei naquela fábrica, é uma fábrica perto do outro lado do asfalto que entrou na Dutra, tem muitas fábricas..., televisão. Não sei se já tem hoje, faz televisão em Guarulhos. E a outra fábrica perto daquela que eu trabalhei do outro lado da, da, do, do asfalto. E eu morava ali perto do asfalto, eu morava ali do lado da cidade. Eu nunca fui...

Eu morava perto de Guarulhos, eu morava numa fave..., tipo uma favela criamos lá no Guarulhos. Morava com uma mulher. Mulher morreu com câncer, mulher morreu pre..., morreu do..., do..., uhm..., morreu com... E essa mulher morreu em Brasília. Ela morreu e a filha dela também não sabe onde é que eu tô. É minha filha porque eu criei como minha filha, registrei como minha filha, e ela não é minha filha legítima né? E o meu ahm..., o rapazinho des... de... deixei um caszinho que ela tinha, aquela mulher.

A vez como eu fui..., fui em Brasília, aquela mulher tá embaixo da ponte. Porque a rádio, a televisão são quem ajuda ela em Brasília (*). E ela pegou, tá embaixo da ponte, e ela pegou, e ela tava quase na minha idade, aleijada ela, *“E já tá bom?”*, eu falei assim perto bem né? Ela, era

mulher de muito dinheiro ela né? Mas ela falou pra mim, “*Eu queria... Eu vou ficar aqui com a rádio, televisão aqui vai, vai dar uma au..., um auxílio aqui pra mim, eu vou fazer um café. Quer dá um café pra você, depois eu quero falar com você*”, ela disse pra mim né? “*Eu quero falar com você, não chamo de senhor que você sabe também...*”. Ela tava com duas crianças, aí falei, “*Falar comigo?*”, ela disse, “*É... Sabe? Ééé que mais... Não fica com essa televisão aqui. Que eu vou morrer, ééé tu me dá uma mão pra mim?*”. Aí disse pra ela, digo, “*Eu tô embora, eu vou embora pra São Paulo, vim de lá e vou pra lá, que lá em São Paulo se pega o, o... Se fala em São Paulo... Tô com dinheiro, compro um terreno, um terreno. Em São Paulo vende terreno. Aí eu sei tudo onde vende terreno, tem favela, é melhor comprar terreno*”. Falei pra ela aí ela pegou e veio comigo pra cá.

Ela... Mas ela não era amiga de ninguém. Ela só amiga dela e das crianças, ela não era amiga das mulheres, tomadeira de pinga. Tinha uma favela em Guarulhos com ela, em Guarulhos, eu perdi por causa dela, ela arrumou inimizades com todas as outras. Divida a pinga, tudo debaixo da bunda, e ia lá né? E ela falava, ela... E amiga dela foi na polícia de noite, prendeu, a se... Prendeu aquela... Não... Prendeu ali nas casas ali do lado, que o cara da favela ahm... Cheguei, ela falou pra mim, “*Eu vou pra Brasília ou pra São Paulo, qualquer lugar*”. Ai fomos pra Brasília, eu e ela.

Brasília... Em Brasília ela falou, “*Vou falar com o governo em Brasília*”. Ela não podia, ela aleijada, ela não podia entrar com a roupa... “*Tem que entrar de, de, de pa..., não...*”. Falar com o governo em Brasília tinha que usar a... Como é que chama? Que num... As mulheres ficava com... Parece com vestidos né? Até eu catar roupa comprida, roupa, uhmm... né? E ela foi desse jeito, e ela falou com..., “*Desculpe, o governo tá no Rio Grande do Sul. Desculpe, o governo tá no governo de Rio Grande*”. Agora é um moreno, bem moreno até. Agora o governo no, no... Sabe que agora me esqueci o nome? Ela falou com ele, e de ummm... deputado. Ia embora e ia vender todo ooo, como é que chama? O, as coisas como fogão, geladeira. Vendia tudo e ainda arrumou aquilo pra ela. Arrumou pra dar pra mim tudo aquilo não vender sabe? O deputado, ele foi... ia embora daqui, ia pro Rio Grande, deputado federal o outro né? E ele pegou e deu todo o material. Quando eu vejo, aluguei prum nortista, tem muito nortista lá num...

A cidade, numa vila, eu tenho duas, quatro, du..., duas pecinhas. Duas peças na favela lá arrumei em Brasília. Aluguei uma com... Uma, uma... Aquele de pobre, bem pobrezinho, como é que chama isso? Mora muito a rua de toda a cidade, como aqui, em qualquer lugar... Barraco! Eu tinha um barraco só, mas tinha do, dois..., pra dormi e..., pra dormi e cozinha, só tinha duas, duas peças, dois cômodos. Mas não tinha nem cama dormi ali nem nada. E ela tinha que falar com, com com, com o deputado. O deputado voltou. O deputado foram lá, quatro carro deputado na minha casa, comprou! Cabe de tudo lá, e arrumou até serviço pra mim em Brasília né?

Tava... E eu tava... Saí sem documento, não aceita serviço sem documento, e aquela mulher fica doente, ficou doente. Eu trabalhei, eu trabalhei lá sabe? Ah..., aí peguei a mulher que tava doente, levei pra cá

pra São Paulo. Aquela mulher gostava muito daqui, veio pra cá, pra São Paulo. Veio pra cá de novo. Caiu no hotel, um hotel que tem aqui, é hotel, pensão, hotel né? E naquele hotel nós parava lá. A mulher sem dinheiro com dinheiro nós dormia dentro desse hotel sabe? Um hotel bem perto daqui. E ela pegava os outros crianças. *“Só vai pagar depois...”* (*).

Agora sabe? E aí essa menina fugiu. Essa menina tá com dezenove ou vinte anos. A menina com... Minha filha fugiu com um cara lá sabe? Com cara que (*) tem táxi. Tem, tem táxi, tem tudo, três táxi lá. E o cara... E eu não fui contra o cara porque que eu fiquei sem a mulher né? E com as crianças como é que... Uma né? Se tá numa boa, de maior de idade né? O cara fugiu com ela e casou com ela. Não sei, casou em Brasília, acho que ele e minha filha... Ela é como minha filha né? Eu criei como minha filha né? E o meu... Ele como meu filho né? Ele eu não sabe, é que eu não... onde é que ele tá sabe? Ele é muito... Tá bem sabe? Ele é a vez que muito vivo demais, meio de perigoso, não sei aonde é que ele tá sabe? Mas a menina, não porque ela é uma menina, a menina ela é muitooo... Estudou em colégio, é muito inteligente, muito boazinha sabe? E ela tá bem de vida em Brasi... Eu não sei aonde é que ela tá. Depois, se eu sai..., escrever também, procurar... Mas não adianta, eu preso aqui, não adianta eu escrever, não adianta nada sabe?

Porque não resolve nada. Resolve Deus e a lei né? Pra mim embora... Não adianta, ela não existe ummm... Que manda é a lei né? Que resolve ou... né? Eu vou ummm... Que vê a minha vida né? É porque também... Porque saberá que tudo que fez na Terra se paga na Terra mesmo, é ou não é né? Tudo que faz na Terra se paga na Terra mesmo.

* * * * *

Essa política tem muito meios de política. Tem... ahm... tem o, o..., tem o comunista, a democracia, tem tudo né? Tem outros presos... Agora tava falando dos presos que não... Tem o partido do PCB, é, disse que... Dizem também né? Que é a do, do pobre, que..., como é que chama a dos trabalhadores? Tá, tá só com coisa a tudo. E tem a, o PCB. É, o, o PCB tá aí na ru..., tá falando, tá tão sabido aí e não sabe que... Já tão falando do PCB, da Rússia, da, da China, não sei o PCB né? E, a, o, o Brasil é mandado mais da América do Norte, é o P..., o, o, o mais democracia. Nós vivemos na democracia porque um e a outra é diferente né? Os que... A, a democracia é como é que chama? A democracia que nós vivemos não é democracia. Na demo..., democracia é, a, o partido comum cada um né? Não sei que exista hoje, a própria Alemanha divide em duas partes, aí tinha outra, e tá pronta. Uma alemão, seu pais, um cara que nasceu na Alemanha tá um..., muito bonzinho, ele é crente, aí eu tava falando pra ele, *“Na, na Alemanha lá tem duas partes. A Alemanha tem uma parte que é...”*, como é? *“Que é comunista. E outra parte que não é, é co... É separado no meio”*, disse, *“Agora não é mais, também é uma..., um muro né?”*, falei pra ele. Ele nasceu lá e veio menino pra cá pra São..., São Paulo. Ele é um cara que tem..., um crente aí, muito inteligente, um crente muito... Eu vou no culto deles aí sabe? No mais também eu vou no culto dele lá no meio dos crentes aí.

Mas da política, ahmm... Eu não, eu não sei como é que é poli... É, eu, eu achei jeito de que cada uma tem uma jeito do outro né? Mas eu acho que a democracia e... E o, o pobre não, não adianta. E eles falam que o pobre não adianta ser o do comuni... Devida o po..., o pobre... Mas acho que não adianta ooo... O trabalhador é quase tudo, mais se ele não entende, nada não adianta nada!

Então sei que eu se... Se eu..., se eu..., se eu sair votá, e votá pá pessoa sabe? Se eu sair eu vou tirar os meus do... Se eu saísse agora pra eu votar né? Eu votar no PTB, UDN, qualquer um. Só ia votar num pessoa qualquer. Que eu sou contra a favor de..., a favor do, do, do, da pessoa do Brasil, da, da pessoa. Eu só votaria, vo... Porque tudo isso é... O que ele diz eu nunca tive lá. Também não sei se é verdade. Diz que lá né? Aqueles que tem... Como é que chama? O car... Não, não é todo o dia de carro, não é dono de terra, não é dono da, do, do, do, do governo, não é dono de nada. Tanto fala tanta coisa né? Falaram né? Mas acho que no fim da...

Fui pra..., para a capital do Uruguai, Montevidéu sabe? Montevidéu, capital do Uruguai, muito bom, uma jóia Montevidéu. Nunca fui preso, máximo uma hora de preso lá em Montevidéu, porque tava sem documento, mas não é preso tanto tempo. Mas eu não matava ninguém, não brigava, mas preso sem documento. Então...

E naquele Montevidéu tinha uma família boa também. Montevidéu tem uma mulher que ela tem muito terreno, muita... Se eu chegar na casa dela, tudo bem, o filho dela mora entre no..., como é que chama? Mora na capital.

Então eu fui, depois de lá eu fui na capital. De lá da capital ali do Uruguai quer ir pro Rio Grande do Sul. Lá no Rio Grande pega dois países. O estado lá pega Argentina e Uruguai, e tem duas..., ééé, como é... Aquela cidade do Rio Grande que chama... Também como é que chama aquela cidade do Uruguai? Uruguiana! Uruguiana.

Uruguiana tem uma ponte, e eu não sabia falar o castelhano sabe? Eu saí do tal do Uruguai, falava pouco castelhano né? E eles falam só castelhano. Nós falamos bras... O português no Brasil é o único país na América do Sul. Nesse tempo eu tava mais ou menos com vinte e tanto, eu não tava..., menos de trinta anos, eu tava com vinte. Não me lembro que idade, vinte e cinco... Não me lembro! Aí fui pra Buenos Aires.

Mas nunca peguei uma cadeia tremenda dessas aqui sabe? Que eu nunca... Porque se eu... Eu tô, não sei porque que eu tô tudo isso. Se eu devo também... Talvez também eu devo né? Porque eu não me lembro.

Na minha época era o PTB no Rio Grande. Quando eu era menino, era do Rio Grande, não votava. Fui pro exército um... Fui pro exército com... mil nov..., 1949 eu fui pro exército. Passou 50 até 51 no exército. E lá eu não votava porque eu né? Eu retirei todos os meus documentos sabe? Tudo! Aí eu começar o um mundo - *“Agora vou começar o mundo!”*. E eu, eu acho que meu... Eu acho que era pra eu ter nascido em São Paulo, eu acho que eu gostava de São Paulo. *“Então eu vou pra São Paulo!”*. Quando era novo, da que..., menino sabe?

Eu tava com mais ou menos com... Eu acho que eu servir o exército com dezenove, vinte ou vinte e um eu vim pra cá. Mas antes daqui,

pro Curitiba. Eu entrei no trânsito. É, Curitiba. É, no trânsito em Curitiba, no trânsito na rua lá né? Em Curitiba. Ficou o tempo de...

Sai de Curitiba e depois vim pra São Paulo. E se vim só com todos os documentos. Sabia eu também interior de São Paulo. Aquele tempo eu não era nem ladrão nem que né? Naquele tempo nós fomos na... Trabalhamos na roça, mas depois, ficando velho, vai, se aprendi muitas coisas por aqui mesmo. Porque lá eu nummm...

Trabalhava na roça, no mato, colhi tudo. Essas imundices eu fiz aqui. Só que fui pro interior trabalhava em enxada sabe? Encontrei uma mulher de uma cidade aqui em São Paulo, a cidade chama Soroca..., Sorocaba. A cidade mais ou menos tem cento e pouco quilometro. É, Sorocaba. E lá a mulher tinha terreno, separada do marido, e viveu comigo aquela mulher.

No Sorocaba passava o trem que vem lá de Curitiba. Passava lá o trem. Aí fi..., fiquei. Que eu era novo, fiquei, conheci a cidade né? E eu fiquei lá na cidade. Daí me amiguei com uma mulher lá. Nos primeiros dias em Sorocaba eu tava numa fábrica em Sorocaba, em uma fa... Sorocaba né? Numa fábrica. A gente foi trabalhar em, em indústria, e aprendi.

Em Sorocaba eu não me lembro da... Eu não me lembro da rua... Em Sorocaba tem dois... Mas Sorocaba tem uma, tem uma fábrica perto de... Sorocaba tem uma fábrica ééé, como é que chama? É perto assim... Tu tem por ali pra São Paulo uma, uma... Ééé, de Sorocaba ir pra São Paulo, uma avenida vem pra São Paulo né? E a outra... E do, do cent... Que a direita vai pra uma fábrica perto de coti... Fica tão... Tem... Eu morava perto daquela o... uma... Tem uma fav... A mulher... Não é favela a ca... Tinha um terreno, até tem um terreno de casa e tudo, acho que ela tá lá.

Nesse tempo eu sai de casa, fui na casa, fui na casa dela esse tempo que sai. É que tá preso... Fui na casa, passei na... Dei uma passada aqui, depois de lá, em Curitiba liga pra Foz do Iguaçu, que tem passagem. Eu comprei, eu passei em Curitiba, na casa dos vizinhos mais velho dela sabe? Perguntei sabe? Se conhecia ela. Ela tem o meu nome no, no, no braço dela. Ela tem o meu nome escrito assim no meio, ela tem né? Aí sabe? É porque o que foi embora comigo quando eu fui pra de, de...

Voltei pra Sorocaba, fui no interior de São Paulo trabalhar na enxada sabe? Trabalhar enxada e coisas assim ééé... sabe? Tem uma cidade aqui em São Paulo da, da, da, da..., como é que chama? Da..., de... Dá passagem pra trabalho aí fora de São Paulo, ela dá trabalho pra todo o norte. Só dá nortista ali, só eu e ela que não, a maioria era tudo nortista ali. Uma cidade que chamaaa... Perto do Brás, é uma casa que dá passagem pra pobre, ééé... Não sei se ela existe hoje, dá passagem do Brás aí, é perto do Brás. Aquele cara e tudo pegou eu e aquela mulher, fomo pro interior eu e ela. No interior nós trabalhamos numa cidade do interior, trabalhava na roça...

A cidade tem muitos nomes que..., e se..., eu não me lembro. Uma, uma chama com... Uma grande cidade, chama com... Como é que chama? Campinas, Campinas! De depois a outra eu me lembro, perto de Campinas, é ahm..., esqueço o nome dela, mas me lembro que ela é... Que um trem vai..., sai de Jundiaí, chama Jundiaí. Tem um trem, me lembro do

nome do trem. Tem um trem vai lá em Jundiaí tá? Direto vai pra Jundiaí. De Campinas tem outro (*) trem que eu esqueço da cidade, mas eu me lembro da tal da... Tem uma cidade da cruz (*) aqui em São Paulo, perto... Mogi Mirim, Mogi Guaçu, ééé, duas cidade perto. E morei em Mogi Mirim também. Mogi Mirim, Mogi Guaçu, é cem quilometro uma da outra, duas cidades. Ééé, dali tem outra cidade do inter... Até tem um interior de São Paulo, e tem serviço em toda a... Não tem vergonha aí e... Aí no interior de São Paulo planta, não sei se eu..., se hoje também planta. Tem... ahm... muito trabalho. Ahm..., no interior ééé...

Lá trabalhava na roça e... Tinha um que fazia co... Eu não sei se nem como é que chama? Eu não conhecia nem..., como é que chama? Do rio, pra plantar, muito que eu ajudei a colhê, plantar até..., como é que chama? Fazer ca, ca, café, cafezal de São Paulo. Ali da, dava muito cafezal ali. Tem lugar dá muita..., faz muita pinga. Então morei em... Me esqueci também o nome da cidade, em São Paulo, faz muito, faz muito pinga no interior de São Paulo. Da diz que... Dizem dá... O cara quer com o caminhão, é sério, pesado, todo a carga tudo em cima da, da, da... a... ali né? Põe cheio de... Em fila de..., é muito... Ali também eu trabalhei, eu, eu, eu o... a aqui, a divisa de São Paulo tá com..., só..., toda essa divisa de São Paulo tá?

Eu faz tempo que eu não parava muito tempo. Eu trabalhava pra arrumar passagem pra arrumar uma roupa ca..., e saía fora. Sempre todo saía passagem, o carona, carona de caminhoneiro. Com mulher sempre dava carona né? Até que eu botava a mulher ao lado dele pra ele saber que eu não tava... Assim poder... Botava no meio, ele na, na, na, na esquerda, eu à direita, a mulher no meio sabe? Pra ele saber que eu não tava né? E eu... E então algum falava até de briga, ahm..., coisa caminhoneiro né? *“Eu não..., co..., não quer falar de isso”*, falava pra ele, *“Não sou nada disso não”*. Eu não usava nem... Sabe como é que é? Não usava nem... Duro é falar com ela sabe? Não usava negócio e... coisa nenhuma, só que..., se falte..., polícia pegasse eu com..., na meu...

O dia que eu não tava com documento sabe? Perguntava, com arma eu sei que não era né? E a polícia entende né? E a polícia de São Paulo quando é pra prender aqui, aqui São Paulo ela nummm... Ia levantar sabe? Com todo, com tudo ela me via eu na rua com o carrinho, fez parar carro, passou o carrinho do centro.

Aqui no centro de São Paulo também trabalhei com carrinho também. Porque quase quando tinha briga num lugar, eu saía fora. Sabe o que eu fazia? Eu tava aqui, papeleiro maioria não presta sabe? Se dava... Maioria vagabundo, ééé..., va..., só trabalha com porcaria né? Se pobre demais sabe? Ganha pouco e a, e a maioria é burro né? Mais ééé... Pouco entende as coisas né? Então ele pegava e trabalhava um pouquinho e eu...

Amigo comigo, eu tomava pinga, tudo é pinguço sabe? É papeleiro né? Aí eu, eu pedia, dava briga com ele, eu pegava e saía fora do lugar sabe? Cadeia, pronto, saía fora e a terminava aquele né? Se eu brigo com inimigo, se eu pegava desses..., não brigava com ele, eu pegava ahm..., dali ía pra outro lugar né? Noutro lugar é tudo novo né? É tão que... A maioria deles... E ele não faz...

Mas eu tra..., eu trabalhava das quatro horas, dava duas, três cargas por dia de, de todos os ferros velhos ali, aqui perto e dali. Ééé como tem um ferro velho dessa cadeia aqui, pertinho daqui. E, e agora num sou, tô em preso, fechado, eu não sei. Mas ía daqui pertinho, tem um quartel, depois do quartel tem ferro velho aqui. Trabalhei nesse ferro velho, quando fui preso o carrinho meu fico lá, fui preso aqui, naquele ferro velho aqui do lado, o carrinho depois foi..., eu fui da cadeia, eu fui preso na cadeia aqui do lado, da, da cadeia nova, da cadeia do lado tem uma cadeia velha aqui do lado né? Fiquei quarrenta dias nesse..., de cadeia aqui.

E, e, e depois daquilo eu não posso saber se ele pegou, se ele tinha pegado advogado, fui no fórum pegar advogado né? E eu perdi o papel, eu falei pra ele que eu morava em São Caetano. No fórum eu pedi do fórum aqui né? E eu falei que morava em São Caetano, aí ele pegou..., fui pra São Caetano...

Iii, errei do rumo né?

A política... a política eu... só votava na pessoa sabe? Eu..., eu e, e via qualquer pessoa boa, eu votava na pessoa sabe? Eu via mais ou menos que a pessoa... Ahm..., por exemplo, eu votei um homem a favor do..., como é que chama? Do..., do trabalhador. Qual o outro do, do, do pobre? O pobre não ia, não adianta cê pô... E o pobre não adianta sabe? Nem o dele ele não resolve né? É mais... Candidato do Brasil, uma coisa assim, falando, eu votava nele quando eu ia levando muito... Eu via muito esse comício que eles faz, como é que chama? Na, na, na praça, é... aqui tem um também que... Aqui no Brás tem um pernambucano, tem um moreno que diz que a..., o PCB... Não sei o que ele é, e ele falar, digo, a favor do pobre, então ele diz que pegou cadeia também, essas coisas né?

Ele é um pernambucano, sabe que ele é de São Bernardo dos Campos aí? Ele é... O jeito de ele falar e olhar só... Eu também era pobre, eu digo, eu também vou pular dentro, for..., mas depois eu vi que ele também é de... Foi preso, foi azar dele falar muito de... Então disse também que não fui mais no..., mais nos cultos deles aqui na... que ele falava nas praças né? Aí não resolve nada se... Ele é candidato do PT, é duas vezes da..., eu não sei se cê sabe? PT, deve ser PT. Ele é candidato a sub... Ééé, tinha um..., o governo, subgovernador me parece que era..., que é..., ele é subgover... Não sei se ele ganhou também ou perdeu. Eu não me lembro, não me lembro! Ele é pernambucano, ele ééé, ele ééé, ele mora aqui em São Bernardo do Campo, o chefe de todos os trabalhadores de todas as indústrias aí. Eu vi ele perto do governo de Santo André, os dois, o, o... governo de Santo André e ele, São Bernardos dos Campos.

Eu morei em São Bernardo também, eu morei em São Ber... Eu morava em São Bernardo. Então eu morava em São Bernardo em uma casa abandonada sabe? E eu peguei, arrumei bem aquela casa, vou te uma casa morar, eu fui então bem pertinho da, da, do..., como é que chama? Da prefeitura de Santo André, de São Bernardos dos Campo. E eu tinha uma mulher, filha de São Bernardo, e ela é criada lá, ela mora em São Bernardo, e eu e ela... alug... aquela casa abandonada né? Eu peguei e aluguei, o portão tá arreventado lá, té arrumei tudo direitinho botar ferro velho lá dentro né? Eu... E chegou que..., não sei se era dono lá, e falei que eu tô..., *“Como é que se entrou aí?”*. Eu entrei que estava aberto, ele falou, *“É*

meu, não deixa entrar ninguém aqui”, falei, “Tá legal. Claro!”, “Que eu não deixar entrar ninguém né?”, “Se vinha a outra, só se for o cara...”.

Ele era o don..., acho que é o dono dali, eu acho que... E eu acho que ele falou de um carro, de tudo, falou pra mim num..., num... pô ninguém, eu também disse, *“Não pô ninguém aqui, porque eu vou trabalhar, eu vou embora daqui, vou trabalhar”*. Aí eu peguei e trabalhei ali, botei um casal, o homem era maconheiro também, eu falei, *“Tu não fuma maconha por causa dos vizinhos do lado”*, eu falei pra ele, *“Tu vai na, na, na, na, na porta, e eu, eu ia polícia tá atrás de nós aqui”*, eu falei pra ele. A ele é um bocado a... em São Bernardo, aí eu peguei e can...

E a mulher, ela tem um problema, essa mulher tá ali comigo, a filha dali. E eu sei que ela teve cinco, ela tem cinco filho. Eu e ela fomo embora pra o Rio Grande do Sul, conhecer minha família sabe? Ela tem uma..., a idade dela, é pouca a idade dela, ela é nova sabe né? Vêve em São Bernardo, more é... Não é, não é... É, mas ela tem problema né? Sabe, ela conheci em Santo André sabe? Em Santo André. E de Santo André nós vimos pra São Bern..., filha de São Bernardo, família mora ali em São Bernardo, família boa que ela é, família boa! Falei pra ela, *“Tem minha família também é boa viu filha de Deus”*. Falei pra ela, *“Nós vamos lá no Sul, eu tenho a minha família, minha mamãezinha, meu pai, minha, minha mãe tá tudo vivo. Meu pai também, minha mãe”*. Minha mãe é sã e meu pai era vivo, e já morreu era moço né? Aí eu falei pra ela, *“Vamos lá!”*. Foi pra lá mas ela... Minha irmã disse que ela era caipira, minha irmã é caipira sabe? Minha irmã no mato, lá no, no..., não estudou, e ela pegou e começou a falar, *“Ééé...”*. Falou e minha irmã falou pra mim, *“Essa é filha de São Paulo?”*, eu disse, *“Claro!”*. Ela disse, *“Mas vai lá ver a...”*. A minha irmã falou, *“Eu não entende as coisas sabe?”*, de mim né? *“Mas ela..., ela conhece a cidade que dá a... di... Ééé... São Bernardo cidade é grande. Fábrica de indústrias”*, falei, *“Aqui tem uma meia... Aqui tem uma indústrias ou duas só...”*. A minha irmã morou uma cidade muito pequenininha. *“Cê aqui tá por fora. Lá em São Paulo...”*. É pequenininha, desse tamanho lá, pra nem ver, (*) falei, *“Isso é vila sua cidade”*.

* * * * *

A política, a política eu vou torcer pra PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. É, eu votava nesse PTB lá fora (*). Sabe quem era o governo... Aqui em São Paulo, depois eu votei aqui também em São Paulo. Em São Paulo, o governo em São Paulo me parece que ele ganhou, eu me lembro o nome dele (*), que era governando aqui em São Paulo. Eu votei aqui muito tempo em São Paulo.

Em São Paulo eu tenho mais ou menos de tudo, toda a vida eu voltava pra cá sabe? Eu saía por, por aqui, pra algum lugar, e sempre voltava pra cá. E porque aqui, São Paulo é, é..., como é que chama? É, é porque levanta tudo no Brasil sabe? (*) São Paulo é primeiro do trabalhador, é primeiro de tudo das coisas é aqui sabe? Em São Paulo tem de tudo, é a primeira em tudo né? E se tem quem mais gente de fora, oitenta por cento é..., não é daqui, a maioria é tudo de fora. O, a, a filharada... Porque tem preso com a gente, a maioria o pai dele é... (*).

Esse estado pegou gente de todooo... sabe? De todo... Aqui em São Paulo vem muita gente de fora. No Paraná é igual aqui também, já no Rio Grande do..., o estado de Catarina, o Rio Gran..., cidade dos alemão Santa Catarina, Santa Catarina é pouca gente é fora sabe? Porque a tem gente pouco da receio gente de fora, porque gente de lá é trabalhadora e ele não sabe os outros né? E lá vê... Santa Catarina ali não se vê tanta coisa sabe? Mais pequena, e hoje não existe gente de fora né? E São Paulo não é o paulista viu? Não vou falar mais mas e dá muita gente fora que eles está maltratando aqui, não é o próprio povo daqui, que o paulista bom, paulista do interior de São Paulo é bom sabe? Eu conheço muitos pau... Gente daqui sabe? Sorocaba muito né? Muito tem gente. Mas o que tá maltratando São Paulo, eu sou de fora, eu sou brasileiro é aqui também né? Tudo nós é tudo uma coisa só no fim né? Porque é brasileiro, o brasileiro né? Eu... De todos os outros é tudo uma coisa só, é tudo ééé, como é que chama? É a mesma família, uma família que os irmãos de todo o tipo né? Assim é o uso dos dos estados, é de todo o tipo né? De toda... E tem estado brabo viu? Tem estado... Uf... Porque tem estado que é diferente completamente, o governo, as cadeias que eu vou, eu tem..., cada uma gente aí que né? Que não adianta ahm... Mas não adianta nada isso que, não, se ele vai melhor ou não vai, porque era fica sendo, o que não é... Se eu fosse não fazendo coisa errada, se eu fiz uma coisa errada eu não... O cadeia me adoentou um pouco também sabe? Como é que é, tô que é..., já aprendi que não se deve fazer coisas erradas né? Se eu tô preso é minha vez...

* * * * *

A política no passado tinha um..., um..., como é que chama? Tinha o partido do pobre, do trabalhador, era, era o PTB, era..., eles era dos trabalhadores, e a.... Quando eu tava, quando eu tava mesmo... Veio do Rio Grande do Sul era o Leonel Brizola, Brizola né? Era o governo no Rio Grande do Sul, e depois trabalhou no Rio de Janeiro. E ele, esse homem, já falei com ele, Brizola sabe? Quando ele era governo no Rio... Foi bom, muito bem sabe? Ele, ele é, ele é do PTB ele né? Mas depois entrou agora no Rio de Janeiro não foi do PTB, foi outro no PTB, ele foi um outro... O PTB, ele foi o governo no Rio. Agora não sei, ele..., ele foi governo no... Quando ele tava governando Rio Grande do Sul eu tá servindo... Depois, outra vez, ele foi, foi no Rio, no Rio de Janeiro.

Leonel Brizola ele é parente do Getúlio Vargas. Ele até foi governo também, Getúlio foi governo também. Lembro que ele, o Getúlio, ele é... Quando eu tava no exército ééé... Parece que eu tinha dado... Eu tava no exército mesmo. Eu... Quando ele foi governo no Brasil, eu, eu, eu ahm..., governo no Rio de Janeiro, eu tava servindo o exército. É, então né? Eu tava embaixo da Cruz Alta, no Rio Grand..., se chama Cruz Alta né? O dia que eu conhece ele foi lá... Parece que o povo não... Era contra ele. Lá no Rio Grande tu vê tudo as coisas né? Tem a favor e o contra né? Dele né? E a ainda tinha poder da exército. Foi tudo prontinho pra cidade um... Contra ele o exército. Nós tava tudo ah... E como é que chama? Rodiando a cidade de Cruz Alta. E ele foi pra lá e se... Então o, o... (*).

Eu tava no exército, nós tá segurando pra..., pra ninguém matar ele lá sabe? Lá ele tá... Rodiamos tudo a cidade. Os caras ia tudo... Muito cavalo passava, tudo cavalaria com bandeira, tudo coisarada sabe? Ele... Pra mim ele viram falar... Nós rodiamos tudo a...

Getúlio Vargas eu vi ele falar pro povo né? Porque ele era parente..., ele era parente de um, um sargen... Eu vi ele lá. Vi. Não de eu vi ele falar depois também, porque ele, ele é..., como é que chama? Ele é parente de um, de um general né? De um general do exército né? Esse o Getúlio né? (*). Mas depois... (*). Naquele tempo eu era..., eu era menino (*)..., mas eu nu... Eu tava, tava no exército brasileiro, eu tava aí dentro.

Eu não..., eu não participei nesse dia porque queria... Eu não sei como é que foi que... Nós tava de fogo lá perto, nós a rodiamos toda a cidade né? Tava vindo toda o cidade, eu não sei como é meu.... Nós rodiamos a cidade porque ele saíu, falou, falou numa praça lá. Porque o povo era contra ele também, ahm..., sabe como é que é? Ahm...

Rodiamo pra defender ele né? Nós né? Porque... o povo tinha muita gente contra ele, tinha a favor, tinha... Porque... Porque até o do... Tem cada coisa, até o... Tem dois times do Rio Grande, dois times sabe? Um time é a favor do separar do Brasil e a outra parte juntar com o Brasil. Porque tá..., como é que chama? Como é que chama? Tem, tem um..., como é que chama? (S). Como é que chama? Eu sei que..., aque..., aquele estado tá meio, cada estado é igual ao... Igual fora do Brasil, sabe quem era... Mas também tem uma coisa, aquele que...

Pô! Eu não aproveitei essa vida, perdi tudo sabe? E agora, que eu mais gostava é que... Sabe, nunca peguei uma cadeia tremenda dessa sabe? Em lugar nenhum! Tô pagando...

Ele... Falaram do, do trabalhador sabe? O que falaram do, do... está escrito na praça em Curitiba, tá numa placa, uma placa dizendo que ele fez, que precisasse de morrer... E ele... Esperaram ele... Brasil do, do... Até que outro foi lá contra o estrangeiro dentro do Brasil. E tá que... Como é que chama isso? Outro que botou na, na, na... Lá em Porto Alegre, na... Este que foi esse aí, Getúlio, Getúlio, esse aí, Getúlio Vargas, João Brizola. Eu, eu, não deu Brizola. Escreveu lá um..., como é que chama? A favor do Brasil, Brasil puro, Brasil mesmo né? Ele contou na, na, na... que Brasil é mandado por estrangeiro mandava tudo né? Ele né... E ele... No Brasil tá mandado por estrangeiro ele falava né? Agora...

O Brasil também tem uma coisa, eu não tenho mais nada com isso porque eu já tô de idade né? E o dia que eu sair vou largar mão. Mas que o Brasil é mesmo sabe? O próprio brasileiro aqui... Próprio brasileiro, maioria do Brasil puro, puro é o índio né? Quando descobriu o Brasil ele é..., como é que chama? É o, o Brasil era boa é índio né? Eles descobriram aqui por Santos, São Paulo, o navio de português né? E nós falamos português. Então um dia... Porque eu sou Antunes Correia, um dia, um dia falei, *"Papai, tem gente diz que no Brasil todo mundo é de origem..."*. Eu falei pro meu pai, *"Porque eu sou brasileiro puro meu pai. Nós somos puro! Nós nascemos aqui e crescemos aqui mas não só nós meu pai. Puro mesmo é o índio meu pai"*. Disse né? Que dois tipos ou três, chama morena em São Paulo, tem o mulato, do sul é aquele que é cabelo bem preto, cabelo como é que chama? Ééé chama nome daquilo? É por causa de uma morena,

uma morena de índio é tre... Como no Sul chama morena aquela raça de bugre né? Morena do cabelo liso, morena do cabelo liso. Só aquilo é moreno. Aquele eles chamam a mulata que é do cabelo né? Mulato né? Lá né? E aqui fala moreno todo mundo né? Ééé, sei que é... Eu é índio, eu sou, venho da, da África sabe? Tudo misturado veio da África mesmo né? E depois (*) trouxeram tudo aqui (*) e misturou.

Uma cadeia que mais que eu tô aí sabe? (*). Eu acho que tem quase é sessenta ou setenta por cento de, da, né? Tem parte é bom (ri). Meio deles tem alguns até bom. Que a raça que eu... De parte a parte né? Tem eu que é outro tipo né? Muito de preto né? Eu acho, eu tô... Não sou contra. Eu sempre achava o problema quem...

Cê vê cada coisa, eu achava que o mais atrasado, que indústria não faz nada, é o preto, que não tem indústria pra eles né? Sai aqui em São Paulo, tem muita indústria em São Paulo, estrangeiro puseram aí. Hoje fala que é brasileiro, mas tem carro, caminhão daqui né? Fez duas indústria de São Paulo, dá tudo é hoje que sai, não sei mais é hoje, é italiano o alemão né? (*). Mas de preto não tem indústria nenhuma, não tem jeito, na indústria dá mais que segregação na indústria (*). Quando eu trabalhava é mais do que isso (*).

Agora é engraçado, eu sei que o meu pai (*) sabe? Se eu saísse viv...

Aqui não sei quando é que eu vou (*), se vão mandar pra, pra hospital, ela manda que eu sou são né? Se eu vou (*) como uma pessoa doente né? Que, que não leva de mandar eu, um dia mandar eu também eu pra baixo da terra também né? Mas se eu fiquei tanto ruim, cada vez pior, e de, de cada vez mais velho né? E agora, cada vez mais velho, dá mais nada né? Agora, se eu saísse eu, eu queria... Eu espero que um dia... Também não vou ficar aqui todo esse tempo (*) sabe porque? Se eu não devo tudo isso aí (*) sabe? Que eu... Se... Porque devo... Ladrão, eu ladrão... Eu, se fosse chamar, só tô de idade, idade todo mundo fica de idade. Até falar commm... Brasil tem muito governo foi velho né? Não existe mais nenhum né?

Digo, o velhice é pra qualquer um né? A velhice, tanto o preto como o branco, a velhice e a morte qualquer um né? Pra nós na Terra, ninguém vive duzentos anos, ninguém fica toda a vida, todo isso é passageiro na Terra né? Tudo isso é passageiro...

Até levar pra cadeia, tô uma cadeia horrível dessa aqui, eu tô tremendamente tempo de seis anos, eu já tá de tá passando pra sete anos, não é brincadeira né? Perdi tudo isso aí! Mas também (*) fico contente, se eu, se eu tivesse morto nesse tempo tudo também, podia ficar doente, morto. Qualquer vê na rua o cara bater no outro, pegar o tudo né? Então eu fico muito... Porque eu fiz as contas tudo né? Tudo que faz na Terra é, é senso né? Tudo por Deus, tudo na Terra é por Deus não é? (*). Eu sei que é... É isso! (*).

Mas eu..., eu sei que idade... Uma coisa alguém vai resolver eu sei que vai isso. Alguém vai resolver o meu caso sabe? Ou é deixar tudo. Por exemplo, alguém, não sei quem, alguém dessa vai resolver, terá uma lei, tem uma como é que chama? Terá uma lei, terá um chefe né? E um dia

ele vai ver né? Que tá todo isso. A minha idade, eu não sou nada disso né? E ele vai ver né? Porque..., porque eu trabalhava só de...

Trabalhei no Rio, Rio de Janeiro. No Rio, trabalhei, trabalhei em Brasília, trabalhei no Rio. Eu chego no lugar eu arrumava trabalho sabe? No Rio, carregar jamanta, descarregar jamanta, descarregar as cargas que vinham pra..., como é que chama? Que descarrega o caminhão tudo é no, no, no Rio. E das cargas que vinha de Minas, era leite. Ééé, leite não! Leite vem pra São Paulo. Só vem caminhão de leite da onde deles vem muita coisa que vem de fora né? O leite vem de Minas. Aqui de São Paulo... Lá vem assim de... O leite da aquele como chama? A latinha do leite que é que fica gelado, como é que chama? Oh, tem um nome aquele... A gente come. Como é que chama? É, é, tô esquecendo o nome daquilo... Vem do Rio vender pra..., pra Minas. Vinha pra o Rio, vai de Minas Gerais, vinha pro Rio, caminhão já descarregava o caminhão, e o carregava. Eu trabalhei Rio Grande, carregava quando era novo né? Trabalhei pouco, trabalhei de carregar trigo, não na cabeça, no ombro sabe? E no Rio Grande era oitenta quilo de trigo. No Rio trabalhei com os cariocas lá, eu sai da, da cabeça, eu não era acostumado carregar no cabeça, carregava carga na cabeça. Na, na cabeça é pesado!

Carregava aquelas caixa, caixa ou senão coisarada que vinha de fora né? E eu pegava primeira fila tudo no Rio de Janeiro, tudo car... Quase cai com torceu... quebrei o pescoço, com a cabeça quase trabalhava só. E no fim das contas eu aceitei (*), trabalhava com eles né? Aí eu morava em Guarulhos, vim embora pra Guarulhos. Lá do Rio eu não podia ficar lá. Saí de lá porque, porque eu quis sair da, da, dessa. Lá não comia, lá aquela..., como é que chama? Um cara que vai, vai, vo uma cidade do Rio Grande, o nome era cidade do Rio, o nome de..., é do Sul, cidade do Sul, maior cidade lá é do Sul, italiano, Rio Grande é... Do Rio de Janeiro, do Rio mesmo nome do, do, do Rio Grande do Sul, uma grande cidade, essa é umas das maiores cidades de Porto, Porto Alegre sabe? Tem muitas uva, o maior lucro de Brasil é lá, é, dá, dá mais uvas em todo o Brasil, dá mais é lá. Todo o que oh... Lá até o todo o governo do Brasil vai lá, uma festa muito grande, tem uma rainha...

É uma cidade no Rio Grande do Sul, perto de Porto Alegre, uma cidade que dá muita uva, dá mais uva de todo o Brasil, dá lá como é que chama? Quando dá muita uva, da italiana. Lá é, lá é, lá é..., não é Laje. É da, do Rio tem o mesmo nome, do Rio mas do Su, do Sul e do Rio Grande, é o mesmo nome daquela do Rio Grande... Caxias do Sul !!! Caxias do Sul dá muita uva, e eu já morei em Caxias. Ééé, então muita tecno em ruas, é asfalto, Caxias é muito grande, Caxias é maior do, do Rio Grande, da duas grandes, da du..., o é Caxias, e do é o é que falam muito mal aquela cidade que é, ééé, meu pai nasceu lá, dizem que é muito..., que na..., como é chama aquela cidade de tem uma bronca muito grande? Que eles ficam falando que eles são isso aí... Que eu passei nessa cidade, Bai..., é, não é Bahia, do Rio Grande do Sul, é maior cidade igual aquela, aquela ali, italiana, aquela que o povo fala muito italiano, da uva, é aquela que a uva é maior do Rio Grande, aquela que é uma..., é uma cidade grande... Aí eu peguei sabe? Trabalhei no Rio, Caxias né? Caxias nós fomos, Caxias do Sul, e Caxias no Rio do de Janeiro, trabalhei em Caxias, no Rio de...

Cê sabe, eu trabalhei sabe? Eu trabalhei em muitos lugares. Sabe por que eu trabalhei nesse lugares? Por que eu pegava em qualquer lugar pega trabalho sabe? E eu pegava trabalho e já largava ía pro..., ia pra outro lugar, eu pegava e... Porque eu parava, não gostava, não ficava no, num lugar assim sabe? Eu gostava de conhecer os outros lugares. Gostava de conhecer! Eu queria conhecer quando era novo, conhecer o Brasil de, de, de norte ao sul, leste ao oeste, todo o Brasil eu gostava de conhecer né? Quando era novo sempre pensava em conhecer o Brasil, eu conviveu com um cara, mas ele..., um carro que pegou ele, eu convidei com um cara que... Mas de, de... bicicleta ou uma moto, nós conhecia todo o Bras... Nós saía daqui, voltá dia... Ahm, ahm..., com todo o norte, nordeste, todo o Brasil. E nós, eu o cara pra conhecer o, o Brasil todo né? Eu e o cara de voltar pro Rio Grande, eu e o cara de lá. Às vezes, que era novo né? Convidava ele pra... Depois ele, parece que tem uma..., um carro pegou ele, se machucou ele muito, parece que foi aí não liguei, não tinha bicicleta, então a bicicleta boa, *“Você com a moto”*, (ri), falei pra ele, *“Dá nós conhecer o Brasil o todo! E aqui tem o, o, Rio Grande, Santa Catarina, Paraná, São Paulo é..., Rio de Janeiro, Bahia, tem outra cidade perto da Bahia...”*. Tem um cara que nasceu numa cidade perto da Bahia, tem uma cidade lá que tem mar pequenininho, paizinho pequenininho, perto da Bahia, entre, entre Bahia e, e, e Rio de Janeiro. Tá outra ca eu tô fim, tem rio, tem o mar, outra pequenininha aonde é tem mar também, aonde não tem mar é... Aquele tem mar. A tem um estado que não tem rio, tem uma bronca com ela por causa de mar, é estado de Minas Gerais, não tem mar, Minas Gerais não tem mar, Mato Grosso não tem mar. E, e essa Minas Gerais é muito bacana, estado muito rico, muito bom Minas. Porque tem muita minas mesmo né? E eu gostaria de... Eu já morei em Minas também. Brasília nós fomos de pedaço em pedaço, daqui a Brasília, moremos em Minas também.

Morei num lugar de Minas, e eu me esqueço mais onde é, é uma cidade que tem... O Pelé morava perto da cidade. É, era, era duas cidadona grande. Minas eu morei pouco tempo. Onde morava naquela cidade Minas ela é..., como chama? Aqui o mesmo, duas grandes cidades, e acesso a Goiás, pra Goiás, Goiana, Goiás, capital de Goiás, daí virou Brasília, casa onde aluguei, e, e Goiás, estado de...

Nesses lugares morava em casas aband... As casas... Nessas casas de gente pobre, que aluga, tá tudo lugar tem casa alugada sabe? Todo lugar tem casa alugada né? Todo lugar tem casa alugada, tudo, aqui...

Eu trabalhava qualquer co... É, trabalhava e... A mulher também tinha bastante dinheiro, uma mulher muito, mulher muito viva né? Nós botava... Ela arrumava sempre de dinheiro, ela sempre tinha né? E se morar num lugar daí fomos pra Brasília porque Goiás é perto de Brasília. Goiás ficamos um ano e pouco em Goiás, agora eu...

Sr. Nestor

Dados Básicos do Entrevistado:

Nestor, nasceu na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, aos 20 de Janeiro de 1952 (na época da entrevista contava com 45 anos). Filho de Florentino e Lucimara, desconhece a idade dos pais mas diz que eram alfabetizados. Nestor declara ter várias profissões, e diz: *“Eu tenho várias viu?”*, *“A... eu trabalhava na Volks né? Trabalhei na montagem. Depois, trabalhei lá na... aqui, por conta né? Pintura..., pintura com que..., por conta lá no... de condomínio né?”*. Nestor é solteiro e não tem filhos, já teve companheira mas atualmente está sozinho. Sua última companheira chamava-se Maria, 48 anos, trabalhava cuidando da casa, e com ela viveu por cerca de um ano até a sua entrada na prisão. Quanto ao grau de instrução, Nestor cursou até o 3º ano do primeiro grau. Sobre a escolaridade Nestor completa explicando o seguinte: *“Pra falá a verdade num... Até o terceiro. Só que precisei saí pra podê trabalhar sabe? Ah, ficou difícil né? Quando eu vim do interior pra cá foi na época da... (*) Estive né? Da ditadura né? Na época da ditadura difícil né? Mil novecentos e sessenta e sei, sessenta e sete... Eu já muntava cavalo”, e completa, “Ah, não podia andar na rua até o... até tarde né? Ficava lá, esperava, ou até ficava na rua. Tudo cê fazia mesmo lá. Era uma vida difícil...”*. Diz ainda que dessa época de escola não consegue lembrar-se de muita coisa, mas que é capaz de lembrar-se de que morava próximo ao cemitério da cidade, e que este período de sua vida foi muito difícil, e explica o motivo dizendo que: *“Foi ruim mesmo né? (*) Eu sei que mataram vários né? Depois veio... (*) Não me lembro direito (*) dá... (S) É que é uma vida difícil na época né? E é mais difícil fazer... Morreu muita gente né? Outra vez eu fico em casa né? Porque era..., é tudo... E tinha um filho que pegou... Pra pagar uma regra né? Uma quilo de arroz... Uma regra lá dos comercial que tem que vendê..., vendê um quilo... Pra pagá o homem não tem vendê...? Mais as fila né? Cada hora ele qué um quilo né? Ditadura, ditadura né? Não entendo muito bem isso aí não, motivo de tudo, mas era mais ou menos essa faixa aí. Emprego era difícil. Com exército, meu irmão serviu o exército também, faz tempo, ele era, como diz, ooo..., era capeta que falava então. Deixa ele seguir o exército, era obrigatoriedade (*), então eu acho que era válido (S), mas é...”*. Nestor tem 14 irmãos e irmãs, como ele diz, alguns são legítimos e outros o são apenas pelo lado de pai ou de mãe. Ele diz recordar-se apenas do nome e da idade dos irmãos e irmãs “legítimos”, são eles: Irmãs: A mais velha é Lucimara, 50 anos, com a qual morou em Itanhaém durante alguns anos; Ivonte, 47, e Gilda, a caçula, com 48 anos. Irmãos: Gustavo, 91 anos e Vitório, 74 anos. Quanto aos avós diz não ter conhecido nenhum deles, porém sabe que seu avós maternos eram italianos, e que o avô morreu na Itália, e, pelo lado paterno, sabe que seus

avós eram brasileiros da cidade de Caxambu, Estado de Minas Gerais, onde também nasceram os seus pais. Nestor está preso a cinco anos.

Obs: Ao término da coleta de dados pessoais, Nestor imediatamente começou a dizer que quando sair da prisão irá morar na cidade de Itanhaém, litoral sul do Estado de São Paulo e, na sequência, começa a explicar essa decisão comunicando uma longa narrativa, que agora passamos a expor.

“Vou morar lá! (*) Dez anos que saiu..., foi quando condenação... Então consegui essa condenação, fui condenado! Bem, eu errei, eu errei em partes, mas a mulher que eu moro é culpada, é uma coisa que nem com bicho faz, é minha cassação entendeu? Servi de gaiato. Então eu acho pra uma mulher... Ééé pedindo... Eles pedindo casa e vinha aqui, ela dá o respeito será respeitada né? (*).

Aí eu nunca vi... Diz que pago não fiz né? Inda mais que trabalhou, trabalhou em casa de família. Se não fosse ninguém... Tinha cinco mulheres que... O pai dela falou que ela ia poder dar cinco menina... Lá pro sertão se... Sertão... Tinha voltado nós né? Se a mulher respeita ela vai arrumá um advogado lá em qualquer lugar, não quer saber se deve (*) (S).

Quanto aqui em cima mais saí embaixo. Agora não sei se saí daí... um maior... (*), bom ou ruim fazendo o possível né? Saí calmo e... saí violento né? Neste dia eu tava meio violento, é muita coisa né? E tô falando da força de vontade né? Podê voltá novamente, entrar na sociedade né? Como era antes.

Eu trabalhei em várias firmas, trabalhei na Pirelli, na Volks, na Chrisler do Brasil, eles estão reformando a Chrisler, quase tudo andou direito né? Eu tô aqui assim... Eu tenho muito serviço lá... (*) Eu faço de tudo um pouco, não sou um profissional né? Mas eu faço uma, uma casa, eu levanto, faço uma moldura, uma decoração, eu faço igual, igual colonial eu faço, entendeu? Na casa advogado lá em Ibiúna, tudo essas coisinhas, como chama...?

Nem era... era revoltado, ou pelo menos não... Isso aqui não tem... E tem mostra viva né? Hoje nem todos podem vir aqui também... Mais agora pau gira! Cê tá ali, ééé e os outros vem, dá uma força, me animo um pouco, sempre no clima pra baixo..., que o mais forte... Condenado a oito anos, então vou ter que deixar três e tanto... Quando veio aaa..., aí eu..., injusto pra mim né? Do ponto de vista... (*).

Espero que a liberdade pra mim né? Nem se sabe... Alí...

Depois cai nisso... Tinha um... um mandou incendiá o outro... E vai e volta... Igual a eles quer ir embora e não quer...

Se Deus não quer, por quê que ele me chamou pra bebedeira? Não é que ele puxou o...

Que a rua toda a meu favor, foi depor a meu favor muitos...

No caso dela... Se não tanto ela sonegou... Arrumou empregado, vivia pagando empregado dela... Eu acho... Pra ir contra a mim, depois que veio contra é... Cada empregado vai depor, então pelo contrário, ela falou com alguém... Mas o... jogou no é... De fato foi ele e assim

mesmo ele me condenou. Difícil! Sei lá o que ela falou pra mim caiu... O que ela comentou...

É... e não tem dor a... Porque eu acho que.. Não sei aonde em sua... Enfim, de saí, de caí do prédio dessa altura, perder a vida, entrar com minha... lógico... Trabalhei com... com isso e escrevendo quando tá assim, parado, dá os... e pinta vermelho, e é duas. Depois ali a mando, depois delegacia, que era assim, a senhora é louca, saía assim, todas essas coisas foi me prejudicando, pro juiz vê que tá errado e... E eu acho que recebe o... né?

E é tantas coisa e eu não entendo o que quer o juiz, não é fácil pedi ummm juiz. Ele fica na mesa ali na audiência inteira do promo... Depois, vão, se compactua até... De noite deita, esfriá... cabeça... Eu acho que lá ele se confundiu... (*) ou o que aconteceu pra condená? Não perde, podia até ter me dado (*) uma chance né? Eu queria essa chance... saí daqui... Pelo jeito fica ainda aqui, devagar..., e de repente sai um bonde aí não sei pra onde.

Aqui ele mesmo fala, ele me falou, que eu tenho a mesma... Eles vão... com eu e ela, eu acho até é bom porque... eu gosto muito dela, ela me respeita eu respeito ela. Eu perguntei a ela e ela me respondeu, inclusive ela trabalha na casa do Dr. Alves, assistente do seu Geraldo, abstreta, ele é de... ia ajudá! Outro ainda falou pra ela, eu queria uma chance pra poder ajudar ela. Agora eu tô parado, tá vinte e oito ano numa casa só, e de... Cê vê, é mais fácil arrumar empregada que trabalhou vinte e oito ano numa casa só né? Ele ajuda ela pra tudo, esperava que ele me desse uma chance pra mim...

Depositado, e a pessoa ficando aqui dentro, fica um navegante, feito tudo uma coisa... Ééé quando cê quer aprendê você tá vendo ali, então se a gente quer ele dá... Se quer uma cadeia... Cê quer um presídio? Até hoje tá precisando? Eu tô precisando nada!

Eles tudo me respeita, ladrão me respeita, eu respeito eles, gosta muito de mim... E o contrário deu muito certo, graças à Deus, que se é outro sabe como é que é... Se dé tiro em cadeia me matava, estoura uma rebelião aí eles pode pegar e fazer de frente. Comigo, graças à Deus, pelo contrário, eles me defende..., em paz... Aqui é uma cadeia pura, o que eu posso fazê? Eu acho que eu fosse uma pessoa ruim, eu acho que eu iria..., eles me matava sim, matava! Bandido, vem cá tu negão, a vingança a você é matado. Matado matado aqui dentro é quando os presos quebra tudo, eles quebra, não tem outra... (*). Ah, eu..., pra cario..., se eu..., eu preferia saí logo direto daqui entendeu? E po..., a vo..., mais tá... eu tenho mais serviço...

Eu tenho mais serviço, eu trabalho por conta. Saí daqui ummm..., dois, três semana tá de volta, quer dizer... E a gente que quer saí sem dispensar oportunidade, buscar oportunidade... Já trabalhei muito, trabalhei por quatorze ano, trabalhei com comissão, trabalhei tudo... Sofri muito! Agora trabalho aqui dentro também, um ano...".

Os cárceres do coração:

Lembro da mãe! Quando eu vim pro... Quando de lá ela foi expulsa então era muito diferente sabe? É que eu fui criado naquele sistema né? Um monte de mãe...

Não tem um estudo bom mais pelo menos educação a gente tem né? De meu pai a gente teve educação com tudo né? A gente pensa..., a gente sempre foi assim, sei lá, tinha os erros da gente, tem a falha de todo mundo é obvio, cê piscou um certo..., já errou! Não vou adivinhar de que... Você errar e adivinhá, eu não tava aqui, num..., ninguém errava, mas euuu... Da idade da minha mãe, da infância foi tudo bem, tudo fumo mais...

Aprendi muita coisa na vida, trabalhei um pouco de menor, era menor, e tem muita gente traba..., carregava um caminhão, o caminhão do patrão, carregava de... Eu gosto sabe? De ajudar... (*), atrapalhar também não, se puder ajudar eu judo, atrapalhar não! (S).

No interior eu..., dizer a verdade, eu lembro bem pouco, fiquei pouco tempo, eu lembro mais aqui no ABC... A gente na... Puxa vida tinha dois, três velhinho só em Santo André, tinha um monte em São Paulo (*), só isso que eu lembro...

Aqui agora (*) eu nunca esperava que... É uma coisa que machuca a gente... Às vezes a gente tá sozinho mais... (*) Queria, queria uma chance primeiro... É assim, eu mesmo não tô marcando mais uuu..., cê não tá... Está fazendo um ano agora, não sei se minha cabeça muito boa não (*), cê vai vendo um branco sabe? Vai se apagando sabe? Vai se apagando aos poucos (*), vivendo porque... A gente tá é muito..., tá preso aí dentro... (*) (S), a vida (*) não é verdade? Tem muita palavra deu aí... (S), deu (*) (S).

Eu gosto muito de criação sabe? Gosto muito de criação, seguindo meu pai, oh..., eu gosto muito de quem vive em criação, se eu tiver essa chance eu vou parar com esse..., só de criação. Ter uma oportunidade dessa eu monto bar... O meu avô..., herança..., fazendeiro... Quero montá lá, pô uns garçom... Não deu porque não... Faleceu a pouco tempo, no ano novo, ele gostava muito de mim sabe? Me lembra... faleceu noutro...

Eu vejo... Porque tem uns que o cara já foi pela vida errada, eu não sou do lado errado, não nasci desse lado, eu nasci pra, pra, pra... Não! Pelo contrário, mais é fácil eu pedir do que roubar, ou é mais fácil eu dá do que... É, minha vida é isso aí! (S) (*) Eu quero saí daqui! Se eu saísse disso aqui... (*), seu eu saísse..., prá pode trabalhá, tocá a vida! Eu, com a minha idade, com mais cinco..., pretendo trabalhá mais uns trinta..., meu pai faleceu com cento e quatro ano, ééé...

Cento e quatro, eu lembro! (*) Eu tenho orgulho, eu tenho orgulho dele sabe? Ele lutou mas era uma pessoa muito excelente... (*) Era muito bem recebido em qualquer lugar (*), foi muito bom, foi muito bom pros meus cunhados, os cara gosta muito..., gostava dele demais...

É... Meu pai, e eu quero ser igual a ele, infelizmente teve essas (*) coisas da minha vida... Pagando... Se eu erre..., só que não errei sozinho (*), pelo contrário, a... errou mais ainda que eu... (S).

Eu acho que uma pessoa..., o que ela fez foi errado, talvez ela não seduziu o homem... O que aconteceu aqui... Sei lá o que ela sabe? Eu acho que o marido dela, ela..., o que..., não seria..., "...na cama cê viu?". E eu não tava cuidado da vida dela, não tinha nada a ver, eu acho que isso aí é tudo conta do marido, não é não? Então não sei o que aconteceu..., aconteceu até hoje... (*), meia doente lá..., mais isso aí eu..., não tinha coragem de fazer isso... Também acho que ela..., fez o que ela fez comigo..., eu tô aqui sem saí... (S).

Que bosta! Quem nem falando bobagem né? A justiça agora é esperá a justiça, vai esperando um pouco de esperança na, na doutora aí, ter um pouquinho de esperança de um induto pra mim. Que se eu saísse daqui volto trabalhar novamente. Depois que fez tudo no mundo, saí da cadeia e já saí matando não vai dá pra vida né? (S).

Não vai dá em nada cê saí matando, aí eu volto aqui pra trás, já era... Aí eu vou ficá trinta, quarenta ano, com a idade que eu tô eu vou saí com... Saí um outro né? (S). Eu quero é a liberdade! É muleta a prisão, é uma coisa muito triste sabe? Muito, mais... Viver em escola cê sabe que era uma prisão, mas você não tinha aquela experiência... É mesma coisa a prisão, a prisão é coisa que machuca muito a pessoa. Desse jeito tá sujeito a tudo, é tapa na cara... Tem que ser... Mandar antes da hora, tem que abaixar a cabeça e fazê... E pela minha idade é fazê a coisa bem feito, de um modo pra se normal pôxa!

A minha vida..., quase esses cinco ano, pra mim foi ummm..., uma pedra que tá em cima sabe? Apagou tudo que eu fiz pra mim não tem mais valor! Apagou tudo porque... Como vou encará? Dizê... Como é que eu vou encará a sociedade lá fora? Falá pra mim ninguém vai... Aquele lá que foi preso..., "Ah, ex-presidiário!", e não apaga mais!

Mas tem muitos amigos meu que respeita, mas só que eu não vou ter ir pra outro lugar mesmo, se é verdade se é mentira quem sabe? Se eu tô errado ou a mulher? Ninguém sabe, ninguém viu o que aconteceu, nem o juiz, nem a polícia, ninguém viu. Agora, eu falei abertamente pro juiz o quê que foi, o que foi, quem foi, como foi. Eu era primário, lógico, o cara treme pra não caí na mão duma polícia, nunca fui algemado.

Cê vê, eu sempre respeitei a autoridade no meio deles, no meio de sociedade. Teve um comandante, coronel, fui no meio deles, conversei com eles, vivi e convivi com eles desde... Tentei lembrar o nome do capitão, falecido, gostava muito de mim, reformado, que veio avisar assim... (S).

É, (*) não é fácil ficar anos... Verdade nós não qué..., muitos qué... Cadeia tem muitos pessoa boa, que errou, mas tem pessoas que tem condições de se regenerar, e tem aqueles que não, que vive da vida mesmo do crime. Mas que agora outros que não. Que tem pessoas aí que não tem nada a ver aqui, não tem nada a ver com a prisão (S). Eu acho que deveria tê um, um tipo..., um governo por um..., mas não a cadeia, tipo de um..., tirar..., selecionar um que cada pessão não é... Você vai sair daqui é bandido! Cê sai, outros sai... (S). Eu não pude... Minha vida...

Quando a pessoa sai daqui, ééé, costumo dizer, ééé, tá aqui, normal, não tem..., mas sai daqui, saiii... (S)(*). Tem uns que sai matando, já vê já as coisas tudo normal. A pessoa que nunca fez mal, sai daqui... (S), vai ficar pensando num lugar que não vai acontecer nada assim... (*) (S).

Nem tudo que tem é igual a eu, tem a paciência ficar como cão aí. Como cão que vai suportando... (S). Eu não, eu só quero sair daqui e trabalhar, só isso! Tê o chance eu... (S). Sair a de..., e com a cabeça erguida e trabalhar. Não vou morar mais aqui no ABC, vou pra Santos morar com a minha irmã, cuidar dos meus animais. Não posso voltar mais porque eu ia acabando me matando, acaba é me matá com um tiro.

Tem um negócio que é fora de série, pega por causa de um relógio, por causa de cinco conto. Cê vê, um moleque aí, que teve aí, ele matou um..., o rapaz que fez.... Pelo amor de Deus! Eu quero..., eu quero sair daqui, trabalhar e fazer... Eu não preciso roubar! (S) Que eu tenho a..., tenho a vontade de trabalhar, e trabalhar atééé... (S), enquanto tiver de pé! Meu pai trabalhou até os oitenta e poucos ano, meu pai trabalhou até os oitenta ano (*) em lavoura. Vou mexe com animais, sê forte eu... Trabalhar é bom sabe? Trabalho não mata, pelo contrário, te ajuda você a viver mais viu? Não ficar parado, robô, que aqui cê é um robô, uma pamonha.

Agora, morre aqui dentro entendeu? Lugar pra ninguém, eu gasto tudo se eu vê... Que a prisão é... Cê vê cada coisa aí dentro que você não acredita (*), é de não acreditar! Cê fala, é um menino novo, aquela idade... Ééé, teve um que já matou quatro, cinco. Essas horas que a gente vê que... O outros que tem companheiro de cela alí do... Coitado! Tem outro que é..., é outra né? Mais não tudo aquilo também pra tá num lugar desse, todas essas coisas deveria tê um, um..., deveria tê..., o governo fazer um..., sei lá, um..., um pavilhão separado do demais, mais vai tudo com o outro, o que dá? Não custa nada abrir a.... Uma podre vai estragar as outras... (S).

O meu medo é isso aí né? Eu, meu pensamento é firme né? Mas tem muitos que não, tem a cabeça fraca, já vai no embalo dos outros. Aí faz aqui, faz ali, aí volta de novo (S).

Eu trabalhei muito antes de... Eu arrepender o negócio de sair da firma porque eaí eu não tava aqui, eu tava ganhando bem numa firma, achava que tava pouco, e eu pegava outro, saia e pegava outra firma, já não tava bom, eu queria ganhar mais... (S). Achava que tava pouco... (S). Então tudo essa coisas que tem aí, acabei trabalhando por conta, ganhá muito dinheiro, ganha pra..., honestamente né? E agora eu vou pegar uma...

* * * * *

Na minha infância eu fui rebelde... rebelde assim..., no nível, eu fui muito arteiro no modo assim..., como arteiro! Eu, eu ia montar de cavalo, em bezerro, eu montava muito.. recuperava... O pai né? Meu pai era assim né? (S) Tem mais que fazer e eu pintava o sete (S). Não lembro mais! (S)...

É o tem muitas coisas boas né? (S). Pescava muito (S). Pescava muito, gosto de pescar, ia acampar, gosto da natureza, ficava de perna pro ar (*). Gosto muito da natureza (S). Eu, se pudesse pegar uma... (ri),

plantar uma... pelo amor de Deus! Dá uma força lá do lado da Amazonas, tá precisando desse tipo de fiscal assim né? Eu ia, é que eu gosto muito (S). É uma coisa muito bonita natureza. Até no ponto que eles retiraram muito sabe? (S) Tem um... muito bonito sabe? E tá tudo na... Pode ser qualquer bicho que for, eu tenho o dom pra isso sabe?

Sabe, uma vez na roça, tava seis anos, a gente tinha um rancho na roça né? Saía de casa, ia pra, pra roça, tinha um rancho de fogão a lenha, partia cedinho porque é longe... Um dia eu chegou, inocente, tá vindo uma cobra coral, aí (S).. Não me mordeu, eu era muito inocente, não sei como mas não me mordeu. A minha, minha mãe, quando ela viu esticado... (S).

Isso é um Dom, que a gente nasceu pra isso sabe? Será que o bicho, o bicho ele, ele também sabe? Se for atacar uma pessoa... Todo o animal ele tem a defesa dele, mas pelo daí ele corre do homem, o homem se... A vez com a..., que a..., ataca a pessoa sabe? (S). Tem um lugar, toma conta..., tá tomando conta dois cachorro husk siberiano (S). Se pegar... quanto dói! Pra largar você (S)(*). Aí a...

Mas sempre foi assim... (S) Tem que ficar quietinho lá, trabalhando, e quando chegar a semana põe o quadro pra vender, fazê uns quadros, decorar isso... (*) O demais é isso pra... É podê fazer alguma coisa né?

Aqui vamo abrir um restaurante sabe? (*). Um restaurante pra nós podê trbalhar. Mas eu vou ter que batalhar muito, o começo é duro né? Só no pouco né? É tudo difícil né? Porque não é fácil, mas eu consigo, minha mãe conseguiu (*), eu vou tê que construir um negócio na baixada. Eu queria ter padaria né? E eu quero podê..., pra poder se integrar novamente na sociedade. E só que lá ééé, só que... (*). Cê tá lá porque tá com... Tá mal visto. Falam de você, ficam falando besteira (*). E tem mais, a gente fala, embora daqui. É o seguinte, mexe contra a mim, eu pego... Não quero amigo, os meus amigos quiser me visitar pode ir, as porta tá aberta, mas será bem recebido (S).

Comecei a trabalhar muito cedo, eu comecei a trabalhar muito cedo (*)(S). Até hoje, no interior tá cheio de criança que tá no campo, dá até dó. Comecei a trabalhar com trez pra quatorze ano. Trabalhei na... Eu entrei na água mineral de lá. Na época era... o dono de lá era uma portuguesa (*). Ah, e também eu trabalhei em Ribeirão, eu pegava o primeiro ônibus que saía da garagem, Ribeirão Pires (S). Trabalhei lá até... Depois de lá eu saí, fui pra... (*), trabalhava com comissão. Depois, dezesseis pra dezessete ano eu tava trabalhando comissão por telefone, era... Mas o recibo..., ela pagava mais ficava... Trabalhei, nós trabalhava..., o outro (*), eu queria tirava mais né? Senão ficava mais ééé..., ficava mais (S). A pouco fui subindo, trabalhei dez anos. Em dez anos eu fui pra Chrisler. A Chrisler é uma boa firma, eles gostava muito de mim, mas infelizmente ela teve que ir embora do Brasil na época né? Em oitenta ela foi embora, foi a primeira firma que foi embora do Brasil, foi a Chrisler do Brasil. Depois a Volks comprou, comprou ela e sobrou né? E os donos lá, os engenheiros, a gerência né? Que dirigia, gostava muito de mim (S). Fui bem recebido! Também precisar de alguma coisa eles me (*), me dava algum dinheiro, adiantamento... (S). Mas infelizmente teve que ir embora

por causa de imposto, era muito caro imposto, o governo cobra muito caro, pegou, foi embora (S).

Na época eu era noivo que eu fiquei. E casamento também não é fácil. Eu, pra criar uma família, tem que tê casa. Tê um filho, uma filha, pra educar tudo bom, hoje não é... A família não é fácil construir em tudo lugar, e principalmente aqui em São Paulo, tudo é caro, tudo cê gasta, tudo é pra dinheiro. Pra fazê aquilo lá é dinheiro, então, cê educar um filho, uma filha, hoje não é fácil, cê tê uma casinha mais ou menos, tê uma casa grande, uma casinha mais ou menos, então... por Deus!

Só que não tava preparado pra vida, entendeu? Era muito trabalhador, só que eu não tava com a experiência de construir uma família, então fiquei solteiro até hoje. Posso casar ou uma coisa dessa, encarará uns filhos (S) Mas essas coisas tem... Eu só quero..., espero uma oportunidade de voltar trabalhar, se Deus ajudar que o tempo tá difícil (S)(*). Tenho minha religião, sou católico, não tenho desrespeito nenhum, minha religião também, respeito tudo religião (*), e assim vou levando a vida (*) (S).

* * * * *

São Carlos é perto de Araraquara, é bonito São Carlos, tem muita faculdade lá, é tem muita faculdade... Lá eu morava num sítio lá né? (*) Morava na fazenda, Fazenda São Roberto, dono né? Numa das fazenda... É uma das fazendas que trouxe o gado holandês pro Brasil, foi a primeira no interior, interior de... Trouxe o gado holandês pro Brasil foi São Carlos que trouxe esse gado. Um dos dono que trouxe, que tinha realidade holandês né? Gado branco... (S). Aí o gado holandês é um gado bom também de... (S).

É..., eu morou nessa fazenda mais minha irmã (S). Eu morava em colônia né? Colônia de... Eu tinha muitos irmãos, tinha criação, meu pai tinha criação, minha mãe tinha... (S). Assim a gente levava a vida...

Era gostoso lá, é vida boa lá (S). Dono da... (*), jogava muito, foi a falência, perdeu tudo, ia comer na casa de minha irmã em Itanhaém. Perderam tudo! Ele e o... (*) (S). A vida lá é boa... Hoje dá assim..., muito dinheiro lá, até tem criação de gado e bode, soja, algodão. Aí já tem um maquinário bom. Mas lá, no meu tempo, essas coisas... Quem tá... Vai ter que... Ééé, tá tudo manual, vai ter que... Tá bom né? Que a gente trabalhava... (S). Era amigo meu... (S). Que eu... Que quando ele chega pra São Paulo aqui...

Depois de São Carlos vim direto pra Santo André. Eu vim na época do... (*) (S), é que as padarias era tudo tocada a lenha, tudo pão (*), tudo tocada a lenha (*), São Paulo mesmo né? (*) (S) Tudo com tora, a madeira mesmo, não tinha forno elétrico, tinha o bondinho... Eu lembro mais ou menos ali por causa que minha irmã morava lá perto do Morumbi sabe? É já falecida, ela trabalhava de cozinheira, ganhava muito pouco mas era cozinheira de mão cheia (*). Ela cozinhou um dia pra um, um dia pra outro, tudo magnata, era no Morumbi lá. Eu lembro por causa disso aí mais ou menos, dos bondinhos. Que eu lembro que eu ia lá de bondinhos, depois eu lembro mais ou menos isso aí.

É uma época..., era mais pra cá sabe? Não tinha essa bagunça, assalto, drogas, essas... Eu lembro pouco, eu lembro pouco... (S). Era uma época boa também para ganhar dinheiro, ah, São Paulo pra ganhar..., foi a época até eu lembro... (*), oitenta e dois (S). Era bom pra ganhar dinheiro. Agora...

Que hoje é tudo tem que tê um estudo bom. Serviço que fazia na Volks hoje é robô que faz entendeu? (S) Hoje a pressão é a máquina (*). Mudou muito né? A pessoa que tem um estudo... Mas tem... Não pode parar, assim é que as coisas vai mudando, principalmente parte de eletrônica. Essas coisas vai mudando. Às vezes tem esse gravador aí, desse tamanhinho, esse tamanhinho, evoluindo né? (S).

Agora não tem mais, você tem que..., vou fazer..., fazê, construir né? (S) Talvez não pra mim que gosto né? A sociedade já... Trabalho pra fazê isso, eu tenho... (S). Eu só não mexo com eletricidade, do resto um pouquinho de tudo eu mexo (*) (S). Estrutura, encanamento, forração, colocar gesso, essas coisas (*). É porqueee... cê fazendo um pouquinho de cada coisa né? A gente... Então meu pai não gostava de... por causa disso sabe? Eu sou uma pessoa inteligente mas às vezes cê faz de coisa né? Apesar que também eu vou te que tomar um...

A muitos anos atrás eu era de jardim de infância, a gente brincava sabe? (S) Aí, perde, perdi porque... Perdi por eu... Mas eu me levantei porque levantei a cabeça (S). Também não é por aí né? Matando à toa! E isso aí só fazê quando parar no inferno.

Eu não peguei fazê uma perícia hoje. Eu tô aqui dentro eu não acredito pelo que eu não tô lá fora. Eu vou levantar a olhos e falá... Trabalhando tá lá policiais tudo (S). Na mão vai ser preso fazendo faixa muito caro... (*). Acabar com... Pegaram cara aí pra tomar conta aí (S). Isto é uma coisa... Não vê que o cara não tá... (S)(*).

(*) (S) Estudar é bom! Hoje, hoje a pessoa precisa estudar muito (S). Profissão muita tem que estudar muito. E eu me arrependi. Hoje era pra tá ganhando uma fera, eu parei fazê curso, me arrependi de sair (*) (S). Profissão... (S). Fiquei três mese só (S). Três meses só..., artista é muito bom, foi um aviso também... (S). Nem vem ao caso também pra nunca desanima né? Não pode desanimar! Mais uma coisa não der certo vou partir pra outra, vou levantar a cabeça... (S).

Aqui, pra mim, caiu, eu caí de uma vez essa prisão aqui... (S). Fazendo o possível sabe? Respiro fundo, eu vou, levanto a cabeça, se eles me dé essa chance... O meu problema não é aquele crime tão grave, que foi..., que pensam eles, eles estão errado (S). De um lado que só vê... (S). Tem que vê o lado de lá, que a vítima... Nada que isso! (S) Eu já falei tudo quanto psicólogo, conversei com eles..., tá meio admirado, "Então você que...". Simplesmente vai pra mão do juiz (S).

O passado eu acho que... (*) Depois que a gente fez (*) cê parece que não é... Não voltá mais né? Eu acho que... (*) Tem que... É assim um bandido... Cuidado depois se dissé que você dá chance, pega ooo...(*)

O que dói mais aqui (*) é que eu acho que tudo que eu fiz pra sociedade tôôô..., tô sendo mal agradecido entendeu? (S). Tô sendo mal pago! Tudo bem, posso até pagar que eu errei, mais como diz, mas não foi

só eu que errei né? Mulher errou também entendeu? Então eu quero avisar o juiz, olha os dois, não preciso de você, você, você fica lá na... preso lá no... (*). Os dois errou... Eles quer vendê pro jure sem..., sem... (*). Ele acha que a..., o lado dela é o lado dela, pelo menos ele falou que... (*). E eu, como eu disse, eu queria voltá, eu quero voltar, ia me ajudar tanto... Quero montar o meu... (*), meus negócio, vou botá lá na... Eu vou montá, vou mexe com criação, vou começá a cuidá... (*). Vou planejar comigo, o meu cunhado tem que ouvir logo porque é dele, mas ele diz que vão ceder pra mim fazê qualquer coisa (*). Ou pode... Sei lá, tem muito mato, o mato lá tem muito, tem... Nunca é demais...

Eu não gosto de tá lembrando muito não, não gosto de lembrar o passado. Que cê vê, eu fiz muito sabe? Não dizê que eu fiz muito pelo país, mas o pouco que eu fiz, eu acho que merecia ter um pouco de... (*) Que o juiz diz, foi trabalhador, trabalhei nooo..., nessa firma... Alguns quis embora... Tirei muito aqui, quanto mais a gente fica, fica... Então eles quer que eu saia animal daqui né? Eu não vou saí animal daqui (*). É que ele tá achando que... Com os outros ele não vê aí... que não quer nada com nada, quer embora, quer..

E sempre trabalhando pra isso, e nunca mais olhar pra trás, não pode me ajudá... Não quero nada daí. Aqui, aqui dentro não pode uma... Queimá nada então que minha vida é marcada né? E fica, fica eu..., eu vou..., minha vida fica marcada (*) (S). Eu puder dizer... Pelo contrário, nunca vou pede... (*) Tem minha banca pra trabalhá, tem o... (*) (S). Se fosse pra roubá... (*) (S). Olha eu aonde tô (*) (S). E eu, graças a Deus, sou honesto... (*).

Me machuca lembrar... (*) (S). Papai, mamãe falei isso ontem sabe? Papai, mamãe... Aposto que eles (*) morreria de desgosto pra... Que minha mãe, meu..., gostava muito de mim. Novinho, me... pra me educar né? O caçula ganha mais melhor (*). Aí espero minha mãe morrer pra não inventá... (S).

Tristeza que eu tô perdendo... Ninguém lembra também. Os amigo meu afastou tudo. Por aí vê os que tem amigos né? Como agora... (S). Não precisava trazer nada, pelo menos me visitá né? Não quero nada, “Vim vê como o sr. tá! Precisa de alguma coisa aí?”. Não..esqueceram de mim. Aí cê vê os amigos né? Só tem..., tem..., que eles não tem coragem de não aguentá. Tem esse amigo meu que é de fazer presunto, trabalhamos juntos muitos anos, doze anos, trabalhamos doze anos, ele trabalhou já pela Volks, ele trabalhou na Philips, ele me ensinou muita coisa, eu ensinei ele, ele tem mesma minha idade de quarenta e cinco anos..., uma pessoa inteligente (S). Eu... (S). Tivesse (*) que todo dia assim..., que tentá me liberar, se cê quisesse me tirá daqui (S). Esse negócio muito ruim, mais rápido que eu pudesse..., eu..., sem rancor, sem, sem rancor de ninguém, sem rancor de delegado, da sociedade. Eu quero viver em paz comigo mesmo e com a sociedade é lógico né? (S) Porque isso aí é o povo também, às vezes o povo que diz, “Ah, esse...”, que eu fiz coisa no passado, não sei o que diz, eu acho que não, será que diz? Tá certo que errou uma coisa, e errou tá errado, mas também precisa vê que eu, que foi, que foi... Não gosto... Num, num lugar assim não... É de... O processo, o pobre que é o

assassino, depois pega quatorze, quatorze com mais... O dinheiro fala mais alto aqui!

Cê vê a outra né? A atriz, a Vera Fischer, a Vera Fischer é uma puta de uma... Ela... Mexe com ela, a loira é brava, e é... ela usa... Furou a menina também pegô com a tesoura lá, não deu nada. Cê vê, quem tem, tem, quem não tem! Quer dizer, sobra pra gente mesmo entendeu? Sobra pra gente! E hoje é assim meu amigo, o dinheiro fala mais alto. Duvido se eu tiver dinheiro eu tava lá. Porque? Aí é coisa que se revolta, se revolta. Quer dizer o que eu fui na, no passado não valeu nada! Eu trabalhei muito, eu trabalhei lá, eu trabalhei aqui, num conta nada? E um... Já trabalhei num... Tá velho ele, não presta, joga de lado, não é assim! Tem pessoas de idade que ééé assim, excelente profissional. Conheço muito aí que..., capaz de até.., de que eles faz uma, um modelo de madeira, todo talhado, tudo direitinho, quer dizer, ah, tá velho? Então tá lá..., ca..., apodrecer? Não é assim! A gente aprende com os velhos, mas o velho aprende com o novo também... (*).

Cê vê, cê é mais jovem, logicamente que você vai, vai aprender comigo e eu aprendo com você entendeu? Que as coisas muda entendeu? Eu vou aprender também, eu acho bonito isso (*), eu dou atenção a você que tu é novo, eu sou uma pessoa de idade, forte, eu acho que tem que ser assim entendeu? Respeitá é aprender. Mas pelo ao contrário, hoje é só você mesmo... Mentira porque o dinheiro fala tudo. Tivesse um... só um... um cinco real... (*). Falá um instantinho comigo... Falá que não tá fazendo o que...

Eu sempre bato a cabeça, eu sou cego e mudo. Aqui dentro tem que ser assim mesmo. Cê vê que é safadeza então... Nem todos, mais... uma podridão aqui dentro. Aí é tudinho coberto esse negócio... (*). Eu quero ir embora... E falá isso pro juíz vai ficá é louco (S).

Acho que fala mais alto é o dinheiro pra tudo aquilo que você faz (S). Dinheiro que compra tudo, menos a morte, mas do resto, do resto ele compra. Que eu devo pagá eu pago, não quero dever nada pra... não quero mesmo (S).

Vai ter indulto aí no Natal, vai ter indulto né? Eu não quero! Depois, pra mim, eu acho que eu não pego mais, tem muito que não quer ir. Eles vai pro Natal, fica dois dia depois volta pra cá (*) (S). Eu não guento, tivesse sózinho... traz em confiança, mas eu não vou guentá fica aqui, de voltá nesta portaria sabe? Eu travo aqui de medo. Então eu prefiro puxar direto, porque essa liberdade me dá, mas não devo não (S). Não quero dever nada pra justiça sair. A mulher, a mulher se... A mulher se fosse aqui, ela foi embora daqui assim, tá em São José dos Campos (*). Sofreu? Esquece (*), deixa pra lá (*). Se ela seguir a vida dela eu num... e eu a minha... (*). Eu posso dizer, a consciência é dela, ela acha que eu devo ficar preso, devo... Ela acha que não, não... (*) entendeu? Advogado quando tinha, quando não vinha era o resto que tinha na época, agora abandonou tudo (ri), ela nomeou outro, nomea um..., nomeou outro advogado (*). Pra isso do estado e deu mais nada. Cadê minha? (S)(*). Que situação...

*

*

*

*

*

*

*

Sobre a minha vida ééé, eu... pode..., por eu tá nessa aí, eu acho que com a minha vida... Pôxe! Como eu disse já, eu tô preparado pra mim voltá. Eu tô preparado, eu tenho trabalho se eu saísse né? Se eu errei, tudo bem, errei numa parte né? Agora novo mundo né? E isso aí vai passando né! Que hoje tem carma, não sabe te..., vou tentar né?

O que revolta é de está aqui né? Que com o risco... Sempre eu sofri e é errado nê? O outro que fez normal o..., causa violência, e eu que passei tudo... não vou sair agora. Tem gente que passou a vida e pensa muito né? Fazê uma besteira. Que... ainda se matou lá na..., na... sem aresolvê, tá na pior! Vai ter tudo aquelas penas de sair. Volto lá no serviço provando que trabalho né? Eu gosto, eu gosto de tudo, eu gosto de..., pra..., eu gosto muito de trabalhar não é verdade? E no bom serviço a parte..., um bom serviço arrumá porque a..., tem que plantá, colhe a safra né? Tem essa coisa. E... e uma daqui tá..., tá atrasando lá sabe?

Pra ir eu só vou... pro presídio né? Em depressão né? E da dor faz de conta... Bandido do crimem que nem... só... Vai machucando muito por causa da gente... Depois foi... Eu me entrego... Pra mim eu não entrego ela não, não vou passá ela em libertá..., ingrata só... (S).

O que eu queria era uma propriedade né? Pra mim trabalhá, volta é..., como era? Como era antigamente o trabalho? E a faz que... Então procurá sempre ter né? Pra não errar mais né? O erro também é..., é humano né? Tem a vez você fica falando disso, lá fora às vezes tem que ser assim as coisas, aqui dentro é outro, totalmente diferente... Que tem a parte de montá... se sair vivo tem..., aqui tem tua vida e o teu lado de cá se segure (*). Esse mundo que tá aí fora né? Pela vida... Eu não sou, não curto nada isso aí.

* * * * *

A política é sempre na mesma né? Como é que é? Entra um sai o outro. Então isso tem... Pra dizer a verdade o Juscelino foi o quê? (S) Não sei do quê... Não sei o que... Foi fundador do Brasília né? Então acho que ele fez Brasília. Aquela época que foi construída..., em cima em carroça e burro (*). Agora, estrada velha que construiu foi até... Ela veio até... Não tinha maquinário...

Eu vi a pouco tempo agora na entrevista aí ummm, rapidinha assim, que foi..., devia estar em São Paulo, ia procurar um máquina de..., muito caro, de lixo né? E levou cem milhões mesmo pro cliente, cheio de dólar aí entendeu? Que tem pouco né?

Mas tem que ir né? O pouco pra mim eu tenho que fazê né? Eu também tenho uma parte inocente quando tiver afundando o país entendeu? Eles tá pensando em viaduto, quanto, quanto saco de cimento vai. Ao encher o saco de cimento, “Não! Não, me manda cinco mil saco praí eu... Eu tenho uma parte com pre..., ele...”. Quer dizer, a política é muito pra fazê pouco.

São dois políticos que antigamente... O que é? Arena eee PMDB parece, que eles mostraram aí... (*) Tem o PMDB, dois partido só (*) resolvia tudo bem, tá crescendo o país mais... (*).

Político é muita discussão, é muito farofa pra fazê fogo entendeu? Fazendo fogo... Faz! Mais eu vejo tudo... Eu, eu não vejo a fez de..., assim..., como parou a política pro povo né? Não muito né? Porque pra nós ahm... À vez a gente tem que ser interessado..., e primeiro tem que se interessar. E vão tudo com a mão com vontade, fez isso, não deu, anão levou por isso serviço... Pôxa tá com um que levou, vai e voto no mesmo?

A o foto do Lula pra apoiá o povo né? O Lula, o Lula o quê que é né? Representa ooo trabalhador, mais aumento que nem sei... Hoje tá lá em cima, pelas as unhas cê vê. Pro outro lado, num lado de outro, o PT é do meu lado né? Não pega muito, não aprende... Se fizer a greve que estourou em oitenta e dois, que foi em oitenta e dois na Volks, é que a greve mais forte que teve no ABC, na época que foi, que tudo quanto desenvolveu aqui (S). Hoje, que eu vim falar com ele é mentira! Vou... Mas a gente conhece, eles tava na porta da Volks, cê vê, ele não tem a diferença. O Lula que não desenvolve na presidência não faz ajudar morar em baixo, não teve tempo, esse turno daqui não serve porque ganha... (S). Agora, pósto que ele..., acho que faria ou enterrava todo mundo ou não enterrava. Não tá com pouca opção né?

[...]

É porque eu imaginava uma pessoa sofrida entendeu? Eu não entendia o presidente viver só pensando em vingança de outro, até nisso até faz mas tem muito que não... (S). Eu acho que o negócio dele ééé... é contá dele lá né? Mora né? Depois explicá é..., se tiver um pouco lá, é pouco..., chamá um pouquinho daqui pra gente ouvi daí... E tá de pati..., patifaria toda né?

É dois também né? Foi o Lula entendeu? Um homem quase que... teve um sistema que ele não faz muito bem né?

Vive em outro país, não tem mais... Bem diferente né? Tudo explicado quanto certinho, mas é muito aquilo de ontem... Aqui por a gente não foi assim entendeu? E aí o fato é que tudo para né? Enquanto uns outros que nasceu mesmo pra roubá né? Que às vez rola o quê? Pai de família roubando, tem pai de família que num..., vi..., procurando dinheiro, tá preso. Às vez eu deixo falá, mas eu devo ter um... Agora, policial, polícia tá aí dentro, quase sempre...

[...]

Eu construí uma crechê assim, um hospital né? Uma crechê, falei, pôxa, lá eu fiz, mas vai vê parente seu fazê o que eu fiz? Vou fazê uma obra, fazê bem a..., saí dessa né?

Por isso que eu..., eu tenho uma mágoa muito grande. Eu não podia tá no meio... Isso é um ninho de cobra, alguém come um... Tem dias cê tá atendendo uma polícia, chega o amigo tem, tem que fazer o que eles quer, eles fala, “Não, você consegue isso pra mim que...” (*). Cê sabe porque? (*) (S). Porque é assim? Não sei! De qualquer... Nunca é o lugar que aqui mais... (*), mais ele fala o outro. Que eu não sei se você esteve

que foi por Collor né? (*). O Collor era pouco, como trinta e... (*) (S), ele é novo né? Né? Chega aos quarenta, é, chegou? Ele é bonito e...

[...]

E essa lei, parte de política, é... Política e os... (S). Que a gente não sabe quem é quem né? Quem é errado, quem que é o certo, quem que faz, quem que não faz, que é muito política, põe muito política, deveria tapar uma peneira! E é muito fácil de buscar... Que o pouco é melhor, que aí o povo tá em cima, dá pra vê, ele é muito..., não dá atenção? Aí na hora, oh, foi ele! É tudo partido cê vê discussão, falá com gosto, então todo mundo tá ligado com olho né? Aí vem falá um pouquinho, com pouco faz..., o pouco faz, que o muito não faz. Um atrapalha o outro..(S).

Foi pegar a ditadura, não é fácil ditador, ditadura ééé... O Jânio Quadros (*), foi, deu um tiro Getúlio né? Contra o país né? Nessa época ééé muitos, muitos morreu (*). No meio deles, meio deles..., serviu sua vida ao país, Jânio Quadro, tem muitos, Juscelino...

Ah, o Juscelino morreu na Dutra, é, diz, diz que ele... (*). O outro se matou, ah, o, foi, foi Getúlio, foi o Dutra, foi o Dutra não foi? Ninguém se mata assim (S). Ele quase morreu aqui em São Bernardo, e num...

O Jânio Quadro não é o que ele fez a mesma coisa pelo Brasil, não tem igual procedimento, só lembro que ele pediu recursos né? (ri)(*). Caiu fora né? Viu ele depois daquele rolo, mas que diz que a pessoa num, num faz nada (*) (S).

[...]

Maior palhaçada, é uma brincadeira, isso é tudo brincadeira. Não viu o home... falá no... (S). Num vê... (S)(*). Ali eles tem... Daqui pra frente eu acho que, se político achou... Melhor do pior, cada vez pior, ele tem que..., com uma perspectiva de responsabilidade (S). Eu sei que não é fácil, não é fácil! O que eu não sei que eles também né? Me dá essa oportunidade também...

[...]

Eu acho que, eu acho que foi melhor com o do cruzeiro tá? E era difícil, mais em conta, mais em cruzeiro precisa ganhar aumento, sempre tinha uma reserva, falava, “Vamo reservar isso pra o mês que vem?”. Nós que pegamos um álbum, um álbum aí, eu não lembro as fotos, eu tenho um álbum que mudou o dinheiro no Brasil, não sai... (*) (S). Não está escrito, nem ele dão valor entendeu? O que é um dólar? Mas ele vai ser 1 real, então... (*), então por aí cê vê né? Então cadê o dinheiro entendeu? (S). A moeda, a moeda ééé mais valorizada né? A moeda, a gente sai, dá pra se aproveitá né? Compra uma ficha telefônica, é bom cê comprar um jornal, é bom cê tomá um café, é bom pra tudo né? (*) Quer dizer...

Eu, eu tenho um pouco de dólar com ela né? Eu não sei fazê rolo, já fiquei..., motivo cruel..., dia-a-dia né? Que a gente fala, “Dia-a-dia

nerva”, “Brasileiro não tem... Tá duro!”. Cê sabe que é duro. Cê ganha aí um pouco de dinheiro pra nós, é porque mudou muitos, mudou mesmo o Brasil (*) (S).

Eu acho que deveria fazê que o dólar (*), o dólar é..., o, o dólar é cabou, estamos com esse dólar é ele mesmo (*) (S). Ele mesmo, hoje esfriou um pouco, pouco fica de menos, essa briga aí tanto faz, mesmo eles ganham mais fácil até... (*).

Qualquer moleque que aí falsifica. Pô na máquina de papel, faz uma nota, o cara fala pra tu pô uma nota que... de papel... (*).

[...]

História do Brasil, a história fala que de dois mil até aqui, descobrimento so... O descobrimento de escola, tá louco! Eu não foi aqui que fez o..., eu não... Que eu vi falá... (S). É que..., que eu ouvi falá foi..., a guerra, essa semana vai passá filme né? A Guerra de Canudo né? Que foi o que falou classe média lá de..., por ter passado por isso... Conhecido meu falou, foi efetivando não sei se..., por aqueles lado de lá (*), é, ele falou, e eu contava também (*) (S). Ééé, no tempo da escravidão, vou pra São Paulo com ele, vou passar por tudo isso, nã, não, e lenão passou aí porque num tava ele, eles tem, eles tem testemunha (S).

Eu me lembro a respeito de... Eu sou mineiro né? Fui fazendeiro na época né? O bom né? Buscá, mandava a pessoa né? Então é isso que eu faço, so... Eu não tive piedade nesse mundo de Deus aí! Criança é diferente até dentro... quando pega pra ter vontade... (*). O... país tá atrasado, criança na época, numa guerra (*), um ano desse aí, quase dois mil, já sei quando quebra sabe? (*) É escravidão, escravidão e tudo né? (*) E falta muito...

[...]

A nossa história, ééé de lá, não teve tempo de um... (*), mil novecentos e nada, mas era uma vida já boa... (S). O ouro era..., as barras de ouro que levou... Eu fui levá-la depois mãe ajudava né?

Ouro Preto, Divinópolis, Minas Gerais né? Divinópolis ali, eu vou..., dá muito trabalho, tem muito escavação lá (*), já foi feito pesquisa lá, tem muito burro com... do mato sabe? (*) Tem... E me meu pai... (S).

E..., tenho que falá também do norte né? Ééé..., só tem dizer que fui... lem... Aconteceu... eu onde me encontra...? Em Fortaleza! No caso mesmo viu? Tava contando o caso, só ouvindo, ele, ele é era o mais ruim, o presidente Juscelino, pelo Deus falou, “Oh, ganhou”, mas não ganhou. Juscelino Kubstichek... Faz é muito tempo... (S). Ele andava aí, se matou de bobeira, o cara tem dinheiro... Tem dinheiro porque ele resolve lá e não vai... lutar abertamente? Inda mais eles poderiam pensa que foi isso. Eu já falei, isso num é história né? Hoje é dinheiro... Acho que foi ele que foi..., atiraram pra matá, ainda bem que matou e levaram (*) (S).

Eu, muito que eu tenho, eu luto com os cara no Brasil, bom que cê tá fazendo, trabalhando, coisa que é..., estamos esperando... Então daí de, daí pra ficá fazendo de peão... (S) Eu queria cada ajudante me ajudá em contas, que o negócio tá..., armei..., de abrasivos...

Eu tô falando um negócio, parece..., foi..., trabalhei pior foi com a Aço Brasil a... (S). Tem muito vadio aqui óóó... Eu falo pro cê, ééé..., nós mesmo né? Vamo pô nós dois vai? O que ele faz é..., faço forro, pô mulher que vai fazendo... (S). Na época eu... Aqui já vi falá as palavras dos... Eles queriam clamação, e o governo não aceitou (S). Eu tava na Volkswagen, lá era... (*) (S). E a gente ficou contente né?

Foi em oitenta e um, foi em oitenta né? Foi em oitenta! Então... (S). O governo não quis, foi contra, foi boato também né? Nem se foi boato (*), eu até fui na Bahia... (S). Já tinha um mês que eu tava todo...

[...]

Hoje, hoje eu acho que ele tá com a ficha suja, não tem, não sei, nunca..., ele não consegue cagá... (ri). Aumentou dobro com dívida né? Tá cada vez mais sufoco... Cê vai no Mato Grosso, Pantanal, o Amazonas mesmo, tudo gringo é tudo dono, já tem dono que é brasileiro pra enganá, tem muito gringo ali, e tão acabando com a vida das árvore...

Tem ligação... O motor o da lancha é tudo do gringo mesmo assim... Aqui no Rio Negro, que tem dia fomos... O cara vez de, deu a lancha, viu só? Tá lá dentro, o cara deu, mas tem vergonha de Brasil, de brasileiro né? O governo não quer ver porque acha feio, quem manda é gringo né?

Oche! Terrível pra... Vem um cara de fora, a gente tá sujo pra ele vê, o governo não ajuda tem fazê né? Cê pode vim ajudá fazê, um ajuda outro, mais é só outro país que faz, o outro faz, aqui nada, o governo não tem tempo pra isso. Pôxa vida! A tem material, tem madeira... (S). Tem pra quem faz... Até um amigo meu que faz ummm..., uma espécie de uma lancha, que ele faz com amigo dele, e pra não pertar que tava..., nem é preciso dizer, que deve..., deverão... Mas o governo não procura fazê uma escola, o prefeito... E dá serviço mesmo, eu já tava no serviço, emprego bom... (S).

Mas vão derrubando tudo! Amarrou, antes de embora a madeira, que nem marujo, que nem madeira lá se..., devia ter pra um ano, não havia quem subia em cima de uma tora que cê cai... E você quer tratá..., a vida é cheia de... (S). Entendeu? Quer dizer que o governo pode deixando, deixa o governador que manda aí... (S). Cê pode... Três hora um durou cem ano ano, oitenta ano, planta uma... E a geração que vai vindo também não sabe, criança não vão ter um alicerce, mas não tem o exemplo pra se continuá, mas ele tem no livro, “Esse aqui é de... Isso aqui é um... Isso aqui é o...”. E agora eles estão forte, o papel da imprensa ééé... Atualmente, o que vai vê é ooo... Não vai vê, não conhecer que... Vão deixando um palmeira qualquer assim, porque com o tempo planta mais, e pode com planta, plantá duas, três..., com o aumento que a gente... E o governo vão brigar com a madeireira... Quem vai salvar o eucalipto? Acho que isso sapupeia o meu país, meu país que mata errado né? Sem árvore de... Dura a muito tempo, anos pra crescer. O governo tá deixando derrubá a outra, isso aí é uma tragédia, eu não gosto disso não, tem que falá, assim, no meio da vida, pra que não muda inspiração aqui né? No chão que

vermelhar já não... Tem pra se virá tudo isso com carrinho de baú, fazendo o rio, a trilha, judiação! E o é bonito rapaz! É coisa fora de sério!

Pega e vai seguindo assim..., por Monguagua, na serra, passa por Monguagua (S). Vai pra Itanhaém, daí vai pra Peruíbe, de Peruíbe ele vai pra Iguape, de Iguape vai lá pro lado de Registro, o Registro vai pro lado de lá, do Paraná, qual foi ooo... palmeiras..., dão risada de mim (S).

Não sei, pô, vive... Eu também num né? Né? Eles estão nem aí abandonar estudo aí. Mas a turma aí, que vai pegando, precisando pra ajudá a gente a dizer, eu... Quanto mais a gente pagando um valor, um pouquinho aí, cê acha que ele vai dá pra nós aqui presos? Vai ajudá os presos? (S). Quem tá aqui pra investi, como fazia...

Cê fazendo bico, tá lá sentado entendeu? Tá na cadeirinha dele, tá fazendo combinação, faz mais... E como eu acho que quem puxou muito no xadrez... Você, se puxar hoje, que nem hoje, eu tenho que sair daqui umas nove e trinta, não deixa não... (S). Ninguém me dá uma chance eee... (S). Pôxa vida, eu acho que o sujeito deveria vim, dá uma chance po, pro pessoal ativa.

[...]

Eles falam por ele né? Na hora deles tem conversá com você, falá a boca pra mim né? Vão dizer... Vou fazê junto pra pagá amanhã. Vim fazê o telhado, aí eu não vou, pôxa vida, fica chato pra mim, vou hoje, falo, vou e... Eles vem, fala, fala, fala, depois vai na...

[...]

Se eu tacá uma pedra ele vai ouvi por causa da loucura de perto aí ou do espírito, mas é a realidade, quem tá lá dentro sabe, não? Ele... Fuga... Pôxa, cê acha..., se eu tivesse ido, eu ía..., é que confiei na mente né? Eles vão sair, que serviço, bem feito serviço, falá que foge, quê que é isso? Confiei nele. A gente tem uma chance uma vez... (S).

Vou passá essa noite ali, parece todo..., deve ter ido embora, ninguém segura, mais um pouquinho, domingo faz ponto né? (S) Acho que começa... Fazê o que? (S)(*). É de fantasia aquele negócio, feita diversão que nem macumba, ele tá só..., tava assim..., meio agitado. Acho que, acho que dentro das pessoas que eu vi foi... (*), “Vamo fazê, vamo...”. Me dá uma chance pro cara... Até o Tim Maia de... A distância aqui rompe, volta aqui de novo (S).

E eu quero que o cara roube, nem quer come... (*). Eu vomito... O pai da gente tem uma hora, morreu, vamo chorar... Pô, todo mundo igual, mas se coubé... Entendeu? Então, eu só levava, eu que tem haver com eles (*), especialista com olhos fechados diz que mandou te chamar, e ma..., eu, nós queria saí, de vontade gente ahm..., aquele apareceram ali... (*) (S).

Quero falá com governo, parece que ele está... (S). Eles desaprenderam pôxa! (ri). Bem... (S). Vai ter pra rua da gente, acabou, espalhamo...

Os cárceres da prisão:

Conto, conta tudo, tudo, tudo. Ali passa a noite conversando (S). Ééé..., como cê foi na vida, o que aconteceu, seus irmãos, irmãs. É o que conta um pro outro, e é até bom sabe? (S) Eu falei, as pessoas ali são humildes sabe? Que as pessoas lá fora pensa que a realidade, a das qui, eu nunca vi a... Também (*) tem as pessoas boas e as pessoas más entendeu? Tem pessoas que pensa mesmo, deixa tacá fogo lá, principalmente de..., não é? (S) Tem uns que..., tem um que... (*) O sol nasceu pra todos e não pra quem merece, e tá isso aí, diz o ditado. Aqui também tem gente humilde aqui dentro, trabalhou, trabalha, é profissional aí dentro de mão cheia, porque eu... (S).

Eu desenhava pouco lá fora sabe? Eu fiz um curso mas fiquei pouco tempo, porque acho que eu encaminhei..., “Não é dessa vez. Pra mim acabá de desenhar é muito tempo...”. Foi quando eu fiz lá fora... Porque eu também... Cê vê como é a vida da gente, um amigo meu falou, “Oh Sebastião, cê, cê vai se enchendo, cê nunca pegou a riscar um... Que eu nunca... Trabalhei doze anos, nunca risquei um desenho, o que eu vou pintar?”. Agora eu tô fazendo né? Eu tô com cabeça ruim também, assim..., aqui toda a cabeça. Eu desenho, olho a figura, faço decoração (S).

E então é isso que às vezes as pessoa acha que lá... Que as pessoa de fora acha é que aqui só tem pessoa ruim. Ééé não tem..., não é por aí... Acha que mata, e esse negócio que mata.

Aqui devia de ser selecionado e não misturar, tê uma cadeia fora, nem pavilhão, que aqui é quatro pavilhões né? Tem o A, B e... Mas é uma só pra réu primário. O governo deveria fazer isso pra pessoa poder regenerar mais rápido, que já... A pessoa fica aqui num lugar misturado. Num dá! Num dá pra não... Pelo contrário, o cara é pai de família, profissional, sai daqui, sai daí doido, que eu vejo, sai daqui...

O que mais puxa aqui é o tempo. O tempo da cadeia que ele tá... né? Puxando eee... sem serviço pra fazê entendeu? (S) Não vou adivinhar se era assim (S). Antes saia, trabalhava, voltava à noite, agora... Tô fechado seis anos em dezembro...

Aqui, aqui cê só vive com medo! Você sempre que... Medo. Até hoje (S). Muito! O medo a te acompanha do começo ao fim aqui dentro. Só que depois eu acho que tem mais... Chegando uma amizade com as pessoas entendeu? Com outros das outras alas né? Cês vão integrando. Mesmo aqui... já acabou, tem o..., não acontece mais nada, mais é bom cê tá meio esperto (*).

Aqui se você não é aquela pessoa que você diz eles nota. Nota que você não é merecedor, cê não fez, cê pode ter praticado mas não foi entendeu? Porque se quis fazer aquilo alguma coisa teve entendeu? Então eles acabam entendendo. Tem pessoas aí que tem estudo, pessoas que é inteligente (*). E assim aconteceu comigo (*), todo mundo gosta de mim aqui, todos eles eu respeito, eles me respeitam, é que vem dali que vem daqui, até puseram apelido, seu Madruga. Acho que..., seu Madruga e tem

outro apelido... (*). E então você conversa quatro, cinco, seis, dez anos, cê tá com..., até que eles vão saindo, vai chegando novo, novo, novo, aí cê não conhece, mas depois passa, vai habituando entendeu? (S). Eu aqui até bato uma bola, os cara se admira eu correndo (S). E turma é bom (*).

Se eu sair daqui eu acho que... Eu queria sair daqui direto colônia. Se mandá pra colônia eu vou, se não mandá tá bom. Sair daqui pra mim é melhor do que... O tempo que eu tô perdendo... Tá precisando de mim lá fora... Pagando pra trabalhar (*) eu faço um serviço bom, não é caríssimo né? Então... (*) (S).

Eu tô aqui (*), eu acho, no meu final, que eu tô preparado pra sair daqui (*) (S). Vai numa dessas eu ficar oito anos é fechado? Pensou ficar oito anos fechado? Que a cadeia é fechada (S). Vai resolver? Oito anos não se... Então... Eu tô mais ou menos, mas passar do tempo fica muito... Não pode ser chapado também, fica muito psi... Fica naquela, “Vai pra amanhã?” (*), “Será que até amanhã eu tô...?”, “O que vai acontecer?”, pergunta. Tem os melhor, tem uns que..., que tem o cabe..., tem uns que... Uns quer regime aberto, outros quer ir pra colônia, outros tá tanto tempo sem fazer..., a papelada parada (S).

Aí cê já pode querer... Quantas pessoas estavam parada né? Fazê o criminológico, um ano, um ano e pouco. Aí (*), de repente você nem sabe, tem uns que..., que tá assim, mais ou menos vinte (S). Não se se eu tiver... Se vai contra, às vezes não né? Rebelião... (S). Essa aí ou melhora pro preso... (S) (*). Eu acho que é uma... (S).

Eu, eu era pra te ido embora, é, teve um bonde há um ano atrás pra penitenciária, aí eu... Mas eu não conheço, vai chegando lá eles não... (*). Chega lá, a gente não conhece, tem medo cara, a gente tem medo, a penitenciária é diferente... Mas não é isso... Se eu tivesse ido, eu tinha ido embora, que a..., o sistema penitenciário é bem rápido, já faz tudo lá dentro, mesmo advogado, depois, com esses papel tá na rua (S). O amigo meu pegou doze ano ele tá na rua (*), isso foi o ano passado, ele pegou doze ano, conheço... (S).

Aqui é pra pessoas... Porque ele é fechado... Que não é mais do governo, aqui é da prefeitura né? Que eu ouvir falar que era tudo do estado, aí estado disse que não tinha recursos mais assim..., o carcereiro..., já tá sem recurso e passou à prefeitura tomou conta né? (*) (S) Quebraram mais uma cadeia, pra onde vai esse pessoal? Será que tem toda essas vaga disponível?

Quebraram a outra agora né? Pra onde vai esse pessoal? Será que tem vaga? (S) Que a..., ééé, cada cela, eles estão nummm, em oito (S). Na penitenciária, são duas, tem... (S). Eles falam também agora que não, não tem mais... (*), que é muita pessoa, muita, muita gente. E lá pra você ir, ficar longe da família, tem o Bauru, então pode ir pra lá né? Ééé, sistema bom penitenciária. Porque a vez uma pessoa não sabe fazê nada, aprende lá também, sai formado (S). Você sai formado de serralheiro, outro de sei lá, qualquer coisa lá se forma. Aqui não, aqui cê fica parado, aqui a gente faz o manualzinho né? Pra passar o tempo... (S). Passar o tempo... (S) (*).

Agora é esperar... Esperando agora o resultado do exame pra vê se pode... (*), pode aí, escolhe aí (*) se eu vou pra colônia, se vou pra

penitenciária. Não sei! Eles mesmo escolhe (*) (S). É! Eu até assim..., eles tá vendo assim aqui né? Pelo, pela voz... (*) tem, tem o prontuário bom, o meu prontuário tá bom, de muitos... (S). Aqueles que tá bom aí dentro... (*), é mais fácil sair daqui com a penitenciária, o sistema... (*) (S). O sistema carcerário é diferente, eu trabalho (*) (S).

Eu preferia sair daqui direto... E eu..., eu já tive coisa na vida, que tem experiência, tô preparado pra isso (*). Num, num tenho rancor de ninguém, nem rancor aqui da cadeia. Não que... Vê um... matá um inocente... Pelo contrário, eu vou sair, eu vou trabalhar, e vai conseguir (S). Mas tem um que já sai e mesmo dia que sai, sai e de... (*) (S).

* * * * *

Na rebelião aí pra sai é tudo... Pessoal segura né? Vem como quer nada e tudo na mão. Quando apagou o sujeito aqui eu sai daqui (*) porque eles tira o meu único papel (*) e é cancelado o seguro. Começaram com... A primeira informação falaram nada pra num... né? Parece que foi fazê... O faxina levou foi um tiro, eles comentaram. Não, não é por nada aí, mas fiquei preocupado. E eu que não tenho nada a ver com isso, me... Pra mim, eu acho esse que é bom mesmo, que é bom, tem que esperar, a coisa tem... Que ele ir contra nós... Me dê motivo né? Pode ser que ele..., o outro foi, não foi ele... Cada um aprende com a convivência. Três ano eu não faria..., já tá mais acostumado com..., com o mal todo, fica mais a par né? Cê acompanha, vive tudo fechado né? (S).

* * * * *

Antes como preso marcou coisa no coração né? Naquele tempo ferrava né? Eu não sei... Eles ferra com as pessoas... (*) Isso aí né? Normal! Então fui preso lá..., lá no presídio (*). Ah, fulano gritava mais ele batia..., eh mãe! Ali na penitenciária é mais pros mortos. Se a pessoa já entra lá e já sai...

[...]

Que ninguém é burro, ééé burro ninguém é burro. Porque tem dessas coisa, uma parte cê deve saber né? (S) Eu tô na cadeia aqui, cadeia pra todo mundo, se quiser cê vai... tudo né? Mas deu uma...

[...]

Ah, cê vê, quem fala o quê que acontece aí mesmo de pegar os outros né? E contraria esses pontos de respeitá eles né? Laranja quando vai lá (*), ele vai, vive... ele vai ficá numa folga não! Que ali que entra mas ééé... é ninguém acredita né? Em patifaria... (S).

[...]

...Eu sei que eu sou é pobre, vão me dá um mês, então eu acho que... Essa história tá fazendo também, não tá fazendo mal né? E eu lá fora preciso trabalhá...

[...]

... Eu queria sair primeiro mais eu..., pra mim..., difícil eu..., ser um..., o meu advogado que co..., é tudo doutor, ele não guenta, não pode conversar advogado..., e que ele vem aqui... (S). Que sabe? Minha irmã liga pra ele, liga tudo, e ela ligou acho que umas quatro... Eu não me lembro não! Da primeira não tava, não estava né? Então não tem com quem conversar mesmo. O primeiro advogado tem hora que conversava com ele... (S). Ele não vem então fico falando... Isso aqui é... experiência de rua cê vai passando aqui... (S). Pegá uma pessoa, chegava pra entendê primeiro, não é assim... Tudo o que quiser mandá minha palavra eu tô nessa..., puxa aí! Eu não sou home... (S). Uma pessoa que eu dou a minha palavra eu... (*). A pessoa que vier assim... Não vão fazer isso comigo. O advogado, o dinheiro não tenho. Não tenho! Quem manda é minha irmã, minha... Agora, infelizmente, quem... é eu que minha irmã né? E solteira né? E eu não posso falar..., casada, quando for casada eu num posso fazer nem a... Só coisa que eu acho que fica chato pra mim né? Não acho chato não é voltar né? Que eles gostam... Mas eu não queria..., eu queria sair sozinho, normal com..., como eu entrei aqui sozinho eu vou ter que sair sozinho, mas também teria que ter uma pessoa pra mim esperar, vai ter teria uma autoridade dizer, “Não! O rapaz é assim, assim, assim... É como... E o rapaz a gente conhece”. (S) Igual a eu saí da rua, pra rua, vou sozinho na rua, nessa rua, ou condenado. Eu acho que quem tira aí, não pode tirar por um lado né? Pois tirou aquilo ontem né? Todo jeito ficar esperando, eu acho que eu..., que eu pagando é fazer minha parte hoje (*). Tem vez..., porque é ruim, eu sou uma pessoa que a consciência deve denunciá (*), porque isso que tá..., acontece aqui, isso é uma prisão, o que ele faz que..., ele trabalha e tem uma liberdade que... Aqui dentro dois ano é muito...

Aqui perde o tempo, e libertura é fácil o... (S). É ruim pra pessoa né? É no seu mundo..., muito... (S). Muito você fica aqui...(S). Deita né? Lá... Na cadeia... Como todo mundo tem medo... Eu falei o que eu acho, pra sair daqui e sair pra rua (*), outro lugar ruim, uma favela aí, pra mim, eu não guento, eu não vou sair, chega lá... Aí eu não faço, eu queria sair daqui grande né? Aqui dentro eu não sou capaz de trabalhar (S). Igual eu tava fazendo lá pra comunidade...Igual o rumo daqui de fora... E trabalhava aquele tempo, qualquer jeito até eu trabalharia, mais é... Eu trabalhei na rua aonde dava... E eu fiz também pra economizar... Depois eles volta aí da..., pra..., tô té esquisito. Todo mundo... É que não tem... (S). Não atrapalha também, não exigiu... Uma vez eu não posso fazer não atrapalho, depois que... (S).

[...]

Sr. Deodoro

Dados Básicos do Entrevistado:

Deodoro, nasceu na cidade de Lajedo Alto, Estado da Bahia, aos 17 de Março de 1956 (na época da entrevista contava com 41 anos). Filho de Carlos e Janete, desconhece a idade dos pais e diz que eram analfabetos, e completa dizendo que: *“Meu pai era fazendeiro, tinha uma fazendinha lá no norte e trabalhava por conta própria mesmo, e minha mãe era dona de casa. Eles vivia de gado, criava gado, porco, ovelha, cavalo... Criava mais vendia só para o sustento, gozado, tinha muito boi, mas era mesmo para a manutenção da fazenda”*. A profissão de Deodoro é a de encarregado de tubulação industrial, é casado, e cursou até a 7ª série do primeiro grau. Sua esposa chama-se Cândida, tem 46 anos de idade, trabalha em casa, e cursou até a 5ª série do primeiro grau. Deodoro tem quatro irmãos e cinco irmãs, cujos nomes e idades são: Dulcídio com 56 anos; Adriovani com 50 anos; Crivani com 54 anos; Rosalina com 44 anos; Edilene 47 anos; Antonio com 40 anos; Josué com 38 anos; Vicente com 33 anos e Marineide com 30 anos de idade. Quanto aos avós paternos e maternos Deodoro diz quase nada saber sobre eles, pois, como ele mesmo diz: *“Ah ! Eu não lembro porque eu não fui criado lá no norte, fui criado aqui em São Paulo. Então quando eu vim aqui para São Paulo eu vim para o interior de São Paulo, Araras, eu tinha 8 para 9 anos. Então quando eu voltei para a Bahia já era falecido, tanto paterno como materno, já eram todos falecidos. Eu os conheci quando era pequeno, depois deu grande não conheci”*. Mesmo assim conhece o nome de seus avós, que são: Pela filiação paterna, Joaquim e Cristina; e, pela filiação materna, Durval e Nair. Deodoro diz ainda que seu avô paterno era delegado de polícia na cidade onde ele nasceu, e que por isso acredita que ele sabia ler e escrever; de seu avô materno diz que era fazendeiro e que sabia ler e escrever, e por fim, quanto às avós, sabe apenas que também sabiam ler e escrever e que trabalhavam em casa. Deodoro tem um filho e uma filha, são eles: Suzi, nascida em 27 de Outubro de 1981, atualmente cursando a 8ª série do primeiro grau, e James, nascido em 26 de Junho de 1983, atualmente cursando a 7ª série do primeiro grau.

Os Cárceres do Coração:

Então... A minha mãe, eu vim ter mais contato com ela de 81 pra cá porque o meu pai faleceu (*). Meu pai faleceu então ela veio embora. Então ele veio a falecer ela vendeu uma parte da fazenda, e a outra parte meu irmão ficou tomando conta como toma até hoje. Então minha mãe veio embora, comprou casa em Santo Amaro então veio pra aqui. Aí foi então que eu fui ter mais contato com minha mãe.

Eu fui criado entendeu...? Com..., é, irmão. Mas é assim, não é por parte de pai, eu nem sei quem é os pais dele, não cheguei a conhecer entendeu? Então minha mãe pegou ele, os meus avós foi que pegou, minha mãe era solteira, era madrinha dele, então criou ele como filho adotivo. Depois casou, veio embora para São Paulo em 60, aí quando ele veio..., depois ele voltou em 64, foi passear, aí veio uma irmã minha que mora em Santo André. Da Bahia mesmo pra te falar a verdade eu não tenho quase conhecimento nenhum, conheço assim, porque já passei, já fui trabalhar lá. Trabalhei... Então viajei muito, então eu conheci de passagem entendeu? Mas pra conhecer sobre detalhes..., agora, só vim conhecer depois que ela veio pra aqui.

Então a vida de minha mãe aqui era... Entendeu? Depois que ela veio, já veio bastante doente, teve problema de câncer no sangue né? Deu entupimento no coração aí (*) teve que fazer ponte safena, depois que ela fez ponte safena aí ficou cada vez mais no médico, no médico, no médico. Aí quando foi agora em novembro faleceu, aí veio a falecer.

Que eu saiba a vida da minha mãe é..., graças a Deus nunca teve complicação nenhuma (*) entendeu? Então eu acredito que... Que eu saiba não teve exatamente assim, graças a Deus, na minha família todo mundo é..., não tem desamizade um com o outro entendeu? Graças a Deus o único que teve desacerto na vida fui eu, que aconteceu esse negócio comigo e me encontro preso certo? Mas os meus irmãos, graças a Deus nenhum tem passagem pela polícia. Eu é a primeira vez, o meu foi um acidente que eu tenho que pagar entendeu? Eu tava com uma arma e apertou o revólver e disparou entendeu?

* * * * *

Bom, a minha vida pessoal sempre trabalhei né? Fiz um curso pelo Senai, de mecânico em geral, depois fiz um curso na parte de..., é..., encanador industrial. Trabalhei na Apark de Santo André. Chama... A gente chama ele de Chepingue só que acho que era em castelhano, não sei bem a pronuncia, sei que ele chama de Apark entendeu? Não estudei isso aí, não sei explicar, na verdade não tenho conhecimento para...

Então trabalhava na tubulação... Trabalhei na Volks entendeu? Trabalhei na Cofap, trabalhei na Philips. Aí depois saí dali. A últimas que eu trabalhei foi a Philips, depois que eu saí da Philips aí entrei em firma de

montagem, passei a ser encarregado de tubulação, aí vim trabalhar só com firma de montagem.

Trabalhei também na..., trabalhei em Natal, trabalhei no Rio Grande do Sul, trabalhei em Minas entendeu? Então... Trabalhei em Vitória. Então minha vida foi mais..., só viajava! Vinha no final de um mês, dois meses, três meses vinha em casa entendeu?

* * * * *

Minha vida..., pra mim não... Bom, graças a Deus não posso reclamar, foi uma vida normal. Nunca tinha durmido na rua, na cadeia, nem em lugar nenhum, sempre tive... Não boa porque boa quando o cara tem muito dinheiro, passeia tá? Não é nada mas dava para comer, viver a vida entendeu? Pra mim eu não tenho que reclamar nada até hoje, graças a Deus entendeu?

Agora, dos meus pais eu não tenho que explicar nada..., sem conhecimento... Eu fui... Em 76 eu fui pra lá e não chegou nem um ano entendeu? Eu tava desempregado. Aí eu peguei fui prá lá e fiquei lá, fiquei mesmo só a passeio entendeu? Sem fazer nada, só passear, depois vim embora de novo (*). Então não sei te explicar nada do norte... Pra mim eu não tenho que falar nada até hoje.

* * * * *

Apesar de ter acontecido esse fato aí comigo eu não posso reclamar nada da vida. Pra mim até hoje graças a Deus sempre correu normal.

Em Lajedo Alto eu fiquei até uns oito, nove anos, eu nasci em 56... Na cidade era uma cidade muito pequena, era como se fosse duas ruas, tinha uma lagoa, tinha não, tem uma lagoa entendeu? Onde tinha uma casa de máquina de força, a linha do trem..., açude. Uma cidadezinha com duas ruas, no meio assim como se fosse uma rua de feira.

Feira lá é dia de domingo só! Só existe feira dia de domingo. Então é de domingo que vem aqueles fazendeiros. Que o povo moro no interior, trabalha no interior vai tudo pra cidades. Muitos não vem porque a maioria daqueles fazendeiros tem venda, então eles vai e vende, aqui a gente fala mercadinho, lá é um tipo de um galpão, eles falam venda entendeu?

Então a cidade é muito pequena, é duas ruas. Acredito que não aumentou porque cidade do interior lá é fraca, é difícil também lá entendeu? Se tiver é umas quatrocentas, quinhentas pessoas, deve ter umas duzentas casas no máximo se tiver. Hoje pode estar até maior, já faz mais de vinte e um..., é..., vinte anos, anos que eu vim de lá a última vez que eu fui, então não sei...

Naquela época o computador não existia, agora, hoje você sabe que a tecnologia a cada dia avança então pode ser que tenha aumentado, mas naquela época que eu conheci não tinha nada.

Aonde eu nasci não tinha nada porque onde eu nasci era fazenda, era no meio do mato, só tinha a casa que era um casarão, é,

fazenda. Você sabe como é fazenda? Tinha a casa grande, tinha os curral, tinha curral de gado, curral de cabra, curral de ovelha, chiqueiro de porco, o resto era tudo pastaria solta pra gado entendeu? O resto era mato entendeu? Era pastaria...

Era fazenda Tamanduá, era não, é, Tamanduá!

Pra mim é como se eu tivesse vendo hoje normal. Se fosse pra mim ir hoje lá eu iria sim. O problema é que não acertaria ir hoje... Muitas que... Onde era tudo árvore desmataram tudo, tá tudo pastaria, é lógico que está mais bonita. Meu irmão sempre faz mais açude então deve estar um pouco mais bonita. Mas acredito que..., se eu fosse lá conhecia a mesma coisa entendeu? Porque hoje está mais pequena, tem uma parte que foi vendida, minha mãe vendeu quando meu pai morreu. Então ficou uma parte para o gado, só deixou umas vacas pra mode de ter... Sempre os meus irmãos vai, minhas irmãs vai...

[...]

Ah! Eu sempre fui criado... (*) (suspira). Mas pra mim não sei o que dizer nada. Já desde criança eu não fazia nada, eu era pequeno, o negócio era correia que... Entendeu? A gente faz uma coisinha ou pai mandava torrá o teu café, torrava, torrava, pela lei era só esse negócio. A gente fazia que... Meu pai desempregado, então é isso aí mesmo que... Ajudava de pequeno, de irmão mais velho a minha irmã, os meus irmãos já cortava aí, mandá liberá, eles esperavam tudo, com a lei não ficava uma, que tinha na época entendeu? Então cê sabia que era diferente entendeu? (*) Sabe se isso é bom ou não sabe. Vem em busca de um... (*).

Obs: A narrativa de Deodoro é interrompida nesse trecho, pois, cometemos o erro de gravarmos uma outra entrevista sobre essa gravação...

Os Cárceres da Prisão:

Não, não... Dentro da prisão esses papo não rola... Que dentro da prisão nem... Entendeu? Nós tamo, nós tamos numa ala de cento e vinte (*), cento..., era cento e quarenta e sete, foi cinco de bonde (*). Nós tava em cento e quarenta e dois elementos dentro da ala. Entendeu? (*).

Ah, dentro da prisão não existe esses papos de infância, o quê você fez assim vamo supor...(*). O que eu falei, uhm.... Esses papos não rola. Que dentro da prisão eles fala na gira, tudo diferente, cada um é mais uma... E outro, papos de sala não é igual ao papo que é da minha... Se tiver muito nós tamos em cento e quarenta e dois cara, se tiver uns quinze, vinte (*) mais a... Lá é..., cada um tem um artigo, um é 121 que é o meu artigo, o outro é 147 é assalto, o outro é 180 entrou na coisa roubado, o outro é um que já tem PF né? Um é 288 seria uma formação de quadrilha (*), o outro é sequestro entendeu? O outro é estupro. Aqui... Lá tem vários tipos de crime, então não é como bate papo assim com outro (*), nessas idéias sobre sua vida, cê nasceu, o particular. Isso não rola, não rola (*), cadeia não rola entendeu? Não rola!

Cadeia é assim..., cadeia só rola uma ditadura, (*), é só coisa do crime mesmo, de bandido, é, você conta a história, você conta a história do crime, "*Bom que se mata*", "*Você já viu matá um*", "*Um cara que já morreu*", "*Você bateu no cara*", eles fala tudo... Eu não tenho dúvida porque eu não sou do crime, eu até que tô no crime porque eu tô na cadeia porque aconteceu essa..., um acidente comigo, é..., mas eu não sou do crime tá? Não tem porque de noite fica aqui e conta a experiência aqui que eu tenho na cadeia, que na cadeia não aprende nada que presta (*).

Aqui se você entrar primário na cadeia, você dá..., você dá ou apanha deles, se eles puder bater, uma pilha de malandragem bate. Os primário perde de 10 a 0, eles perdem de 10 a 0 porque o ladrão infelizmente perde com essa.

Então na área de cadeia é uma área só do crime. Então os papos rola mais crime mesmo. Também um já troca essas idéias que é pra orientá o mais novo. Então se fala mais é.... Eu tô falando que eu fico alí, que é aquele o lance, com o manual, fico fazendo mais manual. Assim, na cadeia não tem idéias pra você contá, é só..., os papo de cadeia aqui que é outro mesmo

Cadeia tem que ser outro mesmo não é? Então na cadeia não tem nada de mais. É que nem aquele negócio né? Você sabe que ninguém quer viver preso, quer viver solto, quer ver você é livre. No mais, quando você veio, você querendo ficar...(*). Acelerado entendeu?

Fica acelerado de tá onde tá vivendo. Cê é um cara sempre agitado. Cê tem um corpo que você na cadeia tá..., tá sempre esperto. Que às vezes tá no crime (*). Cê entendeu? Aí cê..., Cê não pode confiar em ninguém entendeu?

Nem eu posso confiá em você ou com mais alguém que você esteja. A gente não pode confiar um no outro entendeu? Você no crime

enfrenta a cadeia, você tem que tá vinte e quatro, quarenta dentro da cela entendeu? Você tem que estar todo esperto, repartir, que é..., você não tem autoridade, você não tem amigo, o próximo amigo que você fazê vai te culpá.

Então cadeia é crime (*)! Então você no crime cê não pode confiá, que por mais que você confie você desconfia (*). Você sabe que é do crime entendeu? Cê não sabe se ele tá te desejando bem, tá te desejando o mal. Mais alí você sabe que ele tá...(*). Sempre esperto, sempre atento entendeu? Então eu te falo, do mal cê... Só de uma cadeia..., tem mal (*).

* * * * *

Não, então esses tipo de conversa, dissos daí de vida de criança, pessoal, não rola. Cadeia não rola isso aí! Rola assim de, de assalto, de tóxico..., só do crime. Dentro da cadeia é tudo diferente, dentro da cadeia é só roubado (ri).

A partir de você falá tudo que envolve de você vai vê você é primário. Se você for comparar, corrigir o ritmo do dia-a-dia, cada dia que você passá cê vai vê coisa que você nunca sabia nem nunca pensava. Você trava (*), te deixam cê sofrendo só, jogado, não aprende nada que preste, se você for..., for hoje naquele um aparelho de matá, tudo que você pensá ali é maldade.

É aquilo que você convive aqui dentro nesse ambiente (*), não é um ambiente de você tem uma idéia, você tá na mesma... Não conta a história, não conta um caso ou um caso que está acontecendo não. Aqui dentro é só o crime (*), como que um cara faz uma fita e ninguém sabê...

* * * * *

Fita é qualquer coisa que eu vou falá pra você eu ligo a fita. Então você quer me falar uma coisa então liga a fita e você conta a história (*). Então se quer falá que você roubou, assaltou, matou, fez isso, fez aquilo...(*), então liga a fita.

A gente imagina quando eu fui me envolvendo trancado na...(*), que cê tem que conviver no dia-a-dia com quem a gente vê se não entra outro (*). Mas tem cara que tá ficando desconfiado entendeu? Então cê fica aí aprendendo, vai passando pro outro, então cê tá aprendendo, entendendo o dia-a-dia na cadeia.

Na, na cadeia, o cara ali não é igual todo mundo, na cadeia você não pode entrar no barraco do outro sem pedir licença entendeu? Se tem papo você não pode tá ligado na porta, porta, que é assim, a porta do barraco, nesse caso já me ligo pra onde vou.... E aqui, é, você exagera, é gíria de ladrão entendeu? (*). Então você vê que abre você...(*), assim..., você não pode dizer nada que tá de... Que vê que você tá olhando cê entendeu? Cê tá olhando qualquer coisa, tá filmando qualquer coisa, “*Oh, cê...*”. Então não! Se troca idéia com ladrão, então tá, fica gravando você.

Você tá entrando pro barraco, o cara chega, tem que pedi licença, tem que..., esperá, “*Chega aí, chega aí mano vamo trocar uma idéia aí?*”, aí você senta (*), fuma um cigarro, troca uma idéia entendeu?

Troca a ideia com mano. Trocando ideia aí vem ideia de outro tipo entendeu? Não vai achar que é ideia tudo diferente (*). Ultimamente, quando eu vivia lá fora, coisa que vinha na minha cabeça, nunca passava na minha mente que você tá vivo aqui é totalmente diferente.

Se você não quiser ficar ouvindo os papo eu não vou, não participo, ninguém é obrigado, você não quer você não vai, fica lá no seu barraco, você fica na sua jégue, fica lá no seu manual.

Tenho os meus manual de ficar ligado até tarde, faço umas canetas (*), tinha um cara aí que fazia e eu aprendi com ele, aí eu faço direto..., faço pra vender. Aí mando pra rua (*), aí vende de casa em casa, visita vem buscar pros cara vender no bar, dá pra vende de presente. Eu faço canetas eu faço tudo com linha, a...(*), a caneta é bonita pra carão entendeu? A caneta bonita tem trabalho na mão de obra da cor também mas é bem bonita mesmo! Entendeu?

Então eu vivo montando essas canetas no barraco, sobe e desce, tomo café entendeu? Alí em frente vamo no barraco do outro lado, o cara já chega, paga, porque sempre tem o barraqueiro...(*), que é o cara que toma conta da barraca. Ele pega a bóia quando chega. O cara da faxina paga a bóia, cada ala tem oito cara que é faxina entendeu? Então ele paga a bóia, paga o café da manhã entendeu? O que eu faço com ele? Então ele é como se fosse uma chefia, são oito, cada ala tem oito faxina, então ele que paga a bóia entendeu? O chefia que pega água abre lá e vende, um ou dois vem, pega a bóia e leva, chega lá ele vai pra dentro do barraco, de barraco em barraco, vai pra achar uma faxina, ele é... Cada barraco igualzinho, agora com oito lá, são oito jégue, uns cima e outros em baixo, quatro de cada lado, cama de ferro, de ferro.

Então, aí então tem um dia que fica lá de barraqueiro, então você é barraqueiro, você é barraqueiro cê cuida da sua própria barraca, então qualquer coisa eu não posso pegar a barraca e não abrir. Nós tamo em oito, então se eu sô o barraqueiro, então se eu fizer um pão pra barraca, cê entendeu? Se tiver que passar uma graxa no pão, se precisa passar entendeu? Você... Na hora de chegar a bóia, pagou a bóia, caiu no chão, sujeito que, que pega a bóia lá do chão, aí leva perto de você, *“Agora você vai ver... Vai vê...”* - vai querer inventá, digo, *“Oh, bobeira, caiu no chão, vai querê inventá?”*. O quando vai lá, pede, tô lavando um prato desses... (*). O barraqueiro te serve, vende um suco, ele vai lá e te serve, e barraqueiro quando te serve todo mundo enchendo o saco. A barraca dele tudo de frente da barraquinha, sem..., sem sair da barraca. Tem um cara ali que ele vê tudo pra não... Garrafa, só do barraqueiro. Vamo supor, se o barraqueiro, se ele sair ou se chega um outro, os cara não, não manda nem roupa nem coisa entendeu? Não manda que eu falo é assim, é outro cara? Cê imagine só, então se seu..., então aquele homem recebe, só que ele só recebe se aquele não tiver, do contrário ninguém mexe, pode deixar qualquer coisa lá na..., se ele mexer o bicho pega, isso é pra ninguém não... (*), senão é tudo porrada.

[...]

... Agora, tem um outro pega café de manhã cedo, ele levanta cedo, sete hora, tomou café, gente olhou o cafezinho, que um pega o café tem outro que... Então tem que escalá que pegou o café, que o barulho até dez horas da noite a gente queria barrar, depois de dez horas cê vai dormir pra tá lá umas sete, oito horas pra pagar café, e nessa hora todo mundo levanta lá. Ele serve todo mundo o café uma oito, nove horas, vai servir no barraco, que cada barraco tem desse, desse que tem dívida entendeu? Que sete hora ele acorda e toma o café dele pra acordar, e vai lá e pedi e tem que levá o café pros outro. E quando não dá, se você acordar também já vai... Que, que dá não precisa esperar pedi, o acordo é você vai lá pegá e paga o pão, aí já pagou as dívidas, é melhor pagá com café o que você faz, pagá dois pra nós tomá à noite (*) e paga tudo, senão vai ter que pagar a ducha agora, aí vem a ducha, que é os cara pegá e saí batendo, às vezes os cara sai até matando... (*).

* * * * *

Os mais jovens aqui tem diferença de nós, eles são diferentes. E nos dias de hoje pega uns tipos que nem sabe... É mais por causa da nós aí (*). Preso mais carne nova, os cara é... Quem tá tão levando sete, oito, novo, dez de cadeia por causa de cinco real, relógio, tem BO de vinte e cinco, dez, quinze, o cara por cinco, dez, quinze real entendeu? Então os papos deles é mais por causa de pinóia. Pinóia é o cara que usa droga (*) entendeu? (S). E aqui é chamado pinóia. Então os papos deles é uns papos diferente, não é um papo de... Tem uns de... (*) entendeu? Nunca dei... Pra mim nunca deu... Já passear tanto na cadeia pra não caí... (*). Qualquer lugar vou ficar... Pra mim nunca me fez cadeia ser monstro, e aí, de com outro entendeu? Agora, novo... Que eu me fiz com uma vez eu troquei um pacote de cigarro, eu também tava doido...

Então o papo é diferente, não é igual a papo de um cara mais velho, é diferente (*), a cebeça dele é mais..., a nossa é mais adulta, a deles é mais criança, então é diferente. Então se ele tem ali, ele deve, ele deve pra..., entendeu? Ah! Tudo bem? Pau, pau... Vez os cara que liga alguma..., oh, grande pau, pau... Mais quem tá ali perto também procura sempre tesouro no mais novo entendeu? Então eles ficam sempre privado num, num..., sempre com outro, e então ele já tem na maioria... (*), tem aqui..., a maioria já fica aqui mesmo, interna, então um já conhece o outro de rua, então eles vai trocar idéia entre eles mesmo né? Então me..., já... (*).

Não sou do crime, então tenho pouco conhecimento. Conhecimento eu tenho da cadeia, converso com todo mundo, um fala, "*Oh! Tudo bem?*", tal, tal, mas não tenho umas idéias assim de colocar a par sobre o crime, mesmo quê eu não sou do crime. Pra mim também não interessa saber nada da vida dele que eu não sou... (*), não vou chegar no cara vou dá no... Mesmo depois que eu der então o cara..., sem pagar é briga (*).

Então, chegando com esses papos aqui, você que já tá ali... Agora, eles tem os papos deles, eu não sei o que rola também, não tô na guerra (*), eu tô lixando pra saber, e eu faço o manual e vem... vem ele com os papo entendeu? Aí que eu me meto de entrar no mato deles, mais a

gente tem que ter..., a gente fica ali, a maioria faz o manual, levanta casinha, levanta um sofazinho, o outro faz uma coisa, faz outro, senta ali...

Então falo, eles, mais novos, sempre tão... Mais e é difícil ver um velho assim, já de idade assim, é muito difícil. É, é agora que é dezenove, vinte, vinte e cinco, vinte e três, sem os véios dentro do barraco, tudo só tem... (*).

* * * * *

São dezesseis xis então tem dezesseis faxina, são o total de cada ala que é... Eles tem o contato todo mundo. Que nem agora, de que taí, é muito mais é... Leão tava solto, mais quando tem a rebelião tava só a... na frente. Aquele dia tava solto. Então ele tem contato, arrumou um meio como se tivesse na rua entendeu? Cê avisa alguém...

* * * * *

De jogar bola, a gente jogava aqui, quem quer jogar vai jogar. Tem a vez joga barraco com barraco lá entendeu? Quem perde paga um pro outro, tem que ter disputa com quatro cor de camisa entendeu? Tem convivendo de só tomar aquele banho de sol. Tem gente que vai lavar roupa. A gente que não quer lavar roupa, paga, dá um cigarro pro outro lavá pra ele entendeu? Então, dependendo da convivência também entendeu? Mas tem os outros no curral, se ter mais de mil barraco de confiança pra não pagar ducha... Tem, precisa ver o barraco de algum, de algum ali já tem um ano, pá, vou lá e ainda fumo um cigarro, tomo um café, tomo e eu não pago. Pra mim é normal vivê preso, não tem aquele negócio de política, um brigando com outro, não tem! E, é, vez fica batendo bola, que senão se fica, fica quase louco.

Na ala que eu tô, quase todo dia a gente faz o manual. Tem vez que não faz nada, a gente vai dormir, fica assistindo televisão ou fica escutando rádio entendeu? Então calma, só não é calmo porque cê sabe né? Preso né? Fica só naquela esperança né? De embora, embora, embora né? Então cê fica só naquela expectativa, outros fica aqui não dorme direito porque ele tá em cadeia. Cadeia tem que ficar..., não pode moscar, porque se você moscar já viu, o bicho pega. Então...

O bicho pega, pode começar uma briga, começa uma rebelião, tudo acontecido sabe? Cê não tá esperando nada entendeu? Uma rebelião que foi de uma hora pra outra, vai, quebra aqui, quebra dali entendeu? Ladrão é o seguinte, ele não tem dó, não tá nem aí, tá preso mesmo não quer saber se vai morrer se não vai, se vai cair na faca, tá preso mesmo, não tem pra onde correr, então é o seguinte, então tá...

O crime é isso aí sabe? Todos que tá preso ali tem um BO entendeu? Também é aquele negócio, mais sendo o seu amigo... Mas você é aquilo, que aquele amigo, se tem amizade com todo mundo, então, o mesmo jeito que ele considera você, você considera todos, é igual se todos considera você né? Só que é naquele negócio, é que eu fico esperto, ninguém sabe o que vai dizer da gente. Tem cara que também tá, coisa, falando com você, mas ele tá na maior máfia. Mas você fica vendo que jeito

mesmo passou na frente entendeu? Pega o esquema, cê tem que pegar o ritmo dela. Se chega a gente, bota um mano pra você, faz um barraco, quando chega, tá no barraco o mano, se tiver isso, se..., aí tem pontinha do crime, saí! Em poucos dias cê já perde já tudo o que você fez (*), que eles estão pagando ali.

Quem tiver dentro de uma cadeia não tem um cara ligeiro (*). A cadeia é imagem do diabo. O cabra vai passando na porta, ele deve vim falá com..., assovio... Aqui eu não quero nem passar perto (*). O cara que tirar cadeia aqui, tudo isso, esse inferno, não é embaixo, num disse que, num disse que..., o inferno é aqui.

A turma fala assim, diz que a cadeia, se você tiver um ano, um, o um mês de cadeia, se você dever pro diabo você já pagou, se tirar um mês de cadeia mano. Se é o cara te tirar um ano, dois ano, três ano, dez, quinze de cadeia, quando chegar no um, no outro início o cara não morrer, o satanás, tudo mundo saía, que fala, aquele ali não sei não...

Eu tô aqui um ano e quatro mês, na minha cabeça não mudou quase nada entendeu? Pra mim, se eu não tô assim no ritmo de..., vamo supor, de quando eu vivia lá fora daqui, lá dentro, só o ritmo do movimento que você acha que tudo é..., tudo aquilo é totalmente..., tudo é diferente do ritmo de você ladrão, que lá, em primeiro lugar, que lá cê tá na liberdade, e aqui cê tá na prisão né? Então é tudo..., é mutável, muda tudo, tudo o que você imaginá entendeu? Você a... É de mudar... Não é igual cê lá fora aqui, não é a mesma cabeça lá fora daqui não entendeu? Que aqui quando você chegar, o movimento é outro, o ritmo é outro, até o modo de você falá é diferente, você perde até o falado, você, você fica... Pra mim, fica aí, teve ficá aí dez, quinze ano, vou falar uma coisa, lá fora (*) cê não vai me entendê! Vai falar coisa, ele vai falar, ou dá polícia entendeu? Ele vai prender tudo normalmente diferente, não é igual aquela... Você vai chegar a o... como você vai chegar na rua, você vai falar uma coisinha tem coisas que não bola. Dependê, se fala, se for um cara ligeiro, vai se tocar entendeu? Então tudo totalmente tudo diferente do que eu entrei do lado externo lá fora, que lá é outro tipo, aqui é outro tipo e total... Vem tudo, tudo né? Tudo o que você pensar é bem diferente. De nada dá um tipo isso aqui dá um nome de você conversar, o modo de você conviver entendeu? Aqui é totalmente isso aí, não é igual cê tá na rua, não é a convivência de tá indo você na rua e o você na cadeia, totalmente diferente! Você, conforme você vai ficando ali, cada dia que você vai passando você vai aprendendo entender o ritmo, que na cadeia de hoje, que na cadeia que eu vim é acelerado entendeu?

É, acelerado! Quer dizer, um cara com barraco, se é ladrão, fica uma hora, tá precisando de alguma coisa, aí sei lá, uma coisa boa na cadeia não né? Cadeia cê aprende só maldade entendeu? O cara até... Cê tem que tá com tudo, cê está esperto, cê não pode moscando entendeu? A polícia... Tem tudo que você pensa é tudo diferente.

Agora, já que vevê do crime, que veio da rua, já que é o do crime, então isso aqui é um experimento entendeu? Aí já é diferente meu. Vive com um cara que já veio, já veio da rua, e já veio gritando como se fosse um assalto aí entendeu? Veio da rua e é do crime, já... Os malandros então ele já tem a malandragem inteira.

Pra mim diferente, eu sou um primário, que eu vim de outra sociedade, não vim daquele que vou voltá pegar o outro entendeu? No que ele voltá, falá bom dia, falá, falá sobre eu roubei, foi eu que matei, foi eu que fiz, meu papo era outro, não deixa de trocar força pra corrigi. Vamo supor, o cara que já veio ele já é do crime, pra ele muda só o ritmo, mas a linguagem dele é a mesma, porque o mesmo ritmo da malandragem que já tem na cadeia é na rua, eles deve ter..., vem de amigo entendeu? Eles já estão alí já, só não tem o ritmo da cadeia. Mas a maioria das que eu já vi, já conhece, então pra ele muda pouca coisa. Mas lá tem muito...

É igual se eu chegar aprender, é igual a entrar numa escola entendeu? O cara vai me ensinar o a o saber de estar..., amanhã já vou pra área pra saber mais direitinho essas coisas (*) entendeu? Ele quer tutor até você pená e chegar no ritmo legal entendeu?

Então eu te falo, é totalmente diferente pra mim, pra mim mudou tudo (*). Posso fazer tudo em todos sentidos, em tudo, tudo totalmente pra mim diferente, eu vivi no outro lado, eu nunca fui do crime entendeu? Então, pra mim é tornar a gente totalmente, completamente fora do limite.

Não existe nada na cadeia que seja boa, que na cadeia cê num vê nada que presta, cadeia você só vê o que não presta entendeu? E a cadeia é do crime já! É a mãe do crime, ali são todos filhos de, de crime. Você pensá e a lado de lá é triste, então é assim, cada palavra que você vai escutá, cê vai escutá uma palavra só de crime entendeu? Que mais um que arma..., aconteceu ou vai acontecer entendeu? Então entendeu? O crime, que se só ouvisse só coisa só dali, só ouvindo só a parte ruim, a parte boa cê não vê não, silêncio, cê não vê nada! Vê aquele dia com, chega ali, eles pega vai pra igreja, vai rezar, dizer o que..., convida o que..., pro irmão...

E tem o informante secreto pra pegar... E eu, se for pegá pelo... Entendeu? Eu jamais tenho nada contra crente, cada um segue aquilo que gosta, faz aquilo que deseja bom, que é bom pra ele. Pra mim, a cara dele entendeu? Pra mim jamais entendeu? Vou me esconder lá de... Lá depois pega a gente... Não, não!

Na minha mente nunca passou que o cara mata, estrupa, rouba, faz tudo, depois aí, eles pergunta e perdoa. Já quando é que eles me perdoa entendeu? Se eu mato o seu irmão, cheguei lá, passa a noite sem pastor, quer dizer que eu perdôo seu irmão que eu matei, quem vai perdoar eu? Quem vai perdoar você? Quem você acha que ele perdoa? Eu tô salvo, eu iludi seu irmão, então seu tio, seu primo, sua prima, seu pai? Quem vai perdoar eu? Ahm? Então eu prefiro aqui... Sei lá!

Aqui falo a verdade, aqui você não aprende nada, é totalmente mudar tudo, tudo, tudo que você imaginá. Na rua você não vê nada, nada, nada. Se você for cem por cento, noventa e nove por cento tem que ser bandido e olhe lá! É difícil você achar muito estranho que você... (*). Que a história de dentro do inferno, noventa e nove são diferente, você pode encontrá um, com noventa e nove é diferente tudo. Em pouco o que cê tá fazendo (*), o modo de o cê aí, o modo de você falar, o modo de conviver, o contato assim é tudo é diferente da rua com a cadeia, não tem nada a ver (*). Único contato que às vezes você tem assim de uma rua, de você tem um... Entendeu?

* * * * *

[...]

... Chapá é o cara perder o a... A gente entra aí fica doido... Não é... Chapado é o cara pegar ele fica doido. Aqui fala chapá! Eu saio normal entendeu? Aí fica... Vi todo mundo... Às vezes quem tá na rua, ele tem que tomá sua vida, ele pensa na mãe, no pai, nos irmãos entendeu? Já vi até muitos cara que entra e ma... que é a primeira vez. Igual aqui no meu caso só tem a... (*). Se você ficá aqui e na cabeça (*) entendeu?

É:... se panha muita coisa na cabeça, ficá pensando na rua, quem sabe se vão..., se... Você é condenado em 10, 15 ano de cadeia, 20 ano, 30 ano, 50, 60, que nem aquele rapaz que vai segunda de... Então ele pegou setenta e poucos ano, o outro pegou 26 (*), o outro, o menorzinho, 14 ano. Então os cara novo de 24 ano o cara saí de lá com 70 ano. Daqui vai viver tonto e lembrá que eu esqueço... Ele vai saí não tem mais, vai sair com 70 não tem não... Pra que serve?

Que nem o moço na cadeia, o cara teve aquele negócio de repente, ele chapa na cadeia, ele vai, tão lá, como é que fala? É passeio entendeu? Vai sair doido! Ele não vai tê... Só de ele pensá que ele tem que tirá... Então a cabeça de sessenta é de homem de 40 ano... Ele cumprindo aqui com sessenta. Quando ele tiver 15, 20 ano de cadeia ele vai chegá... Então ele fica doido se ele não tiver uma boa memória. Por causa de uma boa gente ele chapa na cadeia.

O cara tem que ter boa memória. Ser um cara, um cara inteligente, um cara que tem o cérebro no lugar. Aquele cara que tá com a memória boa ele tá consciente daquilo que ele tá fazendo, o que ele vai fazê, ou o que ele deixou de fazê. Se ele não tiver mexendo com cara esperto ele... Se ele se largar, ele vai chapá, fica doido.

No chapá o estado de nervo que o cara fica é:... (*). Não tem mais estrutura nenhum, o cara fica só... Põe aquilo na cabeça que não vai mais na rua entendeu? Ele nunca mais vai poder ver a família entendeu? Se tem uns que tem visita, outros não tem, não tem parentes, não tem ninguém, advogado. Sem fazê um manual, fazê uma coisa de dia, ele vai... Vai vendê o manualzinho, vai vendê um sabonete dele. Porque compra né? Porque tem visita pede bem pra ele muitos...

Que qué a maioria quando você chega, com medo disso aí, os cara vem aqui comigo... Ah, os ladrão eles sempre... Se você chega, se você não tiver uma calça, uma camisa, uma cueca, um tênis, uma blusa, ladrão tê dá e todo mundo se chegou. Vamo supor, cê veio da rua hoje, cê entra, cê sabe cê não levar nada na cadeia, cê chega sem nada, ladrão, a véiarada não vai..., e nunca te viu... O ladrão nisso aí não... Só quando você é um cara sujo, se você for estrupador, esse, se parou na cadeia, ele não tem nada, cara dele é pancada mesmo! Ladrão bagunça, tem o cagueta, passarinho na cadeia não tem bom ninho. Mas se você é um cara, sendo um cara humilde, cê quer tirá seu dia, se cê não tem o cara te dá entendeu? Te dá uma coberta, o outro dá um lençol, o outro te dá uma meia,

o outro te dá um chinelo, dá uma blusa entendeu? O outro te dá um sabonete, outro dá uma escova, outro te dá uma pasta de dente... (*).

Então nisso aí os ladrão são unido aí entendeu? E não tem homicídio. Senão... E se não tem um pai, não tem uma mãe, não tem como... Então ele tem que fazer uma, um manual prá sustentá o cigarro dele né? Comprar um maço de cigarro e comprar o sabonete, e comprar uma pasta de dente, essas coisas, essas coisas entendeu? Os outro dá, se ele não tiver os próprios mano que mora, que passa com ele, dá pra ele.

Aqueles que tem visita, se você não der, não tem como dá coisa, os cara..., isso aí não vem... Daí se quer fumá um cigarro o cara tem... Entendeu? Ninguém vai dá seu bagulho. É cadeia tá ligado? O bagulho o cara não te dá. Ninguém dá nada aqui na cadeia entendeu? Ali cada um tem uma...

Muitas coisas que você não sabe na rua cê aprende aqui fazê manual entendeu? Então ali você já... Qualquer coisa tem que... O cara tem uma visita dá um cigarro pra mim.

[...]

* * * * *

[...]

...É ele fica chapado, tá com loucura, que na cadeia fala chapado né? Fica loucura. Que dá loucura e fica entendeu? Então... Têm matá ele, matá você entendeu? Porque ele não tá sabendo de nada. Então problema na cabeça entendeu? Então ali devia com psicólogo entendeu? Tem que ter um médico pra acompanhar ele, passá remédio. Mas eu já vi muitos desses que se recupera. Alguns pensa também que tem... (*) (S).

Aqui vai, vai dependê de um médico morre, cê pode esquecê! Quando vai também, não vai..., não tem o remédio. Onde pede o chefia busca lá. O chefia aqui, se você me pede, ele vai lá buscá, fica aqui perto da escola entendeu? Aí toma qualquer comprimido aí pá fica lá. Se morre daí também... pro Estado é um a menos entendeu? Não é trabalhador.

Quem jogar na cadeia é um inferno. Antes soubesse uma cadeia. Na cadeia é melhor... Ensina na cadeia é falar errado... (S). Enfim, acaba escrevendo porque... passa um tempo na cadeia, tem uns que fala bem, cuida da cadeia, e vai chegar uma hora que ninguém sabe mais... (S).

Você vê cada coisa entendeu? (S) Tudo o que você vê na rua, 99% é tudo diferente do que você vê da rua. A cadeia, em primeiro lugar que aqui você é tratado como um bicho. Que nem bicho que é o bicho ainda põe ele lá no mato, um animal (*) entendeu? Você vai lá no mato é animal, um cavalo, um porco... Ele tem água pra ele vivê se entendeu? Se o cabrito tem capim entendeu? Precisa, você põe a comida lá ou traz. E aqui não, aqui, já tá aí? Não tá nem aí! Você fica lá, pode ficá dia e noite lá ninguém quer ver se você tá com dor de barriga ou se tá com dor de dente, ou você tá precisando de ir no médico. Chegou aquela coisa e traz pra dentro, trancou a porta ali esqueceu... Esquece! (*) (S).

Se for pra ir pro fórum chefia de lá chama. Você sai lá e volta trancá de novo. Se me barrou tudo bem, do contrário você é largado aí, é abandonado (*). Sabe o que é abandonado? Você é abandonado, chega com... Chega e dão um pedaço, uma coisa, vamo supor, um objeto que você não vai usar mais, você não qué, você pega e joga isso lá e se esquecê que ele existe, não vai usar mais. Você for compará, duas coisa é a mesma coisa. Isso aqui, cê tá preso, isso aqui é abandonado. E se entrou aí, vai, pode esquecê... (S).

Esquece. Se não tiver a mente boa, logo, logo chapa. Logo, logo você chapa (*). Que aqui o pessoa é totalmente abandonado, nem lixo é abandonado como se é na cadeia... (S). É na cadeia que a gente sai valendo nada porque além de ser um... Cadeia cê num tem nome, pode ser o rei da, da... Na cadeia você é um preso lá um qualquer (S). Não quer saber se pode ser o dono do mundo. Na cadeia cê é ninguém (*), não tem nada (S).

Em cadeia ninguém dá nada a ninguém (*). Em cadeia você não têm nada (*). Se alguém te der qualquer coisa na cadeia isso é de todos entendeu? (S) Então ele viu que é abandonado. Por isso que é mais revolta na cadeia, por causa disso todo mundo fica revoltado, que cê é jogado ali, os cara esquece, não quer nem sabê. A cadeia, o cara é condenado uma porrada de... O cara é condenado semi-aberto aí... Eu não era pra tirá cadeia. Fui, fui condenado era pra mim tá no colônia entendeu? Não era pra tirá cadeia, cadeia hoje entendeu? Era pra mim tá na colônia entendeu? (S). Por causa disso é o que mais revolta os cara que nem tá revoltado aqui entendeu? Faz aí o juíz não! Acabou aquele tempo já era! (*) (S). Então te deixa o cara mais revoltado.

O cara fica atacado como uma pessoa que te faz uma raiva, cara de mau humor, bate na sua cara e ele quer descontá porque cria aquela raiva que joga ela assim mesmo já... (S). Ainda tem dia que é diferente porque se revolta sozinho. O monte de gente é revoltado... (*). Se um cara te batê fica aí é revoltado por causa do ambiente aonde você se encontra ali. Que ambiente já deixa você agitado, você já fica nervoso, já tá com vontade de começá no meio dos outros, já fica nervoso só vendo né? Só de você tá aqui cê parece outro... (*) O sangue já ferve, você fica isso... (*) (S).

[...]

* * * * *

[...]

... os cara lá fora imagina, fala assim, vamo supor né? Eu, vamo supor tiro ali 3, 4 ano de cadeia, então o cara lá pode pensá assim, se eu era um cara perigoso, então o cara vai falá assim, o, o Deodoro, quando ele voltá ele vai ser um cara bacana, que tirou uma cadeia, teve um sofrimento, tal. Não! A cadeia, então, se eu era um carpone, então não vou mais roubar entendeu? Vou ficá aqui, eu vou voltar é pior do que eu tenho... Se eu era bandidão, eu vou ser assassino, criminoso, pior do que um

bandido. Vou interiorar mais do que eu era. Não todos, não todos, tem uns que não! Que nem né? O meu caso, eu não quero que você pega... Porque eu nunca fui do crime, e jamais isso não me passa na minha cabeça entendeu? E eu, e eu saindo daqui, enquanto a gente tiver aqui na cadeia... Não! Eu não. Às vezes que eu penso de ter uma família, e eu ter um lar, eu tenho uma casa pra morar, eu tenho mulher entendeu? Tenho dois filhos entendeu? Tenho mais três mais é de outra mulher de fora, como diz ela, que eu sou o pai não... (*) (ri). Nunca fui covarde com minha mulher e não dizer que é meu, também não sei entendeu? De tudo isso que há, até hoje nunca, nunca pisou na bola, quando ele pisar é só uma vez certo? Mais assim... (*)

O cara entrou na cadeia, tirou uma cadeia, foi sair pra sociedade entendeu? Cara que é do crime... Só se tiver, falá assim, não vou que tem... O cara que fala assim, eu vou lá vê o crime, não quero mais sabê de crime... Que até dentro da cadeia ele chega e fala, eu era do crime entendeu? Hoje eu não quero nem idéia do crime. Tirou cadeia aqui, por sempre, aonde ele saí (*) ele vai ser uma pessoa com bom comportamento? Um cara que respeita a sociedade entendeu? Igual outro que tá lá fora, que nunca veio numa cadeia, se tirá aqui... (S). Quando ele voltá (*) ele já prendeu roubá de tudo (*) (S). Se ele roubava um cofre, quando ele saí pra rua (*), e mata você dentro de carro, eu roubava bancos, deu pra mim roubá lá um banco. É igual você ser o um mecânico, um ajudante, o ajudante ajuda o mecânico, então cê qué aprendê, tudo o que ele vê o mecânico fazendo ali ele vai aprendendo não vai? Então é a mesma coisa. Igual ao sr., o sr. é psicólogo né? Então, não tem seu professor? Cê não aprendeu tudo com ele? Então, cê não sabia. Você entrou, ele foi te ensinando, você foi aprendendo, hoje você pode até a vir você não saber igual ele porque tem um cargo mais velho, está mais esperto (*) pra você consegui no mesmo ritmo, mais vai chegar um ponto que você vai chegar um bem bonito. É a mesma coisa... (S). É a mesma coisa de vício na malandragem. Cê entra primário, quando você saí você já quer ser professor. Cê sai com a... Você entrou na faculdade. Cê não sabia nada, não conhecia nada de toda a matéria, ele vai te dá uma aula hoje, e hoje mesmo cê já vai sabê 100%, vai sabê 2% , 5%, 10%, depende a matéria entendeu? Mais o dia-a-dia que faz 1 mês, 2, 3, 4, 1 ano, 6 meses, cê já sabe todo, cada detalhe daqui cê sabe tirá, cê sabe colocá onde é. Falarão desse detalhe... (*) É a mesma coisa onde batê a cabeça, cê sente mal... (*) Cê só vai aprendê o que não presta! É que o clima você tem que... Que você vai aprendendo, vai só naquilo...

[...]

* * * * *

[...]

... cê passa o tempo na cadeia cê esquece muita coisa da sociedade, com o ritmo da cadeia, convívio, esse ritmo da cadeia você fala muita coisa, você fala até na gente... Mesmo você não querendo, você

consegue aprendê que é em tudo que você..., em vez de conversá, tem que levá... E sempre naquele ritmo lá. Lá é tudo diferente... Então tem de engoli. Você até já assim barrado já! Já começou naquele ritmo ali. Cê já vai pegando aquele ritmo. É igual escola, e a cadeia é a escola, só que a única diferença da cadeia com a escola é na sociedade, sociedade que tem outro ritmo de vida, e aqui não. E aí está do bem, então tudo que você aprende é deles, tudo são bem, energia. Aqui é tudo ruim, que não presta. Que o que presta mesmo você não aprende entendeu? Que presta na cadeia se dá... Aqui cê não aprende, cada dia que passa você só se torna vadio entendeu?

A convivência que você vive entendeu? É diferente um, uma convivência de você tá na cadeia como você lá fora na rua. É então é totalmente diferente entendeu? Que na rua você tem um papo, outra conversa, na cadeia é outra entendeu? Na cadeia o ritmo de você falá, o ritmo de você conversá é tudo diferente né? Não é o mesmo ritmo de você... Bom, se ocê falá você... Bom, isso, isso. Aqui não, aqui é tudo faz favor, dá licença, liga a fita mano. Aqui é tudo diferente. O ritmo não é igual de eu conversá com você pessoalmente, então eu vou tratá de outro assunto, aqui não! O assunto aqui é diferente, é tudo as coisas diferente. Então por isso que eu falo, às vezes vem muita coisa que você fala na gíria, não é porque você qué falá na gíria, é o ritmo que cê convive, então cê aprende falá entendeu? Então cê aprende é::... teu mundo é outra língua entendeu?

Aqui cê aprende de tudo, aqui o que você pensá o que a gente já vê na cadeia que vai... E o culpado disso aqui mesmo é o Estado aí! Do próprio governo, se o governo tivesse uma escola, um ensino, um serviço pra você fazê, então muitos cara que prende aqui acaba tudo recuperado, recuperava. Mas se cê fica o dia inteiro, quem faz o manual tudo bem, quem não faz, o quê que se vai aprendê numa cadeia? Nada! Cê não vai aprendê nada de bom pra levar pra sociedade, cada vez que você fala, você fica mais atacado entendeu?

Muitos cara que tá, no afim de já tá na, na casa de ir embora não vai. Nem eu mesmo sou, incrusive, eu já tá afim de ir embora muito tempo, sofri mais que um bom pode. Se não der um... Nunca tive passagem com polícia e condenado quatro ano e meio. Tô tirando um quatro. Nunca fui condenado. Eu, com semi-aberto, se eu tivesse tirado e fosse condenado fechado tudo bem. Eu que tem um terço... Depois num fazê perdão criminalógico pra depois cair no semi-aberto. Mais não, fui condenado diretamente no semi-aberto, então eu era pra mim tá numa colônia, tá trabaiando, estudando. Eu ía escoliê o que eu queria fazê. Agora, aqui dentro fazendo o quê? Nada! Amanhece, dia e noite cê dentro da cadeia não faz nada. Eu ainda gosto do manual, qui mais tem muitos presos que vai no mesmo no..., tá no mesmo estado que eu tô, tá na cara de embora ou então indo pra colônia ou uma penitenciária num bairro. Os cara pega e deixa aí o cara jogado aí como se fosse um bicho entendeu? Só cê não vai explodi que cê vai esperá limpá...

Se eu fico aí quatro, cinco ano dentro de uma cadeia, o quê que o sr. vai esperá de mim? Nada! Não faço nada, só vou, só vou aprendê coisas ruim, não vou prendê uma coisa boa entendeu? O quê que eu vou

falá? É legal? Ô sociedade, é, tô recuperado, tô regenerado. Não tô! Não tô porque a próprio ritmo da cadeia, o próprio lugar que você tá você se encontra envenenado, cê mesmo cê fica raivado por si próprio, cê tá ali fechado, 24, 48 fechado dentro de uma cadeia entendeu? Então às vezes cê tá com aquela ansiedade, de sair, de sair, e cê sabe que cê não pode sair lugar nenhum, tá ali preso entendeu? Então cada dia que passa você se torna um elemento mais perigoso. Se você não era perigoso cê fica é um cara perigoso entendeu? Não é porque o você quer ser um cara perigoso, mas você se torna, que só o ritmo dela, só de você tá preso, é igual cê marrá um cachorro, cê soltá ele na rua ele vira um vira-lata, ele pode ser a raça que for, se você soltá ele na rua, ele se torna um vira-lata, mas se você marrá ele, quanto mais cê marra mais envenena, pode ser um::... vira-lata, cê marrá ele, ele se torna um cachorro bravo, cê encostá perto dele, ele te morde, é a mesma coisa de um preso.. (S).

O Estado não dá nenhum recurso pro cara saí pra sair pra outra penitenciária. Ele só coloca 20, 30, 40 cara aí de uma... Se não pode nem dormir que não tem sossêgo. Em cadeia cê não pode dormir. Se dá tempo pode encostá à noite entendeu? Cê tem que dá um tempo pa... Então você vai, o que tiver na cabeça, ele nunca pensa viver em uma cadeia... Pra mim, porque tem muitos que nem liga mais, tem cara que já costumou entendeu? Que ele não pensa também mais no mundão. Mas no meu caso não, que eu tenho mulher, tenho filho entendeu? Então tenho um pertence lá fora que me pertence entendeu? Então eu quero tirá o mesmo ritmo de eu ir embora, de eu sair entendeu?

* * * * *

Oh! Eu pra te falá a verdade eu não pensava nada sobre o que é um preso porque eu não conhecia entendeu? Eu, pra mim, pra te dizer assim eu não sou capaz de julgar ninguém porque eu não conhecia né? (*) Nunca tive em cadeia então não sabia como é que funcionava. Eu digo dela, pelo o que ela funcionava né? Porque pra você a... tá lá fora, você sabê como funciona a cadeia só se você tiver uma convivência com uma pessoa que tem na cadeia, que já teve na cadeia, pra ir te explicá, porque se você tá lá fora, cê nunca veio numa cadeia, não dianta, a menos que se o cara for te contá..

É... pra mim, eu, eu achava assim, que seria, vamo supor, se você fosse um cara, um elemento perigoso, você vinha aqui pra uma cadeia, e vinha assim seria um tipo assim, vamo supor, cê tinha uma educação, ia tê um... uma pessoa para te dar uma instrução, pra você amanhã se fosse sair regenerado né? Cê saindo preso comportado à sociedade. Então pra mim se você fosse um cara perigoso, eu achava você melhor aqui, só quando cê saísse lá fora, cê visse saíu o cara é regenerado entendeu? Então cê não ía ser mais aquele cara, cê ía sendo modificado, ía ser um cara que já é já sofrido. Então cê ía ver aquele sofrimento preso, então cê ía sair pra sociedade, cê ía ser um cara bem comandado entendeu? Mais se você entrar numa cadeia, cê nunca saí, você não tem... o Estado não dá esse benefício pra o preso. Nem o estado...

Não! Vai pega aí, joga você como joga um lixo. Nós somo jogado aqui que você precisa no médico cê não tem, cê ficá doente aí entendeu? Se o cê precisa ir no médico cê não tem nada aqui. Nada, nada! Precisa levar..., precisa ir no dentista, cê pede hoje, às vez daqui a duas, três ano vão te levá morrendo. Que nem agora, depois daquela rebelião que teve aqui. Nunca mais teve entendeu? Você não tem... Só deixo você cada vez mais atacado, cê cria raiva. E sendo você um cara calmo, a gente torna um cara nervoso por causa do ritmo.

* * * * *

Um prisioneiro e eu acho, seguindo o meu palpite entendeu? (S) Oh! Eu não sei te dizer bem né? Ma o cara prisioneiro, depois, a partir de um momento que ele entrou numa cadeia, pra mim, no meu modo de pensar, pra ele, acho que o mundo se acabou, ele é uma pessoa... (S). Entendeu? Sem nenhum prestígio mais. Pra mim ele é uma pessoa sem valor pra nada. Desde que você passou na cadeia cê já... Uma que você chegando na sociedade, por mais recuperado que você esteja, você já é discriminado, todo mundo vai discriminá entendeu? Você chega numa cadeia, se você vê que foi preso por homicídio, por um assalto, um estupro, um sequestro, e ainda e a sociedade nem te dá emprego... Se você puder dormir no emprego ninguém vai te dá, porque você vai chegar, *“Ah, eu vou pedir emprego”*. Eles nota sua firma, ele vai pedir a da atestado de antecedência, eu vou tirá já vai sair como eu já fui um ex-detento entendeu? Então o cara... Aquele cara já matou ou então já roubou... Cê não vai me entendê. Por mais que eu teja regenerado você não vai me entendê (*) entendeu? Por mais que eu seja um bom profissional, fiz um técnico, formado, você não vai querer. Cê vai ficar carregando aquele rancor entendeu? Alguém trabalha perto de mim (*), contigo, e ele soubé que você já foi preso, ele sempre tem aquele receio com o sr, *“Ah, esse cara pode ser bom, mas já foi preso, já matô, já roubô”*. É a primeira coisa de todo o mundo que tá perto de você, ele vai te falá, ele pode até num ti falá, que ele tem o receio de falá. Mais vai pensá, *“É gente de bala, fica revoltado, tanto faz matá coma morrê, é um cara perigoso”*.

Mas de verdade tem cara que chega na cadeia, depende de disso pra torna-se num cara perigoso. Teve um cara aí, o mundo se acabou desde que ele tá preso, tá acabado o mundo pra ele entendeu? Não é todos, não é todos que pensam assim, que muitos não, eles estão na cadeia ele quer se regenerá entendeu?... Qué nem meu caso. O meu caso eu não quero... Jamais eu quero sair daqui... Eu quero ir pra minha família, que eu tenho uma família lá fora, jamais eu vou fazê violência lá fora, e jamais na cadeia eu vou querer ser violento, nem quero aprendê nada disso aqui. Cadeia, se eu tô aqui é porque fui obrigado. Se estou preso então eu sou obrigado a convivê aí nela entendeu? Mas o meu pensamento é saí dela e tocá a minha vida do mesmo jeito que eu tocava antes que eu vim nela entendeu? Fazê o máximo possível, o melhor impossível do que eu fazia lá fora. Eu já disse, se um dia eu tornar tá aqui, eu vou tornar pior entendeu? Entendeu? Aí eu

sei, eu já sei que é o ritmo dela, então jamais eu vou querer voltar. Se eu ir pro mundão, no dia que eu saí, se eu saí daqui hoje, jamais eu vou fazê... Nunca mais ponho os meus pés num lugar desse, só se for morto porque vivo eu não venho não. Mas não é todo mundo que pensa igualmente ali. Cada um tem um modo de pensar entendeu? Tem, tem cara na cadeia que não dá valor nem pra próprio família entendeu? Cê vê qui um cara preso igual...

* * * * *

Um preso é uma pessoa que ele tá sem validade nenhuma entendeu? Ele é um tipo de um objeto, é pegar aqui, só pela essa camisa que tem valor, igual essa caneta ou um pedaço de giz que cê joga fora... (S). Que o próprio Estado não dão recurso aí. Que se desse ele recuperava. Tivesse um serviço ele ia ganhar um dinheiro pra ver se... Vamo supor ele ganhava todo dia, dava até pra ele ajudar a família dele lá fora. Que tem muitos presos que às vez a família coitada, não tem uma profissão, não tem nem onde morar, ali eles paga aluguel ou mora na casa de parentes entendeu? E ainda tem que trazer uma... pra ele um sabonete. Ele não tem ninguém que dê uma força pra ele entendeu? Então ele vai... O que tem na cadeia... Na cadeia ele precisa ali às vez fumo, precisa do cigarro entendeu? Precisa de um sabonete, ele precisa de uma roupa, ele precisa de um remédio que nem remédio eles não tem. Se tiver algum remédio, cê tomou remédio tem, senão... Entendeu? Sem aquele remédio da cabeça você morre cê entendeu? Então, eu te falo, se uma cadeia não dá pá assim um preso, não dá tá vivendo, não sei te explicá, não sei te dizer num... como vive um preso...

* * * * *

Aqui não dá pra contá dá vida da gente não! Porque sei lá ó... (S)(*). Esses papos não rola, se você puxá um papo desse o cara já acha que você é careta, você não tá com nada, (*), cê não é do crime e não sei não (fala rindo). Não rola esses papos (fala rindo). Esses papos não é::... rola. Dá medo se você chama um cara pra colocar um assunto desse aí. É difícil, de cem fica, tira um que vai aceitá esses papo. Do contrário, não tem, não rola esses papos... Esses papo na cadeia não tem... Você não... Que o próprio ambiente não deixa você... (*).

Na cadeia cê tá ferroso, só fala ir embora entendeu? Ele fica ali só naquela expectativa, ou cantá liberdade dele, ou então cantá um bonde, então uma meióra o negócio dele é ir pra uma, pra ele ir acordando entendeu? Ele que tá lá fora, ele não qué tá aí entendeu? Então o papo dele só tem nega... sociedade. É dele cantá um bonde pra ele embora entendeu? Ou então cantá, vamo supor, ele tá no cadeião, penitenciária, o outro já tá uma colônia pra ele. Então o negócio dele é isso, ele pagava na cadeia aquilo pra ele ir embora, então esses papos assim que vamo supor, da sociedade, não tem, não rola na cadeia.

Que cê vê tem um papo desse aí quando se conversa assim, quando ele tem um parente, se dá com a esposa ou com o irmão, aí ele vai te uma coisa da rua, cê vai escutá ele contá e cê vai conversá com ele entendeu? Então aí que você tem aquele conviver, quando você tá com visita, mas vem cada oito dia, às vez a visita não pode vir hoje porque ela travaia e vem pouquinho... Tem às vez, tem deles que a visita vem com um mês entendeu? Então cê não tem aquele papo,

você vai ter um papão o dia cê tiver visita, do contrário, aí todo mundo é do crime. Quem tá ali é tudo do crime, se tá preso cê é do crime...

Então é o que eu falo pro sr., não tem, cê só vai ter um papo desse aí se o sr...., se sua visita vier aí contá entendeu? Aqui o sr. vai ficar mais velha, mais, mais, a gente fala velha, mais véiacao entendeu?

[...]

... é o ritmo da cadeia, o ritmo é::... Tem cara aí tá tirando 13 ano, 15 ano de cadeia, à vez, pro cara aí já passou em penitenciária, já passou em colônia entendeu? Então, voltou ali, já foi pra rua, deu o milho de novo, que fala dá o milho, dá o milho é o cara aprontá e voltá né? É, na gíria de ladrão fala deu o milho, saiu pra rua, deu o milho e voltou. Então é::... na sociedade fala trocar né? A gente vai pra rua, troca, ele voltou de novo. Então tem cara ali já tirou 13, 14 ano. Tem gente que tá tirando 13, 14 anos, (*). Tem cara que tá condenado 30 ano, 25, 28, 40. Tem cara que tá tirando 15, 16 ano... Então o cara que já vem, já tem uma experiência bem longa entendeu? E é isso...

Parte - II

Entrevistas Com Carcereiros

Sr. Luíz
(carcereiro)

A entrevista...

P – Como é o dia-a-dia de sua vida pessoal diária?

“É, euuu... (S). Trabalho na cadeia... (). Aaa quando, quando eu tô fora da cadeia eu pratico um pouco de esporte, né? (*). Faço algum bico pra fora, eee cuido da minha família, sou pai de família... (*) (S). Estudo um pouco, no caso pra condição de progredir mais, pra gente sai também da, do carcereiro, procurar um nível melhor (S)(*)”.*

Retomamos a pergunta inicial...

“Ah, minha vidaaaa... Ó, graças a Deus a minha vida é uma vida tranquila né? É, é, tô em casa, quando eu não tenhoo muito a fazer eu gosto de ouvir música () (S). Minha vida é assim, quando tô de folga (*) fico em casa, tem um biquinho pra fazer eu faço, se não faço, não tem, fico em casa vendo a... (*), lendo um pouco, ééé (*) prestando a atenção no que meus filhos estão fazendo né? Ééé brinco com meus filhos também quando eu tenho um tempinho, ahm eu levo ele na creche, quando eu não levo a minha mulher leva, durmo um pouquinho (*) no final da tarde né? Descansar a cabeça eee refreti... Às vezes tem..., às vezes também a..., mesma estando em casa também a gente a... fica preocupado aqui com a cadeia né? Pô, o que será que, o que será que vai acontecer no, no, no meu plantão... E pra falá francamente, a, a vida dooo..., minha de carcereiro é tem a vida até um pouco tensa. Se for analisá o que a gente... Se preocupa muito sabe? Esse de cadeia, é rebelião. Que a gente chega aqui não sabe o quê que vai acontecer né? Que eu tô agora aqui no plantão, que são vinte e quatro horas, a gente brinca tudo com os colegas tal, mas a gente não sabe o que vai, o que vai acontecer durante a noite. Cê vê, se você for sair até com vida daqui dentro assim... (S). A não é mais tão fácil, mais que, mais que... (*) (S). Fogo! (S) Né? (*) (S)”.*

Pedimos que continuasse...

“Ah! (S) É, é na realidade é tudo o que eu te falei. É mais é, é, é que nem uma bola entendeu? É todo o dia é aquela mesma rotina, todo dia é a mesma rotina. Cê sai do serviço, cê vai pra tua casa, aaa ajuda a sua esposa, ééé com três dias de folga quando vai chegando a hora de você vim trabalhar, também peço a Deus também pra duração do () plantão que não aconteça nada comigo, pros meus colega (*), pros próprios presos também né? Tem preso aí também que coitado... tem medo também igual a gente, porque*

também se preocupa com o preso também... E vai levando dia-a-dia aqui () que, que nem uma bola, todo dia aquela mesma rotina (*)”.*

Pedimos que explicasse melhor o que era essa rotina...

“Essa rotina disso aí... (). Tááá... O caso é como eu tô te falando né? (*) Quando, quando aparece algum bico pra gente fazê (*) a gente faz. É olha o ultimamente todo bico que aparece eu faço, é bico de segurança e às vezes biquinho assim de, de, de pedreiro, de servente, tudo o que aparece a gente faz... né? Entrar um dinheiro a mais pra ajudar a família (*), o dia-a-dia é esse! Não altera em nada!... (*) (S)”.*

Pedimos que continuasse...

“Ah, não, não tem mais coisa de falar, é isso aí. É, já tô, já tô no Estado há oito anos, já trabalhei na Casa de Detenção em São Paulo, prestei concurso pra polícia civil, passei, eu estou aqui. Agora eu tô, estou esperando uma oportunidade pra mudar de cargo... (S) e a vida...”.

P – O que é necessário para ser um carcereiro?

“Bom, cê tem que ter o primeiro grau completo né? () ..Ééé cê presta concurso na academia de polícia, sendo aprovado (*) cê vai pra academia durante três meses, e lá você aprende algumas normas, na, na, não é tudo, é alguma noção de Direito, criminologia (S), e coisas do interesse especial”.*

Pedimos que explicasse o que são essas coisas de interesse especial...

“É coisa mais do presooo..., umaaa..., uma abordagem na rua, ééé, como, como lidar com o preso, como lidar com os colega (), com as autoridades... (S)”.*

Pedimos que dissesse o que aprendeu na academia para lidar com os presos...

“Olha, ooo... Veja bem... (S). Lidar com o preso não é fácil, tem que ter muita cabeça, muita cautela e muita calma (). Não é fácil lidar com o preso. Tem preso que entende, tem preso que não entende, tem preso que tem respeito, tem preso que não respeita a... Pegou ali, passou ali na frente, qual é a obrigação dele? Chegá e explicá pra mim, “Olha, eu, eu tô saindo aí, preciso falá com o diretor”. Não! Ele esperou eu abrir a porta, não sei a mulher queria jogar o lixo e jogou, passou na minha frente, na, na hora que eu fui procurá ele não achei mais, ele tava andando no pátio, quer dizer... (S). Se é um outro carcereiro mais nervoso, mais tenso, às vezes até bate no cara, “O cara tá me tirando!” (*), até bate. Eu não! Eu já sou mais calmo, sou mais tranquilo. Cê chega às vezes conversá com preso (*) né? (*) Por aí você vê como não é fácil. Preso xinga palavrão (S) tem que suportar porque ele vê se ocê... Se você perder a cabeça não tem condições de trabalhar dentro da carceragem. Tem colega*

nosso aí que tá passado, não pode mais trabalhar aqui dentro da, da carceragem porque num, num, não tem controle. Que nem diz na gíria, não tem aquela manha de lidar com preso (). Lidar com preso tem que tê a manha, se não tiver a manha com o preso... (*). O preso se for analisá ele é que nem criança, é que nem criança. Cê, cê, cê vê aquela criança que chega assim e, “Oh, não faz isso! Oh, vem aqui!”, Daqui a pouco cê vai lá, o povo te agrada e tal, isso é que é jogo de cintura entendeu? (*). Às vezes de até mentir pro preso, enganar o preso, cê vai levando, tem que fazê o preso... O preso é que tem que cair na sua, não você cair no preso. Ali um preso pede um remédio, cê fala, “Péra aí, já vou buscar. Não tem. Péra aí, vou ver se eu acho lá. O cara foi ver tá?”, aí quando chega à tarde, “Oh chefia cadê o remédio?” (*), “Ih rapaz, ó, eu fui lá tava fechado lá. Não, mas pode deixar que amanhã que eu deixo anotado aí (*). Pro, pro outro rapaz ele te dá e tal”, “Oh, tudo bem! Brigado!” (*) Vooo, você não viu nada! Porquê? Porque não tem! (*) Porque não tem, não tem daonde você tirar o remédio, mentira, não tem! E tem que tê jogo de cintura entendeu? (*) Não é pegar o preso, chegar em você, “Oh seu funcionário? Oh carcereiro?”, “Ah vai... Dá um tempo!”. Não pode, respeito é os dois lados, tanto o funcionário como o preso também (S). É o que eu falo, não é fácil... (*)”.*

Perguntamos o que ocorre se o funcionário não tem esse jogo de cintura...

“Ah, não tem condições de trabalhar numa... Não! É, é, veja bem. Olha, se o, se o carcereiro, principalmente se trabalhar na carceragem, se não tivesse jogo de cintura de trabalhar com preso, ele é removido daquele setor. Que nem no caso aqui na cadeia, o cara vai pra muralha, vai pra escolta, vai fazer serviço burocrático () ou é transferido em outra cadeia que é... (*). Tem muitos presos, além do próprio preso, que exige do funcionário dali... Tem funcionário aí tem que trabalhá, outro pede uma coisa, o cara desfaz da gente, não tem educação e nada. Quer dizer, você acaba criando aquele crime entre você e o, e o preso né? E o preso vai levá esse, esse clima pra... ele acaba... (S). Então tem que tê, tem que ter o jogo de cintura, tanto pro preso quanto pros funcionários. E tem funcionário também aqui que eu vou te contá, é que nem preso também, a vez até pior! (*) Qué pior que é mandar também demais, qué é sei lá! Então, pô, às vezes a gente agita. Aaa cê fica em casa até dá nervoso daqui da cadeia, não, não nervoso que passa com o preso, é do funcionário... (S). Ahm, tudo isso também tem que ter aquela cautela, porque num, não quer de preso e nem o colega levando o barco (*) (S)”.*

Pedimos novamente para que explicasse o que é o jogo de cintura...

“Óia, o jogo de cintura é, é que tu... É o que eu te falei, cê tem que..., cê tem que, cê tem que iludir o preso, cê tem que enganar ele, às vezes até fazer de conta que o preso ééé praticamente o seu colega entendeu? Que a, que às vezes você sente que o preso fala, “Olha ôôô aqui chefia é tudo gente boa e tal, tal, tal”. Mas não é que eu faço isso porque, porque eu também tôôô, eu ooo, como se diz, ééé, é mentira minha. Não!

Cê dá um limite. Eu não vou, eu, eu, eu não sou homem de duas caras eee enganar, mentir um preso, depois eu viro as costas, “Ah, eu quero que esse preso morra”. Não, não é isso aí, não é isso aí entendeu? () Cê tem é... É mesma coisa que você ter uma... Cê tê uma criança na sua casa, tá com fome cê tem que dá alguma coisa pra enganá ela pô? Comeu... Ainda dor de estômago, o rapaz, cê tá vendo que não tem aquela comida, come um pedaço de pão, uma bolacha (*), vai levando entendeu? Cê faz assim... (S)(*). Não adianta cê... (S). Ah! Se eu largar o preso ele, ele, ele, ele... Já tá preso então o quê que acontece? Ele, a única pessoa que (*) pode pedi é pro carcereiro, “Oh! Não dá prá fazer uma ligação a cobrar pra minha mulher? É vim, vim tal dia, vim tal dia. Ééé ficá com mais a gente aí? Dá pra perguntá pra minha mãe trazê...”. Quer dizer, é aquele toque, se você num, num, num dá essa atenção pro preso, ele cria um... Querendo você (*) entendeu? Então você tem que, que fazê esse crima com o preso, pelo menos... Apesar de que é a sua função, é a função do carcereiro né? Fazê sua vê... O preso e o carcereiro passam em... (S). O que mais sair lá de dentro né? (*) O diretor então... E tem muito por aí que não entende, acha que o preso tá preso, “Ah! Já tá aí mesmo... (S), condenado a...”. Entendeu? Às vezes não traz o, o, o problema do preso às vezes pra, pra administração (*) (S). E as vez ooo... (*). Que tem funcionário que não traz o pobrema do preso pra, pra administração. Por exemplo, uma vez tem preso aí que (*), “Eu preciso do médico, eu tenho isso, eu preciso ser operado”, ele fala com o carcereiro, mas ele vai embora num, num... O cara foi falá, você tá vendo, precisa ir no médico, mas tem cara que não liga, “Ah! Tô de plantão, outro plantão também chega lá”, “Ah! Tô nem aí com ladrão!”, “Ah! Isso aí vai levando..” (S). Não dá, não dá! Então acaba de (*) fazê bobagem entendeu? (*) (S)”.*

P – Quem é o prisioneiro?

“Olha bem, eu, eu, preso pra mim ééé... Bom, eu acho né? Preso é aquela pessoa que cometeu uma, uma, uma má conduta na vida né? () Então é condenadamente... Eu, eu, eu, eu não condeno o, o preso por, pela, por a tipo de preso. Que cadaaa..., cadaaa..., cada preso tem... (*), tem... ééé... (S), tem a sua história né? [...] Tem cara, tem preso que conta a história dele aqui, dentro da gente a gente fica impressionado (*) entendeu? Pô, mais tá preso aí? Que não mereceu cê entendeu? (*) (S). Eu, como carcereiro, às vezes já, já... Tem casos que eu tenho até dó de vê. Então, então pra mim não adianta o cara chegá e falá, “Não! Deixa ele morrê! É bandido!”. Não! Não é assim não! Cê tem que ouvi, pensá. No que tem cara aí que tá na cadeia aí porque às vez furtou, roubou (*) por necessidade. Às vezes sempre tem algum desvio, fica com dó dos doentes, sempre torci pra eles irem embora em liberdade... (S). Ô não dá pra chegá e falá assim, “Não, isso aqui é bandido, isso é bandido. Cê está preso, você roubou, foi...” (*). Falei, “Como? Cê tá louco? (*) Porque ele tá na cadeia tem que...” (S)(*). Quer dizer, então é na história, nem todos presos é bandido aqui, nem todos... Então (*), boa parte aí... (*) (S). No momento também quê que eu tenho, eu tenho dois sobrinhos lá em casa, ééé..., falo pra eles também quê que é uma cadeia, uma prisão, pra eles não procurá*

fazê isso, evitá mal companhia, evitá usar droga, evitá esses elemento de rua (). Eu explico pra ele o quê que é a cadeia, como funciona a cadeia, o que pode acontecer com ele quando ele sair de, de uma cadeia”.*

Perguntamos o que é uma cadeia, o que acontece em seu interior, o que acontece à pessoa presa...

“Óia, a cadeia é..., é... Pro preso é difícil ficá aí dentro. É difícil pra gente que já tá... O problema da droga na cadeia... Que acontece? Na cadeia tem os traficantes que vende a droga, então ooo chega uma pessoa aqui na cadeia, já chega e começa aaa..., ele começa acompanhá o ritmo da cadeia. O cara nunca usou droga ele passa a usar. Então vai vendo... (S), o cara começa a usar droga... () (S). Vai se endividando com o traficantes na cadeia, com o chefão na cadeia que tem, toda a cadeia tem... (*). Bom... (S). Chega a hora de pagar o preso não tem aquele dinheiro (*) pá pagá. Então é... Não sei se hoje continua, ele... Na cadeia até... Ele vai amarelá com medo de morrer porque tá endividado na cadeia. Não tem, não tem como pagar agora a dívida na cadeia... E todo isso aqui... Cê vê, aí tem, tem preso que morre... Que morre não, tá lá, não tem dinheiro pra pagá. Mas não vai pagar? Morre! Morre ou vai pro seguro. Se vira! (*) Às vezes o preso que dava (*) tanto problema na cadeia que às vezes na administração tinha que transferir o preso pra outra cadeia, senão o cara mata mesmo (*) (S). Então tudo isso aí aqui sabe? (S). Estrupador quando cai na cadeia (*), o cara cai, não sabe onde é..., que lado..., pá..., que zoa..., aaa..., ééé..., corta o cara com gilete, raspa assim na cara, enfim, até com humilhação (*) né? É a humilhação então... Eu já sei, faz oito ano que tenho trabalho na cadeia (*). Eu sei o quê que é ser... Falo pros sobrinhos direto, “Pô (*), cuidado, cuidado...” (S). E vai levando... Tem umas, tem também que destrói, eu vi também. Por exemplo, a, a rebelião, isso aí, é morte que tinha na cadeia. Então tudo isso vai criando trauma na gente, vai até guardando assim... Que eu chego em casa, “Olha Zé, tá tudo... Presos que..., tá..., morreu de uma vez!”. É, depois, depois passou completamente, eu, eu mesmo vi que eu mudei completamente nesse tempo que... Eu ando mais nervoso, ando com medo. Em casa, às vezes assim que tôôô... Não de, de, de, de, a eu, eu tô mais agressivo assim na palavra né? Eu tô muito... Eu mudei um pouco o meu comportamento. Por isso ééé... Faz parte da vida do carcereiro. Cê vê a prisão. Aquele rebelião, máfia assim acaba escondendo é... Isso abala! Então o quê que acontece? Depois de tudo isso que a gente... que aconteceu, na minha vida mudou um pouquinho sim! Que eu venho trabalhar na cadeia, que eu venho jááá... Eu venho trabalhar com o pouco de medo, que eu tenho um pouco de medo. Antes de ter da cadeia eu até, até mais..., eu até normal, mas agora eu já fico meio diferente com os colegas da... (S)”.*

Luíz estava de plantão numa das rebeliões e nos conta o que sentiu...

“A gente ficou abalado né? Tava aqui, aqui a gente fica abalado. Cê veio trabalhar tranqüilo, daqui a pouco cê vê preso com arma batendo em colega, dando tiro né? Poderia até matá um colega aí (S). Então a gente fica

abalado. Ééé a vida acaba sem querer. Acaba até levando..., mesmo que a gente não queira, acaba até levando esses pobremas pra você em casa. Que, que aquilo ali ficou gravado na sua cabeça, não sai mais, eu vivo em casa quase sonhando com isso, isso aí fuça... () (S). O clima tem... (S). Não sai da sua cabeça...". Perguntamos a Luíz se depois da experiência vivida na rebelião houve alguma mudança na sua relação com os prisioneiros...*

"Ah pô... É... Com os presos na realidade pra mim não alterou nada. Eee eu não..., eu não vou te contar inteiro isso aí, nem preso () e nem colega, mas às vezes, sem querer, você aqui com qualquer coisinha cê já..., cê já sai daqui nervoso. Ah, tem dia que também que, que de querer com colega... (*), "É meu peixinho", cara de pau! Em consequência da, do dia-a-dia, cadeia parece calma, mas tem dia aqui... Isso vira sabe? (S). A gente faz coisa pra não abalá. Que eu tô falando pro cê que no dia-a-dia (*) fico em casa, ouço uma música pra vê se distrai um pouco. Porque se você pará, cê vai pra casa ficá... parando... Aí, aí, aí você... Levo na... Cê falá, "Como é que você cai dentro da cadeia pô?", "Mais aquela fuga lá né?". (*) Aí às vezes sua mulher vem falá com você, "Ah! Vai pá...". Entendeu? A só que cansa tá aqui..."*

Retomamos novamente a pergunta anterior...

"A, a experiência que... É que depois dessa daí agora nós tamo com medo. Cada vez mais com medo de ficar na cadeia. É bem verdade que () a próxima oportunidade que aparecer pra mim aí, qualquer outro concurso, eu quero só pra mim sair daqui. Senão uma hora vou acabá ficando louco (*). Ficando louco se tiver mais uma fuga em meu prantão. Aí acaba tudo louco..."*

Pedimos para que explicasse melhor o significa de "acabar ficando louco"...

"Porque muitos esqueceram da família aí entendeu? Quer queira quer não isso aqui é, é um, é um serviço que tem... A gente tem a dificuldade de arrumá um emprego aí fora. É difícil. Às vezes, às vezes você tá aqui, às vezes não é porque você quer, é porque precisa né? Eee ficou de um jeito também... Cuidar da vida de preso não dá mais. Eu vou, eu vou sair daqui. Vontade de sair daqui também. Não dá mais! Que a gente tem família também... Que a gente perder o emprego, esse aqui, vai trabalhar aonde? Não é que não tem capacidade, não tem emprego. Não tem muito emprego você vai trabalhá aonde? Então isso aí vai pondo na cabeça né? E ainda vai responder aí da fuga aí também, tamo sendo chamado aí no fórum (S) (). Então isso aí é o, é o dia-a-dia mesmo que vai tomando conta da gente né? Tem a fuga, a rebelião né? O seu dia-a-dia vai ficando cada vez mais tenso (S)"*

Sr. Rodrigo
(carcereiro)

A entrevista...

P – Como é o dia-a-dia de sua vida pessoal?

“Ahm, a minha vida, vida (), não tem, não tem muito alteração (*). Eu trabalho aqui e na minhas horas de folga eu faço outro serviço. Fora isso eu tô em casa, geralmente à noite, sempre eu tô em casa, é em sítio né? Não tem, não tem uma outra alteração”.*

Retomamos a pergunta inicial...

“É, é, onde eu trabalho, meu outro serviço, eu presto serviço pra uma firma como segurança né? Quando eu não estou, estou fora do meu serviço aqui no Estado, eu estou lá... () (S). Em casa eu sempre tô à noite, eu não tenho... (S). Não tenho nem uma outra alteração assim né? É só isso mesmo, meu, meu ciclo é esse aí...”.*

P – O que é necessário para ser um carcereiro?

“Ah, cê tem que... Eles pedem né? O primeiro grau, estar em dia com a justiça militar né? O que é pedido de praxe né? E você não pode ter nenhum antecedente criminal né? Aí, você presta o concurso. É feito né? As, as fases eliminatórias. Cê passando por todas elas vai fazê a academia. Inicia o trabalho assim...”.

Rodrigo esclarece que a fase eliminatória consta de provas eliminatórias sucessivas, a primeira prova é escrita, a segunda é uma prova oral, e por fim, é realizado um exame médico. A prova escrita consta de exames de português, matemática e conhecimentos gerais, a prova oral consta de entrevista baseada nas atividades ou trabalhos que o candidato já desenvolveu anteriormente. Diz ainda que a formação de carcereiro demora três meses, e completa, *“É, mais teve colega que fez na época, época de eleição, então fica até menos tempo né?”*, e indagado sobre o motivo dessa diminuição do período de formação nessa situação, ele responde, *“É porque era eleição né? Então tinha, tava pra, pra assumir o outro governo, então tinha que acelerar o pessoal. Então... Mas geralmente é três meses”.*

Perguntamos a Rodrigo o que se aprende num curso de formação de carcereiro...

“Ah, são dezessete matéria né? Cê aprende () noções de Direitos Penal né? (*) Tem direito administrativo, aula de tiro, defesa pessoal... (S) (*). Primeiros socorros... (*) (S). Prevenção contra incêndios né? Mais algum... Ao todos são dezessete matérias”.*

Perguntamos se haviam matérias relacionadas ao convício com os presos...

“Eu num, num cheguei a fazer. É, na Polícia Civil, como carcereiro, eu não cheguei a fazer. Agora, na, na... (S). Como agente penitenciário eu cheguei fazer psicologias, psicologia e relações humanas. No caso (), quer dizer, é falar sobre isso né? Sobre relacionamento”.*

Perguntamos o que distinguia o carcereiro policial do agente penitenciário...

Rodrigo responde que não há muita diferença, ou melhor, que são poucas as diferenças. O carcereiro policial é considerado um policial civil, e o agente penitenciário pertence aos quadros da COESP. E completa: *“Então, mas se for carcereiro, se você precisar dele pra outra coisa, você pode... Ele pode ser útil. Porque ele é... Além de ele ser carcereiro ele é policial civil (*). E o agente penitenciário já é o contrário né? Ele já num... Não é policial. Ele já não tem o poder de polícia. Mas já é diferente (*). Muda a área né?”.*

Perguntamos o que era um carcereiro e o que ele havia aprendido nessa profissão...

“O quê que é um carcereiro? (). Ah, a gente aprende é... Aquilo que a gente aprende... (S)(*). Várias matérias né? Só que eu já vim com uma certa base, porque eu já tinha trabalhado né? Com, com outra empresa antes de eu, de eu ser carcereiro (*). Aí então eu já tinha aquela noção né? (S). É, e foi difícil pra mim, realmente foi (*) difícil pra aprender, pra poder ter um... né? Poder pegar alguma... (*). E o começo, porque eu saí de uma firma, uma metalúrgica que não tinha nada a ver com a área de segurança, e fui trabalhar numa cadeia, a maior cadeia da América Latina, na época tava com sete mil presos ali. então, quer dizer, pra mim foi difícil, uma experiência que eu nunca tinha passado entendeu? Tanto é que... (S), quando eu cheguei lá, quando foi o meu primeiro dia de, de trabalho (*), eu confesso que tive até vontade de desistir né? Porque nunca tinha, nunca tinha me deparado em uma situação como esta (*). Em que você chega lá, é diferente daqui com os presos, eles ficam presos, você fica do outro lado, e lá não, lá você fica junto com os presos né? Os presos ficam todos soltos e você fica junto com eles, então, quer dizer, é totalmente diferente né? (*). Você que nunca tinha... né? Tinha nenhum contato, fica difícil. Agora, depois que eu vim pra trabalhar como carcereiro, então aí já... Você já vem com uma certa bagagem (*)”.*

Perguntamos porque deixou de ser metalúrgico e foi trabalhar na polícia...

“É o... É a vontade que eu tinha. Sempre tive vontade de entrar na polícia. E até aí então eu pensei que agente penitenciário era um cargo da polícia. Então, quer dizer, eu prestei, passei, falei, “pôxa, é isso que eu quero, eu vou pra lá”. Só que quando eu cheguei lá, eu vi que não era, não tinha nada a ver com a polícia. Então foi aonde que eu né? Só que como eu

já tinha saído da empresa, quer dizer, aí já não tinha nem como eu..., eu tinha que, queira ou não queira, eu fui obrigado, eu tive que quase que na márra () aprender a trabalhar né? Mas quando que eu prestei depois (*), em seguida, foi pra polícia né? Polícia Civil”.*

Retomamos a pergunta sobre o que significava ser um carcereiro...

“Oh, quando... Sei lá! Vou ser franco pra você, o que ser um carcereiro? Acho que seria você trabalhar, você ajudar aqui uma pessoa que cometeu um crime, ela chegasse numa condição de, de retornar ao convívio da sociedade, isso seria um trabalho para o carcereiro também né? Além do agente penitenciário, seria para o carcereiro também, mas, infelizmente, não é isso, não acontece desse jeito né?. Ah! Nunca você tem...() (S). Não é sempre que você consegue conversar com o preso, ter acesso a ele direto. Que..., geralmente o preso já é uma pessoa fechada, e ele já te vê de outro, de outra forma, ele vê você como polícia, então ele já..., a própria lei da, da malandragem já faz com que ele já não fique mais junto com você (*). Então, porque você é polícia e ele é ladrão, então, quer dizer, fica difícil pra você fazer com que uma pessoa dessa retorne ao convívio da sociedade, retorne assim pra conviver junto com a sociedade. O que é a pessoa? Ele já te vê de outra forma, o preso ele já te vê como polícia (*), ele já não te vê como uma pessoa que tá pra mudar ele (*)”.*

Perguntamos o que era a tal lei da malandragem...

“É que, polícia é polícia e ladrão é ladrão. É, então ele... (S). Lá na..., na lei deles, no caso né? Eu digo a você (), não é, não é permitido que um preso, que um ladrão (*), tenha muito contato com o funcionário, no caso, o policial (S). Tanto é que se (*) o preso, se ele começar a conversar muito com a gente (S), os outros presos acha que ele tá entregando alguma coisa dos demais entendeu? Então, quer dizer, o preso, ele acaba ficando meio longe também da gente, sem muito... (S), conversa”.*

Perguntamos se os carcereiros tinham algum tipo de lei ou código...

“Há, mais é... Há mais não é tanto quanto da parte deles né? () (S). Por que ele sabe que, eles são sujeito até mesmo a morrer né? Eles diz, “Esse pessoal com muita conversa com, com polícia”, então, aí os presos começam a pressionar ele, “Espera aí, o quê que tá acontecendo? Cê tá com muita conversa com polícia”, então, quer dizer, pra eles há né? Há uma, uma pressão muito grande, mas pro nosso lado já não é tanto. Tem alguns colegas que..., ééé, acha que ele, ele é polícia e não deve conversar com preso entendeu? (S). Mas aí já é parte da, da cabeça dele, já ééé, ele já é o pensamento dele é esse (S)”.*

P – Quem é o prisioneiro?

“Pra mim um preso é uma pessoa que cometeu um crime (), infringiu a lei e tá preso. Ele tá restrito da sua liberdade pagando pelo o*

que ele fez (). A pessoa que cometeu um crime tá? Foi restrito dos seus direitos pra poder pagar o que ele fez (*) (S)”.*

Perguntamos como ele percebia a vida diária dos prisioneiros, o que ele imaginava sobre o que os prisioneiros pensavam, sonhavam, sentiam...

“A gente não sabe porque veja bem, o preso, toda vez que cê tá perto dele, o que mais ele comenta é sobre a liberdade dele, então, quer dizer, diz que o sonho dele seria a liberdade (S) né? Porque cê pode conversar com duzentos presos, todos eles vão falar a mesma coisa (), “Pô, eu quero ir embora desse lugar” (*), todos eles vão pedir (*), vão ficar pedindo pra que seja..., pedir a liberdade, então, eu acho que o sonho dele (*), ééé, devia ser a liberdade (ri) (S). De um preso... Agora, quanto à vida dele... Dentro da cadeia é tumultuado, meio complicado viver aqui (*). Ah! Pro cê vê. Tem situação de presos que (*). Viciado por exemplo (*), começa a usar droga dentro da cadeia, começa fazendo dívida, daí é onde que acontece aquelas intrigas, um quer matar o outro. Porque o cara começa usar, começa fazer uma dívida dentro da cadeia, e a família num, não tem condições de bancar ele. Aí o cara começa, começa a usar, começa usar, chega uma, uma hora que o cara tá devendo uma grana bem alta, não tem como pagar. Aí até mesmo (*) às vezes é obrigado a pagar com a vida. Como tem em certas cadeia que... (S). Tem até o... Fiquei sabendo que eles assinam um contrato com a morte – “Que cê vai usar a droga, só que se você não pagar, você já tá ciente que você vai morrer entendeu?”. Tem algumas cadeias que fazem isso (S). Inclusive, quem me disse foi o próprio preso mesmo entendeu? O cara (*) é viciado, usa e não consegue pagar, é onde começa as confusões (*) (S)”.*

Rodrigo era um dos carcereiros de plantão, num domingo em que houve uma fuga em massa de prisioneiros (setenta prisioneiros fugiram correndo quando perceberam uma oportunidade em que todas as portas estavam abertas simultaneamente). Indagamos o que sentiu nessa experiência:

“Ah, pra mim foi um, uma experiência que eu nunca, nunca (), nunca tinha passado. E nunca gostaria de ter passado por aquilo. Mas foi o... Eu sei que foi horrível. O próprio cara colocar a arma na cabeça da gente (*), fez com que a gente deitasse tudo no chão, fomos rendidos né? Fez nós deitar no chão. A só que a minha chateação não é tanto (*) pelo que aconteceu quando entrei ali na situação, a minha chateação é saber que tem pessoas que tá no nosso meio... (*). Porque o preso, ele não saiu lá fora pra pegar arma (*) certo? Ele não tem acesso pra ir buscar arma pra, pra render a cadeia (S). Se tá lá, alguém levou (*) (S)”.*

Pouco tempo depois dessa fuga em massa, houve um grande rebelião na prisão, com grande quebra-quebra, Rodrigo não era plantão nesse dia mas foi chamado de sua folga para vir em auxílio para apaziguar a rebelião, perguntamos a ele como sentiu essa experiência:

“Não, eu não tava de plantão, eu vim só pra auxiliar né? Eu estava de folga, eu vim auxiliar. Ééé, foi, cheguei aí, tavam quebrando já tudo né? Eu só vim mais mesmo em questão de ajudar os colegas que tavam aqui né? Mais pra fazer alguma coisa não dava mais pra ser feito porque já tava quebrando tudo, colocaram fogo em tudo, então não tinha mais o que fazer (S)”.

Perguntamos se o dia-a-dia do seu trabalho produzia reflexos em sua vida pessoal...

“Oh, eu... () (S). Cê sabe que vai passando o tempo, cê começa... Cê chega em casa, cê começa a sentir o peso, que é um negócio que... Cê tá todo o dia naqueles... Sabe? Acostumado com aquela coisa. Se vai acontecendo aqueles negócio... Quer dizer, você chega em casa, então você chega e já arriado né? Cê chega sem... (S), sem estímulo nenhum, porque cê nunca sabe o que se... Com quando chega no serviço cê nunca sabe (*) o que pode estar te esperando no serviço (*). Às vezes você tira o plantão e o plantão vai é muito bom, sem problema nenhum. Mas tem vez que você (*) chega no plantão e acontece... (*) (S)”.*

Perguntamos como era o seu relacionamento diário com os prisioneiros...

“Não! É o que eu tô dizendo pro cê, é bem difícil a gente conversar com preso () abertamente. Porque eles se sente, sente que se conversar com você, ficar cinco minutos, o outro já tá de olho nele, então ele se sente meio... (S), meio preso em poder ficar. Eles não conversa abertamente. São poucos que você à vez consegue conversar com ele, bem pouco (*)”.*

Perguntamos porque existe essa ameaça para o prisioneiro...

“Então... Porque é o seguinte, os outros presos já pensam que ele tá... Vamos supor que um preso esteja fazendo (), planejando uma fuga e o outro preso vem conversar com a gente. Na, na mentalidade dos demais ele deve tá entregando o que os demais quer fazer (S). Essa é a mentalidade deles entendeu? (*) (S). Ele fala, “Pô, aquele ali é o que tá (*), que tá contando tudo o que, o que tá acontecendo aqui. É o que deve tá falando tudo pro funcionário”, entendeu? Então, o preso fica às vezes com medo de, de... (S). Que às vezes ele é ameaçado né? (S) (*)”.*

Sr. Arnaldo
(carcereiro)

P – Como é o dia-a-dia de sua vida pessoal?

“Sinceramente é difícil! () Sinceramente é difícil porque... (*) (S). A gente trabalha aí com, sem condições nenhuma de segurança né? E a segurança daí dentro é a gente mesmo, questão de segurança é a gente mesmo, escolhemos assim o qual (*), qual melhor forma de, de trabalhar né? Que, que tô sem um..., sem o apoio assim de material entendeu? De, de equipamento. A cadeia em ótimas, em ótimas condições cê trabalhá (*) taria fácil né? Isso aí a gente não tem nada, muito pelo contrário, é tudo quebrado, grades tudo cerrada entendeu? (*). Cê trabalha trabalha ainda com cadeado, ainda com correntes entendeu? (*) Ééé, é difícil. E ainda toda a vez que você entra (*) lá na, na cadeia, cê entra na incerteza né? Como você vai encontrar eles lá (*) né? Você põe um cadeado hoje, amanhã já tá cerrado (*) e não tem outro pra repor. Então (*) você fica assim né? O xadrez fica aberto. Você entra lá já sabendo que tem xadrez aberto então cê imagina a sua cabeça. Você tá entrando no lugar onde é pra ladrão caindo. Não tá, quer dizer, você sabe que não tá... ééé? Todo mundo que... Não tem tempo de fugi querendo pegar pra refém e (*) tudo mais. Você, independente disso você tem que entrar, você não pode se negar (*) a fazer o serviço, você tem que entrar entendeu? Como revista na cadeia né? Você tem que fazer uma revista lá dentro pra vê se você acha algum buraco ou (*) alguma arma, alguma coisa, e com os presos tudo solto... (*) (S). Mexê assim? (*). Cê imagina? Eles estão cavando um buraco lá pra, pra fugir (*), você entra na cela aonde tá o buracos cê entendeu? Ele não tem, não vão querer deixar você cobrir. Então fica aquele clima (*) entendeu? Fica aquela tensão (*). É uma coisa que não é pra ser descoberta e ele sabe (*). Você só... (*) (S). Aí fica aquela pressão né? O agentes descobrem e fazem aquela pressão em cima de você né? Não quer deixar você sair entendeu? (*) Querem motinar você. Você tá aí... (*). Por isso que a gente fala que é difícil e arriscado...”*

Perguntamos se esse tipo de situação já havia ocorrido com ele, ou se era um conhecimento por ouvir dizer...

“Não! Já aconteceu já. Como aconteceu... (). E aconteceu de ter..., de ter entrado no xadrez, não, não chegamos a entrar mas já sabia (*) por outros meios né? Que lá dentro do xadrez havia um buraco né? (*). Pessoal, tipo, nessa ocasião, tavam todos trancados. Mas é que nem eu falei pra você (*), ééé, é tão trancados mas quando é pra eles se soltarem é coisa de, de (*) cinco, seis segundos estão todos soltos, mesmo que tiver todos com cadeados (*). Mesmo que tiver com todos com cadeados eles estouram (*) porque ali a..., é grade que tá cerrada, que eles sai pela grade. Pra quebra o cadeado é coisa mais simples do mundo, eles quebra o*

cadeado, quando vai vê a cadeia toda tá solta e você tá ali dentro... () (S). Que não..., nunca... a gente... Cê vindo com todo chaveiro, quando é pra fazê naquele (*), o pessoal do xadrez não deixa você entrar (S). Aí como que você fica? Você tem que entrar pra ver se tá tudo... Cê sabe que tá ali e eles não deixa você entrar. Aí a cadeia começa a fazer aquele barulho todo, então a seção toda né? Fica meio de mãos atadas né? Você com... Se eu, se eu não revisto (*) e o buraco já tá todo feito, eles vão embora, a noite eles vão fugir e eu vou assinar, vou assinar tudo no papel, eu vou ter que responder por essa fuga entendeu? E se eu... Mas se eu de frente com ele entrá pra achar o buraco, também pode acontecê, pode... (*), eles pode me dá uma facada, eu posso morrer. Então você topou assim é melhor você podê corrê... (*) (S). Cê tem ma... Você faz o serviço (*) e é arriscado a morrer, se cê não faz você vai pro papel e cê é penalizado pelo papel... (*). De um lado e do outro você é penalizado... (*) (S). Às vezes cê tem que escolher (*) a melhor forma, ou senão ter um jogo de cintura e vê o que cê pode fazer, se desdobrar...”.*

Perguntamos o que significava desdobrar-se...

“Ah, tipo assim ocêêê... (S). Como aqui, aqui nós tem no nossa, no nossa função é aqui dentro, a função do carcereiro é a carceragem entendeu? Carcereiro tomá conta dos presos aí dentro e tudo né? Então até que o.... Foi colocado nessa cadeia até a muralha. Essa muralha já não é serviço de carcereiro. Mas a gente fica na muralha né? É, e que a muralha é mais serviço de PM né? Porqueee... (). É da PM, quase todas as cadeias é PM que faz as muralhas. Pode vê que no quarto DP (*) que, quem faz a muralha lá é o, o..., é a PM. Ééé... que são PM. E que nem aqui, vamo supor (*), tem equipe, não é o caso da minha, mas tem equipe (*) que tem cinco pessoas (S). Então você tem que dividir essas pessoas na carceragem, na muralha, na portaria (*). Que não pode ficar em lugar nenhum sem... E foi..., como foi o caso dessa semana que... Foi por causa de buraco. Quando chegou na rua ninguém fugiu, graças a Deus. Mais aí tem que ficar, teve que ficar ooo..., um carcereiro lá, um, dois né? Que deixá um lá, também um só numm, não dá. Um, dois lá, só, dia e noite, porque ooo... (*), tinha feito um buraco. O buraco tinha... Não podia deixar descoberto. Daí fica pro... Que você tem que se desdobrar (S). Então você fica penalizando o pessoal né? Porque ele já..., ele já se cansa na muralha, ele deve..., lá ele não pode nem descansar a vista entendeu? Ooo saí de lá pra... Se por um acaso... Isso se for tudo bem, se por um acaso nesse meio tempo acontece alguma coisa lá dentro, um preso esfaqueado, passa mal, e tudo, aí eles tem que deslocá mais um ou dois né? Mais dois pra levar ele prom..., pro hospital pra socorrer. Aí...”.*

Arnaldo comenta as dificuldades relacionadas com o trabalho de vigilância na muralha da prisão...

“Se num, não pode por um cara na muralha e deixá ele lá doze horas direto ou seis horas direto, que não vai adiantar nada, quando passá... (). Que nem, passa de três, quatro horas ele não vai tá*

enxergando mais nada, vai tá tão cansado que não... Quem trabalha à noite na muralha, tá na muralha, a vista que tá tão ruim que às vezes cê, cê começa..., cê olha assim cêêê..., acho que tanta luz, sei lá né? Cê num, num enxerga direito, não consegue enxergar no, no, do lado onde tem a muralha. Enxerga né? Mais tem que firmar bem a vista que é pra, pra você vê né? Ooo... é meio impossível né? Já tá cansado e tudo mais, não é possível trabalhar vinte e quatro horas, também não sou dois... (). Aqui à noite é cruel... (*). Acho muito ruim! Às vezes você vê até vulto... Às vezes, acontece muito pessoal chamá a gente pelo rádio que eu vi um vulto lá. Não sei se eu tô vendo mesmo ou se... né? E vê... Talvez não é nada, às vezes é vulto mesmo, e o cansaço é de, é demais... [...]. Se fosse mais bem equipado (*), com mais um pessoal, seria e bem mais fácil, que é bem mais fácil... Cê pede um apoio de fora, cê pede um apoio do Garra, de, de uma PM, também não tem. O Garra pertence à Civil também né? Lá também é nosso, também não tem muito pessoal, também cê vê um, dois que tá de plantão, aí... A PM a vez é uma burocracia do caramba. Que manda... Quando manda é pra ficar só na porta. Não dá apoio nenhum (*). É uma vez ou outra que a gente se serve da PM (*). Vamo dizê assim como uma, com uma revista né? Porque... Fazê uma escolta (*) assim uma vez ou outra... (*). E assim (*) ficar esperando ééé meia hora, e o cara tá passando mal, e tá esfaqueado, perdendo sangue (*). Cê não pode trazer um cara sem (*), sem escolta né? De repente cê sai sem escolta, com escolta... Sai sem escolta... Quer dizer... eee o ao resgate (*). Se você, cê tá aqui, tem um PS pra fazê. O PS é o hospital né? Passando mal... Aí a cadeia começa a agitar.. Aí você tem que tirar ele de lá senão o pessoal (*) quebra tudo lá. Porque se não socorre... Aí você tira ele... Você tira, você... Aí você fica naquela, se eu não levá não sei se ele tá passando mal mesmo né? Ou então, se eu deixo ele aqui... Cê não acredita, eu deixo ele aqui por segurança. Nossa! Ele morre aqui você assina por... (*). Por outro lado, você pode levá ele e sê aguentado aí no meio da rua aí (*) pelo pessoal que vem ali atrás. É... vem, leva a sua arma (*). Às vezes o PM mata e o caramba pra levar o preso. É que nem eu falo, o serviço de carcereiro tá sempre ali, tá sempre... Não tem pra onde correr. Se ele vai pra um lado é, é perigoso, se ele for pro outro lado é, é perigoso a mesma, o mesmo jeito. Não tem como você falar que não, e eu vou fazer dessa, e essa forma é mais seguro. Não tem como! A forma que você escolheu de fazê é..., tem, tem, tem algum tipo de... (S). Não tem como! (S)".*

Perguntamos a Arnaldo como era a sua relação com os presos nesse contexto que ele descreveu...

"Ah! Aííí, aí... Sei lá! Aí depende muito né? Depende muito de, de, de cada funcionário. Assim, tem funcionário que se dão muito bem, tem funcionário que já não podem nem entrar na cadeia né? Não pode entrar lá porque o ladrão num, num qué de jeito nenhum que ele entrar () (S). E tem outros que se relaciona bem assim né? Relaciona bem (*). Bem mesmo ééé..., chega até quase fazê um, uma amizade. E tem outros que não, ééé o de relacionamento quase profissional, profissional né? Cê vai lá, faz o necessário. Tem que fazer o necessário aqui (*) pra não virá o leite. Num...*

O sistema tem aquela né? Tem aquela, aquela deixadinha, aquela..., aquele negócio mais estranho também. O tipo assim né? (S). Cê nunca, nunca tem um..., como... Sempre tem aquela rivalidade entendeu? Tipo, ladrão é ladrão (), policia é polícia, e cabou! Ééé tipo assim, ladrão é ladrão, polícia é polícia, e cabou! Cabou! É a eu sou polícia né? Que nem eu falo, tem o um ou outro funcionário que, que consegue de manter (*) uma amizade co, com (*), melhor com ele né? Mas também é assim, eu tenho, a sou muito bom, mas a hora que ele (*) precisá pegá alguém pra refém, ele não quer saber, eles vai pegá mesmo e cabou, vai pegá quem for que dá pra ele pegá (S). Sempre tem um o outro lá, tem o... que cê se dá bem na carcerá... Mas sempre tem um ô outro que vai por... Do mesmo é jeito, do mesmo jeito que cê, cê, cê conhece o pessoal aí pela rua (*). Às vezes até alguém da família que você não se dá bem (*). “Pô! Não gosto de fulano”. Lá dentro é mesma coisa. E cê não fez nada pra ele mas ele não vai com você. Aí ele qué te matá é dia que dé né? Um dia que você ficá de refém, ficá na mão dele, que ele pudé (*) tirar as casquinha dele, ele vai tirar mesmo (S)(*). E assim sempre tem né? Sempre tem... Tem preso que chega te ameaça. Ameaça você. Então ameaça, “Hora que você entrar aqui eu vou te matá entendeu?”. Cê tá passando numa muralha, ele te avisa você, “Quando você entrar aqui cê vai morrê. Se prepara... Cê levou... Eu não tenho fiança”. E pior que cê vai fazê... Se você... Se ele começá fazê bobagem com a família (*) assim... (S)(*). Às vezes mesmo né? Você tira ele, nem conversa com ele, cê sumiu! Cê é educado, você é muito educado. Fala com maior educação. Cada vez que eu for na igreja aí... Nossa! Eles te trata... Mais cê virou as costas... Adeus!”.*

Pedimos a Arnaldo que explicasse melhor essas faces do comportamento do prisioneiro...

“É, é todo ladrão é assim, isso é todos eles, não tem nenhum... (). Todos eles é desse jeito. Se vai alguém so.... Se vai alguém sem... Entre nós, porque a gente já está acostumado com o dia a dia, ele já xinga, já maltrata mesmo entendeu? Que ele não quer saber, não sabe fazer uma média com a gente (*). Ele não sabe fazer uma média com a gente porque a gente conhece ele no dia a dia. Quando ele... Pra mim, que eu sei que não é... Então ele também não me faz média. Se tiver que falar eles falam mesmo. Agora vemmm... (*) (S). Vem uma assessora do juiz, um oficial de justiça, o pessoal da igreja vem sempre aí né? Direitos Humanos, pessoal vem aí, vem pra ajudá eles. Nossa! Você fala, você olha, você não acredita que é a mesma pessoa. Cê não acredita que é a mesma pessoa (*). Cê fala... Super educado! Eles falam que quando ele saí daí ele não vai fazê mais isso, que ele se arrependeu, que saí daí não vai para o crime e tal... Que ele não quer mais saber disso (*). Mas ele saindo ali, na hora que o pessoal saiu dali. Se você for falar com ele, no mesmo momento assim, “Ó pô... Ééé, ohhh... A tranca...”. Fizer isso... (*). Como pode ser né? Quer dizer, às vezes o mesmo ladrão que você vê, num dia antes, tá na cadeia (*) batendo grade, espalhando o diabo lá dentro. No outro dia não se vê nada disso. Colado na grade, escutando o pastor ou o padre que vem aí de vez*

em quando de terça feira... Por isso meu, eu acho que até por isso () é que o pessoal de, de Direitos Humanos, da, da, das igrejas, isso tudo. Ééé... em partes tenta até ajudá eles. Porque se convivessem com eles né? Eu acredito se convivessem todos os dias mesmo aí. Talvez vai um ano direto assim. Uma cadeia trabalhando eles. Mudaria, mudaria de opinião. Porque (*) eles é uma coisa... E realmente não é aquilo...”.*

Perguntamos se os prisioneiros não teriam alguma razão para agirem dessa maneira...

“Tem (), tem coisas que realmente ele pode até ter razão. Tipo assim uma provocação. Não é o caso aqui mas uhm... Não vai... Eu acho que eles tem razão de falá (*). Não é porque ele é preso... Eu acho também que a função do preso tem que ser pra ele e cabou entendeu? Ele não tem que ter muito privilégio. Porque se tinha, tinha todo o privilégio pra ficar numa rua. Tava, tava na liberdade (*). Se ele fez alguma coisa que tomou a liberdade dele ele também (*) não pode ser... (*). Mais tem coisa que complica muito mesmo (*). Não tem como controlar. Lugar cheio de gente que não dá nem pra dormir (*). O pessoal fica atacado mesmo (*). Então eu acho que foi uma coisa que, que realmente... (S). É, é de que eles tem razão de reclamá. Eu acho assim (*). O maltratá a visita... (S). Não é o caso daqui também mas muito... (*) Imagine se vem... Eu acho que o maltrato à visita com, quando é feito, é feito (*). Também acho errado! (*) Eu, particularmente acho errado... Ah, fica assim, maltrata, pega mal né? (*) Eu assim... Eu pego (*) esse tipo de coisa né? O que... (*) Tipo assim... Preso é o preso. É o preso. A, a visita não! (*) Não tem... Apesar que tem muita visita que é folgado também né? Acho que assim... A visita não tem culpa de ele tá preso aí dentro. Então a gente trata até o (*) máximo. O máximo até o tratamento de praxe né? (*) Mas eles reclamam muito disso também (*). Eu acho que no mais... (*). Não tem jeito... (*)”.*

Perguntamos como ele interpretava esse comportamento dos prisioneiros...

“Olha uma coisa... Tem uma falsidade muito grande aí. Entre eles é muito grande. E é uma violência terrível! () (S). É uma violência terrível! É uma violência como se fosse você pode pegar o, o pior filme de terror, ou de cade... (*). Imaginá que já foi... (*). Você não vai vê (*) coisa tão horrível quanto é aí dentro. Cê não vai vê mesmo! Lugar nenhum (*). Aí dentro todos eles são irmãos né? (*) Meu irmãozinho aí, o irmãozinho do xis tal... (*), tal... (*). Aí, como se fosse... (*). Ele é mais maninho... (*). Eles parece são unidos. Mas não é! Cada de um... (*) (S). Um, um entrega o outro e já é motivo de, de, de (*), de esquecer tudo e já dá uma facada nele. E cabou entendeu? Um maço de cigarro que o... (*). Tem o comércio que vive aí dentro. Que maço de cigarro... Se eu ficar (*) devendo um maço de cigarro pro outro (*). Já era! Ou ele vai pro seguro ou (*) já vai ter que sair na faca com o cara. Você tá devendo pra ele (*) por causa de um maço de cigarro (*). Por aí você já vai vendo como são essas pessoas né? Como a pessoa pode querer, querer liberdade e tal? Se*

na cadeia você pode matar outro? Fazê uma... (). E é cata mesmo! Matam mesmo!”.*

Perguntamos como o ambiente da prisão transforma o comportamento dos prisioneiros...

“(S) É a própria convivência com a violência. O preso tem que entrar no ritmo da cadeia”.

Perguntamos o que era esse ritmo da cadeia...

“É num, num tem uma forma específica assim. Mas tipo assim... Ele tá aí dentro ele tem que se virar. Então ele se vira como? Ele vai tê que se virar () por um maço de cigarro. Isso aqui... Então daí é que a vem a malandragem. Então daí que vem a malandragem. Ele tem que, ele tem que arrumar uma forma (*) de ele, de ele ganhá, ganhá esse cigarro entendeu? (*) Ganhá esse cigarro pra ele tê alguma coisa pra poder passar esse cigarro sem ficá devendo pra ninguém entendeu? Toma muito cuidado (*) com o que faz. Que aí dentro muita coisa que você faz... Imediatamente... Pronto! Já é motivo de... né? Já é motivo (*) da arma no seu xadrez. Então, se você convive com (*) muita malandragem né? (*) Muita, muita malandragem. Não tem, não tem bondade nenhuma. Vamo dizer assim... Não tem bondade nenhuma. Tudo aí dentro é na base da malandragem (*), na base de, do mais forte entendeu? De quem pode mais! (*) Eu acho que isso aí (*) acaba levando o cara né? (*) Então muda a cabeça da pessoa (*)”.*

Pedimos a Arnaldo que nos esclarecesse sobre essa lei do mais forte...

“É porque... Sei lá, todo lugar deve ser assim né? Os que pode mais, quem pode mais sofre menos aí dentro”.

Perguntamos se a instituição poderia fazer alguma coisa para evitar essa lei do mais forte...

“Eu acredito que não. Eu acredito o que faz lá... Tem gente até tenta fazê o, o mais pra merecer. Lá no fim joga o... E se morre um preso aí dentro ninguém sabe quem matou (). Com quatrocentos ladrão, quem vai responder o pessoal do...? Vai ter que explicar por quê que ele morreu (*), o quê que aconteceu (*). Não tem como a gente controlar. Quem tem mais dinheiro (*) manda mais na cadeia (*). É a pessoa que mais corre né? (*) Ele vai mesmo (*) fazê as coisas muito melhor, trocar uma coisa (*) de outro e tal (*) mas aqui tá melhor..”.*

Perguntamos o que se troca na cadeia...

“Aí se troca de tudo. () Roupas por cigarro, walkman por cigarro, uma peça de roupa por outra. Entendeu? Televisão por tantos maços de cigarro (*). Aqui tudo se compra. Tudo! Cê tem um tênis por uma roupa, um tênis pela televisãozinha, um tênis por um rádio, um relógio por outro. Pegou um maço de cigarro de fulano? (*) O fulano tem um relógio? Que tipo é esse relógio? Dá, pega o maço que troca pra outro cara, e assim vai girando o comércio entre eles (*) (S)”.*

P - Quem é o prisioneiro?

“Pra mim, um preso... (S)() É o assim... (*). Oh, o que eu sinto que tem preso (*) assim... É uma pessoa que não soube aproveitá a sua liberdade (*) (S). É uma pessoa que não sabe nenhuma... Pessoa que... Independente, sendo fora desse, que tem um ou outro que realmente vem pra cadeia inocente. É raro (*) mas acontece. Mas você não tem como distinguir. A gente, quando vem pra nós, é ladrão. Tem que tratar todo mundo com malícia entendeu? Porque a gente não tava acompanhando desde início (*). Porque pra mim ooo... Pra mim é uma pessoa que não deu valor pra liberdade (*) (S). Como se... É como eu, sempre trabalhei, eu sou novo né? Eu tenho vinte e quatro anos. Mas sempre trabalhei. Trabalhei desde pequeno. Então eu acho assim... (S). Por mais difícil que a pessoa... Tem pessoas passa por mais difícil... Que às vezes a pessoa tem... (*) Talvez encontra pessoas por aí... E quanto... quase miséria mas trabalhando (*). Trabalhando, passam miséria mais nenhum dia (*) vai, vai... Vai trabalhá. Ele vai tentá. Vai trabalhar. Então, quer dizer, se a pessoa não tem, pra não tirar... (*). Às vezes condição até melhora (*). Ele vai roubá, ele vai assaltá (*), ele vai matá uma pessoa entendeu? É por isso que eu falei pra você no começo. Ele, ele fez isso... À partir do momento que ele fez... (*) É como se eles tivessem negado isso pra ele mesmo. Ele mesmo se vicia da liberdade (*) que eles tem. Eles tem possibilidade de fazer (*) o que ele quiser. Pô! Entendeu? Não precisa fazer nada melhor? Ele faz, ele vem pra cá... Eu acho que uma pessoa que abdicou da liberdade dele... (*) (S). Então por isso eu, eu acho que preso é isso, é uma pessoa que né? (S). Ele não dá tanto valor pra liberdade dele (S). Que eles falam muito, “Não, eu tô mais preso na liberdade”. Liberdade que dá... Mas a outra diz que não dá valor a isso (*). Que eles, eles te, ele mesmo procuram entrar... (*). Que ninguém faz nada sabendo que, “Ah, eu vou assaltá!” (*) Assaltou? Tudo mundo sabia... (*). Então ele abdicou da liberdade dele (*). Eu acho assim entendeu? (S)(*). Que tanto que teve um senhor aqui, fica preso uns cinco, seis anos. Sai. Quando é duas, três semana (*). Volta (*). Às vezes não volta (*) mas tá sabendo, tem consciência. Mais tá (*) fazendo a mesma coisa (*). Tá roubando, tá matando... (S). Olha, vou te contá, a grande maioria sai e continua seguindo... (*) (S). Pelo menos até hoje, que eu tive conhecendo aí, a maioria saiu e tá na mesma vida (*). E é um ou outro que, que arruma serviço, vai trabalhá. Mas a maioria aí às vezes acontece de voltar (*). Você vê, vê ele de novo né? “Pô! Você voltou de novo?” (*), “Pô, não arrumo (*) serviço entendeu? Não arrumo serviço. A (*) vida tá difícil, tem filho pra criar, e tal...” (*). Tem um mês e a maioria que tá aí, se eles*

puderem, morre por isso () entendeu? (*) Eu acho assim, eu acho assim... (S).*

P – O que é necessário para ser um carcereiro?

“Tem que fazê o concurso, o tem que tê o primeiro grau né? Tem que tê primeiro grau (). Se você for... Que tem a prova, a prova não é tão difícil (*) Tem caso que tem que fazê uma prova escrita e uma prova oral. Não é tão difícil mas é concorrido (*). Com desemprego e tal (*) muita gente acaba fazendo. Acaba fazendo a prova né? Então você passando nas prova você tem uma academia. Cê faz academia de polícia. Faz mesmo acho que é um três meses. Onde se aprende o básico. O básico do começo. Tipo assim... O que é uma cela? (*) O que é um preso entendeu? Alguns direitos dos presos. Então como se trabalha né? Alguma outra manha né? Como manusear uma arma. Tipo assim... Em certas ocasiões cê tem que trabalhar armado... (S). Mais é o básico mesmo. O mais o serviço mesmo. O essencial mesmo que você tem que sabê você só aprende depois que você começa a trabalhar (*) (S). Só depois que você começa trabalhar é que cê vai poder aprender mesmo. Porque lá você não aprende nada (*). Aqui você vai aprender. Aqui né? Você trabalhando aqui, vendo como é que é uma cadeia mesmo, dentro da cadeia. Vendo, passando pela situações (*) entendeu? (*) Preso tentando te voar... Cê tem que trabalhar nisso. Jogo de cintura (*). Que um carcereiro... Ooo a maior vantagem que ele tem (*) era o jogo de cintura que ele tem que tê. Ele tem que tê o jogo de cintura (*) pra conversar com o ladrão. Não dá tudo o que ele quer entendeu? Não dá tudo o que ele quer e ao mesmo tempo não deixar que ele (*) fique com raiva de você. Porque você não tá vendo aqui, você tem que inventá um..., falá assim, “Ó, agora não dá e tal”, né? “Mas vamo vê”, e é sempre assim (*). Se ele pede cinco, cê tem que dá dois, um, entendeu? Lá num... (*). Também não pode, eu quero cinco, cê dá cinco pra ele. Aí cê tá ferrado. Ferrado! (*) Cê tem que manter o seu respeito também (*). Ele tem que te respeitar (*). Se ele não te respeitar ele pelo menos... (*). Ele tem que ter respeito ou tem que ter medo de você (*). Medo de você senão não trabalha. Senão você não consegue trabalhar. Cê não consegue dele mais nada. Se não tiver nem respeito (*), ou, se ele não tiver respeito (*), não tiver medo de você (*), cê não vai conseguir trabalhar. Cê não vai conseguir trancar ele, cê não vai conseguir conversar com ele, cê não vai conseguir fazer mais nada. Então, você vai entrar na cadeia ele vai te xingar, cê vai mandar ele ir pra cela na hora que tem que ir e ele não vai. Aí cê trabalhar é assim... (*) (S)”.*

Pedimos a Arnaldo que nos dissesse o que ensinam na academia de polícia com respeito a quem é o prisioneiro...

“É, então, e, e, eles mostram o que deveria ser o preso né? Uma pessoa que fosse () recolhida pra ser reeducada e, e retornar à sociedade. Mas eles também já alertam as gente que não é bem assim que acontece né? Que a gente não vai tratá com pessoas que vai (*) ouvir tudo o que a gente fala, que, que não tá na mínima intenção também de, de, de,*

de se reeducar coisa nenhuma entendeu? Que aquela pessoa que vai respeitar você, você vai conseguir direito. Não vai, você vai se deparar lá com a pessoa que quando você entrar vai te xingar, vai querer matar você, vai querer te enfiar a faca () cê entendeu? Eee ele... É passado tudo isso pra gente pra mim não chegá aqui com uma cabeça totalmente... A pessoa que tá lá vai te esperar na hora de sair... (*). Vai deparar com a pessoa que só te dá problema... Só vai te... Só pensando o mal (*), só vai querer te prejudicar (*). E pode, e vai te prejudicar também, em bom dizer assim, juridicamente. Porque (*) se ele foge por uma muralha, a pessoa que tá na muralha vai responder, se ele foge pela, pelo xadrez (*), você vai responder porque passou uma revista. E às vezes você nem tem condições de fazer essa revista (*). Mas se fugir você vai, vai responder (*). Toda a forma que ele fugir (*) você vai ter que (*), que responder. É caso de, de policial até ser (*) mandado embora da instituição por causa de fuga (*). Que às vezes nem é culpa da pessoa (*), às vezes a gente não tem nem o preparo tão bom (S)(*) pra se deparar com essa situação (*). Como não é novidade a situação carcerada de hoje, tá um caos. Cê vê, o ontem a gente teve, tivemos quatro rebelião em São Paulo num dia só (*). Quatro rebeliões. É um absurdo! (*) Então carcereiro sair hoje e se depara com uma situação desse, é lógico, é lógico que vai acontecer alguma coisa com ele (*). E é lógico que vai ter uma (*) fuga. Vai tê uma... (*). A alguma coisa vai tê. (*). Uma morte pra com um deles ou alguma coisa parecida. E não é porque foi maldade dele, por displicência entendeu? (*) Às vezes por pura falta de experiência né? Com aquele período que ele tá, se não houve ainda, é um período que já, que ele já se tá se deparando com ladrão velho (*), de carreira já, cara que já tirou tempo, já tá pra transferir entendeu? (*) Aí é aonde acontece (*). Eu falei é um pouco de falta de experiência né? Mas aí cê não tem (*), não tem perdão. Você vai ter que responder. Se for culpado é culpado e cabou! (*) (S)”.*

P – Retomamos a pergunta sobre como é o dia-a-dia de sua vida pessoal:

“A se... Como a vida... Eu tenho uma vida boa. Eu tenho como carcereiro tipo assim... Deixa eu... Tem que deixar o serviço aqui. Você saí daqui e continuá com cadeia, e polícia e ladrão, aí você acaba fazendo besteira lá. Você acaba não convivendo bem né? Esperá... Cê chega na rua você, você... A aqui é, é de clima pesado mesmo né? Você vem entrar cê tá, tá bem, você entra lá dentro já vai escutá o quê que o ladrão já te falou (). Já te falou a primeira ofensa você já não pode falar nada pra ele, que cê falá pode complicar mais (*). Então você acaba engolindo aquela raiva (*), sempre cê fica atacado aqui dentro. Às vezes tem dia que você fala assim, você fica uma pilha de nervos (*). Você saí daqui, for pra sua casa, se... (*) pode descontar isso em irmão, mãe, pai. Então você num, não vai poder conviver com... Então você pra vivê bem, eu saio daqui (*), eu vou passear, eu vou vê é uma vida normal, como se fosse... Claro, a acontece situações... Policial, carcereiro ele é um policial civil (*), você sai daqui cê desempenha o seu papel de policial quando é necessário (*), mais, logicamente você deixa tudo aqui (*), você deixa se for necessário. É claro*

você..., você não tem... (*). Deixa aqui, convive normal com sua família, não são todos que consegue mas é todo mundo que age assim (*). Mas acredito que a grande maioria consegue viver, pelo menos o pessoal que... (*) da minha época (*), que entrou comigo, a maioria consegue. Eu tenho uma vida muito bem graças a Deus né? Eu vivo com a minha família aí... (*). E tenho namorada, e tudo normal, e vivo com eles. A vida, enquanto eu viver sendo carcereiro... (*). O pessoal fala por mim, cê caba dando mais valor ainda. Que cê tem... (S). Cê acaba dando mais valor pra sua namorada entendeu? A sua liberdade quando tá lá fora, porque você vai mais de fora (*). Talvez (*), por mais que passe em televisão, rádio, as coisas (*), você fala, pô, no Natal, o tanto de refém, o preso morreu e tal. Cê vê na prisão aqui, cê vê aqui no momento, cê pára, cê fala, "Nossa! Mas (*) que barbaridade!". Então já passou, passou essa reportagem entre outra. Assiste uma novela você esquece... Nosso caso não, nós sai lá, sai da dessa vida né? Dessa vida de normal e vem pra cá. A gente convive o dia a dia com aquilo que a pessoa vê numa televisão só um momento (*). A gente vive com essa... (*). Então cê acaba dando mais valor em que cê... Fala assim, "Putá merda. Que lugar horrível. Se eu tiver aqui meu Deus do céu né?". Porque se você vê as coisas que acontece aí dentro, cê vê morte (*), você vê malandragem, você vê a sua família... Ééé constrangedor a, a família quando vem visitar o preso né? Pessoal tem que ser revistada, a comida que você faz é revistada, tudo é revistado. E é constrangedor porque você acaba dando mais valor ao que você tem lá fora. É totalmente diferente que tem aqui dentro (*) (S). Cê dá mais valor à sua família. Só que minha família... Mais o negócio é feio (*). Cê vê mãe que vem aí, lá do, do, do... (*) (S). Mesmo então os filhos daqui de Santo André, vai pra Mirandópolis, no Estado de Mato Grosso. Tá com a família (*) cê dá mais valor (*), principalmente pra sua família, pra sua família. É fogo é mãe, pai, é, realmente é, e tem valor né? (*) E você fica dando mais valor porque ele..., se viu o outro lá como que ele tá, e lá de lá (*). E lá fora tá ruim? Imagine ficá aqui dentro? E vou... E tem aí... (*). E eles mesmo que faz, já me disseram que ele mesmo faz. Por mais que eles falam que não, que não, que não. Mas o porque não é vantagem nenhuma pra nós (*) perturbar a vida deles entendeu? A perturbação não é pra eles, é pra nós mesmo (*). Fazê uma rebelião ooo... problema é nosso né? Porque quem vai ficar é a gente. Quem vai responder isso é a gente entendeu? Então o que... Não se pode fazer isso com eles. Ninguém vai desfilar um preso lá. Tipo assim... Eu tô aqui conversando com você, cê vai embora, eu vou descer, eu vou lá, eu escolho o ladrão, eu tiro com ele na triagem, e vou batê nele, vou arriá o pau nele. Não! Isso não é feito! Isso não é feito! Com mais Direitos Humanos e tal... Ééé... sei lá. Na, no que fazem isso né? Aposto se continuá... Isso não acontece, isso não acontece (*). E é assim não pode também (*). Porque eu vou tirar um ladrão lá eu vou bater nele sem motivo algum? (*) Sem me dar um motivo nenhum o que vai acontecer? Isso é como eu falei (*) né? Então eu nunca consigo trabalho mais lá dentro. Eu não vou mais conseguir mais trabalhar lá dentro porque ele vai contar pra outro, pra outro, pra outro, pra outro, pra outro... Então quando eu entrar lá dentro, eu tô correndo risco de vida. Eu já senti quanto teve cadeado... Eu entrar lá dentro de novo? Eu já perdi tudo pra

não pegá... (). Então, quer dizer, não tem, não tem a paz nenhuma. Ninguém faz isso porque é aí eu não vou conseguir trabalhar lá. Aí é o diretor é que vai ficar sabendo (*). Não trabalhar mais aqui. Então toma mais cuidado pra transferir você, porque aí nem sabe aonde vai entendeu? (*). Nem sabe pra aonde vai... Então, quer dizer, não é vantagem nenhuma cê fazê isso... Qualquer transforma a cadeia, o presídio... E no, no, nessa malandragem, essa maldade que é... Aqui mesmo não é gente que... (*). Então aqui tá cheio, vai saber... Tá cheio e tal, tudo bem... Mas eu sei lá... Eu acho, eu não acho certo um, uma cadeia, superlotada (*). Mas antes uma cadeia superlotada entendeu? Então cadeia lotada é com... É eles mesmo se esfaqueando, se matando, fazendo rebelião, pegando os carcereiros (*) como refém... (S). Pega visita mesmo como refém quando tem dia de visita aí. Já aconteceu umas três vezes. Deixa a família lá sem saí. Tá certo, não maltrata nem nada, fica um ou dois dias lá. Pôxa né? (*) A o que eles querem né? (*) Eles não tem respeito com nada, ele é um tipo de pessoa que não tem respeito nenhum (*), é um ou outro que tem...”.*

Pedimos a Arnaldo que nos falasse um pouco mais sobre a atividade de revista das visitas...

“A, eu acho que não... A própria revista né? O, o, o único interesse seria... () Fora isso não tem... Fora isso... Porque a revista (*) é uma coisa necessária, que infelizmente (*) tem, tem visitas com... Não é a maioria, claro, não é! Mas tem visitas que também é maldosa como o próprio preso (*). Põe no meio da comida..., coloca uma arma no meio da comida, ela coloca uma droga... Às vezes até criança... Às vezes uma criança... Já aconteceu, foi encontrado droga, um pedaço de ferro (*). Então é uma coisa que infelizmente tem que ser feito, tem que ser feito... (S). Por mais a gente não acha... Ele tem que ser feito. Então muita coisa em visita tem que ser feito também né? Tem que ser feito também pra não poder entrar nada. Sem exigir pode entrar mesmo, uma chave de de algema, até uma arma pode entrar. (*) (S). Então é a única, única coisa que a gente vai ver (*) viu? Mas há... (*)”.*

Parte - III

Entrevista Com Assistente do Curso de Formação de Carcereiros

Sr. Paulo

(Assistente da Secretaria de Cursos de Formação das Carreiras da Polícia Civil)

P – O que é necessário para ser um carcereiro?

“Olha... (S). Me parece que 1º grau completo”.

“1º grau completo... (S) Tá, e::... depois é feito um exame escrito, depois do exame escrito (), um exame oral tá? (*)”.*

Perguntamos o que esses exames avaliavam...

“Avaliam o conhecimento do aluno... Conhecimentos gerais... Aí no, no exame escrito você tem provas de português, prova de matemática... é::... noções de, de, noções básicas, muito elementares, de, de, de Direitos também (). De, de..., e, e ele vai tratá com o Direito porque ele vai tê que saber, ele vai tê que saber interpretar o::... uma, um desrespeito, nós chamamos que é a folha, a folha corrida do preso, ele vai tê que::... (*).. saber elaborar... uma ficha de um preso dentro da, da, da cadeia (*), vai ter que constar por quê que ele tá preso? Qua, quais as decisões... (*) do código penal que ele infringiu...”.*

[...]

“Medida pro carcereiro, ele vai ter que que... saber se vai ter que interpretar uma vara de soltura () (S). Ele, ele eventualmente receber na, na, na carceragem... Então há uma, um relacionamento (*) também com direito, é obvio que não vai exigido ao carcereiro um::... (*), um curso de Direito, mas pelo menos algumas noções básicas (*), se ele não tiver, no curso de formação ele vai aprender... (S) (*). Tá, nós temos um curso de formação depois de aprovado no concurso. Esse curso é de aproximadamente 3 a 4 anos de duração... (tossi) Perdão! (*) (S). Aonde ele é::... avaliado nas provas de, de armamento, de tiro, de defesa pessoal, condicionamento físico, com noções de Direito, direito da cidadania, organização policial que é que trata da, da estrutura da polícia civil (*) (S). O palestra sobre entorpecente... e palestra sobre (*) lei de execução penal, enfim, toda uma gama de, de, de matéria que me parece que eu já passei pra você a, a...”.*

[...]

“...Aquela apostila né? (S) Em que o carcereiro é avaliado em todas essas matérias... Os professores da, da academia... () normalmente são policiais... tá, já com larga experiência na... em cada área específica né? Os carcereiros tem inclusive noção de aulas de investigação policial...”*

(*). Os professores são (*) concursados..., também se submetem a um concurso de provas de títulos então no, no... (*)”.

Pedimos que nos esclarecesse algo mais a respeito da formação dos professores...

“Para professor da academia, dependendo vamo, vamo uma, uma hipótese tá? É:... digamos que seja aberto o concurso pra professor de investigação policial, (*) não há necessidade ser apenas policial pra se inscrever nesse concurso, pode ser funcionário público da administração direta (*), tanto pode ser um oficial de justiça, ele pode ser funcionário da Secretaria da Saúde (*) tá? (*) Ele vem e faz a inscrição, é solicitado a ele um trabalho que a banca examinadora dá o, o tema desse trabalho, trabalho é escrito normalmente, e de mínimo de 20 (*), 20 páginas, bem um trabalho de, de profundidade que requer muita pesquisa. Após a, a, o exame desse trabalho, o candidato é submetido a uma aula prova. Então ele vai dá uma aula daquela matéria pra (*) banca examinadora tá? Aonde vai ser avaliado realmente o comportamento desse candidato como professor, a postura dele, a, a dicção, a maneira de, de... se ele(*) realmente sabe a matéria né? (S). Então (*) no, no, não existe aqui na::..., na academia professor contratado, não, todos que aqui estão são submetidos a um concurso também de prova de títulos (*) (S). São professores que em cada área específica uma larga experiência (*) tá? Nós temos aí professores de, de, pra, pra carreira de, de... (*) papiloscopista policial que é que tira impressões (*) digitais né? É então o professor com (*) larga experiência (*), com 35 anos às vezes, até com 40 anos de serviço (*). Então são pessoas (*) que realmente tem conhecimento. E nós procuramos hoje a, a, a implantar na academia, em todas as carreiras, não só em carreiras de delegado ou de, de... médico legista, mais também de, de vamos pegar de delegado de polícia até auxiliar de necrópica tá? Em todas essas carreiras nós estamos procurando implantar uma, uma política de mais de humanização do policial tá? Pra você ter uma idéia, hoje, os delegados que aqui estão cursando a, a... Fazendo o curso de formação. Hoje eles tem aulas de Ikebana e aula de Tai-chin... Entendeu? Quer dizer, é pra, pra mostrar ao policial, policial não é só aquele que sai daqui, como dizem na gíria, cacete e bala entendeu? Não! Hoje nós temos é:... (*) tentando mostrar também o::... lado u::... mais, mais ameno do policial né? Então nós temos... O novo diretor aí, o dr. Tabajara, ele instituiu essas aulas de, de Ikebana e de Tai-chin (*). Foram bem recebidas pelos alunos, os alunos gostam que realmente eu tenho oportunidade de observar é:... (*) realmente interessante né? (S). Houve certa resistência em princípio por parte da::..., da imprensa entendeu? Mas depois...”.

Indagamos sobre essa resistência da imprensa...

“É, é a imprensa é... tem o, alguns setores da imprensa que acha que... (S). Tem aquela história que policial é cacete e bala né? Então::... é::... imagina? Vê se pode? Esse policial (*) mexendo em flores? É certas coisas todas... Mas depois já essa resistência já..., já afrouxou um

pouco, então parece que já tá, já tá caindo () na rotina, pra não precisá se acostumando com a idéia entendeu? (ri)(S). Mas é::... difícil, é uma, uma política de, de... (S). E hoje que nós estamos procurando implantar na polícia pra tornar a polícia mais, mais próxima da comunidade entendeu? É, o policiamento comunitário hoje é::..., é essencial (S). Eu digo a você que ele é::..., ele é primordial em qualquer cidade do mundo. Hoje a polícia tem que tá próxima da comunidade, ela não pode se afastar, pelo contrário, ela tem que tá próxima (*), que estando próxima ela, ela consegue dá um pouco (*) mais de segurança pra população né? (S)”.*

* * * * *

Perguntamos se havia algum tipo de assistência psicológica dada aos carcereiros:

“É esse, esses policiais, principalmente os carcereiros que, que, que ficam como reféns de rebelião de cadeia também tem um acompanhamento psicológico, nós temos aqui na academia já um quadro de psicólogas... e::... as clínicas montadas pra fazer todo esse tipo de acompanhamento dessas pessoas”.

Perguntamos como é solicitada essa assistência...

“O titular da, da, da unidade desse policial deve fazer um comunicado () ao superior imediato dele, pra que esse superior faça a comunicação à academia e aí seja marcado então os dias que, que terá que comparecer aqui pra (*) esse acompanhamento psicológico... Isso aí é::... se ainda não é do conhecimento de todos os policiais, sei lá, ele pode até aproveitar a oportunidade pra..., pra deixar claro de que todos os policiais podem ter acesso a, a, acesso a é a esse tipo de acompanhamento... (*)”.*

Perguntamos se o pedido de auxílio psicológico por parte do carcereiro não o torna estigmatizado junto aos colegas...

“Acredito que não. Eu acho que não. Eu acho que, que se chegar a esse ponto é... (ri) que aí é a falência total né? (fala rindo). Eu tenho a impressão que não entendeu? É::... (S). O::... policial... Eu falo sempre de polícia civil que a (), que é a minha polícia, eu não, não saberia dizer a você como funciona na polícia militar, até seria leviano se eu tecesse algum comentário a respeito, mas eu falo sempre de polícia civil, o, o, o, o policial, ele, ele é submetido, o polícia civil ele é submetido a uma carga psicológica muito grande tá? E o policial militar também, especialmente porque é ele que está na rua, que é o que cuidam é de..., é o ostensivo, polícia muito ostensiva. A carga psicológica que esses policiais são submetidos é muito grande (*). Então ele tem que ter um acompanhamento psicológico, e se ele ficar estigmatizado com isso (*), é::... aí é..., eu não acho que num..., no, num tem, no, no não dá, é um::... (*). O correto seria afastá esse policial de qualquer atividade durante o período de acompanhamento psicológico, mas a, a escassez de recurso*

humano não permite isso. Então () o:::..., o que é a orientação que é dada é que esse policial (*) mas não seja mais colocado em funções de de... que ele possa (*) tem uma carga é:::... psicológica grande tá? Mas que essa... seja colocado (*) em funções burocráticas... Isso exatamente ele vai (*) levar papel, trazer, organizar fichário, alguma coisa, sei lá. Se é, se é num distrito policial (*), ele saí da carceragem e vai na, na trabalhar na, na junto com o titular lá na organização de papéis, alguma coisa, serviço extremamente burocrático. Só que ele no, no (*) durante o acompanhamento psicológico ele não pode estar exercendo uma função que o obrigue a ter uma, uma, uma carga psicológica grande, aí ele deve ser afastado né? O ideal seria afastá-lo por completo de qualquer atividade mas como nós num, não temos como suprir às vezes a necessidade desse recursos humanos (*), ele é colocado em funções burocráticas, puramente burocráticas, e, e fazer esse acompanhamento psicológico”.*

* * * * *

Perguntamos se ele considerava que as prisões ressocializavam os prisioneiros...

“E esse, esse fato de falar que, que a:::.... é:::... preciso:::... ressocializar... o preso, a, a cadeia não ressocializa ninguém (s). Eu não tenho conhecimento de lugar nenhum do mundo que de uma pessoa foi presa e saiu totalmente ressocializada... (). É preciso definir o motivo da prisão, o motivo da condenação, se ele foi condenado por um crime hediondo ele tem que cumprir em regime fechado, estabelecimento próprio, agora, se ele cometeu um furto simples por, por qualquer um desvio que não le... ele não é um um, um, um ladrão é contumáz, simplesmente por um motivo ou por outro que cometeu um pequeno furto pra vez..., ele jamais poderá cumprir pena junto com esse que cometeu um crime hediondo. Mais isso não acaba ocorrendo por falta de estabelecimento especializados tá? (s). Então é aqui você é:::... acaba misturando todo mundo (*). Então o sujeito que entrou na cadeia por um furto simples, ele sai de lá em expert em bandidagem (S). Então não poderia haver... Tem que haver uma dis... Uma, uma separação desses presos. O, o na minha opinião, os que cometem (*) crimes hediondos jamais poderiam ter benefícios (S). Esses tem que cumprir a prisão perpétua. Eu sou contrário à pena de morte, eu acho pena de morte num, num..., num, num resolve, a que se resolvesse país aí que tem pena de morte não teria criminalidade (*), mas não é o caso. Eu acho que pelo menos a prisão perpétua... pra ir pra... estrupo..., a latrocínio, tráfico de entorpecentes. Eu acho que isso é o que tá matando a, a, a nossa população jovem de hoje... É o tráfico de entorpecentes. Então esse, esse traficante, é esse que é condenado a prisão perpétua (*) sem nenhum tipo de benefício (*). Que eu até brincar que, que... esses bandidos, eles tem que ter medo na cadeia e não saudades (s)(*). E o que é:::... a o coisa mais fácil (*) que tem hoje é ser preso aqui no Brasil (s). É a coisa mais fácil que tem é:::... (*) o preso tem direito a isso, tem direito aquilo, tem direito a:::... Eu acho que ele não tem direito. Ele é preso (s). Essa (*) é a minha opinião particular, ele é preso ele não tem que ter direito. Direitos temos*

que ter nós que estamos aqui fora trabalhando e pagando nossos impostos. E portanto nós temos que ter () alguma coisa em próprio Estado né? (fala rindo). Agora...”.*

Pontuamos que dessa forma parecia que a questão da prisão deveria ser encarada como uma suspensão de direitos...

“Eu acho que sim! Eu acho que sim. Pra de ser..., pra, pra esses chamados crimes hediondos tá? Esses crimes que, que é::... vamos dizer assim, é como, como os que não tem perdão, esses crimes né? () Imperdoáveis. Que na verdade são imperdoáveis. O latrocínio é uma coisa bárbara, você matá pra roubar é uma coisa::... é::... é feito animal (*) (s). Acho que nem animal faz isso tá? (*) Hoje eu encaro a::... o::... encarcerado por exemplo, como uma pessoa que necessita de uma assistência né? Não é porque ele tá preso (*) é que ele vai ser... é esquecido tá? (s). No, no, não vejo dessa forma, ele tem que ter uma, uma assistência (*), ele não vai sair de lá (*) ressocializado tá? (s). Eu, eu acredito que ele não saia mais... Vamo tentá::... a minorar um pouquinho esses motivos pelo o qual eles, ele se tornou (*) um bandido. Por quê as pessoas se tornam bandidos? Por quê que as pessoas se tornam um criminoso? Por quê elas se tornam um ladrão? (s). Então são, são causas sociais como dizem? Às vezes até seja (*), não sei! (s). Ah! Mais se::..., seria que só dá o... melhorá a, a, a condições sociais pra que não haja mais bandido meu Deus do céu? (s). Eu acho que se fosse assim o::... Se a causa social fosse o motivo pra que eles levasse, levasse as pessoas a cometerem crime, o Brasil hoje seria um antro de criminosos (s). E o que se em de gente aí com problemas sociais hoje é uma coisa impressionante, e nem todos são bandidos, nem todos se tornam bandidos certo? (S) Então essas pessoas continuam... (*). É algumas é a que ainda tem trabalho, continuam trabalhando, as que não tem, procuram fazer um bico daqui, um bico dali, procura se virar. As que nem isso fazem se tornam indigente mas não bandidos. Cê viu? Nós temos um contingente de, de indigentes em São Paulo hoje que é uma coisa fantástica, qualquer rua que você passe hoje tem pelo menos duas pessoas aí. Essas pessoas desmanteadas, imundas, praticamente sem roupas. E se tornam indigentes mas não se tornam bandidos (s). Então o que leva uma pessoa (*) a ser bandido? Eu não saberia te dizer. Ah! Mais tem a teoria do César Lombroso. Mas esse negócio tá, tá ultrapassado a mais de cem anos (s).*

Teoria Lombroso ela é::... (), é negócio absurdo. Aquela que, que ele retratava o perfil do bandido pela, pelas características físicas das pessoas... É::... pelo vestir da pessoa, e negócio do... Ele tá fora do comum, ele... (fala rindo). Acho que não é não é por aí. Não é... Não é o César... o César Lombroso que tinha razão com essa teoria. Agora, o que leva uma pessoa a ser bandido? (*) (s). Você tem... E eu conheço família é::... (*) rica, riquíssimas, até é que tem dois filhos, um é perfeitamente é trabalhador, trabalha, quer dizer, o outro é bandido, tiveram a mesma criação, as mesmas oportunidades, moraram na mesma casa (*) com os mesmos pais, tiveram tudo sempre em igualdade. Por quê que um é trabalhador honesto (*) o outro é bandido? (s) Não sei... Não sei dizer (*).*

Talvez a::... () Não sei se algum instituto de, de criminologia poderia (*) é chegar a uma conclusão. Que eu, eu realmente não sei (*) (s) ”.*

Perguntamos o que era a criminologia...

“É, é um curso pra for... É uma matéria é pra formação de policial, delegado, legista, perito, carcereiro, investigador, escrivão... A criminologia não... Você tem o os estudos da, da, da criminologia hoje (). Você já tem também inclusive os estudos da, da chamada vitimologia (*) que é aquilo que, que a::... (*) até que ponto a vítima contribuiu pra que o fato (*) ocorresse entendeu? (s) Então há já há uma outra (*) tendência né? Então não é somente o, o lado do autor do fato, mas tem o lado (*) também né? Aquele que eu costumo frisar, a, a, a vitimologia, cê pega uma::..., uma moça..., sabe de de..., dezessete anos que sai com esse tempo maravilhoso de calor aí, de miniblusa é::... e sem soutien, de minisaia, então ela passa assim na frente do sujeito que tá no cio, não vai dá outra, ele vai pra cima dela tá? (s) Então há uma (*) concepção da vítima nesse aspecto... (*) entendeu? Então a vitimologia é sobre isso. Até que ponto a vítima é::... pode contribuir, ou contribuiu (*) pra que o, o evento ocorresse (s). Eu já vi por exemplo (*), um sujeito é::..., eu parado numa panificadora, o sujeito vem pra, pra, pra comprar pães junto comigo tá? Tá na mesma fila que eu. Só que eu tomei determinado cuidado, eu tranquei o meu carro, ele não, ele deixou o a chave no contato com o rádio ligado e o vidro aberto (*), a hora que passá um leva o carro dele, ele vai sair na rua, ele vai gritar, “Pô, não tem polícia nessa cidade!” (s)(*). Então péra aí, a polícia tem mas a polícia não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, ela não vai cuidar especificamente daquele veículo, daquele cidadão irresponsável que deixou o carro aberto com a chave no contato (*), ele tá pedindo, ele está contribuindo com o ladrão, com o ladrão levá o carro dele... Aí depois ele vai reclamar..., “Ah, foi, mas a polícia não toma conta”. É::... o é aqui é o inverso do sistema americano tá? (S).*

Nos Estados Unidos você tem um carro, aí você chega, roubaram o meu carro. Tá, a primeira coisa que a polícia fala, é problema seu, por quê que não cuidou dele? O carro é seu! Você tem o seu carro, você usa, você comprou, por quê que eu, o Estado tenho que cuidá? Não! Cuida você. A prioridade deles é homicídio, tráfico de entorpecentes, isso... (s). Prioridade um da polícia dos Estados Unidos... Patrimônio o sujeito vai viajar, volta de viagem encontra uma casa dele vazia, “Ah, pô, roubaram toda a minha casa!”. Se tá cheio de empresas de segurança aí, por quê que não pôs alarme na sua casa? (S). Por causa tocá o alarme a polícia pode ser acionada, agora, do contrário () eu não vou cuidar. Eu, polícia (*) americano não vou cuidar do seu patrimônio. Porque quem tem que cuidar do seu patrimônio é você (*). Então há uma diferença grande. Cê entendeu a diferença? Aqui não, aqui todo mundo qué que a polícia cuide do, do meu veículo. Eu quero que a polícia cuide do meu veículo, da minha casa quando eu viajar (s). Mas eu mesmo não tomo uma série de cuidados... É mais só sistema completamente diferente né? Mentalidade... Diferença... Então não dá, não dá nem pra traçar um paralelo (*) (s).*

Mais que é::... essa é a tônica da, do Estados Unidos é essa! (s) Pá, roubaram o meu carro... Cê tinha seguro? Você não tem seguro agora você vai ficar sem o carro e sem o dinheiro (). É, é assim que eles pensam (s). E é o contrário da gente. Aqui nós tamos cansado de ver, eu pelo menos vejo (*), é... não, não como policial tá? Mas como cidadão. É::... os jornais publicam sempre as listas de os locais onde ocorrem o maior número de furtos de veículos, e tem gente que ainda continuam parando naquele lugar! (s). Cê tá cansado de saber que ali ocorre um número muito grande de furtos de toca-fitas tá? E ele pára ali com o toca-fitas no carro sem tomar cuidado, “Ah, mas eu tenho que pagar estacionamento?”. Preço que você tem que pagar! (s). É o preço é esse! (*). Infelizmente. O bom seria maravilhoso que a polícia pudesse estar em todos os lugares, cuidando de patrimônio de todo o mundo. Seria ótimo. Mas infelizmente não tem jeito, não tem condições. Se com 40 mil policiais civis no Estado de São Paulo inteiro, e cerce de, de 80 mil policiais militares (*) também pro Estado inteiro... não dá pra cuidar individualmente de cada um né? Incrível? (Ri)”.*